

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
DOUTORADO EM TEOLOGIA

ALINE AMARO DA SILVA

**AMIGAS E AMIGOS NO AMIGO: UMA CRISTOLOGIA COMUNICATIVA DA AMIZADE EM  
TEMPOS DIGITAIS E DE PANDEMIA**

Porto Alegre  
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ALINE AMARO DA SILVA

**AMIGAS E AMIGOS NO AMIGO:**  
**UMA CRISTOLOGIA COMUNICATIVA DA AMIZADE EM TEMPOS DIGITAIS E DE**  
**PANDEMIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre

2021

## Ficha Catalográfica

S586a Silva, Aline Amaro da

Amigas e amigos no Amigo : uma Cristologia Comunicativa da Amizade em tempos digitais e de pandemia / Aline Amaro da Silva. – 2021.

442 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Erico João Hammes.

1. Cristologia. 2. Teologia Comunicativa. 3. Amizade. 4. Cultura Digital. 5. Pandemia. I. Hammes, Erico João. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

---

ALINE AMARO DA SILVA

**AMIGAS E AMIGOS NO AMIGO:**  
**UMA CRISTOLOGIA COMUNICATIVA DA AMIZADE EM TEMPOS DIGITAIS E DE**  
**PANDEMIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

PROF. DR. ERICO JOÃO HAMMES (ORIENTADOR)

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. GUNDA WERNER (KARL-FRANZENS-UNIVERSITÄT GRAZ)

---

PROF. DR. BERNHARD GRÜMME (RUHR-UNIVERSITÄT BOCHUM)

---

PROF. DR. MATTHIAS SCHARER (UNIVERSITÄT INNSBRUCK)

---

PROF. DR. LUIZ CARLOS SUSIN (PUCRS)

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. EDLA EGGERT (PUCRS)

Para meus sobrinhos, Maria Eduarda e Vítor, e meus afilhados que são muitos, mas muito amados. Que esta tese contribua para que eles e tantos outros jovens descubram e vivam a aventura da amizade com Jesus Cristo que não decepciona e enche a vida de alegria e sentido.

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço a CAPES o apoio financeiro a minha pesquisa de doutorado, inclusive o doutorado sanduíche no exterior.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as amigas e amigos no Grande Amigo que me auxiliaram nesta missão de pensar a amizade com Deus no mundo de hoje. Em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Érico João Hammes, por todo suporte, conselho e contribuição ao estudo; ao Prof. Dr. Bernhard Grümme, pela orientação nos 12 meses do doutorado sanduíche na Katholisch-Theologische Fakultät da Ruhr-Universität Bochum (RUB), oferecendo infraestrutura e oportunidades de divulgação da pesquisa através de seminários internacionais e publicações, e por fazer parte da banca de defesa da tese; ao Prof. Patrik Dzambo, pelo suporte no processo de documentação com a prefeitura e RUB. Aos professores Dr. Bernhard J. Hilberath e Dr. Mathias Scharer, pelas partilhas de experiência e bibliografia; à Profa. Dra. Gunda Werner, por aceitar o convite de compor a banca de defesa de tese e por me motivar a participar do Grupo de Pesquisa Internacional em Teologia Comunicativa; à Dra. Jadranka Garmaz, Dra. Maria Juen e pesquisadores de TC, pela acolhida e disposição de traduzirem o encontro para que eu participasse.

Gratidão às amigas e amigos dos grupos Maranathas e Transfiguração do movimento do Emaús de Porto Alegre que se disponibilizaram com toda atenção, paciência e carinho em participar da prática de Teologia Comunicativa. Em especial, ao Monsenhor Urbano Zilles, diretor espiritual do movimento, e aos coordenadores dos grupos, Súria e Matheus. Sem o sim de vocês, a tese não haveria a riqueza que alcançou.

Agradeço ao coordenador do PPG em Teologia da Escola de Humanidades da PUCRS, Prof. Dr. Dom Leomar Brustolin, pelo apoio à pesquisa; aos professores Dra. Edla Eggert e Dr. Luiz Carlos Susin, pelas sugestões e incentivos na banca de qualificação e de defesa de tese; a todos os professores, colegas e funcionários do PPG em Teologia da PUCRS, pelas partilhas nesse caminho de crescimento humano e acadêmico.

Gratidão à minha família pelo apoio, meus pais, Dinamara e Pedro, meu irmão Pedro, meus sobrinhos Maria Eduarda e Vítor, e minha cunhada Rosângela; à amiga Dilce Gomes pela revisão da tradução em língua inglesa, ao amigo Miguel Bublitz pela revisão ortográfica e de ABNT; e à amiga Mayara Costa por me ajudar em algumas transcrições; aos amigos da Paróquia São Martinho e Fraternidade N. Sra. da Evangelização, ao Pe. Miguel Martins Costa e Pe. Ladislau Molnár, pelo incentivo, orações e torcida.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13).



## RESUMO

A presente tese de doutorado, sob o título “Amigas e amigos no Amigo: Uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia”, investiga a percepção da juventude católica a respeito de Jesus Cristo a fim de se pensar uma cristologia adequada aos tempos de cultura digital marcada pela vivência da pandemia do coronavírus. Usa como referência a Teologia da Comunicação, Teologia Comunicativa e Ciberteologia. Destaca-se a contribuição teórica e metodológica da Teologia Comunicativa para a elaboração deste estudo cristológico. Criada no diálogo entre a teologia sistemática de Bernd Jochen Hilberath da Universidade de Tübingen, Alemanha, e a teologia prática de Mathias Scharer da Universidade de Innsbrück, Áustria, a Teologia Comunicativa surge no contexto germânico como uma cultura interativa do fazer teológico. Esta pesquisa marca a estreia da Teologia Comunicativa no cenário teológico latino-americano e brasileiro. Desenvolve-se um estudo sobre teorias e teologias da comunicação na primeira seção. Descreve-se e analisa a prática de Teologia Comunicativa com grupos juvenis do Movimento de Emaús de Porto Alegre na segunda parte. Através da interação dos jovens em encontros on-line, se conclui a importância da relação de Jesus Cristo como amigo da juventude digital. Por isso, desenvolve-se um estudo teológico sobre a amizade para se construir uma cristologia comunicativa da amizade. Numa sociedade hipercomunicativa, paradoxalmente, vive-se o risco do isolamento. Dessa forma, a humanidade necessita reencontrar-se com o Deus hipercomunicativo, que tomou a iniciativa do diálogo com suas amigas e amigos no Amigo. Neste momento de distanciamento físico, incerteza e ansiedade causada pela pandemia, Jesus aproxima-se de cada jovem como um amigo mais que irmão, como um *brother*.

Palavras-chave: Cristologia. Teologia Comunicativa. Amizade. Cultura digital. Pandemia.

## **ABSTRACT**

The present doctoral thesis, entitled "Friends in the Friend: A Communicative Christology of Friendship in Digital and Pandemic Times," investigates the perception of Catholic youth concerning Jesus Christ in order to think about a Christology that is adequate to the times of a digital culture marked by the experience of the coronavirus pandemic. It uses as reference the Theology of Communication, Communicative Theology, and Cybertheology. It highlights the theoretical and methodological contribution of Communicative Theology for the elaboration of this Christological study. Created in the dialogue between the systematic theology of Bernd Jochen Hilberath of the University of Tübingen, Germany, and the practical theology of Mathias Schärer of the University of Innsbrück, Austria, Communicative Theology emerges in the Germanic context as an interactive culture of theological doing. This research marks the debut of Communicative Theology in the Latin American and Brazilian theological scenario. A study of the theories and theologies of communication is developed in the first section. The practice of Communicative Theology with youth groups of the Emmaus Movement of Porto Alegre is described and analyzed in the second part. Through the interaction of the youth in online encounters, the importance of the relationship of Jesus Christ as friend of the digital youth is concluded. Therefore, a theological study on friendship is developed in order to build a communicative Christology of friendship. In a hyper-communicative society, paradoxically, we live the risk of isolation. In this way, humanity needs to rediscover itself with the hyper-communicative God, who has taken the initiative in dialoguing with its friends in the Friend. In this moment of physical distance, uncertainty and anxiety caused by the pandemic, Jesus approaches each young person as a friend more than a brother.

**Keywords:** Christology. Communicative Theology. Friendship. Digital Culture. Pandemic.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS À CAPES .....</b>	<b>6</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 Pensando Deus na sociedade hipercomunicativa: entre teorias e teologias .....</b>	<b>21</b>
1.1 Definindo Comunicação .....	22
1.2 Breve panorama das Teorias da Comunicação no séc. XX: da mídia de massa até a internet .....	29
1.3 Teologia da Comunicação .....	38
<b>1.3.1 Construção do conceito .....</b>	<b>38</b>
<b>1.3.2 Relações entre Teologia e Comunicação.....</b>	<b>40</b>
1.4 Teologia Comunicativa: história, fundamentos e metodologia.....	46
<b>1.4.1 Como surgiu a Teologia Comunicativa .....</b>	<b>48</b>
<b>1.4.2 Fundamentos da Teologia Comunicativa: Teologia, filosofia, psicologia e comunicação.....</b>	<b>52</b>
<b>1.4.3 Pilares teológicos.....</b>	<b>55</b>
<b>1.4.4 Para entender o método precisa entender seu autor: a história de Ruth Cohn .....</b>	<b>56</b>
<b>1.4.5 Raízes do Método de Interação Centrada no Tema .....</b>	<b>59</b>
<b>1.4.6 A abordagem ICT: dimensões, axiomas e postulados.....</b>	<b>65</b>
<b>1.4.7 Teologia Comunicativa: a abordagem ICT aplicada na prática teológica.....</b>	<b>70</b>
1.5 Ciberteologia e Teologia Digital: pensar a fé nos tempos digitais .....	78
<b>1.5.1 A rede como lugar teológico .....</b>	<b>80</b>
<b>1.5.2 A construção do conceito .....</b>	<b>81</b>
<b>1.5.3 Teologia Digital.....</b>	<b>84</b>

1.6 Conectando as teorias e teologias .....	86
<b>2 “Quem dizem os jovens que eu sou?” Prática de teologia comunicativa com a juventude católica do movimento Emaús .....</b>	<b>89</b>
2.1 Caracterização da pesquisa qualitativa: A fé dos jovens em Jesus Cristo na era digital	89
<b>2.1.1 Definindo o tema da pesquisa de campo.....</b>	<b>89</b>
<b>2.1.2 Definindo o público: Jovens católicos de grupos do movimento de Emaús .....</b>	<b>90</b>
<b>2.1.3 Objetivos da pesquisa de campo .....</b>	<b>93</b>
<b>2.1.4 Justificativa do tema e do público da pesquisa qualitativa.....</b>	<b>94</b>
2.2 Bases metodológicas: Método de Interação Centrado no Tema (ICT), Método Paulo Freire E Pesquisa Participante.....	97
<b>2.2.1 Pré-Teste: validação dos métodos .....</b>	<b>98</b>
<b>2.2.2 Teologia Comunicativa e ICT: adaptações devido a pandemia .....</b>	<b>98</b>
<b>2.2.3 Pesquisa Participante e Método Paulo Freire .....</b>	<b>102</b>
<b>2.2.4 Uma etnografia dos nativos digitais cristãos.....</b>	<b>107</b>
2.3 Narrativas teológico-comunicativas: A experiência da Teologia Comunicativa em grupos do Movimento Emaús .....	109
<b>2.3.1 Grupo Maranathas .....</b>	<b>111</b>
<b>2.3.2 Grupo Transfiguração .....</b>	<b>143</b>
2.4 Análise dos dados da pesquisa qualitativa.....	173
<b>2.4.1 Nuvens de palavras e universos vocabulares .....</b>	<b>173</b>
<b>2.4.2 Categorização das questões, ideias, categorias e temas geradores.....</b>	<b>186</b>
<b>2.4.3 Análise conclusiva: avaliação dos resultados para traçar os próximos passos .....</b>	<b>197</b>
<b>3 Amigas e amigos no Amigo: tecendo uma cristologia comunicativa da amizade.....</b>	<b>200</b>
3.1 DE QUE AMIZADE ESTAMOS FALANDO? AMIZADE NO OLHAR DAS CIÊNCIAS .....	200
3.2 Deus é amor: as diferentes definições de amor e a caridade cristã.....	205
<b>3.2.1 Amor na Bíblia.....</b>	<b>207</b>

<b>3.2.2 Amor no Magistério da Igreja.....</b>	<b>213</b>
<b>3.2.3 Amor na perspectiva teológica comunicativa .....</b>	<b>215</b>
3.3 A amizade cristã: dom e caminho de comunhão com Deus e com a pessoa humana ..	218
3.4 A amizade na Bíblia .....	225
<b>3.4.1 Amizade no Antigo Testamento .....</b>	<b>226</b>
<b>3.4.2 Amizade no Novo Testamento: Jesus manifesta a salvação através de seus amigos .....</b>	<b>228</b>
3.5 A amizade na tradição eclesial .....	233
3.6 O encontro com o Deus Comunicativo e Amigo: uma leitura cristológica na perspectiva da amizade.....	235
<b>3.6.1 A <i>kenosis</i> de Deus.....</b>	<b>238</b>
<b>3.6.2 Jesus Cristo é comunicação: comunicador, meio e mensagem.....</b>	<b>244</b>
3.7 <i>Intellectus Amicitiae</i> : a inteligência da amizade cristã em tempos digitais e pandêmicos .....	254
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>261</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>268</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>288</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>437</b>

## INTRODUÇÃO

A tese de doutorado “Amigas e amigos no Amigo: Uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia”, inserida na linha de pesquisa Teologia e Pensamento Contemporâneo, é fruto de um caminho de descobertas acadêmicas e pastorais, vivências da fé com jovens no ambiente digital. O tema escolhido tem por meta observar os sinais dos tempos, em especial, a comunicação digital e a pandemia, analisando o que estes fatores afetaram na compreensão juvenil a respeito de Jesus Cristo.

O caminho desta pesquisa doutoral iniciou há 10 anos. Desde o meu trabalho de conclusão do curso de jornalismo, me preocupo em pensar a relação entre teologia, juventude e comunicação digital. Essa inquietação norteou a pesquisa monográfica em comunicação social “Igreja e cultura digital: a nova evangelização dos nativos virtuais”, realizada em 2011, cuja questão fundamental era: Como está a comunicação da Igreja Católica com os jovens da geração net? Cheguei à conclusão de que poucas eram as produções católicas focadas na geração digital, mas existia muita receptividade dos jovens por conteúdos voltados à realidade deles. Diagnosticou-se assim, um amplo horizonte e demanda por novas formas de evangelizar a juventude.

Seguindo a investigação sobre a interrelação entre juventude, teologia e comunicação digital, descobriu-se, em 2012, o campo da Ciberteologia. Migrei, então, para o campo teológico e, com base na Ciberteologia, desenvolvi a dissertação de mestrado em teologia, “Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede”, defendida em março de 2015. A pesquisa de mestrado constatou que Deus pode habitar no ciberespaço e comunicar a sua graça através de nós. Quando nossa vida presente na carne é vivida pela fé no Filho de Deus (Gl 2, 20) e estamos conectados na rede testemunhando e partilhando a fé com nossas amigas e amigos, o Verbo encarna no espaço digital.

Percebemos alguns marcos na história humana contemporânea que uma cristologia encarnada na realidade e com preocupação pastoral deve refletir: a digitalização e a pandemia do coronavírus. As consequências destes dois fenômenos que se entrecruzaram na atualidade ainda veremos por décadas. Inicialmente, o projeto de pesquisa de doutorado apenas contemplava a questão digital. Porém, com o desenrolar da pandemia ao redor do mundo e de forma intensa no Brasil – as medidas de distanciamento social, a transformação nos hábitos diários de bilhões de pessoas, a transferência do comércio, ensino, lazer, venda de produtos e serviços para o ambiente digital, resultando no crescimento exponencial da digitalização e elevando a comunicação digital ao padrão comunicativo da época – o contexto pandêmico

ganhou relevância para esta reflexão. Portanto, o presente trabalho leva em conta dois lugares teológicos em que o teólogo se situa para desenvolver sua reflexão: a realidade marcada pela cultura digital e pela pandemia, e a juventude contemporânea.

Além disso, o contexto da pandemia constituiu-se em uma oportunidade e um desafio para a pesquisa. Desafio por ter que lidar com limitações e dificuldades, como todos enfrentaram, tendo que desenvolver a pesquisa em casa, em meio a barulhos e distrações, cuidando e atendendo a família. Com bibliotecas e universidades fechadas em 2020, houveram algumas dificuldades de acesso aos materiais, direcionando a pesquisa ao conteúdo disponível especialmente na internet. Entretanto, configurou-se em oportunidade, por ter que adaptar o método escolhido de pesquisa de campo para a ambiência digital, o que trouxe ainda mais originalidade e inovação à pesquisa. Obtive ainda um olhar privilegiado sobre a experiência religiosa católica durante a pandemia. Auxiliando no processo de transformação digital de uma paróquia, pude ouvir o relato dos participantes sobre suas experiências durante a quarentena e pelas minhas próprias reflexões e vivências pessoais de fé neste período ímpar na história humana.

Tendo isso como pano de fundo, a questão que norteia o estudo é: Para a juventude contemporânea marcada por tempos digitais e de pandemia, quem é Jesus Cristo? Dito de outra maneira: Com que rosto Jesus Ressuscitado se apresenta e se aproxima dos discípulos de Emaús do nosso tempo? A hipótese formulada no projeto é que, para se aproximar dos membros da sociedade contemporânea, é preciso redescobrir o rosto do Deus hipercomunicativo, isto é, que deseja se comunicar e se relacionar com suas filhas e filhos onde quer que eles estejam e no tipo de linguagem e relação mais adequadas para realizar este diálogo.

A temática escolhida justifica-se em função da necessidade de se debater o fenômeno da cultura digital, que vivemos cotidianamente e neste momento de pandemia de maneira ainda mais intensa. A partir dos questionamentos cristológicos que surgem dos nativos digitais, buscamos desenvolver uma reflexão cristológica comunicativa que responde aos anseios e desafios da sociedade em rede. Mais especificamente, a pesquisa procura: reconhecer a face de Cristo em meio a tantas outras que encontramos nas redes e perceber seu papel no desenvolvimento do ser humano como pessoa para uma vida plena; levantar questões cristológicas que surgem da vivência humana permeada pela cultura digital em tempos de pandemia, através das interações nos grupos; procurar novas maneiras e linguagens para se relacionar com Cristo e anunciá-lo; tornar conhecida a Teologia Comunicativa no Brasil como processo interativo de reflexão e consciência crítica teológica desenvolvido em grupo, pertinente para a formação pastoral e acadêmica do público jovem principalmente.

Na Igreja dirigida pelo Papa Francisco, ainda mais em tempos de pandemia, a maior preocupação é comunicar a vida através da amizade com Deus e com as irmãs e irmãos. Por isso, o estudo parte da premissa do Deus Triúno como um Deus hipercomunicativo, Jesus Cristo como o evento pleno de comunicação entre Deus e a humanidade, e a evangelização como comunicação da vida na realidade contemporânea, isto é, da vida hipercomunicativa, e vida é comunhão.

A revelação entendida como autocomunicação de Deus é a história do perene diálogo de Deus com a humanidade cujo ápice se dá no Evento Cristo. Após o encontro pessoal com Jesus, o ser humano hiperconectado pode ser imagem de Cristo aos outros, pode comunicar a Palavra encarnada na sua vida e história. Assim, através da amizade com Cristo, chega-se à plenitude humana e, pelo exemplo da comunhão trinitária, descobre-se uma maneira mais digna e fraterna de se viver em comunidade e em sociedade. Nessa lógica, a evangelização é entendida como amizade fecunda que comunica a vida, e vida é Cristo (Jo 14, 6). Sendo assim, mesmo que a evangelização não seja abordada diretamente no trabalho, a principal preocupação ao se pensar e propor uma cristologia para os tempos da rede é alcançar uma evangelização eficaz, com linguagem próxima e cognoscível da visão de mundo dos nativos digitais.

Devido aos objetivos da pesquisa, ao caráter interdisciplinar do trabalho e à atualidade da questão, não se deu preferência ao estudo de um único autor. Por isso, foi feita a seleção de pensadores relevantes para a reflexão nas áreas de teologia, filosofia, sociologia e comunicação. Até o momento não foi encontrada nenhuma obra específica sobre uma cristologia da ou para a era digital, embora existam algumas obras que se aproximem da temática como “From Jesus to the Internet” de Peter Horsfeld, lançado em 2015, que resgata a história do cristianismo com a mídia, mas não se aprofunda numa abordagem cristológica. O ponto de partida do estudo foi, portanto, a Ciberteologia e a ideia de uma cristologia que comunique a vida, sobretudo, para as juventudes atuais.

Antonio Spadaro traça o conceito de Ciberteologia como a inteligência da fé nos tempos da rede. A Ciberteologia tem como princípio a internet como um lugar teológico, conforme as categorias de *loci theologici* de Melchor Cano e a teologia dos sinais dos tempos presente no Concílio Vaticano II. Assim, a Ciberteologia pode ser considerada como uma teologia dos sinais dos tempos. O que a Ciberteologia traz de novidade é perceber que a comunicação na sociedade atual não pode ser separada da vida, é um erro tentar separar *house* de *home*, a teoria da prática, o meio da mensagem, a forma do conteúdo, por isso, ao refletir teologicamente sobre a internet, a Ciberteologia não isola o objeto comunicação digital da vida das pessoas que a



experimentam. Assim, a Ciberteologia não estuda apenas a comunicação e o meio digital como um instrumento, mas reflete sobre a vida hipercomunicativa da sociedade em rede.

Além desta, outras correntes teológicas ligadas a teologia e comunicação são utilizadas no trabalho, como a Teologia Digital, a Teologia da Comunicação e especialmente a Teologia Comunicativa. Entre os autores que refletem sobre a Teologia da Comunicação, destacamos Felicísimo Martínez Díez. Na obra “Teologia da Comunicação”, de 1997, ele define o areópago da comunicação como lugar de debate teológico, redescobrimo o significado da teologia para a sociedade secularizada.

A Teologia Comunicativa é representada especialmente por seus fundadores Bernd Jochen Hilberath e Matthias Scharer. Na obra “*Communicative Theology*”, de 2008, eles a definem como uma forma de teologia que se origina da afirmação que Deus é Trindade, logo, profundamente relacional e comunicativo em si mesmo. Esta teologia fundamenta-se na autocomunicação de Deus, isto é, na revelação de um Deus comunicativo. Exemplo de teologia contextual que atende aos sinais dos tempos, a Teologia Comunicativa nasceu em uma época em que as igrejas e movimentos ecumênicos estavam dando especial atenção para a concepção de um Deus que se comunica conosco. Para aprofundar a reflexão comunicativa teológica, estudamos o método psicopedagógico que lhe serve de base – Interação Centrada no Tema (ICT) – criado pela psicoterapeuta Ruth C. Cohn.

A reflexão tem contribuições de obras cristológicas contemporâneas pós-conciliares que consideram a realidade a partir das ciências culturais e históricas como as de Joseph Moingt e Bruno Forte. O hipercomunicativo é o amor, a essência e a razão da comunicação em Deus. Portanto, o trabalho toca na teologia trinitária através de Santo Agostinho e Jürgen Moltmann. Além disso, trazemos o princípio do *intellectus amoris* de Jon Sobrino para fundamentar a possibilidade de um *intellectus amicitiae* que comunica o conteúdo da fé para os nativos digitais através da amizade com o *brother* Jesus Cristo.

A tese com o intuito de atualizar a compreensão e o discurso cristológico ainda se baseia na teologia joanina, especialmente nos versículos “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6) e “Deus é amor” (1 Jo 4,8). Estas perícopes além de cristologicamente relevantes, receberam destaque nas reflexões dos grupos pesquisados.

A pesquisa doutoral se serviu de diversos métodos e técnicas para realizar aquilo que se propôs. O estudo, de acordo com seus objetivos, utilizou métodos analítico e sintético de pesquisa exploratória. Com base nos procedimentos técnicos, realizamos pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa exploratória, visa a investigação de referências e o aprimoramento

de ideias e conhecimento sobre o tema escolhido, especialmente quando o tema é novo, como é o nosso caso.

Durante a pesquisa exploratória, descobri a Teologia Comunicativa e o método de Interação Centrada no Tema (ICT), originados e praticados na Alemanha e Áustria, e busquei aprender sua teoria e prática, que não eram conhecidos até então no Brasil. Devido a ser um tema novo, especialmente no Brasil e América Latina, despendi boa parte do tempo do doutorado em buscar referenciais teóricos e ter contato com os autores, fundadores e praticantes destas teorias e métodos que formam a base da construção da tese. Para alcançar essa meta, foi fundamental a oportunidade de realizar o doutorado sanduíche no exterior num período de 12 meses e o empenho em se conseguir a bolsa da CAPES para o exterior e as proficiências linguísticas requisitadas. Assim, fiz o doutorado sanduíche na Ruhr Universität Bochum, na Alemanha, sob a orientação do Prof. Dr. Bernhard Grümme, a fim de me aproximar dos autores – Prof. Dr. Bernd Jochen Hilberath de Tübingen e Prof. Dr. Mathias Scharer de Innsbruck – pesquisadores, bibliografia e prática através do Grupo de Pesquisa Internacional de Teologia Comunicativa com sede em Innsbruck, Áustria.

Dessa forma, o método teológico que norteia a maior parte da pesquisa, em especial a segunda seção, é o teológico comunicativo. Esta tese marca a estreia deste modo de fazer teológico no Brasil, embora a pesquisa tenha encontrado algumas inspirações de práticas teológicas e pedagógicas brasileiras nesta teologia europeia. Junto à abordagem de Interação Centrada no Tema, base metodológica da Teologia Comunicativa, agregamos abordagens de pesquisa qualitativa mais conhecidas no Brasil e América Latina com características similares ao ICT, tais como a pesquisa participante ou pesquisa ação e o método Paulo Freire. Inclusive descobri a influência freiriana na metodologia do ICT, especificamente na concepção dos temas geradores.

Baseada nestas pesquisas e experiências, realizei a prática de Teologia Comunicativa com adultos jovens dos Grupos Transfiguração e Maranathas do Movimento de Emaús de Porto Alegre. Em razão das medidas preventivas de combate à COVID 19, não foi possível realizar encontros dos grupos de forma presencial. Por isso, nos encontramos nas plataformas digitais de videoconferência Google Meet e Zoom. Como um processo comunicativo aberto, chegamos a um resultado que surpreendeu em riqueza e pontos a explorar, que modificou o rumo dos passos seguintes da pesquisa doutoral, inclusive seu título – inicialmente pensado como “Comunicar a vida: questões cristológicas na era da cultura digital”, passou a se chamar “Amigas e amigos no Amigo: Uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia”.

Com base nisso, a tese foi desenvolvida em três seções. Por ser uma abordagem interdisciplinar, a primeira seção traz um panorama das teorias e teologias que fundamentam a pesquisa, especialmente as teorias e teologias relacionadas à comunicação. A comunicação, essência da pessoa humana, está em pleno processo de transformação em um mundo em que o tempo, espaço, sociedade e ser humano estão sendo marcados pela influência das novas tecnologias da informação e comunicação. Então, nesta primeira parte se estabelecem as definições de comunicação, entendendo-a como chave hermenêutica da vida contemporânea, bem como o estudo procura fundamentar-se em teorias de comunicação, teologias e procedimentos metodológicos que direcionam os passos seguintes do estudo.

A partir do campo ciberteológico se pretendeu pensar em uma cristologia para a era digital. A Teologia da Comunicação contribuiu com a elaboração da pesquisa através do resgate histórico da relação entre teologia e comunicação, mais especificamente entre o Cristianismo e os meios de comunicação, além de sedimentar o princípio metodológico de partir sua reflexão teológica de uma teoria comunicativa relevante ao contexto atual. Já a Teologia Comunicativa, nascida do diálogo entre a Teologia Sistemática de Bernd Jochen Hilberath e a Teologia Prática de Matthias Scharer, conduziu toda a dinâmica do trabalho. Através de seus axiomas e postulados, dimensões e níveis inspirados no método psicoterapêutico para desenvolvimento em grupo de Interação Centrada no Tema (ICT) da psicoterapeuta judia alemã Ruth Cohn, a teologia comunicativa consolida o caminho e princípios metodológicos da pesquisa como um processo comunicativo vivo.

Baseado no conteúdo teórico da primeira seção, foram preparadas as práticas de teologia comunicativa nos grupos de jovens selecionados, conteúdo da segunda parte da tese. O conhecimento teológico ajuda a ir além da comunicação humana e ao mesmo tempo, aproximar-se mais da plenitude dessa comunicação. Em Deus que é comunicação plena, podemos entender e transcender a compreensão e o ato comunicativo humanos. O lugar social deste estudo teológico é o universo dos nativos digitais, a cultura cibernética e como ela afeta o ecossistema social em que vivemos. Sendo assim, esta tese faz uma opção preferencial pelos jovens. Ao pensarmos uma cristologia para a era digital, é pertinente refletir sobre isso junto com os nativos digitais. A hipótese levantada é que a face de Cristo na era digital deve resplandecer as características do Deus hipercomunicativo, dinâmico e jovem.

Por isso, a segunda parte narra e analisa a experiência da Teologia Comunicativa nos grupos juvenis, descrevendo como os jovens refletem e discutem juntos sobre Jesus Cristo e a cultura digital. É interessante que o título da Exortação Apostólica de Francisco aos jovens, pós Sínodo da Juventude, seja *Christus Vivit*, salientando a relação entre Jesus e os jovens. Jesus

Cristo continua se comunicando conosco, mas com que tipo de relação ele se aproxima especialmente dos jovens? O que a prática de teologia comunicativa nos grupos mostrou é que essa relação e comunicação entre Cristo e a juventude se dá especialmente através da experiência da amizade.

A partir dos resultados da primeira e segunda seção, a terceira parte consiste em refletir sobre as questões cristológicas levantadas pelos grupos juvenis, a fim de iniciar o desenvolvimento de uma cristologia comunicativa da amizade para os tempos digitais e pandêmicos. Dessa maneira, na última seção refletimos sobre as concepções de amizade que constroem a compreensão da amizade cristã – nas ciências humanas, na Bíblia, no magistério da Igreja – com o objetivo de fundamentar os argumentos e a necessidade de uma teologia da amizade. Por ter origem e relação com a caridade cristã, fazemos também uma abordagem sobre o amor na perspectiva teológico comunicativa da amizade. E por fim, fazemos uma leitura cristológica na perspectiva da amizade, abordando Jesus Cristo em seu sentido comunicativo como comunicador do Pai, e relacional, como *brother*, amigo-irmão das jovens e dos jovens da era digital.

Fui em busca de um conhecimento novo e desconhecido, desbravando um mar nunca navegado, até então, na pesquisa teológica brasileira. Como boa navegadora, sei que não cheguei ao destino final, o horizonte se alarga na medida em que vamos adentrando ainda mais no alto mar do saber. Confiei no método e fui descobrindo o passo a seguir conforme o estudo se realizava. Não foi fácil ter esse grau de abandono, mas a fé na construção de conhecimento como um processo aberto, comunicativo e comunitário deu frutos relevantes para o fazer teológico atual. Como um diário de bordo, vamos ver o trajeto até agora percorrido, nesta aventura do conhecimento teológico.

## 1 PENSANDO DEUS NA SOCIEDADE HIPERCOMUNICATIVA: ENTRE TEORIAS E TEOLOGIAS

Nosso ponto de partida para pensar Deus na sociedade contemporânea, sobretudo na realidade juvenil, é a comunicação. Nesta primeira parte da pesquisa iremos descrever e relacionar teorias da comunicação e teologias que servirão de base teórica e metodológica para a tese. A Teologia da Comunicação, Teologia Comunicativa e Ciberteologia têm como premissa o Deus Uno e Trino como um Deus comunicativo que se autocomunicou com o ser humano e ainda se comunica, cujo ápice desta comunicação é Jesus Cristo. Poderia se considerar que a teologia da comunicação abarca as demais, no entanto, tanto a teologia comunicativa quanto a Ciberteologia possuem métodos e temas de reflexão que extrapolam o campo da teologia da comunicação.

A comunicação é inerente ao ser humano, faz parte de sua essência herdada de Deus. Desde que o ser humano se tornou consciente de si mesmo, ele se comunica de alguma forma. Atualmente, como lembra Paulo Serra, vivemos na sociedade da comunicação e comunicar-se tornou-se mais que um direito, isto é um dever quase obrigatório.<sup>1</sup> De acordo com James Carey, os modelos comunicacionais não são apenas representações da comunicação, mas também representações para a comunicação, no sentido de que estes produzem nas pessoas e na sociedade aquilo que supomos que eles somente descrevem.

Isto significa que as formas dos seres humanos se comunicarem dão forma ao ecossistema social ao nosso redor, e muitas vezes sociólogos e cientistas da comunicação subestimam ou desejam amenizar o impacto que a comunicação causa na vida humana.<sup>2</sup> Assim como Carey, outros “[...] estudiosos de comunicação veem a comunicação como o princípio organizador do desenvolvimento da vida social humana: Comunicação constrói o mundo social em vez de simplesmente fornecer os meios para descrever esse mundo”.<sup>3</sup> Deste modo, podemos perceber que a palavra é performática, ela não apenas representa simbolicamente, mas realiza aquilo que comunica. Essa ideia nos ajudará mais adiante a entender Jesus Cristo como comunicação: Palavra e Imagem do Pai.

---

<sup>1</sup> SERRA, J. Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*. Beira Interior, Portugal: Livros Labcom, 2007, p. 1.

<sup>2</sup> James W. Carey, “A cultural approach to communication”, in Denis McQuail, *McQuail's Reader in Mass Communication Theory*, Londres, Sage Publications, 2002, p. 43.

<sup>3</sup> LITTLEJOHN, Stephen W; FOSS, Karen A. Introduction: A brief history. *Encyclopedia of Communication*, p. liii.

Para autores como Jürgen Habermas e Niklas Luhmann a sociedade é comunicação.<sup>4</sup> Por isso, a “Teoria da Ação Comunicativa” de Habermas é uma teoria sobre a sociedade.<sup>5</sup> E ainda Luhmann escreve em “Sistemas Sociais” que o processo que estabelece o social como realidade é o processo comunicativo.<sup>6</sup> Sendo assim, vamos destacar as teorias da comunicação mais importantes e que servem como pano de fundo para os passos seguintes do estudo.<sup>7</sup>

## 1.1 DEFININDO COMUNICAÇÃO

James W. Carey, trazendo a tradição americana do conceito de comunicação, distingue-o em duas formas de entendimento: o ponto de vista de transmissão, comunicação como emissão de informação, ligada à ideia de transporte, carregamento; e o ponto de vista ritual, comunicação como partilha, diálogo, comunhão.<sup>8</sup> Esta segunda é mais fiel a sua origem etimológica que vem do termo latino *communio* que denota a ação de partilhar, participar, tornar algo comum aos envolvidos. Segundo Joana Puntel, “[...] o sentido de comunicar sempre se referiu à necessidade ontológica do ser humano se relacionar. Daí a definição básica de comunicação como um processo relacional”.<sup>9</sup> No italiano, utiliza-se este mesmo verbo *communicare* tanto para o sentido de comunicar que entendemos quanto para comungar nas celebrações eucarísticas. O mesmo acontece na língua alemã, na qual o verbo *kommunizieren* também designa os sentidos de comunicar e comungar. Com o desenvolvimento da língua latina se separa *communio* de *communicatio*, tradição que o português segue.<sup>10</sup>

Na cultura americana começou a predominar a mentalidade comunicacional de transmissão a partir de 1920.<sup>11</sup> Esta visão permeia desde os estudos acadêmicos até o senso comum e popular, isto é, quando qualquer pessoa ocidental pensa em comunicação a primeira ideia que vem à mente é transmissão de informação.

<sup>4</sup> SERRA, J. Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*, p. 2.

<sup>5</sup> HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'Agir Communicationnel*. Tome: Rationalité de l'Agir et Rationalisation de la Société, p. 11.

<sup>6</sup> LUHMANN, Niklas. *Sistemas Sociais*, p. 141.

<sup>7</sup> “Network Theology” é uma obra que segue essa mesma estrutura de pesquisa, iniciando com os conceitos básicos sobre a rede e as teorias comunicativas que a fundamentam para depois desenvolver a reflexão teológica. CAMPBELL, Heidi; GARNER, Stephen. *Networked Theology*.

<sup>8</sup> CAREY, James W. *Communication as culture*, p. 11-16.

<sup>9</sup> PUNTEL, Joana T. Comunicação. In: PASSOS, João D. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 169.

<sup>10</sup> LIESEN, Maurício. *Communicatio*. *Questões Transversais*, p. 90.

<sup>11</sup> CAREY, James W. *Communication as culture*, p. 18.

A ideia de transmissão tem um forte caráter religioso, pois, tanto a comunicação quanto o transporte foram entendidos, nesse período, como para estabelecer e expandir o Reino de Deus na Terra. Foi a invenção do telégrafo que dissociou a ligação entre comunicação e transporte, mas não quebrou o significado moral religioso da comunicação, ao contrário, o fortaleceu ainda mais.

Essa nova tecnologia entrou nas discussões americanas não como um fato mundano, mas como divinamente inspirada para propagar a mensagem cristã mais ampla e rapidamente, eclipsando o tempo e transcendendo o espaço, salvando os pagãos, aproximando e tornando mais provável o dia da salvação.<sup>12</sup>

Observa-se nos ideais cristãos para os meios de comunicação o ponto de vista de transmissão, uma comunicação unidirecional, de um emissor que detém a informação, a boa nova, o poder, para um receptor passivo e desinformado. Interessante que a interpretação cristã dos avanços tecnológicos na comunicação continua até hoje com esse mesmo sentido, como podemos perceber na maioria das reflexões eclesiais sobre a internet.<sup>13</sup>

Na concepção ritual, a comunicação está relacionada aos termos partilha, participação e comunhão. Neste conceito, um modelo de comunicação unilateral não é suficiente para formar um corpo social, um sentimento de comunidade, é preciso também a comunicação dialógica e prestar atenção no contexto e cultura das pessoas envolvidas.

A comunicação é "a mais maravilhosa" porque é a base da comunhão humana; ela produz os laços sociais, falsos ou não, que ligam os homens e tornam possível a vida associada. A sociedade é possível devido às forças vinculativas da informação partilhada que circulam no sistema anorgânico.<sup>14</sup>

Assim, percebemos que precisamos mudar nossa mentalidade sobre comunicação, da transmissão ao compartilhamento, do foco no conteúdo para o foco nas pessoas. E notamos essa mudança não só recentemente em reflexões religiosas e teológicas como a Ciberteologia de Antonio Spadaro, mas nos próprios estudos sobre comunicação, como a mudança de perspectiva do marketing tradicional para o marketing digital. Isso não significa que a concepção de comunicação como transmissão não tem o seu valor ou vai deixar de existir, ambas são importantes e complementares. A ênfase da abordagem comunicativa deve ser cada vez mais ligada à *communio*, isto é, pensada não tanto sobre os instrumentos em si, mas na

<sup>12</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 14.

<sup>13</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética na Internet*.

<sup>14</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 18.

relação interpessoal, nos fatores culturais, políticos, sociais e religiosos que essa comunicação sugere.

Para demonstrar a distinção desses dois pontos de vista na prática, Carey dá o exemplo das notícias em jornal e mostra como muda a análise jornalística se mudamos do ponto de vista de transmissão para o ritual. Quando observamos sobre o ponto de vista de transmissão, vemos o meio como um instrumento para divulgar informações. Já na visão ritual se percebe a produção jornalística como uma situação em que uma particular visão de mundo é retratada e confirmada. Então, não são apenas dados, mas drama, história da vida de pessoas em relação. Para a visão ritual, “o que está organizado antes do leitor não é pura informação, mas um retrato das forças em disputa no mundo”.<sup>15</sup>

Carey quer ir além do trabalho de John Dewey<sup>16</sup> e trazer uma visão diferenciada de comunicação. Para isso, ele busca elementos em outras áreas como biologia, teologia, antropologia, literatura, e dentre os estudos comunicacionais, ele se aproxima do pensamento da Escola de Chicago, de Mead and Cooley, Robert Park e Erving Goffman. A partir dessas fontes, Carey elabora ainda que de maneira simples e incompleta um conceito de comunicação: “Comunicação é um processo simbólico através do qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada”.<sup>17</sup> Neste sentido, a comunicação é um dos elementos essenciais, assim como o ar, que compõe o ecossistema humano, pois é a base da construção da comunhão, do espírito comunitário e do corpo social.

Numa percepção comum, primeiro existe a realidade e posteriormente os seres humanos criam e utilizam linguagens e símbolos para observá-la, decifrá-la, descrevê-la e denominá-la. Carey sugere a inversão dessa ordem e compreensão da relação entre comunicação e realidade, entre palavra e coisas. Utilizando a ideia inicial do Evangelho de São João, Carey pressupõe que “no princípio estava a palavra” (Jo 1,1), isto é, as palavras não denominam objetos, mas todas as coisas presentes na realidade são sinais das palavras. Nesse sentido, “a realidade é trazida à existência, é produzida, através da comunicação – pela, em resumo, construção, apreensão e utilização de formas simbólicas”.<sup>18</sup> Em outras palavras, os seres humanos, através da linguagem, vivem em uma nova dimensão da realidade, a realidade simbólica, que poderíamos ligar com a ideia da “Noosfera” de Pierre Teilhard de Chardin.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 16.

<sup>16</sup> John Dewey foi um filósofo norte-americano, uma das principais referências da psicologia e educação moderna e um dos fundadores da Escola de Pragmatismo da Universidade de Chicago. Cf. DEWEY, John. *Democracy and Education*.

<sup>17</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 19.

<sup>18</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 20.

<sup>19</sup> TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O Fenômeno Humano*, p. 196-198.



Por termos reconhecido [...], na história da Evolução, a nova era de uma Noogênese, eis-nos forçados, correlativamente, a distinguir, [...] um suporte proporcionado à operação, quer dizer, uma membrana mais. Em volta da centelha das primeiras consciências reflexivas, os progressos de um círculo de fogo. [...] Finalmente a incandescência cobre todo o planeta. Uma só interpretação, um só nome se acham à medida desse grande fenômeno. [...] é verdadeiramente uma camada nova, a “camada pensante” que, após ter germinado nos fins do Terciário, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma Noosfera.<sup>20</sup>

Essa ponte entre a concepção visionária de Teilhard sobre a camada formada pelo pensamento e linguagem humana e a ambiência digital é proposta por autores como Jennifer Cobb<sup>21</sup> e Antonio Spadaro.<sup>22</sup> Assim, a Noosfera é considerada uma pré-figura da “nuvem” conectiva, e Teilhard de Chardin um profeta da internet e comunicação em rede.

Outra visão invertida de Carey e que se relaciona a anterior é a respeito do pensamento. Ao invés de conceber o pensamento primeiro como uma produção privada e cerebral, Carey acredita que o pensamento é antes de tudo público e social. A razão é que a capacidade individual de pensar depende do estoque de símbolos disponíveis no contexto sociocultural ao redor da pessoa.<sup>23</sup> Como duas faces de uma mesma realidade, as formas simbólicas possuem uma dupla capacidade: “como “símbolos de” eles apresentam a realidade; como “símbolos para” eles criam a própria realidade que eles apresentam”.<sup>24</sup> Um exemplo concreto disso são os rituais religiosos que não apenas retratam a natureza e o sentido da vida humana, mas também a modelam e a influenciam.

Assim os modelos de comunicação como formas simbólicas possuem essa característica dupla como representações “de” e “para” a comunicação, isto é, um modelo de comunicação que ao mesmo tempo que descreve o processo também o produz.<sup>25</sup>

As nossas mentes e vidas são moldadas pela nossa experiência total - ou, melhor, pelas representações da experiência e, como Williams argumentou, um nome para esta experiência é comunicação. Se se tentar examinar a sociedade como uma forma de comunicação, vê-se como um processo pelo qual a realidade é criada, partilhada, modificada, e preservada.<sup>26</sup>

<sup>20</sup> TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O Fenômeno Humano*, p. 197.

<sup>21</sup> COBB, Jennifer. *Cybergrace*, p. 96.

<sup>22</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*, p. 168-169.

<sup>23</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 22.

<sup>24</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 23.

<sup>25</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 24-25.

<sup>26</sup> CAREY, James W. *Communications as culture*, p. 26.

Como um dos primeiros representantes dos estudos culturais americanos, James Carey concebe a ideia de refletir sobre a sociedade não somente através da ótica política e econômica, mas também como construto cultural, mais especificamente, entende que um dos fatores mais relevantes de criação da sociedade é a cultura de comunicação predominante. Com isso, propõe uma mudança de paradigma da comunicação a fim de causar uma mudança cultural e conseqüentemente social.

Uma outra visão importante sobre o percurso e os estudos de comunicação é de Lúcia Santaella. Esta comunicóloga brasileira classifica em seis períodos culturais, cada um baseado em um modelo de comunicação distinto: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital.<sup>27</sup> Uma premissa que ela segue, que discorda com outros teóricos, é que as mídias são apenas meios, canais de transmissão de informação. Por isso, não devemos dar todo o crédito das transformações sociais atuais somente para as novas mídias, mas observar o conteúdo, forma e finalidade das pessoas que as dispõem e se comunicam através delas.

Entretanto, ela acredita que o que mais determina a comunicação e a cultura é o tipo de signos que utilizamos, isto é, a linguagem. No seu entendimento, a mensagem comunicada recebe mais influência do meio pela qual é veiculada do que do seu emissor, assim, não se pode separar a mensagem do meio e, por isso, é importante escolher qual mídia é mais apropriada para a mensagem, intenção e sentido que queremos transmitir. Apesar de certo determinismo midiático, os meios continuam sendo apenas meios, suportes técnicos e físicos através dos quais a linguagem é corporificada e transmitida.<sup>28</sup> Neste sentido, talvez a frase de McLuhan “o meio é a mensagem” ficaria melhor compreendida se dissesse: “a linguagem é a mensagem”, pois a mediação primária provém da linguagem e pensamento veiculados, não pelo meio em si. É verdade que cada nova mídia criada traz consigo uma nova cultura comunicativa e comportamental e, assim, formam novos ambientes sociais.

[...] há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. [...] em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> SANTAELLA. Um novo mundo. In: BOGAZ. *www.deus.com*, p. 45.

<sup>28</sup> SANTAELLA. Um novo mundo. In: BOGAZ. *www.deus.com*, p. 46.

<sup>29</sup> SANTAELLA. Um novo mundo. In: BOGAZ. *www.deus.com*, p. 47.

Dessa forma, o que muitos sintetizam como sendo a cultura midiática, Santaella separa em três formações culturais distintas, que embora convivam atualmente e se interpelem, possuem características próprias. Primeiro surgiu a cultura de massa que, a cada nova mídia de massa criada, as anteriores precisavam reinventar sua linguagem e conteúdo. Depois, houve esta cultura transitória chamada “cultura das mídias” na qual ocorreu o fenômeno da convivência das mídias, então, cada pessoa ou grupo possuía a sua TV, rádio, jornal impresso, livro, cada meio com seu próprio dispositivo físico. Agora, na cultura digital, ocorre um fenômeno diverso denominado “convergência das mídias”, isto é, você pode encontrar todas as mídias, antigas e novas, em um único aparelho digital através da internet.

No panorama comunicativo de nossa pesquisa, levamos em consideração o pensamento eclesial a respeito da comunicação. A primeira vez que um Concílio da Igreja refletiu diretamente sobre a comunicação foi durante o Concílio Ecumênico Vaticano II ocorrido entre os anos de 1962 e 1965. O Decreto Inter Mirifica, documento conciliar específico sobre os meios de comunicação social, foi o resultado deste diálogo que abriu um novo capítulo sobre a comunicação na Igreja, seu sentido e finalidade. Mas não parou por aí, a preocupação com o fenômeno da comunicação nas mídias perpassa todo o Concílio e aparece em diversos outros documentos como *Gaudium et Spes*, *Ad Gentes*, *Christus Dominus*, *Optatam Totius* e *Gravissimum Educationi*. Eles se referem principalmente aos meios de comunicação como agentes de transformação da sociedade que, através de sua linguagem própria, comunicam conteúdo de uma maneira totalmente nova que altera até mesmo o modo de refletir e conhecer de seus receptores. Como demonstra a *Gaudium et Spes*: “Novos e mais perfeitos meios de comunicação social permitem o conhecimento dos acontecimentos e a rápida e vasta difusão dos modos de pensar e de sentir; o que, por sua vez, dá origem a numerosas repercussões”.<sup>30</sup> Os documentos conciliares também aconselham para o uso correto dos meios em prol do bem estar da vida humana e também da maior difusão do Evangelho, como escrito em *Ad Gentes*: “Nem falte igualmente quem saiba usar com perícia os instrumentos técnicos e de comunicação social, cuja importância todos reconheçam devidamente”.<sup>31</sup> Além disso, os padres conciliares consideram as novas mídias como oportunos meios pedagógicos para a educação da fé e valores cristãos.

No desempenho do seu múnus educativo, a Igreja preocupa-se com todos os meios aptos, sobretudo com aqueles que lhe pertencem; o primeiro dos quais é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo,

---

<sup>30</sup> *Gaudium et Spes*, n. 6.

<sup>31</sup> *Ad Gentes*, n. 26.

leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica. A Igreja aprecia muito e procura penetrar e elevar com o seu espírito também os restantes meios, para cultivar as almas e formar os homens, como são os meios de comunicação social.<sup>32</sup>

Hoje mais do que nunca, podemos averiguar o poder (de)formativo das mídias sociais, dependendo de quem, de que e como se comunica. Após o Concílio Vaticano II, a comunicação nunca mais deixou de ser pauta das reflexões da Igreja. Ela é tratada não apenas nas mensagens anuais do papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, que foi um dos legados do Decreto *Inter Mirifica*, mas vários documentos eclesiais dedicaram-se a pensar a relação entre Igreja e comunicação. A *Communio et Progressio*, por exemplo, é uma resposta ao pedido do CVII ratificado no *Inter Mirifica* de que se elaborasse uma instrução pastoral mais abrangente sobre os meios de comunicação e seu papel na ação eclesial.

A definição de comunicação presente nesta instrução pastoral, em seu sentido antropológico e teológico mais profundo, não é somente expressar ideias e sentimentos, mas sobretudo é “doação de si mesmo, por amor; ora, a comunicação de Cristo, é Espírito e Vida”.<sup>33</sup> Sendo assim, a Igreja compreende a comunicação como um processo de interação interpessoal que deve impulsionar as mulheres e homens a uma autêntica cultura do encontro, diálogo, amizade e humanização.<sup>34</sup>

Moisés Sbardelotto, ao refletir sobre a comunicação a partir dos relatos bíblicos, identifica três características de uma comunicação como dom e atributo divino: cosmogênica, ecológica e alterizante.<sup>35</sup> Primeiro, a comunicação tem função cosmogênica, isto é, performática, molda e reorganiza o ambiente criando um ecossistema de sentido. Segundo, a comunicação tem papel ecológico. À imagem de um Deus criador e criativo, a comunicação humana deve ser co-criadora e co-criativa, dever gerar e cuidar da vida. A comunicação, dom divino, é o que nos torna humanos, um húmus, um solo fértil à espera do outro para germinar o diálogo e dar frutos. O ser humano é um ser vivente, falante, aberto e disponível para entrar em relação com os seres vivos ao nosso redor para comunicar a vida, a vida que foi comunicada por Deus a ele e que deve perpassá-lo, ir além e através dele ser comunicada à toda criação. Assim, como Deus nos formou de modo admirável, cheio de cuidado e carinho, Deus nos outorgou, ao nos constituir co-criadores e senhores de toda a criação, a missão de cuidar da Terra e de todos os seres que nela habitam (Sl 8, 5-7). Terceiro, a comunicação é alterizante,

<sup>32</sup> *Gravissimum Educationis*, n. 4.

<sup>33</sup> *Communio et Progressio*, n. 11.

<sup>34</sup> PUNTEL, Joana T. Comunicação. In: PASSOS, João D. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 169.

<sup>35</sup> SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé*, p. 22-30.

no sentido de que distingue e identifica o “eu” em relação aos outros e coloca o “eu” em relação com os outros. Assim, na medida que me comunico com o outro, me diferencio do outro e reconheço que sou diferente do outro. Mas só posso perceber e ser eu mesma diante de outra pessoa diferente de mim. Na convivência e diálogo fecundo, aceito que o outro é diferente de mim e que sou diferente do outro, mas que nós compartilhamos de uma mesma essência, ser-para-o-outro-e-com-o-outro.

Pela *Imago Dei*, a capacidade de comunicar-se é constitutiva do ser humano, sendo a primeira experiência que ele tem desde sua concepção, pois Deus através dos pais comunica e gera a vida ao filho. Assim, o que determina a comunicação é a circunstância de diálogo e de relação entre duas ou mais pessoas que exige uma participação ativa e livre dos sujeitos em intercâmbio.<sup>36</sup>

Portanto, as palavras humanas em semelhança à Palavra Divina são performáticas, não apenas nomeiam e significam, também realizam o que comunicam. Sendo assim, a definição de comunicação que seguimos não é tão voltada aos meios, mas é reflexo da comunicação divina que é comunhão entre pessoas, doação de si e identificação recíproca numa relação alterizante com o outro. Vamos compor de forma sintética a trajetória teórica da comunicação da mídia tradicional à digital.

## 1.2 BREVE PANORAMA DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO NO SÉC. XX: DA MÍDIA DE MASSA ATÉ A INTERNET

A comunicação se tornou objeto de estudo na arte retórica da Grécia e Roma antiga. Mais recentemente no início do século XX há o despertar do interesse pela filosofia da linguagem e comunicação. É difícil definir uma data de início precisa dos estudos comunicacionais, embora geralmente no ambiente acadêmico se situa esta inauguração na criação do Instituto para o Estudo dos Jornais, em Leipzig, 1916, por Karl Bücher.<sup>37</sup> Entretanto, ela se constituiu de fato como campo de estudo, durante a Segunda Guerra Mundial, ligada à reflexão sobre a mídia de massa, opinião pública, propaganda e persuasão.

Os primeiros estudos sobre comunicação midiática, chamados de teoria da agulha hipodérmica ou da bala mágica, baseiam-se na psicologia de estímulo-resposta e acreditam no

<sup>36</sup> SILVA, Aline Amaro da. *Cibergraça*, p. 113-114.

<sup>37</sup> SERRA, Paulo. *Manual de Comunicação*, p. 11.

poderoso efeito que a mídia causa em seus receptores que não tem nenhuma resistência a mensagem propagada.<sup>38</sup> A *Encyclopedia of Communication Theory* mostra uma cronologia sobre as pesquisas em comunicação até 2008. Destacaremos as teorias que forem mais relevantes para esta pesquisa e para entender a cultura e comunicação que se vive atualmente.

Na década de 30, Martin Buber publica “Eu e Tu”, que é amplamente traduzido e influencia estudos de comunicação e diálogo em todo o século e além. Outro importante acontecimento é a fundação, por Felix Weil, do Instituto de Pesquisa Social na Universidade de Frankfurt am Main, Alemanha, que reunirá os pensadores da chamada Escola de Frankfurt. Já na década de 40, acontece a popularização do rádio e com isto cresce a pesquisa sobre os meios de comunicação, especialmente sobre os efeitos da mídia, tais como o famoso estudo de Hadley Cantril sobre a Guerra dos Mundos de H. G. Wells.

A década de 50 é extremamente importante para os estudos de comunicação. Neste período, a psicologia social começa a influenciar o entendimento sobre o comportamento humano, ação social e comunicação. Kurt Lewin, um dos fundadores desse tipo de psicologia, elabora uma teoria de campo sobre conflito que também observa a influência do grupo, na qual o poder e o papel da mídia são explorados.

Em seus significativos estudos sobre os efeitos de mídia em 1941, Paul Lazarsfeld, juntamente com Bernard Berelson e Hazel Gaudet mudam a visão em relação à mídia, de efeitos intensos para efeitos limitados, dando mais poder de persuasão aos canais interpessoais (líderes de opinião) ao invés dos de massa, conduzindo a conceituação da comunicação para os modelos de fluxo em duas etapas ou múltiplas etapas.

As pesquisas de Harold Lasswell e Charles Wright buscam identificar as principais funções sociais da imprensa. Baseado nesta sociologia, Lasswell, em 1948, também elabora a fórmula que ficou célebre nos estudos de comunicação: quem, o que, por que, para quem, com que efeito. Nessa mesma linha, a Comissão Hutchins publica “*A Free and Responsible Press*”, delineando os deveres dos jornalistas perante à sociedade.

Como os desafios técnicos de comunicação estavam crescendo, abordagens matemáticas e de engenharia começaram a surgir. Nesse momento, Claude Shannon e Warren Weaver publicam sua obra clássica “*A Teoria Matemática da Comunicação*” que expressa um paradigma teórico da informação na comunicação. Esta teoria estimulou outros cientistas sociais a desenvolverem suas próprias teorias comunicativas e ainda influenciou a forma e

---

<sup>38</sup> As seguintes teorias da comunicação apresentadas tem como base a cronologia encontrada no início da obra *Encyclopedia of Communication Theory*. Cf. LITTLEJOHN, Stephen W; FOSS, Karen A. Chronology. *Encyclopedia of Communication*, p. lv-lxviii.

linguagem que eles utilizaram, tais como os termos emissor, receptor, meio, canal, mensagem. No campo da cibernética, destacam-se também as Conferências de Macy que congregaram importantes intelectuais da época.

Ainda na década de 50, Max Horkheimer e Theodor Adorno desenvolvem a teoria da indústria cultural, cuja base está na obra “*The Dialectic of Enlightenment*”. Neste período, Roland Barthes inicia suas análises críticas sobre literatura, semiótica e sociedade, estudos que influenciaram e continuam influenciando as ciências humanas e sociais. Entre 1950 e 1954, as pesquisas sobre retórica e linguagem se expandem, agregando as novas formas discursivas bem como um novo jeito de entendê-los. O filósofo da linguagem, Ludwig Wittgenstein, publica a obra “*Philosophical Investigations*”, que conduz ao estudo do significado como comunicação intencional. A cibernética aparece como uma área relevante, em que se destacam autores como Norbert Wiener.

As pesquisas sobre comunicação em grupo também se ampliam. Robert Bales desenvolve o processo de análise da interação, motivando a elaboração de teorias de comunicação em grupo. Carl Rogers<sup>39</sup> publica seus conceitos iniciais sobre “Terapia Centrada no Cliente” que serviu como fundamento a estudos posteriores de comunicação e diálogo centrados na pessoa. Este fato é importante porque Rogers influenciou o método de Interação Centrada no Tema (ICT) de Ruth Cohn, o qual será descrito adiante no estudo da Teologia Comunicativa. Ainda no final da década de 60, o antropólogo Edward T. Hall propõe através do livro “*The Silent Language*” o estudo da proxêmica, isto é, o estudo do significado do espaço físico entre os indivíduos na comunicação.

O método hermenêutico nas ciências sociais recebe um grande impulso no início dos anos 70 com a obra prima de Hans-Georg Gadamer “Verdade e Método”, de 1960. O método crítico em comunicação também ganha peso neste período com a primeira publicação de Jürgen Habermas “As Transformações Estruturais da Esfera Pública”, em 1962, que despertou o interesse pela importância da comunicação pública para a democracia. O trabalho acadêmico de quase 40 anos de Habermas o torna um dos mais reconhecidos teóricos da comunicação. Ainda neste momento histórico, Marshall McLuhan escreve livros que se tornam referência sobre as consequências da polarização midiática.

O estudo da cibernética volta a se destacar, entre 1965 e 1969, com a popularização da teoria do sistema de Ludwig von Bertalanffy que vai inspirar também a teoria da complexidade. Assim, torna-se cada vez mais perceptível a ligação entre tecnologia e comunicação. Surgem

---

<sup>39</sup> Carl Rogers foi um psicólogo norte-americano que desenvolveu a Abordagem Centrada na Pessoa e um dos fundadores da Terceira Força da Psicologia também chamada de Psicologia Humanista.

novos e significativos estudos sobre a mídia, tais como a “Teoria do Cultivo” de George Gerbner que avalia os poderosos efeitos da comunicação televisiva sobre a percepção de mundo dos indivíduos. Outro relevante conceito criado a partir da análise da campanha presidencial americana de 1968 é a “*Agenda-setting Theory*”. A hipótese da teoria do agendamento de Maxwell McCombs e Donald Shaw é que a mídia pauta os assuntos que os indivíduos devem discutir sobre a sociedade, isto é, os consumidores tendem a dar maior relevância aos temas de maior destaque nos meios de comunicação. Neste período também é importante ressaltar a influência das pesquisas sobre a construção social da realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann nas áreas da comunicação e sociologia.

Na década de 70, Richard Lanigan começa a aplicar o método fenomenológico à pesquisa empírica em comunicação, esse trabalho interdisciplinar irá resultar mais tarde na criação da filosofia da comunicação. Os biólogos e filósofos chilenos Umberto Maturana e Francisco Varela desenvolvem o conceito de autopoiese, a capacidade que os seres vivos possuem de autoprodução e autodefinição, que será apropriado por outras áreas do saber, em especial pela sociologia através de Niklas Luhmann que a transforma em uma metodologia de observação social. No final dos anos 70, Jesse Delia, junto com outros pensadores, formula a teoria do construtivismo que busca explicar cognitivamente a diferença entre as capacidades dos indivíduos de se comunicarem em determinados contextos sociais. Esse conceito vai dar suporte para o desenvolvimento de teorias sobre as relações interpessoais e da comunicação centrada na pessoa. Nesse período, os cientistas da comunicação norteamericanos tem acesso às teorias da comunicação europeias e começam a ser influenciados por esta. Os estudos de Habermas são uma das principais referências. Sua obra “A Teoria da Ação Comunicativa” impulsionará a elaboração da teoria crítica da comunicação.<sup>40</sup> Em 1968, Paulo Freire publica uma das suas principais obras, “Pedagogia do Oprimido”, que influenciou a abordagem educacional e comunicacional mais crítica, sendo um dos fundamentos da pedagogia crítica.<sup>41</sup> Estas são publicações importantes também para a Teologia Comunicativa.

No início dos anos 90, a teoria interdisciplinar de sistemas torna-se mais influente nos estudos de comunicação. A partir de 1979, D. Lawrence Kincaid publicou diversos artigos que propõe uma teoria da convergência.<sup>42</sup> Esta teoria aplica a cibernética e a teoria da informação

---

<sup>40</sup> HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action*.

<sup>41</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*.

<sup>42</sup> Para aprofundamento do tema, segue uma lista de referências dos artigos de Kincaid: KINCAID, D. L. The convergence model of communication. *East-West Communication Institute Paper*, n. 18. Honolulu, HI: East-West Center, 1979. KINCAID, D. L. Recent developments in the methods for communication research. *Journal of East and West Studies*, 14, 1, p. 89-98, 1985. KINCAID, D. L. The convergence theory of communication,



ao sentido e entendimento humano. A teoria da convergência apresenta um modelo não linear de comunicação, em que os interlocutores, emitindo e recebendo mensagens, buscam um diálogo e compreensão recíproca. Segundo esta, na medida em que as pessoas se comunicam entre si, suas visões de mundo vão se tornando parecidas. Atualmente, o modelo comunicacional de Kincaid, que se tornou conhecido no círculo dos cientistas da comunicação de desenvolvimento, pode ser constatado em todos os tipos de interação no ciberespaço, seja nas relações *eu-isto*, isto é, relação do ser humano com a máquina, como por exemplo, ações de marketing digital ou produção de conteúdo pelo internauta; seja nas relações *eu-tu*, comunicações interpessoais nas redes sociais.

Outro estudo relevante produzido neste período é a teoria do ator-rede (ANT) ou sociologia da tradução. Esta teoria desenvolvida pelos cientistas Michel Callon, Bruno Latour e John Law tinha por meta primeira demonstrar a natureza interdisciplinar e complexa do trabalho científico. A proposta deles era desenvolver uma visão performativa da produção de conhecimento científico, “levando em conta não somente o que os cientistas realizam em seu laboratório ou trabalho de campo, mas também o que os não-humanos fazem, sejam máquinas, textos ou mesmo objetos de estudo”.<sup>43</sup> Esta teoria foi trazida para o campo comunicativo pelos membros da Escola de Comunicação Organizacional de Montreal, representada principalmente pela obra de James R. Taylor. Para esta corrente teórica, as instituições organizacionais são constituídas por decorrência de ações comunicativas, isto é, todas as realidades são fruto da interação humana. Ainda sob esta ótica, toda comunicação é um ato de tradução, em que o emissor fala através de sua linguagem própria e o receptor decodifica o código linguístico para o seu próprio universo simbólico para compreender a mensagem.

Dentre essas diversas teorias da comunicação, interessa-nos mais aquelas que dizem respeito à cultura e comunicação digital para compreendermos o que os efeitos da digitalização

---

self-organization, and cultural evolution. In: KINCAID, D. L. (Ed.), *Communication theory: Eastern and Western perspectives*. San Diego, CA: Academic Press, p. 209-221, 1987. KINCAID, D. L. The convergence theory of intercultural communication. In: KIM, Y. Y; GUDYKUNST, W. B. (Eds.). *Theories in intercultural communication*. Newbury Park, CA: Sage, p. 280–298, 1988. KINCAID, D. L. Communication network dynamics, cohesion, centrality and cultural evolution. In: RICHARDS, W. B. & BARNETT, G. A. (Eds.). *Progress in communication sciences* (Vol. 12, pp. 111–133). Norwood, NJ: Ablex, 1993. KINCAID, D. L. Mass media, ideation, and behavior: A longitudinal analysis of contraceptive change in the Philippines. *Communication Research*, 27(6), p. 723-63, 2000. KINCAID, D. L. Drama, emotion and cultural convergence. *Communication Theory*, 12(2), p. 136-52, 2002. KINCAID, D. L., Yum, J. O., Woelfel, J., & Barnett, G. A. *The cultural convergence of Korean immigrants in Hawaii: An empirical test of a mathematical theory*. *Quality and Quantity*, 18(1), p. 59-78, 1983. BARNETT, G. A; KINCAID, D. L. *Cultural convergence: A mathematical theory*. In: GUDYKUNST, W. B. (Ed.). *Intercultural communication theory: Current perspectives*. Beverly Hills, CA: Sage, 1983, p. 171–194. Rogers, E. M., & KINCAID, D. L. *Communication network: Toward a new paradigm for research*. New York, NY: Free Press, 1981.

<sup>43</sup> COOREN, François. Actor-Network Theory. In: FOSS; LITTLEJOHN. *Encyclopedia of Communication Theory*, p. 16.

na vida pessoal, social e, conseqüentemente, na fé e na teologia. Com a popularização da internet e da comunicação digital surgem novos estudos e nomenclaturas aplicadas às novas mídias. É o caso do termo “ciberespaço”, cunhado por William Gibson em seu romance de ficção científica “*Neuromancer*” de 1984, que atualmente designa o ambiente não-territorializado criado pelas interconexões de pessoas através de dispositivos eletrônicos. Já Marvin Minsky utiliza a palavra “presença” para tentar descrever a experiência da troca de informações, relação e comunicação humanas que acontecem nos ambientes digitais.

Nas vésperas do segundo milênio, o aperfeiçoamento das novas tecnologias de comunicação digital fomentou a pesquisa sobre as comunidades virtuais e redes sociais. A obra “*Virtual Community*” lançada em 1993, de Howard Rheingold, é uma das primeiras a discutir a nova cultura criada pelas mídias digitais. Joseph Walther contribui com a reflexão elaborando uma teoria do processamento de informações sociais em 1992. Em 1991, Jan Van Dijk escreve “*The Network Society*” originalmente holandês, traduzida posteriormente para a língua inglesa em 1999. O professor de história e mídia Mark Poster acredita estarmos vivendo na segunda era da mídia e anunciou esse novo momento da comunicação em sua obra “*The Second Media Age*” de 1995.<sup>44</sup>

As teorias da comunicação continuaram a se multiplicar após a virada do milênio com o exponencial desenvolvimento da internet e dos dispositivos móveis, intensificando o processo de digitalização da sociedade. Chris Anderson, diretor da revista *Wired*, lançou, em 2006, um estudo chamado *The Long Tail* (Cauda Longa)<sup>45</sup> sobre a mudança que a internet proporcionou para a indústria cultural e de entretenimento. Anderson aborda a característica fundamental do ciberespaço de ter conteúdo ilimitado que pode alcançar o gosto de qualquer nicho de mercado, a abundância de variedades para o internauta escolher. Dessa forma, a Cauda Longa tem a ver com a economia da abundância, tudo se torna disponível para todos. Ou seja, quanto maior a variedade, quanto mais se aprofunda na cultura de nichos, maiores são as vendas. Essa teoria contribui para entender melhor a dinâmica da relação e comunicação on-line. Uma das ideias levantadas no estudo é que existe um novo mercado de nichos em crescimento. Este não vai substituir o mercado de *hits*, mas, pela primeira vez, eles estão dividindo o palco. Nessa era de consumidores em rede digital, a economia de distribuição está mudando de forma radical, à medida que a internet absorve quase tudo, transmutando-se em loja, teatro e difusora, por uma fração mínima do custo tradicional.

---

<sup>44</sup> LITTLEJOHN, Stephen W; FOSS, Karen A. Chronology. *Encyclopedia of Communication*, p. lxvii.

<sup>45</sup> ANDERSON, Chris. *Cauda Longa*.

Anderson mostra algumas características de consumo dos nativos virtuais. Porém, como os outros teóricos, não foca seu estudo nos consumidores. O autor foca no movimento do mercado, quer dizer, na cauda do gráfico (produto x venda) que tende ao infinito. Uma das conclusões dessa pesquisa é que pode existir uma cauda longa para praticamente tudo na web, isto é, qualquer produto ou serviço pode encontrar uma parcela de consumidores.

A natureza gratuita ou de baixo custo da internet possibilita movimentos sem fins lucrativos de expandir o alcance de suas ideias pela internet. Instituições religiosas podem criar seu site, divulgar seus eventos, vender seus produtos culturais, fazer atendimento espiritual ou fóruns de debate da fé sem ter que fazer grandes investimentos para isso. Então uma nova evangelização para os nativos digitais pode ser concebida utilizando os conceitos da “Cauda Longa”. O livro mais recente de Chris Anderson chamado “Free (Grátis): o futuro dos preços”<sup>46</sup>, de 2009, é um dos principais livros sobre marketing digital. Na área do marketing, não se pode deixar de citar também o “Pai do Marketing”, Philip Kotler. Ele com seus 86 anos, não deixou de repensar a sua especialidade, e no ano de 2017, em parceria com Hermawan Kartajaya e Iwan Setiawan, lançou o livro “Marketing 4.0: do tradicional ao digital”.<sup>47</sup>

No campo filosófico, Pierre Lévy, autor da obra *Cibercultura*, é um clássico da literatura sobre o universo online.<sup>48</sup> Ele teoriza essa nova cultura que está surgindo e transformando radicalmente a vida humana. O professor da Universidade de Paris VIII faz um panorama das transformações técnicas que levaram o mundo até o universo *cyber* e apresenta as novas tecnologias, seu uso e suas questões. O autor descreve as características antagônicas do ciberespaço: conservador e reacionário, porque aumenta a distância entre os ricos e os excluídos; libertador e democrático, pois permite a circulação de produtos culturais elaborados por qualquer pessoa sem terem passado pelo filtro ou edição dos grandes conglomerados geradores de conteúdo. A principal mensagem de Lévy é que devemos explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Pois, apenas assim seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. A importância deste teórico está em mapear o ciberespaço e tentar deixá-lo mais humano.

Um sociólogo e cientista da comunicação brasileiro que tem proximidade com o trabalho de Lévy e também teoriza sobre o ciberespaço é André Lemos. Uma de suas últimas obras, “A Comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura” de 2013, analisa a cultura

---

<sup>46</sup> ANDERSON, Chris. *Free*.

<sup>47</sup> KOTLER, Philip. *Marketing 4.0*.

<sup>48</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*.

digital e a comunicação através das novas mídias a partir da perspectiva da teoria ator-rede.<sup>49</sup> Baseado nessa teoria, Lemos define rede como um conceito dinâmico. “Não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não humanos”.<sup>50</sup> Rede não é estrutura, mas o que é tecido em dada associação. Quando falamos de rede, estamos falando de mobilidade. Ao olharmos o mundo, vemos redes se fazendo e se desfazendo a todo momento. O conceito de rede visa apreender algo pulsante, o que se forma e se deforma aqui e acolá pela dinâmica das relações.

O professor de Ciências Humanas Henry Jenkins, fundador e diretor do programa de Estudos de Mídia Comparada do MIT – Massachusetts Institute of Technology, em seu livro “Cultura da Convergência” analisa o cenário das mídias na atualidade.<sup>51</sup> Ele, que é referência mundial em estudos sobre novas mídias, percebeu que os novos e velhos meios estão em rota de colisão, ou seja, estão convergindo fisicamente para um mesmo aparelho, seja TV, computador ou celular. Jenkins criou o conceito intitulado Cultura da Convergência em que as mídias tradicionais e atuais coexistem, dialogam e se complementam, formando um universo midiático ao redor da audiência. Os receptores não são meros receptores, eles agora participam da geração de conteúdo. Os fãs se apropriam do produto cultural e expandem suas fronteiras em outros meios, criando sub histórias que poderão contribuir no enredo original.

Dando continuidade à transformação cultural midiática, Henri Jenkins junto com Sam Ford e Joshua Green produzem a obra *Cultura da Conexão*<sup>52</sup> que sinaliza uma atitude e cultura mais participativa e colaborativa, o que é muito pertinente ao se pensar no Deus Cristão que é Triúno, portanto, relação colaborativa e participativa que convida suas criaturas a participarem do mistério de seu amor. Além disso, auxilia na avaliação e reelaboração do processo evangelizador que não pode ser mais apenas anúncio, mas uma construção conjunta e criativa de experiências de encontro e conhecimento.

A sociedade global tecida pelas redes de comunicação digital que transpõe os limites espaços-temporais é conceituada por Manuel Castells de ‘sociedade em rede’.<sup>53</sup> Essa sociedade globalizada em expansão é seletiva, isto é, só participa dela quem possui os recursos tecnológicos para tal vivência. Assim, a sociedade em rede ainda exclui a grande porção da humanidade, embora toda a humanidade seja afetada por ela, pois quem tem acesso à rede,

---

<sup>49</sup> LEMOS, André. *A Comunicação das coisas*.

<sup>50</sup> LEMOS, André. *Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 53-65.

<sup>51</sup> JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*.

<sup>52</sup> JENKINS, Henry. *Cultura da Conexão*.

<sup>53</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*.

possui mais acesso a conhecimentos, informações, pessoas, relações, e quem não a tem está segregado de tudo isso.

Castells descreve a sociedade em rede como uma sociedade hiper social, contrapondo-se à ideia de que, na sociedade caracterizada pelo sistema em rede, a interação face a face terminaria e aumentaria o isolamento social com a preferência de uso das mídias digitais.<sup>54</sup> A pesquisa que realizou em diversos países revela que a maioria das pessoas que interagem na internet tem mais convívio social, engajamento em ações políticas e amizades do que aqueles que condenam a web. Portanto, Castells acredita que a geração digital quanto mais se relaciona pela rede, mais participa de encontros presenciais.

Dentro da área da sociologia precisamos destacar os trabalhos críticos de Zigmunt Bauman que trabalham o conceito de “Modernidade líquida”<sup>55</sup>; Gilles Lipovetsky que reflete sobre “Os tempos hipermodernos”<sup>56</sup>; e Byung Chul Han que teoriza “A sociedade do cansaço”<sup>57</sup> e da transparência.

Heidi Campbel e Stephen Garner selecionam três discursos importantes que influenciaram a formação do conceito da rede: o discurso ficcional, social e retórico.<sup>58</sup> O primeiro discurso demonstra a ligação da concepção da rede com o nascimento do termo ciberespaço, que vem do romance de ficção científica “*Neuromancer*”, de William Gibson, citado anteriormente. É impressionante como a imaginação humana já almejava um espaço comunicacional como temos hoje, a descrição do ciberespaço presente na obra é muito semelhante à realidade digital em que vivemos. Na análise de Campbel e Garner, todas essas narrativas de ficção científica, seja em livros ou no cinema, representam a rede como promessa e perigo para a humanidade, trazem o medo de o ser humano ser superado e controlado pela sua criação. Vem, portanto, dessa literatura dos anos 80 e 90, a metáfora da rede para descrever o papel e a natureza inovadora da internet.<sup>59</sup>

No discurso social, a rede se tornou uma importante metáfora tanto para descrever as comunidades digitais quanto para explicar a estrutura da comunidade em geral como tecida por laços humanos.<sup>60</sup> Na abordagem retórica, a rede caracteriza a própria sociedade, isto é, torna-se modelo e lógica de como a sociedade contemporânea funciona.<sup>61</sup>

---

<sup>54</sup> CASTELLS, M. *A sociedade em rede: do conhecimento à política*, p. 23.

<sup>55</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*.

<sup>56</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*.

<sup>57</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*.

<sup>58</sup> CAMPBELL, Heidi; GARNER, Stephen. *Networked Theology*, p. 3.

<sup>59</sup> CAMPBELL, Heidi; GARNER, Stephen. *Networked Theology*, p. 4.

<sup>60</sup> CAMPBELL, Heidi; GARNER, Stephen. *Networked Theology*, p. 6.

<sup>61</sup> CAMPBELL, Heidi; GARNER, Stephen. *Networked Theology*, p. 8.

Fazendo este apanhado geral de autores e teorias, sem a pretensão de esgotar o tema, e consciente de que existem outros importantes autores e teóricos com estudos relevantes sobre o tema, o passo seguinte é adentrar nas teologias relacionadas à comunicação digital que servem de base para a tese.

### 1.3 TEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Uma teologia da comunicação implícita é facilmente encontrada em diversos documentos da Igreja, principalmente aqueles que refletem sobre a comunicação. Podemos encontrar em documentos de conferências episcopais, como o CELAM, reflexões sobre uma teologia da comunicação explícita<sup>62</sup>, porém, não há nenhum documento pontifício que trate especificamente e profundamente sobre uma teologia da comunicação. Os documentos magisteriais que refletem sobre a comunicação possuem um viés prático, geralmente de ensino de seu uso, potencialidades e riscos, de acordo com a moral cristã.

Um marco na história da Teologia da Comunicação foi em abril de 1991, o lançamento do primeiro Dicionário sobre Ciências da Informação em castelhano intitulado “*Diccionario de las Ciencias y Técnicas de la Comunicación*”<sup>63</sup>, na Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Complutense de Madri. Nele foi escrito pelo teólogo espanhol Felicísimo Martínez Díez pela primeira vez um verbete de dicionário sobre a Teologia da Comunicação.<sup>64</sup>

#### 1.3.1 Construção do conceito

Para se falar em uma Teologia da Comunicação é necessário inicialmente conceituar o que se entende por teologia. Segundo sua etimologia, a palavra teologia significa “discurso sobre Deus”. Como já afirmava São Tomás de Aquino, o objeto principal da teologia é Deus.<sup>65</sup> No entanto, é impossível objetivar a Deus e ter um acesso direto a Ele e ao conhecimento d’Ele.

---

<sup>62</sup> CELAM. *Para uma Teologia da Comunicação na América Latina*.

<sup>63</sup> BENITO, Ángel (Org.). *Diccionario de las Ciencias y Técnicas de la Comunicación*. Madri: Paulinas, 1991.

<sup>64</sup> MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*, p. 76.

<sup>65</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, v. 1, Prima Pars, q. 1-49.

O ser humano somente tem acesso parcial a algumas verdades sobre Deus através da autocomunicação divina na história e realidades humanas. Portanto, “o discurso sobre Deus está sempre mediado pelo cosmos e pela história, pelas realidades naturais ou culturais”.<sup>66</sup>

De acordo com Martínez Díez, a revelação de Deus coincide e é inseparável da revelação do ser humano e de toda a criação. Sendo assim, “a teologia é um discurso sobre Deus, mas ao mesmo tempo e de forma necessária, um discurso sobre a história humana e todos os seus componentes”.<sup>67</sup> O que distingue a reflexão teológica da sociológica ou das outras ciências não é o assunto tratado, mas o modo como é abordado, isto é, a teologia sempre parte do ponto de vista da fé e da revelação. Fica claro que qualquer fenômeno da realidade pode se tornar objeto de estudo teológico, cuja chave interpretativa seja sua relação com Deus, com o conteúdo revelado ou com a fé das pessoas em Deus. Partindo do pressuposto da fé, a revelação divina desvela a natureza, o sentido e o destino de toda realidade criada.<sup>68</sup>

A partir do momento que Jesus Cristo encarnou e assumiu toda a condição humana, a fé cristã constituiu-se uma fé encarnada por essência. Dessa forma, a teologia precisa ser também um discurso encarnado, isto é, deve considerar a história humana um lugar teológico da presença e autocomunicação de Deus. Como explica Martínez Díez: “Os meios de comunicação social não são meras realidades terrenas; fazem parte das realidades culturais. [...] Como tais devem ser discernidos teologicamente, para evitar tanto a sua demonização como a sua sacralização”.<sup>69</sup>

Essa “Teologia das Realidades Terrenas”, ou “Teologia dos Sinais dos Tempos” como o CV II a chamou, deve assumir as dimensões pública e política, inclusive, seu compromisso com o Reino de Deus e sua Justiça.<sup>70</sup> Uma Teologia dos Sinais dos Tempos reflete sobre questões de fronteira, aquelas que estão no limiar entre a fé e a razão, entre o conhecimento teológico e o das demais ciências. As questões fronteiriças exigem tratamento interdisciplinar e servem, portanto, de ponte para o diálogo da fé com a realidade atual. Por isso, não devem ser consideradas, de forma alguma, teologias secundárias, ao contrário, são teologias essenciais e emergenciais, pois é através delas que a teologia reencontra seu valor e relevância para o mundo e o ser humano contemporâneo.

Trata-se de entrar em diálogo com todas as culturas, de discernir os seus valores de dentro, de colaborar e participar no seu crescimento. A Igreja urge hoje o desafio da

<sup>66</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 30.

<sup>67</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 31.

<sup>68</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 35.

<sup>69</sup> MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*, p. 492.

<sup>70</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 37-38.

inculturação como condição de possibilidade para qualquer missão e evangelização cristã. [...] A Igreja tem de entrar nela para discerni-la teologicamente de dentro e para colaborar e participar no seu crescimento e saneamento.<sup>71</sup>

Com essa compreensão da teologia é possível legitimar a ideia de uma reflexão teológica sobre a comunicação, pois é através da comunicação humana e divina que se encarna, se revela e se realiza o projeto de salvação da humanidade e do cosmos por parte de Deus. Dessa maneira, o pensamento teológico sobre a comunicação exige abordar temas essenciais e sistemáticos da fé cristã, tais como o Deus Triúno, a Cristologia, a Pneumatologia e a Eclesiologia.<sup>72</sup>

Embora a teologia da comunicação deva refletir sobre a comunicação interpessoal, ela nasce da preocupação com o fenômeno da comunicação de massa, seu poder e influência na sociedade moderna trouxeram diversas questões e desafios de caráter teológico e pastoral. Pois, novas formas de comunicação humana exigem um esforço de compreensão e discernimento teológico.<sup>73</sup> Isso não deveria causar estranhamento já que o Cristianismo é uma religião de comunicação, cuja centralidade está na autocomunicação de Deus e na vivência e comunicação dessa Boa Nova através dos membros da Igreja para toda humanidade em todas as culturas e em todos os tempos. Portanto, a mensagem e testemunho cristão devem se adaptar às diversas formas de comunicação que vão sendo criadas e no decorrer da história, estas vão se tornando parte indispensável da herança cultural e espiritual cristã.<sup>74</sup>

### 1.3.2 Relações entre Teologia e Comunicação

Outro passo que deve ser dado para o desenvolvimento de uma teologia da comunicação é definir a relação entre teologia e comunicação. Com esse intuito, o jesuíta Paul Soukup publicou, em 1983, uma pesquisa de levantamento bibliográfico de tudo o que havia sido publicado até o momento sobre teologia e comunicação.<sup>75</sup> Mais tarde, em 1989, ele deu continuidade ao trabalho com a obra “Christian Communication”.<sup>76</sup> Daniel Felton acredita que ainda não há um trabalho sistemático a respeito da relação entre Teologia e Comunicação pelo

<sup>71</sup> MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*, p. 517.

<sup>72</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 40-43.

<sup>73</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 56.

<sup>74</sup> WHITE, R. Los medios de comunicación social y la cultura em el catolicismo contemporáneo. In: LATOURELLE, R (Org.). *Vaticano II*, p. 1178.

<sup>75</sup> SOUKUP, P. *Communication and Theology*.

<sup>76</sup> SOUKUP, P. *Christian Communication*.



fato dos pesquisadores do assunto não compreenderem as distintas relações entre os temas, por isso, ele elenca cinco principais abordagens da relação entre teologia e comunicação: “teologia e comunicação”; “teologia comunicativa”; “teologia sistemática da comunicação”; “teologia pastoral da comunicação”; e a “visão moral cristã da comunicação”.<sup>77</sup> É importante ressaltar que essas classificações não abarcam todas as formas de relação e abordagem entre teologia e comunicação, mas elas nos auxiliam a mapear os possíveis caminhos de reflexão.

A primeira relação refere-se às ciências da comunicação como um auxílio às ciências teológicas, pegando emprestado da comunicação certas teorias e métodos para enriquecer a reflexão teológica. Ambas as ciências permanecem separadas, mas justapostas, veja a imagem ilustrativa.<sup>78</sup>

Figura 1: Relação Teologia e Comunicação



Nesse tipo de abordagem, muitos caem na tentação de uma visão reducionista e depreciativa da importância da comunicação para a teologia, entendendo-a apenas de modo instrumental e utilitário. Para Martínez, a verdadeira questão de fundo é esta:

[...] em que pode a comunicação humana contribuir para uma compreensão mais exata do discurso teológico e para uma melhor compreensão dos conteúdos da fé? Esta interrogação parte de um pressuposto elementar da teologia: que a revelação cristã realiza-se através de mediações históricas. Dentre estas a comunicação tem um valor prioritário.<sup>79</sup>

<sup>77</sup> FELTON, Daniel J. The unavoidable dialogue: Five Types of Relationships between Theology and Communication. In: TRABER, Michael (Ed.). *Communication in Theological Education*, p. 75-102.

<sup>78</sup> As figuras ilustrativas das relações entre teologia e comunicação, apresentadas a seguir, são produções próprias da autora da tese.

<sup>79</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 59.

Na opinião de Felicísimo Martínez Díez, um trabalho de teologia da comunicação deve sempre partir de uma teoria de comunicação bem fundamentada.<sup>80</sup> Ao se escolher uma teoria da comunicação como ponto de partida deve-se ter em mente certas questões: Quais as principais teorias, métodos, conceitos, imagens, personalidades relacionadas a este paradigma de comunicação? Que tipo de teologia está por trás desse modelo de comunicação? Quais as consequências teológicas dessa teoria de comunicação empregada? Como a reflexão teológica produzida reflete na prática pastoral?<sup>81</sup>

A segunda abordagem da relação entre teologia e comunicação foi chamada de teologia comunicativa. É necessário ressaltar que esta abordagem não corresponde totalmente à Teologia Comunicativa de Hilberath e Scharer que estudaremos mais adiante. A teologia comunicativa citada por Felton diz respeito à demanda de a teologia ser melhor comunicada, não necessariamente estudar o fenômeno da comunicação. Por tratar-se de um discurso sobre Deus, ela precisa ser mais comunicativa e comunicável, isto é, a teologia deve ser centrada e orientada para a comunicação e levar em consideração o impacto da cultura atual e de suas formas de comunicar no fazer teológico.

Figura 2: Relação Teologia Comunicativa



Essa abordagem teológico comunicativa preocupa-se em analisar a dimensão comunicativa da teologia, isto é, como o conteúdo teológico busca ser comunicado, utilizando e formando-se de construtos de comunicação. Portanto, essa abordagem percebe a teologia tanto como um processo comunicativo quanto como um produto da comunicação, especialmente simbólica. A teologia comunicativa busca a comunicação para ampará-la em sua própria

<sup>80</sup> MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*, p. 66.

<sup>81</sup> FELTON, D. J. The unavoidable dialogue. In: TRABER, M (Ed.). *Communication in Theological Education*, p. 82.

comunicabilidade, a fim de que a teologia possa ser mais relevante, comunicativa e compreensível.<sup>82</sup>

De acordo com Felton, a Teologia Sistemática de Comunicação pretende produzir um estudo teológico sistemático teórico sobre o fenômeno comunicativo, como um novo campo dentro da Teologia Sistemática, extrapolando as disciplinas que abordam implicitamente a comunicação como as teologias da Revelação, Encarnação e Trinitária. Enquanto nos modelos anteriores o posicionamento era um olhar da comunicação para entender e auxiliar a teologia, na Teologia Sistemática da Comunicação é a teologia que lança o seu olhar sobre a comunicação e sua prática, buscando compreender à luz da inteligência da fé e contribuir para que a comunicação humana tenha um melhor entendimento de si mesma.

*Figura 3: Relação Teologia Sistemática da Comunicação*



Desde os primórdios do Cristianismo existe uma Teologia da Comunicação implícita na reflexão e prática cristã. Nos tempos atuais, há um esforço de alguns teólogos para torná-la explícita e bem fundamentada, desenvolvendo o seu próprio método de análise, reflexão, verificação e produção de conteúdo. Outros fatores também facilitam este processo de sistematização, tais como os recentes documentos eclesiais que abordam o fenômeno comunicativo e estimulam a reflexão a nível teológico e pastoral, e o crescente desenvolvimento das ciências da comunicação com novos métodos, meios, aplicações e significações.<sup>83</sup> Geralmente, quando um artigo ou livro traz a expressão Teologia da Comunicação, ele está se referindo a uma reflexão teológica sistemática da comunicação. Por serem tentativas

<sup>82</sup> FELTON, D. J. The unavoidable dialogue. In: TRABER, M (Ed.). *Communication in Theological Education*, p. 84-85.

<sup>83</sup> FELTON, D. J. The unavoidable dialogue. In: TRABER, M (Ed.). *Communication in Theological Education*, p. 85-86.

individuais que não partem de um grupo teológico conciso e articulado, estão surgindo inúmeros esboços de teologias da comunicação. A obra *Teologia da Comunicação* de Felicísimo Martínez Díez, já citada anteriormente, é uma destas tentativas de iniciar o desenvolvimento de uma Teologia Sistemática da Comunicação. No cenário internacional, também se destacam Joseph Palakeel,<sup>84</sup> principal referência indiana de Teologia da Comunicação, especialmente voltada a formação de presbíteros, e Ahn Vu Ta que desenvolve uma atualização dessa abordagem.<sup>85</sup> Existe ainda um estudo sobre a Teologia da Comunicação desenvolvida por João Paulo II, analisando seus escritos como pontífice.<sup>86</sup>

A quarta distinção refere-se a reflexão teológico pastoral da comunicação, ou seja, busca pensar a ação comunicativa das e nas pastorais. Esta vertente poderia ser considerada como um ramo da Teologia Pastoral e está relacionada, principalmente, à Pastoral da Comunicação, pastoral instituída pelo Concílio Vaticano II e apresentada ao povo de Deus no Decreto *Inter Mirifica*.<sup>87</sup> Um grande contribuinte, representante e um dos pioneiros dessa abordagem foi Franz-Jozef Eilers, falecido em 13 de janeiro de 2021 em Manila. Padre missionário alemão, um dos fundadores da *Catholic Media Council (CAMECO)*, membro do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, produziu diversas obras e iniciativas em formação teológica e pastoral da comunicação na Ásia, África e Oceania.<sup>88</sup> Destacamos também a obra “Apuntes para una pastoral de la comunicación hoy” de Ariel Beramendi que inicia com um resgate histórico da caminhada da Igreja em geral e da Igreja Latinoamericana em construir sua compreensão e ação comunicacional. Depois faz um estudo de caso da Comunicação da Igreja na Colômbia e por fim elabora uma proposta de pastoral da comunicação digital.<sup>89</sup>

---

<sup>84</sup> PALAKEEL, Joseph (Org.). *The Bible and the Technologies of the Word*.

<sup>85</sup> VU TA, Anh. *Communication Theology: a New Approach*. *ARC Journal*.

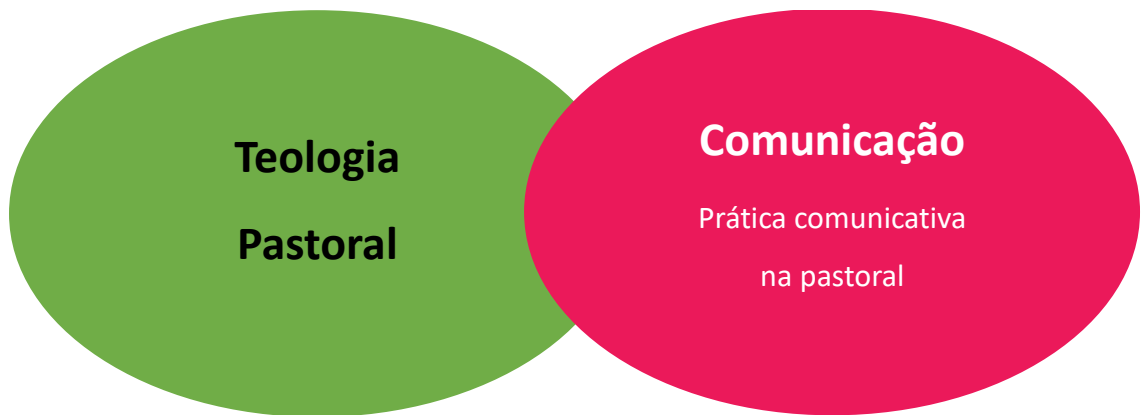
<sup>86</sup> MUGRIDGE, Christine A; GANNON, Marie. *John Paul II Development of a Theology of Communication*.

<sup>87</sup> *Inter Mirifica*, n. 21.

<sup>88</sup> Para aprofundamento, destacamos suas principais obras: EILERS, Franz-Josef. *Communicating in Ministry and Mission: An Introduction to Pastoral and Evangelizing Communication*. Manila, Filipinas: Logos (Divine World) Publications, 2009. \_\_\_\_\_. *Communicating in Community: An Introduction to Social Communication*. Manila, Filipinas: Logos (Divine World) Publications, 2009. \_\_\_\_\_. *Communicating Between Cultures: An Introduction to Intercultural Communication*. 4. ed. Manila: Logos Publications, 2012. \_\_\_\_\_. (Ed.). *Communicating Church: Social Communication Documents, an Introduction*. 2. ed. Manila: Logos Publications, 2014. \_\_\_\_\_. *Communication Theology. Some Considerations*. [s. L.], [s. A.]. Disponível em: [http://www.freinademetzcenter.org/pdf/Communication\\_Theology.pdf](http://www.freinademetzcenter.org/pdf/Communication_Theology.pdf). Acesso em: 21 de out. de 2019. \_\_\_\_\_. VU TA, Ahn. *Social Communication in a Theological Perspective: Communication Theology*. Manila: Logos Publications, 2015.

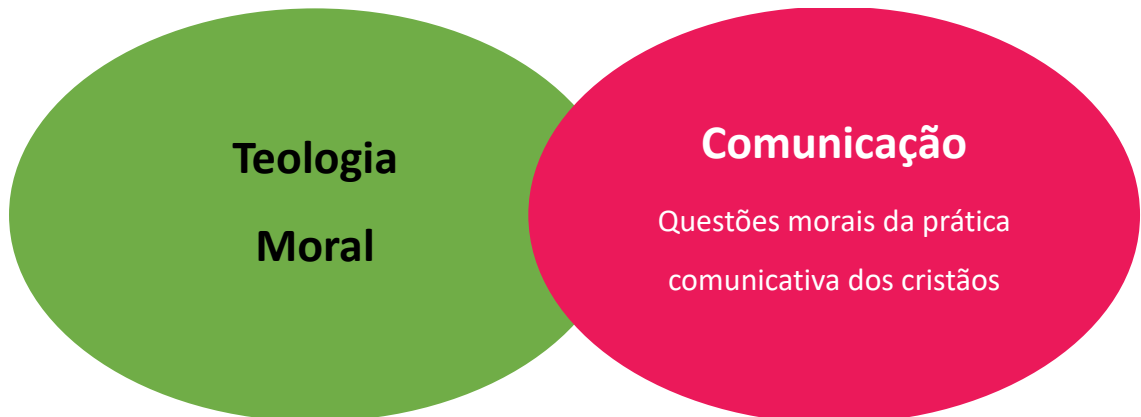
<sup>89</sup> BERAMENDI, Ariel. *Apuntes para una pastoral de la comunicación hoy*.

Figura 4: Relação Teologia Pastoral da Comunicação



A quinta abordagem seria uma teologia moral da comunicação, em que a teologia moral observa o fenômeno comunicacional a fim de elaborar seu parecer sobre os desafios éticos da comunicação na Igreja e sociedade. Este tipo de reflexão é a mais constante nos documentos magisteriais que discutem implícita ou explicitamente a comunicação.<sup>90</sup>

Figura 5: Relação Teologia Moral da Comunicação



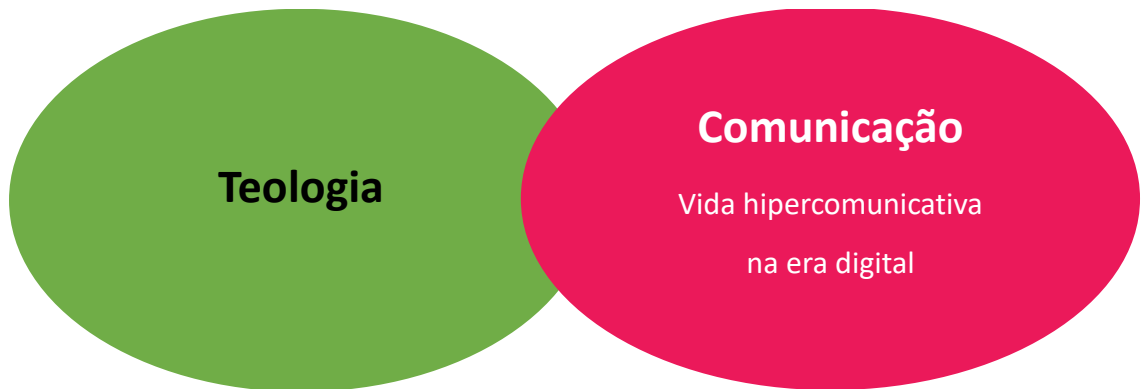
Além destas cinco linhas de estudo sobre teologia e comunicação relatadas por Felton, incluímos uma nova distinção desenvolvida recentemente a partir da cultura digital que é essencialmente uma cultura comunicativa.<sup>91</sup> Chamada de Ciberteologia, por Antonio Spadaro e pela teologia católica, e de Teologia Digital, pelos teólogos protestantes contemporâneos,

<sup>90</sup> FELTON, D. J. The unavoidable dialogue. In: TRABER, M (Ed.). *Communication in Theological Education*, p. 93.

<sup>91</sup> SILVA, Aline Amaro da. Juventude e Teologia Comunicativa. *Teocomunicação*, p. 7.

ambas têm por meta estudar a comunicação e tecnologia digital que transformou radicalmente o ser humano e a sociedade e que caracteriza um período histórico da humanidade, a era digital.

*Figura 6: Relação Ciberteologia ou Teologia Digital*



Tem um horizonte de estudo mais abrangente, refletindo teologicamente sobre o fenômeno da cultura digital e da conseqüente vida humana hipercomunicativa. Acredita-se que esses novos hábitos de comunicação também modificam o modo de compreensão e vivência da fé cristã, assim como a fé cristã também influencia o jeito que essas tecnologias são pensadas e elaboradas. A Ciberteologia e a teologia digital possuem história e abordagem distintas que foram se convergindo a direção uma da outra e se encontraram neste período de pandemia. Embora, ainda muito utilizado e relevante, especialmente sua definição, no próprio contexto teológico católico se começou a adotar a terminologia teologia digital para abranger as diversas aproximações entre teologia e digitalização. Vamos tratar melhor sobre este assunto num tópico adiante.

Tendo em vista estas e outras abordagens entre teologia e comunicação, o certo seria falar em teologias da comunicação no plural. Se fôssemos nos referir a uma teologia da comunicação no singular, as correntes que mais se identificam com ela seriam a reflexão sistemática, moral e pastoral da comunicação. Agora passamos para a Teologia Comunicativa de Bernd J. Hilberath e Mathias Scharer, um pouco diferente da descrição de Felton, que fundamenta quase toda a tese.

#### 1.4 TEOLOGIA COMUNICATIVA: HISTÓRIA, FUNDAMENTOS E METODOLOGIA

A Teologia Comunicativa é a principal corrente teológica que sustenta esta pesquisa doutoral, tanto na parte teórica quanto na pesquisa de campo. A fim de entender melhor a prática teológica comunicativa, foram realizadas entrevistas em profundidade com teólogos comunicativos e observação participante em um encontro de Teologia Comunicativa ocorrido em Innsbruck, Áustria, além de pesquisa bibliográfica e documental.<sup>92</sup>

Na visão de seus autores, Matthias Scharer e Bernd Jochen Hilberath, a Teologia Comunicativa é uma cultura participativa e interdisciplinar do fazer teológico. Ela é resultado do trabalho conjunto destes teólogos, um teólogo prático e outro sistemático, que perceberam o abismo entre a teologia acadêmica e a prática eclesial. Como uma verdadeira teologia contextual, surgiu no cenário da Alemanha e Áustria pós Segunda Guerra e pós Concílio Vaticano II.

Com seu caráter biográfico e interdisciplinar, a teologia comunicativa é inspirada na vida e obra de Ruth Cohn, psicoterapeuta judia alemã que desenvolveu o método “*Theme-Centered Interaction*” (TCI), traduzido ao português fica “Interação Centrada no Tema” (ICT). Num primeiro momento de construção, a Teologia Comunicativa consistiu em aplicar este método ICT no fazer teológico em grupos. Depois, a Teologia Comunicativa foi desenvolvendo seus próprios princípios e cultura teológica, mas sempre tendo o ICT como base. Por isso, vamos conhecer a história de Ruth Cohn para entender melhor o que é teologia comunicativa e seu contexto. Através dos axiomas, postulados e dimensões do ICT, a Teologia Comunicativa torna visível a relação entre nossa história de vida e o nosso entendimento sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre Deus. Assim, existe uma teologia implícita em nossa biografia que o processo comunicativo em grupo traz à tona e contribui para uma reflexão teológica mais encarnada sobre temas urgentes na vida pessoal e social.

Embora seja uma teologia contextual, a Teologia Comunicativa não é presa a um só local ou época. Ao contrário, com seu processo aberto e dinâmico, ela pode ser aplicada em qualquer contexto, pois leva em consideração tanto o macro contexto social, caracterizado pela dimensão do “Globo”, quanto o micro contexto pessoal de cada membro do grupo explícito na dimensão do “Eu”. Dessa forma, podemos considerá-la também uma teologia pública que não

---

<sup>92</sup> Em língua portuguesa a literatura sobre Teologia Comunicativa é totalmente escassa, havia apenas um artigo dedicado a este assunto no livro de teologia protestante *Transformando o mundo*. Ver: BRECHT, Volker. Teologia Comunicativa. In: REIMER, Johannes. *Transformando o mundo*. Publiquei dois artigos sobre Teologia Comunicativa que são as únicas referências sobre o tema na bibliografia teológica católica brasileira, até o momento. Ver: SILVA, Aline Amaro da. Juventude e Teologia Comunicativa. *Teocomunicação*; SILVA, Aline Amaro da. Teologia Comunicativa. *Ciberteologia*;

é elaborada num escritório de uma faculdade, num processo isolado, mas consequência do compartilhamento de histórias, ideias e experiência de pessoas que muitas vezes nem são teólogos profissionais. Uma teologia que, portanto, não é fruto apenas de teoria e raciocínio lógico, mas da experiência empírica individual e comunitária.

É ainda uma teologia transformadora, pois visa capacitar, preparar, auxiliar cada pessoa a descobrir sua autonomia, força interior para fazer suas próprias escolhas, formar sua própria opinião e saber expressá-la. Realiza isso através do confronto com as ideias e realidades interpessoais, buscando soluções para problemas teológicos e éticos presentes na sociedade. Assim, fica claro o potencial da Teologia Comunicativa para tocar e transformar a vida das pessoas, isto é, seu potencial para o aperfeiçoamento da ação evangelizadora e pastoral, tendo como premissa que quem nós somos e as experiências que tivemos revela que tipo de antropologia e teologia nós produzimos.

#### **1.4.1 Como surgiu a Teologia Comunicativa**

O primeiro livro publicado em inglês sobre teologia comunicativa possui uma introdução muito rica escrita por Bradford Hinze que nos ajuda a conhecer a origem dessa perspectiva teológica, bem como os inspiradores desse método.<sup>93</sup> O trabalho em conjunto entre Matthias Scharer e Bernd Jochen Hilberath iniciou no ano de 1990 quando ambos foram convidados a debater a interligação entre a teologia dogmática e a teologia pastoral no Instituto de Teologia Pastoral de Mainz, Alemanha.

Scharer é atualmente professor emérito de Catequética e Pedagogia Religiosa na Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, Áustria. Ele criou um grupo de trabalho e pesquisa em teologia comunicativa em Innsbruck. Sua forma de conceber a educação religiosa é baseada em diversas pedagogias que pesquisou, especialmente na abordagem ICT de Ruth Cohn pelo que cultivava verdadeira paixão e tornou-se um dos seus principais divulgadores, se dedicando a pesquisar, ensinar e escrever a respeito. Como contou por meio de entrevista em profundidade, a concepção pedagógica religiosa de Scharer também é influenciada por uma breve experiência nas Comunidades Cristãs de Base (CEB) na América Latina.

---

<sup>93</sup> HINZE, Bradford. Introduction. In: HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *The Practice of Communicative Theology*, 2008, p. 1-9.



Hilberath é também professor emérito de teologia dogmática na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, na Alemanha, e foi diretor do Instituto de Pesquisa Ecumênico da mesma universidade. Possui amplo conhecimento e obras em teologia hermenêutica e trinitária, pneumatologia, ecumenismo e eclesiologia, além da atuação no diálogo inter-religioso e ecumênico. Seus estudos voltaram-se principalmente para a reflexão sobre o sentido da comunhão como modelo, essência e experiência concreta da Igreja. Juntando suas especialidades e diferentes pontos de vista, além da demanda eclesial existente na época, eles desenvolveram a teologia comunicativa como um processo comunicativo de produção teológica de relevância e urgência pastoral. Conscientes das dificuldades enfrentadas pelo distanciamento entre a teologia e a ação pastoral, eles trazem a abordagem de Ruth Cohn para a teologia entendida como processo, reaproximando a reflexão teológica da prática da fé.

Assim, durante os anos 90, Hilberath e Scharer desenvolveram workshops em conjunto sobre temas importantes e questões atuais em nível teológico e pastoral para leigos, ministros e religiosos.<sup>94</sup> Nas palavras de Hilberath, a Teologia Comunicativa:

[...] nasceu da educação e do aprofundamento de pessoas na área de teologia, educação continuada. Nós trabalhamos com pessoas que já tiveram alguma formação teológica e que agora gostariam de aprofundar algum aspecto dentro da teologia. A tarefa era: como essas pessoas poderiam conectar a sua teologia, seu conhecimento, com a sua própria experiência de vida. Se apenas oferecêssemos teologia, as pessoas prefeririam para retiros, encontros, e não a formação teológica. Então, a instituição juntou alguém da dogmática e outro da educação para essa tarefa. Então, veio primeiro a prática e depois a teoria, (informação verbal).<sup>95</sup>

Hilberath deixa claro que o ponto de partida é sempre o trabalho prático. Em muitas ocasiões, esses grupos de reflexão evoluíram a relacionamentos mais profundos, a formação de uma identidade do grupo e até mesmo a missões em conjunto. Foi dessa maneira que se formou, há mais de 25 anos, o Grupo de Pesquisa em Teologia Comunicativa, iniciado por teólogos alemães e austríacos e atualmente está em processo de internacionalização. Através da produção reflexiva desenvolvida nesses diversos seminários de cinco dias, e a pedido dos próprios participantes, foi publicado em 2002, a primeira obra sobre teologia comunicativa em alemão.<sup>96</sup> Após isso, ocorreram duas conferências que contribuíram para a fundação dessa cultura teológica. A primeira – “Verdade em relação: o Deus Triúno como fonte e orientação da

<sup>94</sup> HINZE, Bradford. Introduction. In: HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *The Practice of Communicative Theology*, 2008, p.1-9.

<sup>95</sup> Entrevista com Bernd Jochen Hilberath concedida a autora da tese.

<sup>96</sup> HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *Kommunikative Theologie: Eine Grundlegung*. Mainz: Matthias-GrünewaldVerlag, 2002.

comunicação humana” – aconteceu de 27 de fevereiro à 01 de março de 2003, em Innsbruck. Já a segunda abordou temas como teologia comunicativa, eclesiologia de comunhão e diálogo ecumênico e inter-religioso, teve como sede a cidade de Stuttgart em novembro de 2005. Como uma teologia pós Vaticano II, a teologia comunicativa liga a teologia tradicional baseada nos lugares teológicos próprios, especialmente Sagrada Escritura e Tradição, com novas visões e métodos que podem ser considerados lugares teológicos alheios, provenientes da razão humana. Assim, a Teologia Comunicativa tem sido um projeto da Universidade de Innsbruck desde 2003 e se espalhou para outras instituições com a criação de um grupo de pesquisa internacional e realização de congressos. Com representantes especialmente da Áustria e Alemanha, a TC expandiu-se também para os Estados Unidos e agora chega ao Brasil através desta tese.

Bradford Hinze compara as semelhanças e diferenças da teologia comunicativa de Scharer e Hilberath com quatro trajetórias teológicas norte-americanas a respeito da comunicação.<sup>97</sup> São elas: dialógica – constrói um pensamento personalista dialógico na vida de fé; hermenêutica – faz uma hermenêutica do discurso no campo eclesial, acadêmico e social; contextual – reflete sobre a comunicação na construção de teologias locais; tecnológica – analisa o novo areópago produzido pelas tecnologias digitais. Com a orientação dialógica da comunicação, marcada pelo personalismo filosófico de Martin Buber e Gabriel Marcel, e também por teólogos como Hans Urs Von Balthasar, Joseph Ratzinger, Avery Dulles e Karl Barth, os teólogos comunicativos compartilham a valorização do diálogo interpessoal na Igreja, em especial a relação um-a-um, isto é, “eu” e “tu”.

Com a linha hermenêutica, a teologia comunicativa comunga da busca por discussões e debates mais aprofundados no âmbito acadêmico e social. Essa abordagem está associada a teólogos como Karl Rahner, Edward Schillebeeckx e Bernard Lonergan que reinterpretaram a teologia de Tomás de Aquino através das correntes filosóficas transcendental, fenomenológica, existencialista e hermenêutica do séc. XX. Um expoente norteamericano dessa vertente é David Tracy. Segundo Hinze, Tracy foi um dos primeiros a explorar na teologia a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas, que também vai influenciar o conceito de comunicação empregado na Teologia Comunicativa. Além disso, Tracy utiliza na sua abordagem teológica a filosofia hermenêutica de nomes como Hans Georg Gadamer e Paul Ricoeur.

Inspirados pelas teologias da libertação na América Latina e da inculturação na África e Ásia, teólogos norteamericanos como Robert Schreiter tem analisado a importância de boas práticas de comunicação para o aperfeiçoamento de teologias e ações pastorais locais. A

---

<sup>97</sup> HINZE, B. Introduction. In: HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *The Practice of Communicative Theology*, 2008, p. 3-8.

perspectiva contextual e teológica comunicativa partilham dessa preocupação de fomentar o desenvolvimento da relação comunitária dentro da realidade das igrejas particulares, levando em conta não apenas a cultura e situação social no qual se inserem, mas também as experiências pessoais e coletivas do povo de Deus. A teologia contextual não se atenta somente com o que se tem em comum, mas também com aquilo que é diferente, e um dos principais desafios das atuais migrações que geram um contexto cada vez mais multicultural é evitar conflitos e mal-entendidos na comunicação intercultural.

Por fim, a abordagem tecnológica, o mais recente esforço teológico desenvolvido na América do Norte no que diz respeito ao fenômeno das tecnologias da comunicação. Paul A. Soukoup, SJ, foi um dos primeiros teólogos norte-americanos a se preocupar com o uso eclesial destas novas mídias sem uma reflexão prévia. Por isso, ele analisou a relação entre comunicação e teologia sobre seis aspectos do processo comunicativo: a linguagem, a experiência estética, a construção de cultura, o diálogo interpessoal, o modelo de comunicação de massa emissor-receptor, a metáfora teológica para comparar a relação comunicativa entre divino e humano.<sup>98</sup> Com essa orientação tecnológica, os teólogos comunicativos partilham a atenção sobre o impacto da mídia na vivência eclesial, valorizando este tipo de comunicação, sem deixar de ressaltar a relevância dos processos em grupo.

Na opinião de Hinze<sup>99</sup>, o que torna a abordagem de Scharer e Hilberath ímpar é justamente a fundamentação da Teologia Comunicativa no método de TCI de Ruth Cohn, isto é, o desenvolvimento de um modo de fazer teologia integrado com a prática comunicativa em grupo. Portanto, o diferencial do grupo de pesquisa de Teologia Comunicativa é realizar experiências e refletir teologicamente em grupo em tal processo que promove discernimento pessoal e comunitário, além de auxiliar em tomadas de decisão na Igreja. Além disso, Hinze acredita que este trabalho faz eco ao pensamento e espírito do Concílio Vaticano II e à prática das Comunidades Eclesiais de Base da América Latina e Pequenas Comunidades Cristãs da Ásia e África, fornecendo elementos básicos para a transformação e engajamento da igreja em questões sócio-políticas emergentes.

O que pode ser a contribuição mais promissora da teologia comunicativa é que ela lança luz sobre o que deveriam ser alguns dos ingredientes básicos envolvidos na forma conciliar e sinodal de discernimento e de tomada de decisão na Igreja – de

<sup>98</sup> HINZE, B. Introduction. In: HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *The Practice of Communicative Theology*, 2008, p.8.

<sup>99</sup> HINZE, B. Introduction. In: HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *The Practice of Communicative Theology*, 2008, p.9.

acordo tanto com sua identidade e missão nas paróquias e dioceses, bem como nacional e internacionalmente.<sup>100</sup>

Vamos ver mais adiante que a teologia comunicativa pode ser desenvolvida em diversos campos e atividades, desde a academia até uma catequese renovada, e demonstrar a influência da teologia latino-americana nessa cultura teológica.

#### **1.4.2 Fundamentos da Teologia Comunicativa: Teologia, filosofia, psicologia e comunicação**

A Teologia Comunicativa deve ser considerada, em primeiro lugar, uma teologia produzida dentro de e a partir de um processo vivo de comunicação. Mais especificamente, a teologia comunicativa começa como uma recepção teológica e eclesial da Interação Centrada no Tema da psicoterapeuta Ruth C. Cohn.<sup>101</sup> Dessa forma, este estudo possui um caráter naturalmente interdisciplinar, que se baseia em especial nas áreas da teologia, filosofia, psicologia e comunicação.

Na fundamentação epistemológica da Teologia Comunicativa, uma das referências básicas para a compreensão de comunicação de Scharer e Hilberath é enraizada nas Sagradas Escrituras e Tradição da Igreja, influenciada pela teologia do Concílio Vaticano II.<sup>102</sup>, partindo do princípio de que Deus é um ser comunicativo.

Essa fundamentação teológica inicial se aproxima da reflexão produzida pelas teologias da comunicação e trinitária, que têm também por princípio a compreensão da revelação como autocomunicação de Deus: “o assunto principal da teologia é a atividade de comunicação que deriva da crença no único Deus uno e trino, que em essência é relacionamento e que comunica o eu de Deus”.<sup>103</sup> Além disso, exploram-se diferentes teorias filosóficas da comunicação, tais como a de Martin Buber, Paul Ricoeur e principalmente o conceito do agir comunicativo de Jürgen Habermas.<sup>104</sup>

Scharer e Hilberath atentam-se que a expressão teologia comunicativa pode parecer redundante, já que toda teologia deveria exercer a tarefa de comunicar a fé. Contudo, o

<sup>100</sup> HINZE, B. Introduction. In: HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 9.

<sup>101</sup> HILBERATH; SCHARER. *Kommunikative Theologie*, 2007, p. 19.

<sup>102</sup> HILBERATH; SCHARER. *Kommunikative Theologie*, 2007, p. 19.

<sup>103</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, 2010, p. 19.

<sup>104</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, 2010, p. 28.

entendimento e a prática em comunicação exercida na teologia podem ser bem diferentes. No geral, os atos comunicativos utilizados no processo teológico tradicional são ler, escrever e expor verbalmente. Estas são formas de comunicação importantes, porém unidirecionais e não dialógicas. Embora a teologia comunicativa utilize um método pedagógico dialógico que difere do tradicional, sua principal preocupação não é questionar os métodos convencionais de mediação da teologia, mas sobretudo iluminar uma nova compreensão da ligação entre o modo como a teologia é mediada e seu objeto de estudo, isto é, dar uma nova definição sobre o tema em teologia.

“Somente os procedimentos adequados de comunicação, pelos quais nos referimos àqueles que negam qualquer hierarquia inerente entre teólogos profissionais e praticantes, alterarão a prática a longo prazo”.<sup>105</sup> É interessante o que Hilberath elucida sobre o papel da teologia na sociedade, principalmente no que diz respeito ao diálogo inter-religioso. Só alguém que tem fé pode entender com profundidade e com o mesmo parâmetro de sentido o discurso religioso, com um nível aproximado de respeito e honra, de partilha e experiência de fé que pode dar abertura à empatia e a um diálogo fecundo. Isso diferencia o trabalho dos teólogos e dos sociólogos ou cientistas da religião. Na sociedade contemporânea, este diálogo inter-religioso se tornou fundamental para o futuro pacífico entre as pessoas de diferentes origens e culturas que convivem num mesmo local.

Isso se torna possível através de uma nova relação entre os sujeitos da teologia, que embora possuam funções distintas, não devem mais ser separados como emissores (detentores do conhecimento) e receptores (audiência que só recebe passivamente o conteúdo), mas devem ser posicionados como interlocutores em uma relação mais interativa e recíproca. “É muito mais uma questão de levar em conta o fato de que os professores também são aprendizes e que os alunos fornecem aos professores algo para ensinar”<sup>106</sup>, observam Scharer e Hilberath com uma visão pedagógica próxima à pedagogia de Paulo Freire.

O termo “comunicativa” que qualifica esta teologia é direcionado contra a distinção entre conteúdo e sua aplicação, logo, o conteúdo em si mesmo não existe sem o ato comunicativo, em outras palavras, a forma como se comunica constitui a mensagem. Com isso, os autores trazem a proposta de uma nova relação entre teoria e prática e um entendimento próprio sobre teologia e comunicação. Teologia não é algo a ser comunicado, na visão deles,

---

<sup>105</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 23.

<sup>106</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 12.

comunicação é o conteúdo central da teologia, portanto, a teologia deve ser considerada um evento comunicativo.<sup>107</sup>

Hilberath e Scharer têm um entendimento sobre comunicação extremamente importante para entender a teologia, em especial, a Teologia Comunicativa. Eles acreditam, como muitos comunicólogos citados anteriormente, que não pode se separar conteúdo e forma, e essa correlação é relevante na formação do contexto em que se produz uma teologia. Isso significa que um método não deve ser considerado neutro, o resultado de um estudo teológico realizado individualmente e isoladamente é distinto de outro como a Teologia Comunicativa que se desenvolve dentro de um processo comunicativo vivo entre pessoas.<sup>108</sup>

“[...] a comunicação entre Deus e os seres humanos revela ‘a verdade no relacionamento’”.<sup>109</sup> Esse pensamento de que a verdade está na relação, e que, conseqüentemente, a produção teológica seria um evento comunicativo, vai ao encontro da afirmação de Francisco que também é chave hermenêutica de todo o seu pensamento e ação – “a verdade é um encontro”<sup>110</sup> – isto é, a verdade não se encontra em uma ideia ou sentença, mas na relação.

No entendimento de um dos pressupostos da teologia comunicativa de que não se pode separar o conteúdo da forma, a mensagem da linguagem e do meio de comunicação utilizados, se tem a chave para entender o conceito de Ciberteologia de Antonio Spadaro e o próprio desenvolvimento de uma Cristologia para a era digital. Talvez a questão das diferentes teologias não é inventar algo novo, mas ressaltar certos conteúdos, interpretações e formas de comunicar e refletir sobre os dados revelados, sobre aquilo que Deus nos comunicou e o que ele desejou que nós compreendêssemos sobre Ele e sobre nós mesmos.

A teologia, segundo os parâmetros da Teologia Comunicativa, é considerada um “*God-talk*”<sup>111</sup>, isto é, um falar de Deus, sobre Deus, mas também uma conversa com Deus. A questão de fundo por trás da importância e significado da teologia comunicativa vale para as outras teologias: Qual o papel e valor da teologia hoje na sociedade? Como a teologia pode servir a sociedade e tocar, transformar, melhorar a vida das pessoas? O ser humano nessa era da superabundância de informações, sensações, lazeres e prazeres, e de um determinismo tecnológico, uma obrigatoriedade de estar sempre on-line, precisa “redescobrir a mística de

<sup>107</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 13.

<sup>108</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 21.

<sup>109</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 20.

<sup>110</sup> FRANCISCO; SPADARO, A. *A Verdade é um encontro*: Homilias em Santa Marta. São Paulo: Paulinas, 2014.

<sup>111</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 50.

viver juntos”<sup>112</sup>, precisa redescobrir como viver bem, de maneira saudável e equilibrada, de forma que possa crescer, amadurecer e transcender.

Por isso, a tarefa da teologia é comunicar, não somente transmitir conteúdo relacionado a fé como normas e doutrinas, como colocando fardos pesados nas costas das pessoas, difíceis de viver sem a graça de Deus. A missão da teologia é comunicar a Vida, e vida em abundância, conforme Jesus manifestou na sua própria missão (Jo 10, 10). Se somos o prolongamento da vida de Cristo, em especial a teologia possui essa tarefa de continuar o trabalho de Jesus de ensinar, instruir, dialogar, formar a consciência, tocar e interagir com a vida das pessoas.

Um dos propósitos da abordagem teológico-comunicativa é questionar, discutir e buscar critérios éticos para as pesquisas, ações e invenções científicas. Toda a produção científica deveria servir ao bem estar do ser humano, incluindo a conservação de seu ecossistema natural. No entanto, sabemos que a ciência pode servir a outros propósitos: armas, guerras, doenças e lucro irresponsável.

A Teologia Comunicativa pode ser considerada uma Teologia da Comunicação, pois fundamenta seu processo no Deus Comunicativo e relacional e entende a revelação como evento comunicativo. No entanto, ela vai além da Teologia da Comunicação que conhecemos, pois não reflete apenas sobre a comunicação, Deus e o ser humano, ela é uma prática comunicativa entre cristãos sobre assuntos pertinentes para a vida e sociedade, isto é, a TC pode interagir sobre qualquer tema relevante para a vida das pessoas e, através dessa partilha de saberes, transforma a vida de quem dela participa. Portanto, à luz dessa compreensão da ação comunicativa de Deus, promove-se o diálogo, o debate, a discussão e a reconciliação entre as pessoas sobre assuntos urgentes e relevantes teologicamente.

### **1.4.3 Pilares teológicos**

A base da Teologia Comunicativa é a Teologia de Comunhão e Trinitária, portanto, tem o mesmo ponto de partida da Teologia da Comunicação e da Ciberteologia. Assim, o ponto de vista é baseado na premissa de que Deus se comunicou com o ser humano e essa comunicação tocou seu clímax em Jesus Cristo, compreendendo a revelação como autocomunicação de Deus

---

<sup>112</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 87.

e diálogo entre Deus e a humanidade.<sup>113</sup> Esta é a razão de que a comunicação interpessoal também alcançou sua mais profunda realização humana na vida e obra de Jesus Cristo. A comunicação do amor de Deus é manifestada em cada pessoa, cristã ou não, através do Espírito Santo e dessa forma é direcionada a se comunicar com outros seres humanos e com Deus. O Divino Espírito constrói relações e opõe-se à exclusão de indivíduos ou grupos, princípio compartilhado pelo ICT e pela Teologia Comunicativa.

Para Jadranka Garmaz (informação verbal), como ser comunicativo, o ser humano é direcionado a relação com Deus e com os outros – isso é o lugar de encontro do ICT, dos seus axiomas e da teologia comunicativa. Ao contrário do aprendizado fútil que dificulta a salvação do homem, a outra característica comum é o aprendizado vivo que leva o homem a crescer em plenitude; leva-o à salvação e liberdade em Cristo.

Outro fundamento é a eclesiologia de comunhão<sup>114</sup>. Hilberath ressalta que o Concílio Vaticano II restaurou dois elementos fundamentais para a consciência da Igreja. Primeiro, a Igreja é *Mysterium* (LG 1), isto é, ela não existe por si nem para si mesma, mas encontra sua finalidade e sentido dentro do plano de salvação de Deus, tanto como sinal quanto como meio ou instrumento da ação salvífica de Deus. Segundo, a igreja é uma *communio fidelium* porque o objetivo é a comunhão renovada com Deus e uns com os outros, dada e oferecida a todos os homens como um presente. Por isso, Hilberath e Scharer definem a Teologia Comunicativa como “*the gifted We*”, “o dom Nós”.<sup>115</sup>

#### 1.4.4 Para entender o método precisa entender seu autor: a história de Ruth Cohn

A Teologia Comunicativa está diretamente relacionada com a vida e obra de Ruth C. Cohn, por isso, vamos contar a sua história. Ruth Cohn nasceu em Berlim em uma família judia alemã no ano de 1912. Ela sempre desejou ser poetisa.<sup>116</sup> No entanto, seu pai acreditava que as mulheres deveriam ter uma profissão rentável que pudessem se sustentar, então ela precisou

<sup>113</sup> HILBERATH In SCHARER, Matthias; HINZE, Bradford E; HILBERATH, Bernd J. (Ed.). *Kommunikative Theologie. Zugänge – Auseinandersetzungen – Ausdifferenzierungen*. Communicative Theology. Approaches – Discussions – Differentiation. (KomTheoInt, 1/2) Münster: Lit Verlag, 2010, p.10.

<sup>114</sup> HILBERATH In SCHARER, Matthias; HINZE, Bradford E; HILBERATH, Bernd J. (Ed.). *Kommunikative Theologie*, 2010, p. 14.

<sup>115</sup> HILBERATH In SCHARER, Matthias; HINZE, Bradford E; HILBERATH, Bernd J. (Ed.). *Kommunikative Theologie*, 2010, p. 16.

<sup>116</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 103.



escolher alguma carreira que desse dinheiro. Sugeriram para ela o jornalismo, assim ela não precisaria abandonar seu sonho de escrever poemas. Naquela época não havia um curso específico para ser jornalista. Assim, Ruth decidiu fazer economia em Heidelberg para se preparar para o ofício de jornalismo. Porém, ela não se identificou com o conteúdo e logo deixou o curso. Foi através da mãe de seu primeiro namorado que Ruth conheceu a psicanálise. Iniciou o curso em Berlim, mas devido ao perigo da perseguição nazista, transferiu seus estudos para Zurique.

Em Zurique, Ruth Cohn tinha status de estudante, não de refugiada, então, ela teve que continuar estudando por vários anos para não ser deportada. Foi assim que estudou psicologia, medicina pré-clínica, psiquiatria, educação, teologia, literatura e filosofia. Além disso, teve treinamento como psicanalista pela Sociedade Internacional para Psicanálise. Contudo, preferiu deixar a psicanálise clássica freudiana e buscar novas alternativas de procedimento que cultivassem uma relação entre terapeuta e cliente de maior interação e reciprocidade. Isso ocorreu pela própria experiência de Ruth Cohn da relação entre ela e seu psicanalista. Por muitos anos, ele conduziu as sessões de maneira tradicional. Até que ele foi chamado a servir durante a guerra, e começaram a trocar-se cartas e Ruth começou a conhecê-lo de verdade. Essa mudança de uma relação fria e distante para uma comunicação mais recíproca foi essencial para Ruth Cohn repensar o método terapêutico e desenvolver sua própria abordagem.<sup>117</sup> Toda esta experiência foi construindo o princípio de liderança participativa que é encontrado na concepção de liderança do método de grupo Interação Centrada no Tema (ICT).<sup>118</sup>

Neste período, Ruth Cohn teve que se casar com seu namorado e velho amigo para salvar seus pais do campo de concentração e logo depois teve que emigrar para os EUA, em 1941, para ficar mais segura da violência nazista. Em Nova Iorque, ela prosseguiu o aperfeiçoamento de suas técnicas em psicoterapia. Entre os anos de 1949 a 1973, Ruth Cohn se aproximou da temática da terapia em grupo e quebrou suas reservas com esse tipo de prática pelo contato com os pioneiros da área Asya Kadis, Sandy Flowermann, Alexander Wolf e Jacob L. Moreno.

Segundo Scharer, a abordagem de Ruth Cohn tem a ver também com sua proximidade com a educação infantil. Em Zurique, ela havia trabalhado em prática analítica em um jardim de infância. Quando chegou em Nova Iorque, não sabia falar inglês e não tinha outros requisitos, por isso não podia exercer a psicoterapia, o único emprego que conseguiu foi como professora assistente na *Bankstreet School*. Lá trabalhou com treinamento de professores através da

---

<sup>117</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 105.

<sup>118</sup> HILBERATH; SCHARER. *Kommunikative Theologie*, 2007, p. 33.

chamada “educação progressiva”, esta experiência foi um dos alicerces para a sua concepção de “*aprendizagem viva*”.<sup>119</sup> Essa experiência na área da educação também deixou clara a necessidade de enriquecer a prática terapêutica com o conhecimento de outras áreas.

A influência do trabalho de figuras como Theodor Reik e Harry Stack Sullivan a encorajaram a desenvolver seu próprio método terapêutico.<sup>120</sup> Além disso, agregar a atenção aos sinais corporais dos pacientes contribuiu para tornar o método mais holístico. Entretanto, o que se constituiu mais decisivo no desenvolvimento de sua própria metodologia foi sua relação com dois dos mais importantes representantes do movimento psicoterapêutico humanístico, Fritz Perls, criador da Gestalt Therapy, e Carl Rogers, autor da “Terapia Centrada no Cliente”.<sup>121</sup>

Um marco na construção do TCI, foi o workshop “Contra-transferência” realizado por Ruth Cohn em 1955. Nele, Cohn trabalhou a importância de se cultivar uma boa relação entre terapeuta e paciente colocando-se ambos como parceiros e protagonistas no processo de cura, sem rechaçar a troca de sentimentos, entendimentos e sensações que ocorrem nos encontros entre ambos como faz a psicanálise tradicional. Além disso, o trabalho com grupos ajudou a identificar e lidar melhor tanto com as forças e fraquezas dos participantes, quanto com o espelhamento ou projeção dos problemas próprios nos outros como parte do processo de interação interpessoal.<sup>122</sup>

Aos poucos, Ruth foi se interessando e se aproximando cada vez mais do trabalho com grupos sem fins terapêuticos. Neste percurso, certa noite, Ruth Cohn sonhou com uma pirâmide equilátera e assim nasceu a parte central do seu jeito de trabalhar em grupos e uma valiosa contribuição à teoria da terapia experiencial: as quatro dimensões “Eu”, “Isto”, “Nós” e “Globo”. A partir disso, fundou o Instituto de Treinamento de ICT no ano de 1966, com o “Workshop for Living Learning” (WILL), em Nova York.<sup>123</sup> Embora fora pensado primeiramente para o treinamento de psicoterapeutas, o WILL atingiu profissionais de diversas áreas desde o início.

Em 1968, após 27 anos de exílio, Ruth Cohn é convidada a palestrar no IV Congresso Internacional de Psicoterapia em Grupo com sede em Viena. Logo a influência do TCI se espalha na Europa através de workshops e congressos, especialmente na Alemanha. Um marco

---

<sup>119</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 107.

<sup>120</sup> SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 19.

<sup>121</sup> SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 20.

<sup>122</sup> SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 19-20.

<sup>123</sup> SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 21.

desse alcance foi a publicação de Matthias Kroeger chamada “*Themenzentrierte Seelsorge*” (Trabalho Pastoral Centrado no Tema), de 1973.

Dividida entre seus trabalhos na América e na Europa, por fim, em 74, Ruth Cohn decidiu regressar à Europa e começou a ensinar seu método na Escola de Humanidades em Hasliberg Goldern, na Suíça. Neste momento, seu trabalho encontra ainda mais receptividade em outros campos científicos europeus, como a teologia. Ruth Cohn recebeu dois doutorados honorários em reconhecimento a sua contribuição no campo psicoterapêutico, o primeiro em 1979 pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Hamburgo e o segundo em 1994 pelo Instituto para Psicologia da Universidade de Bern.

Nos anos 80, tocada pelas questões políticas, ecológicas e sociais, o foco de seus esforços estava no papel e na dimensão do “Globo”. A partir de 2003, a organização *TCI International* passou a se chamar *Ruth Cohn Institute for TCI International*.<sup>124</sup> Ruth Cohn permaneceu dedicando-se ao ICT e também a sua paixão pela poesia quase até sua partida. Ela faleceu no dia 30 de janeiro de 2010 em Düsseldorf, Alemanha.<sup>125</sup>

#### **1.4.5 Raízes do Método de Interação Centrada no Tema**

O principal legado de Ruth Cohn é o seu método de Interação Centrada no Tema (ICT). O ICT possui fundamentos sóciopolíticos, psico-analíticos e educacionais. Ruth Cohn era fortemente engajada na conscientização política e apreciava escrever sobre isso. Segundo Helmut Johach, a experiência negativa com o regime nazista alemão influenciou fortemente o desenvolvimento do ICT.<sup>126</sup> Para Ruth Cohn, o ICT não era uma resposta apenas ao nazifascismo, mas ela concebe este método como uma abordagem de terapia social humanista e humanizante. E como toda a psicologia e educação humanista preocupada em como viver e amar, o ICT e seus fundadores rejeitam todo o tipo de totalitarismo, xenofobia, racismo e antissemitismo.

De acordo com Jadranka Garmaz (informação verbal), uma das principais questões por trás do pensamento e obra de Ruth Cohn era como os seres humanos poderiam se comunicar e

---

<sup>124</sup> SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 22.

<sup>125</sup> SITE RUTH COHN INSTITUTE.

<sup>126</sup> JOHACH. The historical and political background of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 25-27.

se relacionar melhor de modo que o Holocausto ou atrocidades semelhantes jamais se repitam. Isso influenciou diretamente o método de ICT, conforme Scharer explica: “O ICT não está limitado como outros processos grupais semelhantes apenas ao nível pessoal e comunicativo; tem também uma agenda política social, que é uma herança enraizada na biografia de Ruth Cohn”.<sup>127</sup> Ela rejeitou tanto o princípio “Eu sou eu e você é você” da *Gestalt Therapy* de Fritz Perls que ela chamava de “egoísmo cego”, quanto a mentalidade americana do “faça você mesmo, por si mesmo e do seu próprio jeito, sem se preocupar com os outros”. Ruth Cohn, ao contrário, ressaltou a importância de levar em consideração o que as pessoas pensam e sentem. Isso se torna claro pelo postulado que diz que o líder deve estar consciente de seus próprios sentimentos e necessidades ao mesmo tempo que se atenta e respeita os dos demais, buscando desenvolver compreensão e cooperação.<sup>128</sup> Portanto, o método de ICT procura não apenas desenvolver a personalidade e performance pessoal, mas também suscitar mudanças sociais.

Ruth nunca havia pensado em criar um método de desenvolvimento de liderança em grupo, nem em adequar o ICT às necessidades mercadológicas. Ao contrário, sua preocupação sempre priorizou o desenvolvimento humano, por isso seu questionamento tinha uma mudança de perspectiva: como o mercado poderia se adequar às necessidades das pessoas.

Esta transformação do tema reflete a forma como Cohn desviou o ponto de vista terapêutico dos mecanismos de repressão individual para se concentrar nos mecanismos de repressão social, em particular a repressão da exploração humana e da destruição ecológica. [...] A comunicação centrada no tema baseia-se numa imagem da pessoa humana e num *ethos* que está muito próximo do conceito judeo-cristão de humanidade.<sup>129</sup>

De acordo com Angelika Rubner, o método ICT é formado por uma abordagem interdisciplinar que tem na psicanálise, psicologia e educação seu tripé de sustentação.

O ICT, tal como a psicanálise, é um método de diagnóstico orientado para captar os temas e processos que ocorrem nesse momento numa situação de grupo. Em segundo lugar, é um método educativo que serve para melhorar a aprendizagem coletiva e o trabalho em grupo. Terceiro, é uma teoria psicológica que descreve e sistematiza os acontecimentos que ocorrem num grupo, a sua psicodinâmica, e o seu trabalho direcionado.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 101.

<sup>128</sup> JOHACH. The historical and political background of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 28.

<sup>129</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 102.

<sup>130</sup> RUBNER. Psychoanalytic Foundation of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 31.

O ICT possui diversas características inspiradas no método psicanalítico. Uma das semelhanças está na análise linguística. Os sentimentos, pensamentos, sensações, ideias e fantasias de cada participante são expressos através da linguagem verbal, corporal e visual. Por isso, se faz uma criteriosa observação e diagnóstico do uso da linguagem. Outro aspecto em comum é que os grupos de ICT, assim como os grupos de psicanálise, dão importância e são limitados ao que acontece no tempo presente, nas interações interpessoais durante o encontro do grupo. O líder é membro do grupo, afeta e é afetado por tudo o que ocorre neste e é responsável por manter uma atmosfera de abertura e confiança entre os participantes do grupo. Apesar disso, também deve manter-se distanciado suficientemente para poder compreender e interpretar tudo o que ocorre. O fenômeno de transferência e contratransferência entre líder e participantes é utilizada para conduzir, influenciar e analisar o andamento do processo comunicativo.<sup>131</sup>

Sendo assim, o ICT se origina na psicanálise, mas vai se distanciando conforme vai se desenvolvendo por sua abordagem psicológica humanista e seu caráter de método educativo vai se definindo como principal função. Outro conceito utilizado no ICT de liderança participativa sofre influência da ideia de Harry Stuck Sullivan de que o terapeuta não é alguém neutro, mas é um observador participativo. Sullivan por sua vez desenvolve essa teoria de relacionamento interpessoal baseado no pensamento de Freud de que o indivíduo não deve ser considerado isoladamente, mas a partir de sua relação com o meio ambiente em que interage.<sup>132</sup>

O TCI segue os seguintes postulados que ajudam a elencar o que é mais importante observar e analisar: O postulado “*chairperson*” demonstra que devemos estar conscientes da nossa vida e ambiente interior a fim de que reconheçamos nossa responsabilidade por nós mesmos e pelos outros. O postulado do distúrbio refere-se a que devemos dar atenção prioritária aos discursos mais conflitivos e apaixonados que podem levar a uma discussão mais acalorada e perturbada. Esse conceito vem do que a psicanálise chama de lidar com a resistência, com algo que obstrui a realização do objetivo da atividade. O postulado ético diz que se deve respeito a tudo o que tem vida, valorizando o que é humano e tendo como ameaça tudo o que é ou torna desumano.<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> RUBNER. Psychoanalytic Foundation of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 33-34.

<sup>132</sup> RUBNER. Psychoanalytic Foundation of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 32.

<sup>133</sup> RUBNER. Psychoanalytic Foundation of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 34.

Pelo abalo da confiança nas instituições sociais como a família e a religião, bem como em seus valores transmitidos, a Psicologia Humanista busca novos guias. O ICT segue um conceito de humanidade semelhante ao da Psicologia Humanista.<sup>134</sup> Para a Psicologia Humanista são aspectos básicos da condição humana o medo, a liberdade, a escolha, a decisão e a responsabilidade. Outro aspecto destacado pela teoria é a “presença no mundo” que se desenvolve na vivência do momento presente. Além disso, “sentido, valores, vida holística, e autocompletude são pedras angulares da Psicologia Humanista”.<sup>135</sup>

Outra vertente da psicoterapia que foi importante no desenvolvimento do ICT foi a Terapia Experiencial ou Experiencialismo. Embora não seja conhecida atualmente, a própria Ruth Cohn se considera uma das fundadoras dessa prática, juntamente com outros da AAP (American Academy of Psychotherapists) como Carl Rogers, John Whitaker, John Warkentin, Vin Rosenthal e Virginia Satir.<sup>136</sup> A base da Terapia Experiencial é muito semelhante à Psicologia Humanista. Segundo Ruth Cohn, as principais características do Experiencialismo são: valorizar o “aqui e agora”; valorizar a experiência, especialmente a experiência interior, e a história das pessoas, portanto, estar atento à realidade; ter uma visão holística do ser humano, cultivar uma relação autêntica, não-hierárquica e de parceria entre analista e paciente, exercitar a sua autonomia na tomada de decisões.

Assim, Ruth foi tecendo o seu próprio sistema de valores para o trabalho em ICT que despertasse o espírito de cooperação e de corresponsabilidade pelo mundo ao nosso redor, bem como o sentimento de comunidade humana. Essa especial postura de parceria, interação, empatia, respeito, aceitação, autenticidade e estima na relação terapeuta e cliente é um legado do trabalho de Carl Rogers que, por sua vez foi baseada na filosofia do diálogo de Martin Buber. Por causa dessa bagagem, Ruth Cohn acreditava que a cura só poderia acontecer através de um relacionamento forte e autêntico.<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> “Essas influências muito divergentes mostram que a psicologia humanística não representa uma estrutura teórica muito consistente, mas concentra-se no desenvolvimento do que constitui a vida humana. O movimento da psicologia humanista foi um apanhado e, por fim, assimilou muitas das tendências intelectuais presentes na década de 1960. Cada um dos psicólogos humanistas, por sua vez, contribuíram com seus próprios aspectos, alguns dos quais fundaram suas próprias escolas de pensamento e disseminaram seus próprios ensinamentos”. HECKER. The Influence of Humanistic Psychology on TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 36.

<sup>135</sup> HECKER. The Influence of Humanistic Psychology on TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 36.

<sup>136</sup> HECKER. The Influence of Humanistic Psychology on TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 37-38.

<sup>137</sup> HECKER. The Influence of Humanistic Psychology on TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 38.

Outro pensador da *psiquè* humana que influenciou isso foi Alfred Adler, um dos pioneiros em introduzir preocupações éticas e educacionais à prática terapêutica. Através da experiência em grupos psicoterapêuticos, Ruth Cohn percebeu que o método de ICT poderia ser trabalhado em diversos tipos de grupo, em especial, naqueles com finalidade educacional. O conceito pedagógico educacional “*living learning*” de Ruth Cohn foi desenvolvido com base em suas experiências profissionais e pessoais, especialmente, no seu trabalho com crianças na *Bankstreet School* e na vivência da maternidade.<sup>138</sup>

Do seu trabalho na Escola de Humanidades em Goldern am Hasliberg, Suíça, Ruth Cohn pôde agregar à sua abordagem educacional a importância de dar atenção aos sentimentos que vem à tona durante o processo de aprendizagem, criar uma atmosfera agradável na sala de aula, despertar consciência crítica dos participantes e desenvolver uma parceria entre educador e educandos.<sup>139</sup> A concepção pedagógica do ICT é baseada na vertente humanista da psicanálise que acredita que o desenvolvimento humano se dá na relação de equilíbrio dinâmico entre a autonomia e a interdependência, proximidade e distância. Um dos principais objetivos educacionais é aguçar a percepção dos interlocutores, assim, eles se tornam conscientes do que acontece internamente e externamente, capacitando-os a tomarem decisões livres. Dessa forma, o ICT pode ser entendido como um método progressivo de educação.<sup>140</sup>

Nota-se que as pedagogias de Ruth Cohn e Paulo Freire são próximas, pois ambos buscavam com seus trabalhos o desenvolvimento da dignidade e autonomia humana. Como educadores, eles construíram uma pedagogia baseada no contexto pessoal e social, isto é, baseada na experiência de vida das pessoas e no que está acontecendo na sociedade em que vivem. Segundo Matthias Scharer (informação verbal), a própria Ruth Cohn reconheceu a influência de Freire no método de ICT, especialmente na concepção do “Tema” que possui forte apelo de transformação política e social. Scharer contou que embora Ruth não tenha escrito nada a respeito de Paulo Freire, certa vez ela afirmou em uma entrevista televisiva, fazendo menção a Freire: “meus temas são temas geradores” (informação verbal). Posteriormente, existe um estudo em língua alemã sobre a contribuição do pensamento de Paulo Freire na pedagogia de Ruth Cohn.

---

<sup>138</sup> REISER. The educational-pedagogical fundamentals of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 41.

<sup>139</sup> REISER. The educational-pedagogical fundamentals of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 42.

<sup>140</sup> REISER. The educational-pedagogical fundamentals of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 43.

Eles também afinam suas ideias no que diz respeito à relação que deve ser cultivada entre educador e educandos, uma relação não hierárquica de parceiros na construção do conhecimento, alimentada pelo espírito de cooperação, compreensão e reverência mútua.

O ICT também possui fundamentos filosóficos, embora não seja uma tarefa fácil defini-los. A base filosófica do ICT vem especialmente das mesmas correntes filosóficas dos movimentos psicoterapêuticos que influenciaram o trabalho de Ruth Cohn, como a Psicologia Humanista. De acordo com Walter Zitterbarth, dentre as filosofias que abordavam questões antropológicas as que devem ter inspirado o pensamento de Cohn foram o Existencialismo, o Experiencialismo e a Fenomenologia. Destaca-se também a filosofia do encontro e do diálogo de Martin Buber que demonstra a diferença entre os tipos de relação “Eu e Tu” e “Eu e Isto”.<sup>141</sup>

Houve algumas tentativas de elaborar uma sustentação filosófica do ICT, além da contribuição de Ruth Cohn. O mais antigo ensaio filosófico sobre ICT data do ano de 1987 e foi produzido por Eleonore Olszowi. Esta reflexão fazia um paralelo entre ICT e o existencialismo. Olszowi diagnosticou que estas duas teorias compartilhavam o seguinte pensamento: O sujeito não pode ser reduzido a um objeto; todo ser humano é responsável por suas próprias ações e pelos outros seres humanos; toda verdade e ação estão relacionadas a um ambiente e ego humanos. Para Zitterbarth, esta última sentença oriunda de Sartre não parece coincidir com a ideia de autonomia e interdependência de Cohn, como acreditava Olszowi.<sup>142</sup>

Uma das mais extensas reflexões filosóficas sobre o ICT foi feita por Hanneke Ehlic e Ingo Majewski em 1995, embora tenha sido mais um esforço por reformular filosoficamente o ICT do que de encontrar suas raízes filosóficas. Eles utilizaram as filosofias kantiana e platônica para modificar todos os axiomas e postulados de ICT. Por exemplo, através do imperativo categórico de Kant, Ehlic e Majewski rejeitaram o axioma que afirma o equilíbrio entre autonomia e interdependência. Para eles, a interdependência é mais dominante, isto é, a autonomia só encontra valor inserida numa rede de interdependência. Argumento semelhante acontece com o postulado “seja o governante de você mesmo”, eles defendem que só é válido ser você mesmo num contexto de alteridade.<sup>143</sup>

Outra corrente filosófica que pode ter influenciado indiretamente o método de ICT foi o Pragmatismo. Mesmo que Ruth Cohn nunca haja feito qualquer menção ao pragmatismo, esta

---

<sup>141</sup> ZITTERBARTH. TCI and Philosophy. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 45.

<sup>142</sup> ZITTERBARTH. TCI and Philosophy. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 47.

<sup>143</sup> ZITTERBARTH. TCI and Philosophy. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 46.



era uma tendência filosófica americana dominante no período em que ela viveu nos Estados Unidos e certamente se deparou com isto enquanto trabalhou na Bankstreet School. No diálogo atual entre ICT e filosofia, a abordagem naturalista encontra afinidades com este método. Por exemplo, ambas compartilham o pressuposto de que em cada ser humano existe um sistema inato e orgânico de valores.<sup>144</sup>

Uma força constituinte da pessoa de Ruth Cohn e consequentemente de seu método de grupo é a herança do pensamento e sistema de valores judaico-cristão. Não é por acaso que os protagonistas do ICT, bem como das correntes psicoterápicas e filosóficas que o influenciaram, em sua maioria, tinham raízes judaicas. Entre eles: Ruth C. Cohn, Ruth Ronall, Frances Buchanan, Norman Liberman, Yithchak Zieman, desenvolvedores do ICT; Sigmund Freud e Alfred Adler, pais da Psicanálise; Jacob Levy Moreno, criador do método de Psicodrama; Abraham Maslow, Carl Rogers, fundadores da Psicologia Humanista; Fritz Perls que produziu a Gestaltoterapia; Eric Fromm, psicanalista humanista que fez a ponte com os filósofos e sociólogos da Escola de Frankfurt que, por sua vez, era formada por diversos intelectuais judeus, tais como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Franz Neumann. Outro filósofo judeu importante que já citamos e que foi professor na Universidade de Frankfurt foi Martin Buber.<sup>145</sup>

#### 1.4.6 A abordagem ICT: dimensões, axiomas e postulados

Ruth Cohn desenvolveu a abordagem de Interação Centrada no Tema entre os anos 50 e 60, com o principal objetivo de promover o que ela chamou de “aprendizagem viva” (*living learning*), isto é, construir um processo de aprendizado que envolvesse todas as dimensões da vida humana: intelectual, espiritual, emocional, física e social. Portanto:

ICT é um conceito de ação abrangente e holístico que tem o objetivo de moldar situações em que os seres humanos interagem, trabalham, vivem e aprendem juntos, de modo a experimentarem-se conscientemente uns aos outros como humanos e humanizantes. O foco está na ação em grupos, equipes e organizações. O ICT

---

<sup>144</sup> ZITTERBARTH. TCI and Philosophy. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 47-49.

<sup>145</sup> STOLLBERG. Jewish-Christian Influences. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 50.

representa um método diferenciado de observação de situações, bem como de controle e acompanhamento de processos sociais.<sup>146</sup>

Este processo pedagógico envolve tarefas como planejar encontros, conduzir atividades e discussões, moderar interações e conflitos, refletir sobre as ideias levantadas, rever o plano e analisar o resultado de todas as etapas. O ICT é fruto da experiência pessoal da autora, bem como de teorias fundamentais de psicanálise, educação e psicologia humanista, e ainda dos pensamentos e valores judaico-cristãos.

O processo de aprendizado vivo e colaborativo que acontece no método de Interação Centrada no Tema se desenvolve através de quatro dimensões: Eu, Isto, Nós e Globo.<sup>147</sup>

*Eu:* É cada participante do grupo percebido na integralidade, história, conhecimento, cultura, personalidade.

*Isto:* É o conteúdo, a preocupação ao redor da qual a interação acontece, a atividade ou tarefa a ser realizada para se construir e se encontrar o tema.

*Nós:* É a dinâmica de interação entre os envolvidos, a compreensão conjunta do grupo, as experiências e histórias partilhadas e construídas entre eles.

*Globo:* São os fatores e circunstâncias que os participantes compartilham em comum, o ecossistema que influencia e é influenciado pelo grupo, isto é, o contexto espaço-temporal e social onde a interação acontece que está implicitamente presente em cada parte do processo.

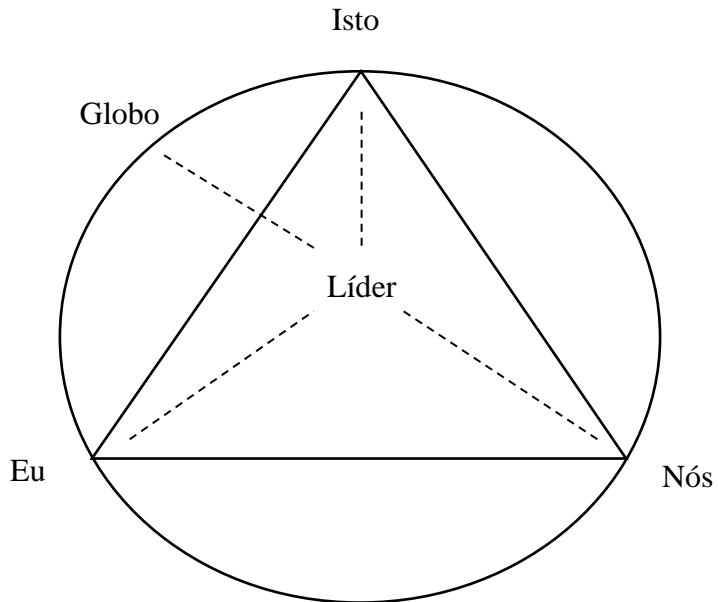
Através da interação em equilíbrio dinâmico das quatro dimensões o tema em comum é encontrado e desenvolvido. Essas dimensões são tradicionalmente representadas pela imagem um triângulo cujos vértices pontuam as dimensões do “Eu”, “Isto” e “Nós”, dentro de uma esfera que simboliza o “Globo”. O líder se posiciona no centro do triângulo para expressar sua observação das dimensões a fim de identificar o tema e discernir adequadamente cada etapa do processo através do princípio de liderança participativa.

---

<sup>146</sup> SPIELMANN, Jochen. What is TCI? In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 14.

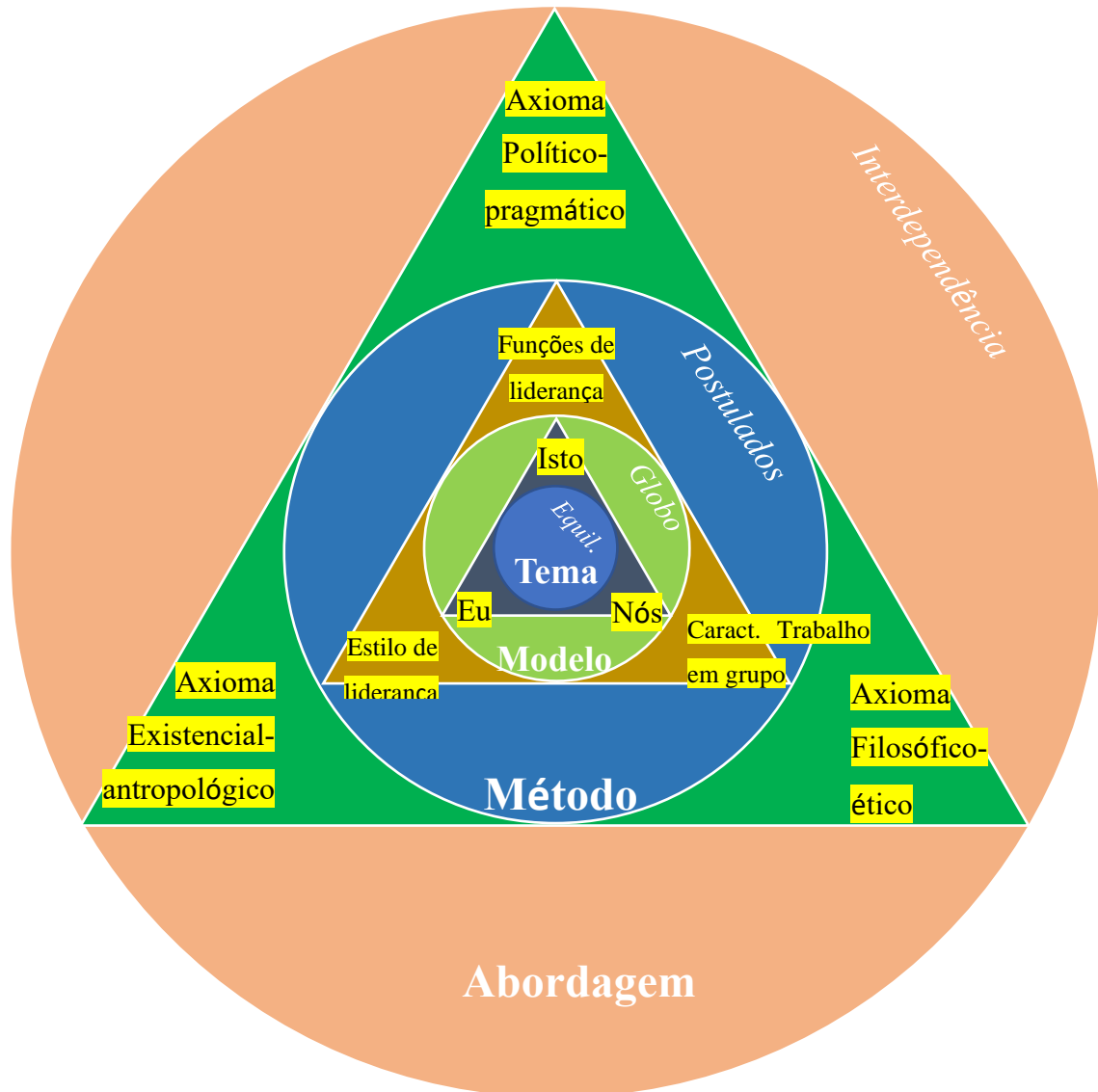
<sup>147</sup> FORSCHUNSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 35.

Figura 7: Representação do método ICT. Fonte: SPIELMANN, Jochen. *What is TCI?* SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 15.



O método de TCI é oficialmente ensinado através de treinamentos promovidos pelo Instituto Ruth Cohn que possui sede em várias cidades alemãs, além de ter se expandido para outros países europeus como Holanda, Bélgica, Áustria, Suíça e Hungria. Este treinamento é direcionado especialmente a formação de liderança participativa e foi aplicado em diversas áreas do conhecimento, tais como psicologia, pedagogia, economia, sociologia e teologia.

Figura 8: Representação geral do ICT com dimensões, funções, princípios e axiomas. Fonte: Mathias Scharer.



Como representado na imagem acima, o método de ICT tem como critério de análise dois postulados: *chairperson* e *distúrbio*. “*Chairperson*” quer dizer seja o seu próprio chefe, isto é, ter uma atitude madura e tomar a responsabilidade por si mesmo e pelas pessoas ao seu redor. O postulado do *distúrbio* significa prestar atenção aos sinais de *distúrbio* durante a interação, seja uma fala, um clima de animosidade causado pela opinião forte de alguém, um gesto ou expressão de emoção, qualquer comunicação que gere discordância e desarmonia no

grupo. Assim, é possível identificar os tópicos de stress e excitação que ajudam a diagnosticar o tema gerador de engajamento do grupo.<sup>148</sup>

Já o trio de axiomas que conduzem o ICT são: antropológico, ético e político-pragmático.<sup>149</sup> A proposição antropológica afirma que a pessoa humana é uma unidade psicobiológica que integra o universo. Isso significa que o ser humano é simultaneamente autônomo e interdependente das pessoas com quem se relaciona e do ambiente em que está inserido. Portanto, o ser humano é livre na medida em que se responsabiliza por si e pelos outros. O aforismo ético segue a linha do primeiro axioma, assegurando o respeito e admiração por tudo o que tem vida, e por isso, tome decisões sustentáveis que promovam o cuidado com o ser humano e com a natureza. O último axioma, político-pragmático, é expressão da fé de Ruth Cohn na humanidade de que a pessoa humana é capaz ampliar os seus horizontes interiores e exteriores, quebrar os condicionamentos sociais, e progressivamente tornar-se livre. Essa liberdade interior e exterior é possível a parti de uma estrutura básica para ser humano se desenvolver, como saúde, capacidade intelectual e de maturação, segurança física, econômica e social.

Por toda sua bagagem de cultura, conhecimento, história e vivências ao longo de sua trajetória profissional e pessoal, Ruth Cohn desenvolveu um conjunto de princípios éticos que estimula a colaboração e responsabilidade de cada pessoa pela vida no mundo, que fomenta o crescimento do espírito de estima e fraternidade. Através do ICT, Ruth Cohn quis mostrar que o sucesso do processo terapêutico de cura ou pedagógico de aprendizagem dependia muito do desenvolvimento de uma relação bem consolidada de confiança, empatia, respeito e reciprocidade entre terapeuta e cliente, educador e educando. Ela acreditava também que a maturação da pessoa humana acontece no equilíbrio dinâmico entre os fatores autonomia e dependência, a linha tênue entre proximidade e distância, a consciência de si e do outro que possibilita o discernimento ponderado e conseqüentemente melhores escolhas. Assim, o ICT pode ser considerado um caminho criativo e inovador para a educação, para a psicologia, para a vida.<sup>150</sup>

---

<sup>148</sup> RUBNER, Angelika. The Psychoanalytic Foundation of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 32.

<sup>149</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 99-103.

<sup>150</sup> REISER, Helmut. The Educational-Pedagogical Fundamentals of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOLF. *Handbook of Theme-Centered Interaction*, p. 42-43.

### 1.4.7 Teologia Comunicativa: a abordagem ICT aplicada na prática teológica

Toda a história, estrutura e premissas da abordagem de Interação Centrada no Tema de Ruth Cohn contém bastante ressonância com o pensamento e prática cristãs, por isso, foi feita a experiência de utilizar o método de TCI na reflexão teológica e prática pastoral. Isso aconteceu de forma definitiva com o desenvolvimento da Teologia Comunicativa. A teóloga croata Jadranka Garmaz<sup>151</sup> (informação verbal) acredita que a Igreja precisa melhorar sua prática comunicativa. Ela observa que muitas vezes o conteúdo está correto, mas a forma de comunicá-lo errada, então a mensagem é mal entendida ou não chega a alcançar a vida das pessoas. A teóloga diz ainda que a teologia deveria estar mais atenta a esta questão, uma das razões da relevância da Teologia Comunicativa para trazer novos ares a teologia católica.

O diferencial da Teologia Comunicativa é o seu olhar direcionado ao evento comunicativo. Um olhar hermenêutico que não é distante, mas é compartilhado com todos aqueles que participam do grupo. Um olhar que é sensível ao que acontece no diálogo, que se deixa tocar pelos outros, mas ao mesmo tempo, mantém sua identidade e opinião próprias.<sup>152</sup> Isso significa que os “teólogos devem manter um equilíbrio entre seu envolvimento no processo e sua habilidade de interpretar o evento de tal forma que a sua liderança permaneça possível”.<sup>153</sup>

O tipo de abordagem da Teologia Comunicativa não pode ser abarcado por uma hermenêutica tradicional. Foi necessário encontrar uma hermenêutica que facilitasse a participação no evento comunicativo e que simultaneamente promovesse a compreensão do processo. Scharer e Hilberath encontraram estes pré-requisitos para o desenvolvimento de seu modelo comunicacional em teologia na abordagem ICT. Esse modelo hermenêutico oriundo da psicoterapia é pensado para a comunicação em grupo e fornece os componentes necessários para se produzir uma teologia entendida como ciência da prática da fé. O ICT não é praticável apenas no âmbito teológico e eclesial, pessoas de diversas áreas de formação buscam aprender este método a fim de treinar sua percepção e habilidade no processo de comunicação e entender como várias perspectivas reunidas em uma discussão podem manter um equilíbrio dinâmico que respeita e valoriza essas diferentes visões.

---

<sup>151</sup> Jadranka Garmaz é doutora em Teologia e Professora de Pedagogia Religiosa e Catequética na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Split, com conhecimento e prática em Teologia Comunicativa. As informações relatadas foram obtidas em entrevista concedida a autora da tese durante o Seminário de Pesquisa Internacional de Pedagogia Religiosa e Catequética ocorrido de 24 a 27 de setembro de 2018, em Split, Croácia.

<sup>152</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 23.

<sup>153</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 24.

Assim, o aproveitamento do ICT na teologia comunicativa capacita o participante, em especial, o teólogo/líder do grupo, a se envolver inteiramente em um processo teológico em que cada um se torna parte integrante e fundamental. “Toda a sua vida será assim investida no processo da teologia comunicativa, sua audição e pensamento, seu sentimento e ação, sua oração e busca, seu regozijo e lamento - tudo o que define a sua comunicação”.<sup>154</sup>

No início da construção da teologia comunicativa simplesmente empregava-se o método ICT no modo de se fazer teologia. Com o tempo e experiência, os pesquisadores foram desenvolvendo seus próprios axiomas, postulados e compreensões do processo pedagógico, superando sua base original. Segundo Jadranka Garmaz (informação verbal), o ponto de intersecção fundamental entre a teologia comunicativa e o ICT consiste no esforço por comunicar, aprender e ensinar de uma maneira que exerçamos nossa responsabilidade de cuidarmos e tornarmos o mundo mais belo, justo e melhor.

A Teologia Comunicativa compreende as quatro dimensões do ICT como:

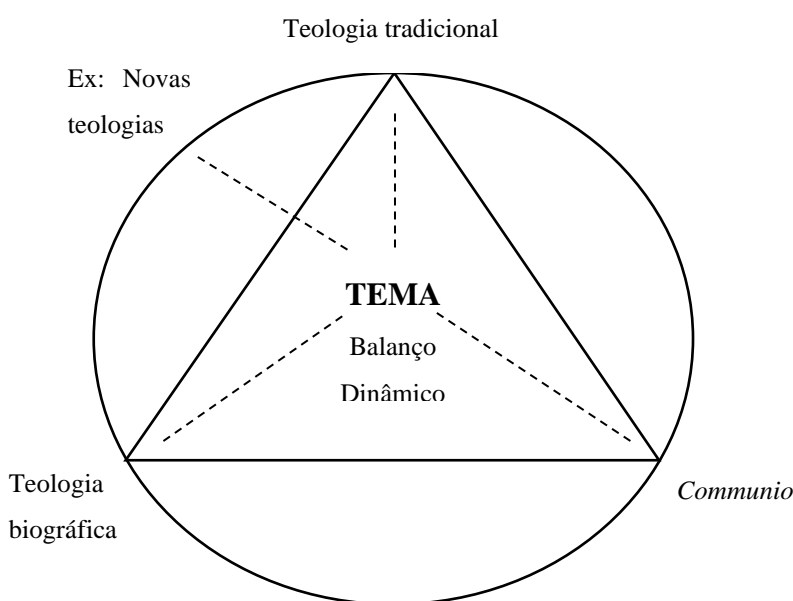
*Eu:* A dimensão de experiência pessoal de vida e fé.

*Isto:* A dimensão do testemunho bíblico na sua transmissão viva e nas outras tradições religiosas.

*Nós:* “O dom Nós” representa a dimensão eclesial e outras formas de comunidade.

*Globo:* A dimensão do contexto social e experiência do mundo.

Figura 9: Representação da Interpretação do ICT na Teologia Comunicativa. Fonte: Matthias Scharer .



<sup>154</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 25.

Matthias Scharer (informação verbal) sugere usar a metáfora visual do triângulo na esfera de Ruth Cohn para melhor compreender como a Teologia Comunicativa funciona. Assim o “Eu” torna-se teologia biográfica, o “Nós” eclesiologia do tipo *Communio*, o “Isto” é a teologia tradicional, e o globo pode trazer à discussão as novas teologias. Todos os fatores do diálogo interagindo num equilíbrio dinâmico para compor o “Tema”.<sup>155</sup>

Encontrar o tema é a meta principal da TC. O tema não é simplesmente um conteúdo a se debater com o grupo, ele é entendido de maneira mais complexa como a forma, o conteúdo e a experiência, o encontro interativo entre a teoria e a prática. Para isso, você precisa equilibrar e combinar os níveis dinamicamente. Hilberath explica que no centro da interação estão os temas e não as pessoas, mas a partir dos temas se chegam nas pessoas: “Como eu olho para o tema, como nós olhamos para o tema e como a tradição olha para o tema” (informação verbal).<sup>156</sup>

Scharer partilha que, quando você trabalha durante uma semana com um grupo, você nunca sabe o que vai acontecer naquela semana. Começamos com alguma ideia do que queremos, mas é um trabalho duro encontrar o tema. O líder, junto com a equipe de apoio quando houver uma, tem que estar sempre planejando e analisando o processo a cada etapa e identificando na experiência o que é o “Eu”, o “Nós”, o “Isto”, o “Tema”. Quando se exerce a liderança, às vezes é preciso jogar contra o grupo, se o “nós” do grupo é muito forte e tem um tipo de experiência e visão de mundo dominante. O tema também é considerado uma forma de verbalização, isto é, de expressar em palavra um assunto que toca concretamente todas as pessoas do grupo.

Para Scharer, o tema é uma linguagem viva que se apresenta de uma maneira diferente em cada grupo e muda conforme o contexto. Scharer explica que o bom tema ajuda a todos em sua situação biográfica: “Quando eu tento encontrar o tema, nunca fico preso a um papel para eu poder olhar nos olhos das pessoas, pois isso tem que ser construído profundamente dentro de mim e trabalhado dentro da minha realidade” (informação verbal).<sup>157</sup> Portanto, o tema não pode ser tão abstrato, tem que ser concreto e ter consequências. Hilberath também partilha como constrói o tema com os grupos:

É um trabalho processual onde a questão primordial a ser colocada é: O que nesse momento as pessoas precisam? O que elas estão buscando? Qual a situação que elas se encontram? Qual a questão do dia? Qual método eu posso utilizar para trabalhar essas questões? Pode ser através de um momento pessoal, uma conversa em dupla ou

<sup>155</sup> Entrevista com Matthias Scharer concedida à autora da tese.

<sup>156</sup> Entrevista com Bernd J. Hilberath concedida à autora da tese.

<sup>157</sup> Entrevista com Matthias Scharer concedida à autora da tese.



outro método, para que as pessoas se vejam na própria situação e possam elaborar como mudar. A partir desse movimento, qual é o resultado teológico de reflexão que se pode propor? O que vem a partir de agora? Depois pode se propor um novo tema ou aprofundar o assunto (informação verbal).<sup>158</sup>

Dessa forma, a Teologia Comunicativa ajusta criticamente o método ICT à realidade teológica e eclesial, utilizando suas técnicas de interação e planejamento de grupo, nos trabalhos teológicos e pastorais. “Assim, nessa transposição à teologia, o ICT transcende o significado de suas dimensões, níveis, axiomas e postulados, recebendo novos atributos, visão de mundo e horizonte de sentido”.<sup>159</sup>

Essa transferência da dimensão metodológica para a teológica foi gradual, acontecendo a partir de experiências teológicas e eclesiais. Uma experiência marcante que inspirou a interpretação da dimensão “Nós” como “*the gifted We*”, que poderíamos traduzir como “o dom Nós”, aconteceu em uma visita de Scharer ao norte do Brasil onde participou de um Encontro das Comunidades Eclesiais de Base. Scharer contou, durante uma Celebração Eucarística no Maranhão, vieram 35 homens e mulheres vestidos de branco no ofertório representando os mártires do povo, pois faziam memória aos milhares de trabalhadores capturados pelo regime militar cujo paradeiro era desconhecido. “Essa Eucaristia representou realmente para mim não só a memória, o passado de Jesus, mas o presente. Nessa Eucaristia veio a minha mente a ideia, o termo “*the gifted We*”, nós não podemos fazer isso sozinhos, eu não posso fazer isso sozinho, mas o “Nós” pode acontecer, sobretudo porque é dom dado por Deus” (informação verbal).<sup>160</sup>

Scharer explica que o “Nós” é um fator muito sensível, vem do ICT, mas vai além. Ele descreve o “Nós” como um dom, mas também como um perigo. Porque quanto mais forte e conciso é o “Nós”, mais exclusão pode ocorrer. Scharer dá o exemplo do nazismo, cujo “Nós” era muito forte, foi instrumentalizado para gerar uma alta identificação. Ele sempre se surpreendeu com a Ruth Cohn que sofreu com a experiência do “Nós” fechado da ditadura nazista e fascista desenvolveu um método com uma dimensão “Nós” com alta identificação de grupo, ainda mais com sua bagagem psicanalítica do divã. Scharer analisa que Ruth teve resistência com o “Nós” durante seu tempo na América, mas por fim superou suas más experiências e abraçou o “Nós”. O “Nós” é mais que a soma das partes, está conectado com o Universo, com o cosmos todo, toda a humanidade faz parte do “Nós”. Portanto, o “Nós” não é fechado, mas aberto a todo o cosmos, toda a humanidade, toda a criação (informação verbal).

<sup>158</sup> Entrevista com Bernd J. Hilberath concedida à autora da tese.

<sup>159</sup> SILVA, Aline Amaro da. Juventude e Teologia Comunicativa. *Teocomunicação*, p. 9.

<sup>160</sup> Entrevista concedida a autora da tese.

Na TC a dimensão do “dom Nós” é muito importante, identificado com os grupos de pertencimento, mas aberto ao “Globo”. Scharer esclarece que o “Nós” é conectado com o Globo, mas é distinto a ele. O Globo poderia ser um contexto muito próximo e específico, como um grupo sentado numa sala. O Globo influencia o “Nós”, como nos comunicamos, o que é importante para nós, sobre o que falamos. O pesquisador conta ainda que Ruth Cohn gastou os últimos 20 anos estudando o fator “Globo” que é constituído também pelos fatores históricos e políticos no qual estamos inseridos (informação verbal).

O sentido teológico do “Globo” está especialmente ligado à eclesiologia de comunhão desenvolvida por Hilberath. No CVII há as duas imagens eclesiológicas – Povo de Deus e *Communio*. Para Hilberath, *Communio* é Povo de Deus. Ele coloca as duas categorias juntas, sem contradição ou rivalidade, juntas são teologia de comunhão. Scharer recorda que quando Hilberath conheceu esse fator “Globo”, ele ficou muito feliz, pois entendeu que nesse jeito diferenciado de fazer *Communio* está contemplada a tradição e a experiência do Povo de Deus, sempre contextual (informação verbal).<sup>161</sup>

Na representação da Teologia Comunicativa se agrega ao cenário do ICT a autocomunicação de Deus na criação, história e encarnação. Linhas são introduzidas para expressar a localização e expansão que vai do centro do mistério de Deus até tocar e ir além de todas as quatro dimensões representadas pelo TCI, aprofundando seu sentido teológico.<sup>162</sup> Portanto, os quatro elementos do ICT ligam-se à fonte central de conhecimento teológico e assim se desenvolve as quatro dimensões decisivas para a hermenêutica da teologia comunicativa: a experiência pessoal; a experiência de comunhão; o testemunho bíblico através da relação aberta e dinâmica com outras tradições religiosas; a atenção ao contexto social e experiência de mundo particular e comunitária. O “Globo” é o contexto geral no qual a Teologia Comunicativa está inserida e que, portanto, afeta todos os aspectos da comunicação da fé e da teologia.<sup>163</sup>

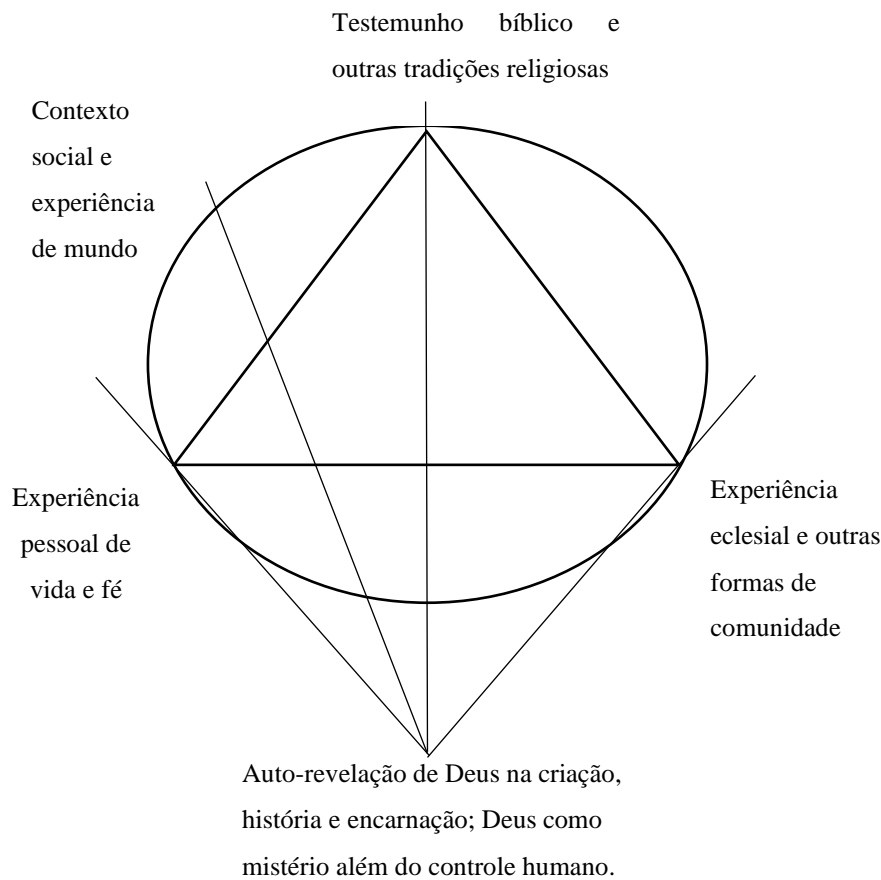
---

<sup>161</sup> Entrevista com Matthias Scharer concedida à autora da tese.

<sup>162</sup> FORSCHUNSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 53.

<sup>163</sup> HILBERATH; SCHARER. *The practice of Communicative Theology*, p. 33.

Figura 10: Representação das dimensões da Teologia Comunicativa. Fonte: Imagem baseada nas ilustrações de FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 79, 87, 93.



A Teologia Comunicativa faz uma crescente complexificação do método de ICT através da reinterpretação e inclusão de novos níveis, dimensões, princípios, axiomas e opções teológicas. Dessa forma, a TC distingue três níveis teológicos:

1. Envolvimento direto imediato;
2. Experiência e interpretação;
3. Reflexão científica.<sup>164</sup>

Estes três níveis entrelaçados proveem uma compreensão teológica sobre o processo teológico em que todas as pessoas podem participar com suas experiências. O primeiro e segundo níveis acontecem no momento da interação do grupo. O terceiro nível é consequência dos anteriores e pode se desenvolver no próprio processo comunicativo do grupo, em subgrupos de trabalho ou individualmente. Scharer explica que:

<sup>164</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 75-81.

Em um Encontro de Teologia Comunicativa, você vai perceber a dinâmica processual fluindo entre esses três níveis, oscilando entre um e outro, às vezes, destaca-se mais o encontro, às vezes a experiência, e às vezes precisamos fazer uma reflexão mais sistemática (informação verbal).<sup>165</sup>

O grupo de pesquisa em Teologia Comunicativa acredita que a teologia é um processo complexo de comunicação que busca entender e interpretar a Tradição bíblica e a realidade atual através de quatro dimensões horizontais e três níveis de comunicação verticais que se inter-relacionam e produzem um complexo lugar teológico conforme a noção de Melchor Cano.<sup>166</sup> Assim, o método ICT não permeia a teologia comunicativa somente em termos de teologia, mas o seu uso sugere o encontro e definição de novos locais específicos ou fontes de conhecimento, os “*loci theologici*”, inter-relacionadas biograficamente, interativamente, tradicionalmente e contextualmente. Sendo assim, a tarefa central da TC “é reconhecer no dinamismo carregado de conflitos gerado pelas ligações cruzadas das dimensões e níveis uma força dinâmica que não é apenas teologicamente relevante, mas também geradora de teologia”.<sup>167</sup>

A teologia comunicativa toma os axiomas do ICT e reinterpreta-os de maneira própria com base na tradição judaica-cristã:

1. O ser humano em relação comprometida e livre;
2. Criação e encarnação tratadas com reverência e respeito;
3. Limitação e expansão das fronteiras do desejo de Deus pela salvação universal da humanidade.<sup>168</sup>

O primeiro aforismo quer demonstrar que a pessoa humana é ser em relação, à exemplo da Trindade, e por isso, livres e comprometidos uns com os outros. Fazendo uma releitura do princípio ético do ICT, a teologia comunicativa entende todos os seres animados e inanimados como Criação de Deus, por essa razão merecem reverência e respeito. O terceiro princípio se preocupa tanto com a condição humana terrena quanto com o destino escatológico do ser humano. Assim, este axioma busca conduzir o ser humano a viver justa, livre e misericordiosamente, preparando-o para viver as bem-aventuranças na eternidade. Em suma:

---

<sup>165</sup> Entrevista com Mathias Scharer concedida a autora da tese.

<sup>166</sup> HILBERATH; SCHARER. *Kommunikative Theologie*, 2007, p. 19 e p. 59.

<sup>167</sup> FORSCHUNSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 59.

<sup>168</sup> FORSCHUNSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 95-102.

“Fazer teologia comunicativa significa perceber o mundo de hoje como ele realmente é e deixar-se ser tocado por ele”.<sup>169</sup> A TC complementa o método de Ruth Cohn ao colocar quatro princípios como alicerce:

1. Opção pela misericórdia e pela igualdade baseada na graça contra toda a fantasia e ambição de poder;
2. Opção pelos fracos e empobrecidos;
3. Opção de permanecer mesmo em situações difíceis de suportar;
4. Opção pela contemplação e por uma mistagogia mística.<sup>170</sup>

Já declarado por Hilberath e Scharer em informação verbal<sup>171</sup>, o segundo princípio deixa explícita a influência da teologia latino-americana na TC por sua opção preferencial pelos pobres. Outro princípio que merece destaque é a opção mistagógica. É característica do processo teológico comunicativo o silêncio e a contemplação, não como algo secundário, mas como experiência mística fundamental no processo e lugar privilegiado de *insights* teológicos.<sup>172</sup> O grupo de pesquisa em Teologia Comunicativa destaca ainda cinco modelos metodológicos de aplicação da Teologia Comunicativa:

1. Centralização em temas como uma escola de linguagem teológica;
2. Liderança participativa como um desafio eclesial;
3. Presidência como um poder de desafio teológico;
4. Distúrbio como um poder de discernimento teológico;
5. Abertura e impossibilidade de fechamento definitivo que irradia do processo teológico.<sup>173</sup>

Um dos princípios da Teologia Comunicativa é dar atenção aos pontos de distúrbio e dissenso do grupo. Isso nos ajuda a perceber que, por contraditório que pareça, na comunhão geralmente há mais divergência do que convergência de jeito de ser, pensar e agir. No processo de encontro e diálogo com o outro se deve preservar a própria identidade e integridade, mas sem medo de se abrir ao conhecimento do diferente de mim. A partilha, a empatia, o respeito,

<sup>169</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 71.

<sup>170</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 107-113.

<sup>171</sup> Entrevistas com Bernd Jochen Hilberath e Mathias Scharer concedidas a autora da tese.

<sup>172</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 113.

<sup>173</sup> FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. *Kommunikative Theologie*, p. 115-131.

o acolhimento ao outro que geram o amor-comunhão. “O nosso único Deus é “três” e a “comunhão-na-diferença” que caracteriza a vida íntima de Deus é reflexa e operante no único plano que Pai, Filho e Espírito idearam para a relação deles com a humanidade na revelação e na salvação”.<sup>174</sup>

Mathias Scharer (informação verbal) explica que a Teologia Comunicativa forma e conteúdo não se separam, então, a TC não é um método que se utiliza para trabalhar com um público, mas é “o que” e “como” os sujeitos se relacionam e refletem em conjunto, sempre cultivando uma intensa preocupação com a vida das pessoas.<sup>175</sup> Dessa forma, a TC aclara os princípios, dimensões e níveis do método de Ruth Cohn à luz da revelação cristã e os supera, produzindo uma cultura teológica original.

Com suporte e estrutura bem desenvolvida adaptada do método de ICT, a Teologia Comunicativa se apresenta como uma prática adequada ao trabalho teológico acadêmico e pastoral com a juventude digital. A ideia de fazer teologia de forma comunitária dentro de uma dinâmica comunicativa dialógica viva é um grande incentivo ao processo de revitalização das ciências teológicas e responde aos anseios dos novos sujeitos eclesiais por uma teologia mais pública, aberta ao diálogo com a sociedade, pertinente e transformadora. A contribuição da TC é proporcionar, através do ICT, um modo de se encontrar e interagir, olhar nos olhos e ouvir o outro com suas vivências desconhecidas a mim, um diálogo fecundo entre pessoas de diferentes contextos e culturas, criando um ambiente seguro para sermos nós mesmos e sermos melhores com o outro, gerando um espaço entre nós que nos conecta, nos une, nos faz um só Povo de Deus, nos faz *Communio* de pessoas. Todos os elementos descritos aqui são os critérios seguidos para o desenvolvimento da prática de Teologia Comunicativa em grupos de jovens relatada na segunda seção deste estudo.

## 1.5 CIBERTEOLOGIA E TEOLOGIA DIGITAL: PENSAR A FÉ NOS TEMPOS DIGITAIS

A terceira corrente teológica que fundamenta esta tese é a Ciberteologia. Este novo campo teológico é muito recente, 2012, e ainda em construção, por isso, vamos descrevê-lo neste tópico baseados nos resultados da pesquisa antecedente da dissertação de mestrado

---

<sup>174</sup> DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões*, p. 15.

<sup>175</sup> Entrevista concedida à autora.

intitulada “Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede” de 2015, umas das primeiras pesquisas teológicas sobre este tema no Brasil.<sup>176</sup>

A religiosidade está presente desde o início da internet, e sempre há um pensamento teológico por trás da prática de fé, ainda que implícito. Diversos trabalhos científicos foram elaborados na área de sociologia e em áreas afins sobre o fenômeno da cultura digital. Na teologia, esse tipo de reflexão ainda é uma novidade, mas cresce cada vez mais o interesse pelo tema por parte da Igreja e da academia. Especialmente agora com a pandemia que acelerou a digitalização da sociedade, o que talvez fosse visto como uma teologia da moda, tornou-se reflexão essencial para a teologia e a pastoral.

Desde o Concílio Vaticano II, a comunicação social entrou na pauta de discussões da Igreja. Vários documentos eclesiais comentam o fenômeno da mídia de massa, que era a forma de comunicação característica daquele momento, tais como “*Communio et Progressio*”, de 1971, “*Redemptoris Missio*”, de 1990, e “*Aetatis Novae*” de 1992.

Durante o pontificado de João Paulo II, a rede se expandiu e se popularizou. Por isso, neste período, algumas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações voltaram-se, pela primeira vez, à comunicação digital. Alguns documentos eclesiais também orientam, a nível pastoral, como os cristãos devem utilizar este novo meio de comunicação. São eles: “Igreja e Internet” e “Ética na Internet”, ambos de 2002, “O Rápido Desenvolvimento”, de 2005. Ao longo do pontificado de Bento XVI, em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, houve uma crescente compreensão e um processo de descoberta da identidade e essência da internet por parte da Igreja. É notável em todos os documentos escritos pelo Papa Francisco a presença da questão digital, nem que seja um breve comentário de uma frase, isso se deve pelo fato de que Francisco sempre reflete sobre temas relevantes e concretos da realidade e da fé, e a cultura digital permeia hoje toda a nossa realidade. Então, se o papa fala sobre ecologia, a tecnologia digital pode se relacionar com o cuidado da casa comum, com o meio ambiente e a cultura do descartável, por exemplo. Atualmente a cultura digital pode ser relacionada com qualquer aspecto da realidade humana.

Anteriormente na pesquisa de mestrado, encontrei autores brasileiros e internacionais que se aproximam da temática da Ciberteologia. Podemos dividir entre aqueles que estudam a interação fé, religiões e cultura digital a nível sociológico e comunicacional e aqueles que pensam na perspectiva teológica. No campo das ciências da religião e comunicação, a nível

---

<sup>176</sup> SILVA, Aline Amaro da. *Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede*. Diss. (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes. Porto Alegre, 2015, p. 44-50.

nacional destacam-se: Joana Puntel, Helena Corazza, Pedro Gilberto Gomes, Moisés Sbardelotto e Walter Avellar. No âmbito internacional, recordamos os nomes de Heidi Campbell, Morten Hojsgaard e Margit Warburg, Rachel Wagner e Margareth Wertheim.

Representando a área ciberteológica no Brasil, existem apenas algumas dissertações de mestrado, como a minha própria dissertação sob o título “Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede”, de 2015, PUCRS; e uma defendida mais recentemente em 2017 – “A Igreja diante da cultura midiática digital: Desafios, caminhos e perspectivas” – de Andréia Durval Gripp Souza, PUC-Rio. Outras anteriores se aproximam da temática: “A fé cristã na era digital: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte e a experiência religiosa na internet”, de Jurema Andreolla, 2012, PUCRS; e “Cristo na era digital: interface da comunicação digital com a cristologia de J. Moltmann”, de Maiko Deffaveri, 2011, PUCRS.

O que se tem de mais expressivo e concreto teologicamente está no âmbito internacional. Uma das primeiras tentativas do diálogo entre teologia e tecnologia foi da teóloga e cientista da computação americana Jeniffer Cobb, com o livro “*Cybergrace: The search for God in the digital world*”, de 1998. Especialmente em língua inglesa e na área protestante surgiram eclesiologias digitais em construção, tais como: “*Thy Kingdom Connected: What the Church Can Learn from Facebook, the Internet, and Other Networks*”, de Dwight J. Friesen, 2009; e “*Open Source Church: Making Room for the Wisdom of All*”, de Landom Whitsitt, 2011. Somente em 2012 que a teologia católica teve representação com a obra “Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede”, de Antonio Spadaro.

Por isso, a Ciberteologia é teologia e não mais um tipo de estudo sociológico sobre a religiosidade na internet, mas “resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver”.<sup>177</sup>

### 1.5.1 A rede como lugar teológico

Antes de abordar as etapas de construção do conceito de Ciberteologia, precisamos entender a natureza da rede. Inicialmente a internet foi considerada um novo meio de comunicação, com o tempo, percebeu-se que ela não se adequava ao conceito de mídia de massa. Então, criou-se o termo ambiência para significar que o ciberespaço era um ambiente

---

<sup>177</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*, p. 41.



desterritorializado. Mas que tipo de lugar é mesmo o ambiente digital? Podemos afirmar que se trata de um espaço antropológico, pois é um ambiente digitalmente frequentado por pessoas. Conseqüentemente é um espaço ético, pois os seres humanos que nela estão podem realizar ações de boa ou má fé. O ciberespaço é ainda um ambiente sócio-político, de expressar opiniões e manifestos, organizar passeatas e encontro de discussão pública, por isso é considerado a nova praça pública.

Desde a criação da internet, surgiram manifestações religiosas na web, igrejas e comunidades on-line, espiritualidades mistas, ecumênicas e neo-paganismo. Por isso, é fácil constatar que a internet é um lugar sagrado, espaço de prática da fé onde acontecem manifestações do sagrado. A Ciberteologia vai além e coloca a internet no nível de lugar teológico, tanto segundo a teologia do Vaticano II dos sinais dos tempos – acontecimentos que marcam o tempo e a história – quanto como as categorias clássicas de Melchor Cano dentro dos lugares teológicos alheios – conhecimento oriundo da razão e história humanas. Portanto, a rede é o lugar social de onde o teólogo se situa para ler a sua fé e o mundo ao seu redor à luz da fé.

### 1.5.2 A construção do conceito

O conceito de Ciberteologia que utilizamos foi criado em 2012 pelo jesuíta italiano Antonio Spadaro. No entanto, o termo já havia sido utilizado antes com significados distintos que podemos considerar como o início da construção do conceito.

Susan George apresenta em sua pesquisa quatro formulações para o termo Ciberteologia.<sup>178</sup> A primeira definição considera Ciberteologia uma teologia da comunicação digital que estuda o significado da comunicação social nos tempos de internet e das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). A segunda é um estudo pastoral da evangelização neste novo areópago digital, levando em consideração suas características. A terceira conceitua Ciberteologia como uma fenomenologia da presença religiosa na web. A quarta conceituação entende Ciberteologia como a busca no ciberespaço por manifestações espirituais.

Já a pesquisa de Debbie Herring traz outras três distinções que contribuem também para a construção do campo ciberteológico.<sup>179</sup> Teologia “na” internet seria o estudo do conteúdo

---

<sup>178</sup> GEORGE, S. *Religion and technology in the 21st Century*, p. 182.

<sup>179</sup> HERRING, D. apud SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 40.

teológico disponível na rede. Um exemplo disso é a Revista Ciberteologia das Paulinas, um periódico acadêmico on-line que não necessariamente possui artigos teológicos sobre a internet, mas tem esse nome por ser uma revista teológica on-line. Teologia “da” internet são as pesquisas teológicas que buscam compreender o fenômeno da rede. Teologia “para” a internet consiste na catalogação de páginas web que tem como proposta fazer teologia no ciberespaço.

Essas formulações, embora sejam corretas e mostrem a importância de estudar teologicamente a cultura da internet, elas não abrangem tudo o que o campo ciberteológico significa e abarca. Segundo Antonio Spadaro (informação verbal), o estudo ciberteológico nasce de duas experiências: a vivência da fé e da rede.<sup>180</sup> Não se pode estudar e entender Ciberteologia sem alguma delas. Dessa forma, a reflexão ciberteológica nasce da experiência da fé que busca o entendimento, demonstrado na fórmula teológica “*fides quarens intellectum*”.

A Ciberteologia de Spadaro segue o seguinte raciocínio: Já afirmava o Concílio Vaticano II que a tecnologia muda nossa forma de pensar.<sup>181</sup> Portanto, a internet modifica nossa maneira de pensar, pois elabora novas formas de comunicação e linguagem. Se entendemos teologia na sua conceituação clássica “*intellectus fidei*”, pensar a fé, então, a experiência da rede modifica também nossa forma de fazer teologia na atualidade.

É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos da rede, isto é, a reflexão sobre a pensabilidade da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos à reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica da rede [...] possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de compreender a Igreja e a comunhão eclesial, a Revelação, a liturgia, os sacramentos: os temas clássicos da teologia sistemática.<sup>182</sup>

Spadaro considera este tipo de reflexão importantíssima, pois está clara a influência da internet na construção da identidade religiosa contemporânea. O jesuíta italiano havia percebido isso já em 2012, quando não existia uma experiência de fé no ambiente digital tão significativa quanto o que vivemos neste período de pandemia. Por essas razões, a Ciberteologia não deve ser considerada apenas um estudo sobre o fenômeno religioso e cultura digital, mas teologia, um conhecimento baseado na fé, “resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver”.<sup>183</sup>

<sup>180</sup> Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

<sup>181</sup> *Gaudium et spes*, n. 5.

<sup>182</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*, p. 40.

<sup>183</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*, p. 41.

Segundo Spadaro (informação verbal) o método do fazer ciberteológico é separado em quatro passos: experiência, reflexão, ação e avaliação.<sup>184</sup> Ele ainda elucida que a comunicação tomou tão grande relevância na sociedade contemporânea que não é mais algo que possa ser separado, diferenciado da vida. A partir desse entendimento, a Ciberteologia não deve ser considerada uma teologia da comunicação, pois não tem como objeto de estudo a comunicação em si, isolada, mas analisa a vida hipercomunicativa que as pessoas têm hoje na era cibernética. “Assim, este estudo é apenas o início de uma reflexão teológica inculturada na dinâmica digital que contribui no aprofundamento da fé em linguagem atual”.<sup>185</sup>

A Ciberteologia também não se encaixa totalmente em uma teologia contextual, pois o contexto da rede não é local, isolável, mas faz parte da vida cotidiana de pessoas em todo o globo. Mais do que tentar formular respostas, o principal trabalho da Ciberteologia hoje é suscitar questões importantes sobre a vida, cultura e fé, para que a teologia reencontre seu papel e relevância na construção do bem comum da sociedade em rede.

Sinteticamente, podemos dizer que a internet permeia a realidade humana diária de tal maneira que está mudando a forma dos seres humanos pensarem. Se a rede transforma o modo como se pensa, também muda a própria antropologia. Se a cultura digital modifica as características humanas, conseqüentemente, muda a maneira de pensar e viver a fé. Como a teologia é entendida como *intellectus fidei*, pensar a fé, chegamos a conclusão de que a internet também altera a maneira como se faz teologia hoje.<sup>186</sup>

Percebe-se, dessa forma, a necessidade de uma atualização da teologia e da comunicação, de um “esforço para que a Igreja caminhe com os tempos, na sua linguagem, na continuidade do Magistério da Igreja que pede insistentemente que se realize o diálogo entre fé e cultura”.<sup>187</sup> A Ciberteologia vem tanto resgatar o papel da teologia e do próprio Cristo na sociedade contemporânea global; quanto alertar para a necessidade de aperfeiçoamento não só do discurso evangélico, mas também da vivência de fé, para que se faça entender nesse ambiente totalmente novo e que exige conhecimento interdisciplinar. Nota-se, assim, a demanda por uma reflexão teológica que toque na vida humana hodierna e que fale a linguagem das pessoas deste tempo, possibilitando aproximação e diálogo.

---

<sup>184</sup> Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

<sup>185</sup> SILVA, Aline Amaro da. Ciberteologia. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Anais do 28º Congresso Internacional da Soter*, p. 404-405.

<sup>186</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*.

<sup>187</sup> PUNTEL, Joana T. *Igreja e sociedade*, p. 157.

### 1.5.3 Teologia Digital

Na teologia protestante, denominou-se teologia digital a reflexão teológica sobre a revolução digital e suas amplas consequências para o ser humano e seu mundo. Embora muito próximas e às vezes colocadas como sinônimos, existem algumas diferenças entre Ciberteologia e teologia digital. A Ciberteologia, desenvolvida e popularizada na teologia católica, enfatiza a relação da teologia com a internet. Por isso, se define como pensar a fé cristã nos tempos da rede, isto é, faz uma releitura dos temas clássicos da teologia a partir da lógica da rede, podendo realizar uma abordagem sistemática, pastoral ou ética. Outra expressão com concepção semelhante à Ciberteologia é a *Network Theology*, teologia da rede, com obras e artigos na teologia protestante de teólogos como Tim Hutchings<sup>188</sup>, título do artigo de revisão de obras relacionadas a eclesiologias emergente do ciberespaço, publicado em 2012; Stephen Garner e Heidi Campbel, título da obra teológica em conjunto, lançada em 2018.<sup>189</sup>

Por sua vez, a teologia digital – nascida oficialmente em 2014 com a fundação do *CODEC Research Centre for Digital Theology*, na Universidade de Durham, Inglaterra – é concebida como um campo mais abrangente e integra o amplo leque das Humanidades Digitais.<sup>190</sup> Ela abarca qualquer pesquisa teológica ligada aos fenômenos digitais contemporâneos, como a inteligência artificial e autômatas, informática, produtos culturais como *games* e aplicativos com conteúdo cristão ou como um app da Bíblia, o que isso muda em nossa experiência de fé. Este centro teológico inglês possui um *Master of Arts* em Teologia Digital com três linhas de pesquisa: instrução bíblica, cultura digital e pregação contemporânea.<sup>191</sup>

A rede digital ajudou os trabalhos existentes em ciberteologia e teologia digital circularem internacionalmente e os pesquisadores se encontrarem e formarem redes de colaboração. No Brasil, uma das iniciativas é um grupo no Whatsapp chamado Ciberteologia que agrega acadêmicos das áreas de comunicação, ciências da religião e teologia, que partilham materiais e discutem temas emergentes sobre Igreja e comunicação, mídia e religião, teologia e cultura digital. No campo internacional, há dois grupos que se destacam: *Network for New Media, Religion and Digital Culture Studies* – Rede de Estudos de Novos Meios de

<sup>188</sup> HUTCHINGS, Tim. Network Theology. *Journal of Religion, Media and Digital Culture*, p. 1-14.

<sup>189</sup> CAMPBELL, Heidi A; GARNER, Stephen. *Networked Theology*.

<sup>190</sup> ANDERSON, Clifford. Digital Humanities and the Future of Theology. *Cursor*, p. 75-103.

<sup>191</sup> PHILIPS, Peter et al. Defining Digital Theology. *Open Theology*, p. 30.

Comunicação, Religião e Cultura Digital – e *Global Network for Digital Theology (GoNeDigital)* – Rede Global para Teologia Digital.

Iniciativa criada em 2010 através de uma bolsa do Projeto Evans/Glasscock de Humanidades Digitais na Universidade A&M do Texas, a *Network for New Media, Religion and Digital Culture Studies* é voltada a acadêmicos e estudantes interessados em pesquisar assuntos emergentes do encontro entre religião, cultura digital e as novas mídias. A Rede tem como objetivo oferecer um espaço para estudiosos interagirem, compartilharem recursos, notícias e eventos das áreas relacionadas.<sup>192</sup>

De acordo com seus criadores, a *GoNeDigital* é um fórum, que utiliza a plataforma de grupo privado do Facebook<sup>193</sup> e tem um canal no Youtube<sup>194</sup>, destinado a quem se interessa na investigação teológica da cultura e tecnologia digitais. Com representantes da teologia católica e protestante, uma das metas do grupo é contribuir colaborativamente para a definição e consolidação da teologia digital como um campo de estudo teológico relevante. A rede é tecida num espírito de colegialidade, colaboração e interdisciplinaridade. A *GoNeDigital* não se preocupa apenas com o diálogo acadêmico, a rede engaja-se também em discussões sobre experiências religiosas, indústria tecnológica e movimentos políticos.

A TD definiu quatro ondas de atuação:

DT 1: O uso da tecnologia digital para comunicar ou ensinar teologia como um acadêmico tradicional

DT 2: A pesquisa teológica oportunizada pela cultura digital.

DT3: A cultura digital entendida como o contexto no qual fazemos teologia.

DT4: Uma apreciação da digitalidade à luz da ética teológica.<sup>195</sup>

As duas primeiras ondas pensam na Teologia Digital como um estudo dos usos das novas tecnologias na teologia, atualizando suas ferramentas e linguagem. As duas últimas categorias de estudos teológicos digitais se assemelham à proposta da Ciberteologia de pensar a fé cristã à luz da lógica e experiência da rede, e como a sabedoria teológica pode auxiliar a entender e viver melhor os tempos digitais.

<sup>192</sup> NETWORK FOR NEW MEDIA, RELIGION AND DIGITAL CULTURE STUDIES. *About*. Disponível em: <https://digitalreligion.tamu.edu/about>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

<sup>193</sup> GLOBAL NETWORK FOR DIGITAL THEOLOGY. *About*. *Facebook*..

<sup>194</sup> GLOBAL NETWORK FOR DIGITAL THEOLOGY. *Voices in Digital Theology*. *Youtube*.

<sup>195</sup> PHILLIPS Peter; SCHIEFELBEIN-GUERRERO, Kyle; KURLBERG, Jonas. *Defining Digital Theology*. *Open Theology*, p. 37-40.

Em suma, a Teologia Digital é uma aproximação entre teologia e cultura digital através de estudo interdisciplinar, isto é, investiga o que acontece quando técnicas digitais são incorporadas no método teológico, e também o movimento inverso, o que ocorre quando a teologia contribui na compreensão da cultura digital. A TD está em pleno crescimento, desenvolvendo um olhar e diálogo teológico ecumênico entre teólogos protestantes e católicos.

## 1.6 CONECTANDO AS TEORIAS E TEOLOGIAS

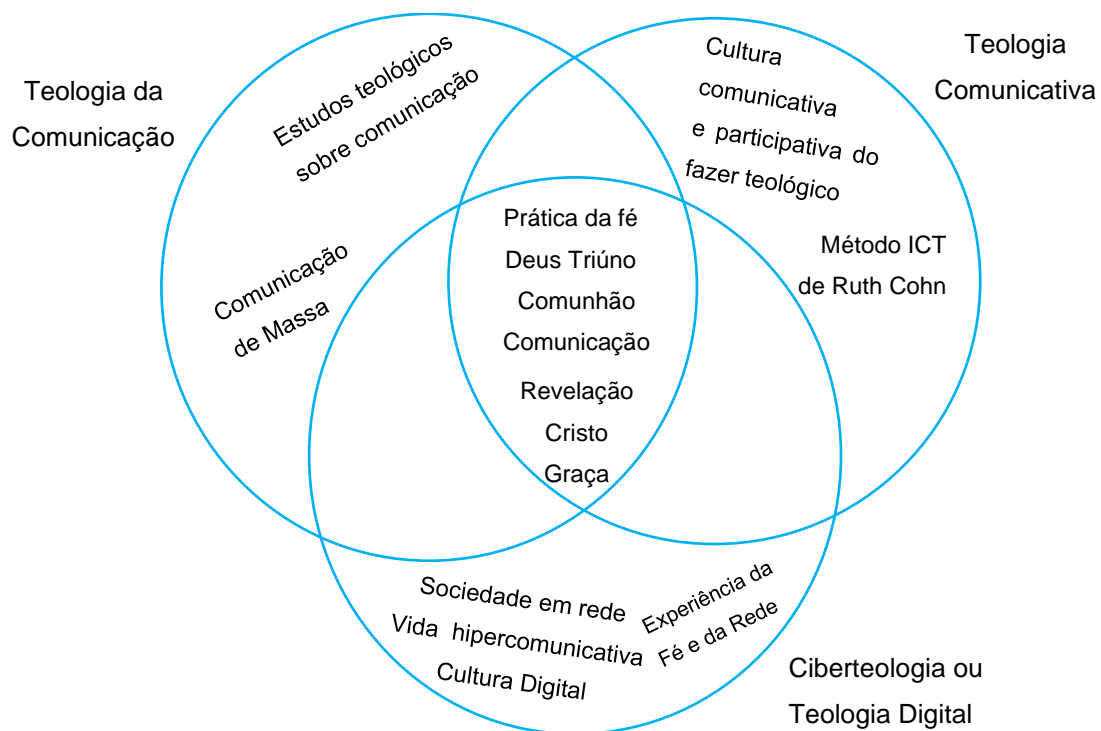
Quanto mais entendemos a comunicação humana, mais próximos estamos de compreender a essência de Deus, da qual nossa essência comunicativa é apenas reflexo. Dentre as várias definições sobre comunicação, optamos pelo conceito ritual, isto é, a comunicação entendida como comunhão entre pessoas, uma comunicação performática que produz o efeito daquilo que expressa, transformando e ligando a vida dos interlocutores. O breve histórico das teorias de comunicação serviu para demonstrar que em cada época existe um modelo comunicativo predominante que caracteriza como Igreja e sociedade se comunicam. Além disso, as teologias que pensam a comunicação de Deus e do ser humano se baseiam em uma teoria comunicativa. Por exemplo, o início do desenvolvimento da teologia da comunicação foi impulsionado pelo impacto da comunicação de massa na sociedade e nas primeiras teorias da comunicação desenvolvidas nesse período. A teologia comunicativa tem como pano de fundo as teorias de comunicação interpessoal utilizadas em técnicas de grupo como na abordagem ICT. Já a Ciberteologia ou Teologia Digital se fundamenta nas teorias de comunicação digitais.

Tendo consciência da complexidade do tempo em que vivemos e do desafio de desenvolver uma pesquisa teológica interdisciplinar, conectando três campos do saber – teologia, comunicação e cultura digital – foi necessário embasar o trabalho em diversas teorias, teologias e abordagens metodológicas. Isso trouxe riqueza, originalidade e pluralidade de olhares ao trabalho, mas também a falta de aprofundamento destas. Podemos apontar algumas consequências que a escolha destas teologias trouxe ao desenvolvimento científico.

A Teologia Comunicativa é uma abordagem interdisciplinar densa que exige tempo, energia e disponibilidades dos membros dos grupos e pesquisadores. Quando realizada em nível científico e acadêmico, geralmente é realizada em dupla pesquisa doutoral, uma na área da teologia prática que foca na primeira parte, a execução e análise da prática, e outra na área da teologia sistemática, refletindo sistematicamente as questões e insights teológicos que surgem

como resultados das interações. Por ser a primeira vez que se realiza a Teologia Comunicativa no Brasil, portanto, sem possibilidade de encontrar outro pesquisador brasileiro desenvolvendo sua pesquisa doutoral em teologia com essa abordagem, optou-se por realizar todas as etapas da pesquisa em um único trabalho. Isso ocasionou uma dificuldade de aprofundamento crítico-analítico dos resultados da prática e da reflexão teológica sistemática que exigiria mais tempo de pesquisa. No entanto, a escolha tornou possível a construção de um estudo performático, isto é, o acompanhamento de cada etapa do processo teológico comunicativo contribuiu para que esta abordagem seja aprendida na medida em que a leitura da tese avança.

Figura 11: Cenário Teológico da Pesquisa. Fonte: Autoria própria.



A Teologia da Comunicação fornece subsídio para a reflexão cristológica da terceira seção ao pensar os temas clássicos da teologia sistemática sob a ótica da comunicação. A Ciberteologia e Teologia Digital auxiliam na compreensão do contexto tecnocultural no qual comunicamos, compreendemos e vivenciamos nossa fé. Essas teologias ainda estão em desenvolvimento inicial, sem preocupação em desenvolver um procedimento metodológico fixo no momento. Assim, buscam, por hora, fomentar uma conversa aberta global a respeito das transformações antropológicas em curso. Por essas novas teologias ainda não terem

consistência e estruturação suficiente para um trabalho doutoral, a abordagem teológico comunicativa tornou-se o fundamento que assegura este caminho de pesquisa.

O desafio da teologia hoje é pensar Deus em meio às mediações humanas, como a cultura digital, com suas luzes e sombras. O problema de fundo é como “pensar e viver Deus” na cultura digital. Para isso, é necessário desenvolver uma competência midiática, isto é, precisamos ser educados para a vivência da fé no digital, ser alfabetizados com os signos, símbolos e linguagem atuais, construindo um senso crítico para compreender não apenas o que é dito, mas a intencionalidade de quem comunica e a veracidade do que comunicam, a fim de não cair em armadilhas, desvios, notícias falsas e ilusórias. Em vista disso, o cenário da pesquisa, representado na imagem, abrange as três vertentes teológicas descritas neste capítulo: Teologia da Comunicação, Teologia Comunicativa e Ciberteologia ou Teologia Digital.

O presente trabalho é um exemplo de Teologia da Comunicação porque estuda e pratica a comunicação humana e divina; é Ciberteologia e Teologia Digital porque pensa a fé em Jesus Cristo da juventude católica em tempos de rede e de pandemia, através de encontros on-line; é sobretudo Teologia Comunicativa porque realiza a pesquisa dentro de um processo comunicativo e participativo do fazer teológico com grupo de jovens.

As teorias e teologias descritas nesta primeira parte da tese formam o alicerce para realizar a experiência de Teologia Comunicativa com os nativos digitais narrada e interpretada na seção seguinte. Através dessa prática com os grupos juvenis que refletiram sobre a fé em Jesus em tempos digitais e de pandemia, a pesquisa deseja contribuir com um olhar teológico sob a realidade permeada pelo digital, percebendo como isso muda a vivência cristã e o próprio entendimento de Jesus Cristo.



## **2 “QUEM DIZEM OS JOVENS QUE EU SOU?” PRÁTICA DE TEOLOGIA COMUNICATIVA COM A JUVENTUDE CATÓLICA DO MOVIMENTO EMAÚS**

Dentro do plano geral da tese, nesta seção desenvolvemos a etapa da pesquisa de campo qualitativa que foi realizada através da prática da Teologia Comunicativa. Quem é Jesus para o jovem hoje? Essa é a questão norteadora da pesquisa que vamos descrever. Na abertura da Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2021, o Papa Francisco convida a “sair da presunção confortável do ‘já sabido’ e mover-se, ir ver, estar com as pessoas, ouvi-las, recolher as sugestões da realidade, que nunca deixará de nos surpreender em algum dos seus aspectos”.<sup>196</sup> É isso que temos em vista ao propormos a prática da Teologia Comunicativa em grupos de jovens católicos: ouvi-los, conhece-los, aprender e partilhar com eles os saberes e vivências da nossa fé em Jesus Cristo. Com a prática da teologia comunicativa em grupos de jovens não buscamos um conhecimento de Jesus ideológico ou teórico encontrado em livros, mas a descoberta do Jesus relacional, do Cristo da fé do jovem, um (re) conhecimento que vem da experiência do jovem com Deus no mundo de hoje marcado pela cultura digital e, nas circunstâncias atuais, pela pandemia.

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA: A FÉ DOS JOVENS EM JESUS CRISTO NA ERA DIGITAL**

Em vista do projeto geral da tese sintetizado na introdução, especificamos neste tópico o que diz respeito a etapa da prática de Teologia Comunicativa nos grupos participantes, como um subprojeto dentro do projeto geral. Pelo fato de a Teologia Comunicativa ser inédita no Brasil, além de especificar o método que ela utiliza, trazemos metodologias com similaridades para estabelecermos parâmetros e dar mais suporte à pesquisa de campo.

#### **2.1.1 Definindo o tema da pesquisa de campo**

---

<sup>196</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

No século XX houve a virada antropológica da teologia católica, que passou a entender a teologia como a fé solidária com o seu tempo, marcada por teólogos como Henri de Lubac, Jean Daniélou, Marie-Dominique Chenu, Yves Congar, Romano Guardini, Karl Rahner, Hans Urs Von Balthasar, entre outros.<sup>197</sup> Hoje, que virada temos que dar para o estudo teológico ser mais efetivo, performativo e relevante para a vida das pessoas? Precisa de uma virada comunicativa? Digital? Cibernética? Na verdade, a necessidade continua sendo de uma virada antropológica, mas cabe ainda descobrirmos de que tipo?

Esta pesquisa visa descobrir as necessidades de discussão, reflexão e formação sobre temas relacionados à realidade do jovem e de sua vivência da fé em Jesus Cristo no mundo de hoje, sob o prisma da cultura digital em contexto de pandemia. Primeiro, através da aplicação da Teologia Comunicativa em Grupos de Jovens, encontrar as questões cristológicas chaves para se pensar em uma Cristologia para a era digital.

O tema proposto para começar a reflexão nos grupos é a fé no mundo contemporâneo, especificamente a fé em Jesus Cristo na era digital. A partir desse impulso inicial abrangente, foi possível perceber temas que engajaram mais os jovens a interagirem. Uma das categorias cristológicas a ser refletida, que é um dos anúncios-chave do querigma, é a salvação como ato de amor de um grande amigo que se fez amigo de todos: “[...] por amor, Cristo entregou-Se até ao fim para te salvar. Os seus braços abertos na cruz são o sinal mais precioso dum amigo capaz de levar até ao extremo o seu amor”.<sup>198</sup> Então uma questão de fundo a ser trabalhada é a amizade com Deus, mais especificamente, o que significa ter Jesus como amigo.

**Tema:** Jesus e a era digital.

**Delimitação do tema da pesquisa de campo:** A fé dos nativos digitais em Jesus hoje.

**Problema de pesquisa:** Quem é Jesus Cristo para os nativos digitais?

### **2.1.2 Definindo o público: Jovens católicos de grupos do movimento de Emaús**

---

<sup>197</sup> GIBELINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*, p. 153-253.

<sup>198</sup> *Christus Vivit*, n. 118.

Tendo em vista a questão norteadora e os objetivos da pesquisa, escolhi trabalhar com o público juvenil interno da Arquidiocese de Porto Alegre. Após entrar em contato com alguns grupos de jovens católicos situados na Capital do RS, por indicação de pessoas envolvidas com a pastoral juvenil, optei por realizar a prática de Teologia Comunicativa com grupos de jovens pertencentes ao movimento de Emaús. É importante salientar que a prática da Teologia Comunicativa, bem como a abordagem ICT na qual se estrutura, podem ser aplicadas na interação de qualquer grupo, católicos ou não, crentes ou não.

Para esta pesquisa, optou-se por jovens paroquianos participantes de um movimento com viés eclesial “tradicional”, com um olhar e vivência comunitária bem específicos. Isso significa que a preocupação desta pesquisa qualitativa não é realizar uma amostragem representativa, um panorama geral que contemple a pluralidade das juventudes brasileiras, mas desenvolver uma reflexão comunicativa teológica em grupos, atenta à descoberta de possíveis tendências de pensamento e comportamento referentes a fé em Jesus Cristo na era digital. Nos termos de Anselm Strauss esta seria uma amostra teórica cujo critério de seleção dos grupos se dá não pela representatividade estatística, mas pelo conhecimento e interesse dos participantes sobre o assunto, a fim de formar um *corpus*.<sup>199</sup> Embora não seja uma amostra generalizada do pensamento juvenil, essa pesquisa de tendência em grupos juvenis de um micro contexto, mas que compartilham também o macro contexto global, eclesial, digital e pandêmico com os demais jovens, pode trazer luzes para uma ação pastoral e uma reflexão teológica mais próxima e coerente com a realidade das juventudes contemporâneas.

Os grupos de Emaús geralmente são divididos entre femininos e masculinos. Como trabalhamos com grupos reais, manteve-se essa divisão na pesquisa, realizando encontros com o grupo masculino e o feminino separadamente. Para melhor entender o seu microcontexto e identidade, descrevemos brevemente a história do movimento de Emaús no Brasil e delimitadamente em Porto Alegre.

O movimento de Emaús foi formado como Encontro da Juventude, em 02 de junho de 1968, por um grupo de sacerdotes e leigos por incentivo do então Arcebispo de São Paulo, Cardeal Dom Agnelo Rossi. Três anos depois de sua criação, foi reformulado no Encontro de Inatuba, em Pedreira, São Paulo, que ocorreu entre os dias 29 e 31 de julho de 1971. No Encontro de Vargem Grande, Minas Gerais, de 21 a 23 de fevereiro de 1972, foi aprovada pelo Cardeal Dom Agnelo Rossi a renomeação do movimento que passou a se chamar Emaús – Curso de Valores Humanos e Cristãos”. Já no I Seminário Interdiocesano de Emaús foram

---

<sup>199</sup> GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory*.

estabelecidas e aceitas por Dom Paulo Evaristo Arns as diretrizes espirituais e modelo de evangelização, em 10 de setembro de 1972.<sup>200</sup>

A convite do Cardeal Dom Vicente Scherer o movimento de Emaús chegou à Arquidiocese de Porto Alegre para auxiliar a Pastoral Arquidiocesana na tarefa de evangelização da juventude, em 1973. Desde então, o movimento tem como sede na Capital gaúcha na Igreja Nossa Senhora do Líbano e está sob a direção espiritual de Monsenhor Urbano Zilles.<sup>201</sup>

Devido ao seu crescimento e expansão a todas as regiões do Brasil, o Secretariado Nacional do Movimento de Emaús decidiu, na Assembleia do dia 11 de agosto de 1994, criar o Instituto de Comunidades Missionárias de Emaús (ICME) para organizar e articular o movimento em nível diocesano, regional e nacional. Conseqüentemente, seguiu-se a constituição de secretariados regionais e diocesanos. Ainda em 94, foi aprovada a identidade visual do instituto e do movimento durante o IV Seminário Nacional do Movimento de Emaús, realizado na cidade de Porto Alegre. O estatuto civil do ICME foi registrado somente mais tarde, em 23 de fevereiro de 2007, no 3º Oficial de Registro de Títulos e Documentos da cidade de São Paulo.<sup>202</sup>

Este movimento religioso de abrangência nacional teve como inspiração evangélica a passagem de Lc 24, 13-35 que narra o encontro, diálogo e caminhada de dois discípulos e Jesus ressuscitado a caminho da cidade de Emaús. A serviço da pastoral diocesana em que se encontra, o Emaús tem como missão a evangelização da juventude, principalmente através dos Cursos de Emaús, que visam cultivar nos jovens os valores humanos e cristãos.

A partir da experiência do Curso de Emaús, que dura três dias, os jovens são chamados a se colocarem a serviço da evangelização na sua paróquia de origem e são também convidados a ingressar em um dos diversos grupos do Emaús para perseverança, prática e crescimento da fé. Estes grupos geralmente são divididos em masculinos e femininos. Tanto no curso quanto nos grupos o querigma é anunciado e vivenciado, a fim de formar jovens cristãos conscientes de seu papel de protagonistas na Igreja e na sociedade. Buscando construir pontes de diálogo e colaboração entre gerações, as equipes de trabalho dos cursos de Emaús são formadas por adultos e jovens com experiência no movimento.

---

<sup>200</sup> UM POUCO DE HISTÓRIA. *Emaus.org.br*.

<sup>201</sup> HISTÓRIA. *Emauspoa.com.br*.

<sup>202</sup> MOVIMENTO DE EMAÚS. *Estatuto do Instituto das Comunidades Missionárias de Emaús*, Art. 1º, §1-3.

É interessante notar a preocupação que aparece no Estatuto do Emaús referente o papel da internet na evangelização. No Art. 2º, em que ele descreve sua finalidade e atividades, na letra “i” consta o seguinte objetivo:

“manter o registro junto à FAPESP [...] ou qualquer que venha a ser o órgão controlador da “Internet” no Brasil, do domínio www.emaus.org.br, sem fins lucrativos, a fim de atender as palavras do Santo Padre, o Papa João Paulo II, em fazer da “Internet”, um novo foro para a Proclamação do Evangelho”.<sup>203</sup>

Depois, na composição do Secretariado Nacional, existe uma função que chama a atenção: o administrador da “Internet”.<sup>204</sup> Isso mostra que na própria constituição dos pilares do movimento há um anseio por realizar sua missão de evangelização da juventude também no ambiente digital. Essas e outras características justificam a escolha dos integrantes deste movimento para a realização da pesquisa.

#### **Grupos pesquisados:**

**Grupo 1:** Maranathas (Movimento Emaús)

**Grupo 2:** Transfiguração (Movimento Emaús)

**Público-alvo:** Jovens adultos católicos, mulheres e homens, de 20 a 33 anos, pertencentes aos grupos Maranathas e Transfiguração do Movimento de Emaús.

### **2.1.3 Objetivos da pesquisa de campo**

#### **Objetivo principal:**

O processo comunicativo de reflexão da fé cristã visa descobrir quem é Jesus para o jovem atual marcado pela cultura digital e pela pandemia.

#### **Objetivos específicos:**

- a. Analisar como o jovem identifica e se identifica com Jesus, bem como as

<sup>203</sup> MOVIMENTO DE EMAÚS. *Estatuto do Instituto das Comunidades Missionárias de Emaús*, Art. 2º, i.

<sup>204</sup> MOVIMENTO DE EMAÚS. *Estatuto do Instituto das Comunidades Missionárias de Emaús*, Art. 9º, §1, h.

necessidades de discussão, reflexão e formação sobre temas relacionados à realidade do jovem e de sua fé sob o prisma da cultura digital, acrescido da realidade da pandemia.

- b. Através da aplicação da Teologia Comunicativa no Grupo de Jovens, encontrar as questões cristológicas chaves para se pensar em uma Cristologia para a era digital.
- c. Além disso, identificar as necessidades do grupo e debater temas de interesse e urgência para a vida de fé e sociedade, e ainda estimular que eles construam e expressem sua própria opinião.

#### **2.1.4 Justificativa do tema e do público da pesquisa qualitativa**

Todos os cristãos são chamados a serem teólogos, no sentido de que toda cristã e cristão devem refletir conscientemente sobre a sua fé, “estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede” (1Pd 3, 15). Não me refiro aqui a uma teologia profissional, mas a uma teologia pública e popular, de todos para todos, no sentido de cada um exercer o tríplice múnus recebido no batismo, expressando e aprofundando seu *sensus fidelium* e construindo um *sensus fidei* consistente e coerente com a realidade do nosso tempo.

Através da experiência da fé dos primeiros cristãos – *fides qua* – e de sua compreensão no senso comum dos fiéis – *fides quae* – foi se construindo a tradição e a comunidade eclesial – mulheres e homens, pobres e ricos, simples e cultos, humanos e pecadores – buscando praticar a caridade revelada em Jesus Cristo. “Portanto, a teologia em sua constituição, não pode prescindir da vida e da prática do povo de Deus”.<sup>205</sup>

De forma especial, os jovens são convidados a participar na missão profética de Cristo na Igreja e no mundo atual. Recentemente as juventudes foram tema de Sínodo dos bispos em conjunto com jovens representantes das Igrejas de todos os continentes. Em sua preparação foi elaborado um questionário on-line para os jovens de todo o mundo e um documento preparatório com reflexões dos encontros precedentes ao Sínodo da Juventude. Posteriormente o Papa Francisco redigiu Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* com os principais assuntos debatidos no sínodo. Os próprios padres sinodais reconhecem a infinidade de

---

<sup>205</sup> BOFF, Clodovis. Teologia. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*, p. 525.

diferenças sociais, culturais, políticas, econômicas, educacionais, familiares e demográficas entre os jovens de todas as regiões no planeta. Por isso, ao invés de classificar os jovens em um único grupo, se deve chamá-los de juventudes, pois são muitos agrupamentos.

Embora num contexto de crescente globalização, os Padres Sinodais pediram para salientar as múltiplas diferenças entre contextos e culturas, inclusive dentro do mesmo país. Existe uma pluralidade de mundos juvenis, a ponto de se tender, em alguns países, a usar o termo “juventude” no plural. Além disso, a faixa etária considerada pelo presente Sínodo (16-29 anos) não representa um todo homogêneo, mas compõe-se de grupos que vivem situações peculiares.<sup>206</sup>

O tempo da juventude é difícil de definir com precisão, varia o seu entendimento de país para país. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em vigor no Brasil, a infância vai até os 12 anos incompletos e a adolescência corresponde ao período entre os 12 e os 18 anos de idade.<sup>207</sup> É considerado jovem a pessoa na faixa dos 15 a 29 anos, mas pode ser segmentada como adolescente-jovem (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos) e jovem adulto (25 a 29 anos).<sup>208</sup> Existem outras classificações que dividem a fase adulta em adulez jovem (20 a 40 anos) e adulez média (40 a 60 anos). A idade adulta jovem pode ainda ser distinguida em três subcategorias: adulto jovem inicial (20 a 25 anos), adulto jovem pleno (25 a 35 anos) e adulto jovem final (35 a 40 anos).<sup>209</sup>

Antigamente nem estipulavam uma fase intermediária entre a infância e a fase adulta. A juventude a ser considerada uma etapa do desenvolvimento humano a partir do final do século XVIII. Com a chegada da era industrial, as novas profissões exigiram a expansão da etapa formativa escolar e universitária o que estendeu também o tempo juvenil até chegar ao universo adulto do trabalho.<sup>210</sup> Uma cultura jovem propriamente dita e a constituição da juventude como um grupo social definido só é formada nos Estados Unidos na década de 40, quando iniciam o processo de escolarização de toda a população americana. Em 1950, o marketing descobre a juventude tanto como público-alvo das propagandas como valor agregado aos produtos e serviços, pois inicia a idealização da juventude como a fase mais bela da vida. Uma década depois, os jovens estudantes começam a serem vistos como agentes de transformação política e social.<sup>211</sup>

<sup>206</sup> *Christus Vivit*, n. 68.

<sup>207</sup> BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Livro 1, Art. 2º.

<sup>208</sup> SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. *Política Nacional de Juventude*, p. 664.

<sup>209</sup> SANTOS, Bettina Steren; ANTUNES, Denise Dalpiaz. *Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. Educa o*, p. 149-164.

<sup>210</sup> CÔRREA NETO, Sebastião. *Juventudes e voca es hoje*, p. 31-32.

<sup>211</sup> RIBEIRO, Jorge Claudio. Bento XVI e a juventude. *Revista Ciberteologia*, p. 101-129.

Um dos tópicos ligado ao contexto juvenil global apontados na *Christus Vivit* como mais imperativos foi o ambiente e cultura digital. É preciso considerar os jovens contemporâneos, chamados de nativos digitais<sup>212</sup>, como um sinal dos tempos muito importante. Dessa forma, escolheu-se trabalhar com grupos formados por jovens e adultos jovens, da chamada geração Y, que assumiram ou estão começando a assumir sua responsabilidade, papel e missão na sociedade e na Igreja.

Papa Francisco na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, dirigida aos jovens, apresenta Jesus como jovem adulto e o tempo da juventude de Cristo, como um tempo de formação, descoberta e autoafirmação.<sup>213</sup> Os poucos relatos evangélicos da juventude de Jesus mostram ele sendo formado, tanto debatendo com os doutores, quanto sendo admoestado por seus pais e sendo-lhes obediente (Lc 2, 39-52). Também mostra neste mesmo episódio a autoafirmação de identidade de Jesus como Filho do Pai, tão importante para dar segurança e autoconfiança na fase juvenil. Essa identidade e missão vai sendo confirmada posteriormente por outras testemunhas como João Batista e pelo próprio Pai, no episódio do Batismo (Lc 3, 21-22) e da Transfiguração (Mt 17, 1-7; Mc 9, 2-8).

Depois, os relatos evangélicos dão um salto e mostram, Jesus de Nazaré, o adulto jovem. A juventude é realmente um tempo de preparação para a vida pública, isto é, para assumirmos nossa responsabilidade, papel e missão na sociedade. Jesus em sua infância e juventude recebeu educação escolar, pois podia ler as escrituras como os escribas, teológica, podia discutir as escrituras com os doutores da lei, e profissional, aprendeu e exerceu o ofício de carpinteiro com seu pai adotivo José. Portanto, Jesus foi um jovem ativo em sua sociedade, talvez já exercendo uma liderança juvenil entre seus amigos e primos, pois alguns de seus “irmãos”, mais tarde também o seguiram.

Cristo, a imagem da juventude interrompida. Na cruz, Cristo retrata o que a sociedade faz com muitos jovens hoje seja fisicamente, moralmente ou espiritualmente. Tentam destruir os sonhos, roubar sua esperança, e se isso não for suficiente para paralisá-lo, então, assassinam seu corpo. Em ao menos alguma parte da vida do jovem Jesus de Nazaré, todos os jovens podem se enxergar, e também se espelhar.<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> Expressão criada por Marc Prensky, nativos digitais designam todos que nasceram ou cresceram no contexto da cultura digital, aproximadamente de 1980 até os dias de hoje. Está ligado aos estudos geracionais que pesquisam o comportamento da juventude de várias épocas. Já existem três gerações de nativos digitais: Geração Y, Geração Z e Geração Alfa. Cf. SILVA, Aline Amaro da. Juventude e Teologia Comunicativa. *Teocomunicação*, p. 4-9.

<sup>213</sup> *Christus Vivit*, n. 23.

<sup>214</sup> *Christus Vivit*, n. 31.



Os jovens vinham até Jesus dispostos a segui-lo, mas alguns não tinham a disposição do despojamento total como na história do jovem rico contada nos três evangelhos sinóticos (Mt 19,16-30; Mc 10, 17-31; Lc 18, 18-30). Vários discípulos de Jesus eram jovens, como o apóstolo João pelo qual Jesus demonstrava muito carinho (Jo 13, 23) e o jovem que foge nu da multidão que prendera Jesus que alguns comentadores acreditam ser o evangelista Marcos (Mc 14, 51-52).<sup>215</sup>

O Espírito de Cristo é um Espírito Jovem. Jesus deixou-se guiar por este espírito destemido e forte que o fez um jovem corajoso que não se conformou com o sistema, que lutou e amou até o fim. Um jovem que venceu a morte, e, por isso, não apenas serve de exemplo a juventude, mas deseja que cada jovem participe de sua vida ressurrecta. Diz Francisco:

Ele é a verdadeira juventude dum mundo envelhecido, e é também a juventude dum universo que espera, por entre «dores de parto» (Rm 8, 22), ser revestido com a sua luz e com a sua vida. Junto d'Ele, podemos beber da verdadeira fonte que mantém vivos os nossos sonhos, projetos e grandes ideais, lançando-nos no anúncio da vida que vale a pena viver.<sup>216</sup>

Na *Christus Vivit*, o Papa Francisco fazendo eco ao diálogo frutuoso do Sínodo da Juventude, demonstra a intensa conexão entre a Juventude e Jesus, bem como a importância da relação entre Cristo e os jovens ser cultivada por uma profunda amizade. A amizade com Cristo é tão importante para os jovens que Francisco dedica um tópico da exortação para refletir sobre este assunto.<sup>217</sup> Jesus oferece a sua amizade em meio as cruzes e sofrimentos da juventude, como neste tempo de pandemia e digitalização que trazer como consequência a solidão e ansiedade. Mais do que nunca, os nativos digitais precisam ser iluminados pela eterna juventude e alegria de Jesus Ressuscitado.

## 2.2 BASES METODOLÓGICAS: MÉTODO DE INTERAÇÃO CENTRADO NO TEMA (ICT), MÉTODO PAULO FREIRE E PESQUISA PARTICIPANTE

Neste tópico, apresentamos o caminho metodológico percorrido na pesquisa de campo. Apesar de ter como meta a prática da Teologia Comunicativa e como metodologia principal o

<sup>215</sup> Mc 14, 52, nota de rodapé a. In: *Bíblia de Jerusalém*.

<sup>216</sup> *Christus Vivit*, n.32.

<sup>217</sup> FRANCISCO. *Christus Vivit*, n. 150-157.

método de Interação Centrada no Tema (ICT), buscamos nas tradições de pesquisa latino-americanas proximidades e complementações para enriquecer e fundamentar a experiência.

### **2.2.1 Pré-Teste: validação dos métodos**

Houve um pré-teste de Teologia Comunicativa, utilizando também os Métodos de ICT e Pesquisa Participante em modo presencial no dia 21 de setembro de 2019. A experiência foi realizada com o Grupo Fraternidade Jovem da Paróquia São Martinho, num sábado das 9h30 às 17h30.

A interação e reflexão em grupo foi muito rica e proveitosa, tanto para coletar dados e categorias chaves a serem trabalhadas na pesquisa, quanto para o crescimento pessoal e comunitário de cada jovem que participou. Ao longo do dia, foram realizadas diversas atividades, momentos de meditação, oração e partilha, dinâmicas, reflexões e discussões a partir de impulsos, trabalhando os níveis e dimensões do ICT sobre o tema Jesus Cristo e a era digital: quem é Jesus para mim? Utilizamos recursos audiovisuais como vídeos, músicas, apresentações de slides, também imagens impressas, papel e caneta. Devido a alguns dos 20 participantes serem de idade menor que 18 anos, decidimos não utilizar as informações adquiridas nessa prática, mas serviu para validar a importância, eficácia e riqueza dos métodos escolhidos para a pesquisa.

### **2.2.2 Teologia Comunicativa e ICT: adaptações devido a pandemia**

Na primeira seção da tese, a Teologia Comunicativa foi detalhada juntamente com o método ICT que a fundamenta. Agora aplicamos essas teorias e práticas na nossa pesquisa, adequando às circunstâncias em que foi aplicada.

A prática de Teologia Comunicativa surgiu em forma de seminário teológico de educação continuada que agrega teoria e prática. O modo próprio de como se desenvolve esse seminário de uma semana estimula os participantes a realizarem a experiência da aprendizagem. Hinze descreve como geralmente acontecem estes *workshops*:

O processo em grupo é construído como uma semana conduzida por um time de lideranças que continuamente leva em conta às sugestões em andamento de todo o grupo e às dificuldades que enfrentam. Cada dia é construído ao redor de temas inter-relacionados, processos de comunicação em grupo, aprendendo a expressar o seu próprio posicionamento, e aprendendo com os outros, bem como atendendo a dinâmica de grupo, o papel do engajamento apaixonado nos problemas, e conflitos em grupo. Dá-se especial atenção às lideranças participativas.<sup>218</sup>

Apesar da busca por ser fiel ao modelo de prática teológico comunicativa, tivemos que adaptar o processo às conjunturas do grupo e do panorama social de enfrentamento da pandemia. Da modalidade presencial passamos para o encontro on-line através de plataformas como o *Zoom* e o *Google Meet* com recursos audiovisuais para se realizar videochamadas em grupo, apresentação multimídias entre outras facilidades. Ao invés de realizar encontros de uma semana de duração, as atividades foram incluídas na programação semanal do grupo que passaram a fazer reuniões via *web* com duração de uma a duas horas. Realizei cinco encontros com o grupo masculino e seis com o grupo feminino ao longo do período entre abril e junho de 2020, conforme disponibilidade de tempo dos membros do grupo e espaço cedido para a realização da pesquisa.

Geralmente os grupos que trabalham a Teologia Comunicativa já tem algo em comum, algo que os une e que pode engajá-los na reflexão de um tema: um grupo de estudo, colegas de um curso, grupo de pastoral. A ideia de nosso estudo é criar uma reflexão para jovens de acordo com as necessidades do grupo de pertencimento e debater temas de interesse para a vida de fé e sociedade, estimular que eles construam e expressem sua própria opinião. Já tendo escolhido os grupos a serem trabalhados, apresentamos os passos seguidos na preparação dos encontros:

**Formar equipe:** Costuma-se convidar os líderes ou responsáveis pelo grupo a fazerem parte da equipe de liderança participativa que auxiliará no planejamento, preparação, prática e avaliação das atividades do processo comunicativo teológico. No grupo feminino Maranathas, várias integrantes do grupo auxiliaram na preparação dos encontros. O grupo masculino Transfiguração foi organizado de forma diferente conforme suas características. Com exceção dos primeiros encontros que participei apenas como observadora, eu preparei para eles os encontros que fizeram parte da pesquisa.

---

<sup>218</sup> HINZE, Bradford. Introduction. In: HILBERATH, Bernd J; SCHARER, Matthias. *The Practice of Communicative Theology*, p. 2-3

**Dividir Funções:** Na equipe de liderança participativa dos grupos, se costuma delegar as seguintes funções: moderador (liderança participativa, modera as atividades, discussões e partilhas), formador (aquele que prepara e executa os impulsos - breves colocações ou dinâmicas sobre o assunto de interesse) e secretário (integrante responsável por gravar em áudio ou vídeo, anotar as ideias e organizar em tópicos). Nem sempre se consegue que cada pessoa assuma uma função, às vezes é necessário simplificar e centralizar tudo na pessoa do pesquisador/líder.

Nos grupos pesquisados, isso variou de encontro para encontro, pois quem era o anfitrião da videoconferência do grupo ficava com a incumbência de gravar em vídeo a reunião. Também era possível fazer outro integrante de co-anfitrião para poder gravar e apresentar slides. No grupo feminino essas funções foram mais vezes distribuídas entre as integrantes. No grupo masculino, a mediação e formação ficou centralizada em mim (pesquisadora), mas auxiliaram na maioria dos encontros com as tarefas de secretariado (gravação e criação dos links para as videochamadas em grupo).

**Estrutura e espaço:** Nas práticas de teologia comunicativa tradicionais com encontro físico presencial, são vistos os seguintes itens para a estruturação do encontro: Escolha do local e acessórios necessários; Objetivos estratégicos; Tamanho do grupo; Instruções específicas;<sup>219</sup> Técnicas de trabalho em grupo a serem utilizadas, como *Fishbowl*.<sup>220</sup>

Como a nossa prática foi no ambiente digital, tivemos que fazer modificações para o melhor proveito e resultado. Escolhi técnicas que melhor se adaptaram a circunstância de videochamada on-line: leitura de textos, apresentação de slides, meditação, questões para refletir, partilha espontânea de ideias e discussões, dinâmicas utilizando imagens e textos. Evitou-se apresentação de vídeos e músicas, pois nem todos tinham um bom sinal de internet, o que poderia fazer com que trancasse ou caísse a transmissão.

**Estrutura Comunicativa do Encontro:** Mesmo em ambiente digital, busquei seguir as etapas de comunicação características do encontro, que são:

<sup>219</sup> KLEIN. Work Forms and Social Forms. In: SCHNEIDER. Handbook of Theme-Centered Interaction, p. 160.

<sup>220</sup> O *Fishbowl* ou Método Aquário é um formato de discussão em grupo dinâmico que estimula a interação, permitindo que todos os participantes tenham a mesma chance de dar sua opinião. As cadeiras da sala são arrumadas em várias camadas de círculo até que no centro estejam cinco cadeiras. A discussão inicia com quatro participante no núcleo e uma das cadeiras vazias. Em qualquer momento os participantes que estão observando quem está debatendo no núcleo pode ocupar a cadeira vazia, quando isso acontece alguém que já estava no centro sai voluntariamente do lugar, deixando sempre uma cadeira vazia para quem quiser se juntar a discussão. A cada seis minutos, o moderador pergunta aos observadores se a discussão deve continuar ou precisam trocar de assunto, isso ocorre até o fim da sessão. AGILETRENDS. *Fishbowl*.

Orientação – nível informacional

Motivação – nível de entendimento e compreensão

Iniciativa própria – nível do desejo

Confrontação – nível da experiência interacional

Cooperação – nível de trabalho

**Identificação das dimensões do método de Interação Centrada no Tema:** Para se poder realizar uma análise mais profunda das interações das pessoas no grupo de trabalho é importante identificar e levar em consideração as dimensões a serem trabalhadas pelo ICT: Eu, Nós, Isto e Globo.

**Eu:** cada participante do grupo, biografia, idade, visão de mundo, valores pessoais. Essa dimensão é levada em consideração, mas não descreveremos os dados pessoais dos participantes.

**Nós:** Características do grupo a qual pertencem: faixa etária, histórias, visão de mundo e valores compartilhados.

**Globo:** Envolve os contextos e as histórias pessoais e de grupo, escolaridade, conhecimentos, áreas de atuação, localização geográfica, situações políticas, econômicas, sociais e familiares que estão inseridos. No caso de uma prática em ambiente digital, esse é um fator determinante que faz parte da dimensão “Globo”. Não apenas a ambiência digital, como também as plataformas utilizadas e o próprio ecossistema das casas de cada participante influenciam na dinâmica das interações, podendo beneficiar ou causar ruídos na comunicação e compreensão mútua.

**Isto:** Atividades, dinâmicas, conteúdo trabalhado em vista de encontrar o tema gerador.

Tendo em mente essas dimensões, podemos observar algumas características dos grupos pesquisados. Sabemos que os participantes dos grupos são jovens adultos, mulheres e homens, de 23 a 33 anos, católicos, gaúchos, a maioria deles reside em Porto Alegre, tem emprego, nível superior completo, a maioria solteiros. Além da localização, cultura, história e tradição gaúcha e católica, tem em comum a pertença ao movimento eclesial do Emaús, especificamente os grupos Transfiguração e Maranathas. Uma peculiaridade para a pesquisa é que os grupos do Emaús são divididos em femininos e masculinos, podendo fazer contrapontos sob este aspecto.

Durante o processo comunicativo, é necessário estar atento aos distúrbios do grupo, pensando sempre no objetivo a ser alcançado pela prática.

**Distúrbios:** Pontos de tensão e divergência, questões ou opiniões que demonstram desconforto, indignação, crítica ou polêmica. Um ponto bem perceptível de distúrbio foi a experiência da quarentena ocorrida no mesmo período da pesquisa.

**Objetivo:** Um dos principais objetivos desse tipo de prática pedagógica é encontrar o tema gerador de engajamento e interação de todos os participantes do grupo. Como pesquisa, busquei definir delimitações do tema escolhido através das questões, opiniões e ideias que foram aparecendo nas interações.

### 2.2.3 Pesquisa Participante e Método Paulo Freire

A Teologia Comunicativa por ser um processo aberto, sempre está em transformação conforme seus praticantes vão fazendo a experiência de encontro e interação. Devido a esse princípio constituinte de dinamismo e abertura, além das condições para se fazer a pesquisa em meio à pandemia, o método de encontro teológico comunicativo naturalmente foi transferido e adaptado às características do ambiente digital. Busquei conservar as bases do método e me amparar em outros métodos semelhantes e mais conhecidos na América Latina. Assim, cheguei na pesquisa participante ou pesquisa ação e método Paulo Freire. Estas são pesquisas sociais com uma forte raiz política e de transformação da sociedade a partir da emancipação da pessoa.

A pesquisa participante, também conhecida como pesquisa ação, possui princípios semelhantes ao método ICT. Ela visa “trazer novas cores à aquarela da relação teoria e prática”, através do seu jeito de “conhecer transformando” o agir e pensar do grupo social com quem interage, propondo uma nova relação do sujeito e do objeto do estudo.<sup>221</sup> Um dos objetivos da pesquisa participante é dar voz as falas dos interlocutores, comunicar aquilo que o grupo descobriu no diálogo em conjunto, na partilha de saberes. Por isso, é importante a narrativa dos encontros tanto para mostrar como os métodos integrados foram e podem ser utilizados e que o conhecimento surgiu não de uma intervenção do pesquisador, mas das interações do grupo.

A pesquisa participante surgiu entre os anos 60 e 80 em unidade de ação social vinculados a grupos populares na América Latina. Dessas experiências surgiram diversas vertentes de pesquisa participante, principalmente de compromisso popular. Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Correa Borges atualizaram os princípios basilares da pesquisa participante

---

<sup>221</sup> EGGERT, Edla. *Desafios da Pesquisa Participante na Atuação da Igreja Hoje*. EST, p. 239-240.

para o tempo presente.<sup>222</sup> Vamos destacar e comentar alguns destes fundamentos<sup>223</sup> que possuem similaridade com os princípios que constituem o ICT, descrito na primeira seção:

- a. A pesquisa participante parte sempre de uma perspectiva da realidade social na qual o grupo está inserido e é representante.
- b. A pesquisa participante tem como princípio também as dinâmicas e dimensões reais da vida dos participantes tomadas individualmente e coletivamente, de acordo como os próprios sujeitos compreendem e experienciam.
- c. A pesquisa participante, leva em consideração o contexto histórico, social e cultural no qual os sistemas foram criados e o sujeito foi formado e atua. Assim, a fim de estimular o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos para alcançar a independência dos fatores exteriores, isto é, que o meio não seja determinante do pensar e agir da pessoa, mas que o sujeito tenha liberdade de traçar o seu próprio caminho e mudar os rumos e as estruturas da sociedade.
- d. A pesquisa participante transforma a tradicional relação entre o pesquisador e o grupo, passando de sujeito-objeto a sujeito-sujeito, tendo como pressuposto que todas as pessoas possuem saberes que, se compartilhados e integrados com o conhecimento científico, abre-se um novo horizonte de sentido sobre a realidade social pesquisada.
- e. A pesquisa participante deve ser entendida como um processo dinâmico e integrado as atividades do grupo que constrói a teoria a partir da análise crítica de tais práticas.
- f. Assim como no ICT, as questões, ideias e distúrbios ocorridos durante a interação em grupo também são valorizados e determinam as decisões dos próximos passos e ações do processo comunicativo.
- g. A pesquisa participante deve assumir sua visão política e sua finalidade de ação presente em qualquer prática científica e pedagógica. Assim, deixa para trás a ilusão da neutralidade e imparcialidade científica, especialmente em pesquisas sociais, os dados e interpretações são muito mais subjetivos do que objetivos. Por isso, devemos considerar e especificar as bagagens sócio-culturais dos

---

<sup>222</sup> BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante: um momento de educação popular. *Rev. Ed. Popular*. Este artigo é uma atualização de duas obras organizadas por Brandão: Pesquisa participante: o saber da partilha; A pergunta a várias mãos - a experiência da pesquisa no trabalho do educador.

<sup>223</sup> BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante: um momento de educação popular. *Rev. Ed. Popular*, p. 54-55.

sujeitos.

- h. A pesquisa participante é uma construção de conhecimento em conjunto da comunidade e que deve gerar um consenso dinâmico que a beneficia.
- i. Através do diálogo e escuta, os saberes individuais vão sendo transformados, aprimorados, reconstruídos, formando um novo saber comunitário que pode levar o grupo a realizar mudanças sociais significativas.

Partindo dessas premissas, podemos perceber que a prática da teologia comunicativa nestes dois grupos do movimento Emaús, embora sendo um grupo local, retratam as dificuldades dos jovens do mundo inteiro, bem como de suas famílias, de viver e interpretar a fé em Jesus Cristo em tempos tão sombrios como este da pandemia e tão desafiadores como os da comunicação digital.

A pesquisa participante busca, a longo prazo, construir saberes compartilhados, amplos e sensíveis à realidade popular. Ela se baseia no conceito de práxis de Paulo Freire que a define como “um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva [...] trata de transformar como e através de um processo inacabado e sempre actancial e reflexivamente aperfeiçoável ao longo da história humana”.<sup>224</sup> Então, práxis para Paulo Freire, “é o trabalho político consciente, solidário, acompanhado sem cessar de sua persistente reflexão, feita por seus agentes”.<sup>225</sup> Através de tal práxis, a pesquisa participante realiza o empoderamento dos sujeitos do grupo em vista da transformação de si mesmos e do ecossistema que os cerca.

É notória a influência de Paulo Freire no pensamento de Carlos Rodrigues Brandão e no desenvolvimento da pesquisa participante no Brasil e América Latina. Para Brandão, o Método Paulo Freire não é apenas um método, mas uma nova perspectiva de mundo, nova esperança para o ser humano, e confiança renovada no valor e poder da educação.<sup>226</sup> O Círculo de Cultura, característico do método de Freire, é um processo de aprendizagem de dentro para fora, que utiliza os elementos da própria vida e realidade do educando. No campo pastoral, estes círculos foram muito utilizados pelas Comunidades de Base, especialmente no Movimento de Educação de Base.<sup>227</sup> A pedagogia freiriana tem como fundamento uma aprendizagem consciente e conscientizadora, a liberdade de aprender a saber.<sup>228</sup>

---

<sup>224</sup> BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante: um momento de educação popular. *Rev. Ed. Popular*, p. 59.

<sup>225</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 94-95.

<sup>226</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 8.

<sup>227</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 18.

<sup>228</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 20.



Freire construiu seu método de ensino baseado no diálogo e na troca de saberes entre educando e educador. Ele parte do pressuposto que ninguém tem apenas o papel de educar e o outro de aprender, mas na interação entre os diversos sujeitos se ensina e se aprende uns dos outros. Além disso, no processo de ensino-aprendizagem freiriano, evita-se utilizar materiais pedagógicos prontos, pois os vocabulários e símbolos devem surgir do círculo de cultura, isto é, do contexto e bagagem cultural dos membros do grupo. Esta primeira etapa do processo pedagógico pode ser chamada de levantamento do universo vocabular e temático. Isto significa que há um universo de fala da cultura local das pessoas que deve ser considerado e utilizado na produção de sentido e de conhecimento do grupo.<sup>229</sup>

Um dos objetivos da pesquisa do universo vocabular é diminuir as diferenças entre pesquisador e pesquisado. Todas as etapas devem ser anunciadas ao grupo com clareza. Brandão explica que: “O que se ‘descobre’ com o levantamento não são homens-objeto, nem é uma ‘realidade neutra’. [...] São falas que [...] desvelam o mundo e contêm, para a pesquisa, os temas geradores falados através das palavras geradoras”.<sup>230</sup>

A principal meta dessa prática de Teologia Comunicativa como pesquisa participante é identificar este universo vocabular e temas geradores dos grupos a respeito da relação entre os jovens, Jesus Cristo e a era digital com o fator da pandemia agregado a problematização. A partir destes temas e palavras-chave dar início ao desenvolvimento de uma reflexão cristológica que de fato dialogue com a realidade e o ser humano atuais.

Voltando ao método Paulo Freire de pesquisa e educação, estas palavras que compõe o universo vocabular codificam o modo de vida e contexto das pessoas do grupo. No círculo de cultura, elas serão decodificadas e refletidas através de questões relacionadas. Por exemplo, nesta pesquisa que será relatada a seguir, houve um primeiro momento de pré-teste em um grupo, em que apareceram palavras e temas geradores importantes que foram utilizadas como um impulso inicial na reflexão dos grupos escolhidos para a pesquisa. De acordo com Brandão, a média de palavras geradoras necessárias variam de 16 a 23, e estas precisam devem estar ligadas a um núcleo de referência gerador, portanto, relacionadas à vida pessoal, política e social.<sup>231</sup>

Como o método Paulo Freire foi pensado originalmente para a alfabetização de adultos, os exemplos e explicações giram em torno dessa aplicação do método. Entretanto, este método é amplamente aplicável em diversas áreas de pesquisa e ensino-aprendizagem. Brandão conta

<sup>229</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 21-25.

<sup>230</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 27.

<sup>231</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 32-33.

que, inicialmente, separava-se os trabalhos de pesquisa de descoberta do universo vocabular e do universo temático. Com a evolução do método através da prática, os pesquisadores passaram a entender este levantamento em dois níveis de um mesmo universo: o nível vocabular como núcleo gerador da fase de alfabetização e o temático responsável pela etapa seguinte, pós-alfabetização. Portanto, as palavras geradoras abrem os participantes à compreensão do mundo e conduzem o diálogo ao aprofundamento através dos temas geradores de debate do círculo.

É importante ressaltar também que o conjunto de palavras, de temas e o próprio círculo da cultura é sempre um círculo aberto e inacabado à espera dos novos termos e questões que surgem do processo comunicativo. Dentro do círculo da cultura, cada palavra geradora é trabalhada junto com um símbolo ou imagem que a represente. Este aspecto foi trabalhado na minha pesquisa através da dinâmica que apresentava diversas representações de Jesus em imagens encontradas na internet e trechos do Evangelho. Entrarei em detalhes mais adiante. De cada palavra geradora se pode tirar ideias para a discussão do próximo encontro, objetivos a serem alcançados na interação e um prognóstico dos passos seguintes.

Comparando com o método de Interação Centrada no Tema, a ideia do círculo de cultura lembra o símbolo conceitual deste método que forma a imagem de um círculo que tem um triângulo dentro, representando as quatro dimensões do ICT. Podemos perceber a influência da pedagogia dialógica, humanista, emancipadora e transformadora de Paulo Freire no método de Ruth Cohn e, com isso, entende-lo melhor. Um exemplo disso, é a semelhança entre o conceito do tema no TCI de Ruth Cohn e o conceito do tema gerador da educação freiriana.

O que muda de uma posição tradicional de educação e pesquisa para o do ICT, da teologia comunicativa e da pedagogia de Paulo Freire? Primeiro, o posicionamento e papel dos interlocutores. Na visão tradicional, a educação e comunicação são vistas como processos unidirecionais. Isto quer dizer que existe de um lado aquele “detentor do conhecimento” (professor, formador) que transmite a mensagem/conteúdo para “aqueles que não sabem” e que somente recebem a informação (educandos, catequizandos). Já na metodologia de Ruth Cohn e de Paulo Freire, o processo comunicativo é multidirecional. Embora se tenham papéis definidos no desenvolvimento do processo educomunicativo, se reconhece que tanto o líder (moderador, professor, formador) quanto os outros integrantes do grupo (participantes, educandos, catequizandos) possuem conhecimentos e experiências que também compartilham no encontro e que essa troca e interação entre todos é o que gera e produz novos saberes individuais e coletivos.

Assim, o método foi a matriz construída e testada de um sistema de educação do homem do povo (e de todas as pessoas por extensão) que imaginou poder inverter a direção e as regras da educação tradicional, para que os seus sujeitos, conscientes, participantes, fossem parte do trabalho de mudarem as suas vidas e a sociedade em que pelo menos em parte, as determina.<sup>232</sup>

O método freiriano valoriza o diálogo como elemento fundamental de todas as informações, comunicações e relações no universo. Para Freire, o “diálogo é o sentimento do amor tornado ação. As trocas entre o homem e a natureza são originalmente regidas pelo diálogo”.<sup>233</sup> Por essa razão, o diálogo é a base de toda a sua pedagogia. Ele acredita que através do diálogo no círculo de cultura local possa aos poucos ir conscientizando e construindo um círculo de cultura global entre todos os seres humanos. A conscientização, nuclear no pensamento pedagógico de Paulo Freire, é entendida como um processo de mudança de mentalidade. “É o resultado nunca terminado do trabalho coletivo, através da prática política humanamente refletida, da produção pessoal de uma nova lógica e de uma nova compreensão de Mundo: crítica, criativa e comprometida”.<sup>234</sup>

Diálogo que gera partilha e aprimoramento da consciência, do modo de ver e pensar o mundo, que trazem, ao longo do processo, emancipação dos sujeitos e transformação social também são metas basilares da Teologia Comunicativa e, portanto, dessa pesquisa. Com o auxílio dos métodos de pesquisa participante e Paulo Freire, a práxis construída nos grupos incentivou a reflexão e expressão pessoal das opiniões e conhecimentos, e, através do compartilhamento e discussão de ideias e vivências, foram construindo um senso comum de quem é Jesus Cristo para eles.

#### **2.2.4 Uma etnografia dos nativos digitais cristãos**

A Etnografia na antropologia social tem como principal objetivo a descrição de um grupo. A partir da Escola de Chicago, a antropologia social passou a estudar não somente grupos ou civilizações distintas e distantes, mas os povos, grupos e guetos dos centros urbanos, em que a própria cidade torna-se um laboratório social. Nesta etnografia urbana muitos signos, símbolos, rituais e hábitos da vida cotidiana são compartilhados pelo pesquisador e seus interlocutores.<sup>235</sup> No entanto, quando pensamos nos nativos digitais, também consideramos que

<sup>232</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 84.

<sup>233</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 103.

<sup>234</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*, p. 109.

<sup>235</sup> TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, p. 98-99.

eles possuem uma linguagem, cultura e comportamentos próprios que precisamos reconhecer e aprender para melhor compreendê-los e descrevê-los.

Isabel Travancas divide em quatro etapas o caminho etnográfico. A primeira etapa consiste no levantamento bibliográfico e a leitura do material coletado. A segunda etapa é a elaboração de um diário ou caderno de campo em que o pesquisador registrará as questões e motivações para a escolha de determinado grupo e tema, além da descrição de tudo que observar dos “nativos”. A terceira etapa realizamos o ingresso no campo pesquisado, isto é, uma imersão na realidade e universo pesquisado, que vai desde o processo de negociação com as instituições ou lideranças de determinado grupo, os primeiros contatos com os líderes, a aceitação da proposta, o agendamento de encontros, até o encontro e interação propriamente dita.

No caso dos grupos que pesquisamos, primeiro houve o contato com membros ou líderes dos grupos, depois ocorreu a consulta dos demais integrantes dos grupos e a aceitação da proposta, e por fim o processo comunicativo grupal através de encontros digitais. Dentro da experiência de campo tivemos a oportunidade de coletar os dados através das técnicas qualitativas de entrevistas abertas em profundidade e observação participante. Na observação participante, o pesquisador deve estar consciente de que seu observar e interagir com o grupo modifica o comportamento deste. Após a imersão, escuta, interação com os grupos devidamente registradas e gravadas, elaborei a escrita da pesquisa em forma de narrativa, que não se limita apenas a uma transcrição de falas, gestos e fatos, mas também em sua interpretação. O produto final do trabalho etnográfico antropológico deve ser um texto que ecoa muitas vozes, as vozes dos interlocutores que dialogam no processo, dos nativos, dos autores teóricos e do próprio pesquisador.<sup>236</sup>

Uma questão que surge: é possível fazer pesquisa etnográfica digital? Como entrar em contato com o outro, desenvolver proximidade e observação participante nessa nova ambiência? Conforme o exemplo de pesquisa etnográfica no ambiente digital dado por Isabel Travancas, devemos nos apresentar ao grupo, deixar claro os objetivos do encontro e preparar questionários ou atividades a serem realizadas pela internet. No decorrer do processo comunicativo, vamos construindo relações pessoais com os participantes mesmo através de interações pela internet, embora a pesquisadora reafirme a necessidade fundamental do contato e encontro no ambiente físico.<sup>237</sup> Em tempos de pandemia e sob a necessidade de isolamento

---

<sup>236</sup> TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, p. 101-104.

<sup>237</sup> TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, p. 107-108.

social, a etnografia digital torna-se uma saída para diversas pesquisas, mas que exige determinação, disciplina, disposição e criatividade.

A questão de fundo se é possível realizar o método de Interação Centrada no Tema, a prática de Teologia Comunicativa, ou uma pesquisa etnográfica no ambiente digital, é, na verdade, a dúvida da possibilidade de um autêntico encontro entre pessoas pela internet. Em primeiro lugar, a situação da pandemia não nos deixa outra alternativa a não ser adaptar o método de comunicação presencial à comunicação digital. Para se tornar o mais próximo possível da experiência do espaço físico, utilizamos plataformas de videoconferência em grupo, onde todos podem ser vistos e escutados, podem participar e interagir igualmente. Em segundo lugar, todas as formas de comunicação em qualquer espaço que habitarmos pode resultar em encontros aparentes ou autênticos. Existem níveis de presença, atenção, escuta, compreensão, relação que vão definir o grau de autenticidade e profundidade do encontro entre pessoas.

Embora haja diversas limitações no ambiente digital, é possível realizar uma experiência real de encontro nesta ambiência. Inspirado pela etnografia e demais métodos descritos, passamos a narrativa teológico comunicativa dos encontros ocorridos digitalmente com os grupos do movimento de Emaús.

### 2.3 NARRATIVAS TEOLÓGICO-COMUNICATIVAS: A EXPERIÊNCIA DA TEOLOGIA COMUNICATIVA EM GRUPOS DO MOVIMENTO EMAÚS

Esta é a primeira prática teológico comunicativa realizada no Brasil, embora já houvesse sido desenvolvida a abordagem ICT no contexto brasileiro. Por essa razão, vamos narrar as experiências dos grupos para facilitar o entendimento do processo. A fim de realizarmos a Teologia Comunicativa em grupos de jovens adultos católicos da cidade de Porto Alegre, conforme os objetivos e temáticas propostas no projeto de pesquisa, por indicações de pessoas ligadas à pastoral juvenil de Porto Alegre, escolhi entrar em contato com o movimento de Emaús. Este movimento atua na Capital do Rio Grande do Sul e tem como diretor espiritual o Monsenhor Urbano Zilles, que também é pároco da Igreja Maronita Nossa Senhora do Líbano. A maior parte das informações relatadas nesta seção foram coletadas verbalmente em conversas, entrevistas e processos de interação com os membros do movimento e dos grupos pesquisados. O movimento do Emaús segue quatro pilares: estudo, oração, ação e lazer. Para fazer parte do movimento tem que se fazer o curso do Emaús, que é uma experiência de três

dias, como um retiro onde os valores humanos e cristãos são trabalhados.<sup>238</sup> Após isso, você é convidado a ingressar em um dos grupos existentes, geralmente são grupos pequenos que não passam de 15 pessoas, separando moças e rapazes.

Meu primeiro contato com o Emaús foi na Igreja Nossa Senhora do Líbano, onde eu expliquei para a coordenadora do movimento em Porto Alegre minha pesquisa e meu desejo de trabalhar a Teologia Comunicativa com dois grupos do Emaús. Ela se simpatizou com a ideia e me indicou dois grupos, as Maranathas e o Transfiguração. Conversei com os coordenadores destes grupos através dos contatos que ela me passou, expliquei novamente a proposta e eles conversaram previamente com seus grupos. Tendo a resposta assertiva dos demais integrantes, me deram um retorno favorável, me explicaram um pouco sobre os grupos e o movimento, e combinamos minha primeira participação em cada grupo.

Após a transcrição da gravação dos encontros on-line, sintetizamos de forma narrativa e cronológica a prática teológico-comunicativa realizada nestes dois grupos do movimento Emaús de Porto Alegre, destacando as falas, ideias, partilhas e intuições mais relevantes para a nossa pesquisa. Vamos primeiramente descrever os encontros com o grupo feminino Maranathas, constituído por 14 jovens mulheres, cujas idades variam de 23 a 33 anos. Em seguida, relataremos a experiência com o grupo masculino Transfiguração, composto por seis jovens adultos entre 26 e 33 anos. Os encontros iniciaram no mês de abril, cerca de um mês após o início da pandemia do Coronavírus. Devido a isso, todos os encontros foram realizados de modo on-line através de plataformas de videoconferência como o *Zoom* e *Google Meet*. Para ambos os grupos, se reunir on-line foi algo novo que fez os participantes saírem de sua zona de conforto e aprenderem coisas novas como criar e agendar reuniões on-line, preparar material e fazer apresentações nessas plataformas em alguns encontros, entre outros desafios. A Teologia Comunicativa é baseada no processo comunicativo num ambiente de encontro face a face que gera uma relação de segurança e confiança aos envolvidos.

Foi desafiador também saber como gerar essa experiência de encontro no ambiente digital, como desenvolver uma relação de confiança e sinceridade num ambiente que não estão acostumados e com uma pessoa que não pertence ao grupo. Neste relato, codificamos os participantes por letras a fim de não serem identificados. As letras em caixa alta representam o nome dos participantes. No grupo masculino, acrescenta-se um “m” minúsculo junto a letra em caixa alta para identificar que são do grupo masculino. Em ambos os grupos, o “A” representa

---

<sup>238</sup> Aqui temos algumas informações básica sobre o movimento de Emaús em Porto Alegre que foram relatadas pelos integrantes da pesquisa. Mais detalhes sobre a história do movimento são encontradas na tópico 2.1.2 Definindo o público.

a pesquisadora da tese. Assim, nesta narrativa destacamos os recortes de falas e interações mais relevantes, buscando ser fiel ao sentido que a pessoa expressou, sem analisá-los criticamente num primeiro momento.

Os dois grupos concluíram que os encontros para a prática da Teologia Comunicativa, bem como os temas abordados e as dimensões trabalhadas, os ajudaram neste período de transição, adaptação e superação dos desafios decorrentes da pandemia. Ambos descreveram a experiência “como um retiro”, em que puderam refletir o que estavam vivendo naquele momento e aprofundar a sua experiência e compreensão da fé, entrando em contato consigo mesmo, com o grupo, com Deus e a sociedade. Também auxiliou a pensar na forma de encontrar-se on-line e reformular sua dinâmica de grupo no ambiente digital e também repensar a prática do encontro face a face pós pandemia.

### **2.3.1 Grupo Maranathas**

O Grupo Maranathas existe há cerca de oito anos, existem integrantes que estão desde a fundação e outras que recém chegaram ou retornaram. O grupo é formado por jovens adultas de 23 a 33 anos, com formação e atuação nas áreas de psicologia, medicina, design, direito, vendas, entre outras. Elas reúnem-se semanalmente. Neste tempo de pandemia, às vezes combinam no sábado e às vezes no domingo de tarde, às 17:00 ou 18:00. Todas as reuniões que participei foram registradas através da gravação de vídeo, com exceção da primeira.

#### **2.3.1.1 Reunião do dia 05.04.2020: observação e apresentação**

O primeiro encontro ocorreu no Domingo de Ramos, no dia 05 de abril de 2020. Nesta aproximação inicial, fui introduzida ao grupo, me apresentei dizendo quem eu era, o que fazia e o porquê estava ali com elas. Nesta reunião, fiquei apenas observando, escutando, me ambientando ao clima do grupo, analisando a sua dinâmica, estrutura, forma de reunir e interagir. O grupo é bem articulado, dinâmico e descentralizado, cada vez uma prepara e conduz o encontro. Neste primeiro que eu participei, quem dirigiu a reunião foi a “S”, fundadora e

coordenadora do grupo Maranathas. O tema foi sobre o significado do Domingo de Ramos, além de dar dicas de como viver bem a Semana Santa e a Páscoa em tempos de quarentena. Houve uma oração inicial, depois “S” apresentou o conteúdo com o auxílio técnico da integrante “C”, leu o Evangelho do dia, mostrou um vídeo para meditar com a música “Hosana hey, hosana ha”, depois passaram outro vídeo sobre viver a Páscoa em meio a quarentena, eis um trecho da mensagem: “É Páscoa quando cada um assume a sua responsabilidade, se esforça, faz caridade, celebra em família, vence a morte (o vírus), como Cristo. A Páscoa será diferente sim, mas não será uma Páscoa menor, o Cristo saiu do túmulo. Embora estejamos fechados, o amor não se fechou”.

Em seguida, abriu espaço para comentários, partilhas e interações. As participantes interagiram, partilharam que amaram o vídeo e agradeceram a reflexão preparada. “S” comentou sua dificuldade com o novo formato da reunião, prefere o presencial: “*É muito ruim para mim pela internet, eu gosto de tocar...*”. No final, “S” pediu para eu me apresentar para as demais. Elas me acolheram bem no grupo e aceitaram participar da pesquisa. A reunião durou aproximadamente uma hora.

### 2.3.1.2 Reunião do dia 18.04.2020: início da interação

Meu segundo encontro com o grupo Maranathas foi no dia 18 de abril de 2020, o sábado logo após a Páscoa. “C” preparou o encontro abordando o tema do Tempo Pascal através de uma apresentação de slides e vídeo. Tivemos problemas com a plataforma escolhida porque ultrapassou 10 pessoas, então migramos para o *Zoom*.

No início, tentei aproveitar que estavam falando da missa para os membros do movimento que aconteceria no domingo pelo *Zoom*, antes de começar realmente a reunião, para lançar algumas questões sobre como estão vivendo sua fé no tempo da quarentena. Entretanto, para não atrasar e desviar o foco da reunião, achei melhor deixar minhas perguntas e interações para o final, ainda que já tivesse combinado com “C” minhas intervenções. Assim, a interação em grupo que faz parte da pesquisa foi realizada nos minutos finais do encontro, por isso, trago relatos apenas do final da reunião.

Iniciou-se com uma oração, seguida de uma breve colocação sobre o tempo pascal, da apresentação de um vídeo explicativo “Três passos para viver o Tempo Pascal” e de comentários a respeito do vídeo apresentado, da leitura de Lc 24, 13-25, e da leitura de um



comentário deste Evangelho feito pelo Papa Francisco. Por fim, eu trouxe algumas questões para serem discutidas e comentadas em forma de partilha.

A: “Como foi e como está sendo para vocês viver este tempo de Páscoa e também este tempo difícil de pandemia? Já faz um mês que estamos nessa situação de isolamento social, alguns tem que trabalhar, outros tem que ficar em casa, outros tem que trabalhar em casa, como está sendo essa experiência pra vocês? E como foi a experiência da Páscoa, se vocês puderem partilhar”.

Deu-se início a um momento de partilha aberto e sincero, como um desabafo, e foi importante para elas externarem aquilo que estavam sentindo e pensando. Na medida que se expressavam, foram amadurecendo a própria compreensão de si mesmas e do que estavam vivendo socialmente. A maioria expressou um cansaço e quebra do isolamento, especialmente nessas datas importantes como a Páscoa. Seguem algumas de suas falas:

I: “Para mim foi e está sendo bem cansativo. Eu sempre saía para trabalhar e agora fico em casa o tempo inteiro. Tem até uma piadinha que eu me arrumo para levar o lixo para fora, pois é o único momento que eu saio de casa. O meu marido está indo trabalhar. Mas domingo eu me dei esse gostinho, eu fui para a casa da minha mãe. Para quem não sabe, eu moro com meu marido e os meus filhos moram com a minha mãe. Então, com todos os cuidados, eu abri mão. Páscoa é família, é amor, então, eu acabei saindo, fizemos uma oração todo mundo na mesa e cada um voltou para a sua casa e voltamos ao isolamento. Estou louca que passe já, bem cansada de não poder sair. Eu sei que é importante, mas .... ah... chega”.

D: “Eu também almocei com os meus pais e o meu irmão. *Foi bem difícil* principalmente porque a minha mãe fez uma cesta para os meus sobrinhos e o meu irmão foi buscar e entregar a cesta, mas *criança não entende muito bem por que não podemos chegar perto*. E tem a *minha família por parte de pai*, isso eu *achei muito legal*, a gente fez uma *call no Zoom*, a família toda, e tipo o meu vô de 87 anos conseguiu participar e a minha vó também, que é mais tecnológica, mas ele fez um momento muito forte de oração, que é o que ele mais queria, e todo mundo participou. Então, por esse lado, depois eu fiquei pensando, o meu primo está na Austrália, o meu irmão está em São Paulo, o meu outro primo está na Holanda, *dessa maneira a gente talvez tenha conseguido unir mais gente do que se fosse presencial*. [...] Então, foi reconfortante, até surgiu a ideia de fazer isso todo domingo, que era o dia que a gente se via. Estou podendo curtir muito mais meus pais, almoçar em casa que era raro quando eu trabalhava na rua, estou trabalhando de casa. Mas claro que é difícil. Eu acho também que este momento nos tornou pessoas mais gratas e caridosas”.

A partir dessa fala, várias expressaram as suas preocupações com seus avós que, além de serem os mais atingidos pela pandemia, acabam ficando mais isolados socialmente por terem dificuldades para usar as tecnologias digitais.

I: “Nessa Páscoa, a minha vó me ligou e disse: ‘eu precisava conversar com alguém’. Ela tem 93 anos e me ligou por videochamada do Whatsapp. Ela dizia: ‘eu não sei usar isso, eu só sei que eu estou te vendo e estou feliz’ [risos]. Estou louca para ver ela, mas a gente sabe que é impossível”.

Nas falas, dá para perceber que as preocupações pastorais também mudaram de foco, voltando-se para o digital. O Grupo Maranathas tem um perfil no Instagram administrado por “C” e neste tempo de pandemia, ele ganhou muita importância.

I: “Ah outra coisa “C”, quando tu falaste da Oitava da Páscoa que ainda é Páscoa para nós. Eu me lembrei de uma frase do Emaús que fala que ainda é Páscoa na pequena Jerusalém dos nossos corações. E aí eu me lembrei que poderia ser uma *ideia para uma arte no nosso Instagram né?*”

Percebi no grupo que elas têm um jeito bonito e cordial de tratar umas às outras, de agradecer e valorizar o que cada uma contribui para o crescimento do grupo.

B: “C”, eu quero te agradecer pela reunião, por tu ter preparado tudo isso com muita delicadeza e carinho. Nos tocou muito a tua fala e nos fez refletir sobre esse momento pós Páscoa, é importante o cristão entender de liturgia. Gostei muito daquela primeira imagem que mostrava o girassol, que lindo quando tu falaste que o nosso sol é Jesus e nós somos os girassóis. Sempre na Páscoa, eu me lembro dessa frase: “Ele vive”. *É um conforto saber que, por mais que aconteçam diversas coisas, ele sempre viverá.* Com essa esperança, a gente tem mais coragem e com Deus tudo é mais fácil. Essa Páscoa para mim foi um pouco diferente pelo fato de eu não almoçar com a minha família, com a minha mãe, pois ela é do *grupo de risco* e eu estive com uma pessoa que teve o coronavírus. Então, eu estava reclusa e fiquei com certo medo de encontrá-la Nessa Páscoa, eu me senti muito reflexiva com a morte de Jesus, as outras Páscoas a gente vive, mas essa foi muito diferente”.

S: “Essa Páscoa e o meu aniversário foi tudo junto, foi muito complicado, no dia do meu aniversário, o M e o B compraram uma pizza, fizeram uma festinha, *a família entrou pela internet, foi muito legal.* E a Páscoa, acho que mexeu com todo mundo, *foi um momento mais pra refletir,* não foi assim momento de ovo de chocolate [...]. Acho que *as pessoas estão mais gente* nesse momento, eu acho que estamos muito *mais humanos do que antes.* *É complicado ficar 24 horas dentro de casa, no computador, só isso aqui,* ainda mais eu que adoro uma rua, trabalhar em casa... eu fico nervosa. Mas tem sempre que *tirar o lado bom, a gente nunca*

*conseguiu reunir 13 pessoas num grupo. O lado bom hoje foi a bela reunião da “C” e nós estarmos em treze pessoas na reunião”.*

J: “Quero agradecer também a “C”, estava muito rica a reunião. A parte melhor foi que tu falaste sobre *as mulheres serem esperança, de termos uma missão como cristãs de levar as coisas boas para o mundo*. Reforçar isso é tão importante. Como estavam falando da Páscoa, de ressignificar, poder refletir mais sobre isso e agradecer por tanta coisa boa que a gente tem: saúde, moradia, família. No dia-a-dia a gente acaba esquecendo, mas isso tem que ser valorizado”.

C: “É verdade. A minha semana de Páscoa também foi atípica, sorte que eu tenho visto a minha afilhada de dois anos por videoconferência. Eu sou louca por ela e acho que uma das piores coisas disso foi não poder ver ela e a minha irmã. [...] Mas acompanhando a Igreja, eu consegui ter uma força maior. O que eu fiz foi me conectar mais ainda com a Igreja acompanhando as missas on-line do Papa. Eu o conhecia, mas nunca tinha visto uma missa dele. Estou amando, vocês viram que eu estou sempre falando dele? Eu quero ler o livro dele também de tanto que ele me inspirou. Foi ali que eu aprendi e me fortifiquei para aguentar esses dias e entendi um pouco desse amor da Igreja por Cristo. Acho que isso contribuiu para a reunião de hoje, se eu não tivesse visto aquelas missas e me entregado àquele momento, acho que seria diferente hoje. Eu pude me ajoelhar aqui no chão da minha casa e orar por ele. A grande diferença da minha semana foi isso. E poder me conectar com as pessoas que eu amo, *graças a Deus temos essa videoconferência, podemos estar aqui, olhando pro rosto de cada uma*, [...] dá muita saudade de tudo. Mas a gente sabe que isso é necessário”.

Um fenômeno do momento da pandemia, consequência do fechamento das igrejas como medida de prevenção de contágio nas vésperas da maior celebração cristã, foi a transmissão de missas por todas as mídias, especialmente pelas mídias sociais. Detalhe importante, nesta emergência, a Igreja declarou válida a participação da missa on-line como preceito, enquanto não fosse possível a participação da missa presencial. Como tocaram nesse assunto, perguntei a elas como foi essa experiência de acompanhar a missa de Páscoa e as outras missas pela TV ou internet.

G: “*Ainda bem que temos os meios que nos proporcionam poder assistir as missas. Ao mesmo tempo, isso nos faz refletir como é importante os sacramentos, tanto da comunhão quanto da confissão. Teve alguns padres que estavam fazendo confissão Drive Thru, no carro. Da gente parar e pensar, já tem um mês que a gente não comunga. Então, quando voltarmos, que a gente valorize bem mais a comunhão, tornar esse momento que às vezes acaba sendo ordinário, torná-lo extraordinário*”.

I: “A missa do Emaús de Páscoa, domingo passado, foi linda, todo mundo se emocionou. Um membro do Emaús foi até a paróquia para administrar a Live, estavam apenas o padre e ele na igreja, *todas as leituras e músicas foram feitas cada um de sua casa. Parecia que estávamos dentro da Igreja*, pelo menos foi o que eu senti. Foi emocionante, bah. A gente cantando a música final, meu olho encheu de lágrima. O meu marido passou e viu: *‘Tu tá chorando pela internet?’*. Que bom que a gente conseguiu assim juntar todo mundo assim. Eu sou do secretariado do Emaús e a gente estava até comentando que a gente tinha 130 pessoas conectadas na Live. Mas em cada celular tinha duas ou três pessoas, então, tinha muito mais gente. *Isso acaba tocando a gente de um jeito diferente*. Para mim foi surreal. Óbvio que presencial seria muito melhor, mas foi ótimo a missa assim”.

Uma das mais novas participantes mora em outra cidade, como o encontro se tornou online, possibilitou a ela a participação do grupo.

T: “Eu queria falar da questão da missa em casa, assistimos a missa da comunidade que está sendo transmitida e aí na Igreja eles pediram que as pessoas levassem fotos da família na Igreja e eles colocaram-nas nos bancos. Foi muito bonito porque aqui é uma cidade pequena, todo mundo se conhece, então, foi bem legal. *É uma sensação totalmente diferente você vivenciar a Igreja dentro de casa. Por você querer estar em outro ambiente, você está trazendo-o para dentro do ambiente que você está*. É estranho, mas foi muito legal também”.

Todas agradeceram a “C” pela excelente reunião e compartilharam algo. N: ““C”, eu queria te elogiar, tua reunião foi ótima e completa, teve estudo, teve partilha, teve momento de descontração, teve reza, teve tudo”. As conversas finais foram a respeito da organização da missa de domingo 19.04 que o grupo ficou responsável pela liturgia.

### 2.3.1.3 Reunião do dia 26.04.2020: preparação e execução do encontro

Essa reunião foi organizada por mim em conjunto com a participante “N”. Em conversa prévia com “N”, sugeri trabalhar com o grupo a mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais, cujo tema é: “Para que possas contar e fixar na memória (EX 10, 2). A vida faz-se história”, e meditar o Evangelho daquele domingo que foi justamente a passagem dos discípulos de Emaús, que dá nome e sentido para o Movimento. Destes dois textos e da conversa entre mim e a “N”, surgiu o tema do encontro: “A História do Emaús em mim, em ti, em nós”. O encontro foi tão bom que, faltando tempo para trabalhar assuntos e

atividades planejadas, o grupo resolveu fazer uma reunião extraordinária no dia seguinte para dar continuidade a reflexão e concluir as atividades. Produzi os slides da apresentação e “N” conduziu a maior parte do encontro, eu moderei apenas os momentos de fazer perguntas para instigar a partilha e contribuição de cada participante. Isso foi bom porque deixou o grupo super à vontade para expressar suas percepções. Houve algumas dificuldades técnicas com os equipamentos da “N”, então, quando a conexão dela caía, eu assumia a condução do encontro.

Como de costume, a reunião começou com a tradicional oração para o Espírito Santo: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra. Oremos: Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Senhor Nosso. Amém”.

Podemos observar que a dinâmica do encontro muda no ambiente digital. Orações que fariam todas ao mesmo tempo, que cantariam todas juntas, interações em que uma falaria junto com a outra ou interromperia a fala da outra, nas plataformas digitais de videochamada em grupo não é possível ou recomendável. Nessas plataformas, cada uma precisa falar na sua vez e esperar que a outra termine de falar, se não o áudio fica totalmente incompreensível. Então, é necessária uma “etiqueta digital”, isto é, um padrão de bom comportamento para uma melhor comunicação e relação interpessoal para os diversos ambientes digitais. Além disso, essa “etiqueta” pode variar conforme a natureza e objetivos da plataforma e da interação realizada nela.

Após a oração inicial, enquanto “N” resolvia seus problemas técnicos, eu expliquei novamente a minha pesquisa e como a mensagem do Papa Francisco deste ano tinha conexão com o meu tema de estudo.

A: “Estou tentando fazer com vocês e com outro grupo uma prática de teologia comunicativa. Essa teologia comunicativa é comunicativa não porque estuda a comunicação, mas porque é um processo comunicativo em grupo. A teologia comunicativa tem o propósito de dialogar com os outros e perceber, como fala nessa mensagem, a importância de a vida fazer-se história. A importância de recordar, de perceber como são importantes as histórias, a nossa história de vida e a história dos outros, assim chegou a fé pra gente, alguém contou para nós alguma história sobre Jesus, alguma história sobre uma conversão pessoal. E isso é valorizado nesse método de teologia comunicativa, perceber que a vida é tecida por várias histórias, são as histórias dos nossos pais, dos nossos amigos, a nossa história, a história de cada uma do grupo que a gente faz parte, e essas histórias não são apenas histórias, mas são conhecimentos vividos,

existem sabedorias dentro da nossa história, e no momento que a gente partilha, no momento que a gente reflete juntas, essa sabedoria, essa experiência, essa riqueza de cada uma vem à tona. Então, a teologia comunicativa busca perceber nas questões que as pessoas fazem, numa ideia que surge na conversa, pistas de algo importante para um determinado assunto da fé. No meu caso, o que eu quero estudar é a questão da fé em Jesus e a era digital. O que a comunicação digital, a cultura que a gente vive diariamente, implica na nossa percepção sobre Jesus, sobre a fé, sobre Deus, na nossa própria vivência. Nesse tempo de pandemia, isso se tornou evidente porque a gente está usando o *Zoom* não só para o grupo de vocês, mas para reunião, para missa, para pastoral”.

Depois dessa introdução, “N” retomou a condução e iniciou a leitura da mensagem do Papa:

Desejo dedicar a Mensagem deste ano ao tema da narração, pois, para não nos perdermos, penso que precisamos de respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destruam; histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos. Na confusão das vozes e mensagens que nos rodeiam, temos necessidade duma narração humana, que nos fale de nós mesmos e da beleza que nos habita; uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura, conte a nossa participação num tecido vivo, revele o entrançado dos fios pelos quais estamos ligados uns aos outros.<sup>239</sup>

“N” explicou tópico por tópico da mensagem. Essa parte do encontro seria o que a Teologia Comunicativa chama de “Impulso” para a interação, que proporciona embasamento de informações para a articulação de perguntas e argumentos na discussão. “N” comenta a primeira parte da mensagem que fala sobre “Tecer histórias”. O ser humano desde que começou a falar narra histórias, tudo o que a gente conhece hoje é baseado em histórias. Jesus mesmo não escreveu nada, ele sempre contou histórias, parábolas. A segunda parte diz que “Nem todas as histórias são boas”, “N” traz a reflexão o desafio contemporâneo das *fake news* e das histórias que não nos edificam, que não nos acrescentam, que não nos agregam. Ela acredita que uma das primeiras *fake news* que temos conhecimento na história humana seria a história de quando a serpente engana Adão e Eva dizendo que no momento que comeres da fruta, tu te tornará como Deus. A respeito disso, o Papa Francisco escreveu:

Numa época em que se revela cada vez mais sofisticada a falsificação, atingindo níveis exponenciais (o *deepfake*), precisamos de sapiência para patrocinar e criar narrações belas, verdadeiras e boas. Precisamos de coragem para rejeitar as falsas e depravadas. Precisamos de paciência e discernimento para descobrirmos histórias que nos ajudem a não perder o fio, no meio das inúmeras lacerações de

<sup>239</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

hoje; histórias que tragam à luz a verdade daquilo que somos, mesmo na heroicidade oculta do dia a dia.<sup>240</sup>

“N” conta que a mensagem também fala sobre a história das histórias. A Bíblia é um livro de histórias, tanto histórias dos povos quanto contos que explicam ensinamentos importantes para a vida. “N” nota como muitas vezes acabamos entendendo as histórias bíblicas de forma literal, toda história tem um símbolo. E esse símbolo precisa muitas vezes ser revelado, retirar o véu do símbolo para que possamos entender. Ela explica que as histórias são baseadas geralmente na seguinte estrutura: Temos um herói que tem um valor muito forte, o amor, e ele precisa passar por várias provações para se mostrar realmente merecedor desse processo, e só depois de passar várias batalhas, que no ponto de vista psicológico são todas internas e não externas, para que as histórias sejam validadas. A mensagem também apresenta os Evangelhos como narrações:

Enquanto nos informam acerca de Jesus, “performam-nos” à imagem de Jesus, configuram-nos a Ele: o Evangelho pede ao leitor que participe da mesma fé para partilhar da mesma vida. O Evangelho de João diz-nos que o Narrador por excelência – o Verbo, a Palavra – fez-Se narração: ‘O Filho unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O contou’ (1, 18). Usei o termo ‘contou’, porque o original *exeghésato* tanto se pode traduzir ‘revelou’ como ‘contou’. Deus teceu-Se pessoalmente com a nossa humanidade, dando-nos assim uma nova maneira de tecer as nossas histórias.<sup>241</sup>

Em sequência, seguem trechos de fala literais para mostrar a relevância e a forma dinâmica e fluída como se desenrolou o diálogo.

N: “Agora queremos saber sobre a história de vocês dentro do Emaús, o Emaús tem uma história, um princípio, um propósito, uma origem. E dentro da vida de cada um, o Emaús também tem uma história. Nós estamos num grupo e este grupo é feito de relações: nossa relação com Deus, nossa relação com a gente mesmo e nossa relação com a fé. Toda vez que a gente tem uma relação com alguém, eu “N” tenho uma relação com a “C”, e nasce um terceiro elemento. Eu “N” com a minha personalidade, a “C” com a personalidade dela e juntas nós

<sup>240</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>241</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

temos uma terceira persona, que seria feita através dessa relação. “Uma história que sempre se renova” (MDMC 2020). Todas as vezes que a gente conta histórias, que a gente ouve histórias dos nossos pais sobre Deus, dos nossos amigos sobre Deus, da nossa forma de se conectar a Deus, a gente renova a história e a gente se faz história. Então que história que a gente conta sobre Deus e que história a nossa história demonstra como símbolo de conhecimento para as outras pessoas conhecerem Deus? É uma história que, todas as vezes que entramos em contato com Deus e com o outro, a gente se renova. A gente se renova a cada novo contato. Por exemplo, eu estava muito angustiada para fazer a reunião e a “A” apareceu com o texto e o conteúdo fluiu de uma forma que eu acho que nem eu nem ela imaginávamos. É uma história que nos renova a cada novo encontro. Então, ‘vós sois uma carta de Cristo – escrevia São Paulo aos Coríntios –, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações» (2 Cor 3, 3)’. *Cristo está em nós [...]. Então, tudo o que acontece na nossa vida é um pouco da história de Deus*”.

AN: “Cada vez que a gente se encontra, a fé se renova”.

Após o impulso de “N” sobre a mensagem do Papa Francisco e a discussão sobre isso, passamos para o Evangelho de Lucas que fala justamente sobre o Emaús. Eu propus uma meditação inspirada no método da Leitura Orante e expliquei os quatro passos: leitura, meditação, oração e contemplação. Fizemos a leitura da passagem com cinco participantes lendo um trecho, depois cada uma partilhou o versículo que mais lhe chamava a atenção. Em seguida, demos continuidade à meditação.

A: “Ainda meditando esse Evangelho que é tão importante, principalmente pra vocês que fazem parte do movimento do Emaús, eu convido a vocês a se colocarem neste caminho com Jesus, pensar em quem são nesse relato, tu és uma das discípulas, dos discípulos que está no caminho? Se colocar realmente no lugar, dentro desse Evangelho. Enquanto isso, a gente vai escutando uma música e pensando: Quem é Jesus para você? Que tipo de relação você tem com ele? Se você fosse apresentar Jesus a um Jovem, em uma frase, o que você diria? Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Como perceber que ele caminha conosco? Como fazer ouvir a sua voz e sua mensagem em meio a tantas vozes, faces, ideias, informações?”.

Depois de ouvirmos a música “Esposo Ressuscitado” que fala sobre essa passagem do Evangelho, abrimos o diálogo para que cada uma comentasse o que havia refletido sobre o texto, as questões e a música.

R: “*Jesus é amor, converso com ele todos os dias ao acordar e antes de dormir e depois faço minhas orações, muitas vezes oro o Pai Nosso e a Ave Maria no meio do dia. Em outros momentos que preciso controlar-me emocionalmente, ele fala comigo através da intuição*”.



B: “Eu considero *Jesus como um guia, um líder, e eu tenho uma relação com ele de amizade e de compaixão, às vezes a gente dá uma ‘brigadinha’, mas como toda a amizade, a gente fica entre idas e vindas, mas eu sempre sei que ele está lá porque ele é misericordioso*”.

Nas definições pessoais sobre quem é Jesus, aparece recorrentemente a figura de Jesus amigo. Mas me chama a atenção que em algumas falas surge Jesus na figura de pai.

G: “Jesus é muito misericordioso e *nosso pai protetor*”.

No geral, todas demonstraram uma relação pessoal e de intimidade com Cristo, a ponto de poder “brigar” com o Redentor, pois, segundo “S”: “a gente só briga com quem a gente ama”.

“N” adiantou outras questões planejadas, como: Qual foi a primeira história que você ouviu de Jesus? Qual foi a primeira vez que alguém falou de Jesus para você? Então as respostas se juntaram em um mesmo fluxo de pensamento.

C: “Eu também estudei o Ensino Fundamental e Médio em colégio católico, perto do meu colégio tinha uma paróquia. Lá, ouvi muito sobre Jesus, de uma forma muito bonita e demorou muito tempo para eu perceber toda a importância de Jesus e do amor dele. E quando eu fui crescendo e me reconhecendo como pessoa, fui me identificando que eu também quero amar ao próximo, cuidar do próximo, e talvez ser um reflexo dele. Então, a gente acabou se encontrando num momento que eu estava muito perdida e agora a gente não se larga mais. Também é uma relação de amor e ódio, *às vezes a gente tem umas ‘briguinhas’, às vezes a gente fica um pouco desacreditado de algumas coisas, mas parece que depois daquele Emaús, ele nunca mais conseguiu sair de dentro de mim*”.

L: “A minha experiência mais forte com Deus foi quando eu fiz o CLJ. O primeiro encontro do CLJ foi onde Deus me tocou mais. Também durante a Jornada Mundial da Juventude, eu pude vivenciar vários momentos de espiritualidade e intimidade com Deus. E hoje em dia, eu estava tentando manter aqui no grupo um vínculo com a Igreja, assistindo as missas. Estou caminhando devagarzinho nesse ano para a retomada”.

B: “A ‘S’ fez uma consideração importante, ela disse que ela vê Jesus em cada uma de nós. Eu concordo com ela porque Jesus é amor e eu acho que cada manifestação, por exemplo, essa apresentação foi feita com amor, essa reunião foi preparada com amor, eu acho que todos esses gestos são a representação daquilo que Jesus queria, que nos amássemos uns aos outros e pudesse levar a palavra para todos os cantos assim e que, por mais que ele pulse nos nossos corações, a gente tenta se afastar, mas, que nem a “R” falou da intuição, ele vem e se recoloca nas nossas vidas. Eu não consigo precisar quando foi a primeira vez que alguém me falou dele,

parece que ele sempre esteve na minha vida, eu não consigo me lembrar de algum momento específico, acho que podemos continuar com essa reflexão, pode vir muitas coisas daí”.

Da sugestão de “B”, surgiu a ideia de realizar no dia seguinte uma reunião extra para dar continuidade a reflexão, pois “N” não podia ficar mais tempo e ela que havia criado a reunião na plataforma *Zoom*. Então, foi unânime a decisão de fazer um encontro no dia seguinte. Concluiu-se a reunião com avisos e agradecimentos.

#### 2.3.1.4 Reunião do dia 27.04.2020: continuidade do encontro anterior

Iniciamos, como de costume, com a oração ao Espírito Santo. “N” deu boas-vindas e reapresentou o tema e o propósito do encontro. Decidimos retomar o texto do Papa e lê-lo desde o início, cada uma lendo um trecho e fazendo pausas para comentários.

N: “É importante percebermos que desde sempre nós temos fome de histórias, como o Papa diz, e que somos construídos por histórias: a história de nossos pais, dos nossos avós. Todo mundo já ouviu alguma história em algum momento da vida, seja desde história de quando era bebê, história de ninar, sobre Jesus, sobre o anjinho da guarda, sobre o papai do céu”.

A partir da leitura – “O homem não só é o único ser que precisa de vestuário para cobrir a própria vulnerabilidade (cf. Gn 3, 21), mas também o único que tem necessidade de narrar-se a si mesmo, «revestir-se» de histórias para guardar a própria vida”<sup>242</sup> – comentei que a internet não é feita por cabos ou fios em si, mas a rede é, em última instância, um tecido de histórias que se entrelaçam. A rede social, quando se estuda a cultura digital na teologia ou mesmo nas ciências humanas, não é a rede mundial de computadores ou de smartphones, mas a rede mundial de pessoas. A rede são pessoas que se conectam através de dispositivos digitais. Então, o conteúdo das redes sociais são histórias, as nossas histórias: Facebook e Instagram são compostos por imagens que contam a nossa história, uma foto, um vídeo são partes da nossa história que captamos naquele momento.

Sobre o tópico “Nem todas as histórias são boas” que falam das histórias falsas, distorcidas, o Papa usa o termo “*deep fake*”, surgiram os seguintes comentários:

B: “Esse parágrafo dá para pensar sobre as *fake news* porque ele fala da propagação do ódio, dá pra pensar no momento atual e traçar um paralelo com o que a “A” falava da rede de

---

<sup>242</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

comunicação porque, assim como a gente consegue fazer o movimento do bem, também conseguimos fazer o contrário, e nós cristãs, que artifício a gente vai utilizar pra filtrar isso?”

N: “Exato. Hoje tudo gira em torno de histórias, histórias da mídia, das notícias que se tornaram história. Hoje muitas coisas da propaganda estão sendo feitas através do *storytelling*, se tu consumires tal produto tu vais ser mais feliz, mais realizada, vai ter mais sucesso, como isso é complicado. Eu penso nas próprias falsas histórias dos falsos profetas e de quantas vezes a gente se pega lidando com as histórias de outras pessoas de forma pejorativa, a fofoca também é uma história negativa”.

A: “Eu estava pensando de como a gente consome ideias e culturas que estão dentro de uma série e tem ensinamentos que não são cristãos, que vão contra os ensinamentos cristãos, e a gente vai absorvendo como se aquilo fosse normal, aquela violência nos filmes de ação, os casos, as traições, aquelas tramas que te deixam tão ligada. Mas em contrapartida, naquela mensagem do Papa do ano passado, ele fala desse bom alimento da informação, que toda informação que os nossos sentidos captam é alimento para o nosso cérebro, pode ser bom alimento, deixando o cérebro saudável, ou um alimento que vai degenerando nossa mente”.

D: “Para mim ficaram duas coisas: a primeira é que, devemos seguir sempre estudando e lendo, isso serve para tudo, tu não vai ser um bom administrador se tu não seguir estudando, se tu parar com o que tu aprendeu na faculdade. E também que a gente pode passar isso para as outras pessoas. Aqui traz, de geração em geração, mas também para amigos, pelas redes sociais, por tudo o que é lugar, podemos passar um pouco do que a gente aprende estudando a Bíblia, entendendo o que a gente acredita”.

N: “O que me chama atenção é a questão que o próprio Jesus falava de Deus não com discursos abstratos, mas com parábolas, narrativas tiradas da vida de todos os dias e que entra na vida de quem a escuta e a transforma. Somos história viva de Jesus e de Deus, a cada relação que a gente constrói uma com a outra formamos um terceiro ser, a gente se faz história e ponte para Deus”.

A: “Eu lembrei que nós somos história viva de Deus, somos corpo místico de Cristo, somos o prolongamento da vida de Cristo. Então, Cristo se manifesta através de nós e a gente tem que ser esse livro aberto, como naquela passagem: nós somos a carta escrita por Deus, o Espírito Santo é quem escreve. Então, precisamos estar abertas para o Espírito Santo escrever a nossa história, trilhar essa história conosco. Eu fiquei pensando que a história das histórias, a Palavra de Deus, a Bíblia, é um compilar de vários livros formados por histórias de povos, culturas, religiões diferentes [...]. Por exemplo, o Gênesis tem 3 tradições orais distintas compiladas num só texto. Como a nossa vida é marcada porque alguém contou algo para nós”.

“N” lança uma pergunta para o grupo ir pensando: que tipo de história a nossa vida conta sobre Jesus? Continuamos a leitura para o próximo tópico “Uma história que se renova” que diz que a história de Jesus é sempre atual e é a nossa história.

“B” recorda que no início da mensagem está escrito que “a história de Cristo não é um patrimônio do passado, é a nossa história sempre atual”.<sup>243</sup> Essa frase faz sentido para “B” porque várias leituras da bíblia permanecem atuais, embora tenham sido escritas há muito tempo. Ela observa que muitas vezes lemos passagens do novo ou do velho testamento que fazem todo sentido naquela hora em que lemos.

D: “Isso que a ‘B’ estava falando é uma baita verdade, até nas nossas reuniões comenta como é atual mesmo não tendo sido escrito agora, relacionado com ‘vós sois uma carta de Cristo’, me parece que, por acreditarmos em Deus, nós somos um pedacinho dele, uma obra dele. Sendo assim, a maneira como nós agimos também está construindo de certa forma como Ele é, me pareceu uma questão de via de mão dupla”.

A: “Sim, vários salmos dizem que nós somos essa obra inacabada de Deus, e Deus vai nos construindo ao longo da nossa vida. Por isso que também nós somos imagem de Deus e as semelhanças também vão se construindo no processo de caminhada”.

N: “É o que falamos na outra reunião, que eu sou uma parte de Deus, e eu me conecto com Deus e, através dessa relação, surge uma terceira pessoa, que seria o Espírito Santo, que me inspira, que me toca, que me traz a humanidade de Deus”.

A: “Sim, nessa palavra ‘Sois a carta de Cristo’, é o Espírito Santo, o amor de Deus, que escreve em nós, e na Trindade, quando a gente estava preparando, a “N” falou que a relação entre duas pessoas gera uma outra pessoa, essa relação se torna personificada. Então, eu falei: Tu acabaste de explicar a Trindade. O amor entre o pai e o filho, no caso da Trindade, é tão grande que ele é realmente uma pessoa, então, o amor, ele é personificado, o Espírito Santo é o amor. E assim também nas nossas relações, elas podem gerar essa pessoa. Podemos gerar outras coisas, às vezes negativas, como aquelas histórias que nem sempre são boas, mas nós podemos ter essa Terceira Pessoa entre nós que é o amor, que é o Espírito Santo”.

Por fim, lemos o último tópico da mensagem do papa “Uma história que nos renova”, que diz que ao (re)lermos as grandes histórias como as da Palavra de Deus e dos santos, o Espírito Santo encontra liberdade de (re)escrever a nossa história e nos recordar quem somos aos olhos de Deus. Todas as participantes manifestaram enorme apreço pelas palavras do Papa Francisco e agradeceram a oportunidade de ler e refletir sobre este texto. Após a conclusão da

---

<sup>243</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

leitura, retomamos as perguntas apresentadas na reunião anterior para dar sequência a discussão: “Quem é Jesus para você? Que tipo de relação você tem com ele? Se você fosse apresentar Jesus a um jovem, em uma frase, o que você diria?”

D: “Eu o apresentaria como um *guia*, como um *líder* [...]. Pensando no próprio caminho de Emaús, como tu explica o [movimento] Emaús? É muito difícil de explicar e colocar em palavras. Eu explicaria [quem é Jesus] da mesma maneira que eu explico o Emaús, como *um caminho, uma maneira de conexão*. [...] um guia”.

A: “Que tipo de relação tu tens com Jesus no teu dia a dia?”

D: “Todas as palestras do Emaús ‘A’ têm muito testemunho. Quando eu fiz o meu curso [do Emaús], tinha uma palestra que eu nunca vou esquecer. Era uma menina super divertida que falava que Jesus é o *nosso Brother, nosso amigo*. É divertido falar dessa maneira, mas é a maior verdade. Quando tu estavas comentando sobre um outro tipo de oração, eu questionei, eu acho que não importa como tu rezas, desde que tu rezes. Não importa como tu conversas, desde que tu converse. *Eu converso com Deus como eu converso com o meu pai, com minha mãe, com meus amigos*. [Jesus] é como um amigo, não tem palavras ditadas, é como se eu tivesse falando com você.

N: “‘A’, tu lembras de como a gente falou sobre conversar com Jesus como um *Brother*?”

A: “Sim, para mim também. Partilhando a minha relação com Jesus, eu sinto que aonde eu for ou estiver: *Jesus é o meu lar*. Onde eu estou com ele, sempre estou em casa, sempre me sinto em casa”.

B: “Penso que Cristo é o meu *amigo*, eu brinco às vezes, é “*o cara lá de cima*” e digo: ‘Amigo aí, dá uma força’. Tenho essa relação de *intimidade*, de *amizade* mesmo, de *companheirismo*: ‘dá uma ajuda aí amigo’. Eu o apresentaria [para um jovem] assim: ‘Vem aqui, eu quero te apresentar um cara legal’. Sobre como reconhecer Jesus no mundo de hoje, podemos reconhecê-lo na natureza, no rosto do próximo e das pessoas na rua. Quando as pessoas têm gestos de amor, eu acho que é Jesus que está ali. Palavras de conforto, é Jesus agindo. E como fazer ouvir a sua voz em meio a tantas vozes, faces, ideias, informações? Temos que rezar para que isso aconteça. Temos que ter um momento de oração e se conectar com Jesus para que possamos perceber que ele caminha conosco. Porque de nada adianta seguirmos na jornada sem se conectar com ele, por isso que é importante termos esses momentos de partilha, de ouvir como é que todo mundo pensa. Resumindo, eu vejo Jesus em vocês”.

AN: “Desde ontem eu estava pensando nisso, pra mim é como se fosse um *amigo*. Eu tenho o costume de conversar com Deus, mesmo sem oração, às vezes, eu fico contando algo

como se eu tivesse falando com alguém mesmo. Eu sinto que Deus está sempre do meu lado, meu tipo de relação com Deus é realmente de *amizade*. Sobre apresentar Jesus para alguém em uma frase, [...] eu falaria algo assim: ‘Bah, eu vou te apresentar um cara que eu tenho certeza que tu vai gostar’. Porque Jesus tem essa capacidade de se adaptar às pessoas, não tem como não gostar dele, até mesmo se tu não creres, tu admira aquela personalidade que ele foi”.

A: Se já quiser aproveitar e responder: Como reconhecer Jesus no mundo de hoje?

AN: “Para tu reconheceres Jesus, tu tens que se abrir a isso. Para ti conseguir ver Jesus em outra pessoa, tu tens que querer [...] olhar a pessoa com esse olhar. Me lembra aquela frase ‘palavras comovem, mas os exemplos arrastam’, isto é, pregar aquilo que *Jesus nos falava, mas vivendo, e se preciso, usar palavras*”.

“D” acrescenta pontos importantes para reconhecer Jesus: vontade, abertura e o silêncio para restaurar a conexão com Deus.

D: “Se tu não parar, seja para refletir, seja para respirar, [...] tu não enxergas. Tu és levado por tudo o que acontece, as coisas boas acontecem, [...] as coisas ruins também [...]. Quando tu paras, parece que tudo se conectou [...]. Se tu não tens esse momento de *pausa*, tu não enxergas, então eu acrescentaria esse *checkin*”.

A: “Sim, é bem interessante pensar no próprio caminho de Emaús do Evangelho que justamente naquela hora que eles pararam, sentaram-se para fazer a ceia, quando Jesus partiu o pão, eles o reconheceram”.

C: “Jesus é meu *amigo* como todas as gurias falaram, mas eu sinto que *ele é muito maior que tudo*. Além disso, sinto ele como uma *força*, e às vezes eu falo de forma formal com ele, tipo: ‘é só tu que pode mudar as coisas né, usa o teu poder, teu amor para mudar’. Eu o considero também como se fosse um *mestre* [...]. Eu tenho além da amizade esse *respeito* por tudo o que ele representa. Isso é algo muito bom, é algo que me fortalece. Se eu fosse apresentar Jesus a um jovem, eu diria que: Jesus é amor e faz o bem. Então acho que uma pessoa que faz isso, é uma pessoa boa que merece confiança. Se a pessoa é do bem e te demonstra amor, automaticamente tu te sentes cativado por ela, já é um começo de um relacionamento forte com Deus. E reconhecer Jesus no mundo de hoje é através do amor, das boas ações, às vezes tu vêes que a pessoa quer só ajudar, está ali pelo próximo, só quer dar o máximo que pode pelo outro”.

G: “Penso Jesus como um *pai protetor e misericordioso*, um *pai divino e humano* que podemos sempre contar, nunca estaremos sozinhas, por mais que muitas vezes achamos que estamos. Que nem aquele texto [‘Pegadas na Areia’] daquele cara que estava caminhando na praia, ele achava que estava sozinho e na verdade ele estava sendo carregado por Cristo. A relação que tenho com ele é de *alguém que eu posso contar, confiar e me abrir*, alguém que eu

posso encontrar uma segurança para minha vida em todos os momentos. Se eu fosse apresentar Jesus a um jovem, [...] eu diria isso: [Jesus é] alguém em quem podemos contar 24 horas por dia em todos os momentos da nossa vida. [...] por mais que às vezes não entendamos os caminhos que ele nos leva, ele sempre vai nos levar para o melhor. *Nesse momento de pandemia, podemos reconhecer Jesus principalmente nos atos de solidariedade*, ver Cristo no outro [...]. Como ouvir a sua voz e a sua mensagem, para mim, uma das coisas que funcionam é *usar as redes sociais*. Eu fiquei bem feliz com o surgimento do nosso perfil do Instagram porque eu sempre fui de colocar passagens da Bíblia ou algo do Papa Francisco ou São Pio nos *stories*. Acho que podemos alcançar as pessoas através da tecnologia”.

I: “Lembrei de uma frase que eu decorei para fazer [a encenação do] primado de Pedro que falava que Jesus não era somente um homem, *era o melhor dos homens, o mais sábio de todos*. Para mim, Ele é *o cara que em qualquer momento está ali para te socorrer*. Se eu fosse apresentar Jesus [...], eu diria que ele é *aquele que tu podes contar*, que vai estar sempre do teu lado e te ajudar. [...] E como reconhecer Jesus, a gente *reconhece ele nas pequenas coisas*, tem uma música que diz que podemos encontrar o amor em várias coisas, num olhar, no sorriso de uma criança, nos hospitais, em cada momento, em cada lugar que a gente passa, podemos sentir a presença dele”.

S: “Jesus é uma pessoa que eu conto a todo momento, eu vivo falando com ele, brigo com ele, tenho uma relação bem íntima com ele, converso demais nos momentos que eu estou chateada. Eu apresentaria Jesus a um jovem como eu faço com a minha filha, eu mostro para ela quando as coisas acontecem, e ela reconhece Jesus naquilo que eu apresento, no que eu digo. Ontem, quando eu falei que via Jesus em vocês, *eu vejo Jesus em cada uma de uma maneira*. Mas tem pessoas que eu vejo que não tem Jesus vivo dentro delas. Eu reconheço e sofro com isso porque eu vivo tão bem com Ele dentro de mim que eu quero que todo mundo viva assim. *Estamos aguentando a pandemia só porque acreditamos em Deus. A fé deixa o nosso coração mais calmo, se não seria insuportável*”.

Depois dessa experiência de partilha e reflexão, “N” sugeriu concluir com cada uma resumindo em uma palavra o que representou essa reunião para cada uma. As palavras escolhidas foram: perseverança, partilha, amor, Jesus, encontro, histórias, esperança. Para concluir, fizemos uma breve oração, agradecimentos e combinações para a próxima semana.

### 2.3.1.5 Reunião do dia 03.05.2020: preparação e execução do encontro

O encontro do dia 03 de maio foi preparado por mim e pela participante “G”. É a primeira vez que “G” realiza uma reunião no *Zoom* como anfitriã, então, foram necessárias algumas explicações de suas ferramentas. Mas como uma boa nativa digital, ela aprendeu a manejar a plataforma rapidamente de maneira intuitiva. Em continuidade com a reflexão dos encontros anteriores que tem como questão de fundo – Quem é Jesus? – o tema trabalhado no encontro foi “Jesus, o bom pastor na internet”, celebrado na liturgia deste respectivo domingo. Por isso, após a tradicional oração “Vinde Espírito Santo”, foi lido o salmo 22 “O bom pastor”, e em seguida foram partilhadas as intenções de oração. Além dos pedidos particulares, em todas as orações permanece o pedido pelo fim da pandemia, saúde para todos especialmente por aqueles que foram infectados pelo coronavírus.

Preparamos uma dinâmica referente a pergunta já trabalhada nos últimos encontros: Como reconhecer Jesus no mundo de hoje, especialmente no ambiente digital? A atividade consistiu em cada uma escolher dentre várias imagens selecionadas da internet, que apresentam uma visão de Jesus bem diferente uma da outra, qual a que te chama a atenção e por quê. Cada uma teve que se questionar: Esse é o Jesus da minha fé? As imagens retratavam Jesus de formas tão distintas e às vezes até contraditórias, mas que também ressaltavam algum aspecto interessante e importante da vida de Jesus, como a pregação de Jesus como o bom pastor, Jesus Luz do mundo, Jesus Crucificado e várias outras versões contemporâneas, inseridas na linguagem e cultura atuais, isto é, na cultura digital. Outra pergunta refletida que eu já havia trabalhado na minha pesquisa de mestrado: Deus pode habitar o espaço digital? Deus pode estar presente nesse ambiente? Nós podemos nos encontrar com Jesus na internet?

Em uma das encíclicas de Bento XVI sobre a Palavra de Deus, *Verbum Domini*, ele escreveu que: “No mundo da internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”.<sup>244</sup> Expliquei a elas que Deus se fez carne e veio habitar entre nós porque ele quer ter essa relação íntima conosco como a experiência de se relacionar com Jesus que elas haviam partilhado no outro encontro. E isso inclui qualquer lugar que habitamos, Deus precisa se fazer presente também no ambiente digital.

Além das imagens, “G” acrescentou na dinâmica frases bíblicas, especialmente do Evangelho, que remetem a Deus e a Jesus. As imagens e frases estão em anexo no final da tese.

---

<sup>244</sup> BENTO XVI. *Verbum Domini*, n. 113.



Em suma, cada participante deveria escolher uma imagem e uma frase e comentá-las. No entanto, várias comentaram opiniões sobre várias imagens e isso também foi muito rico.

Antes de partilhar as imagens e frases escolhidas, pedi que pensassem sobre as seguintes questões: Qual seria o significado dessas imagens? O que vocês entendem de Jesus através dessas imagens e da fé em Jesus hoje? E o que você sente quando vê essa imagem de Cristo na rede? Te causa um estranhamento, é algo natural, normal, acha divertido ou desrespeitoso?

G: “Primeiro, queria agradecer a ‘A’, eu adorei as imagens e a ideia do que a gente trabalharia hoje. A imagem que me chamou mais atenção foi a de *Jesus bom pastor*.<sup>245</sup> Mas eu acho que é porque a leitura de hoje é sobre isso, e eu estava pensando em trabalhar com a imagem de Jesus Bom Pastor. Quando eu vi essa imagem de Jesus com a ovelhinha assim no colo, eu achei muito lindo, demonstra o quanto *ele é nosso protetor e nos conduz*. A frase que me chamou a atenção foi: ‘Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu vos darei descanso’. Principalmente nesse momento da pandemia [...], tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, mas sabemos que com a fé tudo isso vai passar e a gente pode descansar em Cristo assim como a ovelhinha está no colo dele”.

A: “Essa da menina com um cachorrinho, Jesus e os coraçõezinhos, me lembrei muito dessa cultura de selfie.<sup>246</sup> Um padre jesuíta fez uma reflexão teológica sobre a selfie. Antes, tirávamos fotos de algo que era importante para nós, mas a gente não aparecia. Aquilo que era importante, mas estava longe de mim como um cantor. Hoje, a gente tira foto junto com a pessoa que é importante para nós. No caso da imagem, Jesus *é alguém importante*, mas eu achei engraçado que o cachorrinho também é importante. Então, eu achei um retrato muito interessante da cultura atual e da fé hoje em dia, da relação entre as pessoas, essa relação de proximidade. Escolhi a frase: ‘Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração’. E também: ‘Eu estarei com vocês até o fim dos tempos’. Naquela imagem, para aquela jovem, Jesus *é alguém importante, alguém próximo*, mas também, digamos assim, o cachorrinho também é alguém importante. Então: onde está o nosso tesouro? Em quem a gente coloca a nossa esperança a nossa confiança, o nosso amor, o nosso cuidado? Jesus vai estar sempre com a gente, nos abraçando, próximo a nós”.

R: “A imagem de Jesus com o sagrado coração apontando, sorrindo, piscando, dá a impressão de vai ficar tudo bem, passa essa tranquilidade.<sup>247</sup> E a frase que me chama muito a

---

<sup>245</sup> Imagem 14, Anexo 1.

<sup>246</sup> Imagem 01, Anexo 1.

<sup>247</sup> Imagem 19, Anexo 1.

atenção é: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’. Tem tanta gente que faz tanta coisa, [...] essa frase serve até para nós mesmos”.

B: “A imagem de Jesus na Cruz.<sup>248</sup> Sempre quando vejo Jesus na cruz eu lembro que ele fez um sacrifício proposital, ele foi um *agente de Deus* para redimir todos os pecados da humanidade e nos dar a salvação. Esse é o maior ato de amor que ele nos deu. A frase é: ‘Jesus olhou para eles e respondeu: para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis’. Isso é a questão da fé: por mais que a gente não compreenda as coisas, Deus sempre prepara e designa o que for melhor para nós, temos que confiar”.

C: [Imagem do Sagrado Coração sorrindo].<sup>249</sup> “A primeira vez que eu a vi eu fiquei encantada, acho que ela aproxima. Gostei muito também dessa forma cheia de cores,<sup>250</sup> como se fosse uma pintura, me chamou muito a atenção da parte artística. Esse dele com o cachorrinho,<sup>251</sup> eu gostei dessa amizade, ele está perto de nós, a gente se sente acolhido [...]. Essa da cruz também,<sup>252</sup> eu vejo como uma coisa muito maior do que nós mesmos porque é uma obra de Deus, que enviou esse ser humano incrível que fez tudo isso por nós, é inexplicável o que ele fez, faz e continua fazendo na nossa vida, é uma imagem de muito respeito. Aquele Jesus com o Note[book]<sup>253</sup> sou eu trabalhando todo o dia, fazendo arte. Na verdade, somos todas nós quando colocamos nossos dons a serviço, ele sempre está ali nos abençoando, dando condições de oferecer nosso melhor, [...] *essa questão da internet, esse compartilhamento, essas novas criações, fazem aproximar de Deus e de Jesus de uma forma mais humana, como se ele fosse amigo de todos* [...]. É uma ótima forma também de evangelizar. A frase escolhida é: ‘Eu sou a luz do mundo’. Justamente por tudo isso que somos, nos tornamos e reconhecemos em nós a partir d’Ele”.

A maioria das imagens expostas comunicaram um significado positivo para o grupo. Entretanto, algumas representações de caráter mais caricato passaram uma intenção negativa e dúvida.

R: “Tem imagens que aproximam, mas tem outras que parecem falta de respeito, como aquela que colocaram o rosto do *Mr. Been* como o de Jesus”.<sup>254</sup>

B: “Essa do *Mr. Been*, eles querem dizer que Jesus é um palhaço ou que Jesus também se aproxima da gente com a sua alegria?”

---

<sup>248</sup> Imagem 17, Anexo 1.

<sup>249</sup> Imagem 19, Anexo 1.

<sup>250</sup> Imagem 05, Anexo 1.

<sup>251</sup> Imagem 01, Anexo 1.

<sup>252</sup> Imagem 17, Anexo 1.

<sup>253</sup> Imagem 09, Anexo 1.

<sup>254</sup> Imagem 22, Anexo 1.

G: “Quando eu vi essa imagem, eu senti como desrespeito mesmo. Mas achei legal essa tua ideia “B”, nem me passou pela cabeça [outra interpretação]”.

L: “A imagem<sup>255</sup> que eu gostei bastante, foi a da menina atrás de Jesus, abraçando-o, essa imagem representa muito o afeto, o acolhimento, o amparo que eu estou começando a sentir de novo por Jesus. E a frase que falou muito forte é: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. Essa semana eu estava bastante reflexiva em relação a isso. Onde está guardado esse tesouro? Depois que terminar essa quarentena, eu vou me colocar no mundo, em todos os ambientes que eu for atuar, ali também deve estar a nossa paz, energia e tudo de bom. Então, que a gente descubra onde encontrar esse tesouro e essa felicidade”.

D: “Gurias assim, vou falar tá, [...] a imagem que mais me chamou atenção foi essa da arte colorida,<sup>256</sup> eu achei muito linda e a expressão do olhar dele nessa foto diz [...] ‘eu sofri por vocês’, ao mesmo tempo me traz muita confiança, e ainda tem um pássaro, o Espírito Santo ali ao lado, e o fato de ser colorida, me pareceu um pouco mais lúdico do que a forma clássica, deu um tom artístico bonito. Mas eu compartilho do sentimento que a “R” trouxe que *algumas fotos me passam algo ruim*. Eu não sei dizer o que é, mas para mim não é Deus, algumas me passaram uma energia negativa, *não parece ser o Deus que eu acredito*.

Eu perguntei a “D” quais imagens que lhe causaram essa impressão negativa.

D: “A maioria delas me parece ‘boneco’ demais, mas as que me passaram uma energia negativa são principalmente, aquelas que vocês comentaram em relação aos rostos, também essa dos olhos pra cima.<sup>257</sup> Isso não é Deus né, Deus não pega e se vira de costas para o que eu estou falando, ele pode não concordar, mas ele não vai se virar de costas. Não imagino ele também com luzes coloridas em cima da cabeça<sup>258</sup>, e nem ele como um boneco. Eu sou mais das imagens de símbolo, aquelas imagens que a gente vê na Igreja normalmente integra melhor”.

É interessante como as representações visuais podem ter diferentes interpretações, conforme o tempo e lugar. Por exemplo, a imagem de Jesus olhando para o alto é uma pintura clássica que em seu período histórico e na intencionalidade do artista significava Jesus olhando e orando ao Pai. Mas no contexto atual as pessoas atribuem sentidos completamente diferentes dos originais, por terem outro tipo de bagagem linguística, semântica e cultural.

---

<sup>255</sup> Imagem 02, Anexo 1.

<sup>256</sup> Imagem 05, Anexo 1.

<sup>257</sup> Imagem 21, Anexo 1.

<sup>258</sup> Imagem 18, Anexo 1.

A partir dessas distintas interpretações percebemos um ponto de distúrbio na discussão.<sup>259</sup> “R” perguntou a “D” se as imagens<sup>260</sup> de Jesus retratado negro ou moreno, diferente da fisionomia tradicional europeia em que geralmente é pintado, a agrediam ou a desagradavam.

R: “As pessoas dessa forma gostariam de se enxergar em Jesus, dizem que a gente tem Jesus dentro de nós, que a gente tem que buscar cada vez mais se identificar com ele e eu acho que isso é uma forma das pessoas com essas características se identificarem com ele”.

“D” disse que não era isso que lhe dava má impressão. “Essa da direita,<sup>261</sup> por exemplo, me passa um olhar de amor. Já a da esquerda<sup>262</sup> me parece mais um boneco, não me parece real”, esclareceu “D”.

“R” perguntou ainda o que “D” achava da imagem do Sagrado Coração de Jesus sorrindo<sup>263</sup>, se achava uma representação desrespeitosa. “D” respondeu que não, pelo contrário: “eu achei muito bacana porque me parece muito o Jesus amigo, aquele Jesus que vai brincar contigo, vai entender também o que tu está fazendo. *Falar contigo com palavras que a gente usa* e não falar: ‘Vós que tem...’, sabe”. Aqui “D” chama a atenção para a necessária atualização da linguagem bíblica para a linguagem contemporânea.

“C” concorda que os retratos realistas chamam mais a atenção e que os outros parecem apenas uma ilustração. Para “C”, isso descaracteriza a figura de Jesus a qual estamos acostumadas. “D” reitera que não é pela questão da cor ou de outras características que algumas imagens lhe causam estranhamento, mas mais por umas passarem mais realismo que outras. Esse estranhamento de “D” com algumas imagens expressa algo importante. A fé de “D” não é por algo ou alguém fictício, mas por uma pessoa real e viva. A relação de “D” com Jesus é uma relação pessoal, concreta, não simbólica ou ilusória. Por isso, ela prefere imagens que sejam mais fiéis a essa experiência que compartilha com Deus. A frase por ela escolhida – “O Reino de Deus está dentro de você” – recordou-a do que estavam comentando nas últimas reuniões que existe uma Jerusalém dentro de cada coração. “O Reino de Deus está em ti, está em cada uma de nós”, conclui “D”.

---

<sup>259</sup> O termo distúrbio é utilizado na Teologia Comunicativa para expressar um ponto na interação relevante a ser explorado melhor na reflexão. Destacar essa parte da conversa como distúrbio não significa, portanto, que houve animosidade entre as participantes, mas que o tópico gerou o engajamento de várias participantes no diálogo.

<sup>260</sup> Imagem 10, 11, 12, Anexo 1.

<sup>261</sup> Imagem 12, Anexo 1.

<sup>262</sup> Imagem 10, Anexo 1.

<sup>263</sup> Imagem 19, Anexo 1.

“S” se encantou com a imagem de Jesus artística, colorida.<sup>264</sup> A expressão tranquila de Jesus nessa imagem trouxe a ela paz. Ela também achou algumas imagens ofensivas, como aquela em que Jesus está com os olhos voltados para o alto. Para “S”, é como se Jesus estivesse expressando: “Ai, cansei dessa gente”. No entanto, “S” acredita que Ele nunca se cansa de nós. O versículo escolhido por ela foi: ‘Tudo é possível àquele que crê’. Pois, “*nesse momento, mais do que nunca, a gente tem que ter certeza de que tudo é possível*”, desabafa “S”.

“AN” conta que a imagem que mais chamou a atenção dela foi a que Jesus está pregando no meio da multidão, sentado, apesar de não ter se identificado com a fisionomia do rosto de Jesus.<sup>265</sup> O que atraiu sua atenção foi a representação de Jesus pregando para aquelas pessoas, “Jesus se fazendo humilde, se fazendo homem para nos mostrar a verdade sobre o que Deus quer de cada um de nós”. A frase que escolheu diz que o Reino de Deus está dentro de cada um de nós, o que remete ao fato de sermos feitas a imagem e semelhança de Deus. “Jesus veio mostrar que [...] *Deus vive em nós*. Não é só buscar seguir mandamentos, não é se obcecar em algo que a Igreja prega ou outras pessoas dizem que define se uma pessoa é boa e não”. Para “AN”, devemos olhar para dentro de nós, para nossa própria essência e perceber *Deus habita dentro de cada uma de nós*. “Isso é viver a vida de Deus, viver conforme Deus”.

“N” gostou das mesmas imagens que “L”, as ilustrações de três garotas com Jesus.<sup>266</sup> Além dessas, chamou a atenção dela a figura em que Jesus está segurando dois cabos,<sup>267</sup> pois ela pensa que a fé tem a ver com reconexão, se reconectar conosco mesmo e com Deus. Escolheu duas frases – “Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” – e – “o que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois”. A justificativa da escolha é que muitas vezes achamos que a nossa vida vai seguir um rumo e ela segue outro totalmente diferente. “N” acredita que Deus tem um propósito para cada um de nós e esse propósito é construído em conjunto.

N: “Deus não é um roteirista de filmes e nós meros atores. Temos na nossa natureza formas de servir a humanidade, e *servindo a humanidade estaremos servindo a Ele*, e nós temos caminhos a seguir e quando a gente se encontra nesse caminho e bate com a cara na parede, muitas vezes é porque estamos saindo do nosso caminho. Às vezes ficamos bravos e questionamos Deus, mas depois a gente entende que aquela não era a direção. Eu já falei mais de uma vez para ‘A’ que Deus é meu *amigo*, meu *Brother*, que eu sento para tomar um café

---

<sup>264</sup> Imagem 05, Anexo 1.

<sup>265</sup> Imagem 15, Anexo 1.

<sup>266</sup> Imagens 02, 03, 04, Anexo 1.

<sup>267</sup> Imagem 06, Anexo 1.

com ele, às vezes a gente bate altos papos filosóficos. Outras vezes *quando o sinal está fraco e eu não consigo a conexão com ele*, eu entendo que eu não estou sozinha, mas que eu devo entrar em conexão comigo mesma. Muitas vezes ficamos esperando respostas prontas de Deus, e Deus quer que descubramos as respostas no caminho. Acho que Jesus seria aquele tipo de amigo que falaria: ‘Vem comigo que no caminho eu te explico’. Afinal, ele é o *caminho*”.

Seguindo para o fim da reunião, mostramos o Evangelho daquele domingo sobre o Bom Pastor e trouxemos alguns trechos de escritos do Papa Francisco em que ele aborda essa temática trazendo para a realidade pastoral contemporânea. Conteí a elas que o Papa Francisco, em um dos seus discursos, falou que a parábola da ovelha perdida mudou. Hoje, não são as 99 ovelhas que permanecem no aprisco, mas apenas uma, e muitos membros da igreja ficam penteando o pelo da única ovelha que ficou, ao invés de saírem ao encontro das 99 que estão perdidas. Essa “igreja em saída missionária”, que é uma expressão do Papa Francisco importante, significa ir ao encontro das ovelhas. Na mensagem que vista na semana passada do Dia Mundial das Comunicações de 2020 e a de 2014 abordam a ideia de que:

[...] as estradas digitais são um campo essencial na nova saída missionária. [...] Não basta circular pelas estradas digitais, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. [...] entre uma igreja acidentada que sai pela estrada e uma igreja doente de auto referencialidade, não hesito em preferir a primeira.<sup>268</sup>

Citei outra frase do Papa Francisco referente ao pastor que elucidava que nós também devemos ser pastoras e pastores, isto é, temos o dever de cuidar, ir ao encontro, estar próximo das pessoas – “o pastor tem que ter o cheiro das ovelhas”. E ele escreve ainda que:

Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem [...]’ lembra também o Evangelho de hoje, Jesus é a porta. [...] independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma igreja que seja casa de todos.<sup>269</sup>

Para finalizar a dinâmica, ouvimos uma música escolhida por “G” chamada Sagrado Coração, e ela sintetizou a mensagem dessa dinâmica dizendo que: “Independente de onde estivermos e de como ele é representado por nós, que possamos estar junto com o Sagrado Coração dele, que ele possa estar sempre junto de nós”. Após escutarmos a música, houve

---

<sup>268</sup> FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações 2014.

<sup>269</sup> FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações 2014.

agradecimentos pela reunião, oração final e comentários sobre o horário e duração dos encontros on-line do grupo.

#### 2.3.1.6 Reunião do dia 17.05.2020: preparação e execução

Enquanto os encontros anteriores foram preparados por mim junto com uma das participantes, por sugestão do grupo, este último encontro eu preparei sozinha para elas. Baseado no desenrolar dos encontros antecedentes e nos assuntos que mais se destacaram no diálogo, decidi trabalhar o tema “Fé e amizade na era digital”. Começamos com uma breve oração e seguimos com a meditação do Evangelho (Jo 15, 12-17) para refletir mais profundamente a amizade com Jesus Cristo. Após lermos, fizemos um instante de silêncio, depois cada uma partilhou sobre um versículo. Os versículos mais citados foram: “Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei” (Jo 15, 12); e: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos” (Jo 15, 13).

B: “A maior demonstração de afeto que Jesus nos pede é que amemos uns aos outros como ele nos amou. Tendo em vista que o amor dele é muito grande, muito forte, incondicional, eu creio que o mínimo que a gente tem que fazer é amar o próximo”.

I: “Se seguissemos esse mandamento a nossa vida seria bem melhor, a gente teria muito mais amor”.

S: “Existe amor maior que dar a vida pelos amigos? Não, não existe”.

T: “Ele nos chama de amigos e deu a vida por nós, demonstrando o amor maior”.

L: “‘Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzais fruto e que o vosso fruto permaneça’. Qual é nossa missão? É ir ao encontro das pessoas e não foi nós que escolhemos Jesus, ele que nos escolheu para a missão”.

G: “Eu também concordo com a frase que a ‘L’ destacou. Como uma questão de troca, de reciprocidade, o que ele nos dá, a gente dá em troca também, como uma amizade”.

I: “Esse versículo me lembra a frase: ‘Deus não escolhe os capacitados, ele capacita os escolhidos’”.

Depois da meditação, introduzi algumas questões para a discussão: O que é a fé para você? O que é ter fé? Como você define a amizade? O que faz alguém ser amigo de alguém? O que significa ser amigo de Deus? Qual a relação entre fé e amizade? Tem alguma relação? A era digital mudou alguma coisa nas relações de fé e amizade? Todos, sem exceção, pensam em

Jesus como um amigo. Então, o que significa essa amizade? O que significa dizer que Jesus é seu amigo?

B: “Eu acho que a *fé é uma chama, é um mistério* também, o cristão deve acreditar que existe *uma força que move* as coisas, *um embasamento que nos impulsiona* seria a fé, a fé na religião, a fé em Deus, a fé na vida, a fé no outro. Ter fé é *uma força espiritual que nos guia a termos coragem*”.

D: “Vejo também a fé como uma *chama*, não é tão fácil manter essa chama acesa, para isso, tenho que encontrar maneiras. Eu vejo o grupo, o Emaús, como uma dessas maneiras. Relacionando com amizade, fé também é *acreditar* e quando temos uma amizade, temos que acreditar nessa pessoa para nutrir e manter essa amizade”.

S: “*Fé é acreditar*. Acreditar que as coisas vão acontecer da maneira que tem que acontecer. Ter fé é saber que tudo de bom que vai acontecer para ti. Se não for o bom que tu esperas é porque não é o momento de acontecer aquilo”.

C: “É *acreditar* que aquilo que tem que ser vai ser. É uma força que a gente tem. Depois de ter um embasamento cristão, a gente fica mais forte. Eu acredito que tem um pouco da perseverança no meio de tudo isso. Quanto mais tu acreditas, mais perseveras”.

A: “É *ter confiança em algo ou alguém* e isso também tem ligação com amizade”.

Depois de falarem sobre a fé, cada uma elaborou seu conceito de amizade.

B: “A amizade é uma *camaradagem*. É um *sentimento* bom que nos dá *alegria* de ver um outro amigo feliz e eu acho que tem que ser uma *relação recíproca* como a relação de amor entre casais. A amizade tem que ter *reciprocidade*, é uma relação de *empatia* com o próximo, de se colocar no lugar do outro. E o que faz alguém ser amigo de alguém é estar o ombro amigo ali disponível, viver momentos bons e ruins também”.

D: “A amizade está relacionada com o fato de ter alguma *afinidade*, coisas em comum. Eu acredito que amigos se completam. Amizade como uma troca positiva, reciprocidade. Eu vejo também como uma estrada de duas vias de ida e de volta, então, uma amizade não depende apenas de uma pessoa. Já a fé, quando eu penso em fé, depende muito da gente porque Deus está ali, basta a gente acreditar”.

T: “O que faz alguém ser amigo de alguém é o conhecer a pessoa. Às vezes a gente começa com uma questão de afinidade, mas é o conhecer que aproxima e faz a pessoa ser amiga, assim como na questão da fé, se a gente se afasta, nossa fé enfraquece, assim como numa relação de amizade. O *conhecer*, o *buscar* é que faz a gente ter essa relação de amizade mesmo que sejam pessoas diferentes, é questão de *respeito*. Na questão da fé, nem sempre as coisas



acontecem do jeito que a gente queria, mas a gente continua tendo a fé de que aquilo tem um porquê”.

C: “Amizade é questão da *troca* mesmo, tu dás um pouquinho de ti e a pessoa também se doa. Quando a gente ajuda sem esperar nada em troca por gostar muito da pessoa e dali também ter esse retorno, é *reciprocidade* também. O que faz alguém ser amigo de alguém é a *afinidade*, visão de vida, *objetivos em comum*, mesma religião”.

A: O amor de amigo é um *amor* muito *livre*, não existe um dever de amar, dever de ter relação, dever de conhecer, mas é algo totalmente do *querer*, da vontade, têm algo em comum, têm afinidade, tem um algum tipo de atração ao outro que liga, algum valor em comum, gostar das mesmas coisas, mas é um amor livre porque tu não tem o dever porque é teu pai ou tua mãe ou o teu irmão ou alguma coisa assim, mas simplesmente porque existe essa relação de carinho, de afeto, de amizade.

S: “Amizade é amor”.

A: Interessante que Santo Agostinho falava que Deus é amizade. Isso é outro ponto que a gente pode pensar, que Deus não é uma pessoa, mas são três, e nessa relação que Deus é amor, Deus é amizade.

Recordei novamente a questão da relação entre fé e amizade, e se a era digital causa alguma mudança nestas, citando o exemplo de que o Facebook chama os contatos de amigos.

S: “A era digital mudou muito as relações de amizade e fé. Nos últimos dois meses (quarentena) muita gente teve muito mais fé. Se tu fores ver a missa (on-line) tem 300 pessoas, é sinal que as pessoas estão procurando. A era digital mudou completamente as relações, tu não tens mais aquela amizade de visitar. A minha irmã sempre diz: ‘Em época de *Whatsapp*, uma ligação vale ouro’. E é verdade. As pessoas não ligam mais, [...] falta o toque, aquela coisa mais próxima”.

B: “A era digital veio agregar muito, mas ao mesmo tempo tem que ter um certo cuidado. A amizade é muito *do toque, do olhar, de estar junto fisicamente*, eu prefiro cultivar as minhas amizades assim. Porém, tem amigos com quem não conseguimos mais fazer isso. Na questão da fé, ela vem ajudar no sentido de lermos mensagens incentivadoras na internet, por exemplo, o nosso Instagram é um canal muito legal que serve para fortificar a nossa fé, aplicativos tanto para rezar um terço como para ouvir uma música que toca o nosso coração. A questão da missa [on-line] também vem para agregar. Nem todo mundo que está ali no Facebook a gente considera aquele amigo do peito, são conhecidos. Cabe a nós medirmos o que pode ser bom, o que pode ser ruim, tem que ter o *equilíbrio*”.

Pensando nas perguntas, “C” compartilhou uma experiência pessoal dela que a fez ter dificuldade de continuar com algumas amizades. “C” é uma pessoa com valores bem definidos desde a infância. Quando ingressou na faculdade, percebeu várias diferenças de mentalidade. Fez amizades com colegas de curso e de trabalho. Porém, ao sair com esses amigos e vê-los se acabando em bebida, em cigarro, tendo atitudes que vão contra os seus valores, “C” acredita que seja complicado manter amizades que não compartilham com valores em comum. Com isso em mente, ela relacionou fé e amizade.

C: “Não é porque uma pessoa tem outra religião que ela não vai ser minha amiga, mas *termos essa fé em comum já é algo que aproxima, pode facilitar determinadas amizades*. A minha vida ficou bem mais leve depois que eu deixei claro para mim mesma quem são os meus amigos, quem tem alguns valores parecidos com os meus ou que respeitam os diferentes”.

“N”, como uma boa psicóloga, recordou da dinâmica da “sinaleira da amizade” e aconselhou que as demais participantes a fizessem em algum momento da semana.

N: “Quem são as pessoas que estão no vermelho, que não fazem sentido estar na tua vida porque os valores são muito diferentes dos teus? As pessoas que estão no amarelo são pessoas que tu convives e tem algum nível de relação, colegas de trabalho, colegas de grupo. E quem são as pessoas no sinal verde? São pessoas que realmente tu confias, tu acreditas, tu valorizas, tu sabes que pode contar. Quando fazemos essa sinaleira da amizade, muitas coisas ficam claras na nossa cabeça e isso nos ajuda também a desenvolver o autoconhecimento e a autoestima”.

A: “Eu estava pensando justamente que existem *níveis de amizade*. Quando a gente fala na amizade de Deus por nós e na nossa *amizade com Deus*, é aquela amizade profunda que é *comunhão*, que é reciprocidade a tal ponto que nós somos um com esse amigo. E atingir esse nível de amizade é com pouquíssimas pessoas que a gente tem esse grau de *confiança*, esse grau de *abandono*’ nessa amizade, de confiança total, acreditar plenamente. Assim, entro na última pergunta: Por que vocês falaram e definiram Jesus como amigo de vocês, vocês explicaram um pouco, mas eu queria que vocês pensassem e aprofundassem mais: o que significa ser amiga de Deus? O que significa, a partir do que a gente falou, do que vocês falaram sobre a fé, sobre a amizade, o que significa ter Jesus como amigo? Outra coisa é que Santa Teresa, se eu não me engano, falava que Jesus tinha poucos amigos porque não é fácil ser amigo de Jesus, não é fácil seguir o que ele manda, não é fácil acompanhá-lo, não abandoná-lo aos pés da cruz, não abandoná-lo na perseguição, não abandoná-lo em tantos outros momentos bem difíceis. Mas agora eu queria que vocês pensassem sobre isso e partilhassem”.

“Z” disse que *a amizade com Deus é a mais especial de todas*, que com os outros amigos você precisa expressar verbalmente, mas Deus nem precisa falar, ele vê o nosso coração, sabe tudo que está acontecendo e podemos confiar nele totalmente.

G: “*Jesus é a melhor amizade de todas*, mas às vezes a gente tem um pouco de receio de se entregar. Por mais que muitas vezes a gente não entenda, ele é aquele amigo que sabe antes da gente o que é melhor para cada um de nós”.

T: “A importância de *Jesus como amigo* é saber que independente das situações da nossa vida, ele vai ser *aquele tipo de amizade que nunca vai te deixar desamparado*, te abandonar. Independente do que a gente é, do que a gente faz, ele está ali por nós”.

C: “É uma *amizade que não tem fim*. Tem amizades que tem fim, pode acontecer, e com ele não, por mais que o abandonemos algum dia, ele sempre vai estar lá por nós e vamos nos reconectar de alguma forma. Fiquei pensando que a gente nem sempre conta tudo para os nossos amigos, até por medo de julgar, por ele não entender. E *Jesus nos ouve sem nenhum tipo de julgamento*, ele nos ouve, nos compreende. É uma coisa que *nem nas nossas “amizades reais”* pode acontecer, é raro. Por isso que dos 3 mil amigos do Facebook, se a gente tiver no máximo 5 que sejam assim, já é de grande valia”.

Nessa perspectiva da amizade, perguntei a elas o que o Grupo Maranathas e o movimento Emaús significavam na vida delas, qual o motivo que as leva a se encontrarem semanalmente no ambiente geográfico ou digital.

N: “*O grupo se tornou uma família onde a gente se aceita*, cada uma do seu jeitinho, *cada uma somando com a outra*, nós somos família e corpo ao mesmo tempo. Família porque realmente o laço que nos une é muito forte e sempre nos mobilizamos em prol umas das outras. Isso já aconteceu em muitos momentos, no caso da minha irmã foi super importante eu ter vocês porque sem vocês provavelmente a minha sobrinha estaria passando frio. Domingo passado eu fui lá ficar com elas no dia das mães e muitas das roupas que ela tinha é porque vocês ajudaram e eu sou muito grata a vocês. Eu vejo que somos um corpo com vários órgãos e que cada órgão tem uma função, [...] cada uma coloca seus dons a serviço do jeito que faz mais sentido oferecer às outras. Eu sinto que nós *temos fé uma na outra*, não só em Jesus, que é quem nos une. [...] Amamos uma à outra de um jeito único e especial. Como grupo, nós temos uma força muito grande porque uma das nossas maiores qualidades é a nossa perseverança. A gente já passou por várias fases e não deixou a peteca cair. Somos um grupo muito unido, com muito amor, acolhedor e carinhoso, acho que é por todas essas qualidades que a gente se encontra, para descobrir qual a melhor forma de servirmos umas às outras”.

A partir da fala de “N” percebemos que, com a fragmentação e desvalorização do sentido de família na sociedade contemporânea, atualmente as pessoas procuram nos amigos essa relação e amparo familiar. Perguntei ainda como elas se conheceram, pedi que falassem sobre a história delas no grupo e no Emaús. “S”, a mais antiga integrante, contou que o grupo Maranathas foi fundado em um curso de Emaús com 26 meninas. Coordenadora do grupo desde o início, há oito anos, “S” diz que a cada novo curso de Emaús o grupo vai se renovando. Na formação atual, as mais antigas participantes, além de “S”, são “B”, “G” e “AN”. Ela testemunhou a importância da unidade e do apoio de todas para a perseverança do grupo.

S: “Eu passei por vários momentos na minha vida que se não fosse a amizade e a fé, o grupo teria desandado. Principalmente quem segurou muito a bronca foi a “B”, a “G” ajudou bastante, todas, mas como testemunho posso dizer que *graças a amizade e a fé o grupo existe ainda*. Porque eu fiquei doente, foram momentos bem difíceis e as gurias entenderam isso de uma forma que elas levaram o grupo. Hoje, fico mais na retaguarda, eu gosto mais de ouvi-las do que propriamente falar porque o grupo existe por causa delas. Me dá muito prazer e amor participar do grupo. O que une o nosso grupo é a amizade e o amor. Eu amo cada uma dessas gurias com todas as minhas forças. [...] talvez a gente não saiba muito uma da vida da outra, mas a gente se conhece bastante. Não tem uma coordenadora no grupo, [...] se tu observares, todas elas coordenam de alguma forma”.

B: “O grupo já passou por muitas fases, nem tudo são flores, não é diferente na vida, não seria diferente no grupo e na nossa fé. No nosso grupo a gente se conhece quando cada uma vai entrando, não nos conhecemos antes. Eu entrei nas Maranathas porque a “S” me convidou e nunca mais saí. Teve momentos que eu desanimei, mas o que me manteve foi a perseverança em Deus. [...] Mas principalmente *o que me manteve forte no sentido de seguir a caminhada foram as gurias, foi a amizade de todas* [...]. O grupo é importante porque nos ajuda a nos mantermos firmes, é um grupo de amigas, talvez a gente não se conheça tanto assim na intimidade, mas eu acho que momentos de lazer vão fazer nos conhecermos mais. O Maranathas sempre foi um grupo muito aberto e acolhedor para receber pessoas”.

Como o grupo Maranathas acolhe a todas que vierem, elas lembraram do caso de uma menina com problemas psicológicos que ingressou no grupo e causou várias confusões e animosidades. Ela foi uma exceção, tiveram que tirá-la do grupo.

D: “Eu entrei no Emaús por causa da minha família, os meus pais fizeram, o meu irmão fez e aí eu sempre soube que eu faria. Aos 18 anos, eu fiz e acabei entrando. Eu estou no movimento a mais tempo do que estou no grupo. Eu fui de outro grupo, mas depois que o grupo acabou, segui no movimento e entrei no Maranathas porque trabalhei num curso com a “B” e

ela me puxou. Eu sinto no grupo o que eu sinto cada vez que eu trabalho em um curso do Emaús, quem nunca trabalhou em curso precisa trabalhar porque é muito legal. Quando tu trabalha num curso de Emaús, tem gente de tudo que é idade, tu te conecta com aquelas pessoas como se tu sempre as conhecesse. É um elo, tudo por um amor maior. *Mesmo que a gente às vezes não saiba muito umas sobre as outras, a gente se conecta de uma maneira que o movimento de Emaús faz com que a gente se conecte.* É muito lindo e difícil de explicar. O Emaús é um caminho que vai ditando os rumos da tua vida, mas é muito difícil de ser explicado, é muito interior, é uma coisa que tu vives quando tu estás lá. Ter um grupo de Emaús é lembrar o que tu sentiste quando fez o curso pela primeira vez e manter aquela chama super acesa que tu sentes quando sai daquela casa de Emaús no domingo de noite”.

“T” é recém chegada no grupo e mora em outra cidade, nunca participou de um encontro face a face do Grupo Maranathas. Ela partilhou essa experiência.

T: “Eu fiz o Emaús no ano passado, antes disso, eu já tinha participado de um grupo de jovens aqui onde eu estou morando agora. O Emaús era o que eu estava procurando porque o grupo de jovens aqui é um grupo mais novo. Eu queria amadurecer a minha fé e depois do curso de Emaús, [...] eu até comecei com o Maranathas, mas eu não consegui manter. Então, eu vi nessa época a oportunidade de entrar com tudo no grupo. Eu nunca saí do grupo do *Whatsapp* porque eu sabia que em algum momento eu conseguiria fazer parte do grupo e eu perguntei às gurias, se elas não se importariam, mesmo nunca tendo ido num grupo, de eu começar a participar com as reuniões virtuais. *O que me move a participar é o amadurecimento de fé e mesmo não se conhecendo pessoalmente, a gente vê na exposição de cada uma que encontramos um pouco de Jesus em cada uma.* Isso me faz perseverar, além de que *me acolheram muito bem*”.

Várias manifestaram o interesse e a importância de manter os encontros por videochamada, umas assim como “T” moram longe e nunca conseguiram reunir tantas integrantes ao mesmo tempo num encontro como agora. Por isso, elas disseram que vão continuar com os encontros digitais após a pandemia.

C: “Eu queria dizer para *não morrer as videoconferências on-line depois que voltar tudo, a gente consegue unir muitas assim.* Conhecemos o Emaús depois que a gente faz o curso. Eu senti algo diferente quando eu falei com a “N” e a “B” no final do curso, [...] e naquela conexão, eu senti que seria muito bom participar. Quando entramos, sentimos esse acolhimento que o grupo dá, é muito especial. A troca que a gente tem, nos possibilita a sermos amigas mais profundamente umas das outras. Cada uma tem um jeito muito especial, um carinho, uma atenção, isso é muito bom para o grupo. E o que mudou na minha vida além de perseverar na

fé, eu acho que foi eu conseguir ser um pouco mais humana, ter mais empatia, de aprender a me calar inteiramente, a ouvir tanto as minhas colegas quanto Deus, Jesus, e isso foi muito bom. *Uma das melhores coisas que o grupo traz, essa possibilidade de trocar, de ouvir e ser ouvida, a partilha é muito importante.* A cada ano o grupo fica melhor e esse ano eu senti mais especial por criar o nosso *Instagram*. Com ele, conseguimos externalizar um pouco do que acontece aqui nas nossas reuniões, esse afeto, amor, carinho, cuidado se reflete nas mensagens, no jeito que a gente posta, nas artes também. Eu amo muito o grupo e amo muito todas que estão aqui”.

G: “Nós que estamos há bastante tempo no grupo, pegamos várias fases como a “B” falou, mas *pela nossa amizade uma foi levantando a outra, [...] tudo através da fé*”.

Depois de ouvi-las, expus um pensamento de síntese e conclusão deste e de todos os encontros.

A: “Eu já entrei com pesquisas formais e informais em vários grupos da Igreja, o que eu percebo é que realmente *quando se cria uma relação de amizade profunda, se consegue realmente perseverar na fé.* Então, é extremamente importante nesse caminho, seja o caminho do Emaús, seja o caminho da Igreja, essa amizade, encontrar amigos e perseverar, um suportando o outro, um ajudando o outro. Eu estava pensando, eu tenho que escrever a minha tese e [...] *essas partilhas, fazem parte desse processo que eu busquei fazer diferente, busquei fazer um processo, a teologia como uma reflexão, como um processo de diálogo, um processo comunicativo, um processo com os outros.* Não apenas o que eu penso, mas ver o que os outros pensam *para poder realmente refletir sobre a fé na vida das pessoas.* Eu tenho que pensar numa Cristologia, pensar Jesus hoje: Como fazer esse encontro com Jesus? Como levar os outros a esse encontro? [...] Como apresentar Jesus, especialmente para o jovem [...]? Como viver a fé hoje? Eu vejo como questão chave a amizade, como chave para apresentar Jesus. Não é de agora que as pessoas falam da importância de Jesus como amigo, mas se vê poucas reflexões sobre isso, mesmo no querigma. Eu queria agradecer vocês por, além de me oportunizarem fazer essa pesquisa, também ser o início de uma amizade com vocês, para mim foi muito bom, uma experiência muito boa e construtiva. Não só de fazer com vocês, propor coisas para vocês, mas fazer junto com vocês. [...] É justamente nessa troca que o conhecimento se dá. Como o Papa Francisco fala: ‘a verdade é um encontro’. Eu vou tentar de alguma forma desenvolver esse pensamento sobre amizade, sobre a igreja como comunhão, como diálogo, a importância da comunicação entre as pessoas, de cultivar a relação. Eu queria agradecer muito a vocês essa oportunidade de conhecer o Emaús, de conhecer vocês e eu queria agora nesses últimos minutos ouvir de vocês: Como foi essa experiência? Valeu para vocês também essa experiência que a gente fez? Ajudou o grupo? Porque a ideia dessa prática não é apenas eu conseguir dados para

eu desenvolver uma pesquisa, mas também que o próprio grupo frutifique com essa experiência”.

A avaliação foi muito rica, muitos agradecimentos e comentários positivos sobre a vivência realizada. Vou fazer um recorte dos principais depoimentos.

B: “‘A’, tu foste *um presente para nós nessa época* agora, nos ajudou a desenvolver essa parte da leitura orante, que é uma coisa que a gente gostaria de fazer, mas não estava fazendo. Tu nos trouxeste muitas coisas boas e espero que a gente possa ter conseguido te ajudar um pouquinho nos teus estudos. Seja sempre muito bem-vinda, muito obrigada por tudo”.

L: “*As reflexões propostas através das perguntas foram muito profundas em todos os encontros*”.

S: “Quero agradecer a “A” e agradecer a Deus que fez com que a “P” falasse comigo, que tu falasses com o “Rm”, todo esse caminho para tu chegares no nosso grupo e *foi extremamente importante para o grupo, principalmente nesse momento que a gente estava... nem sei como seria, a gente não tinha ideia de que ficaria tanto tempo parado sem se ver fisicamente*. E aproveitando, eu queria te fazer um convite, para ti participar do grupo porque a gente gostou muito de tudo, de ti, a gente não se conhece ainda pessoalmente, mas [...] queremos de te convidar para fazer parte do grupo [...]. *É como se tu já estivesses no grupo*, hoje eu conversei com as gurias também, foi unânime”.

Agradei e fiquei muito feliz com o convite e o resultado da experiência, foi uma verdadeira reflexão comunitária sobre a fé, trazendo uma riqueza de visões e pensamentos que com a solidão do trabalho exploratório bibliográfico dificilmente poderia se chegar. O caminhar não é apenas uma forma, mas também define e é parte constituinte da chegada. A jornada é tão rica e importante quanto o seu destino. Então, vamos passar para a prática realizada com o grupo masculino Transfiguração.

### 2.3.2 Grupo Transfiguração

Agora vamos narrar a experiência do outro grupo de Emaús da pesquisa, o grupo Transfiguração, formado por jovens adultos do sexo masculino, com idades entre 26 e 33 anos. É um grupo pequeno, mas muito unido, iniciado em 2013, perseveram juntos há cerca de 8 anos. Eles se reuniam geralmente nas terças-feiras por cerca de duas horas de encontro na Paróquia Menino Deus em Porto Alegre. Iniciou com três pessoas e chegou a ter 15 membros.

O grupo atualmente tem no total oito integrantes, mas apenas seis deles participaram efetivamente da pesquisa. Todos são formados em alguma faculdade e trabalham em suas áreas: direito, medicina, comércio exterior, marketing, ciências da computação.

O grupo Transfiguração tem como característica principal o estudo de obras, artigos e documentos cristãos, especialmente literatura católica. Eles leem juntos os textos durante a reunião, depois comentam, discutem, debatem e questionam as ideias que apareceram na leitura. A ideia é serem este núcleo fechado de amigos, de pessoas que convivem e que comungam do mesmo intuito de aprimorar seu conhecimento sobre a fé que partilham através do estudo. Baseado nos quatro pilares do Emaús – estudo, ação, lazer e piedade – o ponto forte do grupo é o estudo; a piedade é exercida em certos momentos de oração e meditação durante o encontro; de vez em quando se reúnem na casa de um deles para um momento de lazer e de trabalhar a amizade entre eles; a ação é a maior fraqueza da vivência de grupo deles, mas, antes da pandemia, tinham iniciado visitas ao Hospital Mãe de Deus, passando nos corredores tocando músicas católicas animadas para trazer alegria às pessoas que estão sendo atendidas e também as que trabalham lá. Por causa das medidas de distanciamento social, eles passaram a se reunir on-line dando continuidade ao grupo de estudo.

No primeiro encontro no ambiente digital, por ser próximo à Páscoa, eles meditaram a tradicional oração da Via Sacra. Eu comecei a participar de suas reuniões já no segundo encontro on-line deles. O processo de pesquisa ação e observação participante foi um pouco diferente da ocorrida no grupo feminino. Os rapazes encararam as questões de uma maneira mais racional, extensiva e complexa do que o grupo feminino que responderam numa perspectiva mais subjetiva, afetiva e relacional. Ao todo foram cinco encontros: primeiro, apresentação e observação; segundo, início de participação e estímulo à interação; últimos três, preparação e mediação do encontro, trabalhando num processo comunicativo e reflexivo os temas escolhidos.

#### 2.3.2.1 Reunião do dia 07.04.2020: apresentação e observação

Neste primeiro encontro apenas me apresentei, expliquei a razão da minha presença no grupo deles, eles também se apresentaram para mim como grupo e individualmente. Disseram, por exemplo que o padroeiro do movimento Emaús é São João Batista, já o padroeiro do grupo Transfiguração é São Paulo de Tarso. Apenas observei o andamento e as interações entre eles.



O livro estudado foi o “Cristianismo puro e simples” do C.S. Lewis. O capítulo abordava a moral cristã. Fizemos uma oração breve no início, depois cada um leu uma parte do capítulo. Em seguida comentamos os assuntos que apareceram e no final combinamos as próximas atividades e encontros on-line.

### 2.3.2.2 Reunião do dia 21.04.2020: observação participante e início da interação

O segundo encontro iniciou como de costume com uma simples oração seguida da leitura de outro capítulo do livro que o grupo está estudando. Dessa vez, também participei da leitura. Após levantarmos questionamentos sobre o livro, fizemos uma pequena partilha sobre o tempo que estávamos vivendo, refletindo sobre o primeiro mês de quarentena por causa da pandemia. Lancei algumas perguntas para impulsionar a partilha: Como vocês estão se sentindo tendo que ficar em casa, ou tendo que trabalhar enquanto outros ficam em casa? O que mudou na rotina de vocês? E o que atinge na vivência da fé de vocês essa experiência de pandemia, fechamento das igrejas e isolamento social? Como foi a experiência da Páscoa em casa, participando através das mídias?

Mm: “Está sendo uma experiência *muito diferente*, eu admito que a minha *reflexão da Páscoa foi bem pior do que os outros anos*, as outras vezes eu participei mais. Nós aqui em casa só vimos a missa da Paixão gravada depois. No domingo, conseguimos ver a missa da Páscoa do Emaús. *É uma experiência bem diferente o fato de “ver a missa”, participar de um grande zoom*. Eu vi missas transmitidas muito robotizadas, uma mesma pessoa lia duas ou três leituras. Ver o pessoal do Emaús participando, ver um monte de rostinhos, é bem melhor. Cada experiência nova que a gente vive é um aprendizado novo. É o ideal? Obviamente não é o ideal, mas num esforço, dá para fazer. Isso mostrou que tem gente que está com saudade de estar na igreja, participar. *É reconfortante saber que, se estou numa situação que não posso estar na missa, vou poder ao menos ver a missa*, não vou estar lá comungando, mas posso ouvir a homilia do padre e acompanhar o rito. Eu acho muito importante testemunharmos isso, mesmo que seja à distância, por uma tela, saber que aquele mistério está acontecendo ali ao vivo. Em questão da quarentena, o que mais me agonia hoje é não saber quando vai terminar. Outra coisa que me preocupa é que eu estou seguindo à risca os cuidados e tem pessoas que não estão nem aí para o que está acontecendo e podem contaminar e causar um mal muito grande para pessoas

do meu convívio. Mas poder ficar em casa, olhar uma série, passar mais tempo com os meus pais e com a minha namorada, isso está sendo bem gratificante”.

Dá para perceber que os membros desse grupo são rapazes que se expressam muito bem e extensivamente, são engajados na Igreja e têm opiniões amadurecidas sobre a sua fé. É uma tarefa difícil sintetizá-los e escolher quais trechos recortar porque são comentários muito ricos para aprofundar na pesquisa.

“Lm” se preparou para viver esse tempo de quarentena, espiritualmente e humanamente, para não faltar o óleo na lamparina até o “Noivo” chegar (Mt 25, 1-13). Desde o início da quarentena, ele combinou com sua namorada e suas respectivas famílias de passarem mais tempo juntos nesse período, uns dias na casa de um, outros dias na casa de outro. As famílias ajudaram nessa logística, pois um mora na Zona Norte, outro na Zona Sul. “Lm” relata que tem sido uma experiência de convivência muito boa entre ele, ela e suas famílias. Sobre a vivência da fé no ambiente digital, “Lm” acredita que menos é mais: “Eu prefiro uma missa on-line mais sóbria, sem canto, só o padre, o padre faz todas as leituras, segue o ordinário da missa e isso me ajuda mais a me focar à distância”. No momento em que fazem a comunhão espiritual, ele e sua família buscam fazer o melhor dentro disso. “Como o sacramento da eucaristia transcende o lugar onde nós estamos, a gente sabe que a missa acontece sacramentalmente de qualquer maneira que ela é. A parte mais difícil é, [...] me projetar dentro da santa missa de forma espiritual”. Quando rezam a missa digitalmente, eles fazem tudo como se estivessem na missa: sentam, levantam, ajoelham. *“Para nós é muito natural, parece que estamos na missa”*, relata “Lm”.

Ele conta ainda que acompanharam o Tríduo Pascal pela TV Aparecida e tentaram seguir à risca essa vivência da igreja doméstica: “Como eu gosto muito de liturgia, tentei proporcionar isso para a família. O silêncio litúrgico na missa, o beijo da Santa Cruz, eu fiz exatamente como o padre estava fazendo, só que em casa. Estar nesse ambiente ajuda”. “Lm” reconhece que a missa on-line não tem o mesmo sabor de estar fisicamente presente, mas ele tentou proporcionar para si e sua família a melhor vivência de Igreja possível e isso se constituiu em uma boa experiência de fé para todos eles.

Uma das coisas que “Lm” mais sente falta, além da sagrada comunhão, é o sacramento da confissão. Pesa bastante para ele essa ausência porque ele tem o hábito de se confessar semanalmente. “Lm” disse que, quando não se confessa com regularidade, a probabilidade de ele se manter em estado de graça diminui, porque ele sente que a exigência espiritual diminui. No entanto, “Lm” percebe um efeito positivo em sua vida espiritual causada por essa carestia. A carência e saudade da Eucaristia, faz ele examinar a sua consciência: “Eu [...] estou me

mantendo em estado de graça? Eu estou podendo me manter em contrição perfeita mesmo sem a confissão? Eu estou me esforçando o suficiente para, quando eu tiver a oportunidade de novo, ser merecedor da Eucaristia?” Para ele essa é uma das consequências mais impactantes dessa quarentena.

O ponto em que ele mais se sente prejudicado pela pandemia é em sua disciplina de trabalho. Por estar na fase final de sua dissertação de mestrado e tendo que escrever em casa, ele está com muita dificuldade de manter uma rotina fixa e produtiva de trabalho da maneira como ele gostaria. “Preciso equilibrar as atividades”, constata “Lm”.

Para alguns dos participantes a rotina não mudou tanto porque ainda estão saindo para trabalhar, ainda que com horário reduzido ou dias intercalados. “Dm” passou a Páscoa com a sua família como de costume, mas com menos pessoas, apenas os que moram junto com ele. Ele acompanhou as celebrações pelo canal do Vaticano e teve uma Páscoa mais silenciosa e reflexiva.

“Sm” também continuou trabalhando como médico de modo intermitente. O que mais impactou na sua rotina foi não poder visitar a sua família. Ele também sentiu a diferença no trato dos pacientes que geralmente saudava com um aperto de mão, um abraço, e agora mesmo sendo um ortopedista, apenas em último caso ele devia tocar no paciente.

Como coordenador de liturgia da sua paróquia, ajudou nas celebrações transmitidas pelo Facebook da sua paróquia: “Foi bem diferente ver a igreja vazia, aprofundou um pouco mais todo o sentimento que é tão lindo do tríduo pascal”. Ele e o pároco prepararam toda a liturgia com o mesmo rigor e capricho para que as pessoas que acompanham pela internet, tivessem a experiência o mais semelhante possível da presencial. “Tivemos uma participação expressiva das pessoas que eu achei interessante, pessoas participando na sua comunidade de origem”. Na opinião de “Sm”, foi uma experiência única, tanto para quem ficou em casa, quanto para quem foi ajudar nas transmissões. “Mas o sentimento bem diferente, então, uma tristeza do sacerdote de não ter o seu povo junto, da própria equipe de liturgia também, da gente estar lá em poucos, olhar a igreja toda vazia enquanto era para estar lotada”. Para “Sm”, essa falta de estar na comunidade, de estar com os outros, faz-nos refletir que não conseguimos viver sozinhos, não somos autossuficientes. Ele percebeu a quarentena como um momento de reflexão, mas também de muitos confrontos políticos e ideológicos. “Sm” contou que havia passado a tarde inteira moderando as discussões políticas num grupo de *Whatsapp* que deveria ser exclusivamente sobre liturgia. “Por cada um ter a sua opinião e achar que é o momento de colocar a sua opinião, e o outro ter que aceitar de qualquer forma”. Ele pessoalmente ainda não sabe como sairemos desta situação.

Sm: “[...] é bem interessante ver todos esses lados [...]. E ter calma neste momento, [...] é a calma de não poder participar da missa e comungar; é a calma de não poder estar junto com as outras pessoas; é a calma de não poder sair de casa; de ter que ficar em casa se puder mesmo; e a calma também de aceitar quem tem que sair de casa para trabalhar, para fazer as suas compras [...]”.

“Sm” acredita que sairemos disso valorizando o respeito mútuo e que no fim, após “tudo voltar ao normal”, nos encontraremos e tiraremos um bom proveito dessa experiência, “mais bons resultados do que maus”.

Para se retirar do foco da pandemia, a família de “Tm” resolveu passar uma temporada na praia, especialmente os do grupo de risco. Nem todos puderam se resguardar na praia, seu pai por ser médico teve que ficar em Porto Alegre e seu irmão ficou para fazer companhia a ele. Então, “Tm” só está participando das reuniões por serem através da internet, apesar da conexão na praia falhar bastante. Ele notou várias mudanças em sua Páscoa. Sua família não é muito religiosa, no entanto, nesta Páscoa, seus familiares participaram junto com ele de orações como novena, Via Sacra. “Tm” conta feliz que teve experiências de fé gratificantes junto com seus familiares durante a quarentena. Na visão de “Tm”, a parte negativa da quarentena é não poder participar presencialmente das celebrações, tem que ser tudo via internet, mas eles acompanharam como puderam.

Por ser professor, “Tm” pensa como as crianças estão lidando com essa situação: “Aqui em casa eu tenho duas sobrinhas que estão aqui com a gente e é complicado. As crianças são as que mais estão sofrendo com isso porque é pessoal falando do corona, tu liga a TV e só dá corona, [...] no celular só mensagem de corona. [...] se nota adultos tendo dificuldades para discernir, para entender bem as coisas que estão acontecendo, imaginem as crianças. Eu fico imaginando quando eu era criança, como é que eu ia encarar essa situação e acho que não seria fácil para ninguém”.

Para “Tm”, estamos vivendo nessa pandemia tempos de guerra de uma maneira diferente. Ele está preocupado com o ensino porque haviam previsões de que as escolas permaneceriam fechadas até agosto, alunos e professores terão que se adaptar em dar aulas por e-mail e *Whatsapp*.

Tm: “Eu que sou professor do Estado, já recebi turmas [...] prejudicadas por causa das greves, já eram crianças que [...] estavam tendo algumas dificuldades de ensino, esse ano vai ser perdido para elas. A coisa mais triste é essa parte de que elas vão passar esse ano com toda essa dificuldade de ensino”.

É importante ressaltar que no início da pandemia não se esperava que demorasse tanto tempo para a vida “voltar ao normal”. Quando essa pesquisa foi realizada, havia passado um mês de distanciamento social e se esperava que a quarentena durasse apenas 15 dias, depois 40 dias. Já se passaram cerca de 11 meses e ainda não temos previsão de fim, sabemos que as consequências dessa pandemia nos acompanharão ainda por anos.

### 2.3.2.3 Reunião do dia 05.05.2020: preparação e moderação

A partir deste encontro, eu comecei a preparar o encontro inteiro para o grupo. A reunião do dia 05 de maio de 2020 teve como tema “A história do Emaús: em mim, em ti, em nós”. O texto que serviu de base e impulso para a reflexão do grupo foi a Mensagem Papal para o Dia Mundial das Comunicações de 2020: “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10, 2). A vida faz-se história”. Este texto do Papa Francisco e o Evangelho dos Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) também foram trabalhados no grupo feminino. Trouxe estes textos para o grupo perceber a importância de fazer memória sobre nossas experiências de fé, a própria missa é uma memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Além disso, o objetivo era fazê-los pensar a história pessoal deles com Deus, a história deles com Deus em um grupo, a história deles com Deus no movimento Emaús. Então, propus fazer uma meditação através da leitura orante do Evangelho do Emaús (Lc 24, 13-35) justamente no sentido de se colocar dentro deste relato evangélico, de revivê-lo como um dos personagens da história, a fim de perceber na sua vida e história essa Palavra feita carne. Fizemos uma oração introdutória ao Espírito Santo, depois seguiu-se os passos da leitura orante: leitura, meditação, oração e contemplação. Buscou-se realizar cada passo de forma participativa: um conduziu a oração, outro leu, todos compartilharam.

É interessante perceber também que o próprio relato evangélico é uma contação de histórias, uma partilha rica entre Jesus e os discípulos que estão caminhando tristes, pois perderam o rumo, sentido e direção. Eles achavam que haviam perdido o seu guia e estavam trilhando outro caminho, talvez um caminho de retorno para a vida anterior. Mas então, Jesus aparece para eles e traz a história um novo significado. Na medida que os discípulos recontam os acontecimentos recentes, Jesus Ressuscitado os ajuda a discernir os fatos presentes e passados, conectando os relatos e profecias do Antigo Testamento com as palavras e ações de Jesus. Aos poucos, Jesus vai iluminando a mente e o coração daqueles dois discípulos até que o véu cai de vez e eles o reconhecem ao partir o pão. Muitas vezes, precisamos dessa

“intervenção” de Jesus ou de algum amigo para revisitar a nossa história, tirar o véu da amargura e enxergarmos os fatos com nova luz e ângulo de visão. Este reencontro com Jesus mudou novamente o rumo, sentido e direção das suas vidas, os reposicionou no Caminho. Imediatamente, os discípulos voltaram a Jerusalém para testemunhar aos demais discípulos o que haviam visto e escutado.

Pedi que cada um dissesse o versículo que mais chamou a atenção, que mais fez lembrá-los da história deles com Deus. Eles não se conteram em dizer apenas um versículo, mas cada um fez uma breve reflexão sobre a passagem.

Nm: “[...] hoje justamente neste período de pandemia, que estamos mais isolados e distantes, eu colocaria assim, me encontro como os discípulos no versículo 16 que estavam como que cegos e não o reconheceram”.

A: “Para mim é aquele pedido: “fica conosco Senhor, pois já é tarde, a noite vem chegando”. Então mesmo ainda com os olhos cegos, mas já sente algo diferente, começa a perceber essa presença de Deus que caminha conosco e, às vezes, mesmo no meio da pandemia, parece que tem mais atividade do que antes e a gente está sempre conectado, mas às vezes a gente não percebe que Deus está conosco”.

Algumas reflexões não são tão breves, porém, bem interessantes. Para “Lm” a passagem escolhida é aquela que Jesus chama os apóstolos de burros: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo que os profetas falaram” (Lc 24, 25). “Lm” acredita que Jesus fala isso constantemente para nós, pois temos muita dificuldade de compreender a vontade de Deus para nossa vida. “Lm” faz um comparativo entre nós e os seguidores mais próximos de Jesus:

Lm: “[...] se para os apóstolos que conviveram com Jesus pessoalmente, que conviveram nas atividades diárias, que viram Jesus, ouviram tudo que ele falou, ainda assim não entenderam, nós que não tivemos a graça de conviver com Jesus pessoalmente, deve ser ainda mais difícil para nós compreendermos”.

Mesmo quem foi criado numa família católica frequentando a igreja, como muitos deles, tem um entendimento meramente superficial da fé em Jesus. “Lm” pensa que existe um fechamento para os dons do Espírito Santo, ontem e hoje, porque o que aconteceu aos discípulos de Emaús, que estavam abatidos, chateados, cabisbaixos, andando pelo caminho totalmente desacreditados de tudo o que tinha acontecido, e isso fechou eles para inteligência, também acontece conosco no nosso dia a dia.

Lm: “*Nós acabamos sendo sufocados pelas coisas externas, [...] porque às vezes nos falta uma vida interior maior, estamos muito focados naquilo que é exterior a nós e esse momento de pandemia é uma prova disso [...], a gente fica preocupado com as coisas lá fora e*

às vezes não conseguimos conviver com nós mesmos no nosso íntimo, estamos sendo obrigados a ficar nesse convívio dentro de casa, [...] com a família porque não podemos sair [...]. Então, eu acho que isso Jesus fala para mim todos os dias: ‘Lm’ como você é burro e lento para entender o que eu quero de ti”.

A questão da pandemia é muito presente nas falas, eles tentam encontrar respostas para a situação que estão vivendo no Evangelho, na sua fé, nos desígnios de Deus. Mas a resposta do motivo pelo qual Deus permite uma pandemia que ceifa a vida de milhões de pessoas no mundo é difícil de encontrar, então, se consideram lentos para compreender, mas se agarram na esperança de podermos tirar bons frutos mesmo de maus momentos. A pergunta retorna: Como comunicar a vida em meio a tanta morte? Como comunicar a fé em Jesus que é a Vida, vida em abundância?

Desde que fez o curso de Emaús, “Mm” é muito fã dessa passagem, especialmente do versículo 35, em que os dois discípulos contaram o que havia acontecido e como reconheceram Jesus ao partir o pão. “Mm” explicou que o gesto de partir o pão é uma ação simbólica muito importante para nós católicos. Ele conclui que nas ocasiões simples do dia a dia como o partir do pão em uma refeição ou mesmo na missa, Deus se faz presente, mas muitas vezes não reconhecemos a presença d’Ele. Aqui aparece uma questão importante, a crise da presença, ou a complexidade dos tempos digitais de definir a presença de algo ou alguém, a nossa presença e a presença de Deus.

“Mm” vê Jesus, nesse momento de pandemia, principalmente nos gestos de solidariedade: “a gente está vendo as pessoas se juntando para doar alimentos, para fazer quentinhas, para doar agasalhos para essas milhões de pessoas que vão sofrer com crise de desemprego”. Ele percebe o quanto eles, como grupo e movimento, podem estar também, “mesmo que a distância, de forma virtual, [...] passando um pouco de amor e carinho para as pessoas”. Assim, as pessoas poderiam reconhecer Jesus nos atos deles. Da mesma forma que os discípulos reconheceram Jesus ao partir o pão, as pessoas poderiam “reconhecer Ele em nós, no nosso gesto simples, no dia a dia”.

Para isso acontecer, é preciso ter algumas respostas claras antes: Quem é Jesus para você? Que tipo de relação você tem com ele? Se você fosse apresentar Jesus a um jovem, em uma frase, o que você diria? Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Como perceber que ele caminha conosco? Como fazer ele ouvir a sua voz e sua mensagem em meio a tantas outras vozes, impasses, informações e ideias?

Lm: “Essas perguntas na verdade não são nem um pouco simples porque, para eu responder quem é Jesus para mim, eu preciso entender aonde ele tá na minha vida hoje, onde

eu coloco ele, porque Jesus quer estar onde quer que eu esteja”. “Lm” percebeu que o cerne da questão não é o conceito teológico de Jesus, mas relacional: “Eu vejo que Jesus é alguém do mais puro amor, [...] alguém a quem eu preciso amar, mas que eu não amo suficiente”. “Lm” não está satisfeito com a sua relação com Jesus. Em matéria de compreensão teológica, ele entende quem é Jesus, Filho de Deus, segunda pessoa da Santíssima Trindade. Mas na relação com ele, Jesus ainda ocupa um espaço menor do que ele gostaria: “[...] tentando compreender como Jesus é teologicamente, eu percebo o quanto ainda minha relação com ele não está totalmente profunda”.

Para “Lm”, é muito mais fácil se relacionar com Maria e recorrer a ela nas suas orações, pois “é mais próxima a natureza de nós, a maternidade de Maria nos torna mais próximos de Jesus”. Ao se dar conta da maior proximidade dele em relação à Maria, ele constatou que o modo que ele apresentaria Jesus a um jovem, respondendo a questão seguinte, fosse através da Mãe de Deus: “[...] eu apresentaria Jesus a um jovem dizendo que ele é filho de uma mulher santa e humilde”. Entretanto, “Lm” questiona se essa frase teria algum impacto em um jovem, então, conclui que seria mais fácil e eficaz tentar apresentar Jesus através de uma ação ao invés de recitar uma afirmação. Ou ainda, utilizando o convite do próprio Cristo, apresentar Jesus com a chamada para a ação: “vinde e vede” (Jo 1, 39). “Então, eu poderia falar com o jovem: ‘eu posso te apresentar Jesus, mas eu preciso que tu venhas comigo’. [...] apresentar Jesus dessa maneira a um jovem é mais eficaz. Porque tu apresenta Jesus no convívio com as pessoas”.

Nm: “Para mim, Ele é [...] um *grande amigo e meu salvador*”. Embora tenha uma boa e próxima relação com Jesus, “Nm” também pensa que sua relação com Jesus poderia ser melhor. Durante a quarentena, sua busca por relação com Deus aumentou, “Nm” começou a desenvolver uma rotina de missas on-line e oração mais intensa.

“Nm” observa também que sua *intimidade com Deus tem picos de proximidade*, em alguns dias a relação se aprofunda, outros dias parece não haver proximidade alguma. “[...] não é muito fácil, por mais que eu seja um jovem de caminhada, fiz Onda, [...] fui criado dentro da igreja e de uns dois anos para cá comecei a participar do grupo Emaús”. Ele acredita que a pertença a grupos eclesiais anima a busca por uma relação mais íntima com Deus.

Nm: “Se eu não tivesse conhecido nenhum grupo de jovens, se eu tivesse só aprendido o que me passaram na catequese, talvez seria muito superficial. [...] os grupos nos quais eu participei me trouxeram uma certa intimidade com Cristo e sempre que tem um retiro parece que aquela relação se entrelaça, fica muito mais íntima. Mas aí com o tempo vai esfriando, aí acontece o retiro, acontece uma coisa extraordinária, [a relação com Deus] é atada com mais ênfase, com mais fervor”.



Sobre a melhor forma de apresentar Jesus a um jovem, ele não diria nada, pois crê que para apresentar Cristo não é necessário falar, mas agir. Ele exemplificou contando que há três anos, trabalhava próximo à Igreja São Pedro. Toda a quinta-feira ele era responsável pela liturgia da missa do meio-dia. Utilizava seu horário de almoço para servir e se encontrar com Deus, fazia um almoço bem rápido para não se atrasar na volta ao trabalho. Através desse testemunho de esforço e perseverança, ele anunciava Jesus aos outros. “Nm” recordou uma frase de São Francisco de Assis que expressa o seu pensamento: "evangelize sempre, se for preciso fale". Portanto, para “Nm” apresentamos Jesus mais com atos do que com palavras.

Para “Mm”, é complexo apresentar Jesus em apenas uma frase, pois “[...] Jesus é o exemplo máximo da perfeição [...] por ser o próprio Deus. Então se a gente quiser ter um caminho certo na vida, temos que buscar isso, segui-lo”. Ele concorda com “Nm” sobre o valor do exemplo, mas acredita que o que falamos tem poder também de converter ou afastar, dar testemunho ou contratestemunho da fé. Ele cita os efeitos daquilo que postamos nas redes sociais: “[...] diferente a pessoa ter ótimas atitudes, mas na hora de falar, [...] fala um monte de coisa errada nas redes sociais, as pessoas saem digitando um monte de coisa entrando em polêmicas, acho que a nossa fala tem muito poder”. Ele acredita que seria mais fácil apresentar Jesus a um jovem mostrando-o dentro de um contexto, como um caminho reto a seguir. Então, ele diria: “Tua vida tá fora do lugar, quer botar tua vida nos eixos? Vem e deixa eu te mostrar!” “Mm” é uma pessoa de atenção auditiva e visual, pois ele disse que vê mais a presença de Deus quando as pessoas fazem um gesto que cativa ou falam de fé e esperança.

Sobre como distinguir a voz de Deus, ele faz uma comparação com a pesquisa na internet, isto é, tem que saber como e onde buscar, precisa saber filtrar para encontrar o que procura: “Você não vai ficar indo em qualquer baile funk esperando ouvir uma mensagem boa de Cristo, não é lá, tu tem que buscar no lugar certo, na homilia diária, [...] pessoas falando sobre coisas boas, ações boas, [...] ali que tu vai ver o Cristo [...]”.

Inspirado no versículo que diz que o coração dos discípulos de Emaús ardiam enquanto ouviam a palavra, “Sm” define Jesus como “aquele que está sempre do nosso lado em todas as circunstâncias, em todos os momentos”. Embora não fale a palavra amigo, essa é uma bela definição de um grande ou melhor amigo. Ele acrescenta: “[Jesus] é Deus, é presente, onisciente, ele está sempre comigo, [...] ao lado da minha família, da minha comunidade e talvez a minha relação com ele seja como um dos discípulos”. “Sm” observa que Jesus faz o seu coração arder, mas pela vida agitada, às vezes a presença de Cristo passa despercebida. Sm descreve sua relação com Jesus como a de um discípulo e seu mestre e esse laço se fortalece pela Eucaristia. “Quando Ele parte o pão e se revela realmente para nós, a partir do momento

que eu percebi na catequese e [...] *na beleza da santa missa, na Eucaristia* é que realmente a minha relação com Ele ficou próxima”.

Ele acredita que a forma e linguagem para apresentar Jesus a um jovem precisa ser atualizada. “Cristo é o mesmo, tudo que Cristo ensinou, o mesmo ensinamento de dois mil anos atrás, mas a forma como eu vou atingir esses jovens tem que ser diferente”. Sm reconhece a presença de Jesus no mundo de hoje através da cultura e caridade, também reconhece que Cristo está no outro, então precisamos entender o outro para reconhecer Jesus nele. “E como perceber que Ele caminha conosco? [...] é como os discípulos, *o coração tem que arder*, o coração tem que estar bem, tem que estar feliz e a gente percebe isso quando a gente inspira esse perfume de Cristo”, diz “Sm”. Ao responder como distinguir a voz de Cristo das tantas outras, aparece novamente o verbo ligado as ferramentas de pesquisa on-line: “filtrar”. Além disso, segundo “Sm”, devemos pedir a luz do Espírito Santo ao nosso entendimento.

“Dm”, que é sempre o mais objetivo, diz que Jesus “é Deus, me fez, se fez homem e me mostrou como os homens podem ser o melhor possível”. Ele define a sua relação com Cristo como amizade. “Dm” não soube especificar como apresentaria Jesus a um jovem. Ele reconhece Jesus na própria vivência, como diz no Evangelho meditado, Ele se torna perceptível neste “sentimento de calor da presença dele na nossa vida”.

Seguindo a meditação, nesse exercício de recontar a história com Deus, pedi que recordassem qual a história em que ouviram falar de Deus pela primeira vez e expressassem isso em forma de louvor ou agradecimento. Perguntei também sobre a caminhada deles no movimento Emaús e o que o Grupo Transfiguração do Emaús representa na vida deles. Para estimulá-los, eu comecei a partilha. Logo depois, “Nm” contou a primeira vez que ouviu falar de Jesus e Maria. Quando criança, sua mãe cantava para ele a popular canção “Mãezinha do Céu”. Ele disse também que sua caminhada na fé que o levaram até o Emaús teve como marco o grupo infanto-juvenil Onda, pois antes ele comparecia à missa porque seus pais o obrigavam, e o grupo Onda ele participava por vontade própria. Mais tarde fez um retiro do Emaús e foi se aproximando do grupo Transfiguração porque conhecia dois dos seus integrantes. “Nm” considera o grupo Transfiguração como sua segunda família. Olhando para trás, ele sente a experiência do grupo Transfiguração semelhante a que havia no grupo Onda, a diferença é que no Transfiguração se vive a fé de forma mais madura. Acredito que “Nm” se refira ao elo de amizade pela fé que o unia ao Onda e que o une agora no Transfiguração. Assim, ele mostra que não basta ter fé e participar dos sacramentos, precisamos de amigos para nos ajudarmos mutuamente a perseverar na caminhada.

É comum no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul estes movimentos leigos e grupos que podem acompanhar a pessoa por toda a sua vida de fé. Existem paróquias que tem diversos grupos de acordo com a faixa etária, desde a infância até a fase adulta. Como integrantes de ambos os grupos comentaram iniciaram sua caminhada com seis anos participando do grupo Colméia, em seguida passaram para o grupo Girassol, depois o movimento Onda, seguido pelo CLJ (Curso de Liderança Juvenil) e na adultez jovem fazem parte de um grupo do movimento de Emaús. Através destes e de muitos outros movimentos, muitos batizados são acompanhados e formados na fé, inseridos e engajados na comunidade eclesial por toda a sua vida.

“Mm” conta que sua família tem uma forte tradição de vivência da fé católica. Mas a primeira história que ele se recorda fortemente foi quando ele estava participando de uma atividade de fim de semana dos escoteiros:

Mm: “[...] fiz parte do grupo de escoteiros com 10 anos, fiz a catequese e pensava, vou fazer um ano de catequese e depois voltar para o escoteiro, e aí quem disse, entrei para catequese e depois nunca mais saí da igreja. [...] eu era da época do lobinho que ia do 7 aos 11 anos e eu me lembro que naquela época todo o pessoal que cuidavam de nós eram católicos. Em uma missa eu me lembro daquela coisa bem de criança quando a pessoa ia comungar e a gurizada perguntava que gosto tinha a hóstia, o que que você tá sentindo como é que funciona isso e eu era uma dessas crianças”.

Dos seus colegas de escotismo, “Mm” foi o único que seguiu a fé católica. Ele observa que sua história de fé foi sendo traçada por etapas. Após um ano de catequese de primeira eucaristia, ingressou no grupo ONDA em que permaneceu por 11 anos. Percebendo que necessitava de algo que mexesse e o fizesse aprofundar a fé, em 2012, quis participar do Movimento Emaús que já havia sido convidado anteriormente. Em 2013 entrou no grupo Transfiguração e persevera nele até hoje pela fé e gratidão a Jesus Cristo.

O primeiro relato de Deus que “Dm” guarda na memória foi através de uma Bíblia em quadrinhos e depois na catequese com 11 anos de idade. Ele conta que após a catequese ficou 12 anos sem participar da Igreja, apenas participando da missa ocasionalmente.

Dm: “[...] um dia em 2012, eu tava na Redenção com um amigo e ele me convidou para ir no Emaús. Então fomos na [Igreja] Maronita em março, chegamos lá e conversamos com os casais que estavam lá nos recepcionando. O curso foi em junho e desde então eu voltei para igreja e frequento mais ativamente”.

“Dm” fez o curso de Emaús em 2014 e logo ingressou no grupo Transfiguração.

“Lm” se identifica com a história de “Mm”, com a família bem engajada na Igreja Católica, nunca houve um momento em sua vida que não ouviu falar de Deus. A experiência de fé na Paróquia Sagrada Família em Porto Alegre foi marcante para ele e sua família, especialmente pela variedade de grupos para as diferentes faixas etárias e movimentos presentes lá, nos quais todas as gerações da família participaram. Como um itinerário de vivência cristã, iniciava com o grupo Colméia para crianças de seis anos, depois passava para o Girassol, preparatório para a catequese, então a criança ingressava na catequese e podia participar paralelamente ou posteriormente do ONDA, em seguida o CLJ até os 24 anos. Após isso e se casados, poderiam se tornar “tios do CLJ” e acompanhar outros jovens. “Lm” destacou a importância do antigo pároco da Sagrada Família, o falecido Padre Severino, na história de fé de sua família que construiu uma comunidade viva e forte. Por crescer numa família tão católica, aderir a fé foi um processo natural. Ao lado dos super heróis, “Lm” colecionava imagens de santos.

Lm: “[...] quando tu constrói o imaginário da criança sobre o sobrenatural [...], se torna mais natural para a criança isso, fica enraizado dentro do Imaginário a existência de Deus e da igreja que eu não sei se eu consigo pensar a não existência. Na minha vida isso foi tão natural, faz parte de mim, não consigo separar uma coisa da outra, claro que hoje eu tenho mais consciência disso que naquela época, mas é difícil dizer que em algum momento você não teve Deus presente”.

Com essa presença de Deus constante em sua vida, “Lm” pode lembrar algumas histórias que foram marcando as etapas da sua caminhada. Assim como “Mm”, “Lm” nunca foi forçado ou precisou ser impulsionado a participar dos grupos e movimentos, sempre foi um desejo natural do seu coração. É interessante perceber como a história deles com Deus é marcada pela amizade e pelo legado da família. “Lm” conta como chegou no grupo Emaús. Quando começou a fazer faculdade, ele teve dificuldade de conciliar os horários e sua participação no CLJ enfraqueceu. Então, decidiu procurar o movimento Emaús que tinha um perfil mais adulto. Encontrou lá “Hm”, que conhecia desde infância, pois suas famílias também eram amigas e se conheceram no Emaús. “Lm” relata que todos do grupo Transfiguração participaram do CLJ e buscaram no movimento Emaús algo que aprofundasse a fé. “Lm” se dá conta de que ele tem um vínculo muito mais profundo com o grupo Transfiguração do que com o movimento Emaús.

Lm: “[...] a relação com o grupo Transfiguração é muito mais perene do que qualquer outro grupo que eu já tive e nós estamos crescendo, temos mais de seis anos de convivência, fui um dos primeiros a entrar no grupo. Hoje o grupo Transfiguração [...] tem grande

importância na minha vida, agradeço a Deus por ele existir [...], ele transcende o próprio movimento porque esse grupo une a todos nós”.

As qualidades do grupo Transfiguração que o diferencia e o torna especial para “Lm” é a maturidade e profundidade, além dos laços sinceros de fraternidade que foram sendo construídos. Ele faz uma bonita declaração de amizade, de chamado e amor ao grupo que merece ser citada literalmente:

Lm: “Acredito que Deus quer que o grupo *Transfiguração dê suporte uns aos outros para chegarmos ao céu.* [...] enquanto esse for o foco isso faz sentido, enquanto o foco for [...] *levar a Cristo refletido na amizade uns com os outros* isso faz sentido, isso resume toda minha vida, eu consigo colocar boa parte das coisas que eu aprendi na Igreja na prática, na formação discipular, e é onde eu preciso me doar [...] Ser submisso ao grupo da maneira que eu gostaria, [...] eu não vou conseguir mostrar Cristo de verdade para as pessoas, enquanto eu não me consumir inteiramente. *O grupo existe para isso, para que eu possa aprender a me consumir [...] e possa existir apenas em Cristo [...], e é só no convívio com os irmãos que a gente aprende isso [...].* Então, acho que os guris nem sabiam provavelmente que eu penso tudo isso do grupo, é a questão da *oportunidade de poder fazer este desabafo*, me sinto muito feliz e muito gratificado de poder conviver com essas pessoas [...]. Eu quero que Deus continue fazendo parte de nossas vidas, [...], casados, com os filhos até chegar a uma idade mais avançada e ver quantas coisas a gente viveu juntos. [...] Com certeza dou muitas graças e louvores a Deus por poder compreender e entender essas coisas e saber valorizar elas”.

Estes depoimentos nos fazem constatar que nossa vida e fé são tecidas por histórias que se entrecruzam. Vários deles se conheceram ao longo de suas histórias, mas teve um ponto em que todos eles convergiram neste grupo, formando uma amizade na fé pela convivência que gera confiança e proximidade para partilhar a vida.

“Sm” também herdou da família a fé católica. Vindo de uma cidade do interior, uma de suas primeiras lembranças infantis é de que costumava acompanhar seus avós na igreja, eles eram comentaristas e animadores da missa crioula. Uma outra recordação desse tempo era que tinha medo da Sexta-Feira Santa, por causa da imagem de Jesus morto, pois acreditava que Ele estava realmente morto. Sua história com Emaús inicia quando ele se muda para outra cidade a fim de fazer uma especialização. Conhecia poucas pessoas lá e estava sentindo falta da vivência comunitária que sempre teve. Uns amigos da faculdade o convidaram então a fazer parte do Emaús, o que o deixou extremamente feliz. A partir disso, se engajou numa paróquia onde se tornou ministro extraordinário da eucaristia. Retornando a Porto Alegre, procurou ingressar num grupo do Emaús: “Como o “Lm” e o “Mm” falaram, chega um momento da vida que você

tem outras ideias, maturidade, é diferente precisa de alguém que possa conviver com o período de vida que você está”. Ele foi acolhido no grupo Transfiguração e mais tarde alegrou-se em saber que um antigo conhecido, “Lm”, também estava no grupo. “Sm” considera que sua história é mais bela e relevante por fazer parte deste grupo.

Sm: “A minha vida hoje, a vida com essas pessoas que estão no grupo Emaús [...], *me dá forças na minha caminhada de fé e na minha caminhada como indivíduo* comum no dia a dia. Como é bom poder encontrar com *essas pessoas no meu aniversário, são os meus amigos do Emaús que eu convido sempre*. Gosto de viver em comunidade mesmo tendo embates, alguma dificuldade, mas acho que nós *fomos criados por Deus não para vivermos sozinhos*, mas para a gente viver com outras pessoas, *porque o amor não tem sentido se não dou amor e não recebo amor*, de nada me adianta”.

“Sm” disse que Jesus nos ensina sempre a viver em comunidade, pois ele sempre estava cercado por pessoas, discípulos, famílias, amigos, alguém com quem pudesse compartilhar amor. E a convivência no grupo Transfiguração traz toda essa experiência de partilha para ele, amor doado e recebido, a vivência do maior mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22, 37-39).

Concluimos essa reunião com o próprio grupo se dando conta de como foi rico e importante recontar a história com Deus através do Emaús, do grupo Transfiguração e da amizade entre eles.

Lm: “[...] às vezes a gente deixa de ser sensível para algumas realidades, e é surpreendente que, mesmo a gente tendo um convívio fraterno no grupo, [...] às vezes a gente esquece de falar de coisas mais sensíveis, gostamos de estudar bastante, de ler, mas esquecemos de falar uns com os outros e uns dos outros. Às vezes Deus precisa mandar uma aluna de doutorado em teologia e comunicação para o grupo para permitir que os nossos corações voltem a ser tocados pela sensibilidade emocional uns dos outros. [...] estou muito grato a Deus por ter essa oportunidade de poder conversar sobre essas coisas, gostaria que mais de nós pudessem estar presentes”.

O processo de Teologia Comunicativa através do método ICT busca gerar conhecimentos e saberes a partir das próprias falas e interações do grupo. Este foi o encontro ápice do grupo Transfiguração e poderíamos ter parado nele, pois a prática reflexiva já havia trazido boas resoluções e contribuições ao grupo. Mas continuamos para um melhor fechamento e aprofundamento da pesquisa participante.

#### 2.3.2.4 Reunião do dia 12.05.2020: preparação e moderação

Estiveram presentes neste encontro cinco rapazes. Iniciamos a reunião com uma oração invocando o Espírito Santo, depois foram colocadas algumas intenções, por amigos, familiares, antigos companheiros de grupo. Pedidos e agradecimentos referentes à pandemia estiveram presentes na prece de cada participante.

“Lm” pede que a chama da fé não se enfraqueça nos corações neste tempo de provação que justamente é o momento em que mais precisamos estar unidos a Deus: “Quero pedir, [...] mesmo diante deste período de pandemia, [...] para não deixarmos nossa vida espiritual morrer, [...] às vezes ficamos desligados das coisas reais e ficamos nas questões online”. Concluindo a oração, seguimos com uma partilha de como foi a semana que acabou focando no Dia das Mães diferente dos anteriores. Muitos quebraram o isolamento para visitar os familiares, mesmo assim, foi diferente, sem abraço, sem contato físico. Eles relataram o desafio que foi, especialmente para os mais novos e os mais velhos, festejar e se relacionar, sem se tocar.

Embora não tivesse uma ligação direta com o tema que estamos buscando aprofundar, estes momentos de conversa franca e sincera, partilha e desabafo, escuta e empatia são importantes etapas no processo do ICT para quebrar o gelo, criar proximidade, gerar confiança no grupo e desenvolver a dimensão pessoal e comunitária contemplada no método.

Dando continuidade aos assuntos abordados nos encontros anteriores, sugeri trabalharmos com a pessoa de Jesus hoje: como reconhecê-lo no nosso dia-a-dia, nos ambientes físicos e nos digitais. Então, propus a mesma dinâmica feita no grupo feminino. Assim, cada um deveria escolher ao menos uma imagem que chamou a atenção e tentar explicar o motivo da escolha, que pode ser positivo ou negativo, por identificação e reconhecimento de Cristo, ou por estranhamento, desgosto ou desrespeito à pessoa de Jesus. Também tiveram que escolher um versículo que lembrasse ou representasse Jesus. Apresentei as imagens, li cada frase e dei um tempo para eles pensarem e decidirem. Eis os versículos:

- a. *“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”*(Jo 8,32).
- b. *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”*(Jo 3 16).
- c. *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”*(Lc 23,34).
- d. *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e*

- quem vive e crê em mim nunca morrerá*”(Jo 11, 25).
- e. *“Jesus olhou para eles e respondeu: ‘Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis’”* (Mt 19, 26).
- f. *“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso”* (Mt 11, 28).
- g. *“Ninguém pode servir a dois senhores. Ele amará um e odiará o outro. Você não consegue servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo”*(Mt 6, 24).
- h. *“Eu sou a luz do mundo”* (Jo 8, 12).
- i. *“O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois”* (Jo 13,7).
- j. *“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”*(Mt 7, 21).
- k. *“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (Lc 12, 34).
- l. *“Eu estarei com vocês até o fim dos tempos”* (Mt 28, 20).
- m. *“Tudo é possível àquele que crê”* (Mc 9, 23).
- n. *“O reino de Deus está dentro de você”* (Lc 17, 21).

Pedi que meditassem as seguintes perguntas remetendo a imagem e frase escolhida: Qual o significado dessas imagens? O que vocês entendem de Jesus através dessas imagens? E da fé em Jesus hoje? O que você sente quando vê essa imagem de Cristo na rede? Te causa estranhamento, naturalidade, familiaridade? Acha divertido, ou desrespeitoso?

Para exemplificar a dinâmica, eu comecei a partilha. Escolhi, como quando fiz essa dinâmica no grupo feminino, escolhendo a imagem da selfie de uma menina com Jesus e o seu cão de estimação.<sup>270</sup> Fiz uma conexão entre essa imagem e o versículo: “onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração” (Lc 12, 34). Conteí que a reflexão que Antonio Spadaro fez sobre a selfie (informação verbal). Anteriormente, quando tirávamos uma foto em algum show ou evento importante para nós, fotografávamos o palco com o artista, mas não aparecíamos. Isso significava que aquilo era importante, mas distante de nós. Agora numa *selfie*, somos nós interagindo com aquilo que nos é caro e já não é distante, está próximo de nós. Então, disse a eles que essa imagem da menina com o cachorrinho e Jesus, essa *selfie*, simbolizava a passagem “onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração” (Lc 12, 34), isto é, *aquilo que é mais*

---

<sup>270</sup> Imagem 01, Anexo 1.



*importante* [...] para aquela menina estaria representado naquela imagem. Além disso, mostra um Jesus amigo, próximo, bem humorado, sem deixar de ser Deus e Senhor.

A primeira imagem que causou um estranhamento em “Mm” foi a imagem de Jesus com o rosto do Hugh Jackman.<sup>271</sup> “[...] eu ri aqui em casa, eu pensei: Cara, quem é que teve a criatividade mal feita de pensar num negócio desses?!”, exclamou. Mas a imagem que “Mm” realmente escolheu, parecida com esta, é a de Jesus sorridente, alegre, feliz.<sup>272</sup> “[...] isso me diz muito também do *Cristo como parceirão, Brother, do cara nosso amigo que está sempre do nosso lado, que não tem tempo ruim pra ti, se tá ruim ele tá ali, se tá bom ele tá ali, se você quer ficar longe, ele também tá ali, e vai estar sorrindo*”. “Mm” relata que muitas pessoas distorcem o sentido dessa imagem, a ridicularizam em memes, mas para ele transmite algo bom e verdadeiro de Jesus Cristo em quem ele crê. Já o versículo de “Mm” foi: “tudo é possível para aquele que crê”. Ele faz referência às palavras de encorajamento e esperança do Papa Francisco nas celebrações pascais, momento que a pandemia estava desolando a Itália, para explicar que devemos ter fé e confiança em Deus, especialmente neste tempo difícil.

“Nm” simpatizou com a mesma imagem de “Mm”<sup>273</sup>, mas escolheu uma outra passagem bíblica: “estarei com vocês até o fim dos tempos” (Mt 28, 18-20). “ainda mais em um período desses que estamos passando isolados, parece que o mundo tá acabando, é notícia atrás de notícia, COVID, COVID, COVID... Então eu vejo muito a presença deste Cristo *parceirão* assim sabe, que até o nosso último dia ele vai estar ao nosso lado”. Ele, assim como o “Mm”, acreditam que devemos servir a Deus com alegria. “Nm” conta que essa imagem é muito utilizada no movimento ONDA, para mostrar para os jovens que *Cristo não tem apenas seu lado sério, mas também é divertido*, “[...] eu vejo isso muito também na amizade com os guris, nós falamos coisas sérias, mas às vezes descontraímos. Não é porque estamos sendo descontraídos que não estamos sendo Cristo para as outras pessoas”.

“Dm” não teve nenhuma imagem preferida, para ele, cada uma representa uma visão diferente de Cristo. No entanto, começou a observar o colorido e a beleza da imagem que estava aparecendo no *slide* naquele momento, o “universo misturado com a imagem de Cristo”.<sup>274</sup> “Dm” falou ainda que não reconhece o Cristo nas imagens do tipo reconstituição em 3D do rosto de Jesus. “Se eu visse elas separadas em outro contexto, se eu estivesse andando pela rua

---

<sup>271</sup> Imagem 20, Anexo 1.

<sup>272</sup> Imagem 19, Anexo 1.

<sup>273</sup> Imagem 19, Anexo 1.

<sup>274</sup> Imagem 05, Anexo 1.

ou visse elas na internet, não me remeteriam ao Cristo. Essas imagens me levam mais a um homem de Neandertal que ao próprio Cristo”.

Esse comentário abriu espaço para uma boa discussão sobre a identidade simbólica de Jesus. É interessante pensar quais são os elementos simbólicos que, em qualquer circunstância e lugar, constituem a identidade visual de Jesus Cristo e o tornam reconhecível.

“Lm” contesta as reconstituições físicas de Jesus, argumentando que elas não se parecem com as pinturas dos primeiros cristãos nos primórdios do Cristianismo e nem com a fisionomia marcada no Sudário. Ele conta que fizeram a mesma simulação com Maria e a descreveram “apática e sem sal”. Por isso as chama de “pseudo reconstituições” e quem as criaram de “pseudo cientistas”. Os demais também questionam as fontes e veracidade científica destas reconstituições.

“Mm” concorda que faz sentido eles serem avessos aquela imagem que não condiz com o rosto do sudário que é mais alongado, no entanto, pondera que também faz sentido pensar que Jesus não era loiro de olho azul.

Para “Lm” o fato de não terem utilizado o sudário como base, como se isto não fosse uma evidência, já é suficiente para descartar a hipótese. “Dm” corrige-o dizendo que não se deve descartar as reconstituições como hipóteses, mas considerá-las ilegítimas. “Lm” aceita a correção e reformula sua sentença.

É significativo ver como no diálogo, nas interações e provocações de um para o outro, eles vão refletindo, construindo o seu ponto de vista e argumentação, repensando e aprimorando a sua formulação de opinião, o que provoca às vezes uma mudança de atitude e mentalidade, uma reformulação da sentença, uma reafirmação daquilo que se acredita e se expressa. Isso traz um crescimento e amadurecimento da vivência da fé e do pensar a fé, do *intellectus fidei*, da fé que busca compreender, não isoladamente, mas comunitariamente, na relação com o outro.

“Lm” contou que, recentemente, começou a dar mais importância às imagens sacras, pois nos remetem ao sagrado. Ele comentou o que pensava de cada imagem. No geral, as representações não sacras de Jesus não o agradam.

Lm: “Acho que tem o seu valor, o seu lugar, as imagens da cultura pop, acho válidas as imagens<sup>275</sup> daquela artista que você manda a sua foto e ela desenha Jesus junto com você, [...] de um ponto de vista mais juvenil. Mas na liturgia essas imagens não cabem, a imagem de Jesus tem que ser bem feita, tem que cuidar das cores, de todos os elementos e símbolos, tem que transmitir profundidade, mistério, sobrenatural. A imagem da cruz com traços de luz eu achei

---

<sup>275</sup> Imagens 01-04, Anexo 1.

bonita, mas não me diz muita coisa, pobre de sentido. A imagem toda colorida de Jesus como um trabalho artístico moderno, eu acho até bonita, mas não poderia usar liturgicamente. Eu prefiro as *imagens tradicionais* como essa do bom pastor com a ovelha no colo, *tem mais a ver com o Cristo da minha fé, com a imagem que eu tenho de Jesus*. Essa com Jesus olhando para o alto é bem clássica também, talvez renascentista, eu sei que Ele deve estar olhando para o Pai, mas tem vários memes que interpretam Jesus tipo: Ai, cansei de vocês. Mas eu sei que esse não foi o sentido que o autor deu. Eu gosto dessa imagem do sermão da montanha, mas Jesus com cabelo curto parece ator americano, dá pra ver que não é uma imagem católica”.

Ele nem quis comentar os memes, pois, para “Lm”, é “como se as palavras de Jesus não tivessem mais sentido ou estivessem erradas. Ou os ensinamentos de Jesus fossem contrários a certas ideias de pessoas como, no exemplo, o Donald Trump. Ele gosta do Mr. Bean ou do Hugh Jackman, mas não faz o menor sentido colocar o rosto deles em Jesus.<sup>276</sup> Não considera essas imagens ofensivas, apenas sem nexos e não compreende a intenção de quem as produziu. “Lm” também não viu sentido nas imagens de Jesus com dispositivos digitais<sup>277</sup>.

Dentre as frases, “Lm” escolheu duas. Primeiro: “Deus amou de tal maneira o mundo que entregou seu único filho” (Jo 3,16), pois, em sua opinião, este versículo sintetiza todo o mistério da salvação em Jesus. A segunda: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Lc 12, 34), porque ele acredita ser importante questionarmos onde está Jesus na nossa vida e onde está o nosso coração.

Em seguida, “Tm” escolheu a imagem que tem uma entrada para cabo de internet em lugar do coração de Jesus<sup>278</sup> e a frase selecionada foi: “eu sou a luz do mundo” (Jo 8, 12). Relacionando o versículo com a figura, “Tm” quis dizer que Jesus é a luz do mundo, é o que tem de mais importante na época. Então, na visão de “Tm”, a imagem quer mostrar que Jesus é a internet, isto é, o que tem de mais importante no tempo atual. “Fazendo um paralelo entre Jesus e a internet. [...] Essa imagem me faz pensar nós um dia sem internet, e como seria nós um dia sem Jesus”.

Complementei a fala de “Tm” dizendo que essa imagem lembrava o significado da metáfora do Evangelho daquele dia: “Eu sou a videira, vós os ramos” (Jo 15,5). O significado da imagem simbólica da videira, podemos transferir para a rede. A conversa acabou se direcionando o assunto das missas transmitidas pela internet.

---

<sup>276</sup> Imagens 20 e 22, Anexo 1.

<sup>277</sup> Imagens 06, 08 e 09, Anexo 1.

<sup>278</sup> Imagem 06, Anexo 1.

“Mm” observou que as missas transmitidas são um fenômeno antigo e frequente nas TVs e rádios, vários idosos já acompanhavam. Mas agora a pandemia obrigou todos a verem e a participarem dessa forma. Ele reconhece que não é a mesma experiência, mas é boa e é o que temos. “Especialmente para nós católicos a fisicalidade é importante, tocar, comungar, consagrar, os sacramentos exigem presença física. Para mim, *o verdadeiro encontro com Jesus é fisicamente na Eucaristia, na comunhão*”.

“Lm” concorda que estamos nos acostumando com as missas transmitidas pela web porque fomos obrigados a usar este recurso que já existia, mas também prefere a missa física na igreja.

“Nm” está gostando da experiência das missas transmitidas pela internet, embora sinta falta de ir na missa em sua paróquia. “[...] vejo como a transmissão on-line veio somar”, “Nm” observa que, enquanto em uma missa durante a semana participavam umas 20 a 30 pessoas, aumentaram para 200 o número de pessoas acompanhando. Ele percebe a diferença entre uma missa transmitida on-line e por meios tradicionais como rádio e TV. Para acompanhar a missa transmitida pela televisão, precisamos estar disponíveis num determinado horário escolhido pela emissora, já na web, podemos acessar no horário que for melhor para nós. “[...] eu gosto de ver a missa antes de dormir deitado na minha cama. Não é a mesma coisa que participar na Igreja, mas poder ouvir o evangelho, o comentário do Padre [...], *isso também nos faz crescer*”. “Nm” acredita que crescerá a prática de reuniões on-line e conclui que devemos aprender com essa experiência e *“agregarmos essas novas formas a vida da Igreja”*.

“Lm” fala sobre o verdadeiro encontro com Deus: “não precisamos de nada para um encontro verdadeiro com Deus, nem de missa, nem de reunião, [...] precisamos sim entrar em nosso castelo interior, porque Deus já está aqui dentro [...]”. Ele explica que podemos receber a comunhão eucarística fisicamente, mas naquele momento não sentimos esse encontro verdadeiro, então o encontro autêntico depende muito de nós. Sobre a missa transmitida, “Lm” considera desnecessário fazê-la como uma reunião de videoconferência, achava até estranho os leitores fazerem leituras de suas casas e outras participações. Para ele, apenas o padre rezando já está bom.

Sobre a Igreja na era digital, “Mm” comenta: “Tem que deixar os que tem criatividade fazer. Precisamos nos reinventar, [...] tem pessoas que querem e podem criar boas iniciativas, mas muitas vezes o padre tranca, impede, não quer”. Ele elogia os empreendimentos digitais já realizados pelo Vaticano, assim como pelos santuários de Aparecida e Fátima, mas alerta que o grande desafio é desenvolver esse tipo de trabalho nas paróquias. “Essa pandemia veio nos ensinar que devemos utilizar os meios disponíveis, que devemos nos atualizar”, conclui “Mm”.

Falaram também sobre a necessidade de informatização dos sistemas de dados como cadastro dos batizados, casamentos, que existem algumas iniciativas da Arquidiocese de Porto Alegre como o sistema Servus, um software administrativo.

Trouxe mais alguns elementos para a discussão. Como havia sido recentemente o domingo de Jesus, o bom pastor, trouxe algumas falas de Francisco em que ele faz uma releitura da parábola da ovelha perdida para a conjuntura atual. Além disso, comentei trechos da *Evangelii Gaudium* e de Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações para mostrar a necessidade de uma renovação e atualização do ser e agir da igreja no mundo de hoje, pedidos pelo próprio Papa Francisco. Tudo isso para retomar o tema da Igreja na era digital e estimular o debate. Porém, o que retornou foi a discussão sobre as missas on-line e na Igreja territorial.

“Mm” reclama novamente dos padres que impedem novas iniciativas na paróquia. Critica os padres e bispos que encham de empecilhos problemas simples de resolver e escondem problemas bem mais sérios como a pedofilia que precisam ser encarados, não encobertos. Iniciativas que respondem a estas necessidades mais simples que a tecnologia pode nos auxiliar a resolver deveriam ser flexibilizadas nas comunidades.

Mm: “Hoje a Igreja precisa olhar para essas modernidades como uma possibilidade de melhora, é não é a melhora da mensagem, não é a melhora da Palavra de Deus, ela é atual, ela sempre vai ser atual, a gente tem que atualizar a forma como mostrar para as pessoas, a forma de levar a mensagem, cada vez mais ela se atualiza”.

“Nm” também pensa que a pandemia pode ser uma oportunidade para nos reinventarmos, mas que há ainda resistência, *tudo é muito burocrático, complicado e demorado*: “[...] concordo que tem muito cristão criativo, só que às vezes a gente não dá espaço para eles, a gente acaba: não, vamos fazer desse jeito aqui porque já foi feito, há 2.000 anos é assim e assim tá dando certo”.

“Nm” e “Lm” comparam a Igreja Católica com outras igrejas como os Mórmons que tem um desenvolvimento organizacional e tecnológico bem mais adequado à era digital. Segundo “Lm”, isso acontece devido a diversos fatores, como tamanho e idade.

Lm: “A Igreja Católica é uma senhora de 2.000 anos e isso talvez dificulte um pouco as coisas e é muito maior do que os Mórmons. Os Mórmons começaram no final de 1800 nos Estados Unidos. Então, é uma igreja nova que começou [...] com essa mentalidade americana de empresa”.

“Lm” falou que para os grandes centros ou santuários possuem os recursos humanos e técnicos para realizar uma boa transmissão e comunicação digital. Quem sofre nesse processo de informatização é a comunidade paroquial, pois a maior parte do público é formada por idosos

ou pessoas de baixa renda, com tecnologias obsoletas. Então, as comunidades que possuem melhores recursos econômicos e humanos desenvolvem um trabalho melhor nas mídias digitais. Ele ainda aponta questões importantes.

Lm: “[...] como as nossas paróquias vão se informatizar? [...] *como é que eu dou catequese on-line?* Eu estou dando formação discipular para adultos [...], agora, como é que eu faço isso com crianças? As crianças já estão atoladas com coisas da escola e é difícil dar uma aula EAD para uma criança. E [...], depois que tudo isso passar, *como eu resgato a sacralidade de estar fisicamente presente nas coisas?* Será que eu me acomodo com o digital? [...] eu posso optar por fazer uma faculdade toda EAD, [...] talvez não um curso de medicina. Mas algumas coisas que não exigem tanto o trabalho prático, tu perde um pouco do convívio social, mas tu consegue te formar. Mas agora, *como é que tu vai te formar como cristão EAD?* [...] Tu não pode ter um sistema de catequese EAD para sempre, a não ser que não tenha mais como sair de casa, aí não tem o que fazer. Mas as coisas da igreja são diferentes, [...] porque *estamos lidando com coisas sobrenaturais e sagradas e informatizar essas coisas sempre é um desafio.* Não porque elas percam o efeito, [...] elas têm efeito independente disso. Eu posso assistir uma missa deitado na minha cama, no celular, só que eu faria isso se eu estivesse na igreja? Não! [...] *Será que eu estou realmente participando da missa deitado na cama?* A missa vai ter seu efeito normal, mas eu espiritualmente vou sair perdendo porque não estou me portando da maneira como eu deveria [...]. Então isso é um desafio muito grande que *passa por um desafio de catequese.* Tu pode fazer as coisas on-line, digitalmente, mas *sem instrução, a gente vai perder o gosto das coisas, porque a tecnologia faz um pouco disso.*

Por isso, “Lm” prefere utilizar livros impressos na Igreja, pois os dispositivos digitais podem tanto acessar a liturgia das horas quanto minha conta do Facebook. Já o livro impresso serve para aquela determinada função e não muda, ajuda a permanecer no foco. “Como vamos instruir bem as pessoas para que elas possam entender, para que elas possam estar espiritualmente bem conectadas com Deus mesmo digitalmente?”, questiona “Lm”. Esta é uma das razões da Igreja ser lenta para mudanças, pois precisa ponderar e atualizar sem que se perca o essencial.

Ele perguntou também: “Como separar a vida espiritual e a vida de Igreja dentro do virtual?” Para não criamos dicotomias e fragmentações no ser humano, a vida espiritual e comunitária, on-line e off-line deve ser entendida como uma única vida conectada por relações pessoais. Nossa vida é um entrecruzar de relações entre pessoas. É interessante pensar na palavra cruzamento que se origina da palavra cruz. A cruz de Cristo também é um entrecruzar de relações humanas e divinas.

Finalizando o encontro, agradei as ideias e pensamentos compartilhados. Expliquei que os assuntos abordados no encontro não foram somente pela finalidade da pesquisa, mas pela prática, para pensarmos juntos como ajudar a Igreja e em especial as paróquias a enfrentar estes desafios. Fechamos com uma oração e combinamos a reunião seguinte que foi o último encontro de pesquisa com o grupo Transfiguração.

#### 2.3.2.5 Reunião do dia 02.06.2020: desfecho da prática.

O último encontro do Grupo Transfiguração iniciou com uma oração invocando o Espírito Santo, como de costume, cada um colocou as suas intenções e seguiu-se a Leitura Orante do Evangelho Jo 15, 12-17. Lemos este Evangelho de João que fala sobre a amizade. Cada um recitou o versículo que mais chamou a atenção e depois partilhamos o que esta passagem te ensina sobre o que é amizade.

“Mm” contou o que este trecho do Evangelho simboliza sobre amizade na sua vida.

Mm: “Desde a minha época de Onda, esse foi sempre o texto, [...] a passagem escolhida para fazer a palestra da amizade. [...] a palestra da amizade sempre foi um dos pontos mais importantes do retiro para mim. [...] E até coincide com o motivo que eu entrei [para o Onda], eu tinha 11 anos, eu tinha recém trocado de colégio e estava num momento da vida afastado dos amigos [...]. Era tudo muito distante, eu era entre aspas uma criança/pré-adolescente sozinho. Então, eu senti que talvez fosse a hora de entrar para fazer o Onda. [...] para mim, essa passagem é a passagem da amizade”.

Em especial, o trecho mais significativo sobre amizade para “Mm” é: “ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos” (Jo 15,13). Ele elenca atitudes de um verdadeiro amigo, frutos de uma amizade autêntica:

Mm: “[...]quando tu *serve* o teu amigo, quando tu *te doa* pelo teu amigo, quando tu *te entrega* pelo teu amigo, tu está praticando amor de Deus pra Ele. E é aí que [...] que a amizade faz diferença, quando tu *te preocupa* com ele, quando tu *olha* para ele, quando tu *te coloca a serviço* dele [...]. Às vezes a gente acha [...] que não merece o amor de Deus, mas a gente merece sim e pode se fazer digno sim. O que eu aprendi é que *Deus se mostra para nós através das pessoas*, através dos gestos que as pessoas fazem para nós”.

“Mm” conclui sua fala com outro trecho deste Evangelho – “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vós escolhi” (Jo 15,16) – dizendo que não é por acaso que Deus colocou certas pessoas, certos amigos na nossa vida, pois “Deus sabe o que faz”.

Relacionado a este último versículo citado por “Mm” e a essa ideia de que Deus nos reúne, nos encontra e nos faz encontrar uns pelos outros, eu me recordei de um ditado popular que diz que não fazemos amigos, mas os amigos se encontram. Numa leitura teológica, poderíamos dizer que Deus escolhe pessoas para serem nossos amigos e nos acompanharem no caminho da vida.

“Lm” comentou o versículo: “Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15, 14). “Lm” acha interessante que Jesus nos coloca uma condicional, que nós sejamos obedientes a Ele, e o que Jesus nos pede é que permaneçamos no amor, isto é, amemos a Deus e amemos uns aos outros.

No entanto, “Lm” questiona que a maioria das pessoas chama Jesus de amigo, mas será que somos realmente? Será que realmente entendemos o que significa ser amigo de Jesus? Pois, a forma prática de amar como Jesus nos pede é através do serviço e da entrega. Só que esta não é uma tarefa fácil, “porque o serviço e a entrega não podem ser seletivos. E para ele ser realmente profundo, ele tem que ser totalmente desprendido e para isso eu preciso antes ter aprendido a morrer para mim mesmo”. Precisamos *amar incondicionalmente à semelhança do amor de Jesus por nós*. No final das contas, Jesus tem poucos amigos, pois permanecer na amizade de Cristo exige a prática das virtudes e santidade de vida. “Lm” não se considera amigo de Deus ainda, mas se anima a buscar essa amizade pelo exemplo dos santos que conseguiram. Ele finaliza seu raciocínio dizendo que geralmente temos uma noção superficial de amizade, tanto com nossos amigos humanos quanto com os divinos. “[...] uma verdadeira amizade ela é muito mais profunda, ela requer muito mais *desapego de si* para se considerar uma amizade [...] enraizada em Cristo”. Interpretando Jo 15,16, “Lm” falou que, assim como Deus nos escolheu para sermos amigos dele, cada um de nossos amigos é o próprio Jesus para nós.

Chamou a atenção de “Sm” que, no final desse Evangelho, Jesus não aconselha, mas ordena: “Amái-vos uns aos outros” (Jo 15, 17). Ele lembra que o mandamento do amor resume todos os outros e que a medida desse amor é amar como Jesus amou. “Cristo foi o exemplo maior de amor que deu a vida pelos amigos, que deu a vida por toda a humanidade”. Ele concorda com “Nm” que ter Cristo como amigo é ver no outro a face de Cristo, às vezes o Cristo que sofre, o Cristo que repreende, o Cristo que está do nosso lado e nos ajuda. Jesus deu-nos “amigos para que esse amor continue também se propagando”.



Direcionado pela questão – como você define a amizade? – “Lm” respondeu: “uma amizade é definida pela *vontade de amar* [...] aquela pessoa no céu”, isto é, “a vontade que você tem de que aquela pessoa vá para o céu e de preferência que aquela pessoa consiga viver uma santidade melhor que a tua”. Para ele, este é o ideal de amizade “ter esse *amor realmente genuíno e totalmente desinteressado*”. Na visão de “Lm”, a verdadeira amizade é: “[...] *o servir, é o amar, [...] é querer a santidade para o próximo, é ser caminho de santidade* para o próximo, é querer que o outro chegue no céu a todo custo, [...] seja ele cristão ou não”. Para alcançar tão grande amizade, “Lm” acredita que é necessário “*morrer para si mesmo* [...] para que a outra pessoa possa viver”. Só temos tal disposição de mente e coração quando conhecemos o outro na intimidade do seu ser, não apenas seus hábitos e costumes, mas também sua alma. “Uma amizade profunda *requer uma afinidade de almas*, de querer buscar o céu juntos”.

Por essa razão, “Lm” tem dificuldade de ter amizades fora da igreja, já se frustrou com várias e hoje já não tem pessoas que considere verdadeiramente amigos que não sejam cristãos. Mas ele reconhece que não tem por falta de esforço da parte dele, pois se realmente se importasse com estas amizades de fora da Igreja, se desgastaria e faria tudo ao seu alcance para levá-las a crer em Jesus.

“Mm” explica a amizade como uma via de mão dupla, uma relação de troca e conexão: “que tu respeite o teu amigo como ele te respeita, que tu entenda ele assim como ele te entenda, [...] se tu puder falar, ele também vai poder te dizer”. Ele observa que existem níveis de amizade e proximidade, cada amizade é diferente da outra e tem algumas com vínculos mais fortes que as outras. A grande questão para “Mm” é reconhecer nossos verdadeiros amigos, aqueles que podemos contar, confiar e se entregar reciprocamente. Assim, ele sintetiza a amizade em duas palavras: reciprocidade e conexão. Embora a maioria dos amigos de “Lm” seja ou já foi católico praticante, ele tem amigos que não são e consegue manter uma boa relação de amizade com eles porque existe conexão, reciprocidade, compreensão, respeito mútuo e aceitação das diferenças.

Sobre a questão seguinte – o que faz alguém ser amigo de alguém? – “Nm” concorda que é necessário reciprocidade e também com “Lm” sobre estar a serviço do amigo e querer que ele alcance o céu. No entanto, acrescentou a necessidade do livre-arbítrio, isto é, ninguém é obrigado a ser amigo de ninguém, a amizade requer uma escolha livre das pessoas. Além disso, “Nm” pensa que “a principal coisa que faz alguém ser amigo de alguém é a questão do respeito e a questão da confiabilidade”. Para “Mm”, o que faz alguém ser amigo “é a questão de que a gente se reconhece no outro”. “Sm” aponta que um fator essencial para se ter amizade

é a afinidade entre as pessoas, ter algo em comum para que aconteça a troca e via de mão dupla que os outros comentaram.

Passamos a conversa para outra questão: Qual a relação entre fé e amizade? O que muda nas relações de fé e amizade na era digital?

O primeiro ponto que “Mm” destaca na relação fé e amizade na era digital é que as novas tecnologias nos permitiram estar mais conectados com os amigos, mais próximos das pessoas mesmo se distantes geograficamente. Ele contou que costuma se reunir on-line toda a quinta-feira para conversar com amigos de sua antiga paróquia. Já a respeito da fé na era digital, primeiro ele diz que não houve mudança, “porque se a fé fosse que nem a internet, ela caía todo dia aqui em casa”. Mas depois ele afirma que a cultura digital trouxe novas formas de aumentar, trabalhar e enriquecer nossa fé e amizades. Embora acredite que nada substitui o contato humano, abraçar, ver e tocar o outro, “Mm” só enxerga benefícios trazidos pela rede para a fé e as amizades.

“Sm” pensa que fé e amizade estão relacionadas e se preocupa com os efeitos da cultura digital nessas realidades. Ele observa dois pontos: “Primeiro, houve um excesso de tudo nas mídias sociais, missas, terços, o meu Facebook, se eu abrir ele durante o dia tem mais de 30 missas passando ao mesmo tempo e mais de 15 pessoas rezando o terço”. “Sm” percebe que as *lives* começam com um número X de pessoas e essa quantidade vai diminuindo até o final da transmissão. Por estarem em casa, com outras pessoas, barulhos e distrações ao redor, as pessoas não estão participando com sua atenção total como aconteceria no presencial.

O segundo ponto refere-se as mudanças nas relações interpessoais: “a partir do momento que a gente não se vê mais pessoalmente, muitos acabam esfriando suas relações”. Ele conta que muitas pessoas de sua paróquia começaram a se sentir inseguras, deprimidas, desacreditadas da cura, sem esperança de um futuro melhor para a Igreja e para a sociedade. Por um lado, “Sm” acredita que a facilidade das *lives* traz o risco de as pessoas não quererem voltar para o presencial quando isso for possível. Por outro, as pessoas estão com tantas atividades on-line neste tempo de pandemia que estão se esquecendo de cultivar as relações. Ele faz questionamentos bem pertinentes sobre como a dinâmica no ambiente digital muda nossas relações. Por exemplo, se o encontro do grupo estivesse sendo presencial, eles estariam discutindo esses temas com muito mais afinco e paixão, um interrompendo e contra-argumentando o outro, não precisariam esperar um falar de cada vez, porque, nesse modo digital, não se entende nada se as pessoas falarem ao mesmo tempo.

A última questão para concluir esse processo de reflexão com o grupo, retoma o tema da amizade com Jesus: Por que é importante definir Jesus como amigo? O que significa ser amigo de Jesus? Como explicar a fé em Jesus na perspectiva da amizade?

Para “Sm”, a amizade com Jesus se resume em uma troca: fazer o que ele manda que é amar e fazer o bem ao próximo, conversar com Ele, pedir e escutar o que Ele tem a dizer. “Estar na presença d’Ele, pois Ele sempre está na minha presença, Ele sempre está pronto para me ouvir, me acolher, para me ajudar e eu [...] também ajudar ao próximo, ver a face [d’Ele] naquele que precisa, [assim] eu também estou ajudando a Jesus”. “Sm” acredita que essa via de mão dupla sintetiza essa amizade, participando dos sacramentos, ajudando e amando o próximo, somos ajudados e amados por Jesus.

“Lm” traz uma outra perspectiva dessa relação de amizade com Jesus como troca. Ele questiona: o que Jesus ganhou em troca dos discípulos momentos depois de ele ter tido essa conversa sobre amizade e feito o lava-pés?

Lm: “[...] um traiu e todos os outros foram embora, só João ficou aos pés da cruz com Maria Santíssima, foi isso que Jesus ganhou em troca de amar, ele ganhou a indiferença, ganhou a cruz, ganhou a coroa de espinhos, ganhou flagelos, foi isso que Jesus ganhou em troca de amar o mundo com tanta vontade, ao ponto de dar a sua própria vida, porque é isso que nós somos, somos o povo que aclamou Jesus quando entrou em Jerusalém e também o povo que o crucifica”.

“Lm” observa que é natural ter afeição por quem tem amor recíproco por nós. Ele nota que tem dificuldade de se doar porque espera demais essa reciprocidade das pessoas. “Lm” acredita que Cristo espera de nós que essa amizade vá além de uma simples troca. É importante ter essa troca e reciprocidade nas relações. Porém, mesmo que haja isso, terão momentos que nos veremos sozinhos e abandonados por nossos amigos numa cruz. “Então, eu imagino que Jesus disse que aqueles apóstolos eram amigos deles, não pelo que eles iam fazer logo em seguida, que era abandonar ele, ele os chamou de amigos apesar disso, porque ele sabia que no momento certo, [...] eles dariam sua vida por Cristo”. Na visão de “Lm”, se ficamos esperando a reciprocidade, nunca nos doaremos totalmente. Mas quando nos abrimos e nos doamos sem reservas, é difícil a outra pessoa não corresponder e começar a se doar também.

Lm: “Porque toda vez que eu faço um pecado, [...] ele continua me amando e quer que eu volte para ele de novo. [...] e é justamente esse amor que nos constrange, esse amor insistente de Cristo é que vai modificando o meu coração e querendo retribuir de alguma maneira mesmo que insuficiente”.

Quanto mais cresce a relação de amizade e intimidade, mais aumenta a reciprocidade. “Lm” falou também que as pessoas mudam, trocam de interesses, perspectivas e por isso algumas amizades perdem sua afinidade e outras se tornam mais valorosas. Por exemplo, teve um tempo em que era importante para “Lm” que suas amizades fossem *nerds* e gostassem de *Star Wars*. Hoje, atrai muito mais numa amizade pessoas que amam e buscam a Deus.

“Mm” complementa a reflexão de “Lm” dizendo: “[...] se Deus nos pede que sejamos recíprocos, ele não pede que sejamos recíprocos diretamente para ele, mas ele pede que a gente ame o outro como a gente se ama ou como amamos a Deus”. “Mm” acredita que Jesus nos deixou esse mandamento para mantermos esse elo da amizade.

“Dm”, sempre suscito disse que sua fé em Cristo lhe traz segurança e a amizade com Ele lhe traz “uma tranquilidade de saber que existe um bem, existe algo no futuro, algo mais, que não é algo que acaba, que não é em vão”. “Dm” não pensa que Deus peça que ele faça algo diretamente, mas que ele queira estar com Deus. Ele observou que o grande problema dos pecados é que nos levam ao egoísmo, ao voltar para si mesmo e não se voltar para Deus e para os outros.

Concluindo o encontro agradei a disponibilidade deles de participarem da pesquisa e permitirem que eu participasse de alguns encontros do grupo. Pedi que eles dessem um *feedback* da experiência, se contribuiu com a vivência do grupo. As repostas foram bem positivas:

Lm: “Pra mim foi como um *retiro*”.

Mm: “É, pra nós, a gente decidiu fazer os encontros on-line do grupo uma semana depois que começou a pandemia, e a pesquisa veio bem nesse período, esses encontros on-line também são novos para nós e não sabíamos como íamos fazer. Então, *esses encontros da pesquisa nos ajudaram muito nesse momento de mudança*. Se a gente continuasse só na nossa leitura, a gente ia terminar a leitura rápido, foi bom para a gente *discutir temas mesclados, diferenciados e pensar a questão digital em meio a essa realidade que estamos vivendo, eu acho que foi muito importante*.”

Dm: Achei que foi *muito bom*.

Sm: “Eu achei *diferente* [...], como no nosso grupo a gente fala bastante, [...] talvez assim alguém mediando, *deu para refletir com um pouco mais de calma*, pensar antes de falar. Então, acho que *uma mediação ajuda*, foi uma *experiência bem boa para o grupo*, [...] achei bem interessante”.

Com isso, encerramos a experiência dos encontros com os grupos e percebemos a prática de pesquisa ação e teologia comunicativa cumpriu os seus objetivos que eram: realizar um processo interativo nos grupos em que eles construíssem uma reflexão em conjunto através

de um tema que gerasse interesse e engajamento do grupo, afim de contribuir com o crescimento de cada um pessoalmente e do grupo, além de trazer luzes para se pensar em aspectos relevantes para desenvolver uma cristologia para estes tempos digitais e de pandemia. Passemos agora para a análise desses resultados.

## 2.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA QUALITATIVA

Vamos analisar a narração dos encontros em três etapas. Na primeira etapa, buscamos definir o universo vocabular dos grupos através da técnica da nuvem de palavras, identificando os termos mais repetidos e significativos das falas. Na segunda etapa, vamos destacar os assuntos, questões, ideias, opiniões mais relevantes discutidas pelos grupos, classificando em categorias. Por fim, trazemos as impressões e observações sobre cada grupo referente a experiência dos encontros, ponderando também a que passo seguinte esses resultados nos levam.

### 2.4.1 Nuvens de palavras e universos vocabulares

Fazendo a análise discursiva, iniciei a identificação do universo vocabular dos grupos através de nuvens de palavras. A nuvem de palavras é um recurso gráfico muito utilizado para a análise de dados de pesquisa qualitativa.<sup>279</sup> Através de algoritmos, a nuvem de palavras é formada pelas palavras ou expressões mais frequentes no discurso estudado. Estas nuvens de palavras dos grupos foram criadas através das ferramentas do Google Docs. Todas as transcrições dos encontros foram submetidas a composição das nuvens com as 100 palavras mais utilizadas, para depois podermos formar o universo vocabular de cada grupo e dos dois grupos em conjunto. Assim, priorizei substantivos, verbos e adjetivos mais relevantes e busquei retirar das nuvens artigos, advérbios e preposições.

---

<sup>279</sup> Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. *Millenium*, 2(11), 31.

No grupo Maranathas, a nuvem de palavras<sup>280</sup> se apresentou da seguinte forma:

Figura 12: Universo Vocabular do Grupo Maranathas

Destas 100 palavras, selecionamos 50 de acordo com a relevância e frequência:

01. Jesus – 219
02. Deus – 167
03. Pessoa (s) – 167
04. Grupo – 137
05. Quer(er) – 128
06. Amizade – 104
07. Vida – 100
08. Gurias, meninas – 92
09. Amigo – 87



10. Amor – 79
11. Hahaha – 22 + Hehe – 19 + riso (s) – 25 = 66
12. Cham (ar) - 66
13. Imagem (ns) – 40 + 25 = 65

<sup>280</sup> Figura 12.

14. Verdade – 59
15. Tempo – 59
16. Casa – 58
17. (Con) Viv (er) – 55
18. Rito – 51
19. Mundo – 47
20. Santo (a) – 47
21. Pai (s) – 47
22. Obrigada – 24 + Agradecer – 21 = 45
23. Missa – 42
24. Partilha – 40
25. Trabalh(o) – 39
26. Caminho – 38
27. Evangelho – 38
28. Narra (r) (ção) – 38
29. Encontro – 37
30. Cristo – 35
31. Palavra – 34
32. Linda (o) – 34
33. Passar – 32
34. Sentido – 31
35. Igreja – 31
36. Olhar – 27
37. Curso – 25
38. Reconhecer – 24
39. Senhor – 23
40. Papa – 23
41. Filho – 22
42. Ouvir – 20
43. Internet – 19
44. Voltar – 17
45. Acreditar – 16
46. Entender – 16
47. Troca – 16

48. Filha, afilhada – 16
49. Face – 16
50. Digital – 15

Dentre as 50 palavras, vamos selecionar as 23 mais significativas para o grupo e para a pesquisa, que formam o Universo Vocabular do Grupo Maranathas. Classificamos os termos em quatro categorias:

*Palavras teológicas:* Jesus, Deus, Cristo, Evangelho.

*Palavras eclesiológicas:* Grupo, Missa, Igreja, Caminho, Curso, Papa.

*Palavras antropológicas e relacionais:* Pessoa, Vida, Tempo, Partilha, Encontro, Amizade, Amigo, Internet, Digital.

*Verbos:* Querer, Chamar, Conviver, Narrar.

No grupo masculino não há tanta alteração entre as palavras mais utilizadas, só o nível de frequência. A presentamos a nuvem de palavras do Grupo Transfiguração:<sup>281</sup>

Figura 13: Nuvem de Palavras do Grupo Transfiguração



<sup>281</sup> Figura 13.



A maioria das palavras que formam o universo vocabular dos grupos pesquisados são de caráter religioso justamente por fazerem parte de um movimento católico e pela pesquisa ser de cunho teológico. Da mesma forma que fizemos para o grupo feminino, das 100 palavras mais repetidas, identificamos as 50 mais relevantes para o grupo masculino:

1. Pessoa (s) – 207
2. Jesus – 159
3. Amigo – 137
4. Deus – 133
5. Vida – 103
6. Missa – 103
7. Cristo – 102
8. Amizade – 98
9. Quer(er) – 98
10. Igreja – 97
11. Santo (a) – 94
12. Grupo – 85
13. (Con)Viv(er) – 74
14. Casa – 67
15. Amor – 66
16. Imagem (ns) – 58
17. Participa(r) – 57
18. Tempo – 53
19. Pai(s) – 48
20. Verdade (iro) – 47
21. Cham (ar) – 47
22. Padre – 45
23. Entend(er) – 43
24. Trabalh(o) – 43
25. Mundo – 35
26. Sentido – 27
27. Reconhec(er) – 26
28. Troca – 26
29. Busc(ar) – 25

30. Rito – 25
31. Digital – 24
32. Face - 24
33. Pandemia – 23
34. Quarentena – 22
35. Senhor – 22
36. Internet – 22
37. Palavra – 21
38. Comunidade – 20
39. Caminho – 20
40. Encontro – 20
41. Evangelho – 19
42. Onda – 19
43. Movimento – 18
44. Respeito (ar) - 18
45. Passar – 15
46. Ouvir – 15
47. Liturgia – 14
48. Curso – 14
49. CLJ – 14
50. Maria – 14

Das 50 palavras mais usadas nas falas, destacamos as 23 mais relevantes que compõe o Universo Vocabular do Grupo Transfiguração durante os encontros da pesquisa. Separamos em quatro categorias as palavras-chave:

*Palavras teológicas:* Jesus, Deus, Cristo, Maria.

*Palavras eclesiológicas:* Missa, Igreja, Grupo, Padre, Onda, Movimento.

*Palavras antropológicas e relacionais:* Pessoa, Amigo, Amizade, Vida, Tempo, Troca, Encontro, Internet, Digital.

*Verbos:* Querer, Conviver, Participar, Chamar.

Olhando as diferenças de palavras que aparecem nos universos vocabulares, observamos que na categoria teológica do grupo feminino aparece o termo “Evangelho” e no masculino

“Maria”, enquanto as outras palavras são as mesmas: Jesus, Deus, Cristo. É importante esclarecer que deixamos as palavras Evangelho e Maria no grupo teológico, não serem atribuídas a Deus diretamente, mas por estarem relacionadas, no sentido de que tanto o Evangelho quanto Maria podem ser vias de acesso do ser humano a Deus. Elas se encaixariam também na categoria eclesiológica.

Então, a ocorrência e frequência dessas palavras nos grupos pode significar que as jovens do grupo Maranathas tem uma proximidade maior com a espiritualidade da Palavra, como a meditação do Evangelho, enquanto os rapazes do Transfiguração cultivam uma espiritualidade mais devocional à Maria como a meditação do Rosário. Poderíamos deduzir que: as Maranathas têm acesso a Jesus Cristo pela familiaridade com o Evangelho, os jovens do Transfiguração têm acesso a Jesus Cristo através da amizade com Maria.

No campo eclesiológico do grupo feminino aparecem como diferença as palavras Curso, Papa e Caminho. Já no masculino, os termos diferentes são: Padre, Onda, Movimento. A referência das Maranathas ao “Papa” e a do Transfiguração ao “Padre” indica que o grupo feminino tem por característica uma eclesialidade mais universal, ligada diretamente com o pensamento e atitude do Papa Francisco. O grupo Transfiguração demonstra, entretanto, a vivência de uma igreja mais local, comunitária ligada a figura do padre, pároco, diretor espiritual. As palavras “Curso e Caminho”, no universo vocabular feminino, e a palavra “Movimento” universo vocabular, designam a vivência do movimento de Emaús na vida de fé deles. “Onda” é o nome de um movimento que muitos dos rapazes participaram que foi marcante na experiência de fé deles e que preparou o caminho para o ingresso deles no movimento de Emaús. As palavras em comum aos grupos demonstram o tipo de experiência eclesial que estão habituados como a participação nas missas e no grupo na paróquia, e no tempo de quarentena continuaram acompanhando as missas e o grupo, só que agora no ambiente digital.

As palavras antropológicas e relacionais são as mesmas em ambos os grupos: Pessoa, Vida, Partilha, Troca, Encontro, Amizade, Amigo, Internet, Digital. Notamos como as relações de amizade ganharam força nestes tempos de redes sociais. A cultura digital também contribuiu para a valorização das relações de partilha e troca. Como jovens católicos e participantes do mesmo movimento, compartilham princípios como o respeito e o amor à vida e a busca por viver uma autêntica cultura do encontro.

Os verbos de ação em comum nos grupos são: querer, conviver e chamar. Eles demonstram a relação entre Jesus Cristo e o ser humano: Deus chama e a pessoa precisa dar o consentimento livre, precisa querer conviver com Jesus e com os irmãos e irmãs na fé. No

conjunto de palavras do grupo feminino aparece o verbo “narrar”, demonstrando a importância da narrativa, de contar experiências e histórias vividas, do testemunho que fortalece a fé e o grupo de pertencimento. No grupo masculino consta o verbo “Participar” que destaca a necessidade que os jovens tem de participação, engajamento, fazer parte, serem protagonistas das ações também no campo comunitário e eclesial.

Tendo identificado o universo vocabular dos grupos separadamente e comparativamente, vamos olhar as informações em conjunto, criando uma única nuvem de palavras<sup>282</sup> da transcrição dos dois grupos.

Figura 14: Nuvem de Palavras dos grupos em conjunto



De dentro dessa nuvem de 100 palavras, escolhemos as 50 mais frequentes e relevantes:

1. Jesus – 378
2. Pessoa – 374
3. Deus – 300
4. Quer(er) – 226
5. Amigo – 224
6. Grupo – 222
7. Vida – 203
8. Amizade – 202

<sup>282</sup> Figura 14..

9. Missa – 145
10. Amor – 145
11. Cristo – 137
12. Igreja – 128
13. (Con)Viv(er) – 128
14. Casa – 125
15. Imagem (ns) – 124
16. Cham (ar) – 113
17. Tempo – 112
18. Verdade (iro) – 106
19. Pai(s) – 95
20. Entend(er) – 94
21. Olh (ar) – 93
22. Ouvi(r) – 86
23. Participa(r) – 86
24. Trabalh(o) – 82
25. Mundo – 82
26. Hahaha – 28 + Hehe – 22 + riso (s) – 29 = 79
27. Rito – 76
28. Guri (as) - 76
29. Santo (a) – 69
30. Obrigado – 35 + Agradecer – 28 = 63
31. Sentido – 58
32. Caminho – 58
33. Encontro – 57
34. Evangelho – 57
35. Reconhec(er) – 57
36. Palavra – 55
37. (Com) Partilha – 55
38. Padre – 53
39. (des) Acredit(ar) – 52
40. Passar – 47
41. Senhor – 45
42. Curso – 43

43. Troca – 42
44. Internet – 41
45. Face - 40
46. Digital – 39
47. Narra (r) – 38
48. Busc(ar) – 34
49. Filho – 33
50. Papa – 32

Destacando as 23 principais palavras listadas e classificando-as nas categorias já conhecidas, temos o seguinte universo vocabular da prática de teologia dos grupos:

*Palavras teológicas:* Jesus, Deus, Amor, Cristo, Verdade.

*Palavras eclesiológicas:* Grupo, Missa, Igreja, Casa, Caminho.

*Palavras antropológicas e relacionais:* Pessoa, Amigo, Vida, Amizade, Tempo, Sentido, Encontro, Internet, Digital.

*Verbos:* Querer, Conviver, Chamar, Entender.

Destacamos algumas palavras que já constavam nas listas de 50 palavras dos dois grupos, mas agora no conjunto se tornam mais relevantes. Nas palavras de caráter teológico, além das que permanecem – Jesus, Deus, Cristo – temos duas novas: Amor e Verdade. Estes termos poderiam estar na lista das palavras antropológicas também, pois representam tanto atributos de Deus quanto qualidades ou requisitos para um bom relacionamento humano. Então, elas foram usadas nas interações às vezes para falar sobre Deus, às vezes para partilhar experiências de relação. Juntando com outras palavras que constam em outras categorias deste universo vocabular, formamos duas sentenças cristológicas presentes novo testamento e centrais na Revelação: Deus é amor (1 Jo 4,8); e Jesus Cristo é o Caminho, Verdade e a Vida (Jo 14, 6). Estas afirmações teológicas auxiliarão na reflexão cristológica desenvolvida na próxima seção.

No conjunto das palavras eclesiológicas permanecem “Grupo, Missa, Igreja” que significam a forma como os participantes vivem sua fé e sua pertença a Igreja, através da vivência da missa e do grupo. As palavras diferentes são “Casa” e “Caminho”. Como explicado, “Caminho” pode ter conotação cristológica como “Jesus é o Caminho”. Mas também ele é utilizado para designar o movimento de Emaús, como a passagem que inspira o movimento que

é o diálogo de Jesus com dois discípulos no “Caminho” de Emaús. “Caminho” representa a caminhada de fé e de relação com Deus na Igreja através do movimento de Emaús. “Caminho” dialógico que dá sentido, direção e gosto para a vida, que faz arder o coração do discípulo. A palavra “Casa”, que também se enquadra na categoria antropológica, ganhou novo significado e relevância neste tempo de pandemia.

Antes “Casa” significava o lugar da família, do descanso, da segurança, da privacidade. Com a pandemia, a “Casa” continua sendo o lugar da família para quem mora com familiares, se tornou ainda mais o lugar da segurança, pois se ficamos em “Casa” evitamos e combatemos o vírus. Mas agora se tornou menos espaço de descanso e privacidade, pois passamos a fazer tudo em casa: estudo, trabalho, muitos deles com a câmera do dispositivo digital ligada para transmitir ao vivo, verificar se está acompanhando a aula ou realmente trabalhando.

Para muitas pessoas a “Casa”, em tempos de coronavírus, se tornou nossa Igreja doméstica onde fazemos nossas orações, realizamos encontros catequéticos e participamos das celebrações litúrgicas da nossa comunidade paroquial através das mídias digitais. A palavra “Casa” também recorda o modelo eclesiológico de Papa Francisco, “uma Igreja que seja casa de todos”<sup>283</sup> que está sempre de portas abertas para quem quiser entrar e participar. De certa forma, a Igreja no ambiente digital cumpre esse objetivo, pois pode ser acessada por qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora. Várias paróquias relataram o aumento do número de pessoas participando das missas transmitidas, muitos não católicos acompanhando as celebrações e terços ao vivo neste tempo que as pessoas mais precisam nutrir-se de fé e esperança.

No conjunto antropológico, permanecem constantes nos três universos vocabulares as palavras: “Pessoa, Amigo, Vida, Amizade, Tempo, Encontro, Internet, Digital”. Dentre essas, destacamos a relevância da palavra “Tempo”. Na visão de Francisco sobre a realidade contemporânea, o tempo se tornou mais importante que o espaço.<sup>284</sup> O Papa acredita que com este princípio, podemos fazer planos a longo prazo, sem a pressão por alcançar efeitos imediatos.

Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. [...] Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento [...]. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que

<sup>283</sup> FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais.

<sup>284</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 222.

os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes.<sup>285</sup>

Francisco questiona o que as pessoas estão escolhendo hoje: o espaço de poder ou o tempo do processo, as ações que geram ganho fácil e rápido ou as atividades que com paciência e perseverança levarão a humanidade a sua plenitude? Vivemos num tempo repleto de paradoxos. Através do digital, podemos realizar inúmeras atividades em tempo real, simultaneamente, sem precisar nos deslocarmos. Especialmente as relações interpessoais são profundamente transformadas pela comunicação instantânea com pessoas em qualquer parte do mundo. No entanto, parece que quanto mais tempo nós temos, mais tempo nos falta e quanto mais praticamos atividades, mesmo as de lazer para descansar, mais cansados estamos.

Com tanta coisa boa disponível para se fazer, queremos aproveitar ao máximo e nos gastamos com tantas opções e atividades. De acordo com Byung-Chul Han, nosso próprio desejo por desempenho, superação e prazer tem por consequência uma violência neuronal pelo excesso de positividade: “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva”.<sup>286</sup> Hoje, a hiperatividade não é uma patologia de poucos, em certo nível, tornou-se uma característica de todos. Nosso tempo e atenção fragmentados por diversas tarefas nos tira a possibilidade de um tempo qualitativo, de inteireza, e nos incapacita a experimentarmos a profundidade da contemplação.<sup>287</sup> Precisamos recuperar o momento de pausa, o *Shabat*, o parar, o contemplar para nos livrarmos deste cansaço existencial e voltarmos a viver. A pandemia nos trancou em casa, ao menos por um tempo, mas será que as pessoas realmente aproveitaram essa pausa obrigatória para descanso da mente, contemplação e restauração da vida interior?

“Pessoa” é um termo essencial no universo vocabular dos grupos. Pode se referir tanto as pessoas divinas quanto as humanas, geralmente atribuída ao ser humano. Neste contexto em que os grupos estão inseridos, em que o mundo inteiro está refletindo que escolhas tomar em frente a crise geral causada pelo coronavírus, serve de lembrança da dignidade da pessoa humana e de alerta de que todas as vidas importam.

Falando em “Vida”, esta palavra também é amplamente usada com diversos significados. Neste contexto pandêmico de risco à vida a natural reação é de recordar o inestimável valor da vida. Isso nos leva a outra palavra presente no universo vocabular dos grupos – “Sentido” – que já se encontrava entre as 50 palavras mais utilizadas de ambos os

<sup>285</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 223.

<sup>286</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*, p. 20.

<sup>287</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*, p. 32.



grupos. Esse termo pode ser usado como significado – para explicar algo; como valor – para apresentar a relevância ou bem de algo; como razão ou propósito – para mostrar a finalidade de algo; e como direção – para sinalizar o caminho, apontar o rumo a seguir.<sup>288</sup> Então, podemos ver a relação existente entre a palavra “Sentido” e “Caminho”. Na afirmação de “eu sou o caminho, a verdade e a vida, ele está dizendo que ele é o sentido de nossa existência. Pela crise de sentido nas instituições mais básicas da vida, as interações nos grupos mostram que é preciso restaurar o sentido de crer em Jesus Cristo na era digital, isto é, redescobrir o significado, valor e finalidade da fé hoje.

Com exceção de Deus e Jesus Cristo, as expressões “Amizade” e “Amigo” são as mais importantes dentro do universo vocabular dos grupos. Elas se referem tanto a relação intratrinitária – Deus é Amizade – quanto as relações humanas e as relações dos seres humanos com Jesus Cristo. Com a cultura digital e o enfraquecimento dos vínculos das instituições sociais como a família, a Igreja e o Estado, este é o laço humano mais valorizado no panorama atual. Por essa razão e pelo que os próprios grupos demonstraram, é importante resgatar o modelo da Amizade com Deus, não só para o desenvolvimento de uma Cristologia, mas também da evangelização e da pastoral. O Evangelho chave para a formação de uma Cristologia da Amizade que foi muito discutido nos grupos foi: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Por isso, vamos aprofundá-lo na última seção.

A relação de amizade acontece durante um encontro autêntico entre pessoas. “Encontro” foi uma palavra recorrente nos grupos, importantíssima para o cultivo das relações on-line e off-line. O Papa Francisco desde o início de seu pontificado insiste em promovermos uma verdadeira cultura do encontro.<sup>289</sup> Se passamos distraídos na rua pelo outro e nem cumprimentamos, se estamos numa videochamada com o nosso grupo de amigos e não estamos prestando atenção no que estão dizendo ou fazendo, se estamos na celebração na Igreja pensando em outras coisas, apenas de corpo presente, esses são encontros aparentes, isto é, possuem apenas aparência de encontro.<sup>290</sup> Encontrar-se significa se colocar conscientemente na presença do outro, com toda a sua atenção e abertura a relação, olhar e deixar-se ser olhado, tocar e deixar-se ser tocado, conhecer e deixar-se ser conhecido, ouvir e também falar, transformar e ser transformado. O “Encontro” é uma experiência plena de comunicação.

As palavras “Internet” e “Digital”, embora não tenham sido tão utilizadas quanto outras, elas estão no universo vocabular pela sua relevância. A comunicação e relação humanas nunca

---

<sup>288</sup> BOFF, Clodovis. *O Livro do Sentido*, p. 11-35.

<sup>289</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>290</sup> SILVA, Claudinei A. de F. da. A dança da vida. *Revista Estudos Filosóficos*, p. 73-86.

mais foram as mesmas com a invenção da microinformática, internet e demais tecnologias digitais. Com a pandemia e o distanciamento físico entre pessoas, este tipo de comunicação que tinha a função de complementar a comunicação face a face, se tornou o principal meio para as pessoas continuarem se relacionando neste momento difícil da história humana. A própria prática de Teologia Comunicativa com os grupos só foi possível pelas mídias digitais. Além disso, em diversos momentos do encontro houve comentários a respeito do fenômeno digital e os impactos positivos e negativos na nossa vida cotidiana, de fé e ainda mais nestes tempos de pandemia.

A respeito dos verbos de ação, permanecem os três – “Querer, Conviver, Chamar” e surge um novo – Entender. Complementando o sentido dado aos verbos anteriores em relação a fé em Jesus Cristo no contexto atual, “Entender” quer ressaltar o princípio de que não basta ser chamado a entrar em relação com Jesus Cristo, não basta querer dizer sim a Deus, não basta conviver com os irmãos do grupo e criar amizades, uma verdadeira adesão a Jesus Cristo necessita entender o que este sim implica. Portanto, o verbo “Entender” traz à luz a inteligência da fé, a fé que deve buscar compreender o mistério de Deus, aquilo que Ele nos comunicou de si e continua a nos comunicar nessa relação de amizade. Feita as nuvens de palavras e identificado o universo vocabular dos grupos, bem como sua interpretação, passamos para a apreciação das falas mais pertinentes à reflexão cristológica posterior.

#### **2.4.2 Categorização das questões, ideias, categorias e temas geradores**

A categorização serve para classificar, distinguir e reunir elementos do texto ou discurso com características ou relações comuns formando um conjunto, cujo título é sempre a categoria, isto é, a palavra-chave que sintetiza as informações e temas por aproximação de significado.<sup>291</sup> A partir dos achados da análise das nuvens de palavras e dos universos vocabulares, bem como dos mais importantes relatos das interações, identificamos as seguintes categorias: Igreja, Pandemia, Cultura Digital, Amizade e Jesus Cristo. Estudamos as categorias Igreja, Pandemia e Cultura Digital conjuntamente como uma Unidade de Contexto, que também pode corresponder a dimensão do Globo na Teologia Comunicativa. Analisamos separadamente a Unidade Cristológica – Categoria Jesus Cristo; e a Unidade Relacional – Categoria Amizade;

---

<sup>291</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*, p. 117-118.

para depois fazermos o cruzamento das informações formando o tema gerador: a Amizade com Jesus Cristo. Muitas informações vão se cruzar entre estas categorias, trechos de falas vão conter dados que se encaixam em mais de uma categoria. Vamos optar por posicioná-lo na categoria em que o comentário tiver mais relevância.

#### 2.4.2.1 Unidade Contextual – Categorias Igreja, Pandemia e Cultura Digital

Percebemos que no contexto em que a pesquisa foi realizada, também pela temática e pela característica de serem grupos católicos, é impossível separar os fatores pandemia, cultura digital e vivência da fé, por isso, vamos analisar os principais comentários de cada grupo sobre a vivência comunitária através do digital no período da quarentena no Brasil.

Em ambos os grupos, houve muitos relatos de como está sendo pesado enfrentar a pandemia, cumprir as medidas de isolamento social, especialmente em datas como a Páscoa e Dia das Mães em que as pessoas se reúnem em família e participam das celebrações litúrgicas. As crianças e idosos são os mais afetados, pois têm mais dificuldade de entender e aceitar a situação. Eles buscam força e reposta na fé para superar a situação de pandemia: “Estamos aguentando a pandemia só porque acreditamos em Deus. A fé deixa o nosso coração mais calmo, se não seria insuportável” (S).

É importante perceber as mudanças na dinâmica do encontro digital. Por exemplo, cada participante precisa falar na sua vez, pois se há mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo ocorre uma mistura ou falha dos áudios e não dá para distinguir nenhum dos sons. Assim, as intervenções nas falas uns dos outros ficam mais devagares e separadas, o que dificulta o processo interativo. Cada plataforma possui um padrão de comunicação e recursos diferentes que precisamos conhecer para uma performance comunicativa melhor.

Embora prefiram o encontro presencial, a maioria dos participantes veem as mídias digitais como dom e providência divina, ainda mais neste tempo de pandemia, para superar as barreiras territoriais e podermos estar unidos, convivendo com amigos e familiares e partilhando nossa fé em comunidade. Um outro fenômeno que já estava acontecendo na era digital e que talvez a pandemia tenha piorado é o que poderíamos chamar de crise da presença, isto é, a dificuldade que estamos enfrentando para definir o que é presença neste complexo

contexto da cultura digital: quando alguém está realmente presente ou ausente num espaço físico ou na rede?

Especificamente sobre a experiência de Igreja em tempos de pandemia, temos comentários bem interessantes nos dois grupos que nos fazem pensar em uma eclesiologia digital. Um dos eventos marcantes durante a pesquisa que coincidiu com o tempo de quarentena foi a experiência da Missa de Páscoa do movimento Emaús pela plataforma Zoom. Lm: “É uma experiência bem diferente o fato de “ver a missa”, participar de um grande zoom”. Uma vantagem das missas on-line é a possibilidade de alcançar e unir mais pessoas do que os limites territoriais permitem.

I: “A missa do Emaús de Páscoa, [...], *foi linda, todo mundo se emocionou. [...] apenas o padre e ele na igreja, todas as leituras e músicas foram feitas cada um de sua casa. Parecia que estávamos dentro da Igreja. [...] tinha 130 pessoas conectadas na Live. Mas em cada celular tinha duas ou três pessoas, então, tinha muito mais gente. Isso acaba tocando a gente de um jeito diferente. Para mim foi surreal. Óbvio que presencial seria muito melhor, mas foi ótimo a missa assim”.*

Vários participantes expressaram a grande verossimilhança como uma experiência de imersão – “parecia que estávamos dentro da Igreja” e a grande diferença, mas positivamente diferente. T: “É uma sensação totalmente diferente você vivenciar a Igreja dentro de casa. Por você querer estar em outro ambiente, você está trazendo-o para dentro do ambiente que você está”.

A maioria dos participantes aproveitou essa parada obrigatória para aprofundar sua relação com Deus, outros, porém, privados da sua rotina presencial de fé não foram buscar alternativas para manter a espiritualidade cotidiana. Isso mostra que a vivência da fé não depende tanto da circunstância do fiel, mas principalmente de sua persistência e força de vontade, isto é, de sua maturidade e resiliência. A questão de como cultivar a própria fé, a preferência de formatos das celebrações, orações e espiritualidades varia muito de participante para participante. A vantagem é que as plataformas e redes sociais oferecem todos os tipos e formatos possíveis, então cabe aos cristãos escolher qual o melhor para o seu perfil de espiritualidade.

No entanto, temos sempre que cuidar para não transformar a comunidade Igreja em um mercado on-line de ofertas religiosas. O grupo masculino pede atualização da Igreja, pois ela ainda é muito burocrática, complexa e demorada. Contudo eles também alertam para que a tecnologia não nos tire o “gosto das coisas” da Igreja, isto é, estarmos atentos para que, nessa

renovação eclesial, não percamos o mistério, a mística, o sagrado presente na vida de fé, liturgia, pastoral e comunidade.

Os integrantes de ambos os grupos acreditam que as práticas e encontros no ambiente digital vão aumentar e que devemos aprender com essa experiência, agregando esses novos modelos a vida da Igreja e a ação pastoral, pois são diferentes formas para crescimento da fé. A partir de nossa prática de Teologia Comunicativa no ambiente digital, num momento tão singular da humanidade, poderiam surgir estudos eclesiológicos mais avançados sobre a Igreja e sua ação pastoral nas mídias digitais. Como nossa prioridade é fazer uma reflexão cristológica, deixamos aberto este caminho para futuro aprofundamento e continuidade.

#### 2.4.2.2 Unidade Relacional – Categoria Amizade

Apesar de termos consciência de que a maioria das informações relatadas poderiam se enquadrar na Unidade Relacional, vamos focar didaticamente nas características das relações de fé e amizade sugeridas pelos participantes, com uma subcategoria que conecta essas duas relações: Grupos do Movimento de Emaús – Comunidade de Amigos pela Fé.

A fé é um fator que une, agrega pessoas e pode facilitar o desenvolvimento de vínculos de amizade. O Grupo feminino desenvolveu mais a reflexão sobre fé, elaborando diversas definições. Elas descreveram a fé como uma chama que deve ser mantida acesa; um mistério, uma força espiritual que nos move, nos guia e nos dá coragem; um acreditar que nos faz perseverar. Temos que recordar que essa força, como elas descrevem, é dom de Deus, ninguém alcança a fé por esforço ou mérito, ela é doada. Porém, manter a chama acesa, isto é, a perseverança na fé, depende também do nosso esforço de buscar aprofundar a relação com Jesus Cristo, fortalecida pelo testemunho da comunidade. Segundo as Maranathas, a fé é, além disso, confiança em algo ou alguém, e isso também é um princípio da amizade. Ao relacionar amizade e fé, elas perceberam que para ser amigo de alguém é preciso acreditar e ter confiança naquela pessoa, ou seja, ter fé no amigo. Portanto, quando dizemos que temos fé em Jesus Cristo consequentemente estamos afirmando que Jesus é nosso amigo.

Sobre amizade, ambos os grupos fizeram belas reflexões demonstrando um conhecimento que vem da experiência de amizades profundas.

Amizade	Grupo Feminino	Grupo Masculino
Definição	<p>é uma camaradagem; sentimento bom que nos dá alegria de ver o outro amigo feliz; relação recíproca troca positiva relação de carinho, de afeto</p>	<p>vontade de amar; é o servir, é o amar, é querer a santidade para o próximo, é ser caminho de santidade; amor realmente genuíno e totalmente desinteressado; via de mão dupla, uma relação de troca e conexão; reciprocidade e conexão;</p>
Características	<p>Assim como na fé, precisa ter confiança, acreditar no outro. Afinidade, ter coisas em comum, reciprocidade, empatia, se colocar no lugar do outro; Conhecer, proximidade, respeito; Amor livre toque, olhar, estar junto fisicamente; níveis de amizade; abandono</p>	<p>Se doa, se entrega, se preocupa, olha, se coloca a serviço do outro amigo; O serviço e a entrega não podem ser seletivos; Amar incondicionalmente à semelhança do amor de Jesus por nós; desapego de si; Um amigo é o próprio Jesus para nós; Requer uma afinidade de almas, de querer buscar o céu juntos; Morrer para si para que o outro possa viver; Respeito e entendimento mútuo; Escuta e diálogo; Aquele com quem podemos contar, confiar e se entregar;</p>

		aceitação das diferenças; Reciprocidade; Afinidade
--	--	---

Os grupos desenvolvem definições similares sobre amizade. Para eles, a amizade é uma relação positiva de troca, que produz sentimentos bons de alegria e felicidade por si mesmo e pelo outro. Os participantes reconhecem que existem diferentes tipos e níveis de amizade que variam de acordo com o grau de amor, afinidade, reciprocidade, conhecimento de si e do amigo, convivência, diálogo, intimidade, familiaridade, empatia, tolerância, companheirismo, respeito, doação, confiança e abandono.

O grupo feminino definiu a amizade de uma maneira geral, enquanto o grupo masculino a descreveu por uma visão mais cristã. A amizade cristã aprofunda algumas das características citadas. Por exemplo, não basta ter algo em comum, qualquer afinidade, é preciso compartilhar a mesma fé, ter uma afinidade de almas. Não basta confiar, se doar e querer o bem do outro, é preciso se abandonar inteiramente, amar sem reservas a ponto de morrer para si para que o outro viva, querer a santidade e o céu para o amigo mais que para si mesmo. Uma amizade cristã se baseia no exemplo da amizade de Jesus que deu a vida pelos amigos e se fez amigo de todos, sem distinção. Tal amizade cristã é o que se busca construir e em certo nível encontrar em grupos de pertencimento cristãos como os do Movimento de Emaús. Por isso, vamos estudá-los mais a fundo.

A reflexão nos grupos esclareceu que ter fé e participar dos sacramentos não são suficientes para permanecer na relação com Jesus Cristo, é preciso encontrar amigos que animem, deem suporte e nos façam companhia na caminhada. Por isso, temos que dar atenção à subcategoria do Movimento de Emaús representado pelos Grupos. Embora pudesse se encaixar junto com a categoria Igreja por ser um movimento religioso, vamos focar no seu caráter relacional como grupos de amigos e amigas pela fé. Essa subcategoria corresponde na Teologia Comunicativa a dimensão do “Nós”.

Ambos os grupos demonstraram grande maturidade na relação de amizade entre eles. O grupo masculino parece ter estabelecido um vínculo de amizade mais profundo do que o que existe entre as integrantes do grupo feminino, apesar de que as jovens demonstraram umas pelas outras um tratamento mais terno, gentil e carinhoso. Essa proximidade maior entre os membros do Transfiguração pode se justificar pelo fato de ser um grupo muito menor, com pouca rotatividade e a maioria dos integrantes já se conhecem há anos, antes mesmo de ingressarem

no grupo. As Maranathas, ao contrário, todas se conheceram através do movimento ao ingressarem no grupo, muitas jovens já passaram pelo grupo e várias delas não tem uma presença frequente nas reuniões. Mesmo assim, todos os participantes expressam a grande importância que o grupo tem na sua vida e na perseverança de sua fé.

Lm: “[...] a relação com o grupo Transfiguração é muito mais perene do que qualquer outro grupo que eu já tive e nós estamos crescendo, temos mais de seis anos de convivência [...]. Hoje o grupo Transfiguração [...] tem grande importância na minha vida [...], ele transcende o próprio movimento porque esse grupo une a todos nós”.

Especialmente no grupo Transfiguração, há relatos de como a história dos participantes com Deus é marcada pela amizade e pelo legado da família. As principais características do grupo Transfiguração elencadas por seus participantes são: “maturidade e profundidade, além dos laços sinceros de fraternidade que foram sendo construídos”, disse “Lm”. Para este integrante, a missão do grupo Transfiguração é dar suporte uns aos outros para chegarem ao céu e *levar a Cristo refletido na amizade que eles têm uns pelos outros*.

Uma característica marcante do Grupo Maranathas é a acolhida, um dos motivos da perseverança das jovens que, na medida que vão se conhecendo e interagindo nos encontros, vão formando vínculos autênticos de amizade:

B: “[...] o que me manteve forte no sentido de seguir a caminhada foram as gurias, a amizade de todas, sempre quando uma baixa a peteca, a outra vai lá e levanta. O grupo é importante porque nos ajuda a nos mantermos firmes, é um grupo de amigas, talvez a gente não se conheça tanto assim na intimidade, mas eu acho que momentos de lazer vão fazer nos conhecermos mais. O Maranathas sempre foi um grupo muito aberto e acolhedor para receber pessoas”.

Elas mesmas reconhecem a necessidade de conhecer mais umas às outras, mas apesar dessa lacuna o laço que as une é muito forte e valioso para elas. *“Mesmo que a gente às vezes não saiba muito umas sobre as outras, a gente se conecta de uma maneira que o movimento de Emaús faz com que a gente se conecte”*, explica “D”.

Uma característica marcante do grupo é a partilha e a solidariedade umas com as outras e também com as pessoas de fora do grupo, promovendo arrecadação de alimentos e roupas, por exemplo. “N” relatou uma situação difícil passada por uma pessoa de sua família e como foi importante para ela o apoio e generosidade do grupo. Para ela, o grupo se tornou uma família em que cada uma do seu jeito é aceita, valorizada e amada.

O que mantém os grupos unidos é a amizade, e o que os congrega é a fé em Jesus Cristo. A fé em Jesus faz com que tenham fé e confiança uns nos outros, de tal maneira que o amigo



pela fé é o próprio Jesus para eles. Dessa forma, entender quem é Jesus para os participantes dos grupos é o coração do nosso estudo.

#### 2.4.2.3 Unidade Cristológica - Categoria Jesus Cristo

Nesta unidade, nosso foco é responder a estas perguntas: Quem é Jesus na percepção do jovem? Quais são suas características que eles acham mais importantes? Vamos colocar em uma tabela comparativa apenas as principais expressões presentes nas falas dos participantes:

Questão	Grupo Feminino	Grupo Masculino
Quem é Jesus?	amor, guia, líder, pessoa, caminho, “maneira de conexão”, “pai protetor”, pai humano e divino, força, mestre, lar; ele é nosso protetor e nos conduz; “o melhor dos homens”, “o mais sábio de todos, “o cara lá de cima”, “o cara que em qualquer momento está ali para te socorrer”; amigo, brother, melhor amizade, “aquele que tu podes contar, que vai estar sempre do teu lado e te ajudar; aquele que nos leva para o melhor”. agente de Deus para redimir os pecados da humanidade e nos salvar	luz do mundo, o que tem de mais importante na época; o exemplo máximo da perfeição; Deus; parceirão, <i>brother</i> , nosso amigo que está sempre do nosso lado, que não tem tempo ruim; exemplo maior de amor que dá a vida pelos amigos;
Características:	alguém que eu posso contar, confiar e me abrir, que me dá segurança, misericordioso, sábio, confiável, protetor. “Jesus tem essa capacidade	é presente, onisciente, ele está sempre comigo; sorridente, alegre, feliz.

	de se adaptar às pessoas, não tem como não gostar dele, até mesmo se tu não creres, tu admira aquela personalidade que ele foi”.	não é apenas sério, também é divertido, um parceirão.
Relação:	conta com ele, fala com ele, briga com ele, relação pessoal e íntima; companheirismo; está sempre conosco; além da amizade, esse respeito por tudo o que ele representa; relação de amor e ódio; Eu converso com Deus como eu converso com o meu pai, com minha mãe, com meus amigos.	intimidade com Deus tem picos de proximidade; a pertença a grupos eclesiais anima a busca por uma relação mais íntima com Deus; como de um discípulo com o seu Mestre; Amizade;
Como reconhecê-lo?	Em cada uma de vocês; No rosto do próximo; Nas pequenas coisas; Nos atos de solidariedade; Através do amor e das boas ações; Nas palavras de conforto Pelo exemplo, testemunho Na natureza	Nos gestos de solidariedade; Nas ocasiões do dia-a-dia; Reconhecer Ele em nós; Num gesto que cativa ou se falam de fé e esperança; Como uma pesquisa na internet, precisa saber filtrar para encontrar o que procura; Quando Ele parte o pão e se revela realmente para nós, [...] na catequese e [...] na beleza da santa missa, na Eucaristia; O coração tem que arder; Sentimento de calor da presença dele na nossa vida; na amizade com os “guris”;

Quem é Jesus para os jovens do movimento do Emaús? A maioria dos participantes descreveram Jesus como um amigo com quem conversam, alguém com quem podem contar, que está sempre do nosso lado para ajudar, apoiar, proteger, aconselhar, guiar e conduzir. Todas

as características citadas pelos integrantes dos grupos são as mesmas que encontraríamos em alguém que nos ama muito, num grande amigo.

Muitas participantes do grupo feminino relataram uma relação de amizade e intimidade com Jesus, a ponto de às vezes “brigarem” com Ele como discutem com um amigo. Embora alguns façam referência a natureza divina e ao mistério salvífico de Jesus, a amizade enfatiza mais a natureza humana de Jesus, pois é uma relação geralmente de troca e reciprocidade, características que apareceram com frequência no discurso.

Mas, se a diferença entre nós e Deus é infinita, será que é possível a amizade com Jesus ser uma troca recíproca? Na maioria das amizades, um dos amigos toma a iniciativa de puxar a conversa pela primeira vez, uma das pessoas sempre tem que “primeirar”, usando uma expressão de Francisco.<sup>292</sup> Assim também acontece na amizade com Deus, Ele deu o primeiro passo, nos precedeu no amor, nos escolheu antes de o escolhermos (Jo 15, 16). Seria impossível atribuir reciprocidade à nossa relação com Jesus, se Deus não tomasse a iniciativa da Encarnação e da *kenosis* para se tornar acessível e próximo à pessoa humana. Então, é preciso aprofundar o sentido de estabelecer uma relação de amizade com Jesus. Talvez o termo que melhor se aproxima do que os participantes queiram significar não seja troca ou reciprocidade, mas correspondência. Ao chamado de Jesus a uma relação com Ele, existe uma resposta do ser humano que não é e nunca será na mesma medida da oferta de Deus. Então neste diálogo entre Jesus e o ser humano há uma série de correspondências não ditadas pela igualdade, mas pela medida do amor e da misericórdia.

Sm: “[...] fazer o que Ele manda que é amar e fazer o bem ao próximo, conversar com Ele, pedir e escutar o que Ele tem a dizer. “Estar na presença d’Ele, pois Ele sempre está na minha presença, Ele sempre está pronto para me ouvir, me acolher, para me ajudar e eu [...] também ajudar ao próximo, ver a face [d’Ele] naquele que precisa, [assim] eu também estou ajudando a Jesus”.

Essa doação sem reservas, nas palavras de “Lm”: “esse amor que nos constrange, esse amor insistente de Cristo é que vai modificando o meu coração e querendo retribuir de alguma maneira mesmo que insuficiente”, o amor infinito de Deus derramado em nós vai nos capacitando a dar uma resposta de amor a Jesus e aos irmãos e irmãs que são a presença de Jesus na minha vida.

Uma denominação não convencional que apareceu nas falas de integrantes do grupo Maranathas é chamar Jesus de pai. Esta imagem está ligada com a figura do bom pastor que

---

<sup>292</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 24.

cuida, protege, guia, se compadece e cuida de suas ovelhas. Embora não muito conhecida, existe uma tradição cristológica antiga que se refere a Jesus como Pai, especialmente nas tradições monacais. Ela aparece explícita na Regra de São Bento, em que o abade representa Cristo em sua figura paterna em relação aos monges. O abade, “[...] no mosteiro ele faz as vezes do Cristo, pois é chamado pelo mesmo cognome que Este, [3] no dizer do Apóstolo: "Recebestes o espírito de adoção de filhos, no qual clamamos: ABBA, Pai".<sup>293</sup> É possível perceber essa figura paterna de Cristo na pessoa do sacerdote e de uma tradição eclesiológica hierárquica que valoriza e exalta os presbíteros acima dos outros membros do Corpo de Cristo. Ainda que não iremos aprofundar essa abordagem na pesquisa, é importante destacar a sua relevância e potencialidade para um futuro estudo.

Uma expressão a ser explorada na reflexão cristológica, que aparece em ambos os grupos, é Jesus como “*Brother*”. É interessante perceber que em nenhum momento elas ou eles chamam Jesus de irmão, o que é muito mais fácil de encontrar na liturgia da missa, do batismo, da catequese, na linguagem pastoral. Embora não tenha aparecido com tanta frequência nas falas, “*Brother*” não está sendo utilizado em seu sentido literal da língua inglesa de irmão, mas tem um sentido figurado de melhor amigo e companheiro, mais que amigo, mais que irmão de sangue. Então, seria uma renovação linguística, de acordo com as características das relações interpessoais contemporâneas, trocar a figura de linguagem de Jesus como irmão para a figura de linguagem de Jesus como melhor amigo. E na linguagem juvenil, utilizar a expressão “*Brother*”. É importante deixar claro que todas essas terminologias são uma tentativa de descrever essa relação que vai além de qualquer imagem humana. Portanto, são sempre aproximações da realidade e não conseguem traduzir em palavras toda a realidade de uma relação profunda com Jesus.

Tanto a expressão “*Brother*” quanto a imagem<sup>294</sup> mais comentada e preferida na dinâmica realizada nos dois grupos apontam a necessidade pastoral da desconstrução do perfil tradicional de Jesus e torná-lo mais real. Jesus de Nazaré com no máximo 33 anos, um jovem adulto não poderia ter sido alguém apenas sério, responsável e silencioso. Ele deve ter sido também sorridente, divertido, brincalhão, cativante, carismático para ter conquistado multidões de seguidores. Como descrito pela participante D: “Jesus amigo, aquele Jesus que vai brincar contigo, vai entender também o que tu está fazendo. Falar contigo com palavras que a gente usa”. Por isso, a humanidade real, normal e jovem de Jesus deve ser resgatada e refletida no Cristo da fé e na linguagem comunicada no discurso pastoral.

<sup>293</sup> SÃO BENTO. *Regra de São Bento*, Cap. 2, § 1.

<sup>294</sup> Imagem 19, Anexo 1.

Todas as formas de reconhecer Jesus no mundo de hoje dizem respeito a ações ou pessoas humanas: Gestos de carinho e solidariedade, palavras de ânimo e conforto, enxergar na face do próximo, reconhecer na pessoa e no testemunho de vida do amigo, em nós mesmos. Nossa fé cristã ensina que pela autocomunicação e encarnação do Verbo, Deus habita em todo o humano. Sendo assim, “Cristo está em nós [...]. Então, tudo o que acontece na nossa vida é um pouco da história de Deus” (informação verbal).<sup>295</sup>

Sendo assim, Deus é amizade e a amizade com Deus é comunhão. De acordo com os comentários dos participantes, a amizade com Jesus é o exemplo de amizade perfeita para toda amizade humana. Jesus Cristo, além de Deus, é o melhor amigo das mulheres e homens. Com todas as características que um verdadeiro amigo deveria ter: nos escuta sem julgamento, nos compreende, nos conhece, está sempre ao nosso lado, tem um amor incondicional por nós que não poupa esforços para nos ajudar, a ponto de dar a sua vida para nos salvar. Quem não iria querer uma amizade assim? Cabe a nós aprofundar a reflexão cristológica a respeito dessa amizade. Através das categorias de análise da prática de Teologia Comunicativa, chegamos ao tema gerador para o desenvolvimento de uma cristologia contemporânea enraizada na realidade do ser humano atual: a amizade com Jesus em tempos digitais e de pandemia.

### **2.4.3 Análise conclusiva: avaliação dos resultados para traçar os próximos passos**

É importante uma autoavaliação e uma avaliação dos grupos sobre a prática que corresponde na terminologia da Teologia Comunicativa a dimensão “Isto”. Ambos os grupos acharam a experiência extremamente positiva e providencial para o momento que estavam vivendo de mudança para o ambiente digital e em que não sabiam que ficariam tanto tempo sem se encontrarem fisicamente. “[...] foi um presente para nós nessa época agora, nos ajudou a desenvolver essa parte da leitura orante, que é uma coisa que a gente gostaria de fazer, mas não estava fazendo”, considerou “B”.

Eles acharam as reflexões e temáticas bem pertinentes, atuais e profundas. “[...] pensar a questão digital em meio a essa realidade que estamos vivendo, eu acho que foi muito importante”, disse “Mm”. Descreveram a experiência como um retiro, diferente, boa e significativa para cada um deles pessoalmente e para o grupo como um todo. No grupo

---

<sup>295</sup> Participante N, Grupo Maranathas.

masculino, a mediação feita por alguém externa ao grupo foi considerada efetiva, fazendo-os refletir com mais calma. Enquanto no grupo masculino minha presença foi vista como um fator externo bem demarcado, por motivos óbvios – uma mulher pesquisadora inserida num grupo de homens, no grupo feminino eu fui acolhida como parte do grupo. Embora soubessem o motivo pelo qual estava ali, a sensação que elas tinham é como se eu já estivesse no grupo há muito tempo. Essa familiaridade ajudou na abertura e sinceridade das interlocuções.

A forma como fazemos uma pesquisa não é apenas um método para se alcançar resultados, mas é parte deles. O processo comunicativo e os efeitos de crescimento da reflexão dos grupos ao longo do caminho, por si só, são resultados que valem o esforço e concretizam pesquisa ação ou participante. Além disso, a prática cumpriu o objetivo de encontrar o tema gerador de uma Cristologia contextualizada nos tempos digitais e de pandemia: a amizade com Jesus Cristo.

Podemos perceber com essa prática de teologia comunicativa que temos muitos teólogos e teólogas no meio do povo de Deus, em nossas paróquia e grupos, cristãs e cristãos capazes de viver a sua fé e refletir sobre aquilo que vivem. O objetivo dessa análise e narração dos encontros é dar espaço e voz a essas pessoas que formam o *sensus fidelium* e que, pela partilha dos seus saberes – o *sensus fidei* de cada um – podem contribuir para melhorar a compreensão, comunicação e vivência da fé na era digital, construindo um atualizado *consensus fidelium*.

Cada época tem um modelo comunicativo, eclesiológico e cristológico predominante. Analisando alguns dos sinais dos tempos – juventude, cultura digital e pandemia – formulamos a hipótese que os tempos de hipercomunicação digital e distanciamento físico requerem reencontrar o Deus Hipercomunicativo e Relacional. Dessa forma, a práxis da Teologia Comunicativa nos grupos revelou que o Deus Hipercomunicativo é o Deus Amigo e que essa hipercomunicação entre a humanidade e Deus acontece através de uma relação autêntica de amizade. Portanto, a amizade é identificada como tema gerador de uma Cristologia para a sociedade digital em situação de pandemia.

Então, o modelo cristológico a ser desenvolvido, solidário com os tempos digitais e próximo aos jovens, é o da relação e comunicação pessoal de Jesus como amigo. Isso quer dizer que a melhor forma apresentar Jesus Cristo para os jovens de hoje é através da relação de amizade. O Cristo da fé do jovem não é um Jesus puramente espiritual, desencarnado, mas é o Verbo encarnado na vida inteira do jovem. É o Cristo Comunicativo que fala e escuta o jovem e por isso é o Cristo Amigo que não chama apenas de servo, mas os chama de amigos e dá a conhecer tudo o que escutou do Pai, e demonstra o seu sublime amor dando a vida por cada jovem. Portanto, o Cristo da fé do jovem é também o Jesus humano e histórico, que foi jovem

como os jovens, que também sofreu os dramas da juventude de sua época, que mostrou a força que o jovem tem. Assim, uma Cristologia Comunicativa da Amizade, ressalta alguns aspectos do Jesus histórico e do Cristo da fé mais relevantes para a fé e vivência cristã do jovem hoje.

Ressalto novamente que a intenção dessa prática não foi realizar uma amostra representativa do pensamento dos jovens sobre Jesus Cristo na era digital, mas através da experiência particular de dois grupos do movimento de Emaús, encontrar elementos de uma construção de pensamento que pode ser uma tendência de visão e comportamento compartilhada por outros jovens. Assim, os resultados encontrados na interação dão base para desenvolver posteriormente uma amostra representativa, auxiliando com informações que podem compor um questionário de pesquisa quantitativa para comprovação se a maior parte dos jovens entendem e se relacionam com Jesus Cristo da mesma maneira, no caso, através de uma relação recíproca de amizade.

Portanto, a pesquisa não teve como objetivo mensurar quantitativamente as características de relação dos jovens com Jesus, como uma amostragem regional ou nacional. A intenção foi identificar categorias importantes para a vivência da fé, evangelização e reflexão teológica. Sendo assim, o fato destes jovens perceberem Jesus como amigo não significa que todos os jovens gaúchos ou todos que fazem parte do movimento Emaús considerem essa a característica mais importante de sua relação com Cristo, ou que compreendam e vivam essa amizade da mesma maneira. O que emergiu da vivência desses pequenos grupos foi um ponto relacional chave na fé deles em Jesus Cristo que pode ser uma tendência de compreensão relevante aos demais jovens cristãos.

Através das pesquisas bibliográficas sobre teorias e teologias, das adaptações dos métodos, da narração e análise da prática, da realização dos encontros dos grupos pela internet e tematizar a fé e relação dos participantes com Jesus na era digital, podemos afirmar que estamos desenvolvendo uma Teologia Comunicativa Digital. Seguimos para a última etapa, em que fazemos uma reflexão sistemática levando em conta os resultados da pesquisa de campo a fim de iniciarmos a construção de uma Cristologia Comunicativa da Amizade.

### 3 AMIGAS E AMIGOS NO AMIGO: TECENDO UMA CRISTOLOGIA COMUNICATIVA DA AMIZADE

Quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro (Eclo 6, 14). A amizade é considerada uma das maiores e mais essenciais riquezas da experiência humana. Nesta seção vamos refletir sobre a amizade do ponto de vista da tradição cristã, como relação humana e divina. Por ser relação, a amizade é um processo contínuo de crescimento e aprofundamento do conhecimento de si mesmo e do outro. Para melhor compreensão, partimos de sua origem etimológica.

#### 3.1 DE QUE AMIZADE ESTAMOS FALANDO? AMIZADE NO OLHAR DAS CIÊNCIAS

A palavra amizade vem da palavra grega *philia*. Ela deriva do verbo *philô* que significa “eu amo”. Este termo era utilizado para expressar a relação de afeto entre pessoas de um determinado grupo ou círculo social. Encontrada na literatura grega desde os tempos de Homero, a expressão *philos* é empregada com sentido de posse, “meu estimado”. Se diferencia da denominação *xénos*, também utilizada no universo vocabular homérico, que se refere à hospitalidade ao estrangeiro, ao afeto “àquele que não é um dos nossos”. Outra variação, *phileîn*, designa a amabilidade caracterizada pela boa-vontade e alegria. Com o pensamento de Aristóteles, o significado de *philia* se enriquece e complexifica, exigindo o bem querer recíproco e caráter moral; tornando-se uma relação afetiva entre pessoas que praticam igualmente as virtudes, formando um grupo em comum. Além do sentido de amizade, *phileîn* também tem como significado o verbo “beijar”, ação que era típica de amigos ou de pessoas com mútua estima.<sup>296</sup>

A amizade é tão importante para a filosofia que a carrega no próprio nome. *Philosophia*, formada por *philos* – amor/amizade - e *sophia* – sabedoria – quer dizer amor ou amizade pela sabedoria. Tanto em latim – *amicitiae* e *amoris* – quanto em português, amizade e amor são termos correlacionados, pois compartilham do mesmo radical am- e possuem significados próximos, e em alguns usos até coincidem. Assim também em outros idiomas existem outras

---

<sup>296</sup> BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, p.337.



correlações linguísticas, por exemplo, entre comunhão e amizade no inglês, *fellowship* e *friendship*, e entre amigo e paz no alemão, *Freund* e *Fried*.

Existem diversas concepções sobre amizade que vão do senso comum até teorias filosóficas e psicológicas. O Dicionário de Mística desenvolve uma noção de amizade distinta do amor.<sup>297</sup> O verbete da amizade elenca alguns de seus elementos essenciais, muitos deles mencionados também pelos participantes da pesquisa qualitativa descrita na seção anterior. São eles: o *prazer* da companhia um do outro; a *aceitação* do amigo do jeito que ele é; *confiança* e *respeito* mútuo; *assistência* e *compreensão* recíprocas; *espontaneidade* de poder ser você mesmo na frente do outro.

Nas ciências sociais, a amizade é vista como uma relação que busca suprir as necessidades de afeto, pertença, segurança, aprovação social e certeza. Por isso, as pessoas em sociedade procuram formar grupos de pertencimento, como, por exemplo, os grupos que participaram da prática de Teologia Comunicativa. Ainda que possa ocorrer de forma intuitiva, os amigos são escolhidos geralmente segundo certos critérios: convívio e interação mais frequentes, compartilhamento de grupo social, objetivos, estilo de vida e valores, pessoas com afinidade e estima mútua.<sup>298</sup> Sendo a amizade uma relação afetiva, é importante entender o que significa afeto. Na visão de Eva Illouz<sup>299</sup>, o afeto não é somente uma entidade psicológica, ele é também um construto cultural e social.

O afeto não é uma ação em si, mas é a energia interna que nos impele a agir, que confere um “clima” ou uma “coloração” particulares a um ato. Por isso, o afeto pode ser definido como o lado da ação que é “carregado de energia” no qual se entende que essa energia implica simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e o corpo. Longe de serem pré-sociais ou pré-culturais, os afetos são significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos, e é essa compressão que lhes confere sua capacidade de energizar a ação.<sup>300</sup>

Nesse sentido, a maneira como lidamos ou compreendemos um fato está diretamente ligada à relação afetiva culturalmente situada e estabelecida entre os atores da ação. Por exemplo, numa relação de amizade, a traição de um amigo pode ser muito mais dolorosa do que a de um colega de trabalho. Mas também um pequeno erro de um amigo no trabalho pode ser mais facilmente perdoado do que o de um colega com quem já existe um clima de

<sup>297</sup> FROGGIO, G. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 52.

<sup>298</sup> FROGGIO, G. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 52.

<sup>299</sup> Eva Illouz é uma socióloga marroquina que leciona sociologia na *Hebrew University* em Jerusalém e na *School for Advanced Studies in the Social Sciences* em Paris. Seus estudos abordam principalmente a relação entre capitalismo, cultura e padrões emocionais. Cf. <sup>299</sup> ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*.

<sup>300</sup> ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*, p. 9.

competição ou animosidade anterior ao fato. Portanto, as pessoas geralmente tomam decisões baseadas inconscientemente em seus afetos.

Na visão filosófica, a amizade é uma relação recíproca de afeto desinteressado que tem como premissa uma semelhança ou igualdade entre as pessoas e como fruto um compartilhamento de vida. Por sua correlação com o amor, poucas obras filosóficas se detiveram na reflexão da amizade e se fixaram mais em descrever o amor. As mais conhecidas são livros 8 e 9 da “Ética a Nicômaco”, “*Laelius aut de Amicitia*” de Cícero, “*De l’Amitié*” de Montaigne, especificamente o *Essais* I, cap. 28, e mais recentemente “*Sobre la Amistad*” escrito por Pedro Laín Entralgo.<sup>301</sup>

No pensamento aristotélico, a amizade é vista como uma virtude elementar para a vida que auxilia no desenvolvimento da dimensão política do ser humano. Aristóteles também considera a amizade como a forma mais autêntica de justiça, pois quando as pessoas são amigas umas das outras vivem em harmonia cuidando de fazer o bem reciprocamente e não há necessidade de ninguém que lhes faça justiça.<sup>302</sup> Nessa perspectiva, “a amizade como virtude significa comunhão de vida entre amantes capaz de fazer gozar benefícios mútuos e de harmonizar com valores da estrutura familiar e política existentes”.<sup>303</sup> Baseado no pensamento de Aristóteles sobre a amizade, Cícero a considera como uma auxiliar da virtude, pois precisamos de amigos no caminho de aperfeiçoamento das virtudes. Ele acredita que são as virtudes que formam as amizades e as preservam. Já para Epicuro, a amizade é o maior dos bens e dos prazeres puros que a sabedoria da vida tem para nos oferecer. Esta compreensão da amizade como virtude atravessou séculos, culturas e prevaleceu. Para São Tomás de Aquino, a amizade é característica do estado virtuoso, isto é, o amigo é aquele que pratica as virtudes. Então, amizade seria decorrência das virtudes.<sup>304</sup>

Segundo a psicologia, a amizade é um fenômeno presente em toda a trajetória do ser humano que muda conforme as etapas da vida, desde o período pré-escolar até o final da fase adulta, e difere entre mulheres e homens.<sup>305</sup> Pierre Babin, fez um trabalho catequético para jovens sobre a amizade em suas várias dimensões.<sup>306</sup> Ele faz uma abordagem do ponto de vista juvenil bem abrangente que contempla as áreas da psicologia, pedagogia, teologia, cristologia e catequética sobre a amizade. Em uma linguagem simples, Babin define a amizade “como o

<sup>301</sup> CABRAL, R. Amizade. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p.219.

<sup>302</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, livro VIII, I.

<sup>303</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 15.

<sup>304</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 15.

<sup>305</sup> FROGGIO, G. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 52-53.

<sup>306</sup> BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 1 e 2.

amor de alguém que co-participa, que troca, e que recebe de volta: não é o gesto da mão estendida de baixo para cima, mas de igual para igual, o gesto do aperto de mão”.<sup>307</sup> Dessa afirmação podemos aprender três características da amizade: igualdade, reciprocidade e atividade ou interesse em comum.

Babin divide o amor humano em três dimensões de acordo com os três estágios da vida humana: o amor-filial característico da infância, o amor-amizade predominante na juventude e o amor materno-paterno próprio da fase adulta.<sup>308</sup> O amor filial é aquele que recebe, reconhece, confia e depende dos pais, a criança necessita e deixa-se ser amada. O amor-amizade é caracterizado por uma relação de troca, partilha dos dons e complementação mútua. O amor materno-paterno é um amor desinteressado e gerador de vida, tem como aspecto forte o dar-se, doar-se, sacrificar-se, sem esperar receber.

A amizade, como toda relação humana, precisa ser cultivada constantemente, purificada e aprofundada para ser verdadeiro caminho de humanização, redenção e santidade para mulheres e homens. O caminho da amizade leva o ser humano ao amor puro, desinteressado, gratuito, o autêntico amor ao próximo. Na medida que experimentamos a amizade verdadeira, vamos nos tornando capazes de sermos amigos não só daqueles que nos querem bem, mas fazer-nos amigos de todos indistintamente como Cristo se fez e nos ensinou: “[...] amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44).

O amigo ideal possui um amor pelo outro que supera os próprios interesses, está disposto a se doar e a aceitar o outro com suas qualidades e defeitos. O amigo em perfeita amizade tem paz, dá paz e encontra a paz na relação com o outro, pois sente a alegria da correspondência do amor recíproco.<sup>309</sup> Acolhidos na intimidade um do outro, os amigos se tornam um só pensamento, um só objetivo, “um só coração e uma só alma” (At 4,32).

As relações de amizade fazem parte do processo de amadurecimento humano, são espaços: de descoberta de si e do outro; de liberdade e segurança para ser e agir espontaneamente sem pressão social ou preconceções; de criatividade e reinvenção um do outro, de confiança e afeição, de diálogo e responsabilidade com a própria vida e a dos demais, de partilha e vivência do amor.<sup>310</sup>

A amizade é comunicação composta por palavras ditas e silenciadas, ações de expressão e escondimento, revelação e mistério. Refletindo sobre a comunicação, Bento XVI escreveu

<sup>307</sup> BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 2, p. 59.

<sup>308</sup> Cf. BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 1, p. 11-12; v. 2, p. 60.

<sup>309</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 12.

<sup>310</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 13.

que sem o silêncio, não há palavras densas de conteúdo e sentido. Portanto, silêncio e palavra são “dois momentos da comunicação que se devem equilibrar, alternar e integrar entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas”.<sup>311</sup> Essa composição de silêncio e palavra vai sintonizando os amigos e dando ritmo a caminhada de aprofundamento do conhecimento e ligação de um ao outro.

A copresença amistosa no silêncio propicia a experiência de sentir-se harmonizados nos mesmos afetos, de saber que não há necessidade de palavras para comunicar-se, que não existe o imperativo de proclamar-se amados para sentir o amor do outro, que o estar juntos proporciona a alegria de experimentar-se irmanados nas profundezas. A comunhão de amizade é linguagem que se expande pela interioridade mais profunda e que logo depois aflora espontaneamente por palavras e gestos exteriores.<sup>312</sup>

Esse nível de amor-amizade precisa de uma vida inteira para amadurecer, por isso, as amizades verdadeiras são duradouras. A maioria de nossas relações são imperfeitas, entre erros e acertos, vamos aprendendo uns com os outros a sermos amigos, fazermos amigos e mantermos os amigos. A amizade é um processo de crescimento afetivo em que o “eu” se abre e expande para formar o nós. Numa amizade, a pessoa deve ser ela mesma para contribuir aos amigos com aquilo que é. Um fator que pode favorecer ou prejudicar uma amizade é a história pessoal e as relações antecedentes de cada um dos envolvidos. As experiências afetivas mal conduzidas ou a falta de relações afetivas na infância, pode causar um fechamento ou sistema de defesa a relações mais profundas, por exemplo. Temos a tendência de repetir os mesmos comportamentos psicoafetivos das relações passadas nos novos relacionamentos interpessoais, pois é como sabemos nos relacionar. É preciso formação e força de vontade para superar os traumas e máus hábitos relacionais do passado para construir novas formas de conviver e criar laços. Assim, uma amizade para ser autêntica tem que ser livre, e para ser livre os amigos devem se autoconhecer, bem como conhecer o amigo em sua totalidade. Além disso, os verdadeiros amigos precisam estar dispostos a acolher, amar e elevar os amigos.<sup>313</sup>

Unindo as diferentes abordagens, podemos conceber a amizade como um processo comunicativo afetivo que auxilia no amadurecimento e humanização da pessoa através da graça e vivência das virtudes, tornando-se ela mesma virtude, bem e dom. A amizade que buscamos refletir e praticar é a amizade cristã que tem sua origem no amor revelado por Deus a nós e que consiste em sua própria essência.

---

<sup>311</sup> BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>312</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 13.

<sup>313</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 13-14.

### 3.2 DEUS É AMOR: AS DIFERENTES DEFINIÇÕES DE AMOR E A CARIDADE CRISTÃ

O amor é uma realidade fundamental dos seres humanos e de Deus, mas de difícil definição, por isso, se serve de diversos termos para expressar uma aproximação de seu significado. Ao próprio Deus se denominou amor (1Jo 1, 18). Todas as áreas do conhecimento humano já tentaram estudá-lo e desvelá-lo, mas lhes escapa a visão do todo. Manuel Antunes, na Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, arrisca uma definição filosófica de amor: “Amor é uma força tendente a aproximar e a unir, numa relação particular, dois ou mais seres”.<sup>314</sup>

Desde o início da filosofia, pensadores se detiveram na questão do amor, refletindo não apenas em relação ao ser humano, mas também em seu efeito em todo o cosmos.<sup>315</sup> Na cultura ocidental, a concepção de amor tem sua origem nas vertentes do pensamento grego e judaico-cristão. As expressões mais utilizadas em grego para designar o amor são *storge*, *xênia*, *philia*, *eros*, e *ágape*, especialmente as duas últimas. Nos primórdios da filosofia, em Hesíodo e depois em Empédocles, aparece o termo *eros* para designar uma força cósmica que domina os elementos do mundo – ar, água, terra e fogo.<sup>316</sup> Filósofos clássicos, como Platão, Aristóteles, os estoicos e os neoplatônicos, utilizaram mais o termo *eros* para denominar uma força antropológica de ação contrária ao ódio, o amor com o sentido de desejo, paixão, amor romântico.

Em vários dos seus diálogos, [...] Eros surge como grande *daimón*, uma poderosa e admirável força de mediação que, partindo do mais particular e sensível, conduz ao mais universal e inteligível, através de elevações e superações sucessivas num prodigioso movimento de ascensão e divinização.<sup>317</sup>

Nesta história que personifica o Eros, ele inicia na pobreza, mas Eros vai encontrando maneiras de transcender cada vez mais até chegar ao mundo das ideias, abandonando as aparências e ilusões do mundo para alcançar as realidades autênticas, o belo, o verdadeiro e o bem. Em Platão, *eros* significa tanto desejo sensual quanto “impulso espiritual para o Ser, exprimindo no ser humano a vontade de reduzir os limites da sua condição para alcançar uma

<sup>314</sup> ANTUNES, M. Amor. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 221.

<sup>315</sup> MARCONDES, Daniel. Amor e Amizade. *X Fórum Nacional*, p. 2.

<sup>316</sup> ANTUNES, M. Amor. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 221.

<sup>317</sup> ANTUNES, M. Amor. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 222.

visão totalizante (sinóptica) da realidade”.<sup>318</sup> Algumas linhas de pensamento moderno reduzem o *eros* ao prazer e ao impulso sexual, mas ele é muito mais que isso, é impulso de vida que nos capacita a nos unir aos outros seres humanos e a Deus. “O sentimento erótico qualifica o amor conjugal como gênero concreto de relação interpessoal e, segundo a doutrina católica, tem seu espelho no amor relacional que existe no seio de Deus Uno e Trino”.<sup>319</sup>

O sentido judeu-cristão do amor não se origina das experiências terrenas e humanas, mas tem sua fonte em Deus mesmo.

Ele próprio relação amorosa, em si, por si e para si, e que sendo livre, também por amor, cria projetando para fora de si uma realidade – o Mundo – que tem no homem, “feito a sua imagem e semelhança”, o seu objeto e o seu fim mais alto e mais dignos. Fundado no amor divino, o amor humano será pluridirecional e pluridimensional, será ativo e será histórico, será concreto e terá na imitação do próprio Deus, designadamente através de Cristo – *imitatio Christi* – o seu grande motor.<sup>320</sup>

As Sagradas Escrituras narram a história de amor entre Deus e a humanidade, em que Deus toma a iniciativa de dialogar com sua criação e suas criaturas. “Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um ‘mandamento’, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”.<sup>321</sup> Por razão deste amor, Deus deseja que a mulher e o homem não sejam mais apenas criaturas, mas filhas e filhos no seu Filho Jesus Cristo. O significado do amor na Bíblia abrange mais do que a conotação de emoção, sentimento e sensualidade, embora o tipo de amor *eros* apareça em diversas passagens, especialmente do Antigo Testamento, como enamoramento, amor romântico e conjugal humano e mesmo se referindo a relação sponsal entre a alma e Deus. Um exemplo do amor entre homem e mulher é a história de Jacó e Raquel (Gn 29). Este amor apaixonado também é sentido por Deus e testemunhado na tradição judaica como uma força vital capaz de vencer a própria morte (Cant 8, 6). Na Bíblia, o amor egoísta, promíscuo e lascivo, muitas vezes identificado com o sentido pejorativo do termo erotismo é condenado como deformação do amor verdadeiro, como um amor nocivo engana o ser humano e o leva à traição e ao pecado.<sup>322</sup> Entretanto, este não é o sentido último do amor *eros* que também aparece nas Sagradas Escrituras e é contemplado na tradição cristã do amor, como já mencionamos. Na prática do

<sup>318</sup> LEITÃO, A. Eros. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, v. 2, p. 148.

<sup>319</sup> LEITÃO, A. Eros. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, v. 2, p. 151.

<sup>320</sup> ANTUNES, M. Amor. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 222.

<sup>321</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 1.

<sup>322</sup> SCHLESINGER, Hugo. Amor. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, p.161.

grupos não há menção do *eros* em relação à amizade, mas seria um ponto interessante a explorar em uma próxima pesquisa.

O amor humano, reflexo do amor divino na visão judaico-cristã é dedicado a Deus, aos seres humanos e a toda a criação. Seguindo os passos do Mestre, as ações amorosas cristãs são movidas pela disposição do coração humano pelo bem-querer e bem-fazer a todo ser vivente, até aos inimigos. Esse espírito de amor compassivo, misericordioso, fiel e verdadeiro, de aliança do ser humano com Deus perpassa toda a tradição bíblica, Antigo e Novo Testamento. As páginas da Palavra de Deus contêm o cerne e o sentido mais profundo da compreensão do amor.

Dessa forma, o Cristianismo trouxe uma nova concepção de amor passando a utilizar mais a palavra *agape* para descrevê-lo. Além do sentido de amor, o termo *agape* significa uma refeição tomada em comum, em espírito de comunhão. Com o tempo e sua utilização na linguagem cristã, a expressão passou a significar amor-generosidade, amor-comunhão.<sup>323</sup> *Agape* é o termo utilizado para descrever Deus. Deus é amor ágape, desinteressado, incondicional. É também o tipo de amor com o qual Deus ama a humanidade e a convida a viver este amor.

Em sua dimensão antropológica, o amor é caracterizado pelo diálogo, alteridade, respeito e reciprocidade.<sup>324</sup> O amor não é meramente um sentimento abstrato, “[...] enquanto começa como intenção, ele nunca é completo sem a ação, sem se mover da intenção para a realidade”.<sup>325</sup>

Já a expressão *storge* significa afeição, geralmente utilizado para descrever a afeição aos membros da família, natural disposição afetiva para com os familiares e parentes. *Xenia* denomina a hospitalidade, o carinho e respeito ao estrangeiro, ao desconhecido. Essa disposição que dá base a sociabilidade e convivência humana. Os termos *storge* e *xenia* são considerados por algumas vertentes filosóficas como dimensões da *philia*.<sup>326</sup> Na Bíblia, *phileu* se aproxima do significado de *agapau*, ambos podem designar a ação de amar, embora *agapau* seja mais frequente do que *phileu*.

### 3.2.1 Amor na Bíblia

<sup>323</sup> GONÇALVES, J. Cerqueira. Ágape. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 82-83.

<sup>324</sup> ANTUNES, M. Amor. In: CABRAL, Roque et al. *Logos*, p. 226.

<sup>325</sup> SCHLESINGER, Hugo. Amor. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, p.162.

<sup>326</sup> MARCONDES, Daniel. Amor e Amizade. *X Fórum Nacional*, p. 6.

No Antigo Testamento, o termo hebraico que aparece como aproximado a palavra amor é *'ahab*. Assim como na língua portuguesa e em outras línguas o amor possui um vasto leque de significados, a expressão *'ahab* pode ter o sentido de apego a pessoas ou a coisas, paixão, tentação, desejo (Eclo 9, 9), obsessão a algo ou alguém, amor entre homem e mulher em nível sexual e conjugal (Ecl 9, 9; Ct 8,6), além de sentimentos de afeição (Ez 24, 16) e doação de si mesmo ao outro. Poucas vezes o termo é utilizado para referir-se ao afeto entre os membros do círculo familiar (Rt 4, 15), amor paterno (Gn 22,2) e materno (Gn 25,28). Entretanto, em todas as aplicações deste vocábulo se expressa uma relação amorosa de predileção do ser amado. Esta mesma palavra pode designar estima popular, como Davi era estimado por todo povo de Israel (1Sm 18,16), o apreço de um escravo pelo seu senhor (Ex 21, 5) ou pelo estrangeiro (Lv 19, 34). O vocábulo *'ahab* indica ainda a relação de amizade. Interessante que no AT os amigos são chamados de amantes (1 Sm 18, 1; Sl 38, 12; Jo 19,19) e tem relatos de intensas amizades cujo amor de um amigo é maior do que o conjugal (2 Sm 1, 26). O mandamento de amar o próximo utiliza também esta expressão (Lv 19, 18).<sup>327</sup>

Através da metáfora da união matrimonial do Senhor com Israel, o livro de Oséias mostra o primeiro momento em que o amor recíproco entre Deus e o ser humano é expresso (Os 11, 1-4). É importante ressaltar que é Deus quem toma a iniciativa voluntária de amar, enquanto Israel corresponde livremente a este amor. No Deuteronômio, a palavra amor vem sempre acompanhada de escolha ou eleição, no sentido de que Deus elege os seus preferidos para derramar de forma especial o seu amor. O Deuteronômio é o livro do AT que mais emprega essa palavra e, diferente dos demais livros, de uma forma menos apaixonada, significando mais uma benção divina. Nos Salmos, o amor do Senhor refere-se às virtudes e àqueles que as praticam (Sl 11, 7; 146, 8). Deuteronômio também expressa o amor correspondente da criatura a Deus e o demonstra como verdadeiro sentimento, o ser humano deve amar a Deus com todo o seu coração, alma e força (Dt 6, 5).<sup>328</sup> Aqui aparece ainda a necessidade de retribuição a eleição amorosa de Deus por nós através da observância de seus mandamentos.

No Cântico dos Cânticos, além do termo *'ahab*, aparece o termo *dodim* para descrever as relações amorosas.

Primeiro, aparece a palavra 'dodim', um plural que exprime o amor ainda inseguro, numa situação de procura indeterminada. Depois, esta palavra é substituída por 'ahabà', que, na versão grega do Antigo Testamento, é traduzida pelo termo de som

<sup>327</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 34.

<sup>328</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 35.



semelhante ‘agape’, que se tornou, como vimos, o termo característico para a concepção bíblica do amor. Em contraposição ao amor indeterminado e ainda em fase de procura, este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando assim o carácter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o.<sup>329</sup>

O amor narrado no Cântico dos Cânticos vai se direcionando do eu para o tu, do amor temporal ao amor definitivo, exclusivo e eterno.

O amor compreende a totalidade da existência em toda a sua dimensão, inclusive a temporal. Nem poderia ser de outro modo, porque a sua promessa visa o definitivo: o amor visa a eternidade. Sim, o amor é « êxtase »; êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus.<sup>330</sup>

Na vida de Jesus podemos perceber este amor em caminho de crescimento e manifestação cujo ápice de sua *passio* se dá na cruz, símbolo do êxtase do dom e esvaziamento de si mesmo por toda a humanidade, e na Ressurreição, sinal do seu amor mais forte do que a morte (Ct 8, 6).

O Novo Testamento, escrito predominantemente em grego, utiliza de diversos vocábulos – *eros*, *philia* e *agape* para se referir a diferentes sentidos da palavra amor. Como lembra Bento XVI, enquanto no mundo grego *eros* é a palavra predominante para designar amor, na versão grega da Sagrada Escritura *eros* aparece apenas duas vezes no Antigo Testamento e nenhuma no Novo Testamento.

[...] das três palavras gregas relacionadas com o amor — *eros*, *philia* (amor de amizade) e *agape* — os escritos neo-testamentários privilegiam a última, que, na linguagem grega, era quase posta de lado. Quanto ao amor de amizade (*philia*), este é retomado com um significado mais profundo no Evangelho de João para exprimir a relação entre Jesus e os seus discípulos. A marginalização da palavra *eros*, juntamente com a nova visão do amor que se exprime através da palavra *agape*, denota sem dúvida, na novidade do cristianismo, algo de essencial e próprio relativamente à compreensão do amor.<sup>331</sup>

Para muitos a concepção cristã do amor traz uma grande inovação e profundidade de seu sentido e prática, para outros, a visão cristã degenerou o *eros* e transformou-o em algo

<sup>329</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 6.

<sup>330</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 6.

<sup>331</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 3.

errado e vergonhoso. De acordo com Bento XVI, o pensamento cristão sobre o amor “[...] não rejeitou de modo algum o *eros* enquanto tal, mas declarou guerra à sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do *eros*, como aí se verifica, priva-o da sua dignidade, desumaniza-o”.<sup>332</sup> Assim, amor cristão não priva do *eros*, mas o purifica, o amadurece, o enaltece e o integra no ser humano entendido na sua unidade corpo e alma.

Na tradição cristã também podemos encontrar definições que distinguem *eros* e *agape*, respectivamente, como amor possessivo – *concupiscentiæ*, e amor oblato – *benevolentia*, ou ainda como amor ascendente e descendente. Bento XVI explica que *eros* e *agape* não podem ser separados totalmente um do outro. “Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral”.<sup>333</sup> Então, o *eros* deseja alcançar a felicidade através do amado, e na medida que vai se tornando próximo e íntimo da outra pessoa, vai esquecendo-se das preocupações do eu e passa a dar atenção e existir para fazer o outro feliz. Sem essa doação de si ao amado, que encontra sua fonte no *agape*, com o tempo o *eros* perde seu sentido, essência e sabor. Em contraponto, o *agape* não se sustenta sem o *eros*, pois aquele que doa também deve receber, só o amor gera amor. Para dar amor oblato aos demais, a pessoa precisa ter experimentado e transbordado da fonte do amor gratuito e abundante de Deus, em Jesus Cristo. Assim, o amor é uma única realidade constituída por várias dimensões e desdobramentos. Quando essas dimensões são separadas, se deforma e reduz a compreensão e vivência do amor. A fé expressa na Sagrada Escritura nos faz justamente enxergar o ser humano inteiro e sua vontade de viver o amor plenamente a exemplo do amor do Deus Uno e Trino.

Então, os primeiros cristãos escolheram *agape*, expressão pouco popular no grego profano, para tentar descrever sua concepção inédita e exclusiva do amor. A palavra latina mais utilizada para traduzir *agape* na Bíblia foi *caritas*. *Agape* aparece 114 vezes nos textos do Novo Testamento, 90 destas foram traduzidas ao latim como *caritas* e apenas 24 como *dilectio*.<sup>334</sup>

A caridade na tradição judaica era entendida muito mais do que dar esmolas ou doações aos necessitados. O termo hebraico *Tzedaka* significava fazer justiça social, ou seja, aquele que possuía mais bens tinha o dever de ajudar os mais humildes e vulneráveis como os órfãos e as viúvas. Portanto, ajudar o próximo era uma obrigação de justiça no entendimento judeu. De acordo com Maimônides, a caridade pode ser dividida em oito níveis, a saber: Primeiro – ajudar contra a própria vontade; Segundo – auxiliar com alegria, mas não o suficiente para sanar a

<sup>332</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 4.

<sup>333</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, n. 7.

<sup>334</sup> GUAZIRA, Nadia Maria. *Caritas*. In: *Anais do VI Congresso Internacional de História*, p.1.

necessidade; Terceiro – doar de boa vontade aquilo que a pessoa precisa, mas só depois de ela pedir; Quarto – ajudar com alegria, na medida e sem precisar pedir, mas entregar em mãos causando vergonha ao necessitado; Quinto – fazer caridade deixando o necessitado conhecer quem doou, mas o doador não saber quem recebeu; Sexto, conhecer quem são os necessitados de nosso auxílio, sem deixá-los saber quem os ajudou; Sétimo, fazer a caridade sem que benfeitor e recebedor se conheçam; Oitavo e mais alto grau de caridade é agir antecipadamente para impedir a miséria humana, isto é, prestar auxílio a fim de que a pessoa desenvolva habilidades sociais, educativas e profissionais que a sustentem e não a deixem chegar na situação de pobreza.<sup>335</sup> Esta última representa a verdadeira solidariedade, um amor desinteressado, portanto *agape*, caridade que visa o bem comum e que deveria ser objetivo de cada cristão e de toda a sociedade.

Na tradição cristã, a caridade é vista como a maior das três virtudes teológicas (I Cor 13, 13), entendida como a prática de amar a Deus e ao próximo da mesma forma que Jesus amou. Nos Evangelhos sinóticos, Jesus faz referência a Dt 6, 5 e Lv 19, 18 para ensinar que o amor é o maior dos mandamentos e o pleno cumprimento da lei divina. O simples ato de amar não é nenhuma novidade, o diferencial cristão está em amar o “próximo”, qualquer pessoa que encontremos, independente de quem seja, o que fez, o que faz, se gostamos ou não dela. A parábola do bom samaritano explica pedagogicamente e narrativamente o tipo de atitude que um seguidor de Jesus deve ter diante de qualquer pessoa que precise de socorro, a prática da caridade cristã: olhou, escutou, teve compaixão, ajudou e cuidou dele (Lc 10, 25-37).

Quando Jesus pede aos discípulos para renunciarem a pai, mãe, irmão, filhos, a própria vida para amá-lo e segui-lo (Mt 10, 37-39), ele utiliza a expressão *philein* para descrever este tipo de relação amorosa dos discípulos para Jesus. Nas cartas paulinas predomina o uso do termo *agape* para designar os amores humano e divino. O *agape* é tão forte que nada pode nos separar deste amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo (Rm 8, 35-39). São Paulo compara o amor de Jesus para a Igreja com o amor que o marido deve cultivar por sua esposa (Ef 5, 25). Em todos seus escritos, Paulo exorta a correspondência da mulher e do homem ao amor de Cristo e destaca os benefícios que traz esse amor recíproco.<sup>336</sup>

Nos textos paulinos, nota-se que as passagens mais significativas em que *agape* é empregado, aparece o termo sozinho, sem referir quem é o sujeito da ação, se Deus ou a pessoa humana. “*Agape*, assim, transforma-se numa espécie de atmosfera em que Deus e os cristãos vivem juntos; comunicado por Deus, é o *agape* que permite a formação da comunidade cristã

<sup>335</sup> SCHLESINGER, Hugo. Caridade. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, p. 510-511.

<sup>336</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 36.

e a existência do cristão individual”.<sup>337</sup> Neste sentido, o *agape* é o fator fundante e a norma de comportamento moral do cristão. O *agape* é o princípio e o fim, o alfa e o ômega, o que une tudo e todos e que dá sentido para tudo e todos, a única realidade que permanece eternamente (I Cor 13, 8).

No Evangelho de João, *agape* é atribuído ao amor do Pai, Filho e Espírito Santo, tanto na relação intratrinitária quanto no amor paternal de Deus por nós (1 Jo 3,1) e no amor incondicional de Jesus que dá sua vida para nos salvar. O *agape* é a essência de Deus e sem o Espírito de *Agape* derramado em nossos corações não poderíamos conhecer a Deus nem chamá-lo Abba! Pai! (Rm 8, 15). O amor com que os cristãos correspondem a Deus em palavras e ações, amando-se uns aos outros, também é chamado de *agape* por João. “A força peculiar da concepção de João a respeito do amor mútuo repousa em sua apresentação do amor como uma realidade pelo Pai, mediante o Filho, a todos os discípulos, que compartilham tal amor entre si”.<sup>338</sup> Em síntese, Deus, que é amor, enviou o seu Filho Unigênito para nos comunicar a plenitude da vida. Jesus permanece conosco todos os dias através do amor mútuo cultivado pelos cristãos formando uma comunidade de fé que na medida que se ama vai crescendo na comunhão com a Trindade.

Um detalhe importante no Evangelho de João é que em certas partes do texto não há diferenciação do significado de *agapan* e *philein*. *Philein* geralmente aparece em contextos de amizade, como no amor de Jesus referente a Lázaro, Marta e Maria (Jo 11, 3-36). Já quando se refere ao “discípulo amado”, João utiliza o termo *agapan* (Jo13, 23; 19, 26; 21, 7;20). Entretanto, a relação entre Deus Pai e Deus Filho (Jo 5, 20), e também entre os discípulos com Deus Pai (Jo 16, 27), às vezes é expressa por *philein*, às vezes por *agape* e sua variação *agapan*. No final do Evangelho de João (Jo 21, 15-17), aparece o uso dos dois termos na mesma cena, Jesus pergunta três vezes a Pedro: Tu me amas? Nas duas primeiras vezes, é utilizada a expressão *agapan* e na última *philein*. Já a resposta de Pedro: “Tu sabes que eu te amo”. Nas três respostas é empregado o termo *philein*.

Percebemos uma leve distinção entre a compreensão joanina do *agape* e os demais textos e autores neotestamentários. Enquanto João concebe *agape* como uma ampla força recíproca e unificadora, os outros textos seguem a visão paulina que apresenta o *agape* como amor incondicional e único. Com exceção da Epístola de São Judas que é o único texto que

---

<sup>337</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 37.

<sup>338</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 37.

chama a celebração eucarística de *agape*, e assim *agape* passou a fazer parte da terminologia litúrgica dos primeiros cristãos.<sup>339</sup>

A caridade é o princípio ativo da comunhão que une as pessoas humanas e divinas, fonte de vida plena e santidade. A caridade é virtude – sua prática vai aperfeiçoando-a, dom – Deus é caridade e nos concede gratuitamente, e dever – toda pessoa humana é chamada a viver e agir na caridade. Para se vivê-la, é preciso harmonizar e ensinar o ser humano em todas as suas dimensões a pensar, sentir e comportar-se conforme a caridade.<sup>340</sup> Dessa forma, a caridade é a grande revelação divina ao ser humano, é a boa nova evangélica, é o legado cristão para o mundo. Vamos dar continuidade a reflexão, agora em âmbito eclesial.

### 3.2.2 Amor no Magistério da Igreja

O Concílio Vaticano II não elaborou uma definição explícita sobre o amor. No entanto, através de seus textos podemos observar a frequência com que este vocábulo foi utilizado, referindo-se especialmente ao amor de Deus e que Deus é amor. Reflexo desse amor divino manifestado definitivamente em Jesus Cristo, os padres conciliares compreenderam os gestos de doação de si mesmo, acolhendo e valorizando o próximo, como a perfeita manifestação do amor. “[...] o Vaticano II aponta para o amor universal, dando-o como porta de entrada de todos os temas conciliares e como fio condutor de todo o desenrolar da sua doutrina e de seus projetos”.<sup>341</sup> O Concílio expressa essa promoção ao amor universal especialmente na Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs, destacando aquilo que nos une como humanidade e condenando qualquer tipo de discriminação, seja étnica, econômica, política ou religiosa.

Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: «quem não ama, não conhece a Deus» (1 Jo. 4,8). [...] A Igreja reprova, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião.<sup>342</sup>

<sup>339</sup> MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 38.

<sup>340</sup> SCHLESINGER, Hugo. Caridade. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, p. 511.

<sup>341</sup> JOSAPHAT, Carlos. Amor/Caridade. In: PASSOS, João D. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 17.

<sup>342</sup> *Nostra Aetate*, n. 5.

Esse apelo do Concílio à fraternidade universal aparece em outros documentos como *Ad Gentes* que fala que a vocação missionária da Igreja se origina do “amor fontal”<sup>343</sup> de Deus Pai; e a *Dignitatis Humanae*<sup>344</sup> que recorda a liberdade do ser humano como imagem de Deus e filhas e filhos no Filho. Com isso, fica claro que:

[...] o Vaticano II apostou e se empenhou em levar a Igreja a apostar no amor universal. Ele professa a fé na revelação de Deus amor (cf. *DV 2*) e, segundo os efeitos e as exigências desse amor, mostra a Igreja como comunhão no culto divino e na oração pelo mundo (*SC 1*), como “sacramento da reconciliação universal” (*LG 1*), toda empenhada em sua solicitude por todas as questões, aspirações e necessidades da humanidade (cf. *GS 1*).<sup>345</sup>

É o amor-caridade, presente especialmente na *Lumen Gentium*, que move o Povo de Deus a desenvolver as atitudes evangélicas de diálogo, acolhida, estima, respeito, generosidade, solicitude e serviço em relação aos demais. O Concílio destacou ainda a importância da vivência da caridade sobretudo em duas modalidades vocacionais: o sacerdócio e a vida consagrada. Assim, a mística da caridade fraterna impulsiona os membros da Igreja a buscarem o bem comum e a construção de uma civilização do amor.

A caridade ativa é o mandamento do amor posto em prática. Toda ação pastoral da Igreja é a concretização do espírito evangélico de solidariedade e amor fraterno. Ela é fundamental na vida eclesial para que esta não se reduza a ritos e devoções que se tornam mais uma ideia e hábito cultural do que vivência real da fé em Cristo.<sup>346</sup> O Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, afirma que as cristãs e os cristãos devem ser presença da caridade para os demais:

A presença dos cristãos nos agrupamentos humanos seja animada daquela caridade com que Deus nos amou, e com a qual quer que também nós nos amemos uns aos outros. Efetivamente, a caridade cristã a todos se estende sem discriminação de raça, condição social ou religião; não espera qualquer lucro ou agradecimento. Portanto, assim como Deus nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procurá-los. E assim como Cristo percorria todas as cidades e aldeias, curando todas as doenças e todas as enfermidades, proclamando o advento do reino e Deus, do mesmo modo a Igreja, por meio dos seus filhos, estabelece relações com os homens de qualquer condição, de modo especial com os pobres e aflitos, e de bom grado por eles gasta as forças. Participa nas suas alegrias e dores, conhece as suas aspirações e os problemas da sua vida e sofre com eles nas ansiedades da morte, trazendo-lhes a paz e a luz do Evangelho.<sup>347</sup>

<sup>343</sup> *Ad Gentes*, n. 2.

<sup>344</sup> *Dignitatis Humanae*, n. 3.

<sup>345</sup> JOSAPHAT, Carlos. Amor/Caridade. In: PASSOS, João D. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 18.

<sup>346</sup> SCHLESINGER, Hugo. Caridade Ativa. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, p. 511-512.

<sup>347</sup> *Ad Gentes*, n. 12.

Os últimos papas se dedicaram a refletir sobre o sentido cristão do amor. Bento XVI escreveu duas encíclicas a este respeito: *Deus Caritas Est* e *Caritas in Veritate*. A primeira desenvolve o amor numa abordagem mais teológica, como essência de Deus e chamado da pessoa humana a corresponder a este amor divino.<sup>348</sup> A segunda se baseia na doutrina social da Igreja Católica, portanto, elabora um viés da caridade vivida na prática como compromisso político e social promovendo a justiça, a paz e o desenvolvimento humano integral.<sup>349</sup>

O Papa Francisco também produziu dois documentos relacionado ao amor até o momento, a exortação apostólica *Amoris Laetitia* e a encíclica *Fratelli Tutti*. O Papa Francisco tem essa característica literária de escrever reflexões bem direcionadas a temas concretos e atuais. Por exemplo, *Amoris Laetitia* visa orientar os cristãos a respeito do amor na família e reflete sobre os desafios e mudanças contemporâneos que dificultam a relação familiar.<sup>350</sup> A sua última produção, *Fratelli Tutti* aborda o tema do amor fraterno que todos os seres humanos são chamados a viver e a amizade social, realizando uma crítica social em relação a cultura de ódio, intolerância, polarização e desinformação.<sup>351</sup>

Outra temática próxima da caridade é a misericórdia, assunto de grande estima dos papas João Paulo II e Francisco. João Paulo II dedicou a encíclica *Dives in Misericórdia* para ensinar sobre a misericórdia divina e instituiu a festa litúrgica do Domingo da Misericórdia, sempre celebrada no domingo após a Páscoa.<sup>352</sup> Francisco instituiu o Ano Santo da Misericórdia, em 2016, através da bula *Misericordiae Vultus*,<sup>353</sup> e concluiu o Jubileu Extraordinário da Misericórdia com a Carta Apostólica *Misericordia et Misera*.<sup>354</sup> Estes documentos dos últimos três pontífices marcam a preocupação da Igreja na contemporaneidade em reavivar os laços de amor, misericórdia e amizade na comunidade humana e com a fonte do amor que é Deus.

### 3.2.3 Amor na perspectiva teológica comunicativa

---

<sup>348</sup> BENTO XVI. *Deus Caritas Est*.

<sup>349</sup> BENTO XVI. *Caritas in Veritate*.

<sup>350</sup> FRANCISCO. *Amoris Laetitia*.

<sup>351</sup> FRANCISCO. *Fratelli Tutti*.

<sup>352</sup> JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*.

<sup>353</sup> FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*.

<sup>354</sup> FRANCISCO. *Misericordia et Misera*.

Não há como pensar o amor teologicamente sem refletir sobre a Trindade. Do ponto de vista teológico e comunicativo, o amor pode ser entendido como a autocomunicação do bem, ou seja, a habilidade do amante sair de si mesmo, transferir-se e entregar-se ao amado, tornando-se participante da vida do amado. Segundo Jürgen Moltmann, na dinâmica do amor, a pessoa comunica-se a si mesma ao outro, mas mantém sua plena identidade. O amante é tanto o comunicador quanto a mensagem comunicada. O amor distingue e ao mesmo tempo identifica o amante e o amado. Assim, dizer que Deus é amor significa que Deus Uno é ao mesmo tempo Trino, o amante, o amado e o amor.<sup>355</sup> Moltmann inspira seu pensamento na teologia trinitária de Santo Agostinho: “Quando amo algo, encontro três realidades: eu, aquilo que amo e o próprio amor. Pois [...] não há amor onde nada é amado”.<sup>356</sup> Agostinho exemplifica a relação entre esses três elementos através do amor de amizade: “Num amigo, o que ama a alma, a não ser a alma dele? E aí na verdade estão as três realidades: aquele que ama, o que é amado e o amor”.<sup>357</sup> Para Agostinho, há em cada ser humano uma imagem interior da Trindade constituída por três componentes – a mente, o autoconhecimento e o amor – que quando perfeitos são iguais e de mesma essência.<sup>358</sup>

Voltando a Moltmann, afirmar que Deus é amor significa dizer que Deus precisa do universo e dos seres humanos, pois não poderia estar sem aqueles que ama. Em sentido trinitário, a sentença “Deus é amor” quer demonstrar que desde sempre e para sempre, por necessidade essencial, o Pai ama o Filho com amor gerador; o Filho ama o Pai com amor obediente e devoto. E o Espírito Santo é a personificação do amor que une Pai e Filho. As três pessoas divinas exercem papéis distintos na relação, mas compartilham a mesma natureza.

O íntimo amor trinitário é, portanto, *amor pelo igual*, não por um ser de outra natureza. É um amor necessário, não livre. Se esse amor se expande para fora de si, então deixa de ser aquele que concebe e gera, passando a ser também criador; não mais apenas amor essencial necessário, mas também amor livre.<sup>359</sup>

Esse amor livre e criado, ao ser correspondido pela pessoa humana, encontra sua imagem e alegria na escolha voluntária daquele outro. Assim, o amor divino busca se comunicar e ser correspondido livremente. “Por isso é que a história da criação deve ser considerada como *tragédia do amor divino*, mas a história da salvação, por sua vez, deve ser vista como a  *festa*

<sup>355</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 70-71.

<sup>356</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IX, 2, 2, p. 288.

<sup>357</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, VIII, 10, 14, p. 284.

<sup>358</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, VIII, 10, 14, p. 284-IX, 4, 4, p. 291.

<sup>359</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 72.



*da alegria divina*".<sup>360</sup> O amor que cria é um amor que sofre. A partir da criação do universo o processo de auto-rebaixamento, auto-aniquilamento, autohumilhação e autolimitação do divino por amor ao humano.

Neste movimento de *kenosis*, Deus recua gerando tempo e espaço para a criação existir, Deus limita a sua onipotência para dar ao ser humano a livre escolha de corresponder ao seu amor. Moltmann explica que através da história da salvação, Deus não apenas deseja resgatar o ser humano do pecado e da morte, mas quer autolibertar-se do sofrimento de ver sua criação padecer. No momento em que a pessoa humana corresponde ao amor divino e passa a ter comunhão com ele, o ser humano passa a compartilhar do querer de Deus e co-participar do seu sofrimento pela salvação da humanidade. "Entre esses movimentos situa-se a história da comunhão de Deus e dos homens no sofrimento, na compaixão recíproca e no mútuo amor apaixonado".<sup>361</sup>

Ao tentar descrever o Espírito Santo, Agostinho aproxima a amizade da caridade dizendo que o Espírito é algo comum ao Pai e ao Filho. "Mas essa comunhão é consubstancial e coeterna. Se for mais exato lhe dar o nome de amizade, que se dê. Mas seria adequado chamá-lo de caridade".<sup>362</sup> A preocupação de Agostinho com qualificar o Espírito como amizade é salvaguardar que o Espírito Santo é também consubstancial ao Pai e ao Filho. Como já há afirmação nas Escrituras que Deus é caridade, então a substância de Deus é a caridade. Dessa forma, Agostinho constata que o Espírito Santo é o Deus-Amor: "A caridade, portanto, que vem de Deus é Deus, é propriamente o Espírito Santo, pelo qual é difundido em nossos corações o amor de Deus, mediante o qual, toda a Trindade habita em nós".<sup>363</sup>

No entanto, a caridade, assim como a amizade é uma relação que envolve afeto, reciprocidade, doação de si mesmo, confiança e bem querer. Disso, podemos concluir que a substância de Deus, que faz a comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é relação que contém características tanto da amizade quanto da caridade. Se não podemos colocar como total igualdade a caridade e a amizade, no mínimo podemos afirmar que são realidades relacionadas. Uma verdadeira amizade é uma relação repleta de caridade, amor incondicional, e a caridade autêntica é construída sob o fundamento da amizade, bem querer desinteressado. Quanto mais verdadeira for a amizade entre pessoas, maior será a caridade mútua, e quanto mais profunda for a relação de caridade, mais crescerão em amizade. Entre as pessoas divinas existe a perfeição

<sup>360</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 73.

<sup>361</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 74.

<sup>362</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, VI, 5, 7, p. 223.

<sup>363</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 18, 32, p. 528.

da relação da caridade e da amizade, de tal maneira que amizade e caridade se tornam uma só relação, uma só realidade, uma só substância. Assim, não seria incorreto afirmar que Deus é amizade, que a substância, que une o Pai, o Filho e o Espírito, é a amizade.

A questão que Agostinho reconhece é que qualquer termo da linguagem humana para designar a Deus é deficiente e limitado.<sup>364</sup> Podemos somente fazer aproximações de linguagem para descrever as experiências humanas e divinas. Como Agostinho argumenta, a reflexão teológica não pretende falar de Deus com total precisão, mas a revelação de Deus não pode ser silenciada, a boa nova de Cristo, a chegada do Reino precisa ser comunicada de alguma forma.<sup>365</sup> Feita essa aproximação entre o sentido cristão da amizade e do amor, continuamos nossa reflexão teológica sobre a amizade.

### 3.3 A AMIZADE CRISTÃ: DOM E CAMINHO DE COMUNHÃO COM DEUS E COM A PESSOA HUMANA

Enquanto o mundo filosófico pensa a amizade como uma experiência somente possível na realidade humana, a experiência cristã de amizade ousa dizer que podemos ser amigos de Deus. Na perspectiva teológica, a amizade é uma realidade fundamental das relações humanas e divinas. A vida só acontece em relação aos outros e com os outros, nossa existência é sempre uma convivência. A amizade é uma forma acessível e concreta de amar, e todo o amor tem origem em Deus (1 Jo 4,7). Isso quer dizer que só podemos ser amigos uns dos outros porque Deus ofereceu sua amizade a nós primeiro. Sendo assim, a amizade deve ser considerada um dom de Deus e uma tendência natural do coração humano que reflete sua semelhança com o Deus Comunicativo e Amigo.

Este desejo de comunicação e amizade está radicado na nossa própria natureza de seres humanos, não se podendo compreender adequadamente só como resposta às inovações tecnológicas. À luz da mensagem bíblica, aquele deve antes ser lido como reflexo da nossa participação no amor comunicativo e unificante de Deus, que quer fazer da humanidade inteira uma única família. Quando sentimos a necessidade de nos aproximar das outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e dar-nos a conhecer, estamos a responder à vocação de Deus - uma vocação que está gravada na nossa natureza de seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão.<sup>366</sup>

<sup>364</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, V, 12, 13, p. 206.

<sup>365</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, V, 9, 10b, p. 203.

<sup>366</sup> BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações*.

Nesta mensagem, Bento XVI diz que a amizade é um bem humano precioso que devemos cuidar para não esvaziarmos o seu valor e sentido. A amizade não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como caminho de crescimento mútuo e de disposição de dons a serviço dos amigos e de toda sociedade humana. O Papa Francisco fala que é missão das cristãs e cristãos que vivem a amizade com Deus partilhar dessa alegria com os demais.

Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida.<sup>367</sup>

São Tomás de Aquino aborda o tema da amizade em diversas questões da *Suma Teológica*. Ele chama de amizade as relações caritativas entre a pessoa humana e Deus.<sup>368</sup> Ele reflete sobre a amizade como caridade baseando e refutando os argumentos de Aristóteles. Existindo três tipos de amizade – a deleitável, a útil e a honesta<sup>369</sup> – para Tomás de Aquino, somente há correspondência entre a caridade e a amizade honesta, pois a amizade verdadeira fundada em Cristo não pode ter interesses ou se sustentar apenas em deleites da companhia dos amigos. Além disso, a amizade honesta não chegaria ao patamar da caridade, pois se dá apenas entre amigos virtuosos, enquanto a caridade se estende aos inimigos.

O doutor angélico divide o amor em amor de amizade e o amor de concupiscência. O amor de amizade é um bem subsistente e o amor de concupiscência é um bem accidental. Ele explica que só pode haver amor de amizade entre seres racionais porque estes podem retribuir.<sup>370</sup> A amizade, portanto, exige reciprocidade. Segundo Tomás de Aquino, a amizade é uma condição necessária para a perfeita caridade e a beatitude, pois o amor só é perfeito quando compartilhado gratuitamente e sem reservas.<sup>371</sup> Amor, dileção, amizade e caridade são termos utilizados para expressar a mesma atitude manifestada de maneiras diversas.<sup>372</sup> Na visão de Aquino, amor e dileção referem-se à atitude apaixonada, a amizade é um hábito e a caridade pode significar ambos.

No entanto, a amizade não se realiza a partir de qualquer amor. A base da amizade é querer o bem da amiga e do amigo, mas somente isso não é suficiente para se ter amizade. A

---

<sup>367</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 49.

<sup>368</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Secunda Secundae, q. 23, a.1.

<sup>369</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Pars Prima Secundae, q. 26, a.4.

<sup>370</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Prima Pars, q. 20, a. 2.

<sup>371</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Pars Prima Secundae, q. 4, a. 9.

<sup>372</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Pars Prima Secundae, q. 26, a. 4

amizade requer bem querer mútuo que acontece através da comunicação entre eles. Assim como nos comunicamos com as pessoas humanas podemos nos comunicar com as divinas e estabelecer essa relação de bem querer com Deus. Segundo São Tomás, a caridade é o amor fundado nessa comunicação, portanto, a caridade é a amizade entre o ser humano e Deus.<sup>373</sup>

Para o doutor angélico, se fôssemos apenas seres carnis, não poderíamos nos associar a Deus, mas como temos também nossa dimensão espiritual, nossa alma se comunica com Deus e podemos ter amizade com Ele. Tomás de Aquino diz ainda que a amizade de uma pessoa a outra pode ser tão grande e profunda que não implica em amar apenas a pessoa da amiga ou do amigo, mas todas as pessoas ligadas a ela. Mesmo que haja familiares ou empregados dela que nos ofenderam ou nos causaram danos, eu sou capaz de perdoá-las e amá-las por amor à minha amiga ou amigo. Desta forma, por amor a Deus, a amizade se faz caridade. Por consequência, a caridade é uma forma de amizade honesta, pois, por amor ao grande amigo divino, não se restringe às pessoas virtuosas, mas também abraça aos que estão vivendo no erro e no pecado.<sup>374</sup> Lembrando o mandamento do amor que diz para amarmos o próximo como a nós mesmos, São Tomás de Aquino considera o amigo um outro “eu” porque o amor de amizade quer o bem do amigo na proporção que quer o bem para si mesmo.<sup>375</sup> Frutos característicos dessa comunhão da amizade é a empatia e a compaixão. A amiga sente a alegria e a dor da outra amiga como se fosse sua própria.<sup>376</sup> Para o doutor angélico a caridade não designa apenas o amor de Deus, mas significa também a amizade com Ele, isto é, a resposta humana à autocomunicação e ao amor de Deus por nós.<sup>377</sup>

O Dicionário de Espiritualidade esclarece que a amizade cristã abre precedente para amarmos as pessoas de uma maneira totalmente nova:

O Espírito comunica a virtude infusa de amar, chamada graça caritativa. Por meio deste dom da caridade, o crente tem a possibilidade potencial de compartilhar do modo teândrico de amar, específico e próprio do Senhor; é chamado a amar e estreitar amizades em Cristo, com Cristo e mediante Cristo.<sup>378</sup>

Enquanto a amizade como virtude precisa de longo tempo de prática para ser alcançada e aperfeiçoada, a amizade como dom precisa da disposição da vontade para aceitar a ação do Espírito de Cristo em nós a fim de transformar nosso coração de pedra em coração de carne (Ez

<sup>373</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Secunda Secundae, q. 23, a.1

<sup>374</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Secunda Secundae, q. 23, a.1.

<sup>375</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Prima Pars Secundae, q. 28, a.1.

<sup>376</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Prima Pars Secundae, q. 38, a.3.

<sup>377</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Prima Pars Secundae, q. 65, a.5.

<sup>378</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 16.

36, 26), isto é, purificar nossos afetos e nos capacitar ao amor-caridade. Ao contrário da amizade humana que se enfraquece na medida que se multiplicam os amigos, a amizade cristã se aprofunda e se expande quanto mais manifestamos e damos continuidade em nós ao amor amistoso de Cristo para os demais. “A amizade teândrica de Cristo é co-extensiva a todos os homens e é dotada de tal intensidade que transcende toda a amabilidade humana”.<sup>379</sup>

O termo “filadelfia” serve para expressar este modo cristão de viver a amizade, este amor fraterno que nos liga com todos os seres humanos e divinos e nos torna amigos-irmãos. É justamente este sentido de amizade teândrica de Jesus e de filadelfia que a expressão *Brother*, referida a Jesus pelos grupos da pesquisa, quis significar. Diversos trechos das Escrituras falam nesta amizade fraterna, especialmente nas cartas apostólicas (1Pd, 22; 3,8; 2Pd 1,7; Rm 12, 10; 1Ts 4, 9-10). A união fraterna realizada pelo Espírito é que forma o Corpo Místico de Cristo, a Igreja (At 4, 32, Hb 20, 36-38). Para entender essa experiência de comunhão fraterna devemos observar na realidade este tipo de vivência eclesial como encontramos nos grupos do movimento de Emaús que participaram de nosso estudo.

A realidade da comunhão dos fiéis em Cristo hoje pode ser conhecida de modo mais compreensível, apreciada e amada, se ocorrer concretamente a vida caritativa que o Espírito derrama entre os crentes como experiência de amizade sobrenatural generalizada. Devo habituar-me a pensar se amo o irmão com a mesma amizade que nutro pelo Cristo.<sup>380</sup>

A comunhão fraterna progride cada vez que deixo o Espírito me conduzir mais para perto da amabilidade universal de Jesus. Assim, precisamos reconhecer no semblante, no olhar, nos gestos, palavras e ações das nossas irmãs e irmãos, a vida, a face e a luz de Cristo Ressuscitado.

“A experiência mística cristã pode caracterizar-se como amizade viva da alma com Deus no Espírito do Senhor”.<sup>381</sup> Este tipo de amizade se comunica e se fortalece através da oração. Os místicos da Igreja, como São João da Cruz, falam que a amizade com Deus é uma comunhão em que o amor de Deus vai transformando a pessoa amada no seu próprio ser divino, isto é, Ele exalta o ser humano para se tornar parte de si ou igual a si, pois Deus não ama nada fora e nem abaixo de si mesmo.<sup>382</sup> Essa ideia está em concordância com a proposição de uma das participantes da pesquisa: “Cristo está em nós [...]. Então, tudo o que acontece na nossa vida é

<sup>379</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 17.

<sup>380</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 17.

<sup>381</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 17.

<sup>382</sup> JOÃO DA CRUZ. Cântico Espiritual 32,61. In: *Obras Completas*, p. 868.

um pouco da história de Deus” (informação verbal).<sup>383</sup> Portanto, pela habitação do Espírito em nós que gera nossa vida em comunhão com Deus, nos tornamos prolongamento da vida de Jesus Cristo.

A amizade pode ser vivida como uma experiência mística se entendemos que Deus envia cada pessoa que encontramos para criarmos laços autênticos de amizade e se deixamos o Espírito Santo conduzir nossas relações amistosas. A sublimação mística da amizade pode acontecer independente da relação dos nossos amigos com Deus. Isso depende muito mais de nosso próprio grau de intimidade e abandono no Senhor. Se o nosso amigo não vive a experiência de amizade caritativa com Deus, “[...] o amante místico se oferece com amor de benevolência, em que se manifesta o dinamismo pascal do Senhor”.<sup>384</sup> Essa caridade amistosa que fazemos com e em Cristo para o nosso amigo que não está na paz da comunhão com Deus é um movimento quenótico em que assumo a falta do outros e amo a Jesus por aqueles que não podem, não conseguem ou não querem o amar. A experiência mística da amizade nos abre para essa nova forma cristã de amar a todos como amigos-irmãos e nos faz prolongamentos da encarnação do Verbo na realidade humana. O jesuíta Egide Van Broeckhoven que buscou viver essa experiência de amizade mística com todos os seres humanos, explica em seu Diário da Amizade:

Assim é a amizade trinitária em sua profundidade e riqueza. Deus nos amou assim desde o princípio, mas seu amor penetrou em nós lentamente [...]. A partir da amizade (o Espírito Santo), o Amigo (Cristo) se dirige aos outros (os homens); e através deste Amigo (Cristo), o primeiro Amante (o Pai) se dá ele próprio aos homens (Emanuel).<sup>385</sup>

Fica claro que para viver a amizade cristã em sua plenitude precisamos participar da vida trinitária. No entanto, como os membros dos grupos descreveram, a amizade requer reciprocidade, mas como pode haver igualdade de amor entre a humanidade e Deus? Como Deus nos faz igual a Ele? Antes de Deus nos exaltar como São João da Cruz sugere, primeiro Deus se rebaixa, se esvazia, se humilha para chegar até nós, a chamada *Kenosis* de Deus.

Outro movimento dessa dinâmica de amor-amizade é que a alma amada não se acalma enquanto não corresponder na mesma medida que é amada, e, por isso, Deus a exalta, para ser capaz de amar a Deus como é amada por ele e derramar esse amor de Deus, que é o seu também,

<sup>383</sup> Participante N, Grupo Maranathas.

<sup>384</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 18.

<sup>385</sup> BROECKHOVEN, Egide Van. *Diário da Amizade*, p. 36.

aos demais que o necessitem. A igualdade de amor “[...] consiste na plena manifestação, no ápice verdade de Deus e da verdade da pessoa numa gravitação de amor recíproca”.<sup>386</sup>

Dessa forma, podemos entender a amizade espiritual como dom de Deus, um amigo espiritual é sobretudo amigo de Deus, vem de Deus e nos leva para Deus. Como o participante “Lm” definiu, amizade é querer que o teu amigo vá para o Céu e desejar mais a santidade para o amigo do que para si mesmo. Outro comentário de “Lm”, bem como de outros integrantes da pesquisa, é que as amizades mais verdadeiras que tinha era com pessoas católicas, especialmente as que faziam parte do movimento de Emaús, esse exemplo encaixa na experiência da amizade espiritual. “É importante que o encontro amigável se realize “no Cristo”; é ele que torna possível a amizade e o dom que se oferecem mutuamente os amigos e que reciprocamente descobrem como motivo determinante de sua amizade”.<sup>387</sup>

No entanto, é preciso alertar para o fiel não cair numa mentalidade de amizade exclusivista e fechada em um círculo social e religioso, isto é, não estar aberto a amizades com pessoas de outras religiões, classes, povos, culturas e opiniões distintas da sua. A verdadeira amizade cristã é católica, no sentido de universal, aberta a todas e todos, sem interesses ou pré-conceitos, sua única intenção é amar como Jesus Cristo amou e ser dom aos demais. A amizade cristã também possui dimensão eclesial, porque é por natureza comunitária:

[...] provém de Deus que é Pai de todos; porque é comunicada pelo Espírito de Cristo, que é o amor por todo o vivente; porque foi inoculada no fundo do humano pela encarnação do Verbo; porque é purificada e amadurecida nos homens pela sacralidade do mistério pascal do Senhor.<sup>388</sup>

O chamado primordial de toda mulher e de todo homem é a amizade com Deus. Consequência do primeiro, o nosso segundo chamado é fazer-nos amigos de todos assim como Jesus se fez. Na Igreja, existem vários caminhos para viver essa amizade com Deus através de vocações e carismas.

No carisma apostólico, toda missão evangelizadora deve ter por característica a amizade, isto é, o evangelizador deve fazer-se amigo das pessoas, inserir-se na sua realidade, colocar-se como um igual, mesmo que isso signifique rebaixar-se, fazer-se pobre para os pobres, sábio para os sábios, rico para os ricos, fazer-se tudo para todos e servo de todos, a fim de salvá-los e ser participante do Evangelho (1Cor 9, 19-23). Fazer-se amigo de todos significa

<sup>386</sup> HERRÁIZ, M. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 54.

<sup>387</sup> HERRÁIZ, M. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 55.

<sup>388</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 18-19.

falar a mesma linguagem, conviver com eles, compartilhar de suas alegrias e esperanças, escutar suas histórias e lutas, ter empatia por suas dores e angústias.

De acordo com o Dicionário de Espiritualidade, devemos incentivar o cultivo de relações ternas e amizades sinceras entre evangelizados e evangelizadores, batizados e não batizados, entre todo o povo de Deus, crente e não crentes. O objetivo principal da evangelização é aproximar-se e fazer-se amigo das pessoas para testemunhar com a própria vida a experiência do amor de amizade com Deus.

O sentido da atividade eclesial apostólica consiste em fazer da amizade sinal sacramental, para comunicar o Senhor reatualizado como amigo que vai ao encontro das almas; para testemunhar como é o Espírito de amor que se revela no gesto evangelizador.<sup>389</sup>

Como evangelizadores, devemos apresentar o Grande Amigo através do modo como nós amamos e vivemos nossas amizades. Nossa amizade testemunha ao mundo o amigo Jesus Cristo o qual amamos, acreditamos, pelo qual e no qual vivemos. Assim, toda ação pastoral e atividade missionária da Igreja deve ser praticada com ternura e expressar esse amor amistoso de Deus pela humanidade.

Charles de Foucauld via a relação de amizade como uma preparação para lançar a semente da palavra nos corações.<sup>390</sup> É preciso que as pessoas acreditem e confiem no evangelizador primeiro para que nossa palavra e testemunho de Jesus Cristo tenham credibilidade. Em um mundo secularizado, as mulheres e homens de fé precisam construir pontes para ligar as pessoas a Deus e isso acontece através do cultivo de amizades autênticas. Somente numa relação de confiança e caridade podemos apontar o caminho para a Vida, sermos a face de Cristo para o outro, sermos o toque sensível do Deus que ama e que é amor.<sup>391</sup>

A medida em que o apostolado vai se desenvolvendo é a medida que a amizade vai se aprofundando. É a caridade amistosa e prestativa que transforma a vida das pessoas. É o Amor desinteressado e sem reservas que salva. Na tradição católica, a vocação à amizade com as pessoas humanas e divinas pode ser realizada através de dois estados de vida: o celibato e o matrimônio. Para se aprofundar na amizade caritativa, os celibatários, consagradas, consagrados e sacerdotes, devem desenvolver as seguintes atitudes:

---

<sup>389</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 20.

<sup>390</sup> Charles Eugène de Foucauld foi um oficial militar francês que se tornou explorador, geógrafo, linguista especialmente da região norte da África; eremita e religioso católico, fundador da ordem religiosa Pequenos Irmãos de Jesus. Ele foi beatificado em 2001 por João Paulo II. Cf. [charlesdefoucauld.org](http://charlesdefoucauld.org).

<sup>391</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 20.



Deve mostrar-se pobre e carente de amizade humana para testemunhar unicamente o desejo da amizade de Deus em Cristo; deve apresentar-se envolvido por amizades autênticas para anunciar que toda a carne pode ser assumida para a glória do Senhor; deve oferecer-se purificado de atividades sensíveis para indicar que a prática pascal é capaz de pneumatizar a própria afetividade; deve servir-se de sua afetuosidade amistosa para convencer todas as almas de que Deus é aquele que ama. Em cada experiência afetiva, o consagrado deve estar consciente de que pratica carisma eclesial.<sup>392</sup>

São Francisco e Santa Clara são exemplos dessa amizade fraterna unida por amor a Cristo e que transborda o amor de Deus a todas as irmãs e irmãos. Trazendo um exemplo atual, o Papa Francisco é o rosto da dimensão caritativa eclesial e de vida consagrada que abre as portas das igrejas e deseja transformá-las em casa da caridade, casa de todos. Podemos perceber essa expressão da ternura e misericórdia de Deus a todas as pessoas tanto em seus escritos quanto em suas atitudes de atenção às pessoas quando as encontra nas ruas de Roma, quando liga para os fiéis para saber como estão, quando responde ou pede para alguém responder todas as cartas que lhe são enviadas.

As pessoas casadas também são chamadas à caridade fraterna com amigos pessoais, amigos em comum e também com outros casais. Os diferentes tipos de amizades servem para expandir os horizontes e formas possíveis de praticar e entender o amor-caridade. As amizades pessoais podem ajudar aos casados a respeitar o mistério um do outro e os casais amigos, ou amigos em comum entre a esposa e o esposo, podem ajudar a fortalecer o amor conjugal.

A amizade cristã, dom e virtude, é caminho de vida plena, santidade e comunhão com Deus que a cada dia necessita de um passo a mais, um cuidado a mais, uma caridade a mais para chegar cada vez mais perto do Encontro com o Deus Comunicativo.

### 3.4 A AMIZADE NA BÍBLIA

Para descrever a relação do ser humano com Deus, a Bíblia utiliza dois modelos relacionais. O mais comum e tradicional é a relação de amor, com ênfase, especialmente no Antigo Testamento, na imagem de amor sponsal, conjugal. Apesar de ser uma imagem rica e estimulante de nossa misteriosa relação com Deus, esta não é a única forma. José Tolentino Mendonça sugere redescobrirmos a amizade como via para expressarmos nossa relação com

---

<sup>392</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 22-23.

Deus.<sup>393</sup> Uma ideia comprovada pelo pensamento e experiência dos jovens que fizeram a nossa prática de teologia comunicativa.

Se pararmos para pensar, notamos que a Bíblia toda é composta por livros escritos de amigos para amigos. São amigos que narram os acontecimentos mais importantes da história de Israel e as leis da tradição judaica no Pentateuco. São amigos que cantam as maravilhas que Deus realizou para o povo escolhido e oram abrindo os seus corações contritos nos Salmos. São amigos que desabafam e choram suas perdas em Lamentações. São amigos que aconselham, ensinam e exortam nos Livros Sapienciais. São amigos que testemunham seu chamado e acolhida da missão nos livros proféticos do Antigo Testamento e nos relatos evangélicos e cartas apostólicas do Novo Testamento.

As Sagradas Escrituras mostram que a relação de amizade agrada a Deus e vem de Deus. Diversos textos bíblicos descrevem a amizade humana e a amizade de Deus por nós como uma experiência histórica interpretada a luz da fé. Segundo Pierre Babin, os relatos bíblicos sobre amizade demonstram o desejo de Deus de ser amigo de cada ser humano e que Ele escolhe algumas mulheres e homens para expressar esse amor para nós.<sup>394</sup> Isso quer dizer que, como seres criados à imagem e semelhança de Deus, Corpo Místico de Cristo, filhas e filhos no Filho, somos chamados a sermos reflexos desse grande amor-amizade de Deus por nós, sermos presença viva e palpável deste Melhor Amigo aos demais.

A amizade deve ser redescoberta pela teologia para melhor explicar o Deus Uno e Trino, pois numa verdadeira amizade não há menor ou maior, há reciprocidade. Quando dizemos que Deus é Amizade, estamos afirmando que as três pessoas têm uma relação recíproca de amor, de entrega, de ser para o outro, com o outro, no outro e definido pela minha relação com o outro. Esse Deus Pai-Filho-Espírito Santo, comunidade de amigos, não quis viver só para si e criou os seres humanos, pela vontade de amar e ser amado, para serem seus amigos. Portanto, a amizade é comunhão e base de qualquer relação de amor.

### 3.4.1 Amizade no Antigo Testamento

---

<sup>393</sup> MENDONÇA, José Tolentino. *Nenhum Caminho será Longo*, p. 11-13.

<sup>394</sup> BABIN, Pierre. Plano de Conjunto. In: BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 1, p. 3-14.

Os nossos primeiros pais, representados por Adão e Eva, romperam a sua amizade com Deus, ao acreditarem nas palavras da “serpente” (Gn 3, 1-13). A confiança mútua é o princípio da amizade e da fé. Ser amigo de alguém significa ter fé nessa pessoa, pois confiamos sem nenhuma certeza ou segurança que ela será fiel e correta conosco. A traição de uma amizade é dolorosa e traz consequências a todos os envolvidos. É próprio da amizade mostrar que foi ferido, que algo que o amigo fez não estava certo e o machucou, assim, aplicamos “castigos”, correções, deixamos de falar por um tempo ou damos sermões para que o amigo se arrependa e aprenda com seus erros. Com Deus não é diferente, embora quisesse continuar sendo amigo dos seres humanos, Deus precisou corrigir aqueles que pecaram originalmente, a fim de que saibam valorizar a amizade com Deus e escolham permanecer nessa relação livremente (Gn 3, 14-24).

Um dos primeiros amigos de Deus que temos notícia e que não decepcionou a confiança depositada nele foi Abraão: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste” (Gn 22,18). Para entender a razão pela qual Abraão é chamado amigo de Deus, podemos ligar a obediência de Abraão com as palavras de Jesus aos seus discípulos: “Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando” (Jo 15, 14). Fica claro que para sermos amigos de Deus devemos seguir os seus conselhos como uma ordem, pois Deus, o “Amigo dos amigos”, quer somente o sumo bem para nós: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Profetas do Antigo Testamento e discípulos de Jesus do Novo Testamento (Tg 2, 23) reconheceram Abraão como amigo de Deus e o próprio Deus o chamou de amigo pela boca e mão do profeta Isaías: “E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo” (Is 41,8). Importante perceber os níveis de relação entre Deus e o seu povo. A uns ele chama de servos, a outros de escolhidos, aos mais fiéis como Abraão, amigos.

Um exemplo de amizade humana profunda é a relação entre Davi e Jonatas relatada em I e II Samuel. I Samuel 18, 1-5 narra o início dessa bela amizade. Após vencer o Filisteu, Davi é levado a presença de Saul. Ao término da conversa, Jônatas simpatizou-se e “apegou-se a Davi. E Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo” (I Sm 18, 1). É significativa a semelhança deste relato sobre a amizade e os dois mandamentos que Jesus classifica como os mais importantes e que resumem toda a lei: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22, 37-39). Essas duas passagens nos revelam o tipo de amor que uma amizade sincera deve ter: amar o amigo como a si mesmo. Ainda nos mostra que o próximo pode ser entendido como amigo. Se somos amigos de Deus, e o amigo de Deus é aquele que pratica os mandamentos (Jo 15, 14), e se colocamos a amizade com Deus em primeiro lugar na nossa vida, todos se tornam meus próximos. Conectando com a realidade das mídias sociais que

chamaram nossos contatos de amigos, por um lado banalizou e tornou efêmera nossas relações de amizade, por outro recorda-nos de que Deus nos exorta a sermos amigos uns dos outros, temos que ser *brothers* de todos, isto é, amigo-irmão de todas as pessoas formando a fraternidade.

Voltando a Jônatas e Davi, o texto bíblico relata este início da relação deles como “*brothers*”, como amigos mais próximos do que irmãos de sangue. O sentimento de dor expresso por Davi pela morte de Jônatas nos mostra também o valor de uma amizade, que o amor *philia* pode ser a experiência de amor humano mais intensa que nós podemos viver, mais que o *eros* e talvez que o *ágape*: “Que sofrimento tenho por ti meu irmão Jônatas. Tu tinhas para mim tanto encanto, a tua amizade me era mais cara do que o amor das mulheres” (I Sm 1, 26). Neste trecho, Davi chama Jônatas de irmão, no sentido de *brother*. Observamos que amizade e fraternidade são termos correlatos, por isso, vamos aprofundá-los mais adiante.

Diversas perícopes dos livros sapienciais descrevem a figura e o papel do amigo em nossas vidas (Pr 17,17), também mostram a diferença entre as verdadeiras e as falsas amizades (Eclo 12, 8-18). As amizades verdadeiras são escassas e raras de se encontrar, por isso, a Bíblia aconselha a preservar tamanho tesouro que traz alegria ao nosso viver (Eclo 6, 14-17; Pr 15, 17; 18, 24; Sl 133, 2Sm 1,26). Os livros sapienciais falam tanto em amizade que torna evidente a relação entre sabedoria e amizade. Sábia é a pessoa que soube ser amiga de si mesma e dos outros e que busca crescer junto com os amigos.

Em Eclesiástico 6, 16, Deus coloca a sua amizade com as pessoas humanas como modelo e fonte de toda a amizade genuína. Pelo evento da Encarnação, Deus comprova a sua vontade de fazer-se parte da vivência humana do amor-amizade. Assim, a história da salvação pode ser entendida como série sucessiva de iniciativas de Deus, por obra do Espírito Santo, para introduzir a humanidade na amizade vivida pela Trindade. “Quanto mais penetra a efusão do Espírito na interioridade profunda do eu, tanto mais este sabe abraçar os outros com amor amistoso”.<sup>395</sup>

### **3.4.2 Amizade no Novo Testamento: Jesus manifesta a salvação através de seus amigos**

---

<sup>395</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 16.

O querer de Deus de estender a sua amizade à pessoa humana é bem perceptível nas experiências de amizades de Jesus relatadas nos Evangelhos, entre elas: Lázaro, Marta e Maria (Jo 11, 5-11), Pedro, João (Jo 13, 23), Maria Madalena e sua mãe Maria de Nazaré. A amizade de Jesus com os homens é bem óbvia, basta olhar para o seu grupo de 12 apóstolos que seguiam Jesus aonde quer que fosse, inclusive muitos deles provavelmente acompanharam Jesus nas bodas de Caná sem convite oficial dos noivos. São tantos momentos especiais que partilharam juntos, os mais importantes estão relatados nos Evangelhos. No entanto, há relatos pontuais da relação de amizade entre Jesus e as mulheres. São poucos, mas extremamente significativos que mereciam um tópico a parte. Moltmann ressalta a comunhão de Jesus com as mulheres, especialmente essas que foram citadas nominalmente nos evangelhos. “Elas são as últimas testemunhas de sua morte e as primeiras de sua ressurreição. No entanto, essas mulheres não estão em sua proximidade apenas em seu fim, mas também em sua vida e atuação”.<sup>396</sup> Os relatos do Novo Testamento mostram as mulheres como receptoras e mensageiras privilegiadas da boa nova de Jesus Cristo. São elas que contemplam e participam dos principais atos da vida e redenção de Jesus. É através do incentivo de Maria, sua mãe, que Jesus realiza o primeiro milagre e inaugura sua vida pública (Jo 2, 3-5).

A proximidade das mulheres ao servir, morrer e ressurgir de Jesus não é importante apenas para as mulheres, mas também para o próprio Jesus. O fato de Jesus ter sido homem não tem importância neste caso. Na comunhão de Jesus e das mulheres evidencia-se o humano como o libera a recriação de todas as coisas e condições.<sup>397</sup>

Jesus iniciou um movimento em que mulheres e homens participam e cultivam uma relação de amizade fraterna, rompendo com diversas tradições sociais de sua época. A mulher era tratada e considerada um ser inferior fisicamente, socialmente e espiritualmente. As mulheres são retratadas nos Evangelhos como as menores entre os menores, as últimas entre os últimos da sociedade judaica e por isso recebem atenção especial de Jesus e serão as primeiras a entrar no Reino de Deus.<sup>398</sup>

A prática de Teologia Comunicativa nos grupos mostrou a diferença de sentido e profundidade na relação de amizade entre homens e mulheres. De acordo com o Dicionário de mística a amizade feminina tende a ser mais íntima e profunda.<sup>399</sup>

<sup>396</sup> MOLTSMANN, JÜRGEN. *O Caminho de Jesus Cristo*, p. 201-202.

<sup>397</sup> MOLTSMANN, JÜRGEN. *O Caminho de Jesus Cristo*, p. 202.

<sup>398</sup> BINGEMER, Maria Clara. Masculinidade e Feminilidade. *Concilium*, n. 326, p. 49.

<sup>399</sup> FROGGIO, G. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*, p. 52.

Em toda a sua vida pública, Jesus encontrou muitas amigas pelo caminho. Além do grupo bem definido dos doze apóstolos, havia um grupo de mulheres que acompanhavam Jesus em suas andanças e pregações, assistindo-o com seus bens. Os nomes citados em Lucas são Maria Madalena, Joana e Susana, mas havia muitas outras anônimas (Lc 8, 1-3). Nas narrativas evangélicas, várias outras mulheres desenvolvem papéis importantes na vida, anúncio e ensinamentos de Jesus: sua mãe Maria de Nazaré, Marta e Maria irmãs de Lázaro (Jo 11, 5), Maria, esposa de Cléofas (Jo 19, 25), a samaritana (Jo 4), a cananeia, a sogra de Pedro. Todas as Marias do Evangelho juntas representam toda dor, violência e injustiça que as mulheres de ontem e hoje sofrem: a perda violenta de um filho, o abuso, a pobreza, a falta de oportunidade de trabalho e desenvolvimento, a vulnerabilidade e a condenação da sociedade.

Jesus se aproxima e se faz amigo dessas mulheres, olha com compaixão, escuta, conversa, toca, abraça, compreende e age com misericórdia, cura, liberta, protege, dá a elas oportunidade de recomeçar. Uma das melhores amigas de Jesus, citada nos Evangelhos, foi Maria Madalena. Ela vai nos ajudar a entender melhor a amizade entre Cristo e as mulheres.

Maria Madalena é ícone de restauração da imagem e da dignidade da mulher em todos os tempos. Ao ser escolhida como primeira testemunha de sua Ressurreição, Jesus quis relembrar a sociedade e a cultura de ontem e de hoje que mulher e homem são imagem e semelhança de Deus, que ambos possuem a mesma dignidade e valor.

Logo após a ressurreição, a primeira pessoa a quem Jesus aparece é sua grande amiga Maria de Magdala. Geralmente as grandes amizades iniciam com eventos marcantes. A amizade de Maria Madalena e Jesus começa justamente assim. Ela é uma das primeiras pessoas a fazer a experiência salvífica de Jesus marcada por dois momentos: primeiro, a sua conversão e seguimento – quando Jesus a cura e a liberta de sete demônios (Lc 8, 2) – segundo, a concretização de sua fé na Ressurreição de Jesus – quando Jesus Ressurrecto aparece a ela e a torna testemunha da Ressurreição (Lc 24, 10; Jo 20, 18). Uma das tantas coisas que aprendemos disso, é que a amizade verdadeira tem grande potencialidade para o perdão, para a aceitação, para a transformação e elevação do amigo. A amizade de Jesus com Maria Madalena nos mostra exatamente este processo: de “perturbada por demônios” a “apóstola dos apóstolos”.

Maria Madalena não esteve passiva nessa relação. Embora soubesse que tinha muito menos a oferecer para Jesus, depois de ser curada de seus males, Maria Madalena deixou tudo para trás e passou a segui-lo. Ela foi uma das mais fiéis seguidoras, pois, não temendo perder sua vida, seguiu-o por todo o Calvário até aos pés da cruz (Mt 27, 55-56; Mc 15, 40; Jo 19, 25). Mesmo depois de sua morte, ela não o abandonou, esteve presente em seu sepultamento e quis ajudar na preparação do seu Corpo Chagado comprando especiarias para ungi-lo (Mt 27, 61;

Mc 15, 47; Mc 16, 1) e visitou o sepulcro nos três dias até a Ressurreição. Talvez ela tenha sido uma das primeiras a entender as palavras de Jesus quando falou que ressuscitaria ao terceiro dia ou talvez por amá-lo tanto e sentir demais a sua falta foi ela que estava lá a visitar o sepulcro bem cedinho, no raiar da manhã da Ressurreição (Mt 28, 1; Mc 16, 9, Jo 20, 1). Se foi sozinha ou acompanhada por outras mulheres não sabemos ao certo, apenas sabemos que em todos os relatos evangélicos ela estava lá e viu em primeira mão o Senhor Ressuscitado (Jo 20, 11-18). Se foi pelo mérito de sua fé ou de seu amor, ou por pura gratuidade de Deus, é difícil de comprovar, os relatos evangélicos só contam que Jesus deixou-se encontrar por sua amiga Maria de Magdala (Mc 16, 9).

Mesmo com aparência diferente, ao falar com ele, vê-lo, ouvi-lo dizer seu nome, ela o reconheceu (Jo 20, 14-16). Enquanto alguns, mesmo o tendo visto, pediam provas, para Maria Madalena bastou o seu olhar encontrar o dele, ou o jeito como ele falou, andou ou mexeu as mãos. Os amigos verdadeiros conhecem tão intimamente um ao outro que se reconhecem sem necessidade de palavras ou provas, basta um olhar, a expressão no rosto ou o jeito de falar para saber como o outro está.

Maria de Nazaré, não foi apenas a mãe de Jesus, ela foi também sua amiga. Os três evangelhos sinóticos descrevem o encontro de Jesus com sua mãe e seus primo-irmãos (Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35; Lc 8, 19-21). Neste encontro, Jesus mostra que sua mãe não apenas é digna de admiração por ter-lhe dado à luz, mas também por ter escutado a Palavra e por tê-la colocado em prática. Maria ouviu o anúncio do anjo, acreditou no plano salvífico de Deus e consentiu por vontade própria que acontecesse a encarnação do Verbo em seu ventre. Essa relação de correspondência a fez amiga de Deus.

Maria acompanhou e apoiou Jesus por toda a sua vida, do nascimento até a morte. Aos pés da cruz, aceitou sua nova missão de cuidar da comunidade dos amigos de Jesus e também deixou-se ser cuidada por eles, assumindo uma maternidade espiritual. Maria não foi apenas a mãe de Jesus de Nazaré que concebeu na fé o Cristo, o Verbo de Deus, ela foi sua seguidora, sua discípula, seu tabernáculo, sua testemunha, sua serva, sua amiga, sua força.

Podemos falar ainda da mulher cananeia que expande o horizonte de ação de Jesus para além de Israel (Mt 15, 21), as pecadoras arrependidas que ungem Jesus não apenas em gesto de gratidão, mas como sinal profético da divindade e missão como Cristo (Lc 7, 36s; Mc 14,3s). A Samaritana que, na longa e importante conversa com Jesus junto ao poço, é a primeira pessoa a quem Ele se apresenta como o Messias, ela dá de beber a Jesus e recebe dele a água viva (Jo 4, 1-42). Essa breve exposição serve para mostrar a importância das amizades femininas na vida

e missão de Jesus. Sem a perseverança delas, não haveria quem testemunhasse autenticamente sua morte e ressurreição.

Cristo comunicou a sua mensagem e manifestou o Reino de Deus através das suas amigas e amigos. Um forte exemplo disso é o reavivamento de Lázaro: sinal e pré-anúncio da Ressurreição definitiva de Jesus Cristo. Não apenas pelo milagre de reanimar Lázaro, mas pela fé de Marta e Maria (Jo 11, 1-46). Lázaro é o único a receber explicitamente o título de amigo de Jesus (Jo 11, 3; 11,11). Jo 11, 5 relata que Jesus queria bem a Marta e Maria, declarando implicitamente a relação de amizade também com elas. Maria já havia demonstrado a Ele muito amor ao ungir os pés dele com perfume e secá-los com seus próprios cabelos (Jo 11, 2a). Mesmo sabendo o que realizaria, ao chegar a Betânia e ouvir a confirmação da morte do amigo, Jesus sofre e deixa transparecer a sua dor através das lágrimas (Jo 11, 35-36). Jesus não se conforma com a morte do amigo e lhe devolve a vida, anunciando através dele a vida definitiva que a sua Ressurreição dos mortos traria para toda a sua comunidade de amigos. “O desígnio de Deus sobre o homem, que Jesus realiza, é a comunicação de vida que muda qualitativamente a que o homem possui: vida definitiva que supera a morte”.<sup>400</sup>

O Evangelho de João apresenta a amizade como paradigma da redenção: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Segundo Juan Mateos e Juan Barreto, Jesus aponta nesta perícopé o mais alto grau do amor: dar a vida.<sup>401</sup> Apesar de Jesus estar se referindo a sua morte, ele fala esta frase com sujeito indeterminado. Isso significa que ele não se refere apenas à sua entrega na cruz, mas estende o convite para que os discípulos tenham essa disposição de entrega total a ponto de dar a própria vida em troca da vida de outros, assim como ele faz. Como sugere o mandamento que Jesus ordena no versículo anterior: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12).

No versículo 14, Jesus coloca uma condição para a amizade, os discípulos precisam obedecê-lo. Isto demonstraria que aderiram a Cristo e confiam nele. Antes em Jo 13, 13, Jesus se apresenta como mestre e senhor, mas com uma atitude diferente, ele se coloca a servi-los lavando-lhes os pés, dando o exemplo de liderança amorosa, humilde e solidária. Agora em Jo 15, 15a muda a relação de senhor e servo para a de amigos. O amor compartilhado entre eles supera as diferenças e os nivela com Jesus. É por esse amor de amizade que os apóstolos se tornam amigos no Amigo ou filhos no Filho (Jo 20, 17). Assim, participam da missão de Jesus não pela obrigação de servos, mas pela adesão voluntária por compartilhar da alegria, da vida e da responsabilidade em completar a obra que Jesus começou. Mateos e Barreto identificam

<sup>400</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 491.

<sup>401</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 632-636.



duas características da amizade de Jesus: a confiança absoluta e a disposição total de entrega da vida.<sup>402</sup> Nessa relação de confiança, Jesus conta tudo o que ouviu e aprendeu do Pai (Jo 15, 15b), não há segredo entre eles, apenas relação de igualdade, estima, liberdade, proximidade, comunhão. Assim, a relação de amizade que é caridade perfeita que Jesus tem com o Pai, os discípulos passam a ter com Cristo. Dessa forma, a relação entre o Pai, Jesus e as discípulas e discípulos se realiza mediante um amor de amizade tamanho capaz de dar a vida pelos amigos, e os amigos retribuem continuando com alegria a sua obra missionária.<sup>403</sup>

### 3.5 A AMIZADE NA TRADIÇÃO ECLESIAL

Nos primeiros séculos do Cristianismo, conhecido como período patrístico, os pais e mães da Igreja abordaram o tema da amizade como uma relação de amor que une as pessoas umas aos outras. A amizade também pode ser entendida como um bem inerente ao ser humano, fundamental à vida, que possui um fim em si mesmo, e que, logo, para ser autêntica, não deve ser desenvolvida para alcançar outros objetivos. Os padres da Igreja seguem a mesma linha de tradições anteriores de pensamento sobre amizade como Cícero e Pitágoras que já haviam definido a amizade como comunicação humana e divina por meio da bondade e do amor. Tendo por base esse entendimento, Santo Agostinho define a amizade cristã como comunicação das coisas divinas que leva os amigos a perfeita e eterna amizade, quando une os amigos ao próprio Deus.<sup>404</sup> Essa concepção está profundamente ligada à revelação definida como autocomunicação de Deus.

Com base nas Escrituras, os padres da Igreja também denominavam a relação da pessoa humana com Deus como amizade possibilitada pela encarnação do Verbo na realidade humana e, pelo exemplo de amizade, Cristo nos mostrou um caminho de vida que conduz ao amor de Deus. Sendo assim, a eterna e nova aliança pode ser compreendida como comunhão de amizade.<sup>405</sup> Tal vivência da amizade leva a estender essa amizade a todo o gênero humano, incluindo os “inimigos” (Mt 5,44). A importância dessa relação de amizade entre Deus e o ser humano é resgatada na teologia conciliar, como demonstra a *Dei Verbum*:

---

<sup>402</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 634.

<sup>403</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 636.

<sup>404</sup> MARA, M. G. Amicizia. In: BERNARDINO, Angelo di. *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, p. 158.

<sup>405</sup> MARA, M. G. Amicizia. In: BERNARDINO, Angelo di. *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, p. 159.

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação.<sup>406</sup>

Este trecho da *Dei Verbum* sintetiza toda a revelação e história entre Deus e a humanidade como a aventura da amizade divina e humana. É a amizade de Deus que nos resgata e nos salva de todo e qualquer mal. É o Amigo, dando sua vida em favor de suas amigas e amigos, que vence a morte pela força da amizade. O Papa Francisco também fala do poder da amizade e encontro com Deus que nos torna verdadeiramente humanos.

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?<sup>407</sup>

O cultivo desta amizade com Deus é o que vai nos santificando, isto é, o amor-amizade vai nos transformando no Amigo amado. Como dizia um dos participantes da prática teológico comunicativa, os santos são os verdadeiros amigos de Deus e o seu exemplo nos anima a buscarmos cada vez mais essa amizade. Muitos doutores e doutoras da Igreja contaram a experiência e o significado dessa amizade com Cristo. Os santos reformadores carmelitas são exemplos disso. Santa Teresa D’Ávila considerava a oração uma relação de amizade<sup>408</sup> e São João da Cruz acreditava que o amor que Deus nos comunica é tão forte que não há amor de amigo maior do que este.<sup>409</sup>

Para Santo Agostinho, a amizade verdadeira somente pode vir de Deus e se baseia em Deus, isto é, só podemos ser amigos de alguém porque Deus foi e é nosso primeiro amigo, e

<sup>406</sup> *Dei Verbum*, n. 2.

<sup>407</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 8.

<sup>408</sup> TEREZA D’ÁVILA. Livro da Vida. In: *Obras Completas*. 8, 5.

<sup>409</sup> JOÃO DA CRUZ. Cântico Espiritual 27, 1. In: *Obras Completas*, p. 848.

Ele nos une aos nossos amigos pelo vínculo do amor-caridade.<sup>410</sup> Assim, Deus nos ensina, nos dá o exemplo e nos concede o dom da amizade.

Uma das questões sobre a amizade cristã debatidas pelos padres da Igreja era se a caridade entendida por amizade fraterna dirigida a todos poderia ser conciliada com amizades particulares. Muitos deles, como São Basílio, aconselhavam a não cultivarem amizades especiais com alguns, somente a caridade para com todos. Já João Cassiano acreditava que as amizades particulares podiam ser positivas para crescer em caridade. Ele diferencia a amizade entre *ágape* – caridade universal – e diátesis – caridade afetiva dirigida a algumas pessoas em especial que compartilham algo em comum conosco como hábitos, interesses ou virtudes.<sup>411</sup>

Uma outra questão refletida pela patrística era se uma amizade afetiva poderia ser considerada caritativa. Santo Agostinho considerava a amizade afetiva um apego ao amor do mundo que nos afasta do verdadeiro amor de Deus. Ele conta em *Confissões* sobre um grande amigo que teve na juventude e da dor que sentiu por perdê-lo. Agostinho sentia-o como se fosse metade de sua alma. Quando seu amigo faleceu foi como se parte de si tivesse morrido junto com ele.<sup>412</sup> Após sua conversão, Agostinho arrependeu-se de ter se prendido tão fortemente a uma criatura e percebeu que fora uma vã loucura essa amizade terrena, pois a verdadeira amizade é conectada pelo amor que o Espírito Santo derrama sobre nossos corações.

Já São Bernardo de Claraval vê a afetividade dos amigos como presente de Deus por nosso amor generoso aos demais. Por nossa prática da caridade, Deus nos concede uma antecipação da alegria da amizade divina que vamos viver plenamente no Reino dos Céus.<sup>413</sup> Com estes breves exemplos quisemos demonstrar a vasta tradição que os cristãos vivem desde que Jesus nos revelou as bem-aventuranças da amizade com Deus.

### 3.6 O ENCONTRO COM O DEUS COMUNICATIVO E AMIGO: UMA LEITURA CRISTOLÓGICA NA PERSPECTIVA DA AMIZADE

Um amigo não apenas vai ao encontro de sua amiga e amigo que necessitam de sua ajuda, se preciso for, desce até a situação em que eles se encontram para resgatá-los e depois

---

<sup>410</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Livro IV, c. 4-7.

<sup>411</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 19.

<sup>412</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Livro I, Cap. IV.

<sup>413</sup> GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de. *Dicionário de Espiritualidade*, p. 19.

eleva a amiga e o amigo até a sua própria condição. Assim também fez Jesus, na encarnação, rebaixa-se à natureza humana; para nos resgatar, paga o preço da humilhação de ser assassinado e condenado à morte de cruz. Não poupando nada de sua vida por amor aos seus amigos, desce aos infernos e ressuscita, vencendo o último inimigo, a morte. Quando ascende aos Céus, exalta consigo toda a natureza humana, dividindo com seus amigos e amigas a sua herança, fazendo delas e deles co-herdeiros do Reino dos Céus e co-participantes da comunhão dos santos, isto é, torna-os amigos e amigas no Amigo.

Desde o início, o Cristianismo se desenvolveu como um movimento da palavra oral e escrita e até hoje permanece com essa característica comunicativo-linguística. Nos primeiros tempos do Cristianismo a comunicação oral era predominante, tanto a cultura comunicativa de Jesus quanto de seus discípulos e antes ainda a cultura semítica era marcada pela oralidade. Como atesta Peter Horsfield, o estilo de comunicação de Jesus “reflete fortemente as características do discurso oral e da prática cultural oral que afirmavam e validavam a cultura da população a quem sua mensagem foi endereçada”.<sup>414</sup> Embora a cultura escrita estivesse em expansão, a maioria dos seguidores de Jesus eram analfabetos e de baixa renda, como a maior parte do povo judeu, por isso, se optou pelo discurso oral.

A base comunicativa de toda a relação é a amizade. Na relação entre Jesus e a pessoa humana não é diferente, como demonstra a passagem que relata a aparição de Jesus Ressurrecto aos discípulos, no diálogo entre Jesus e Pedro em que o Mestre questiona três vezes: “Pedro, tu me amas?” Nas duas primeiras perguntas Jesus utiliza o verbo *agapan*, e na última *philein*. E Pedro responde três vezes com o verbo *philein*: Tu sabes que eu te amo (Jo 21, 15-17). Este amor é aquele característico da amizade, o “querer bem”. Então, Jesus pede uma demonstração dessa amizade: Apascenta as minhas ovelhas. Essa fala pode ser entendida: Se me queres bem, cuida do meu povo. Jesus insiste como um amigo que não sossega até ouvir a resposta positiva do outro amigo. Jesus, que não desiste dos seus amigos, ao perguntar três vezes a Pedro a respeito do seu amor, faz alusão direta a negação tripla de Pedro, a fim de corrigi-lo, purificá-lo, libertá-lo da culpa por sua fraqueza. “Com a pergunta tríplice, Jesus leva a Pedro a sua retificação total”.<sup>415</sup> Depois de tudo que passou, Pedro é capaz de corresponder ao amor e amizade de Cristo até a morte.

---

<sup>414</sup> HORSFIELD, P. The Ecology of Writing and the Shaping of Early Christianity. In K. Lundby (Ed.), *Media across religion: from early antiquity to late modernity*. New York: Peter Lang, 2003, p. 38.

<sup>415</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 879.

O intenso fascínio de Jesus sobre quem O encontrava dependia da verdade da sua pregação, mas a eficácia daquilo que dizia era inseparável do seu olhar, das suas atitudes e até dos seus silêncios. Os discípulos não só ouviam as suas palavras, mas viam-No falar. Com efeito, n'Ele – Logos encarnado – a Palavra ganhou Rosto, o Deus invisível deixou-Se ver, ouvir e tocar, como escreve o próprio João (cf. 1 Jo 1, 1-3).<sup>416</sup>

A amizade de Jesus é a forma de nos relacionarmos com o Deus Comunicativo. Cada época se compreende Deus de uma maneira um pouco distinta, se salientando uma característica de Deus. Qual característica de Jesus que devemos salientar hoje, qual traço de Jesus se torna mais importante numa era hipercomunicativa, quando falamos de Jesus, quando evangelizamos? Qual seria a característica de Jesus mais importante para um jovem conhecer e descobrir hoje? A prática dos grupos destacou no discurso dos nativos digitais a comunicação e a amizade como categorias cristológicas relevantes para se pensar a fé em Jesus Cristo nestes tempos digitais e de pandemia.

Sendo a amizade o princípio vital das boas relações humanas, e atualmente hipervalorizada, desenvolvendo um papel mais importante que os laços familiares. Pensar uma cristologia da amizade é reler a revelação sob a ótica de uma relação comunicativa de amizade entre Deus e a pessoa humana. De acordo com Martínez Díez, “toda teologia da comunicação deve ser em definitivo uma cristologia. E toda autêntica cristologia é, em definitivo uma teologia da comunicação”.<sup>417</sup> A *Communio et Progressio* nos dá o estímulo inicial para esta urgente tarefa, fazendo uma síntese da história da salvação na perspectiva da comunicação.

Quando, por própria culpa, o homem se separou do seu criador, viu-se também separado dos seus irmãos. Perturbada com efeito a harmonia com o Criador, perturbada ficou a harmonia com os irmãos e seguiram-se guerras, discórdias e impossibilidade de intercomunicação. Porém, o amor de Deus persistiu, apesar da aversão do homem. Foi Ele que desde o começo da história da salvação entrou em diálogo com os homens; chegada a plenitude dos tempos, Ele mesmo se nos comunicou diretamente, e "o Verbo se fez Carne". Cristo, o Filho Encarnado, Palavra e Imagem de Deus invisível, pela sua morte e ressurreição, libertou o género humano, comunicando abundantemente a todos a verdade e a própria vida de Deus. Ele, único mediador entre o Pai e os Homens, reconciliou a Humanidade com Deus e restabeleceu a união entre os homens. A partir de então, é em Deus feito Homem, nosso Irmão, que se encontra o fundamento e protótipo da comunicação entre os homens. Ordenou em seguida aos Discípulos que levassem a Boa Nova aos Homens de todo o tempo e lugar, proclamando-a "à luz do dia" e "sobre os telhados".<sup>418</sup>

Assim, Cristo se apresenta como perfeito Comunicador. “Pela "Encarnação" fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicava com

<sup>416</sup> FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>417</sup> MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*, p. 211.

<sup>418</sup> *Communio et Progressio*, n. 10.

a palavra e com a vida”.<sup>419</sup> Jesus não falava como um estrangeiro, mas como alguém de dentro do povo. Comunicava a palavra do Pai como alguém que tinha autoridade, utilizando a linguagem que eles estavam habituados, com parábolas sobre os fenômenos da natureza, por exemplo. “Mas comunicar não é apenas exprimir ideias ou manifestar sentimentos; no seu mais profundo significado, é doação de si mesmo, por amor; ora, a comunicação de Cristo, é Espírito e Vida”.<sup>420</sup> Nesse sentido, a Eucaristia constitui a mais perfeita comunhão entre Deus e os seres humanos, comunicando-nos o seu Espírito vivificante e unificador, a fim de que nos conduza a comunhão definitiva escatológica. A amizade possui uma dimensão escatológica, pois antecipa a graça das bem aventuranças no céu onde todos seremos e viveremos como irmãos e irmãs. Como reflexo do Deus Criativo e Comunicativo, as produções tecnológicas fruto da engenhosidade humana são considerados dons de Deus para ajudar a humanidade a se comunicar e cultivar as relações de amizade.

O cristão encara "as maravilhosas invenções da técnica", que garantem a comunicação social entre os homens, como instrumento dos planos de Deus para promover as relações sociais durante a nossa vida na terra. Tais meios geram novas relações; surge linguagem nova, que torna o homem mais consciente de si mesmo e da pessoa do outro. A compreensão mútua e a boa vontade recíproca desabrocham naturalmente na justiça, na paz, na benevolência, na ajuda mútua, no amor e finalmente na comunhão.<sup>421</sup>

Assim, as mídias podem ser vistas como facilitadoras da comunicação humana que gera amor e unidade. Jesus de Nazaré em toda a sua vida desde a Encarnação nos demonstrou essas três dimensões – filial com o Pai, de amizade com as mulheres e homens, paterna dando sua vida pela nossa salvação - e nos convidou a viver a plenitude do amor.<sup>422</sup> Jesus é o “Amigo dos amigos”, pois ninguém foi mais amigo que ele. Para ser amigo do ser humano tornou-se um de nós, rebaixando-se para tornar-se igual aos seres humanos.

### 3.6.1 A *kenosis* de Deus

---

<sup>419</sup> *Communio et Progressio*, n. 11.

<sup>420</sup> *Communio et Progressio*, n. 11.

<sup>421</sup> *Communio et Progressio*, n. 12.

<sup>422</sup> Cf. BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 2, p. 61.

“Que o amor de Deus é tão profundo que Deus escolheu partilhar com a vida humana o seu modo vulnerável de sofrimento foi e é uma notável percepção cristã”.<sup>423</sup> Julie Hopkins conta que a constatação da teologia dos primeiros cristãos, de que o Deus de Jesus Cristo quis se tornar vulnerável como nós, por amor e em favor de nós, não partiu de um alto raciocínio sobre a Trindade ou sobre a natureza de Jesus, mas da experiência intensa de um processo de luto comunitário com a morte de Cristo e de êxtase com sua Ressurreição. Este processo chamado de *kenose* de Deus inicia na criação do universo e vai até a glorificação de Cristo.

Quando Deus Triúno decide criar o universo, as pessoas trinitárias iniciam o movimento de auto-humilhação de Deus que vai chegando a sua conclusão no mistério da Encarnação do Verbo. Jürgen Moltmann o explica da seguinte forma:

Deus permite que exista um ser diferente dele, à medida que se limita a si mesmo. Deus reduz a sua onipotência, abrindo o espaço para a sua imagem e semelhança, o homem. Ele deixa o seu mundo existir *dentro* da sua eternidade. A “*kenosis*” divina que começa com a criação do mundo, chega a sua forma completa na encarnação do Filho.<sup>424</sup>

A encarnação revela a verdadeira humanidade de Deus, isto é, o Filho de Deus se torna verdadeiramente humano e, com isso, a Trindade adota a condição limitada e finita da vida humana. De acordo com Moltmann, existem duas possíveis razões para a encarnação do Verbo. A primeira é casual, o Filho de Deus encarnou para nos salvar porque os seres humanos pecaram. A segunda é necessária, o Pai planejou desde toda a eternidade a encarnação do Filho, ideia concebida junto com a criação do universo e a própria criação foi pensada como etapa preparatória para a encarnação. A segunda opção parece mais adequada a este amor *kenótico*, infinito e comunicativo de Deus.

Em vista disso, “a encarnação do Filho representa o coroamento da primeira fase da criação, mediante a nova ligação humano-divina instaurada por Cristo, o Filho, na fraternidade em que são acolhidos os fiéis”.<sup>425</sup> A encarnação do Filho, portanto, inaugura a nova criação, o Reino de Deus, cujo ápice se dá na redenção pela paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Se o homem não houvesse pecado, ainda sim, o Verbo encarnaria rebaixando-se a condição humana para elevar as suas amadas criaturas a condição de filhas e filhos no Filho. Mesmo que os seres humanos tenham pecado, Deus os amou de tal forma que entregou o seu Filho Unigênito para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3, 16). Ainda

<sup>423</sup> HOPKINS, Julie M. *Towards a Feminist Christology*, p. 55.

<sup>424</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 128-129.

<sup>425</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 125.

que a pessoa humana tenha pecado, Deus manteve-se fiel ao seu plano de amor e comunhão para a humanidade participar da plenitude da vida. Sendo assim, a falta da pessoa amada é uma circunstância para demonstrar o seu amor salvando-a, não a razão pela qual a ama.

Por esse motivo é que o amor não pode cessar de amar, mesmo quando estiver superada a miséria pungente do amado. Em suma, o amor não pode contentar-se apenas em apagar os pecados. Ele só alcançará seu objetivo quando também vencer as condições que possibilitam o pecado. O amor não deseja apenas vencer a morte do amado, mas também a sua mortalidade, para poder também estar eternamente com ele e tê-lo eternamente consigo.<sup>426</sup>

Então, a encarnação do Filho efetuou a autocomunicação de Deus com toda a criação. Se Cristo, pela cruz, redimiu os pecadores e restaurou a relação entre o ser humano e Deus, pela ressurreição gerou vida nova. O Deus-Amor não se autocomunica apenas ao seu igual, mas também àquele que é diferente de si mesmo. A existência e relação com o outro transforma o amor divino em amor criativo. Entretanto, o amor criador só se torna amor feliz quando a criatura amada corresponde ao seu amor.

Embora o Antigo Testamento aponte para um Messias poderoso política e economicamente, um rei para liderar os judeus, a tradição cristã interpretou Jesus como o Messias com outra perspectiva de poder e glória. A glória de Deus se manifesta na humildade e total entrega, na capacidade de Deus rebaixar-se ao nível mais baixo da humanidade para resgatá-la do pecado e da morte. A onipotência de Deus se manifesta em sua infinita misericórdia e humildade. Jesus se identifica mais com a imagem do Servo Sofredor de Isaías (Is 52,13-53,12) do que com o Messias líder político judaico. Mesmo quando há declarações explícitas sobre Jesus ser o Messias nos sinóticos, como na profissão de fé de Pedro (Mt 16, 13; Mc 8, 27; Lc 9, 18), logo depois Jesus anuncia a sua paixão para mostrar que é um tipo diferente de salvação do que os israelitas esperavam. O Evangelho de João é o que elabora afirmações mais diretas da missão messiânica de Jesus, mais do que o próprio Jesus declarou sobre si mesmo. Isso mostra como João produziu um texto com reflexão mais teológica do que os autores dos sinóticos, ainda que todos os evangelistas manifestem suas interpretações sobre a vida de Jesus.<sup>427</sup>

O discurso teológico, conselhos pastorais e primeiro anúncio, conteúdo e forma da pregação dos apóstolos e dos primeiros cristãos, vão aparecer realmente a partir dos Atos dos Apóstolos e epístolas. Fundamentado em citações do Antigo Testamento, a proclamação de

<sup>426</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 126.

<sup>427</sup> MACKENZIE, John L. Jesus Cristo. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 482.



Jesus como Messias baseia-se também nos acontecimentos mais marcantes de sua vida como a paixão, morte e ressurreição (At 2, 31; 3, 18; 17, 3; 26, 23). A comprovação do papel messiânico de Jesus se dá na sua glorificação e exaltação pelo Pai que o constituiu Senhor e Cristo (At 2, 36; 10, 36).<sup>428</sup> O título Cristo empregado a Jesus se origina especialmente na teologia contida nos textos paulinos, nos quais há uso mais frequente do termo.

O tema da *quenose* tem seu fundamento na passagem de Filipenses 2, 5-11, principal escrito cristológico de São Paulo, que explica esse rebaixamento do Verbo a condição humana.

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda a língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.

Esta perícope paulina, que sintetiza as principais temáticas cristológicas do Novo Testamento, declara a natureza divina de Jesus e descreve o processo da encarnação como movimento de despojamento de si mesmo e de sua condição divina para assumir uma natureza humana e rebaixar-se ao patamar de servo de Deus. Semelhante sentido encontra-se em 2 Cor 8, 9: “Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza”. Embora rico pela comunhão divina, tornou-se pobre assumindo nossa pobreza de espírito. Mesmo inocente, tomou para si nossas enfermidades e o castigo radical da morte humilhante destinado aos verdadeiros pecadores. A primeira Epístola de São Pedro também reflete sobre a *quenose* divina fazendo o paralelo entre o servo sofredor (Is 53,5) e a entrega de Jesus na cruz, assinalando que Jesus é o Servo: “Sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para nossos pecados, vivêssemos a justiça. Por suas feridas fostes curados” (1 Pd 2, 24).

O termo *quenose* significa igualdade com a pessoa humana. Isso quer dizer que Jesus é a plenitude da natureza humana, ainda que a transcenda como sujeito. Essa igualdade entre Jesus e os seres humanos proporcionada pela *quenose* é o que torna possível a amizade da mulher e do homem com Deus. A *quenose* acontece em duas etapas. Primeira, a encarnação, o Filho de Deus assume a natureza humana. Segunda, a humilhação, viver como ser humano

---

<sup>428</sup> MACKENZIE, John L. Jesus Cristo. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 483.

concreto e ser morto injustamente e de forma desonrosa, completando o seu auto-aniquilamento nos dando a sua vida.<sup>429</sup>

Segundo Moltmann, não bastou para Deus assumir a finitude humana, tomou para si os nossos pecados e sentiu o abandono de Deus. Ele vive essa condição e a torna parte de seu amor quenótico que tem seu ápice na entrega da cruz. Com essa atitude, Cristo não apenas salva a pessoa humana, mas Deus se faz solidário até e além da morte. A partir do momento em que o Verbo encarna, ele não deixa mais de ser humano. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem por toda a eternidade será encarnado humano e solidário. Assim, o mistério da encarnação transforma as relações intratrinitárias, pois o movimento para o exterior de fazer-se pessoa humana implica primeiro o movimento para o interior de auto-humilhação de Deus.<sup>430</sup>

A doutrina tradicional da “*kenosis*” sempre considerou unicamente o aspecto da autolimitação, da auto-renúncia e da auto-humilhação de Deus. Ela deixou de ver o outro lado: as restrições de Deus para dentro são as condições para liberar os atos externos. Em parte alguma Deus é “maior” do que no seu rebaixamento, em parte alguma Deus é mais poderoso do que em sua impotência. Em parte alguma Deus é mais “divino” do que na sua humanização.<sup>431</sup>

Sobre a quenose, Joseph Moingt escreveu que o movimento de saída de si ao outro é um momento de morte, de despojamento e esvaziamento de si para que o outro viva. Moingt sintetiza esse fenômeno na palavra projeção:

O movimento de reconciliação é o momento do amor, projeção de si no outro, acolhida do outro em mim. Mas a morte é a prova do amor, [...] e o amor é a verdade da morte, corpo entregue, vida dada e partilhada [...]. O amor que é fruto da morte é transformação da morte em vida, negação da negação: vivo no outro, fora de mim mesmo como em mim mesmo [...] Assim, a mais perfeita posse de si mesmo se alia ao mais extremo despojamento de si mesmo.<sup>432</sup>

Portanto, a pessoa é um ser que se projeta para o outro, sendo dom de si ao outro, constitui-se no amor e encontra a verdade sobre si mesma. É através desse movimento que o homem Jesus se conduz a Deus como um filho se dirige ao pai, logo, a história de Jesus de Nazaré se efetua no Cristo, Filho Unigênito de Deus. A morte é renúncia de si e adesão a Deus “[...] a Cruz revela à fé que essa projeção se completou pela comunicação do mais íntimo de seu ser, que Deus faz a Jesus. A morte encontrou o amor; o trabalho de morte do corpo entregue

<sup>429</sup> BOUWMAN. Quenose. In: VAN DEN BORN, A (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1247-1248.

<sup>430</sup> MOLTMANN, Jürgen. *A Trindade*, p. 129.

<sup>431</sup> MOLTMANN, Jürgen. *A Trindade*, p. 130.

<sup>432</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 490.

completa-se no dom do amor em explosão de vida”.<sup>433</sup> Esse total abandono de si é um ato de plena liberdade na qual Jesus esvazia-se de tudo para que Deus fosse tudo nele, como a semente que morre para gerar muito fruto (Jo 12, 24).

Como retribuição a sua obediência até a morte, Deus o exaltou da posição de servo a Senhor dos céus e da terra. Essa passagem também explicita o caráter transcendental de Jesus. A conclusão da obra salvífica se dá na comunhão daquele que crê com o Deus Uno e Trino, em Jesus. Pelo batismo, nos revestimos da graça de Cristo (Gl 3, 27) e nos tornamos um com Ele. Assim, o fiel pode tomar para si a declaração de São Paulo que já não é ele que vive, mas é Cristo que vive nele (Gl 2, 20). “Através de sua paixão, ressurreição e glorificação, Jesus torna-se o Cristo que é a Igreja – e em sua vida vivem os seus membros”.<sup>434</sup> Pelo Espírito, Jesus habita em cada cristão e assim os fiéis ganham vida nova e se tornam co-participantes e co-herdeiros da graça divina, filhas e filhos no Filho.

O fruto da obra salvífica de Cristo é uma nova vida – e essa nova vida é vivida não apenas por Cristo, mas também em Cristo. [...] Cristo não é apenas o instrumento-agente por meio do qual é conferida a nova vida, mas também a causa eficiente, o princípio sobre o qual se norteia a nova vida.<sup>435</sup>

Diante disso, percebemos que a filiação de Cristo tem duplo sentido, um intratrinitário enquanto Filho Unigênito de Deus e outro extratrinitário enquanto ser humano, o novo Adão, o primogênito entre muitas irmãs e irmãos da família divina estendida (Rm 8, 29). Ser irmã e irmão de Jesus significa estar em conformidade com o seu ser e o seu caminho seja para a cruz, seja para a glória.

Não há comunhão com Jesus, Filho, a não ser na comunhão com Jesus, *irmão*. A comunhão com Jesus, irmão, é a participação no seu envio e no seu destino. [...] é a comunhão com ‘o menor dos seus irmãos’ (Mt 25). [...] significa, finalmente, a participação no mundo escravizado, que suspira pela ‘revelação da liberdade dos filhos de Deus’ (Rm 8, 19.21), e na experiência da ‘redenção do corpo’ (Rm 8, 23).<sup>436</sup>

Dessa forma, Jesus Cristo como Filho de Deus realiza em si a vocação de cada pessoa humana chamada a ser também filha de Deus, no Filho e pelo Filho todas as mulheres e homens são adotados como filhas e filhos do Pai. Então, Jesus, evento da autocomunicação de Deus à

<sup>433</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 491.

<sup>434</sup> MACKENZIE, John L. Jesus Cristo. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 483.

<sup>435</sup> MACKENZIE, John L. Jesus Cristo. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 484.

<sup>436</sup> MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 131.

humanidade, se posiciona ao mesmo tempo como Filho Único de Deus e o é em comunhão com todas as suas irmãs e irmãos humanos.<sup>437</sup>

Como se observou nos grupos de Teologia Comunicativa, nenhum dos jovens chamou Cristo de irmão, mas o chamaram de amigo, de *brother*. Então, precisamos reler essa fraternidade cristã como uma comunidade de amigas e amigos de Deus em Cristo Amigo.

Na visão de Paulo estar na Igreja é estar em Cristo, isto é, ser membro da Igreja é ser incorporado a Cristo, fazer parte do seu Corpo Místico. Assim, Cristo é um novo jeito de viver e ser no qual somos capacitados a viver a perfeição da graça e virtude cristãs. A expressão “em Cristo” também nos remete a dimensão cósmica de Jesus Cristo no pensamento paulino, em que Cristo exerce seu papel na criação e preservação da vida no universo como único mediador entre o divino e o humano.

### 3.6.2 Jesus Cristo é comunicação: comunicador, meio e mensagem

Jesus Cristo foi enviado pelo Pai para realizar duas missões comunicativas: autocomunicar Deus e servir de intermédio entre Deus e a humanidade.<sup>438</sup> “O título de Mediador atribuído ao Cristo, define o conjunto de sua Missão face aos homens, engloba, com efeito, seu ofício de profeta, sua tarefa de Servo, sua função sacerdotal”.<sup>439</sup> Segundo Christian Duquoc, Jesus inaugura uma forma inédita de mediação divino-humana indicada pelas expressões Filho do Homem e Filho de Deus. Estas denominações juntas apontam que Jesus não era apenas um homem descendente de Davi, mas possui uma humanidade transcendente por sua filiação divina. O homem Jesus, nascido de mulher, é ponto de encontro entre Deus e a humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Em João, Jesus apresenta-se como mediador entre Deus e o ser humano em diversas perícopes. Uma das principais é a que ele afirma ser o caminho, a verdade e a vida, e que ninguém chega ao Pai a não ser através dele (Jo14, 6). Para Mateos e Barreto, o caminho que Jesus apresenta e convida os discípulos a seguirem é o da entrega do amor até o fim, só por essa via é possível chegar ao Pai e a pátria celeste.<sup>440</sup> Jesus se identifica com esse caminho de dom

<sup>437</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 494-495.

<sup>438</sup> MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*, p. 212.

<sup>439</sup> DUQUOC, Christian. *Cristologia*, v.1, p. 190.

<sup>440</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 600.

total, o caminho a seguir é o exemplo de sua própria vida de puro amor ao Pai, às mulheres e aos homens. Mateos e Barros explicam que:

“Caminho” é conceito relativo, subordinado a um termo, ao que conduz. “Verdade”, por sua vez, é conceito adjetivo, que supõe um conteúdo e a ele se refere. No prólogo ficou patente que a verdade/luz tem como conteúdo a vida [...]. Dos três termos, portanto, o único absoluto é “a vida” [...]. Os outros dois devem estar em relação com ela.<sup>441</sup>

Dessa forma, a vida de Jesus é o meio pelo qual as discípulas e discípulos vão gradualmente crescendo na Vida de comunhão do Espírito, no conhecimento da Verdade de si e de Deus, percorrendo este Caminho de entrega e amor por toda a vida até o encontro definitivo com o Pai. Outra sentença cristológica metafórica com significado próximo a esta é a de Jesus como a porta: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem” (Jo 10, 9). Podemos ligar com At 17, 28 – “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” – Jesus é nossa vida, movimento e ser. Jesus é a Vida porque tudo foi feito por meio d’Ele (Jo 1,3). Então, o Verbo está no princípio da criação, tudo o que foi criado já possuía a vida n’Ele.

Agostinho aponta Jesus como único mediador entre divino e humano: “Purificados agora pela fé e reintegrados depois pela visão e reconciliados com Deus pelo Mediador, devemos unir-nos ao Único, gozar do Único e permanecer no Único”.<sup>442</sup> Por ser Mediador, Jesus intercede por nós junto ao Pai, como demonstra a oração de Jesus em Jo 17, 20-21: “Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um. Como tu Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”. Nesta prece ao Pai, Jesus manifesta o desejo da comunhão dos cristãos em Si, isto é, que os fiéis se unam em um só Espírito, por terem a mesma natureza, fé e amor, e formem o seu Corpo. Por seu intermédio, Cristo reconcilia os seres humanos com Deus gerando comunhão.

Entretanto, Agostinho fala em dois mediadores, um mediador da vida e o outro mediador da morte, recordando o texto paulino: “Se, com efeito, pela falta de um só a morte imperou através deste único homem, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo”. (Rm 5, 17). Para Agostinho, Jesus Cristo é o mediador da vida que, por seu exemplo de humildade e obediência, reconduz o ser humano ao caminho da vida plena, e denomina o diabo como mediador da morte, por incitar o

<sup>441</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 601.

<sup>442</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 7, 11, p. 161.

pecado de Adão. “Assim, aquele que, vivo no espírito, ressuscitou seu próprio corpo sem vida, verdadeiro Mediador da vida, expulsou das almas que nele creem o demônio que é morte no espírito e mediador da morte, impedindo-o de reinar no interior dos fiéis”.<sup>443</sup> Dessa forma, o mediador da vida venceu o mediador da morte.

Interpretando a mediação sob a ótica da amizade, Agostinho chama Jesus de amigo das mulheres e dos homens, como o próprio Jesus declarou, e o demônio de inimigo da humanidade. “Assim, o Filho de Deus dignou-se ser nosso amigo na participação da mesma morte, da qual não participando, o inimigo considerava-se melhor ou superior a nós”.<sup>444</sup> Analisando a história da salvação como um processo comunicativo, Jesus é o comunicador da boa notícia, que dá a vida comunicando a si mesmo, enquanto o demônio é o propagador da *fake news*, comunicador da mentira que leva o ser humano ao erro e à morte, a morte espiritual eterna, cuja morte física é seu sinal.

Jesus Cristo nos comunica a vida mediante o seu sacrifício por nós. A ofensa imensurável a Deus feita por nossos pecados só poderia ser redimida por uma oferta de valor imensurável, por isso, o Filho de Deus se entrega como vítima de valor infinito. Santo Agostinho explana que todo sacrifício é composto por quatro elementos:

[...] a quem se oferece, quem oferece, o que se oferece e por quem se oferece. O único e verdadeiro Mediador que nos reconcilia com Deus pelo sacrifício da paz, permanece na unidade com aquele a quem se oferece, faz-se um com aqueles por quem se oferece e é um só quem oferece e uma só oblação é oferecida.<sup>445</sup>

Em seu ofertório, Jesus é o sacerdote, o altar e o Cordeiro imolado em expiação dos pecados da humanidade inteira. Na linguagem comunicativa, na autocomunicação de Deus, Jesus é o comunicador, a mídia e a mensagem comunicada a todo gênero humano. Jesus não é palavra passiva de Deus, mas é o Verbo Encarnado, palavra ativa e performática que realiza o que enuncia (Jo 1, 3).

Agostinho explica que a fé é um princípio para chegarmos à verdade. “Mas quando chegar a visão de Deus, a fé então cederá lugar à verdade e a condição mortal à eterna”.<sup>446</sup> Isso nos recorda I Cor 13, 8-13. que diz que tudo na vida humana é provisório, os dons, carismas, conhecimentos são auxílios para nosso caminho, porém são realidades passageiras. Mas o que subsiste é a fé, a esperança e a caridade, sobretudo a caridade. Isso quer dizer que a verdade

<sup>443</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 13, 17, p. 167-168.

<sup>444</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 13, 17, p. 169.

<sup>445</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 14, 19, p. 171-172.

<sup>446</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 14, 19, p. 177.

eterna é a caridade. Na condição humana não vemos com clareza, mas na eternidade, veremos face a face. Agora temos um conhecimento limitado de Deus, mas na vida eterna, conheceremos como somos conhecidos. “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17, 3). A fé abre nossa capacidade racional à compreensão da incompreensível e misteriosa verdade eterna.

A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo esconde-se no fragmento, Deus assume o rosto do homem. Deste modo, a verdade expressa na revelação de Cristo deixou de estar circunscrita a um restrito âmbito territorial e cultural, abrindo-se a todo o homem e mulher que a queira acolher como palavra definitivamente válida para dar sentido à existência. Agora todos têm acesso ao Pai, em Cristo; de facto, com a sua morte e ressurreição, Ele concedeu-nos a vida divina que o primeiro Adão tinha rejeitado (cf. Rom 5, 12-15). Com esta Revelação, é oferecida ao homem a verdade última a respeito da própria vida e do destino da história.<sup>447</sup>

João Paulo II, na *Fides et Ratio*, explica que o verdadeiro conhecimento de Deus só é acessível e perceptível ao ser humano se iluminado pela luz da fé e da razão. No primeiro capítulo do Evangelho de João, é possível interpretar a metáfora da luz tanto como vida – “O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1, 4) - quanto como verdade, às vezes em sentido explícito, às vezes implicitamente – “e a luz [verdade] brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam” (Jo 1, 5). Santo Agostinho escreveu que a “nossa iluminação é uma participação no Verbo, isto é, àquela vida que é a luz dos homens”.<sup>448</sup> Em sua obra “A Trindade”, ele compara luz e verdade explicando que a luz da verdade divina não é como a luz que nossos olhos físicos enxergam, “mas como aquela que só o coração vê, quando escuta dizer: ‘é a verdade!’ Não perguntes o que seja a verdade, pois imediatamente se interporão névoas [...] que perturbarão a serena claridade que brilhou em ti, no primeiro instante em que te disse: Verdade!”<sup>449</sup> Com essas palavras, Agostinho descreve a experiência da verdade como um raio que toca e ilumina nossa mente e coração, e pede para voltarmos a atenção a essa verdade que habita silenciosamente no nosso interior e não nos distrairmos com as preocupações, paixões e outras racionalizações que nos distanciam da verdade divina.

Segundo Agostinho, existem dois verbos interiores, um originado e imagem do Verbo divino e outro gerado pelas concupiscências. Através da Verdade eterna, Agostinho acredita que é gerado, por amor, em nós um verbo interior que nos capacita ao verdadeiro conhecimento

<sup>447</sup> JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, n. 12.

<sup>448</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 2, 4, p. 150-151.

<sup>449</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, VIII, 2, 3, p. 263.

das realidades e que antecipa em nossa mente todas as nossas ações. “Ninguém faz algo voluntariamente sem antes o ter dito em seu coração”.<sup>450</sup> Como Jesus ensinou, não é algo que vem do exterior para o interior que torna o ser humano impuro, é, na verdade, do coração que saem as boas e más intenções (Mt 15, 18-20).

Na visão de Agostinho, todo aquele que consegue conhecer a palavra antes de ser pronunciada e de se formar no pensamento pode perceber nela a semelhança com o Verbo Divino que está desde o princípio de todas as coisas (Jo 1, 1).<sup>451</sup> Esse verbo interior que fala ao nosso coração conforme a Verdade da qual se origina e a qual reflete poderíamos dizer que é a base do *sensus fidei*, é a fonte do discernimento do que é correto, do que é verdade, do que é agradável a Deus.

Inclusive esse verbo interior manifesta-se em sinais sensíveis corpóreos, o que nos ajuda a identificar quando é o verbo interior da Verdade e quando é o verbo interior da concupiscência. Podemos perceber em sua obra “A Trindade”, uma teologia verdadeiramente comunicativa que vai além da reflexão sobre uma comunicação verbal e observa também os sinais visíveis, a comunicação visual, gestos, olhares, expressões faciais. Por exemplo, Agostinho cita o relato evangélico em que Jesus anuncia que um dos discípulos o entregará. Simão Pedro olha para João dando-lhe a entender que João perguntasse ao mestre quem seria o traidor (Jo 13, 21-24). Assim Pedro comunica por gestos o que não ousou pronunciar verbalmente. Agostinho fala também da comunicação escrita que rompe as distâncias e representam a nossa voz e o que pensamos.<sup>452</sup>

Agostinho distingue o verbo interior humano e a palavra de Deus proclamada. O verbo humano é imagem e semelhança do Verbo Divino. A palavra anunciada pelos profetas, apóstolos e o próprio Jesus é descrita como palavra de Deus porque transmite um ensinamento divino e não humano. Segundo Agostinho, precisamos chegar a esse verbo interior que antecede todos os signos e linguagens humanas, ele nasce de um saber imanente à alma expresso numa palavra interior. A diferença entre o verbo humano e o divino é que o primeiro foi criado à imagem de Deus, o segundo nasceu Imagem de Deus e é Deus mesmo.<sup>453</sup> Enquanto o Verbo Divino nasce da ciência de Deus que é a sabedoria, sua própria essência, o Verbo humano é fruto da ciência humana que nem sempre corresponde à essência humana.<sup>454</sup> Portanto, o verbo interior humano contém vestígios do Verbo Divino, mas não chega a se igualar a Ele. Quanto

---

<sup>450</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IX, 7, 12, p. 300.

<sup>451</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 10, 19, p. 505.

<sup>452</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 10, 19, p. 506.

<sup>453</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 10, 20, p. 508.

<sup>454</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 13, 22b, p. 515.



mais caminhamos na sabedoria, mais nosso verbo interior vai se assemelhando ao Verbo Divino. Todavia, por mais semelhantes que fiquemos, nossa natureza de criatura sempre será inferior à natureza do Criador.

Jesus pede para permanecermos na sua palavra, pois sua palavra é a verdade e a verdade nos liberta da corruptibilidade, do efêmero e da morte (Jo 8, 31-32). Portanto, a verdade é a eternidade, enquanto o pecado é a mentira que leva a morte. Toda a Primeira Epístola de João está permeada pela discussão sobre o espírito da verdade e o espírito da mentira, (re) conhecimento de Deus, a fé em Jesus que nos faz (re) nascer como filhos de Deus e o amor a Deus e ao próximo. A sentença “quem não ama não conhece a Deus porque Deus é amor” (1 Jo 4, 8) sintetiza todo o ensinamento da carta joanina de que o amor é o conhecimento de Deus, a verdade sobre Deus e o ser humano. Em relação a isso, Santo Agostinho escreveu que quem ama a si mesmo, ama a Deus, e quem não ama a Deus, mesmo que pense que se ama, na verdade se odeia, pois a pessoa que não ama a Deus realiza uma autossabotagem e se torna inimiga de si mesma. Em contrapartida,

Quando a alma ama a Deus, [...] dele se lembra, conhece-o, e com razão lhe é ordenado a respeito de seu próximo que o ame como a si mesmo. [...] já não ama com amor indevido, mas ordenadamente. Isso porque ama a Deus, do qual não somente é imagem por participação, mas nele se renova de sua velhice espiritual.<sup>455</sup>

A autêntica sabedoria da pessoa humana é dom de Deus que a concede pela participação da sabedoria de Deus mesmo. No pensamento de Agostinho vemos traços da teologia paulina que descreve Cristo como poder e sabedoria de Deus (1 Cor 1, 24), portanto, a Sabedoria de Deus é o próprio Verbo Divino.

[...] assim como designamos o Verbo único de Deus com o nome próprio de Sabedoria, embora o Pai e o Espírito Santo sejam também sabedoria em sentido genérico; assim também, no sentido apropriativo, aplicamos o termo caridade ao Espírito Santo, ainda que em sentido geral, o Pai e o Filho sejam também caridade.<sup>456</sup>

Claramente Agostinho identifica a personificação da Sabedoria no Antigo Testamento como uma pré-figura e versão feminina do Verbo Encarnado. Fazendo alusão à Sb 7, 27: “[...] a Sabedoria é enviada de certa maneira para estar com o homem, e de outra maneira para que seja homem. Pois, transfunde-se nas almas santas e forma os amigos de Deus”.<sup>457</sup> Assim,

<sup>455</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XIV, 14, 18, p. 465.

<sup>456</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, XV, 17, 31, p. 525-526.

<sup>457</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*, IV, 20, 27, p. 182.

podemos entender a verdade, da qual João escreve em seus textos, como a sabedoria divina. Neste elogio à Sabedoria (Sb 7, 22-30), aparece a relação entre sabedoria e amizade. O espírito da Sabedoria é descrito como amigo do bem (Sb 7, 22) e amigo dos homens (Sb 7, 23) e que estando nos seres humanos gera os amigos de Deus (Sb 7, 27). Em diversas passagens, tanto a verdade quanto a sabedoria são simbolizadas como luz (Hab 3, 4), clarão (Sl 27, 1), brilho da glória de Deus (Is 60, 1). João afirma diretamente que Deus é Luz (1 Jo 1, 5).

Moltmann compartilha dessa aproximação proposta por Agostinho entre a Sabedoria e o Verbo, e recorda o pensamento judaico sobre a *Shekinah*. Nessa tradição, a sabedoria divina era concebida hipostaticamente como “criatura de Deus”, filha ou filho. Já em Provérbios 8, a Sabedoria é descrita como uma pessoa constituída de consciência e vontade. Embora seja considerada mais do que uma característica de Deus, o autor bíblico ainda não a designa como uma pessoa divina. Em algumas passagens a Sabedoria é identificada com o Espírito Santo derramado nas obras e corações (Eclo 1, 9) que habita em toda a criação (Jó 28) e representa a glória de Deus (Is 6, 3). Em outros versículos, como Pr 8, 30, a Sabedoria é relatada como uma criança que brinca diante de Deus e o encanta. Portanto, ela é designada como um sujeito distinto de Deus, mas em comunhão com Ele, podendo ser considerada o Filho.<sup>458</sup> Elizabeth A. Johnson, refletindo sobre a relação entre Jesus e *Sophia*, afirma que Jesus é a Sabedoria feita carne.

Aquele que é o amor divino, o dom e o amigo se torna manifesto no tempo, em forma concreta, o carpinteiro judeu do século I, que ama, que se doa e é amigo, e que se torna profeta. Segundo o testemunho das Escrituras, Jesus é um autêntico fenômeno do Espírito, concebido, enviado, assistido, guiado e ressuscitado dos mortos pelo seu poder. [...] a confissão dos primórdios do Cristianismo de que Jesus é o Cristo representa [...] que Ele é o verdadeiro Messias, [...] aquele que foi ungido pelo Espírito. Através da história humana de Jesus, o Espírito que penetra todo o universo torna-se concretamente presente numa pequena porção deste mesmo universo: Sophia arma a sua tenda no mundo; a *Shekinah* habita em meio ao povo sofredor sob uma nova forma. [...] Jesus é o Emanuel, o Deus conosco.<sup>459</sup>

A partir dessa concepção baseada nas Sagradas Escrituras de Jesus como Sophia encarnada, Johnson questiona onde foi parar esta tradição da cristologia que valoriza o feminino e o masculino em Deus e critica a influência da visão de mundo patriarcal de dominação masculina no pensamento cristológico da Igreja. A teóloga alerta para o uso indevido da imagem histórica de Jesus como homem como instrumento religioso de marginalização da mulher.

<sup>458</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, 81-82.

<sup>459</sup> JOHNSON, Elizabeth A. *Aquela que é*, p. 222-223.

O fato de Jesus de Nazaré ter sido um ser humano do sexo masculino não entra em questão [...]. A masculinidade de Jesus é um elemento constitutivo de sua identidade, [...] e que deve ser respeitada como tal. Ela é tão inerente à sua personalidade histórica como é a sua peculiaridade familiar, étnica, religiosa, linguística e cultural. [...] a dificuldade surge da maneira como a masculinidade de Jesus é estabelecida dentro da teologia oficial androcêntrica e da práxis eclesial, o que resulta numa visão cristológica que reduz efetivamente a mulher.<sup>460</sup>

É pertinente pensar na Sabedoria como uma versão feminina do Verbo, por exemplo, quando pensamos na relação esponsal da alma com Deus. Para as mulheres é fácil pensar em Jesus como esposo de sua alma, mas para os homens facilitaria a assimilação se pudesse entender sua relação íntima com Deus como o desposar da Sabedoria, assim como declarou Salomão em Sb 8, 2: “Eu a quis, e a busquei desde a minha juventude, pretendi toma-la por esposa, enamorado de sua formosura”. Essa reflexão sobre a Sabedoria como o Verbo, a Palavra, a Verdade de Deus, não quer significar que o Verbo Encarnado é um ser assexuado ou hermafrodita. Jesus Cristo, é verdadeiro homem e sempre será do sexo masculino. No entanto, todo homem também tem seu lado feminino, pois nasceu de um homem e uma mulher. Portanto, na dimensão humana de Jesus, o feminino também é contemplado.

Então, a reflexão cristológica da Sabedoria serve para demonstrar os traços femininos de Deus e recordar que o Verbo se fez carne para a salvação e glorificação das mulheres e homens, de todo o gênero humano; que mulher e homem são imagem e semelhança de Deus, não apenas os homens; que aos olhos de Deus não há sexo preferido ou privilegiado. Na verdade, de acordo com Maria Clara Bingemer, os privilegiados do anúncio do Evangelho e do Reino de Deus são os marginalizados: mulheres, crianças, órfãos, viúvas, doentes e pecadores públicos.<sup>461</sup> As atitudes de Jesus em relação à mulher são um dos sinais mais visíveis da transformação da própria cultura e sociedade judaica que a Palavra encarnada quis nos trazer. Essa visão e prática redentora de Jesus se manifesta na aceitação do corpo feminino, não como inferior ou impuro como a cultura da época considerava, mas são revistos por uma antropologia integrada que dignifica a pessoa humana inteira, corpo vivificado pelo espírito.

Como o biológico na mulher era na sociedade daquele tempo o ponto central por onde passava a marginalização da qual sua pessoa era objeto, a práxis de Jesus é mostrada pelos evangelhos atuando aí concretamente como libertadora e salvadora, abrindo possibilidades e novos horizontes de comunhão a todas estas que a sociedade excluía, e proclamando o advento de uma nova humanidade onde a imagem original criada por

<sup>460</sup> JOHNSON, Elizabeth A. *Aquela que é*, p. 224.

<sup>461</sup> BINGEMER, Maria Clara. *Masculinidade e feminilidade*, p. 49.

Deus – “macho e fêmea” (Gn 1, 27) – pudesse chegar a sua plena estatura (cf. Ef 4, 13).<sup>462</sup>

Nos relatos sobre atos e palavras de Jesus de Nazaré não aparecem oposições entre mulheres e homens, encontra-se unidade na diversidade e relação igualitária como ouvintes, receptores e comunicadores da Palavra. Podemos ainda observar a dimensão feminina de Jesus nas histórias evangélicas, como integra formas de agir e pensar femininas e masculinas chegando a plena maturidade humana, sem medo ou vergonha de expressar sentimentos de ternura, amor, apreço, respeito e temor a Deus.<sup>463</sup>

Se afirmamos que, em Jesus, Deus se fez “igual a nós em tudo menos no pecado”, estamos com isso afirmando que, como qualquer um de nós, Ele viveu essa composição interior onde o domínio de um rosto da sexualidade não exclui a presença do outro. Em Jesus, homem, varão de Nazaré, o feminino está – real e concretamente presente. Podemos, pois, à raiz desta afirmação, dizer que, se Deus o ressuscitou e o constituiu Senhor e Cristo, toda a sua identidade pessoal, com tudo o que ela contém, foi assumida divinamente. Em Jesus, sua vida, suas palavras, sua práxis, sua pessoa, no mais íntimo do seu ser – por fim – o feminino é divinizado, pertence ao núcleo mais profundo do mistério do amor de Deus.<sup>464</sup>

Dessa maneira, Bingemer expressa que Deus se fez tudo em todas e todos, não na humanidade pela metade, mas salva a humanidade inteira, masculina e feminina. Jesus, mediador de toda criatura com Deus e primogênito da nova criação, é o protótipo de toda mulher e todo homem. Portanto, em comunhão com Deus, cada cristã e cristão são outros Cristos para o mundo, mediadores e canais da graça de Deus à humanidade.

Esse processo comunicativo e relacional da revelação divina e convite à comunhão de amor desenvolveu-se através de aproximações, encontros, gestos, palavras e ações – dos profetas, patriarcas, reis – que se complementam, esclarecem e atestam a veracidade umas das outras. “Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação”.<sup>465</sup> O Filho de Deus é a Palavra definitiva do Pai, que nos fala até hoje (Hb 1, 1-2). A vida de Jesus é toda comunicação.

Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens» (3), «fala, portanto, as palavras de Deus» (Jo. 3,34) e consuma a obra de salvação que o

<sup>462</sup> BINGEMER, Maria Clara. *Masculinidade e feminilidade*, p. 51.

<sup>463</sup> BINGEMER, Maria Clara. *Masculinidade e feminilidade*, p. 52.

<sup>464</sup> BINGEMER, Maria Clara. *Masculinidade e feminilidade*, p. 53.

<sup>465</sup> *Dei Verbum*, n. 2.

Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo. 5,36; 17,4). Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai (cfr. Jo. 14,9), com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna.<sup>466</sup>

Jesus é o perfeito Comunicador do Pai à mulher e ao homem de ontem e de hoje. A *Communio et Progressio* sintetiza a história comunicativa de Jesus Cristo moderador entre Deus e a humanidade:

Pela "Encarnação" fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicava com a palavra e com a vida. Não falava como que "de fora", mas "de dentro", a partir do seu povo; anunciava-lhe a palavra de Deus, toda a palavra de Deus, com coragem e sem compromissos; e, no entanto, adaptava-se à sua linguagem e mentalidade, encarnado como estava, na situação, a partir da qual falava.<sup>467</sup>

A instrução pastoral ensina que comunicar vai além da expressão de ideias e sentimentos, em seu sentido último, é doação de si mesmo àquele que amamos. Como Cristo comunicou-se por inteiro até as últimas consequências, esvaziando-se inteiramente.

[...] ora, a comunicação de Cristo, é Espírito e Vida. Assim, pela instituição da Eucaristia, Ele legou-nos a mais perfeita comunhão a que o homem na terra pode aspirar: a comunhão entre Deus e os homens, que traz consigo o mais alto grau de união dos homens entre si; Comunicou-nos, em seguida, o seu Espírito vivificador, princípio de unidade e fermento de congregação. Na Igreja, enfim, Corpo Místico e plenitude escondida de Cristo glorificado, o mesmo Cristo tudo abraça e tudo consoma; integrados, pois, nesta Igreja e provocados pela Palavra e Sacramentos que nos comunica, caminhamos na esperança daquela comunhão definitiva, quando "Deus fôr tudo em todos".<sup>468</sup>

Jesus está desde o início presente na história comunicativa de Deus com o ser humano. No princípio era o Verbo, o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus, tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito (Jo 1, 1). Portanto, Jesus é a comunicação de Deus desde sempre e para sempre. Porém, essa comunicação teve um ápice na encarnação do Verbo, na vida, paixão e morte de Jesus de Nazaré, portanto, podemos dizer que Jesus como evento comunicativo pode ser analisado desde a criação do mundo até os tempos escatológicos, desde o antigo testamento

---

<sup>466</sup> *Dei Verbum*, n. 4.

<sup>467</sup> *Communio et Progressio*, n. 11.

<sup>468</sup> *Communio et Progressio*, n. 11.

até o Apocalipse, a Palavra de Deus inteira é Jesus Cristo, ou dito de outra maneira, Jesus Cristo está presente em toda a Palavra de Deus, em toda a história da salvação.

Pensar Jesus Cristo em chave comunicativa e na perspectiva da amizade é mostrar a revelação como processo comunicativo na dinâmica entre silêncio e palavra numa relação entre amigos. É fundamental na vida cristã viver de forma mais plena esse processo comunicativo ritmado por momento de silêncio e fala na vida ordinária, na vivência da fé e na evangelização. Há momentos e situações que a nossa presença silenciosa e de coração aberto e escuta sincera é a melhor maneira de comunicarmos o Evangelho – “Ele não abriu a boca” (Is 53, 7). Sobre uma cristologia da Palavra e do Silêncio, que fala e cala, que luta e contempla, que louva e caminha, escreve Bruno Forte: “A cristologia da Palavra, sempre incompleta, remete assim a uma cristologia pobre, ativa no silêncio denso de escuta que muda a vida, e no serviço generoso da práxis de libertação dos oprimidos, em que a vida ultrapassa infinitamente a palavra”.<sup>469</sup> Seguindo essa ideia, o momento de maior comunicação de Deus com a humanidade acontece num período de profundo silêncio entre o último expirar de Cristo ao morrer na cruz e o primeiro respiro Jesus Ressuscitado.

### 3.7 INTELLECTUS AMICITIAE: A INTELIGÊNCIA DA AMIZADE CRISTÃ EM TEMPOS DIGITAIS E PANDÊMICOS

Neste tempo de angústia e sofrimento diante da pandemia do coronavírus que assola o mundo, precisamos vencer o isolamento com a comunicação, fortalecer, ainda que fisicamente distantes, o convívio com as amizades humanas e divinas. Neste período caracterizado pela comunicação digital como uma das principais formas de cultivo das relações interpessoais, precisamos pensar numa cristologia que corresponda aos apelos e necessidades de comunhão dos corações humanos. Especialmente os jovens sofrem com a medida de se distanciar fisicamente dos amigos e amigas, pois nessa fase a maior parte de seu tempo é passado com as amizades, seja no colégio ou faculdade, estágio ou trabalho, em seus tempos livres sempre estão junto dos seus amigos. Para os jovens católicos, faz muita falta neste momento as reuniões para rezar, receber formação humana e cristã e realizar atividades recreativas. Se não permanecem se encontrando de forma remota, correm o risco de a própria fé e relação com Jesus esfriarem. No entanto, se a juventude passa o tempo inteiro fechada em sua bolha digital, gastando metade do seu dia útil se entretendo com filmes e séries, olhando e ouvindo apenas aquilo que gostam

---

<sup>469</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 172.

e se identificam, pode ocorrer o efeito negativo da diminuição da empatia, de não tomar parte na transformação da sociedade, de não se abrir ao diálogo com o diferente.

Bento XVI dedicou a mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2009 à importância de promover uma cultura do respeito, do diálogo e da amizade, especialmente em tempos de redes sociais.

O conceito de amizade logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Este conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. Nas nossas amizades e através delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos. Por isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano.<sup>470</sup>

Na mensagem de 2013, Bento XVI também relaciona amizade e redes sociais, dizendo que “A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão”.<sup>471</sup> Bento XVI capta o cerne do chamado da rede como dom de Deus para facilitar a comunhão entre as pessoas. No entanto, para isso se realizar as pessoas precisam testemunhar nas redes aquilo que realmente são, pensam e fazem, pois “nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma”.<sup>472</sup>

Diante dos desafios deste momento da história humana, precisamos elaborar uma teologia que parte e se compadece da realidade global em que vivemos, que não seja apenas a fé que busca compreender os acontecimentos da sociedade, mas também o amor que procura entender os sinais dos tempos. É necessário, então, ir além da inteligência da fé e desenvolver a inteligência do amor. Pois, se Deus é amor, a inteligência de Deus é a *Sophia* do amor. A teologia latino-americana tem uma tradição de várias décadas deste *intellectus amoris*.

[...] os historiadores, ao analisar como estão presentes a *gnosis* e o *agape* nas diversas religiões, caracterizam o cristianismo antes de tudo como religião do *agape*; quer dizer, observam que no cristianismo o que tem prioridade última é o amor. Se é assim na revelação e na vivência real da fé, não se vê por que a teologia tenha que se compreender só como *intellectus fidei*, nem menos ainda reduzir-se a isso. Não se vê por que o fazer teológico [...] não tenha que dar prioridade ao que caracteriza a revelação e a fé cristã: o amor.<sup>473</sup>

<sup>470</sup> BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>471</sup> BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>472</sup> BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

<sup>473</sup> SOBRINO, Jon. *Teología en un mundo sufriente*. RLAT 5, p. 260.

Érico Hammes, em sua obra sobre a teologia de Jon Sobrino, explica que *intellectus fidei* e *intellectus amoris* caminham lado a lado, não se trata de substituir ou desvalorizar a tradição da teologia como inteligência da fé, “mas de realizar, na Teologia, as virtudes teológicas da fé (*intellectus fidei*), da caridade (*intellectus amoris*) e da esperança (*intellectus spei*)”.<sup>474</sup>

Entender a fé cristã é compreender uma história de amor entre Deus e a humanidade, cujos protagonistas esperam, na fé, o encontro definitivo para se tornarem um com a pessoa amada. Buscar compreender a autocomunicação de Deus é decifrar o enigma do amor incondicional e apaixonado de Deus por nós, que olha a nossa realidade e padece conosco. Como salienta 1 Cor 13, o amor tem primazia na tradição cristã, se é assim na práxis, na teologia não pode ser diferente.

A transformação da Teologia em *intellectus amoris* dá ao *intellectus fidei* uma nova dimensão. Enquanto no *intellectus fidei* as verdades a serem esclarecidas estão pressupostas, no *intellectus amoris* parte-se da pergunta pela verdade a ser esclarecida: a situação de pobreza e injustiça questiona diretamente a resposta do amor e pergunta pelas razões do amor. [...] Mais do que entender as verdades, a Teologia potencia o amor, introduzindo-o no próprio mistério de Deus e no encontro com ele. Teologia torna-se *mistagogia*, um “caminhar com Deus na história”.<sup>475</sup>

Uma teologia que nasce da vivência do amor que não é somente sentimento, mas responsabilidade pelo bem dos amados, redescobre o seu papel e importância em um mundo desolado pelo hedonismo, egoísmo e indiferença, doente e carente de ternura e solidariedade. O Reino de Deus é um reino em que o amor impera e é sua única lei, pois sintetiza e extrapola todas as outras. Sobre o *intellectus amoris* característico da teologia sobriniana, Hammes sugere que a teologia deve ser o momento de reflexão hermenêutica da vivência prática da fé e da caridade. Teoria e prática se influenciam, se afetam, se complementam e se necessitam mutuamente.

Ao propor a definição de Teologia como *intellectus amoris*, quer o autor salvadorenho [Jon Sobrino], exatamente, garantir essa dialética no exercício teológico. A exemplo da fé e esperança que se mostram eficazes no amor, uma Teologia *fides* e *spes quaerens intellectum* é sintetizada no *caritas quaerens intellectum*.<sup>476</sup>

Quem não ama, não conhece a Deus (1 Jo 4, 8), e ninguém ama, se não conhece. Isto é, o conhecimento de Deus aprofunda a vivência do seu amor e a prática do amor fortalece o desejo de conhecer mais sobre Deus. Sendo assim, teoria e ação são dimensões distintas, mas

<sup>474</sup> HAMMES, Érico J. *Filhas e filhos no Filho*, p. 102.

<sup>475</sup> HAMMES, Érico J. *Filhas e filhos no Filho*, p. 103.

<sup>476</sup> HAMMES, Érico J. *Filhas e filhos no Filho*, p. 105.



inseparáveis da mesma práxis cristã, como o ato em si e a consciência do ato. Podemos aprender de Jon Sobrino três etapas para se construir uma cristologia relevante: situar a reflexão teológica na realidade vivida e observada; desenvolver uma consciência crítica sobre a fé em Cristo vivida por pessoas e grupos reais; comunicar Jesus a partir de seu próprio discurso e da relação e relatos dos seus amigos.<sup>477</sup> Com isso, é possível produzir uma cristologia criativa e inovadora que encarna na realidade atual de inúmeros jovens. Como apareceu nos grupos de teologia comunicativa, a figura de Jesus como *brother*, como um “amigo-irmão” ou “amigo mais que irmão”.

A jovem e o jovem de hoje como lugares teológicos, como os *aniyyîm* – os pequenos e oprimidos de Deus – merecem o princípio misericórdia, encontrar o *anawîm* do Pai – Jesus Cristo. A *intellectus misericordiae* parte de um olhar compassivo para a realidade contextual e atual de sofrimento humano e exige justiça.

[...] a misericórdia é a reação concreta ante o mundo sofrente e que é reação necessária e última; que sem aceitar isto não pode haver nem compreensão de Deus, nem de Jesus Cristo, nem da verdade do ser humano, nem pode haver realização da vontade de Deus nem da essência humana. Ainda que a misericórdia não seja a única, é absolutamente necessária na revelação.<sup>478</sup>

Para Sobrino, a misericórdia é componente fundamental da teologia. A teologia deve esclarecer, expressar e proporcionar a misericórdia diante de um mundo em sofrimento, isto é, ser *intellectus misericordiae*. A teologia como *intellectus misericordiae* pode ser vista como o denominador comum da *intellectus iustitiae* e *liberationis* e da *intellectus amoris*. “[...] a finalidade da teologia da libertação é a libertação de um mundo sofrente e sua transformação no Reino de Deus. Por essa razão se concebe a si mesma como o *intellectus* [...] de uma misericórdia [...] adequada ao sofrimento do mundo”.<sup>479</sup>

A definição *intellectus misericordiae* é pensada para fundamentar uma teologia da libertação, mas este princípio pode ser utilizado em qualquer teologia que esteja enraizada em um contexto de sofrimento que vise sua redenção e transformação em Reino de compaixão e amor. “Parte-se da realidade, reflete-se e reinterpreta-se a fé a partir dessa realidade para voltar à realidade com novas perspectivas em vista de sua transformação”.<sup>480</sup> Comparando a tradição teológica latino-americana com os princípios, metodologia e prática da Teologia Comunicativa descritos na primeira e segunda seção da tese, podemos considerar que a prática de Teologia

<sup>477</sup> HAMMES, Érico J. *Filhas e filhos no Filho*, p. 106.

<sup>478</sup> SOBRINO, Jon. *Teología en un mundo sufriente*. RLAT 5, p. 256.

<sup>479</sup> SOBRINO, Jon. *Teología en un mundo sufriente*. RLAT 5, p. 258.

<sup>480</sup> HAMMES, Érico J. *Filhas e filhos no Filho*, p. 101.

Comunicativa realizada em dois grupos do Movimento de Emaús de Porto Alegre se encaixa numa teologia como *intellectus amoris* e *intellectus misericordiae*, pois é a fé e o amor compartilhado que buscam compreender e superar o sofrimento causado por uma situação de pandemia. No entanto, essa prática teológico comunicativa, embora local, extrapola o contexto latino-americano porque a realidade de pandemia e digitalização é compartilhada pela juventude global, a humanidade como um todo: a quarentena e o distanciamento físico; a comunicação de preferência digital; o medo e risco de contaminação de si, de amigos e entes queridos; a insegurança e ansiedade com o futuro incerto, as más políticas públicas ou falta delas, entre outros dilemas do nosso tempo.

Por isso, apesar de termos focado e aplicado na realidade juvenil, a relevância desta pesquisa atinge a humanidade em geral, pois atualmente a amizade não é só vivida de forma intensa na juventude, mas todas as áreas da vida necessitam do suporte da amizade. Em tempos de fragmentação e instabilidade familiar, de divórcios, segundas e terceiras uniões, de maior longevidade de vida, então, supõe-se mais pessoas viúvas; de menor natalidade, então, menos filhas e filhos para cuidar dos pais, a relação mais básica, fundamental e constante que temos hoje são nossas verdadeiras amizades. Os mais isolados e atingidos mortalmente pela pandemia, sem dúvida, foram os idosos. Neste sofrimento mundial, os idosos são os mais vulneráveis e excluídos socialmente e digitalmente. Neste sentido podemos ver a amizade hoje como um princípio de misericórdia, um fator fundamental para o anúncio do Reino de Deus hoje. Não apenas neste fenômeno da pandemia, a amizade é um princípio de misericórdia em qualquer situação de vulnerabilidade e sofrimento humano.

Baseado no *intellectus amoris* e *intellectus misericordiae*, podemos propor para a teologia contemporânea atenta à realidade e aos sinais dos tempos o *intellectus amicitiae*, a amizade cristã que busca compreender, em conjunto, a vivência da fé, do amor e da misericórdia de Deus num mundo que sofre de solidão. Dessa forma, ver Jesus como o melhor amigo, mais que irmão de sangue, que está sempre ao nosso lado para nos socorrer, nos ensinar, nos fazer companhia pelo caminho ou em nossa casa; e ver a história da criação e redenção como a nossa história de amizade com Deus se torna hoje uma das melhores fórmulas para a evangelização e para o anúncio querigmático. A *intellectus amicitiae* pode ser entendida como uma derivação do *intellectus amoris*, pois a amizade é um dos tipos de relação de amor, mas é a forma de relação amorosa mais necessária para o mundo sofrente atual. Como vimos no início desta seção a amizade cristã é caridade, não é apenas *philia*, mas também *agape* e contém a energia do *eros*. A amizade cristã é amor aos amigos e inimigos, aos familiares e estranhos, é fazer-se próximo

de todos. Para entender o profundo sentido da amizade cristã, podemos trocar tranquilamente a palavra caridade de 1 Cor 13 por amizade:

[...] se não tivesse a [amizade],  
 seria como bronze que soa ou como o címbalo que retine.  
 Ainda que tivesse o dom da profecia,  
 o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência,  
 Ainda que tivesse toda a fé,  
 [...] se não tivesse a [amizade], nada seria.  
 Ainda que distribuísse todos os meus bens aos famintos,  
 [...] se não tivesse a [amizade], isso nada me adiantaria.  
 A [amizade] é paciente, a [amizade] é prestativa,  
 não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho.  
 Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse,  
 não se irrita, não guarda rancor.  
 Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.  
 Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.  
 A [amizade] jamais passará,  
 [...] Agora meu conhecimento é limitado,  
 mas, depois, conhecerei como sou conhecido.  
 Agora, portanto, permanecem fé, esperança, [amizade], essas três coisas,  
 A maior delas, porém, é a [amizade].<sup>481</sup>

Este poderia ser o hino da amizade cristã, um guia para discernir as amizades verdadeiras ou o quanto as nossas amizades com Deus e com as pessoas tem ainda que evoluir. Pierre Babin já havia percebido a importância da amizade na catequização de jovens, por exemplo. Há quatro décadas, publicou um fichário da amizade, o resultado de uma pesquisa pastoral através de um questionário realizado em duas etapas, perguntado a 130 jovens e auxiliado por uma equipe de pesquisadores. Esse estudo visou oportunizar aos jovens expressarem suas ideias sobre o tema; possibilitar aos educadores conhecerem melhor a mentalidade e realidade juvenil; e principalmente elaborar orientações catequéticas, na linha pedagógica e teológica, sobre as relações de amizade.<sup>482</sup>

Outra obra de caráter mais teológico sobre a amizade é “*Der Freund: Annäherungen an Jesus*” de Eugen Biser. Publicada no final dos anos 90, ela também aborda a temática de uma cristologia da amizade em que Jesus vem em resposta ao medo e a solidão das pessoas daquele período e contexto.<sup>483</sup> Ele enfatiza a importância de encontrar uma nova imagem de Jesus adequada à atual fase de desenvolvimento humano e social e sugere a interpretação mística Evangelho de João como ponto de partida por apresentar Jesus como amigo.<sup>484</sup>

---

<sup>481</sup> 1 Cor 13.

<sup>482</sup> BABIN, Pierre. *Amizade*, v. 1, p. 5.

<sup>483</sup> BISER, Eugen. *Der Freund*, p. 9.

<sup>484</sup> BISER, Eugen. *Der Freund*, p. 230.

Compartilhamos com Biser essa preocupação por lançar um novo olhar para Jesus como *Brother* e tivemos como fonte inicial da reflexão desenvolvida nesta última seção a tradição joanina de Cristo como amigo. Vemos também como Babin o potencial de uma cristologia da amizade para a missão pastoral e catequética como a própria experiência dos grupos confirmou. O Papa Francisco amplia nosso horizonte local do pequeno grupo para a dimensão universal e até escatológica da amizade cristã como fraternidade humana. Em sua última encíclica expressa um conceito de amizade social com forte engajamento político em prol do bem comum e da fraternidade universal.

Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no «campo da caridade mais ampla, a caridade política».<sup>485</sup>

Essa noção social da amizade parte da premissa de que cada vida humana tem valor e uma dignidade imensuráveis, um pensamento fundamental neste momento em que governos colocam num lado da balança a economia e no outro vidas humanas. Ver e agir como todos importassem como amigos-irmãos revela a dimensão escatológica da amizade, pois antecipa o tipo de relação que nós viveremos no reino dos céus. “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3, 28).

Depois desse longo caminho, mas sempre bem acompanhado pela juventude, olhamos para o trajeto percorrido e podemos perceber a teologia comunicativa que estudamos e praticamos com os grupos como uma teologia da amizade, isto é, uma reflexão construída sob a força e inteligência característica da relação de amizade. Este processo interativo dialógico entre pessoas gera conhecimento de si mesmo, do outro e em comum como grupo de amigos construindo uma relação de reciprocidade, respeito e confiança. É a inteligência da amizade vivida pelos jovens dos grupos que buscou compreender quem é Jesus para eles nestes tempos digitais e pandêmicos, e assim descobriu também tempos de fraternidade e solidariedade com todas as amigas e amigos no Grande Amigo Jesus Cristo.

---

<sup>485</sup> FRANCISCO. *Fratelli Tutti*, n. 180.

## CONCLUSÃO

A presente tese de doutorado “Amigas e amigos no Amigo: Uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia” buscou pensar em uma cristologia para a era digital e os seus sujeitos, os nativos digitais. O que a pesquisa encontrou, no entanto, foi a demanda por uma cristologia comunicativa da amizade. Se pressupôs que em tempos de hipercomunicação e, contraditoriamente, de isolamento, o que a sociedade digital precisa é redescobrir a relação com o Deus Comunicativo. A experiência de partilha de saberes nos grupos juvenis mostrou que essa relação e comunicação com Jesus pode se realizar preferencialmente através de uma experiência de amizade.

Isso, na verdade, não surpreende se entendemos que o principal objetivo da Ciberteologia, isto é, de pensar a fé em tempos digitais, não é fazer divagações sobre a comunicação ou a tecnologia em si, mas, sobretudo refletir, sobre a vida hiperconectiva que temos e que se intensificou com a pandemia. Um dos desafios da rede durante a pandemia é não cair na armadilha da solidão. Para isso, vem em socorro uma cristologia da amizade, a percepção e vivência pela fé de Jesus Cristo como amigo de amor incondicional, que nos acompanha pelas estradas geográficas ou digitais da vida, quando nos sentamos em frente ao computador ou nos levantamos da cama, está conosco todos os dias até o fim dos tempos (Mt 28, 20).

A primeira parte, fruto de uma exaustiva pesquisa exploratória, traz exemplos de diversas linhas teológicas e teóricas ligadas as palavras-chave teologia, comunicação e cultura digital. Nesta busca por teologias que poderiam fundamentar a tese, destacamos a descoberta da teologia comunicativa, originada pelo trabalho em conjunto de um teólogo sistemático alemão de Tübingen, Bernd Jochen Hilberath, e um teólogo prático austríaco de Innsbruck, Matthias Scharer. Atualmente a Teologia Comunicativa é desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Internacional de Teologia Comunicativa, com representantes principalmente da Alemanha e Áustria, mas também, embora com menos representatividade, de outros países como Croácia, Estados Unidos e agora, através da autora dessa pesquisa, Brasil. Ao identificar as atuais vertentes de estudo entre teologia e comunicação, foi possível classificar a presente pesquisa como um estudo que contempla as teorias e teologias tratadas na primeira seção: Teologia da Comunicação, Teologia Comunicativa, Ciberteologia e Teologia Digital. No entanto, ela vai ainda além, buscando dar início a uma cristologia da amizade para entender, aproximar e compartilhar a fé em Jesus Cristo com a juventude digital.

Transformar a crise em oportunidade de inovação na pesquisa é um dos frutos dessa tese. Devido a pandemia, o método que utilizamos no encontro em grupos teve que ser adaptado à dinâmica, linguagem, recursos e limitações do ambiente digital, o que ocasionou uma evolução da metodologia inédita e inusitada. Ainda que sejam opiniões e vivências de dois grupos bem específicos de um movimento bem particular que não representa toda a Igreja, a narrativa da prática da teologia comunicativa não deixa de ser um retrato etnográfico deste período ímpar da história humana, trazendo as primeiras impressões e experiências pessoais de jovens adultos que buscaram viver sua fé no início do período de distanciamento social no Rio Grande do Sul como medida de combate à COVID19.

A prática de teologia comunicativa com dois grupos do movimento de Emaús, também pode ser classificada como prática de pesquisa participante e pesquisa ação, inspirada no método Paulo Freire, especialmente na descoberta e desenvolvimento de temas geradores. Essa prática obteve diversos resultados positivos, tanto para os próprios grupos quanto para o campo acadêmico. Para os grupos, tivemos o desenvolvimento de uma autorreflexão, autoconsciência e autocompreensão do papel e importância pessoal e comunitária. Ambos os grupos descreveram a experiência como positiva e providencial para o momento em que estavam vivendo, pois coincidiu com o início da pandemia e do distanciamento social, momento em que tiveram que migrar para o ambiente digital e reinventar a dinâmica grupal sem perder sua identidade. Então esta oportunidade de pensar sua vida e fé com o grupo trabalhando cada dimensão do ICT – eu, isto, nós e globo – foi extremamente enriquecedora. O processo, como prática de pesquisa ação, está inacabado. O próximo passo é devolver o material recolhido, análises e observações a fim de que o grupo possa traçar novas ações a partir das autodescobertas decorrentes das interações da pesquisa participante.

As narrativas teológico comunicativas não apenas comprovam a prática realizada e a descrevem, mas é um retrato da experiência de fé de dois grupos de jovens católicos no primeiro semestre da pandemia no Brasil, marcado pela quarentena, distanciamento controlado, trabalho e estudo *home office*, as mudanças de hábito causadas pelo contágio da COVID 19 que fez crescer o medo, ansiedade e insegurança do próprio futuro e de seus familiares.

O fato de ser um estudo aplicando uma abordagem e uma prática teológica inéditas no Brasil, podendo acompanhar seu desenrolar através da narrativa dos encontros, já tem resultado em si mesmo. Além disso, através da pesquisa bibliográfica e entrevistas em profundidade, descobrimos que tanto a Teologia Comunicativa tem influência da Teologia da Libertação e da experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), quanto a abordagem ICT de Ruth Cohn tem inspiração na metodologia de Paulo Freire, de forma especial nos temas geradores e

na busca por capacitar os próprios membros do grupo a formarem e expressarem seus saberes, produzindo nessa interação um conhecimento compartilhado como grupo que pode impulsionar e embasar futuras iniciativas concretas de mudança pessoal, social e comunitárias. Então, a experiência acadêmica e prática brasileira inspirou uma nova forma de fazer teologia e prática pedagógica europeia, e agora, pode ser inspirada de volta com essa nova abordagem que une teoria, prática e transformação da pessoa inserida num grupo que pode ser fermento na sociedade.

Todos estes métodos tiveram um *update* obrigatório devido à realização da pesquisa em meio as condições da pandemia do coronavírus: o desenvolvimento dos encontros no ambiente digital. Os encontros não apenas ocorreram no ambiente digital, mas a pandemia e o fenômeno digital foram dois fatores presentes e trabalhados nas partilhas e discussões feitas nos grupos, além do tema principal – a fé em Jesus hoje para jovens católicos engajados num grupo, num movimento eclesial, num contexto urbano, plural e laico – impulsionado pela questão pessoal – Quem é Jesus para você? A prática provou que é possível sim realizar uma teologia comunicativa digital.

O método teológico comunicativo leva em conta diferentes dimensões da vida pessoal e comunitária. Nesse diálogo reflexivo e participativo em grupo, o meio é a própria mensagem, isto é, no fato de jovens se reunirem escutando uns aos outros, tendo a coragem de se abrir e partilhar o que se pensa, numa relação de confiança mútua, isso já é o resultado, é *Koinonia*, é comunhão. Além disso, a prática exerceu sua principal tarefa de identificar o tema gerador de uma Cristologia para a era digital: a amizade com Jesus Cristo.

Nesse espírito de comunhão, poder construir um saber comunitário sobre a fé, aumenta a potencialidade da produção de conhecimento teológico. Esse método lembra a colegialidade episcopal tanto durante os sínodos, quanto na escolha do Papa. Não só a hierarquia da Igreja deve congrega-se e refletir juntas, mas todo o povo de Deus através de pequenos grupos em comunidades. Com essa prática de teologia comunicativa que proporcionou espaço para os jovens expressarem-se e partilharem seus saberes, podemos diagnosticar a potencialidade de construir uma teologia do Povo de Deus, uma teologia leiga, isto é, através do *sensus fidei*, as cristãs e cristãos são capazes de viver e refletir sobre a sua fé construindo em conjunto um *consensus fidelium*.

No entanto, esta prática exige um envolvimento de tempo, energia, organização e disponibilidade de pessoas muito maior que outras culturas do fazer teológico. Em alguns casos essa complexidade e demanda de tempo podem ser consideradas uma característica negativa desta prática teológica e não recomendada para certos trabalhos e pesquisas, dependendo de

seus objetivos e prazos. Como relatado na tese, normalmente se faz dupla pesquisa doutoral em Teologia Comunicativa, uma tese na área de Teologia Prática dedicada a desenvolver a prática e análise dos resultados qualitativos, enquanto outra na área de Teologia Sistemática para elaborar reflexão dogmática das implicações apontadas pela práxis. Por se tratar da primeira pesquisa de doutorado brasileira deste gênero, não houve a possibilidade de pesquisa dupla. Assim, Teologia Prática e Sistemática foram desenvolvidas numa mesma tese num período curto para tal tipo de cultura teológica, ficando muitos pontos a serem melhor explorados e aprofundados em pesquisas posteriores.

Salientamos que o estudo não visou chegar a resultados quantitativos como uma amostragem regional, mas encontrar categorias-chaves para pensar a fé e a relação dos jovens com Jesus Cristo na era digital. Sendo assim, a percepção dos grupos juvenis que valoriza a figura de Jesus como amigo não quer dizer que todos os jovens do sul do Brasil pensam dessa forma, mas a pesquisa mostrou que existe uma forte tendência de os jovens cristãos pensarem dessa maneira e um potencial para trabalhar com eles essa relação de amizade com Deus.

Esta tese não deve ser vista como uma forma tradicional de teologia sistemática, produzida apenas através de pesquisa bibliográfica e pensada por um único indivíduo. Sendo fiel a proposta de teologia comunicativa e pesquisa participante, a teologia sistemática foi realizada através dos grupos de interação, isto é, o coração dessa reflexão teológica sistemática aconteceu através da compreensão, expressão e vivência da fé dos integrantes dos grupos, num processo comunicativo, interativo, aberto e por natureza inacabado. Coube a mim, pesquisadora e moderadora, extrair o cerne das reflexões e dar voz a uma pequena parcela dos membros jovens do povo de Deus.

A descoberta da importância de Jesus como amigo do jovem, fruto das interações e partilha dos grupos, deu-nos o impulso inicial para desenvolver uma Cristologia da Amizade necessária para os tempos digitais e pandêmicos. O Cristo Amigo das mulheres e dos homens de hoje é o Jesus de Nazaré, histórico como nós e mais humano do que nós, que teve uma história, uma família, uma vida de alegrias, sofrimentos e desafios; é o Jesus Comunicativo, Verbo Encarnado do Pai, Ícone da Trindade, Comunicador, Meio e Mensagem; é o Cristo da fé, próximo, íntimo, que fala, escuta e se relaciona conosco agora, na situação e momento em que estamos; é o Cristo Salvador que nos liberta das estruturas de morte e pecado, que tem compaixão, dá a vida e cuida dos seus amigos e se faz amigo de todos indistintamente. Dessa forma, o Jesus em quem o jovem atual deposita a sua confiança, não é um Cristo desencarnado e descontextualizado, é a Palavra feita carne na vida inteira da juventude, o Cristo Amigo é humano, histórico comunicativo e jovem. Portanto, uma Cristologia Comunicativa da Amizade



ênfatisa as características mais importantes do Jesus histórico e do Cristo da fé para vivência cristã do jovem hoje.

Assim, chegamos a terceira e última seção que, fazendo um levantamento sobre a amizade em diversos campos do saber, definiu a amizade cristã como caridade, portanto, dom, virtude, prática e relação que cresce, amadurece e se aprimora com o tempo. Partimos também da correlação entre amizade e amor, através dos termos *agape* e *philia*. Percebemos que amizade e amor são realidades inseparáveis, às vezes coincidem, às vezes distinguem-se, mas amizade é a base de qualquer relação de amor verdadeira e a amizade perfeita é *agape* amor-caridade. Sendo assim, quando a primeira epístola de João afirma que Deus é *agape*, isso significa que a relação de amor fundamental entre as pessoas da Trindade é a amizade perfeita. Então, afirmar que Deus é amor significa dizer que Deus é amizade. E nós somos chamados a participar dessa amizade divina e sermos amigos e amigas como o Pai e o Filho são amigos e vivem neste Espírito de amizade.

A amizade divina intratrinitária é de igual para igual, mas para podermos ser amigos de Deus, Deus mesmo precisou vencer a distância que nos separava. O Deus Comunicativo e Amigo resolveu o problema da desigualdade entre natureza humana e divina rebaixando a si mesmo à condição humana num processo de *quenes*. Por isso Moltmann chama a história da criação de tragédia do amor divino, pois Deus teve que descer a condição humana, padecer e humilhar-se até a morte através de Jesus Cristo para ser nosso amigo. Ele também denomina a história da salvação como festa da alegria divina porque, quando Jesus vence a morte, é ressuscitado e glorificado pelo Espírito do Pai, a natureza humana é elevada junto com Cristo à plenitude da amizade divina. Pensando no mistério da Eucaristia, observamos que, em nossa relação de amizade com Deus, nossa oferta é incomparavelmente menor que a oferta de Cristo, isto é, constatamos a infinita desproporcionalidade entre a oferta humana do pão e vinho e a oferta divina do Corpo e Sangue do Filho de Deus. Assim, a amizade humana com o divino não pode ser medida pela nossa resposta que nunca será à altura de Deus, mas pela nossa abertura e disposição para acolher a amizade e a graça divina.

Com o exemplo da amizade que Deus demonstra pelas mulheres e homens, podemos pensar em soluções para as questões de desigualdade e polarização que afloram na sociedade global, na realidade brasileira, e mesmo na comunidade católica. Isso quer dizer que precisamos promover uma cultura de solidariedade, esclarecimento, abertura e diálogo, colocando o bem comum acima dos interesses ou opiniões individuais, a fim de formar a amizade social que o Papa Francisco explica na *Fratelli Tutti*, superando as barreiras econômicas, educacionais,

culturais, sociais e políticas para criar um corpo social que atue em unidade para vencer a pandemia e os demais problemas que nos assolam.

Assim, abrimos um caminho para desenvolver uma Cristologia Comunicativa da Amizade que é uma Cristologia Pneumatológica, pois, como Elizabeth Johnson disse, através da história humana de Jesus, o Espírito se torna concretamente presente no universo, a *Sophia* arma a sua tenda no mundo, a *Shekinah* habita em nós de uma nova maneira. É o Espírito de Amizade que comunica o amor e gera comunhão entre as amigas e os amigos. Como Agostinho explica na amizade existem três realidades: o que ama, o amado e o amor. Logo, a amizade humana pode ser ícone da Trindade divina e o Espírito que é amizade sempre está presente e realiza a relação de amizade, tanto a amizade entre pessoas humanas, quanto a amizade entre Cristo e os seres humanos. Podemos pensar então os grupos, paróquias e movimentos cristãos, a Igreja em geral, o Corpo Místico de Cristo, como comunidade de amigas e amigos no Amigo. A cristologia comunicativa da amizade iniciada nesta pesquisa enfatiza que mulheres e homens são chamados igualmente à amizade com Deus em Jesus Cristo, apresentando exemplos de amigas e amigos que aparecem nos relatos evangélicos. Aqui também demonstramos a importância de cultivar o espírito de amizade como caridade fraterna na Igreja e na sociedade contemporânea.

Através desta reflexão cristológico comunicativa que resgata a importância da amizade para a teologia e prática cristã, unindo-a com a tradição teológica latino-americana de Jon Sobrino do *intellectus amoris*, descobrimos a *intellectus amicitiae*, isto é, a inteligência da amizade, a força da amizade cristã que faz buscarmos juntos o entendimento da nossa fé, esperança e amor a Jesus Cristo. Neste tempo marcado pela cultura digital e pandemia, pelo isolamento e solidão, a amizade torna-se um princípio misericórdia fundamental para a missão cristã de construir o Reino de Deus hoje.

A partir desse estudo, quis contribuir para que a vivência virtual da fé não seja simulada, mas real. Que essa experiência da fé e da rede busque na raiz latina *virtus* – virtude – o seu sentido. Que este tempo de pandemia e virtualização não seja símbolo de fragmentação, desencarnação, mas de revigoramento, fortalecimento, desenvolvimento da virtude da fé que nos conecta diretamente a Deus e às amigas e amigos.

Esta pesquisa, desenvolvida em quatro anos, foi uma tarefa complexa e desafiadora, especialmente na ligação de todos os pontos. Uma obra trabalhosa que exigiu paciência e confiança no plano para tecer até o final e poder se maravilhar com o resultado. Considero um trabalho que valeu a pena realizar, pois não é uma formulação pronta e requeitada, mas é uma resposta da fé que busca compreender e se solidarizar com os dilemas do ser humano e da

sociedade atual, em processo de digitalização e sofrendo a devastação de uma pandemia. Por isso, mais do que nunca, a humanidade necessita do Deus sempre terno e misericordioso, da presença de um grande amigo com quem elas e eles sempre podem contar: Jesus Cristo, amigo das mulheres, dos homens, dos jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Thomas. *Ten Steps towards Partnership with the Community*. Kottayam: Ripples, 2003.

\_\_\_\_\_. What is TCI? *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, v.1, p. 11-16, ago. 2006.

\_\_\_\_\_. TCI and Indian Wisdom: Towards a concordance. *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, v.1, p. 17-29, ago. 2006.

\_\_\_\_\_. My most significant learning experiences as Co-leader in the workshop led by Dr. Elisabeth Miescher: A Process Analysis of workshop led by Dr. Elisabeth C. Miescher. *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, v.2, p. 78-82, fev. 2007.

\_\_\_\_\_. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 5, p. 66-69, mar. 2009.

\_\_\_\_\_. TCI goes to the Grass Roots. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 5, p. 59-65, mar. 2009.

\_\_\_\_\_. What is TCI? *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 5, p. 11-14, mar. 2009.

\_\_\_\_\_. Ruth Cohn and Mahatma Gandhi. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 6 e 7, p. 27-32, out. 2010.

\_\_\_\_\_. Theme helps even the blind. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 6 e 7, p. 91-92, out. 2010.

\_\_\_\_\_. What is TCI? *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 6 e 7, p. 71-76, out. 2010.

\_\_\_\_\_. TCI and Indian Wisdom: Towards a concordance. In: KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning*. Textbook for Theme Centred Interaction. Kottayam: Ripples, 2016, p. 245-258.

ABRAHAM, Thomas. TCI and Transformative Learning: Towards a concordance. In: KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning*. Textbook for Theme Centred Interaction. Kottayam: Ripples, 2016, p. 28-34.

\_\_\_\_\_. What is TCI? In: KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning*. Textbook for Theme Centred Interaction. Kottayam: Ripples, 2016, p. 17-20.

\_\_\_\_\_. TCI and Indian Wisdom: Towards a concordance. In: KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning*. A Reader in Theme Centred Interaction. Kottayam: Ripples, 2009.

AGILETRENDS. *Fishbowl*. Disponível em: <https://agiletrendsbr.com/fishbowls/>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

ALBERIONE, Francesco. *A Amizade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ANDERSON, Chris. *The Long Tail*. New York: Hyperion, 2006.

\_\_\_\_\_. *Free (Grátis): o futuro dos preços*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

\_\_\_\_\_, Clifford. “Digital Humanities and the Future of Theology.” *Cursor: Zeitschrift für explorative Theologie*, 1, p. 75-103, 2019. Disponível em: <https://assets.pubpub.org/4le5qgsw/61604912262373.pdf>. Acesso em: 10 de abr. de 2019.

ANDREOLLA, Jurema. *A fé cristã na era digital: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte e a experiência religiosa na internet*. 2012, 101f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ANTUNES, Manuel. Amor. In: In: CABRAL, Roque et al. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, 1989, p. 220-227.

ARASA, Daniel; CANTONI, Lorenzo; RUIZ, Lucio A (Orgs.). *Religious Internet Communication: Facts, Trends and Experiences in the Catholic Church*. Roma: EDUSC, 2010.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AVELLAR, Valter Luís; SILVEIRA, Emerson José Sena da (Orgs.). *Espiritualidade e Sagrado no mundo contemporâneo: questões de método e vivência em Ciências da Religião*. São Paulo: Loyola, 2014.

AZOK, G. How TCI helped me to animate my language class. *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, v.2, p. 78-82, fev. 2007.

BABIN, Pierre. *Amizade*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Amizade*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_; ZUKOWSKI, Angela Ann. *The Gospel in Cyberspace: Nurturing faith in the Internet Age*. Chicago, USA: Loyola Press, 2002.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BECK, Wolfgang. *Die Katolische Kirche und die Medien: Einblick in ein spannungsreiches Verhältnis*. Würzburg: Echter, 2018.

BENEDITINAS DA ILHA DE SÃO JÚLIO. Amor. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2013.

BENITO, Ángel (Org.). *Diccionario de las Ciencias y Técnicas de la Comunicación*. Madrid: Paulinas, 1991.

BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações*. Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090124\\_43rd-world-communications-day.pdf](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.pdf). Acesso em: 28 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Silêncio e palavra: caminho de evangelização. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20120124\\_46th-world-communications-day.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html). Acesso em: 27 de jan. de 2021.

BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20130124\\_47th-world-communications-day.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html). Acesso em: 27 de jan. de 2021.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Roma, 2005. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 07 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. *Caritas in Veritate*. Roma, 2009. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 07 de fev. de 2021.

BENVENISTE, Emile. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. v.1 Paris: Les Editions de Minuit, 1969.

BERAMENDI, Ariel. *Apuntes para una pastoral de la comunicación hoy: Los desafíos del nuevo ambiente digital*. Bogotá, Colômbia: PPC, 2016.

BHAT, Wasim Yousuf (Org.). *To Learn is to Change*. The story of TCI intervention for Teacher Empowerment. Ajman: Habitat Group, 2016.

BINGEMER, Maria Clara. Masculinidade e Feminilidade: Duas faces do mistério de Jesus. *Concilium*. Revista Internacional de Teologia. v. 3, n. 326, p. 45-56, 2008.

BISER, Eugen. *Der Freund: Annäherungen an Jesus*. München: Piper, 1989.

BOFF, Clodovis. *O Livro do Sentido: Crise e busca do sentido hoje*. v.1. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. Teologia. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 524-527.

BOGAZ, Antonio S; COUTO, Márcio A (Orgs.). *www.deus.com: Desafios da teologia num mundo virtual. "E o Logos se fez site?"*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BOUWMAN. Quenose. In: VAN DEN BORN, A (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes 1977, p. 1247-1248.

BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. A pesquisa participante: um momento de educação popular. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 31 de jan. de 2021.

BRECHT, Volker. Teologia Comunicativa: um exemplo perfeito de interdisciplinaridade bem sucedida. In: REIMER, Johannes; FAIX, Tobias; BRECHT, Volker. *Transformando o mundo: Fundamentos de uma teologia da transformação*. Curitiba: Editora Esperança, 2017. E-book Kindle.

BRIGHENTI, Agenor. Método Ver-Julgar-Agir. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

BRODY, Abe. Autonomy has a Price. In: KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning. A Reader in Theme Centred Interaction*. Kottayam: Ripples, 2009.

BROECKHOVEN, Egide Van. *Diário da Amizade*. São Paulo: Edições Loyola, 1975.

BRUGGER, Michael Anton. Intervision as a Tool of Empwerment: Chances and Risks. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 3 e 4, p. 59-76, jun. 2008.

BUTERA, Renato; CANEVA, Cláudia (Orgs.). *La comunicazione al servizio di un'autentica cultura dell'incontro*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2014.

CABRAL, Roque. Amizade. In: CABRAL, Roque et al. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, 1989.

CALLENS, Ivo. Moving towards Living Learning Organizations: The Transformational Leadership Concept of The Theme-Centred Interaction (TCI). *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 3 e 4, p. 31-37, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Generative Leadership: The Transformative Concept of Theme-Centred Interaction (TCI). *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 5, p. 46-52, mar. 2009.

\_\_\_\_\_. To my Teacher Ruth Cohn, with Love. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 6 e 7, p. 57-59, out. 2010.

CAMPBELL, Heidi A. (Org.). *Digital Religion: Understanding Religious Practice in New Media Worlds*. New York: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_; GARNER, Stephen. *Networked Theology (Engaging Culture): Negotiating Faith in Digital Culture*. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group. Edição do Kindle, 2016.

CAREY, James W. A cultural approach to communication. In: MCQUAIL, Denis. *McQuail's Reader in Mass Communication Theory*. Londres: Sage Publications, 2002.

\_\_\_\_\_. *Communications as culture: essays on media and society*. New York: Routledge, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.

\_\_\_\_\_. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 4 e 5 de Mar. de 2005.

CELAM. *Para uma Teologia da Comunicação na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CIUDADANO JR, Virgilio F. *Social Communication Formation in Seminaries and Schools of Theology: An Investigation*. Manila, Filipinas: Logos Publications, 2015.

COBB, Jennifer. *Cybergrace: the research of God in the digital world*. New York: Crown, 1998.

COHN, Ruth. *Courage: The Goal of Psychotherapy*. Ruth Cohn Archiv: HUB, UA, NL Cohn, N. 8, Bl 115-130. 14 de jan. de 1957. Discurso dado a membros do Theodor Reik Clinic no Plaza Hotel. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. *A Child with a Stomachache: Fusion of Psychoanalytic Concepts and Gestalt Techniques*, [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, Bl 243-250, 1960-71. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. *Begginings – Farewells - Begginings: From Prejudice to Awareness. A Living Learning Process in Sketches*, [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, Bl 261-275, 1960-71. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. *Therapy in Groups: Psychoanalytic, Experiential, and Gestalt*, Chapter 10, [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, Bl 201-203, 1960-71. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.



\_\_\_\_\_. *Training Intuition*, [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, Bl 195-200, 1960-71, p. 167-177. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. Group Therapeutics Techniques as Educational Means in the training of Psychoanalytics. *Topic. Problem. Psychother.* New York, v. 5, p. 48-58, 1965. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 8, Bl 8-13, 1960-71. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. I must to do what I want: A Therapeutic Game For Therapists, Patients And Other People. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, v. 4, n. 2, p. 29-33, jul. 1968.

\_\_\_\_\_. *Training Intuition*, [New York], 1968. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 10, Bl 161-173, 1968. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. The Theme-Centered Interaction Method: Group Therapists as Group Educators. *The Journal of Group Psychoanalysis and Process*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 18-36, Winter 1969-70. Ruth Cohn Archiv: HUB, UA, NL, N. 7, BL 15-24, 1969. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. *A Workshop on a Countertransference: An Experiment in Countertransference Training of Psychoanalytic Therapists in a Group-therapeutic Settings*. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, BL 53-98, 1969. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

COHN, Ruth. *From Couch to Circle to Community: Beginnings of the Theme-Centered Interaction Method*, Chapter 19. [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 10, BL 225-230, 1969. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. Living-Learning. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 5, n. 3, p. 31, Fall/Winter, 1969.

\_\_\_\_\_. Doc is Up: In Memoriam – Henry Guze (1919-1970). *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 7, n. 1, Issue 23, p. 6-7, Spring, 1971.

\_\_\_\_\_. Widening Circles. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 7, n. 1, Issue 23, p. 23-25, Spring, 1971.

\_\_\_\_\_. *On Leading a Group of Hearing and Deaf Professional Workers with Deaf People* [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, BL 213-216, 1971. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. *Style and Spirit of the Theme-Centered Interaction Method* [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 7, BL 99-159, 1971. Manuscrito não publicado disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. Beyond Within. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 8, n. 3, Issue 29, p. 78-83, Fall, 1972.

\_\_\_\_\_. Solitude, Beauty, Serenity (A “Long-Living” Person). *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 8, n. 2, Issue 28, p. 19-21, Summer, 1972.

\_\_\_\_\_. Cure by Food. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 9, n. 2, Issue 32, p. 56-59, Summer, 1973.

\_\_\_\_\_. *Experientialism: Autism or Autonomy*. [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, UA, NL, N. 10, BL 103-120, 1973. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

COHN, Ruth. *Group Leading based on Existential Postulates (Theme-Centered Interactional Method)*. [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 8, BL 14-21, 1975. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_. Mountain Maid. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 11, n. 2, Issue 40, p. 24-25, Summer, 1975. Poema.

\_\_\_\_\_. Particle/Waves – What Do They Mean for Psychology and Religion? *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, New York, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 19, n. 2, p. 69-75, Summer, 1983.

\_\_\_\_\_. Resignation als Chance zur Innovation? In: COHN, R. *Es geht ums Anteilnehmen... Perspektiven der Persönlichkeitsentwicklung in der Gesellschaft der Jahrtausendwende*. Freiburg: Herder, 1989, p. 113-117.

\_\_\_\_\_. Re-Signing as a Chance for Innovation? In: OERTLI-CAJOCOB, Peter (Ed.). *Innovation instead of Resignation: 35 Perspectives for New Times*. Stuttgart: Haupt Pub., 1990, p. 123 – 128.

\_\_\_\_\_. I Must Do What I Want To (For Ten Minutes). Chapter 17. In: KUEBEL, Mary Anne (Ed.). *Living Learning: A Reader in Theme-Centered Interaction*. Delhi: Media House, 2002, p. 283-289.

\_\_\_\_\_. The Issue is Values. Chapter 8. In: KUEBEL, Mary Anne; ABRAHAM, Thomas (Ed.). *Living Learning: A Reader in Theme-Centred Interaction*. Kottayam: Ripples, 2009, p. 94-121.

\_\_\_\_\_. We are a Part of the Universe and Participate in it: The Globe. Chapter 13. In: KUEBEL, Mary Anne; ABRAHAM, Thomas (Ed.). *Living Learning: A Reader in Theme-Centred Interaction*. Kottayam: Ripples, 2009, p. 173-176.

COHN, Ruth. “*Preparing a Workshop*” *On the Way to Milwaukee*. [New York]. Ruth Cohn Archiv: HUB, N. 8, BL 14-21, [s. A.]. Documento de preparação do Workshop 31 disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

\_\_\_\_\_; FARAU, Alfred. *Gelebte Geschichte der Psychotherapie: Zwei Perspektiven (Konzepte der Humanwissenschaften)*. 4. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2008.

COHN, Ruth; MALAMUD, Daniel I. *Be your own Chairman: Participating in Small Groups*. 1972-1973.

COHN, Ruth; OCKEL, Anita. The Concept of Resistance in Theme-Centred Interaction: From the psychoanalytic concept of resistance to the TCI concept of disturbances to the beginnings of a societal therapy. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 5, p. 16-44, mar. 2009.

COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA PARA O GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Jesus Christ, Word of the Father: The Saviour of the Word*. Manila, Filipinas: Paulinas, 1997. COMPUTERHISTORY.ORG. *About*. Disponível em: <http://www.computerhistory.org>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

CÔRREA NETO, Sebastião. *Juventudes e vocações hoje: caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional*. São Paulo: Paulus, 2013.

DEBRAY, Regis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Deus um itinerário: Material para a história do Eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEFFAVERI, Maiko. *Cristo na era digital: interface da comunicação digital com a cristologia de J. Moltmann*. 2011, 83f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DEVI, Susheela. TCI and Teacher Education: A perspective based on an experience. *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, v.2, p. 58-60, fev. 2007.

DEWEY, John. *Democracy and Education: an introduction to the philosophy of education*. New York: Macmillan, 1916. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/852/852-h/852-h.htm>. Acesso em: 12 de abr. De 2021.

DOYLE, Dennis M. Interruptive Connections: The Promise of a Communicative Theology. *Ecclesiology*. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands, v. 10, Issue 2, 2014, p. 251-258.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DULLES, Avery. *The Church is Communication*. Roma: Multimedia International, 1971.

DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004.

DUQUOC, Christian. *Cristologia: ensaio dogmático*. O Homem Jesus. v. 1 São Paulo: Loyola, 1977, v.1.

EDINGTON, George; WINSTON, Bradford J. Introducing the Child. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*. New York, v. 10, # 2, Summer, 1973. Ruth Cohn Archiv: HUB, UA, NL Cohn, N. 106, BL 115-117, 1973. Documento disponível no Ruth Cohn Archiv, na Universidade Humboldt de Berlim.

EGGERT, Edla. *Desafios da Pesquisa Participante na Atuação da Igreja Hoje*. Texto apresentado na Escola Superior de Teologia da IECLB em 08 de jun. de 1988, p. 239-250.

EILERS, Franz-Josef. *Communicating in Ministry and Mission: An Introduction to Pastoral and Evangelizing Communication*. Manila, Filipinas: Logos (Divine World) Publications, 2009.

\_\_\_\_\_. *Communicating in Community: An Introduction to Social Communication*. Manila, Filipinas: Logos (Divine World) Publications, 2009.

\_\_\_\_\_. *Communicating Between Cultures: An Introduction to Intercultural Communication*. 4. ed. Manila: Logos Publications, 2012.

\_\_\_\_\_ (Ed.). *Communicating Church: Social Communication Documents, an Introduction*. 2. ed. Manila: Logos Publications, 2014.

\_\_\_\_\_. *Communication Theology. Some Considerations*. [s. L.], [s. A.]. Disponível em: [http://www.freinademetzcenter.org/pdf/Communication\\_Theology.pdf](http://www.freinademetzcenter.org/pdf/Communication_Theology.pdf). Acesso em: 21 de out. de 2019.

\_\_\_\_\_; VU TA, Ahn. *Social Communication in a Theological Perspective: Communication Theology*. Manila: Logos Publications, 2015.

EPPLER, Hermann. Choice is yours. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*, Kottayam, Ripples, v. 6 e 7, p. 78, out. 2010.

FAGAN, Joen. What This Country Needs is a Good \$ 5.00 Psychotherapist. *Voices: The Art and Science of Psychotherapy*, Des Moines, Iowa, American Academy of Psychotherapists (AAP), v. 9, n. 4, Issue 34, p. 19-23, Winter, 1973/74.

FEIJTER, Ineke de. *The Art of Dialogue: Religion, Communication and Global Media Culture*. Berlim: LIT Verlag, 2007.

FELTON, Daniel J. The unavoidable dialogue: Five Types of Relationships between Theology and Communication. In: TRABER, Michael (Ed.). *Communication in Theological Education: New Directions*. Delhi: ISPCK, 2005.

FLAPAN, Dorothy. Na Interview With Dr. Edrita Fried. *Group: The Journal of Eastern Group Psychotherapy Society*. New York, v. 6, n. 1, p. 48-56, Spring 1982.

FORSCHUNSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE / COMMUNICATIVE RESEARCH GROUP. *Kommunikative Theologie. Selbstvergewisserung unserer Kultur des Theologietreibens. Communicative Theology. Reflections on the Culture of Our Practice of Theology* (KomTheoInt, 1/1). Berlim: Lit Verlag, 2007.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. *Para onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003.

FORTNER, Robert S. *Communication, Media and Identity: A Christian Theory of Communication*. Lanham, Maryland, USA: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/evangelii-gaudium/po/index.html>. Acesso em: 04 de dez. de 2013.

\_\_\_\_\_. Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2014. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html). Acesso em: 24 de jan. de 2021.

\_\_\_\_\_. Bula de Promoção do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*. Roma, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html#\\_ftnref5](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html#_ftnref5). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

\_\_\_\_\_. Carta Apostólica *Misericordia et Misera*. Roma, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html#\\_ftnref5](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html#_ftnref5). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*. Roma, 2016. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

\_\_\_\_\_. Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Roma, 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

\_\_\_\_\_. Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20210123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.pdf). Acesso em: 24 de jan. de 2021.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Roma, 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRICKEL, Michael. From TCI to Theme-Centered Meditatin: Backgrounds, Goals, and Developments. *Indian Journal of Theme-Centred Interaction*. Kottayam: Ripples, Issue 8, p. 47-59, dez. 2012.

FRIESEN, Dwight J. *Thy Kingdom Connected: What the Church Can Learn from Facebook, the Internet, and Other Networks*. Ada, MI: Baker Books, 2009.

GEORGE, Susan. Religion and technology in the 21st Century: Faith in the e-World. Hershey (PA): Information Science Publishing, 2006.

GEORGE, C.T. TCI grows You and Me Young. *International Journal of Theme-Centred Interaction*. Mahatma Gandhi University, Kerala, India, Inaugural Issue, p. 75-77, ago. 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBAL NETWORK FOR DIGITAL THEOLOGY. About. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2379232799022365>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

GLOBAL NETWORK FOR DIGITAL THEOLOGY. Voices in Digital Theology. *Youtube*. Disponível em:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLpTIV2qHmXymjYEUsoq0oC0L65pMHclI\\_&pbjreload=102](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpTIV2qHmXymjYEUsoq0oC0L65pMHclI_&pbjreload=102). Acesso em: 26 de fev. de 2021.

GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: The discovery of grounded theory strategies for qualitative research*. Chicago, 1967.

GOFFI, Tullo. Amizade. In: FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 12-24.

GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas; 2010.

GONÇALVES, J. Cerqueira. Ágape. In: CABRAL, Roque et al. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, 1989, p. 82-83.

GOULD, Meredith. *The Social Media Gospel: Sharing the Good News in new ways*. Colledgeville, Minesota, USA: Lithurgical Press, 2015.

GRESHAKE, Gisbert. *El Dios Uno y Trino: una teologia de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001.

GUAZIRA, Nadia Maria. Caritas: a demonstração do amor cristão. In: Congresso Internacional de História, VI, 2013, Anais, p.1-8. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2013/>. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

GÜLZOW, Matthias. *Das Evangelium und die digitale Welt: Was wir aus der Geschichte für die Zukunft der Medien lernen können*. Hannover, Alemanha: LVH, 2015.

HABERER, Johanna. *Digitale Theologie: Got und die Medienrevolution der Gegenwart*. Munique, Alemanha: Kösel-Verlag, 2015.

HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action*. 3. ed. Boston: Beacon Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Théorie de l'Agir Communicationnel*. v.1. Rationalité de l'Agir et Rationalisation de la Société. Paris: Fayard, 1987.

\_\_\_\_\_. *The Philosophical Discourse of Modernity*. Massachusetts: MIT Press, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Moral Consciousness and Communicative Action*. Massachusetts: MIT Press, 1990.

HAMMES, Érico João. *Filhas e filhos no Filho: a divindade de Jesus na cristologia de J. Sobrino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERRÁIZ, M. Amizade. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2013.

HILBERATH, Bernd Jochen; SCHARER, M. *Kommunikative Theologie: Eine Grundlegung*. Mainz: Matthias-GrünwaldVerlag, 2002.

HILBERATH, Bernd Jochen; SCHARER, Mathias (Orgs.). *The Practice of Communicative Theology: An Introduction to a New Theological Culture*. New York: The Crossroad Publishing Company, 2008.

HILBERATH, Bernd Jochen; SCHARER, Matthias; HINZE, Bradford E; (Orgs.). *Kommunikative Theologie. Zugänge – Auseinandersetzungen – Ausdifferenzierungen. Communicative Theology. Approaches – Discussions – Differentiation*. (KomTheoInt, 1/2) Münster: Lit Verlag, 2010.

HISTÓRIA. *Emauspoa.com.br*. Disponível em: <http://www.emauspoa.com.br/>. Acesso em: 30 de jan. de 2021.

HOJSGAARD, Morten T. WARBURG, Margit. (Orgs.) *Religion and Cyberspace*. New York: Routledge, 2012.

HOPKINS, Julie M. *Towards a Feminist Christology. Jesus of Nazareth, European Women and the Christological Crisis*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

HORSFIELD, Peter. The Ecology of Writing and the Shaping of Early Christianity. In LUNDBY, K. (Ed.), *Media across religion: from early antiquity to late modernity*. New York: Peter Lang, 2003, p. 37-53.

\_\_\_\_\_. *From Jesus to the Internet: A History of Christianity and Media*. Chichester, UK: Wiley Blackwell, 2015.

HUTCHINGS, Tim. Network Theology. *Journal of Religion, Media and Digital Culture*, v. 1, p. 1-14, jan. 2012.

IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et spes*: a Igreja no mundo atual. Roma, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 30 de set. de 2013.

\_\_\_\_\_. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: Sobre a Revelação Divina. Roma, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html). Acesso em: 26 de jan. de 2021.

\_\_\_\_\_. *Decreto Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja. Roma, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html). Acesso em: 03 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. *Declaração Gravissimum Educationis*: sobre a educação cristã. Roma, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html). Acesso em 04 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. *Nostra Aetate*: sobre a Igreja e as religiões não cristãs. Roma, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 04 de fev. 2021.

\_\_\_\_\_. *Dignitatis Humanae*: sobre a liberdade religiosa. Roma, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html). Acesso em: 04 de fev. 2021.

\_\_\_\_\_. *Communio et Progressio*: sobre os meios de comunicação social. Roma, 1971. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_23051971\\_communio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html). Acesso em: 04 de fev. 2021.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture*. New York: New York University Press, 2006.

\_\_\_\_\_; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Cultura da Conexão*. São Paulo: Aleph, 2014.

JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2005.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Dives in Misericordia*. Roma, 1980. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30111980\\_dives-in-misericordia.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html). Acesso em: 12 de fev. 2021.

\_\_\_\_\_. *Fides et ratio*: sobre as relações entre fé e razão. Roma, 1998. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.pdf). Acesso em: 12 de fev. 2021.

JOSAPHAT, Carlos. Amor/Caridade. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 16-20.



JUEN, Maria. *Die Ersten Minuten des Unterrichts: Skizzen einer Kairologie des Anfangs aus Kommunikativ-theologischer Perspektive*. Wien: LIT Verlag, 2013.

KINCAID, D. L. The convergence model of communication. *East-West Communication Institute Paper*, n. 18. Honolulu, HI: East-West Center, 1979.

\_\_\_\_\_. Recent developments in the methods for communication research. *Journal of East and West Studies*, 14, 1, p. 89-98, 1985.

\_\_\_\_\_. The convergence theory of communication, self-organization, and cultural evolution. In: KINCAID, D. L. (Ed.). *Communication theory: Eastern and Western perspectives*. San Diego, CA: Academic Press, p. 209-221, 1987.

\_\_\_\_\_. The convergence theory of intercultural communication. In: KIM, Y. Y.; GUDYKUNST, W. B. (Eds.). *Theories in intercultural communication*. Newbury Park, CA: Sage, p. 280–298, 1988.

\_\_\_\_\_. Communication network dynamics, cohesion, centrality and cultural evolution. In: RICHARDS, W. B. & BARNETT, G. A. (Eds.). *Progress in communication sciences* (Vol. 12, pp. 111–133). Norwood, NJ: Ablex, 1993.

\_\_\_\_\_. Mass media, ideation, and behavior: A longitudinal analysis of contraceptive change in the Philippines. *Communication Research*, 27(6), p. 723-63, 2000.

\_\_\_\_\_. Drama, emotion and cultural convergence. *Communication Theory*, 12(2), p. 136-52, 2002.

KINCAID, D. L., Yum, J. O., Woelfel, J., & Barnett, G. A. The cultural convergence of Korean immigrants in Hawaii: An empirical test of a mathematical theory. *Quality and Quantity*, 18(1), p. 59-78, 1983.

KINCAID, D. L.; BARNETT, G. A. Cultural convergence: A mathematical theory. In: GUDYKUNST, W. B. (Ed.). *Intercultural communication theory: Current perspectives*. Beverly Hills, CA: Sage, 1983, p. 171–194.

KINCAID, D. L.; Rogers, E. M. *Communication network: Toward a new paradigm for research*. New York, NY: Free Press, 1981.

KOTLER, Philip. *Marketing 4.0: do tradicional ao digital*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

KUEBEL, M. A; ABRAHAM, C. T (Orgs.). *Living Learning*. Textbook for Theme Centered Interaction. Kottayam: Ripples, 2016.

LEÃO, Lucia (org). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

LEDUC, Anthony. Cyber/Digital Theology: Rethinking about Our relationship with God and Neighbor in the Digital Environment. *ARC Journal: A Journal of the Asian Research Center for Religions and Social Communication*. Ladprao, Thailand, vol. 13, n. 2, p. 132-158, 2015.

LEGRAND, Lucien. Jesus as Communicator: A Biblical Perspective. *ARC Journal: A Journal of the Asian Research Center for Religions and Social Communication*. Ladprao, Thailand, vol. 10, n. 2, p. 158-175, 2012.

LEMOS, André. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65, jun. 2013.

\_\_\_\_\_. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LIENAU, Anna-Katharina. *Gebete im Internet: Eine Praktisch-Theologische Untersuchung*. Freiburg, Alemanha: CPV, 2009.

LIESEN, Maurício. Communicatio: communio: koinonia. *Questões Transversais*. Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, n. 4, p. 89-97, jul-dez. 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. 2.ed. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LITTLEJOHN, Stephen W; FOSS, Karen A. *Encyclopedia of Communication*. Thousand Oaks, California: SAGE, 2009.

LONERGAN, Bernard. *Il Verbo Incarnato*. Città Nuova: Roma, 2012.

LUHMANN, Niklas. *Sistemas Sociales*. Lineamientos para una Teoría General. Barcelona: Anthropos, 1998.

MACKENZIE, John L. Amor. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 34-38.

MANOVICH, Lev. *The Language of the New Media*. Cambridge, Massachusetts, USA: MIT Press, 2001.

MARA, M. G. Amicizia. In: BERNARDINO, Angelo di. *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. v.1. Roma: Marietti, 1983, p. 158-159.

MARCONDES, Daniel. Amor e Amizade. Eros e Philia. XX Fórum Nacional. Estudos e Pesquisas nº 232. Departamento de Filosofia PUC-Rio. Rio de Janeiro: INAE, 2008.

Disponível em:

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34199119/EP0232.pdf?1405356554=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DESTUDOS\\_E\\_PESQUISAS\\_No\\_232\\_Amor\\_e\\_Amizad.pdf&Expires=1612303457&Signature=bR8qX3jU6xf3EEafmctzac~eh6i2XTD-9oGFNcq~vNgu9YhcnWkatN2136OFI95XhHznONylhuOzeCAyEemuxSevy1PmUqx8IIIdYkGG3~4cn3LZaAsQHw57bhSkB5Rl0av2H1GBsTIMLyA4W8SEV-kNO5JnoRXIEVgjlBqKQhqVfrK5d2Pxn9wjzDWh5hdiPNX0dLZ1h-2CuLh~uT0M9I7YhinGMfA1GmNAgsr08CpHjEyT7liRgHhfxZJS7xySOS503qU91G5bqp-QckrfBiPdyM2Bf9dJ41kykbzEq00~bHOVnFjRM8CkSyPdH-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34199119/EP0232.pdf?1405356554=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DESTUDOS_E_PESQUISAS_No_232_Amor_e_Amizad.pdf&Expires=1612303457&Signature=bR8qX3jU6xf3EEafmctzac~eh6i2XTD-9oGFNcq~vNgu9YhcnWkatN2136OFI95XhHznONylhuOzeCAyEemuxSevy1PmUqx8IIIdYkGG3~4cn3LZaAsQHw57bhSkB5Rl0av2H1GBsTIMLyA4W8SEV-kNO5JnoRXIEVgjlBqKQhqVfrK5d2Pxn9wjzDWh5hdiPNX0dLZ1h-2CuLh~uT0M9I7YhinGMfA1GmNAgsr08CpHjEyT7liRgHhfxZJS7xySOS503qU91G5bqp-QckrfBiPdyM2Bf9dJ41kykbzEq00~bHOVnFjRM8CkSyPdH-)

ZUe1dgc4bss73i2Vr3H6qw\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

MARTÍNEZ, Felicísimo D. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

MATEOS, Juan. *O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MENDONÇA, José Tolentino. *Nenhum Caminho será Longo: Para uma Teologia da Amizade*. 5. ed. Prior Velho: Paulinas, 2012.

MEREDITH, Paul. Hybridity in the Third Space: Rethinking Bi-cultural Politics in Aotearoa/New Zealand. Te Oru Rangahau Maori Research and Development Conference. 7-9 July 1998. Massey University.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Deus que vem ao homem: Do luto à revelação de Deus*. São Paulo: Loyola, 2010, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Deus que vem ao homem: Da aparição ao nascimento de Deus*. São Paulo: Loyola, 2010, v. 2

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus*. Uma contribuição para a Teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOVIMENTO DE EMAÚS. *Estatuto do Instituto das Comunidades Missionárias de Emaús*. São Paulo, nº 544091, 23 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.emaus.org.br/nacional/wp-content/uploads/2018/07/Estatuto-do-Instituto-das-Comunidades-Mission%C3%A1rias-de-Ema%C3%BA.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

MUGRIDGE, Christine A; GANNON, Marie. *John Paul II Development of a Theology of Communication: Excellence of Communication of the Faith a Exemplified in the Apostolic Exhortation Ecclesia in America*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

NETWORK FOR NEW MEDIA, RELIGION AND DIGITAL CULTURE STUDIES. *About*. Disponível em: <https://digitalreligion.tamu.edu/about>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

NEUTZLING, Inácio. Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações. *Convergência*. São Leopoldo: IHU, Ano XLIII, n. 409, mar. de 2008.

NEY, Philip. Charity as the Perfection of Natural Friendship in Aquinas' Summa Theologiae. *Lethbridge Undergraduate Research Journal*. v. 1, n. 1. 2006.

NIDA, Eugene A. *Message and Mission: The Communication of the Christian Faith*. Pasadena, California: Willian Carey Library, 1960.

PALAKEEL, Joseph (Org.). *The Bible and the Technologies of the Word*. Bangalore, India: Asia Trading Corporation, 2007.

PANNENBERG, Wolfhart. *Fundamentos de Cristología*. Salamanca: Sígueme, 1974.

PHILLIPS Peter; SCHIEFELBEIN-GUERRERO, Kyle; KURLBERG, Jonas. Defining Digital Theology. *Open Theology*, 2019, 5, p. 29-43.

PLATHOTTAM, George. *Theological Perspectives in Social Communication: Communication for a Pastoral Leadership*. New Delhi, India: Dom Bosco Communications, 2010.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e Internet*. Roma, 2002. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_200228\\_church-internet\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_200228_church-internet_po.html). Acesso em: 23 de fev. de 2021.

PUNTEL, Joana T. Comunicação. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 169-171.

RAHNER, Karl. *Cristología: estudio teológico y exegético*. Madrid: Cristiandad, 1975.

\_\_\_\_\_. *El oyente de la Palabra*. Barcelona: Ed. Herder, 1967.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Bento XVI e a juventude: A partir dos discursos do papa nas Jornadas Mundiais da Juventude 2005-2011. *Revista Ciberteologia*, [s. l.], Ano VII, n. 36, p. 101-129, 2011. Disponível em: <https://Ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/bento-xvi-e-a-juventude-a-partir-dos-discursos-do-papa-nas-jornadas-mundiais-da-juventude-2005-2011-.pdf>. Acesso em: 03 de mar. de 2020.

ROLFES, Zelmuth; ZUKOWSKI, Angela Ann (Orgs.). *Communicatio Socialis: Challenge of Theology and Ministry in the Church*. Kassel, Alemanha: Kassel University Press, 2007.  
SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Bettina Steren; ANTUNES, Denise Dalpiaz. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), p. 149-164, jan./abr. 2007. *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190225164941/https://www.redalyc.org/html/848/84806108/>. Acesso em: 31 de jan. de 2021.

SÃO BENTO. *Regra de São Bento*. Disponível em: <http://www.movimentopax.org.br/saoBento/Regra%20de%20Sao%20Bento.pdf>. Acesso em: 07 de fev. de 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: Por quê? Para quê? Com quem?* Petrópolis: Vozes, 2020.

SCHARER, Matthias. "Redemptive Leading": Barriers and Opportunities in a Digital World. In: BOSCH, M; SOUKUP, P; MICÓ, J; et al. *Authority and leadership: values, religion, media*. Barcelona: Blanquerna Observatory on Media, Religion and Culture, p. 183-190.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. Amor. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. v.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.161-162.

\_\_\_\_\_. A Place for a God in the TCI World View. Within or Beyond the TCI system? Reflection on Thomas Abraham's correlation between TCI and Indian Wisdom. *Indian Journal of TCI*. Ripples – Forum for Creative Interventions. V.8, p. 33-39, dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Learning (in/through) Religion in the Presence of the Other. Accident and/or Test Case in Public Education. In: JUEN, Maria; RAHNER, Johanna; et al (Org.). *Anders gemeinsam anders?* Stuttgart, Alemanha: Grunewald, 2015, p. 223-238.

\_\_\_\_\_; ABRAHAM, Thomas. TCI Goes to the Grassroots: Workshop with participants from Nigeria, Marroco, Taiwan, India, Germany and Austria. In: JUEN, Maria; RAHNER, Johanna; et al (Org.). *Anders gemeinsam anders?* Stuttgart, Alemanha: Grunewald, 2015, p. 223-238.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. Caridade. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. v.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 510-511.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. Caridade Ativa. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. v.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 511-512.

SCHMIDT, Katherine. Virtual Communion: Theology of the Internet and the Catholic Imagination. (Electronic Thesis or Dissertation). University of Dayton, 2016. Disponível em: <https://etd.ohiolink.edu/>. Acesso em: 23 de jun. 2020.

SCHREITER, Robert; JORGENSEN, Knud. Mission as Ministry of Reconciliation. Eugene: Wipf & Stock, 2013.

SERRA, J. Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*. Beira Interior, Portugal: Livros Labcom, 2007.

SILVA, Aline Amaro da. Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede. Diss. (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes. Porto Alegre, 2015.

\_\_\_\_\_. Ciberteologia. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Anais do 28º Congresso Internacional da Soter: religião e espaço público: cenários contemporâneos*. Belo Horizonte: SOTER, 2015.

\_\_\_\_\_. Teologia Comunicativa: Uma proposta de cultura interativa do fazer teológico na contemporaneidade. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI*, n. 58, p. 76-83, 2018.

\_\_\_\_\_. Juventude e Teologia Comunicativa: como refletir sobre a fé com os jovens de hoje? *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-13, jan.-jun. 2020.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. A dança da vida: Buytendijk e a fenomenologia do encontro. *Revista Estudos Filosóficos*, n. 13, 2014, p.73-86.

SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cadernos CRH*, vol.24 no.63 Salvador Sept./Dec. 2011, p. 663-678. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>. Acesso em: 31 de jan. de 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. Instrumentum Laboris: os jovens, a f e e o discernimento vocacional. Roma 2018. Disponível em: <http://www.synod2018.va/content/synod2018/pt/instrumentum-laboris--os-jovens--a-fe-e-o-discernimento-vocacion.pdf>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

SOBRINO, Jon. Teología em um mundo sufriente. La teologia de la liberación como “intellectus Amoris”. *RLAT* 5, 1988, p. 243-266.

SOUZA, Andr eia Durval Gripp. A Igreja diante da cultura midiática digital: Desafios, caminhos e perspectivas. 2017, 110f. Disserta o (Mestrado em teologia) – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUKUP, Paul A. *Communication and Theology: introduction and review literature*. London: WAAC, 1983.

\_\_\_\_\_. *Christian Communication: A Bibliographical Survey*. Westport, Connecticut, USA: Greenwood Press, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Media, Culture and Catholicism*. Kansas City, USA: Sheed & Ward, 1996.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SRAMPICKAL, Jacob. *Communications can renew the Church*. Perumanoor, Kochi, India: Karunikan Books, 2009.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O Fen meno Humano*. São Paulo: Cultrix, 2006.

TERESA DE JESUS. *Obras completas*. 16<sup>a</sup> ed. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2011.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theol gica*. v. 3. II-II, q. 23, a. 1. 3. ed. Madrid: BAC, 1963.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*, v. 1, Primeira Parte, Questões de 1-49, 2. ed. Porto Alegre: Grafosul, 1980.

TRABER, Michael (Ed.). *Communication in Theological Education: New Directions*. Delhi: ISPCK, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunica o. In: DUARTE, Jorge;

UM POUCO DE HISTÓRIA. Emaus.org.br. Disponível em: <http://emaus.org.br/nacional/o-movimento/historico/>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

VAN DER MEIDEN, Anne. Appeal for a more communicative theology. *Media Development*. Roma, 4, p. 43-45, 1981.

VILELA, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*, 2(11), p. 29-36, 2020.

VOGT, Brandon. *The Church and New Media: Blogging converts, online activists and bishops who tweet*. Huntington, Indiana: Our Sunday Visitor Publishing Division, 2011.

VU TA, Anh. Communication Theology: a New Approach. *ARC Journal: A Journal of the Asian Research Center for Religions and Social Communication*. Ladprao, Thailand, vol. 9, n. 1, p. 1-40, 2011.

WAGNER, Rachel. *Godwired: Religion, Ritual and Virtual Reality*. New York: Routledge, 2012.

WARD, Graham. *Christ and culture*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WHITE, R. Los medios de comunicación social y la cultura em el catolicismo contemporâneo. In: LATOURELLE, R (Org.). *Vaticano II*. Balances y perspectivas. Salamanca: Sígueme, 1990.

WHITSITT, Landon. *Open Source Church: Making Room for the Wisdom of All*. Herndon, Virginia: Alban, 2011.

ZIZIOULAS, John D. *Being as communion*. New York: Vladimir's Seminary Press, 1985.

## APÊNDICE

### **Apêndice A: Transcrições da prática de teologia comunicativa do Grupo Maranathas**

Nestes apêndices se encontram as transcrições e anotações dos encontros com os grupos. As letras em caixa alta representam o nome dos participantes. No grupo masculino, acrescenta-se um m minúsculo junto a letra em caixa alta para identificar que são do grupo masculino. Em ambos os grupos, o “A” representa a pesquisadora.

#### **Datas dos encontros participados:**

05.04 - Observação

18.04 – Início de participação-interação

26.04 – Preparando com elas

27.04 – Preparando com elas

03.05 – Preparando com elas

17.05 – Preparando sozinha para elas

**1º Encontro: 05.04** – Apenas observação.

#### **Anotações:**

O grupo Maranathas existe há 09 anos, 2011.

“G” fez o curso com a “B” nº 77, faz 5 anos.

Para entrar no Emaús tem que fazer o curso do Emaús.

10 a 12 meninas, se reúne uma vez por semana

“N”, desde 2017, junto com a “C”, curso de preparação de amor cristão, seguindo os passos pilares do Emaús.

Uma prepara a reunião e fala sobre algum assunto, hoje a reunião é da “S”. É muito ruim para mim pela internet, eu gosto de tocar..

“T”, final de 2019.

“C”, 2017, junto com “N”, criamos este ano um perfil do Instagram do grupo.

Domingo de Ramos – assunto da meditação.

Dificuldade na comunicação pelo Hangout, prefere o presencial.



Leu o Evangelho do Domingo de Ramos.

Colocaram um vídeo com uma música para meditar: *Hosana hey, hosana há.*

*Day by day*, peça de teatro do Emaús, é uma entrada muito linda de Jesus em Jerusalém

Seguir Cristo é renunciar a nós mesmos.

É aclamado pelo povo como profeta, messias.

Acharam que era um messias social e político.

Para ensinar quem ele era, ele entra num jumentinho, mostrando a sua pequenez, que era um rei diferente.

Os ramos significam a vitória de Cristo.

O sentido da procissão de ramos é mostrar que somos peregrinos nessa terra, aqui é transitório, nossa casa é na eternidade.

Passaram outro vídeo sobre viver a Páscoa em meio à quarentena, em tempo de coronavírus, é Páscoa quando cada um assume a sua responsabilidade, se escorçam, fazem caridade, celebram em família, vencer a morte (o vírus), como eu. A Páscoa será diferente sim, mas não será uma Páscoa menor, o Cristo saiu do túmulo. Embora estejamos fechados, o amor não se fechou.

Partilha sobre o vídeo. Amaram o vídeo.

Resumindo em uma frase: O Domingo de Ramos significa seguir o Cristo e renunciar a nós mesmos.

“J”, médica, trabalha na CTI. Agradece as orações, está feliz de estar de volta ao grupo.

“N”, o que falar depois desse vídeo, estamos sendo mais verdadeiros nesse momento difícil. As vezes quando só seguimos os ritos a gente não vive tanto. A gente está com um comprometimento com o grupo que a gente não estava antes. Vai fazer uma live amanhã sobre autocuidado. Jesus ficou 40 dias no deserto meditando. Assim estamos também nesse contado interior conosco mesmo e com Deus.

Quanto tempo a gente não ficava tanto tempo em casa com a nossa família. Deus está nos dando uma oportunidade. Por que a gente nunca tem tempo?

A “N”, psicóloga, é menina das dinâmicas práticas: Quantas bênção a gente está vivendo essa semana, quantos motivos nos fazem exercer a gratidão para mudar nosso fluxo mental, energético e de confiança em Deus.

“S” viu a missa do padre João. A Semana Santa não acaba na Sexta-feira, ela termina no Domingo da Ressurreição, é um renascimento para nós também.

Hosana significa: salva-nos. Questão do medo: “Não tenhas medo” porque temos Deus junto com a gente.

“C”: Missa do Papa, ofertório, todos os padres leram um trecho da paixão de Cristo, na homília falou da importância do cuidado consigo e com o outro, não só os da nossa casa mas os de fora, aqueles que podem fazer a diferença. “Eis o meu servo que eu sustento, o Pai sustentou Jesus na Paixão, a senda do serviço é o caminho vencedor, que nos salvou e salva a vida. Os verdadeiros heróis ...

Autocuidado e ajudar ao próximo: Ação que eu lancei no grupo essa semana, duas sextas básicas para doação, ABBA e prefeitura de Porto Alegre, ela vai no Zaffari e já faz a compra e as outras fazem transferência para ela de uma parte do valor. Depois ela

As falas se complementaram, demonstra que estão em sintonia. Que a gente faça essa semana também a gente a prática da humildade.

Sempre torcem e rezam umas pelas outras.

“J”: Recapitular, resgatar os meus próprios valores, feliz em voltar, sentindo-se muito bem acolhida. Cada um fazendo o bem que pode, o que está ao seu alcance. É um pouco estressante, mas para todos também. Quero por isso me fortalecer em Deus para passar bem por isso. Um médico na Itália: hoje depois de sete semanas pode ver a esposa e os filhos. Mora com o noivo. Não vê os pais faz duas semanas.

Observações sobre o grupo: Jovens mulheres maduras na fé e na vida, bem formadas, profissionais responsáveis e engajadas.

**2º encontro: 18.04** – Início das interações.

### **Anotações:**

“Tm” entrou recentemente no grupo.

Teve problema com a plataforma escolhida porque ultrapassou 10 pessoas, então migramos para o Zoom.”C” preparou o grupo

Tentei aproveitar que estavam falando da missa que participariam no Zoom antes de começar realmente a reunião, mas uma delas se sentiu incomodada com a conversa inicial e achei melhor deixar para o final.

A reunião foi gravada para registro.

**Transcrição parcial da reunião de 00:37:00 a 01:11:11:**

A interação em grupo que faz parte da pesquisa foi realizada nos minutos finais do Encontro, por isso faremos a transcrição apenas do final do encontro. O Tema do Encontro foi uma reflexão sobre o Tempo Pascal, fizeram uma oração inicial, seguida de uma breve colocação sobre o tempo pascal, da apresentação de um vídeo explicativo “3 passos para viver o Tempo Pascal” e comentários a respeito do apresentado, de leitura de um trecho do Evangelho da Vigília Pascal, Lc 24, 13-25, e a leitura de um comentário deste Evangelho feito pelo Papa Francisco. Por fim, eu trouxe algumas questões para serem discutidas e comentadas.

A: Eu queria aproveitar o gancho e fazer umas perguntas pra vocês, em forma de partilha, ela falou, neste tempo que nós estamos vivendo que é a Páscoa, de uma maneira muito linda, parabéns. E também, esse tempo difícil que a gente tá vivendo ao mesmo tempo, e eu queria saber como foi pra vocês e como tá sendo, já faz um mês que a gente tá nessa situação de isolamento social e né, alguns tem que trabalhar, outros tem que ficar em casa, outros tem que trabalhar em casa e enfim, como tá sendo essa experiência pra vocês? E como foi a experiência da Páscoa, se vocês puderem partilhar.

I: É pra mim foi bem, tá sendo bem cansativo. Assim, tipo, não cansativo de estar cansada. Eu sempre saia né pra trabalhar e não tô saindo, fico em casa o tempo inteiro. Tem até uma piadinha que é que eu me arrumo pra ir levar o lixo pra fora, que é o único momento que eu saio de casa. O Eduardo meu marido, ele tá trabalhando, ele está indo trabalhar, porque se a empresa dele parar, os bancos param de funcionar né e domingo eu me dei esse gostinho, eu fui pra mãe, fui pra casa da minha mãe. Ah, pra quem não sabe, eu moro com meu marido e o Arthur e a Julia que são meus filhos moram com a minha mãe. Então, eu, com todos os cuidados eu abri mão né. Não, Páscoa é família, é amor né, então, eu acabei saindo, fizemos uma oração todo mundo na mesa e cada um voltou para a sua casa e voltamos ao isolamento e foi isso. E eu tô louca que passe já, bem cansada de de estar em casa, de não poder sair, de... Eu sei que é importante, mas .... ah... chega.

D: Pra mim também assim... Eu almocei com os meus pais e o meu irmão. O meu irmão, ele não mora mais lá em casa. Mas ele trabalha com o meu pai, então, inevitavelmente, ele vive o tempo inteiro lá em casa, tipo, podemos dizer que ele tá fazendo parte da nossa família mesmo não morando lá e, mas assim, foi bem difícil principalmente porque a minha mãe fez toda uma cesta pros meus sobrinhos e aí assim, tipo, o meu irmão foi buscar e aí tipo foi entregar a cesta, sair correndo e não chegar perto e criança não entende muito bem né, então, enfim, foi um desafio nesse sentido. E aí a minha família por parte de pai, meus avós estão vivos ainda, meus avós tem, meu vô tem 87 anos e pra gente assim, ele fez um momento muito forte assim de oração, enfim. E aí eu achei muito legal que a gente fez uma call no Zoom, a família toda, e

tipo o meu vô conseguiu participar e a minha vó também, a minha vó é mais tecnológica, mas tipo ele fez uma oração que é o que ele mais queria e assim todo mundo participou. Então, tipo ah por um lado assim, depois eu fiquei pensando, o meu primo tá na Austrália, o meu irmão tá em São Paulo, o meu outro primo tá na Holanda, tem um pedaço da família que não tá aqui, então, sabe, dessa maneira a gente talvez tenha conseguido unir mais gente do que se fosse presencial. Então eu tenho tentado é olhar muito por esse lado assim. Então, foi reconfortante assim, até surgiu a ideia de fazer isso todo domingo que era o dia que a gente se via. Então eu tenho tentado olhar por esse lado assim, bah tô podendo curtir muito mais meus pais, tô podendo almoçar em casa que era raro quando eu trabalhava na rua, agora tô trabalhando de casa, eu não conseguia fazer..., então nesse sentido só, mas claro que é difícil né, mas acho que olhar com um lado bom tem dado meu papel ultimamente assim sabe. (Mensagem no chat: Eu acho que este momento nos tornou pessoas mais gratas e caridosas).

G: Teus avós tão bem “D”?

D: Tão bem, tão bem. A minha vó é tipo muito tecnológica. Ela super consegue falar assim por whats e vídeo e tal, então assim, a gente super consegue matar a saudade, é, mas o meu vô ele tem problema de audição, então Pra Ele fica muito ruim por vídeo, assim, ele não consegue assim telefone e tal, sabe, então é... eu sinto assim, quem tá sofrendo mais é ele assim sabe ah.

J: Será que não dá pra colocar uma caixinha de som pra eles?

D: Não, é que a gente tentou colocar também, mas tipo, o ruído fica, a qualidade do som fica muito ruim, sabe. E aí pega no aparelho... tipo, claro que se consegue assim, mas poucos minutos sabe ele não consegue ah... tipo, eu liguei pra minha vó 40 minutos com ela, mostrei quarto, mostrei não sei o que... inventa né... e isso distrai muito né. Então, mas eles estão super bem assim, ah a minha tia que mora no andar de baixo tá, enfim, dando bastante apoio e tal e daí a gente não tá indo lá né, pra eles se protegerem, só a minha tia que mora ali junto mesmo, e, mas tão, tão bem, tão bem sim, eles super aceitaram que é o melhor pra eles assim sabe. Graças a Deus.

I: Tu comentou agora da tua vó, “D”, e eu me lembrei da minha, né, eu só tenho uma vó viva, que é por parte de pai que ah apesar de a gente se ver pouco assim, ah, ela é uma vó que eu tenho como exemplo assim, sabe. Eu morei muitos anos com a mãe da minha mãe, e com minha mãe junto, mas ela morava com a gente, só que o nome dessa minha avó que é mãe do meu pai é “I” também. Então eu tenho um carinho muito grande Por Ela assim, e nessa Páscoa ela me ligou e disse: ai “I”, precisava conversar com alguém, e eu sei que tu gosta de internet e aí ela me ligou por vídeo chamada do whats, e ela tem gurias 93 anos.

G: Ai querida.

I: Sim, e aí ela dizia: eu não sei usar isso, eu só sei que eu tô te vendo e eu tô feliz. [risos] E aí eu disse pra ela. Ah vó, quando passar essa loucura, eu prometo que eu vou aí e a gente passa a tarde juntas. Ela é super ativa assim, apesar da idade né, e ela disse assim: não, tu me pega aqui embaixo e a gente vai sair pra passear, porque eu não aguento mais ficar em casa, sabe. Então, ai tô louca pra ver ela assim, mas a gente sabe que é impossível, né. Mas, só queria compartilhar isso, desculpa interromper.

D: Imagina, obrigada pelo compartilhamento.

I: Ah outra coisa, desculpa... a chata... “C” quando tu falou ah da Oitava da Páscoa, que ainda é Páscoa pra nós assim. Eu me lembrei de uma fala que tem no Emaús, que é uma música também que fala que ainda é Páscoa na pequena Jerusalém dos nossos corações. Uma coisa assim, acho que é uma música. E aí eu me lembrei que eu acho linda essa frase né, e eu acho que poderia ser uma ideia duma, dum incentivo lá, duma arte lá no nosso Instagram né. Depois se tu quiser, eu te passo direitinho, mas eu tenho que confirmar se é uma música, eu acho que é, eu acho que é uma música e é uma frase linda assim. E quando tu falou, eu bah, vou anotar pra não me esquecer.

B: “C” ah, eu quero te agradecer pela reunião, por tu ter preparado tudo isso com muito muita delicadeza, muito carinho e nos tocou com certeza muito a tua fala né e nos fez refletir sobre, sobre esse momento pós Páscoa, e fez toda uma cronologia e é importante também a gente ser técnico, o cristão também tem que entender de liturgia né. Então, eu acho que é importante a gente também ter no nosso grupo. É, e me tocou muito aquela primeira imagem que falava, que mostrava o girassol né, quando tu falou ali né que o nosso sol é Jesus e nós somos os girassóis, então, ah, que lindo isso né. Então nesse momento da Páscoa até Pentecostes, enfim, mas que a gente sempre tenha e também ali quando tu falou que Deus é misericordioso né, que ele perdoa os nossos pecados e sempre na Páscoa, eu sempre me lembro dessa frase: “Que ele vive”. Né. Então, isso nos faz... É um conforto porque por mais que aconteçam diversas coisas, ele sempre viverá. Então, eu acho que com essa esperança, a gente vai ter mais encorajamento e com Deus tudo é mais fácil, eu acredito né. E por último ali, respondendo a pergunta da “A”, ah essa Páscoa pra mim foi um pouco diferente, pra todo mundo também tá sendo diferente pelo fato de eu não almoçar com a minha família, não almoçar com a minha mãe também porque ela é do grupo de risco e eu estive com uma pessoa que teve o Coronavírus, então, eu tava reclusa e eu fiquei com certo medo de encontrar ela, então, ah, eu acredito que essa Páscoa, eu me senti muito reflexiva com a morte de Jesus, assim, bem tocada nesse sentido, porque as outras

Páscoas a gente vive, mas essa foi muito diferente, então, essa foi a minha partilha sobre a Páscoa gurias.

C: Obrigada “B”. A “B” participou um pouco da semana assim, eu desabafei com ela em alguns momentos e partilhar as angústias e foi muito bom o resultado agora. Estamos te ouvindo “S”... Eu quero falar um pouco da minha semana...

S: Ai que bom, eu tinha saído aqui, tinha dado uma pane... E agora... tive até que tirar o fone agora... Eu queria dizer assim, eu queria dizer a mesma coisa que a “B”, que foi maravilhosa essa reunião. Eu peguei... consegui pegar um pouco num computador, um pouco no outro, ah... tu realmente tá te mostrando uma pessoa muito... E queria dizer pra vocês, “A”, tu, essa Páscoa, ah, meu aniversário foi dia 08, então, foi tudo junto assim, foi, foi muito complicado, no dia do meu aniversário a gente fez assim, um..., o M e o B compraram uma pizza, fizeram uma festinha, a família entrou pela internet né, foi muito legal, e a Páscoa, acho que pra todo mundo, “B” você tem razão assim, foi um momento mais pra refletir, não foi assim momento de ovo de chocolate, de isso e aquilo, foi um momento mesmo pra refletir o que que tá acontecendo, porque que a gente tá a qui né. Então eu acho que mexeu com todo mundo e eu acho que as pessoas tão mais gente assim, nesse momento, eu acho que nós todos, assim, nós estamos muito mais humanos do que antes. A gente tá vivendo, porque é complicado ficar 24 horas dentro de casa, no computador, e só aqui, só isso aqui, ainda mais eu que sou rueira, adoro uma rua, mas é, adoro uma rua e gosto muito de trabalhar e trabalhar em casa... ai eu fico nervosa. Eu acho que realmente foi um momento bem diferente, mas tem sempre que tirar o lado bom né, ah, eu acho que o lado bom ah, é isso. Né, a gente nunca conseguiu reunir 13-12 pessoas num grupo, e nós estamos em 12-13 pessoas aqui, sabe. Então, tudo isso tem que pensar o lado bom, o lado bom hoje foi a bela reunião da “C”, nós estamos em treze pessoas na reunião, sabe, eu acho que é tudo isso, que Deus nos mostra o lado bom nesse momento né.

B: Pessoas queridas voltaram também, né “S”.

S: Enfim, tudo isso, nossa, tô muito feliz. Tu viu que não precisa ter coordenadora nesse grupo né “A”. [risos]

J: Posso falar? Eu vou falar rapidinho. Quero agradecer também a “C” que tava muito rica a reunião mesmo. E por um momento eu até pensei: ai por que ela tá tão nervosa se ela fala tão bem? [risos]

C: É sempre uma questão “J”, hahaha... Só o tempo dirá.

J: Mas eu te entendo, eu te entendo. Mas realmente assim, foi muito, muito bom. E

C: É verdade, e ser luz também, né, ser girassol. Bom, a minha semana de Páscoa também foi bem atípica, sorte que eu tenho visto a minha afilhada pela videoconferência assim. Eu tenho

uma afilhada de dois anos e eu sou louca por ela e eu acho que uma das piores coisas disso foi não poder ver ela e a minha irmã né. E a gente tem se visto assim, e na Páscoa se viu também, mas foi uma Páscoa bem atípica assim. Mas eu, acompanhando a Igreja, eu consegui ter uma força assim maior. O que eu fiz assim foi me ligar mais nas missas do Papa, que eu conhecia ele, sabia que estava ativo, mas nunca tinha visto uma missa dele, assim, do início ao fim. Então, o que eu fiz foi me conectar mais ainda com a Igreja ah tendo acesso a essas missas, acompanhando on-line. Foi ali que eu aprendi coisas, que eu me fortifiquei assim né. Que eu tive forças pra aguentar né esses dias assim e entendi um pouco desse amora da Igreja por Cristo assim, dessa força né que é uma força poderosa assim. E eu acho que isso também contribuiu para a reunião de hoje assim, se eu não tivesse visto aquelas missas e me entregado tanto àquele momento, acho que seria diferente hoje, sabe. Então, foi muito bonito assim. Eu pude me ajoelhar aqui no chão da minha casa, sabe. E orar por ele e ter esse momento assim. E foi muito bom assim, a grande diferença da minha semana foi isso assim. E poder me conectar com as pessoas que eu amo né, graças a Deus temos essa videoconferência, podemos estar aqui, olhando pro rosto de cada uma assim, é muito bom tá aqui olhando vocês, dá muita saudade de tudo. Mas a gente sabe que isso é necessário, mas foi isso assim, essa semana basicamente foi isso, e no domingo ficamos mais assim em casa, também oramos, mas basicamente isso. Acho que foi a maior diferença nessa semana foi a da missa mesmo, de estar mais perto do Papa, tô amando ele, vocês viram que eu tô sempre falando dele, tô amando ele, eu quero ler o livro dele também, que teve a Live do Emaús esses dias com um rapaz que deu um monte de dicas de livros dos Papas e ele deu uns livros bem bons do Papa Francisco, tô até com vontade de ler. De tanto que ele me inspirou assim.

G: Ah, bota no grupo depois “C”.

C: Tá, vou buscar e boto.

A: Falando em missa pela... se uma ou outra puder falar: Como foi essa experiência de acompanhar a missa de Páscoa ou a missa que vocês conseguiram acompanhar pela TV ou pela internet, como foi essa experiência assim pra vocês?

S: A “L” ia falar. Fala “L”.

L: Na Páscoa, eu fiquei com a minha mãe em casa, e aí a gente ficou sábado e domingo juntas né. Então, eu e minha mãe em casa e foi o primeiro ano que a gente não viajou pro interior pra ficar com a minha vó por parte de mãe e lá no interior também eles faziam uma apresentação de teatro, então, sobre a vida de Jesus. Então, não pôde ocorrer também, então, tava todo mundo mobilizado lá em função disso né. Mas foi uma Páscoa mais assim, eu e minha mãe e vivenciar em casa né. E essa semana também foi bem tranquilo assim. Então, eu também tô me sentindo

bem tranquila né, acompanhando umas missas pelo Instagram da diocese de Novo Hamburgo, na segunda e na terça, toda assim né, e isso também me acalmou um pouco e pude vivenciar a Páscoa um pouco da espiritualidade assim da semana né. E também participei da missa do Emaús semana passada também foi uma missa também que eu pude vivenciar né.

G: Ah... eu acho que... Bom, ainda bem que tem os meios de tecnologia né que nos proporcionam a gente poder estar assistindo as missas tudo. E mas ao mesmo tempo também isso nos faz refletir como é importante os sacramentos né, tanto da comunhão, quanto da confissão, teve alguns padres que tavam fazendo confissão Drive Thru assim, tipo no carro, e tal, então, eu vi na TV, e da gente pensa assim, quando a gente voltar, a gente valorize bem mais a comunhão sabe, tornar esse momento que as vezes acaba sendo ordinário assim, mais ordinário, mais comum, tornar isso extraordinário sabe, porque já tem um mês que a gente não comunga. Então, da gente parar e pensar nesse tipo de reflexão, assim.

I: E a missa do Emaús de Páscoa, domingo passado, foi linda, tipo, todo mundo se emocionou, tipo, ah.

A: Como é que foi? Porque foi feito pelo Zoom né, e aí teve os leitores cada um na sua casa, aí como foi?

I: Sim. O Um membro do Emaús foi até a paróquia e aí ficou o Padre e ele administrando lá e todas as leituras, ah, música, cada um da sua casa. E parecia que a gente tava dentro da Igreja assim, pelo menos foi o que eu senti, foi muito lindo.

D: Foi emocionante.

I: Foi emocionante, bah. Assim ó, no final, a gente cantando a música final né, ah, meu olho encheu de lágrima. O meu marido passou e viu: “Tu tá chorando pela internet?”. Era muito linda a missa assim. Que bom que a gente conseguiu assim juntar todo mundo assim. E até eu sou do secretariado do Emaús e a gente tava até comentando ali, que a gente tinha 130 pessoas na Live, no Zoom assim. E em cada celular tinha duas ou três pessoas, sabe, então, tinha muito mais gente. E isso acaba tocando a gente de um jeito diferente sabe. Então, pra mim foi surreal assim. Óbvio que presencial seria muito melhor, mas foi emocionante, foi ótimo a missa assim. Foi muito boa mesmo.

A: Qual foi o Padre que celebrou?

I: Padre Antonio de Alvorada.

S: Mas o Monsenhor participou da missa.

A: Ah legal.



S: No final ele falou. Esse final de semana, se ele participar, o padre Antonio disse que ele vai fazer a homilia, vai ser bem legal. Estão todas convidadas que semana que vem, quem vai organizar é o nosso grupo. E se quiser participar “A”.

I: É “A”, se quiser, a gente te manda o link.

A: Pode ser. Que horas vai ser?

I e S: às 19h30.

S: “T”, “N” e “R” não falaram ainda, vocês querem falar?

T: Eu queria falar ah da questão ali da missa em casa, que a gente aqui assistiu a missa da comunidade que tá sendo transmitida e aí na Igreja eles colocaram... pediram que as pessoas levassem fotos ah da família na Igreja e eles colocaram nos bancos, então, foi muito bonito, porque aqui é uma cidade pequena, enfim, todo mundo se conhece, então, foi bem legal, e é uma questão diferente tu vivenciar a Igreja dentro de casa né. Acho que é uma sensação totalmente diferente, tu querer estar em outro ambiente, tu tá trazendo ele pra dentro do ambiente que tu tá, mas enfim, é a vontade, é muito diferente, estranho, mas é a vontade de estar lá né, como o pessoal falou, mas foi muito legal também.

R: Que legal, o Pe. Marcelo Rossi fez isso lá onde normalmente ele faz as missas dele, ele começou, lá eles imprimiram fotos de várias famílias, foi muito legal gurias assim, esse período pra nós aqui, pra mim, pro meu pai e pra minha mãe não teve muita mudança porque nós sempre moramos juntos, os meus irmãos moram longe né, todos. Então, a única questão só, na verdade, aqui em casa, só eu que frequento a Igreja, meus pais não, não frequentam assim, então, não teve muita diferença nesse ano que nos outros, ah, a questão também emocional, meu que ficou mais abalado né, porque ele saia todos os dias de casa pra trabalhar e ele agora tá Home Office, e ele inclusive às vezes fica nervoso, assim, e, ao mesmo tempo que ele tem medo de pegar, ele se arrisca porque ele escapa, porque eu que tô indo, eu sempre digo: deixa que eu vou na farmácia, eu vou no supermercado, mas às vezes ele vai, tipo, foge assim, ele, tipo, vê que vou lá dentro, vou no banheiro, ele pega e sai de casa, sabe, tipo. E aí eu: Onde é que ele foi? Ele foi no mercado ali na esquina. Ai, eu não acredito, sabe.

A: Meu pai faz isso também hahaha...

R: É, daí eu volto e converso com ele. Ai pai, olha só, tu tem que entender que se acontecesse alguma coisa contigo ou com a mãe, eu é que vou me sentir culpada, entendeu. Eu que vou ficar mal. Então, se tu não tá muito preocupado em pegar, tipo, pensa em mim. Então, enfim, é isso assim, mas... Foi lindo hoje “C”, muito obrigada, muito obrigada mesmo. E tu fez eu lembrar que quando eu era pequena, eu fiz girassol na Igreja sagrada família aqui na, eles tinham o grupo infantil né, era tipo o Emaús, só que era só passar a tarde, a gente passava a tarde...

I: ... o Onda né.

R: O Onda era depois do Girassol, é.

I: É, é o Colmeia, eu fiz o Colmeia.

R: Que legal, e aí eu até lembrei porque a gente acabou o encontro, eles deram pra todo mundo sementes de girassol e eu lembro que eu plantei na minha, no jardim da minha casa nasceu um girassol lindo, lindo.

C: Ai, eu já quero.

R: É e eu sempre achei o girassol uma flor muito linda assim. E até tinha uma musiquinha: “um girassol florido no jardim, buscando a luz do sol, sorriu para mim”. E eu só gostaria de lembrar também que depois assim, da Pascoa, do domingo de Páscoa, eu tava tentando lembrar muito de uma música que sempre me emocionou muito, já fiz Emaús duas vezes né, que é a música que cantam no domingo de manhã, eu acho que é, e eu tava tentando lembrar de toda a letra, que... dos passarinhos... da...

I: Aldeia?

R: Eu acho que é..

I: “Lá, nessa aldeia, eu cresci....”

R: Não, eu acho que é quando a gente acorda de manhã e vem elas tocando violão e enche, aquela música linda.

I: Ah Alvorada.

R: É, Alvorada.

G: Música pra acordar.

R: Isso, só que eu não lembro da letra dela.

S: Tem gente aqui que não fez Emaús.

R: Ah tah, desculpa.

S: Mostrem seus rostinhos pra gente tirar uma foto.

C: Ah é, eu queria tirar uma foto, tu não pode aparecer aí “R”? Por favorzinho, nunca te pedi nada. [risos].

Todas: Ai foi ótimo. Obrigada pela reunião...

C: “A”, tu tem mais alguma coisa?

S: A “N”.

N: “C”, eu queria te elogiar , tua reunião foi ótima, tu é uma menina que tem muitos talentos e dons, e tu precisa colocar mais eles a serviço, esse é praticamente meu lema, a tua reunião foi completa, teve estudo, teve partilha, teve momento de descontração, teve reza, teve tudo. Então, tu tem muita coisa pra oferecer, e tenho certeza que o Espírito Santo tá sempre te iluminando e

pode confiar cada vez mais nele. E tu tem muito muito potencial, tu é uma menina incrível, tu tem um coração gigante e é muito bom ver a tua evolução, eu sei que tu foi professora, mas agora tu tá investindo mais, Deus, porque tu é incrível menina, foi muito bom participar da reunião, hoje eu tava mais quietinha. Dei um pito no início, mas quero pedir desculpas.

C: Deu um estouro no começo e depois sumiu né, muito bonito. [sorrindo, risos].

N: É pra manter a disciplina e o comprometimento de valorizar a “C” porque eu sabia que ela tava nervosa, ela tava angustiada, se a gente dispersasse muito ia acabar perdendo o foco. Mas desculpa se foi ofensivo, mas foi só disciplinar assim.

C: Eu tava, mas eu acho que é normal assim. A medida que eu fui falando as coisas que eu queria assim, as coisas foram acontecendo e eu fui ficando mais calma assim. Gostei muito da oportunidade, sempre eu vou ficar nervosa, mas faz parte, vamo lá, um dia vai ficar menos.

S: Foi muito boa mesmo.

As conversas finais foram a respeito da organização da missa de domingo 19.04 que o grupo ficou responsável pela liturgia, definir leitoras, salmista, etc.

**3º Encontro: 26.04.2020** – preparação e execução.

**Transcrição:**

Essa reunião foi organizada por mim e pela “N”. O tema foi: “A História do Emaús em mim, em ti, em nós”. O encontro foi tão bom e faltou trabalhar vários assuntos e atividades que tínhamos preparado que foi resolvido fazer uma reunião extraordinária no dia seguinte para dar continuidade a reflexão e concluir as atividades.

N: Vamos começar pra gente fazer uma reunião bem pontual, vou ficar com, tão me ouvindo? tão me ouvindo?

G: Ô “N” tá dando eco, bastante eco.

N: Eu não consigo.

C: Tá dando muito eco “N”.

N: Tá dando ainda?

C: Menos.

N: É que não tem muito o que fazer, eu tenho que estar em dois lugares pra eu poder falar com vocês.

A: Talvez tira o áudio de um.

N: Eu já baixei o volume de um.

C: Tu tá no celular e no computador, isso?

A: Coloca no mudo.

N: Vê se melhorou agora.

A: Sim.

N: Então tá. A reunião de hoje vai ser sobre “A história do Emaús em mim, em ti, em nós”. Pronto, descobri um jeito de fazer parar, coloquei dentro da gaveta. E vai ser coordenada por mim e pela “A”, e espero que todas vocês gostem. Certo? Tá todo mundo me ouvindo bem?

Todas: Sim.

N: Então, a gente vai começar a nossa oração do Espírito Santo, mas primeiro sejam todas bem vindas. Eu vou começar e a segunda parte alguém puxa, certo: Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra. Oremos: É Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém”.

Então, pode mudar a tela “A”. A primeira coisa que a gente gostaria de conversar com vocês é que a nossa reunião foi baseada na mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais. E a primeira frase é: “Para que possas contar e fixar na memória” (EX 10, 2). A vida faz-se história. Como é que surgiu a ideia da reunião? Eu e a “A”, a gente conversou no sábado... na sexta-feira à noite e foi um momento de inspiração e de escuta de corações porque eu tava um pouco angustiada, vocês sabem que eu tô precisando de muitas coisas, além de me preocupar com as coisas da minha irmã, tem projetos surgindo que tão me deixando bem ansiosa. E eu não tava conseguindo organizar. Mas aí a “A” chegou e a gente decidiu falar sobre comunicação e hoje, não sei se vocês sabem é o evangelho do Emaús. Vocês tinham essa informação? Sim, não, talvez. E aí a gente pensou neste texto, eu acho que eu vou continuar aqui, só vou tentar... Vocês continuam me vendo?

Todas: Sim.

Tá então a gente organizou um protocolo pra falar da nossa reunião. E eu realmente espero que vocês aproveitem ela da melhor forma possível. Vão ter momentos de participação coletiva, e momentos de reflexão. Primeira parte deste texto, fala sobre... ai gente tá tudo dando pau aqui hoje, bah, que legal... gurias, vocês ainda tão me vendo?

A: A gente tá te ouvindo e a imagem tá congelada.

N: O meu computador, ele morreu. Então, eu vou fazer a reunião pelo celular como eu já havia previsto. Certo? Nesse material que fala sobre a comunicação tá muito alinhado com o propósito da “A”, da pesquisa dela. “A”, eu acho que tu pode falar um poquinho da tua pesquisa para as

gurias, dá mais uma introduçãozinha, acho que tu já deve ter feito isso, só enquanto eu vejo aqui.

A: Tranquilo. Então eu estudo doutorado eu tô tentando fazer com vocês e com outro grupo uma prática de teologia comunicativa. Essa teologia comunicativa, ela é comunicativa não por que estuda a comunicação, mas porque é uma... é um processo comunicativo em grupo. Então normalmente o teólogo quando ele faz os seus estudos, ele pesquisa livros, biografias, faz uma pesquisa bibliográfica né e depois escreve sozinho. Dificilmente se faz pesquisa de campo, a teologia comunicativa, ela surge justamente com essa... com esse propósito de dialogar com os outros e perceber que nas histórias né que aqui nessa mensagem fala sobre a importância de a vida faz-se história né. A importância de recordar, a importância de perceber como é importante as histórias, a nossa história de vida e a história dos outros né, assim chegou a fé pra gente, alguém contou para nós alguma história sobre Jesus, alguma história sobre uma conversão pessoal, alguma história. E Isso ele é valorizado nessa... nesse método de teologia comunicativa, perceber que a vida é tecida por várias histórias, são as histórias dos nossos pais, dos nossos amigos, a nossa história, a história de cada uma do grupo que a gente faz parte, e essas histórias não são apenas histórias, mas são conhecimentos vividos né, existem sabedorias dentro da nossa história, e no momento que a gente partilha, no momento que a gente reflete junto, essa sabedoria, essa experiência, essa riqueza de cada um, ela vem à tona. Então, a teologia comunicativa busca perceber nas questões que as pessoas fazem, tanto numa opinião, numa idéia que surge na conversa, as vezes tem que pistas de alguma alguma coisa bem importante para um determinado assunto da fé. No meu caso, o que eu quero estudar é a questão de Jesus Cristo ou a fé em Jesus e a era digital. O que que a comunicação digital, a cultura que a gente vive diariamente, ela implica na nossa percepção sobre Jesus, sobre a fé, sobre Deus, na nossa própria vivência e nesse tempo de pandemia como isso se tornou tão evidente porque a gente está usando o Zoom não só para o grupo de vocês, mas pro pra reunião, pra missa, pra pastoral...

N: Gurias, vocês ainda estão me ouvindo? Ai Jesus...

A: Eu estou te ouvindo sim, mas eu deixei só um aqui...

N: Então, gurias, pra gente começar, eu vou ler a primeira parte do texto do Papa Francisco e depois eu vou falar nestes pontos que ele pensou. Se vocês virem alguma coisa estranha, é minha gata que tá aqui, tá?

“Desejo dedicar a Mensagem deste ano ao tema da narração, pois, para não nos perdermos, penso que precisamos de respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destruam; histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos. Na confusão das vozes e mensagens que nos rodeiam, temos necessidade duma narração

humana, que nos fale de nós mesmos e da beleza que nos habita; uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura, conte a nossa participação num tecido vivo, revele o entrançado dos fios pelos quais estamos ligados uns aos outros”.

Então a primeira parte ali que a gente fala é sobre “Tecer histórias” né. O ser humano desde que começou a falar, ele narra histórias, tudo o que a gente conhece hoje é baseado em histórias, tanto histórias orais como ah os princípios religiosos, Jesus mesmo não escreveu nada né, ele sempre contou histórias, parábolas, mas todos nós já conhecemos Jesus ou o Papai do Céu, ou o anjinho da guarda, alguém me dá um OK se vocês estão me ouvindo. Tá. Essa é a primeira parte, o narrar histórias e que tipo de histórias a gente vai narrar, tem que ser histórias positivas. Na segunda parte do da imagem aqui... gente tem uma gata aqui e eu não consigo ver as coisas.... fala que “Nem todas as histórias são boas” e aqui a gente pode pensar nas Fake News ou nas histórias que não nos edificam, que não nos acrescentam, que não nos agregam. Quando eu penso nisso, eu tomo na memória a parábola das três peneiras né. Que uma vez vieram falar para um velho, um sábio, um filósofo grego. “Ai, tu sabe o que aconteceu com Fulano? E aí tinham três peneiras. O que tu tem pra me falar é verdade? TU tem certeza que aconteceu? Isso vai ser positivo pra outra pessoa? Se não passa pelas três peneiras então não tem porquê a gente falar. Então, nem todas as histórias são boas também porque muitas vezes a gente confunde o que a gente deduz, imagina, ou através de uma pequena parte de uma história a gente tira por um todo. Por exemplo: Se a gente pensar nas diferenças culturais das outras religiões a gente geralmente têm muitas vezes a gente acaba pensando que só a nossa religião é a mais correta, ou que as outras religiões são ruins, são pejorativas, mas a gente não entende o sentido literal das coisas. Uma das primeiras fake news que a gente tem na nossa história seria a história de Adão e Eva, quando a serpente fala que no momento que comeres da fruta tu te tornará como Deus. E se a gente parar para pensar geralmente as histórias que não são boas, elas vêm com um “se tu tiver, tu vai conseguir”, aí a gente pode pensar em todas as propagandas que a gente ouve que são negativas que fazem o mal uso do marketing né. Vocês estão me acompanhando? Algumas: Sim.

N: Aqui tem uma parte muito importante no texto que ele fala que: “Numa época em que se revela cada vez mais sofisticada a falsificação, atingindo níveis exponenciais (o deepfake), precisamos de sapiência para patrocinar e criar narrações belas, verdadeiras e boas. Precisamos de coragem para rejeitar as falsas e depravadas. Precisamos de paciência e discernimento para descobriremos histórias que nos ajudem a não perder o fio, no meio das inúmeras lacerações de hoje; histórias que tragam à luz a verdade daquilo que somos, mesmo

na heroicidade oculta do dia a dia”. Ai aqui ele também fala um pouco da história das histórias, que a Bíblia é um livro de histórias, se a gente parar pra pensar, tanto histórias ah reais...

A: História dos povos...

N: Tanto história dos povos quanto histórias ah que são explicadas através da Bíblia, histórias de Jesus, as parábolas que ele usava e como a gente muitas vezes acaba entendendo as coisas pela forma literal, toda história, ela tem um símbolo. E esse símbolo precisa muitas vezes ser revelado, retirar o véu do símbolo pra que a gente possa entender. Por isso que é importante a gente sempre ler com atenção o que a gente for ler né. E as histórias, elas são baseadas geralmente num processo que funciona mais ou menos assim: A gente tem alguma pessoa que é um herói, que tem um valor muito forte, que é o amor, e ele precisa passar por várias provações pra se mostrar realmente merecedor desse processo, e só depois de passar várias batalhas que na realidade são todas elas internas e não externas, aí trazendo um pouquinho da psicologia, ah pra que aí sim as histórias sejam validadas. Então, aqui também fala que os Evangelhos também são narrações, enquanto “nos informam acerca de Jesus, «performam-nos»[1] à imagem de Jesus, configuram-nos a Ele: o Evangelho pede ao leitor que participe da mesma fé para partilhar da mesma vida. O Evangelho de João diz-nos que o Narrador por excelência – o Verbo, a Palavra – fez-Se narração: «O Filho unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O contou» (1, 18). Usei o termo «contou», porque o original exeghêsato tanto se pode traduzir «revelou» como «contou». Deus teceu-Se pessoalmente com a nossa humanidade, dando-nos assim uma nova maneira de tecer as nossas histórias”. E por que que a gente tá falando de história, não sei se pra vocês tá claro? Agora que a gente conversou um pouco isso de história faz sentido, porque a gente quer saber sobre a história de vocês dentro do Emaús, o Emaús, ele tem uma história um princípio, um propósito, uma origem. E dentro da vida de cada um, o Emaús também tem uma história. E nós estamos num grupo e este grupo é feito de relações, nossa relação com Deus, nossa relação com a gente mesmo e nossa relação com a fé. Toda vez que a gente tem uma relação com alguém, eu “N” tenho uma relação com a “C”, e nasce um terceiro elemento, Eu “N” com a minha personalidade, a “C” com a personalidade dela e juntas nós temos uma terceira persona, que seria feita através dessa relação, dessa fusão entre a minha relação com a dela. Uma história que sempre se renova. Todas as vezes que a gente conta histórias, que a gente ouve histórias dos nossos pais sobre Deus, dos nossos amigos sobre Deus, da nossa forma de se conectar a Deus, a gente renova a história e a gente se faz história. Então que história que a gente conta pra gente mesmo sobre Deus e que história a nossa história se faz e se demonstra como símbolo de conhecimento pras outras pessoas, pras outras pessoas

conhecerem Deus? Tá fazendo sentido a minha fala? Vocês tão entendendo meninas, vocês querem perguntar alguma coisa?

Algumas: Faz sentido. Sim.

N: Tá, é muito importante esse feedback porque eu não estou vendo a carinha de vocês né. É como eu disse. É uma história que, todas as vezes que a gente tá entrando em contato com Deus e com o outro, a gente se renova, tem dias em que a gente tá desesperado e a gente tem um... tem um gato passando na tela, por favor, ignorem... [risos] É a minha bebê, pra quem não conhece se chama Maia. Prazer sou a Maia, sou atriz, modelo e dançarina e eu gosto de me exhibir tá... A gente se renova a cada novo contato. Por exemplo, eu tava muito angustiada para fazer a reunião e a “A” apareceu e o texto e o conteúdo fluiu de uma forma que eu acho que nem eu nem ela imaginávamos. Estou certa ou estou errada “A”?

A: Sim, sim. Foi bem coisa do Espírito Santo, hahaha...

N: Teoricamente o Zoom tá dizendo que acabou o tempo, mas eu sei que ele sempre dá um tempinho a mais, então, relaxem....

A: Tinha avisado que tinha se tornado ilimitado, eu acho que não vai acabar.

N: Tá, então, e é uma história que nos renova a cada novo encontro ele se renova. Então, “vós sois uma carta de Cristo – escrevia São Paulo aos Coríntios –, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações» (2 Cor 3, 3)”. Então, Cristo está em nós, por cada vez que a gente de alguma forma a gente se mostra pra ele através de uma história, e a história geralmente é alguma coisa que aconteceu. Então, tudo o que acontece na nossa vida é um pouco da história de Deus. E pode mudar a tela. Aqui a gente tem... Isso aí, a “AN” tá falando, que se aplica ao nosso grupo, que cada vez que a gente se encontra a fé se renova. Aqui a gente tem o Evangelho de Lucas que fala justamente sobre o Emaús, só vou perguntar para a minha assistente técnica, a música é depois né “A”?

A: É depois.

N: Tá, vai ter música hoje tá, no show do milhão. [risos]. Tem o Evangelho de Lucas, eu gostaria de saber quem gostaria de ler os quatro parágrafos iniciais. “A” minha parceira. Lê os quatro e depois alguém lê o Lucas 14, 13-35.

A: Tá. Então, só pra explicar, agora a gente vai fazer uma meditação do Evangelho do Emaús e mais ou menos inspirada na Leitura Orante né, no método de Leitura Orante. Então, primeiro a gente lê, depois medita, depois ora e depois contempla. “Naquele tempo, mesmo dia, naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham



acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: 'O que ides conversando pelo caminho?' Eles pararam, com o rosto triste"... Alguém continua?

R: Eu posso continuar, hehe: "e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: 'Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?' 19 Ele perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: 'O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo. 20 Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. 21 Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!

G: É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo 23 e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo. 24 Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém o viu.' 25 Então Jesus lhes disse: 'Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! 26 Será que o Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?'"

N: Quem mais lê?

B: Pode ir "C".

C: Tá. "E, começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. 28 Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. 29 Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!' Jesus entrou para ficar com eles. 30 Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía".

B: "Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. 32 Então um disse ao outro: 'Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?' 33 Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém onde encontraram os Onze reunidos com os outros. 34 E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!' 35 Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão".

N: Palavra da Salvação.

Todas: Glória a vós Senhor.

A: Agora eu vou voltar nos slides do início e vocês pensem em um trecho, uma palavra, uma frase desse Evangelho que mais chamou a atenção de vocês e só repitam essa frase. Então, eu vou voltar aqui. E aí, se alguém, se for um destes aqui, uma pode ler de novo, pode falar, e aí eu vou passando os slides.

N: “A” explica de novo.

A: Ah tá, desculpa. Ah, se vocês, vocês podem ir relendo enquanto eu passo, mas se vocês já tem alguma palavra que ficou no coração de vocês que chamou a atenção do Evangelho, vocês repetem, vocês, ah, por exemplo, vou voltar aqui. Me chamou a atenção a pergunta de Jesus: O que ides conversando pelo caminho né, por ah, daí não precisa até dizer o porquê só ah, repete que daí a gente vai ah meditando, né, porque se fosse explicar cada uma porque do versículo chamar a atenção, daí fica muito cumprido. Mas daí repetir é como se a gente tivesse mastigando a palavra né, esse pão da palavra que chamam.

N: Tá, então, o meu é na última folha, na última página ali, que fala sobre: 'Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?'. A da “R” é a da primeira folha: “naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém”.

R: Oi gurias, é, isso, desculpa, coloquei o áudio que é melhor: Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. A gente às vezes está cego e esquece, foi isso que me chamou a atenção, foi essa frase que me chamou a atenção.

N: Mais alguma menina quer compartilhar qual a parte do Evangelho do Emaús acende o coração?

B: tem uma parte que fala: Fica conosco. Isso eu acho que é confortante.

R: Gurias uma pergunta: tem que ser uma coisa que te acende o coração ou uma coisa que te tocou e te chamou a atenção?

A: Isso, a palavra que te chama a atenção.

N: Então, eu acho que a gente pode ir pra outra parte “A”.

A: Tá. Então, a gente ainda meditando esse Evangelho que é tão importante, principalmente pra vocês que fazem parte do movimento do Emaús, então, que estão nesse caminho, eu convido a vocês a se colocarem neste caminho com Jesus, pensar em quem, tu é uma das discípulas, dos discípulos que tá no caminho né. Alguns acham que é um casal né. Cléofas e a esposa. Então, se colocar e questionar, se colocar realmente no lugar, dentro desse Evangelho, enquanto isso a gente vai escutar uma música e ir pensando: Quem é Jesus para você? Que tipo de relação você tem com ele? Se você fosse apresentar Jesus a um Jovem, em uma frase, o que você diria? Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Como perceber que ele caminha conosco? Como

fazer ouvir a sua voz e sua mensagem em meio a tantas vozes, faces, ideias, informações? Então, vocês vão pensando sobre isso, enquanto eu coloco a música.

N: Só pra vocês entenderem, essas são frases de reflexão, mas é justamente pra gente refletir, já que a gente falou sobre o texto de comunicação do Papa Francisco e de como a história é importante pra gente, pra nossa fé, pra gente estar em contato com Deus e com Jesus. Que mensagens? Que histórias vocês ouviram de Jesus, qual foi a primeira vez que ouviram falar de Jesus, como vocês ouviram falar de Jesus?

A: Eu dei play agora, vai demorar um pouquinho, mas vai rodar. Enquanto isso vão pensando nas perguntas.

N: Eu vou falando aqui algumas perguntas pra reflexão: Como você ouviu falar de Jesus pela primeira vez? Qual a história que te conectou com Deus ou fez pensar em Deus?

Tocando a música.

A: Então agora a gente gostaria de ouvir um pouco de vocês né. Quando Jesus se aproximou de vocês nesse caminho, na vida de vocês, ah, e quem é Jesus pra vocês, nas palavras de vocês, na maneira que vocês percebem né, naquilo que vem na mente de vocês agora e que tipo de relação tu tem com ele, como amigo, como mestre, como sei lá, qualquer tipo de relação que vocês tenham. Acho que primeiro isso, mas vocês podem falar das outras perguntas também ou falar do Evangelho né, que conexão que vocês fazem da vida de vocês.

N: Acho que vocês podem tentar resumir em uma frase ou duas pra tentar cuidar do tempo. A “R” tá falando aqui no chat que Jesus é amor, converso com ele todos os dias ao acordar e antes de dormir e depois faço minhas orações, muitas vezes oro o Pai Nosso e a Ave Maria no meio do dia. Em outros momentos que preciso controlar-me emocionalmente ele fala comigo através da intuição. Muito legal “R”. Quem mais gostaria de falar?

B: Eu considero Jesus como um guia, um líder, e eu tenho uma relação com ele de amizade e de compaixão, às vezes a gente dá uma brigadinha assim, mas como toda a amizade, a gente fica entre idas e vindas, mas eu sempre sei que ele tá lá porque ele é misericordioso.

N: Muito legal. “S”, qual é a tua relação com Deus, com Jesus?

Alguém: Ela tá sem o áudio aberto.

N: Tem alguém que falou também que às vezes fica brava com ele. E qual foi, alguém pode me contar qual foi a primeira história que ouviu de Jesus? Qual foi a primeira vez que tu te lembra que alguém falou de Jesus, como é que ele era ou do céu, alguma coisa assim? Sei lá, tem gente que quando era pequena falavam ah que o anjinho tá sempre contigo, a gente ficava com medo do anjinho ver a gente pelado tomando banho... A “G” falou que Jesus é muito misericordioso

e nosso pai protetor. A “R” que ela era piadinha e estudou em colégio católico. A “S” disse que na verdade a gente só briga com quem a gente ama.

C: Oi. Posso? Só pra, eu também me identifico com a “R”, eu também estudei o Ensino Fundamental e Médio em colégio católico, perto do meu colégio tinha uma paróquia, então, já imaginam né... Ouvi muito, muito, de uma forma muito bonita e demorou muito tempo para eu perceber assim sabe toda a importância de Jesus e do amor dele. E quando eu fui crescendo e me reconhecendo como pessoa eu fui me identificando que eu sou assim sabe, eu também quero amar ao próximo, eu quero cuidar do próximo, e talvez seja um reflexo dele. Então a gente acabou se encontrando num momento que eu estava muito perdida e a gente acabou se encontrando e agora a gente não se larga mais, também é uma relação de amor e ódio, às vezes a gente também dá umas briguinhas né, às vezes também a gente fica um pouco desacreditado de algumas coisas, mas parece que depois daquele Emaús, eu nunca mais consegui, ele nunca mais conseguiu sair daqui de dentro de mim, sabe. É isso.

D: Que bom né, hehehe...

C: Que ótimo né, não vai mais sair, hehehe...

N: A “L” quer contar um pouquinho a experiência dela com Deus? Escrever, talvez?

L: Oi gurias, a minha experiência assim mais forte com Deus foi quando eu fiz o CLJ. Então, primeiro encontro do CLJ, ali foi onde Deus mais me tocou e também durante a Jornada Mundial da Juventude assim, eu pude vivenciar também vários momentos assim de espiritualidade e intimidade com Deus. E hoje em dia assim eu tava tentando manter aqui no grupo né, um vínculo assim com a Igreja, assistindo as missas, tudo. Então, tô caminhando devagarzinho agora nesse ano assim pra retomada.

N: Muito legal. Mais alguém quer falar alguma coisa?

B: A “S” fez uma consideração ali importante, que ela disse que ela vê Jesus em cada uma de nós. Eu concordo com ela porque Jesus é amor né e eu acho que a gente, cada manifestação aqui, um gesto, por exemplo, a... essa apresentação foi feita com amor, essa reunião foi preparada com amor, eu acho que todos esses gestos são ... é a representação daquilo que Jesus queria, que a gente nos amasse entre si e pudesse levar a palavra pra todos os cantos assim e eu acho que por mais que ele pulsa nos nossos corações, a gente tenta se afastar, mas que nem a “R” falou ali da intuição, eu acho que é isso, ele vem e ele se recoloca nas nossas vidas e eu não consigo precisar quando é que alguém me falou dele, parece que ele sempre esteve na minha vida assim, eu não consigo me lembrar de algum momento específico, acho que essa reflexão a gente pode continuar com ela assim porque pode vir muitas coisas daí.

N: Exatamente meninas, ah, eu e a “A” quando a gente pensou, a gente pensou que teria muito pano pra manga pra gente conversar, eu tenho que cuidar um pouco o horário hoje, eu até peço desculpas pra vocês porque eu tenho mais uma reunião pra fazer e eu não sei se eu sair da reunião pra entrar na outra, se não cai a reunião. Mas eu vou dar mais uns cinco minutinhos aqui pra gente finalizar. E eu vou mandar pra vocês algo que eu acho muito bacana, tipo um texto que deu bastante pano pra manga pra mim e pra “A” que foi esse texto da do Dia Mundial da Comunicação. E eu acho que a gente poderia incluir a “A” no nosso grupo, depois ela dá uma continuidade na reunião por whatsapp com vocês, porque eu acho que tem bastante coisa pra conversar aqui. O que vocês acham? Mais alguns minutinhos antes da missa. Tu topa “A”?

A: Por mim tudo bem. Ah, mas aí como é que a gente vai fazer, a gente volta pro Zoom ou...? Ou, não sei... Ou a gente continua na próxima, a gente também...

S: Posso dar uma ideia?

N: Pode “S”.

S: Eu vou falar aqui, se vocês ouvirem um gol, é porque eu tô na sala tá. [risos]. Na verdade assim, a gente podia fazer... continuar essa reunião no meio da semana, ah, não sei se todas podem? Porque na verdade, eu me atrasei hoje, eu acabei saindo e chegar em casa e limpar tudo que a gente trouxe, tomar banho, dá uma função, acabei me atrasando, peço desculpas gurias, mas eu acho que a gente podia marcar pra continuar essa mesma reunião outro dia da semana. O que vocês acham?

Alguém: Por mim pode ser.

N: A “R” concorda, a “J” concorda, “T” concorda, “B” concorda, “G” concorda.

D: Eu também.

A: Eu também.

N: A “AN” também, tá boa a reunião então gurias?

B: Sim.

S: Que hoje tem a missa né e eu tava na minha cabeça com a reunião ontem e sai bem tranquila agora de tarde, voltei, tomei meu banho, aí lembrei: a reunião! Aí saí correndo... hehe... Acostuma no mesmo dia, sei lá, me atrapalhei. Mas eu...

D: “S”, na minha cabeça era às 17:30, eu tinha certeza absoluta, fiquei indignada e quando eu olhei o celular, tava fazendo um negócio de tarde da faculdade, a única cadeira que eu tô tendo e aí me atrasei, me atrasei 10 minutos e aí, fui olhar o grupo para pegar o link. Meu Deus eu não me atrasei dez minutos, eu me atrasei 40 e eu que vergonha, não tem o que fazer e consegui me atrasar...

S: Mas que dia vocês podem? Tem que ser pela “J”, que dia tu pode “J”?

D: Pra mim agora quarentena, eu posso qualquer dia de tardezinha, de noite...

J: É a tardinha que vocês pensam?

N: Tardinha ou à noite, o que ficar melhor pra ti porque a “J” é a única que tá saindo né. Eu tenho alguns horários flexíveis ainda, ah, mas eu tô com a baby pra vir né gurias, sexta-feira vem o bebê.

J: Coisa boa, eu... Fica ruim pra mim na quarta, eu não consigo mesmo na quinta, mas o resto eu tô aí.

N: Segunda vocês podem?

J: Amanhã?

N: É.

S: Eu posso, posso qualquer dia.

N: “A”, tu pode amor?

A: Segunda, só se fosse, deixar eu pensar.... ah...

N: Segunda ou terça.

A: É que terça eu tenho o grupo dos guris do Emaús, hehehe...

S: Ah tu tá com todos né rrsrs...

A: Eu tô com dois hahaha...

J: Os meus horários são mais difíceis mesmo, eu já tô feliz de ter participado hoje, aliás, muito obrigada por terem aceitado a minha proposta.

N: Capaz amor, a gente vai organizar. Segunda umas 20h?

A: É segunda, 20:30 talvez fosse melhor, mas 20:00 eu acho que eu chego correndo, mas eu chego, até daria.

N: A “R” tá perguntando se quarta fica ruim? Eu tenho...

S: Quarta a “J” não pode.

J: Fica um pouco ruim, mas uma parte eu consigo.

A: Pode ser segunda às 20:30? E aí a gente fica um pouquinho até 21:30-22:00? Que aí é um horário que a gente se organiza pra dormir todo mundo bem?

Alguém: Pode ser.

Várias: Aham.

N: Meninas eu vou... segunda às 20:30

A: Tá, amanhã... rrsrs...

C: Mais conhecido como amanhã...

A: Tá, só pra fechar então, ah, vocês vão pensando nessas perguntas e ah, pensei ah essas 24 horas né. Até amanhã, a tua história com Deus, a tua história com Jesus através do Emaús, e aí

amanhã a gente partilha mais um pouco dessas perguntas e também faz um louvor sobre essa história e a gente continua, segue o baile.

R: Combinado.

C: Tá bem.

N: Meninas, outra coisa, ah, mandem um joinha, eu tô toda Livieira, hehehe... Mandem um joinha quem topa fazer a reunião amanhã às 20:30 pra eu ver.

C: A Maioria, já deu, já era, todas.

N: Eu vou ter um oferecimento das Casas Bahia pra vocês, mentira, é da “N” Psicologia, vou estar oferecendo um super bônus pra meninas que ficaram nessa reunião, uma aula, literalmente aqui no Zoom, uma aula sobre saúde mental em tempos de isolamento.

Algumas: Ó que legal.

N: Acabando aqui, eu vou agendar e disponibilizar no Zoom pra vocês. Qual é a ideia? É que não vai ser uma aula divulgada porque é uma coisa que é boa pra mim e pra vocês, eu fui convidada a gravar uma aula do CIEE e eu não tô conseguindo gravar por que eu não estou conseguindo olhar pra tela e não ver ninguém, preciso ver as carinha bonitas de vocês, tá. Então, qual é a minha ideia, quem puder fazer a reunião comigo, vai ser uma reunião que eu só vou estar vendo a carinha de vocês né, porque eu vou gravar, eu vou falar com vocês, gravando um vídeo para o CIEE. Vocês topam?

Várias: Sim.

N: Aí vai ser um tanto tempo de vídeo, eu gravo, saio para fazer a reunião e depois eu faço de novo, aí com direito a perguntas, dúvidas e com direito a exercícios práticos e novidades.

Várias: Ó legal.

N: Gurias, então, meu muito obrigada por vocês... muito obrigada “A” que foi uma resposta as minhas orações no momento que eu tava mega atucanada com as questões da minha irmã, com as questões de eu estar me lançando nas mídias sociais, acompanhem minha página, meu perfil no Whatsapp no Face e no Insta, criado por nossa designer maravilhosa “C”, que em breve estará com novidades também. É [...], na realidade é [...] no Insta, e aí depois eu vou ver direitinho com vocês que dia a gente pode fazer essa reunião, ao menos essa reunião-aula seja sei lá em algum horário, talvez meio dia, ou alguma coisa assim, um horário diferenciado.

C: Ô “N”, então, duas coisas: amanhã às 20:30 é uma coisa e a tua outro dia é outra. É isso né?

N: É, é um bônus que eu tô dando pra vocês e pra mim. Tá, eu vou poder fazer a reunião..., mas aí infelizmente vocês não vão poder conversar comigo porque vai ser um vídeo institucional, vai ser literalmente um aulão-palestra tá. Aí depois que eu terminar de gravar, eu volto pra

reunião no mesmo dia, volto pra reunião pra fazer a dinâmica e todos os badulaques que vocês sabem que eu gosto.

A: Só uma pergunta: quem é que tá gravando? É tu que tá gravando “N”, ou é a “H”, ou é eu?

N: É tu “A”.

A: Tá.

C: Gurias, aproveitar para dar um recadinho pra vocês....

#### **4º Encontro: 27.04.2020.**

##### **Transcrição:**

N: Então vamos começar a oração, a se conectar com o momento presente, esse momento que nosso e a gente começa com a oração do Espírito Santo: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra. Oremos: É Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém”. Então, sejam bem vindas a nossa reunião, “A História do Emaús: em mim, em ti, em nós” coordenada pela “A” e por mim, e pra contextualizar pra quem não estava na reunião, a gente tem dois pilares, 2 textos motivadores da reunião que foi a Mensagem do Papa Francisco para o 54º dia mundial das comunicações sociais e também o texto de Lucas que fala do Emaús e eu pensei na gente começar com o texto do Papa, então, se tu conseguir colocar aí na tela pra nós pra gente fazer uma leitura orante... [problemas com o compartilhamento de tela].

N: A “L” entrou na sala, vou admitir ela. Oi “L” seja bem vinda, não sei se tinha caído... Seja bem-vinda. Então meninas, quem tiver no celular pode virar a Câmera o celular pra ir pra ficar melhor o texto. [A gata] ficou brava porque eu não dei carinho... Viu, não precisa ficar com ciúme das meninas.. [risos]. Eu vou começar lendo então a mensagem do Papa Francisco, todo mundo tá vendo o texto, tá enxergando? Sim? Sim, sim. A única coisa que eu vou pedir pra vocês é que enquanto umas tiverem lendo, as outras desliguem o microfone, certo? “Para que possas contar e fixar na memória” (Êxodo 10, capítulo 2). “A vida faz-se história”.

[“N” começa a ler a Mensagem]: “Desejo dedicar a Mensagem deste ano ao tema da narração, pois, para não nos perdermos, penso que precisamos de respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, e não as que destruam; histórias que ajudem a reencontrar as raízes e a força para prosseguirmos juntos. Na confusão das vozes e mensagens que nos rodeiam, temos necessidade duma narração humana, que nos fale de nós mesmos e da beleza que nos habita;



uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura, conte a nossa participação num tecido vivo, revele o entrançado dos fios pelos quais estamos ligados uns aos outros.

D: [Continua a leitura]: “O homem é um ente narrador. Desde pequenos, temos fome de histórias, como a temos de alimento. Sejam elas em forma de fábula, romance, filme, canção, ou simples notícia, influenciam a nossa vida, mesmo sem termos consciência disso. Muitas vezes, decidimos aquilo que é justo ou errado com base nos personagens e histórias assimiladas. As narrativas marcam-nos, plasmam as nossas convicções e comportamentos, podem ajudar-nos a compreender e dizer quem somos”. Eu sigo?

N: Uma pausinha, por favor. Eu acho importante a gente perceber que desde sempre nós temos fome de histórias, como ele diz e também que a gente é construído de histórias: a história de nossos pais, dos nossos avós. E todo mundo já ouviu alguma história em algum momento da vida, seja desde história de quando era bebê, história de ninar, na canção de ninar sempre tem uma história. E também as histórias que a gente ouviu sobre Jesus né, sobre o Anjinho da guarda, quem era o papai do céu. Então, acho que também é importante a gente já ir refletindo sobre isso. Pode continuar, se alguém quiser continuar... pode continuar “D”.

D: [Continua a leitura]: “O homem não só é o único ser que precisa de vestuário para cobrir a própria vulnerabilidade (cf. Gn 3, 21), mas também o único que tem necessidade de narrar-se a si mesmo, «revestir-se» de histórias para guardar a própria vida. Não tecemos apenas roupa, mas também histórias: de facto, servimo-nos da capacidade humana de «tecer» quer para os tecidos, quer para os textos. As histórias de todos os tempos têm um «tear» comum: a estrutura prevê «heróis» – mesmo do dia-a-dia – que, para encaixar um sonho, enfrentam situações difíceis, combatem o mal movidos por uma força que os torna corajosos, a força do amor. Mergulhando dentro das histórias, podemos voltar a encontrar razões heroicas para enfrentar os desafios da vida.

O homem é um ente narrador, porque em devir: descobre-se e enriquece-se com as tramas dos seus dias. Mas, desde o início, a nossa narração está ameaçada: na história, serpeja o mal”.

N: Então meninas, o que vocês entendem dessa primeira parte do texto? Fez sentido pra vocês? Agora vocês podem abrir o microfone pra comentar. Eu acho que a parte mais importante aqui do texto é que a gente sempre foi, aprendeu através da cultura oral, da transmissão do conhecimento oral através de histórias, seja histórias do Jardim do Éden, seja história de como a gente nasceu, seja história de como a gente descobriu Deus ou de qual foi a primeira mensagem de Deus que a gente tem lembrança, ou daquele amigo que talvez tenha sido um

anjinho de Deus na nossa vida e principalmente pensar que toda história ela pode ser boa ou má, dependendo da forma como ela é contada e com qual objetivo.

A: Só pra complementar uma coisa que eu tinha pensado ontem, nessa coisa de tecer histórias. Puxando um pouquinho para os meus tópicos de estudo, se parar para pensar, a rede, a internet, ela não é feita por cabos ou fios em si, são as ferramentas que a gente utiliza para criar a rede. Mas a rede é, em última instância, um tecido de histórias que se entrelaçam. A Rede Social, ela é isso, então quando se estuda a rede na cultura digital, na teologia ou mesmo nas ciências humanas...

N: “A” travou tua imagem e teu áudio...

D: Pra mim tá normal.

B: Pode continuar “A”.

A: Então, pras ciências humanas, o importante não é a rede mundial de computadores ou de smartphones, mas a rede mundial de pessoas. Essas pessoas, então, a rede em si são as pessoas que se conectam de dispositivos móveis digitais. Então o conteúdo das redes sociais são as histórias, são as nossas histórias: Facebook, Instagram, são imagens que contam a nossa histórias, uma foto, um vídeo, são parte da nossa história, a gente captou aquele momento, .... [problemas no áudio] a técnica de storytelling.... [problemas no áudio].

J: Nem todas as histórias são boas.

«Se comeres, tornar-te-ás como Deus» (cf. Gn 3, 4): esta tentação da serpente introduz, na trama da história, um nó difícil de desfazer. «Se possuíres..., tornar-te-ás..., conseguirás...»: sussurra ainda hoje a quem se utiliza do chamado storytelling para fins instrumentais. Quantas histórias nos narcotizam, convencendo-nos de que, para ser felizes, precisamos continuamente de ter, possuir, consumir. Quase não nos damos conta de quão ávidos nos tornamos de bisbilhotes e intrigas, de quanta violência e falsidade consumimos. Frequentemente, nos «teares» da comunicação, em vez de narrações construtivas, que solidificam os laços sociais e o tecido cultural, produzem-se histórias devastadoras e provocatórias, que corroem e rompem os fios frágeis da convivência. Quando se misturam informações não verificadas, repetem discursos banais e falsamente persuasivos, percutem com proclamações de ódio, está-se, não a tecer a história humana, mas a despojar o homem da sua dignidade.

Mas, enquanto as histórias utilizadas para proveito próprio ou ao serviço do poder têm vida curta, uma história boa é capaz de transpor os confins do espaço e do tempo: à distância de séculos, permanece atual, porque nutre a vida.

Numa época em que se revela cada vez mais sofisticada a falsificação, atingindo níveis exponenciais (o *deepfake*), precisamos de sapiência para patrocinar e criar narrações belas, verdadeiras e boas. Precisamos de coragem para rejeitar as falsas e depravadas. Precisamos de paciência e discernimento para descobrirmos histórias que nos ajudem a não perder o fio, no meio das inúmeras lacerações de hoje; histórias que tragam à luz a verdade daquilo que somos, mesmo na heroicidade oculta do dia a dia”.

B: ô gurias, eu acho que esse parágrafo dá pra pensar um pouco sobre as fake news porque ele fala da propagação do ódio e das falsas..., eu acho que dá pra pensar um pouco no momento atual que a gente está vivendo e traçar um paralelo com o que a “A” falava ali da rede de comunicação porque, assim como a gente consegue fazer o movimento do bem, a gente também consegue fazer o contrário, e como nós cristãs, que artifício a gente vai utilizar pra filtrar isso, tô até fazendo uma reflexão aqui pra gente pensar sobre isso: O que a gente poderia fazer pra... acho que um filtro, até isso dá pra pensar muito na saúde mental, né “N”.

N: Exato. Porque se a gente for parar pra pensar hoje tudo gira em torno de histórias, desde histórias da mídia, das notícias que se tornaram, de alguma forma, é história, porque eu estou contanto um fato, até histórias de... do que a gente vê no Instagram, das imagens que que a gente vê no Instagram, de como a propaganda tá sendo feita, que hoje muitas coisas da propaganda estão sendo feitas através do storytelling, então, se tu consumir tal produto tu vai se mais feliz, mais realizada, vai ter mais sucesso, e como isso é complicado né. E eu penso que também nas próprias falsas histórias dos falsos profetas e de quantas vezes a gente se pega lidando com as histórias de outras pessoas de forma pejorativa, fofoca também é uma história negativa.

A: Eu também tava pensando de como a gente vê, eu vejo pelo menos, pra desopilar a mente, principalmente agora, eu tô vendo Prime Vídeo, eu dei um tempo do Netflix e aí eu vejo, começo numa série e vejo até o final, vou pra outra e vejo até o final, pra não ficar tanto tempo nisso. Mas o que eu percebi nessa fala também, como a gente consome ideias e culturas que estão dentro do... tudo é normal dentro da série e tem coisas, ensinamentos que não são cristãos, que vão contra os ensinamentos cristãos, e a gente vai absorvendo, absorvendo, absorvendo como se aquilo é tudo normal, aquela violência nos files de ação, séries de ação, os casos, as traições e um monte de coisas, aquelas tramas que te deixam tão ligadas né, mas em contrapartida, naquela mensagem do Papa do ano passado, ele fala desse bom alimento da informação que toda informação que os nossos sentidos captam, eles são alimento para o nosso cérebro, eles podem ser bom alimento, deixam o cérebro saudável, ou um alimento que vai degenerando né. Então, só uma coisa que eu pensei...

N: Eu tava tentando ficar pelo celular não... Desculpa meninas, vocês não ouviram, eu disse que estava tentando ficar pelo computador, mas não consegui. Então, voltamos pra cá. Tem mais um trechinho nas histórias positivas, alguém quer terminar? Não, a gente acabou né, a história das histórias. Então, quem gostaria de ler?

C: Se ninguém for ler, eu posso ler: “A história das histórias. A Sagrada Escritura é uma História de histórias. Quantas vicissitudes, povos, pessoas nos apresenta! Desde o início, mostra-nos um Deus que é simultaneamente criador e narrador: de facto, pronuncia a sua Palavra e as coisas existem (cf. Gn 1). Deus, através deste seu narrar, chama à vida as coisas e, no apogeu, cria o homem e a mulher como seus livres interlocutores, geradores de história juntamente com Ele. Temos um Salmo onde a criatura se conta ao Criador: «Tu modelaste as entranhas do meu ser e teceste-me no seio de minha mãe. Dou-Te graças por me teres feito uma maravilha estupenda (...). Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, recamado nas profundezas da terra, nada disso Te era oculto» (Sal 139/138, 13-15). Não nascemos perfeitos, mas necessitamos de ser constantemente «tecidos» e «recamados». A vida foi-nos dada como convite a continuar a tecer a «maravilha estupenda» que somos.

Neste sentido, a Bíblia é a grande história de amor entre Deus e a humanidade. No centro, está Jesus: a sua história leva à perfeição o amor de Deus pelo homem e, ao mesmo tempo, a história de amor do homem por Deus. Assim, o homem será chamado, de geração em geração, a contar e fixar na memória os episódios mais significativos desta História de histórias: os episódios capazes de comunicar o sentido daquilo que aconteceu.

O título desta Mensagem é tirado do livro do Êxodo, narrativa bíblica fundamental que nos faz ver Deus a intervir na história do seu povo. Com efeito, quando os filhos de Israel, escravizados, clamam por Ele, Deus ouve e recorda-Se: «Deus recordou-Se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob. Deus viu os filhos de Israel e reconheceu-os» (Ex 2, 24-25). Da memória de Deus brota a libertação da opressão, que se verifica através de sinais e prodígios. E aqui o Senhor dá a Moisés o sentido de todos estes sinais: «Para que possas contar e fixar na memória do teu filho e do filho do teu filho (...) os meus sinais que Eu realizei no meio deles. E vós conhecereis que Eu sou o Senhor» (Ex 10, 2). A experiência do Êxodo ensina-nos que o conhecimento de Deus se transmite sobretudo contando, de geração em geração, como Ele continua a tornar-Se presente. O Deus da vida comunica-Se, narrando a vida.

O próprio Jesus falava de Deus, não com discursos abstratos, mas com as parábolas, breves narrativas tiradas da vida de todos os dias. Aqui a vida faz-se história e depois, para o ouvinte, a história faz-se vida: tal narração entra na vida de quem a escuta e transforma-a.

Também os Evangelhos – não por acaso – são narrações. Enquanto nos informam acerca de Jesus, «performam-nos»[1] à imagem de Jesus, configuram-nos a Ele: o Evangelho pede ao leitor que participe da mesma fé para partilhar da mesma vida. O Evangelho de João diz-nos que o Narrador por excelência – o Verbo, a Palavra – fez-Se narração: «O Filho unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O contou» (1, 18). Usei o termo «contou», porque o original exegésato tanto se pode traduzir «revelou» como «contou». Deus teceu-Se pessoalmente com a nossa humanidade, dando-nos assim uma nova maneira de tecer as nossas histórias”.

N: Então meninas, o que vocês conseguem refletir dessa parte do texto?

D: Eu acho que é muito, pra mim ficou muito 2 coisas: a primeira é que, eu não acho que tenha vindo do texto, mas lendo ele me veio na cabeça e gostaria de compartilhar é mais a questão sobre tu seguir sempre estudando e lendo, enfim, então, isso, na minha opinião serve para tudo assim, sabe, então, a gente sempre escuta tipo ah, não é questão que não é Bíblia, enfim, que não vai atrás de informação, sabe, tipo justificar, não justificar sua fé, mas tipo, ah ter argumentos, sabe e eu acho que isso é uma coisa que a gente vê em todas as áreas, na minha área, tu não vai ser um bom administrador se tu não seguir estudando, se tu parar com o que tu aprendeu na faculdade, então isso, tipo, serve pra tudo. E aqui também, a gente tem que ler, a gente tem que estudar, a gente tem que entender e ao mesmo tempo a gente pode passar isso para as outras pessoas. Então, aqui traz, de geração em geração, mas também tipo, pra amigos e por redes sociais e por tudo o que é lugar a gente pode passar um pouco do que a gente aprende estudando a Bíblia, entendendo e um pouco do que a gente acredita também.

N: Eu acho que uma coisa que me chama atenção nesse texto, é a questão que eu até tinha sublinhado aqui: “o próprio Jesus falava de Deus não com discursos abstratos mas com parábolas breves, narrativas tiradas da vida de todos os dias aqui história e depois para o aumento a história para a subida tá uma nação entra na vida de quem a escuta e a transforma” Eu acho que essa parte me chama muita atenção porque nós somos história viva de Jesus e de Deus, a cada relação que a gente constrói uma com a outra e assim a gente forma uma terceira relação, um terceiro se formado dessa relação, a gente se faz história e ponte para Deus. Não sei se vocês conseguem... se faz sentido isso que eu tô falando? Não sei se a “A” quer complementar isso que eu tô falando?

A: Eu lembrei tu falando que nós somos história viva de Deus, também aquela, nós somos corpo místico de Cristo, nós somos o prolongamento da vida de Cristo. Então Cristo se manifesta através de nós e vai ter alguma parte aqui que a gente tem que ser esse.. como um livro aberto, como uma carta. Tem também aquela passagem: nós somos a carta escrita por Deus né, o

Espírito Santo é quem escreve, então, estar aberto para o Espírito Santo escrever a nossa história. Trilhar essa história conosco. Eu fiquei pensando nessas coisas, eu pensei também na.. que é a história das histórias, a palavra de Deus, a bíblia, é um compilar de vários livros e vários livros são formados por várias histórias de povos, culturas diferentes, religiões diferentes e também mesmo livros, por exemplo, Gênesis tem 3 tradições semíticas num lugar só, que foi compilado também. Se vocês pararem para perceber quando leram ou quando leem o Gênesis, tem 3 relatos da criação e tem detalhes diferentes e, cada um. Por que vem de 3 diferentes tradições orais então como a nossa vida é marcada porque alguém contou alguma coisa pra pra nós.

N: a “D” tinha pedido pra falar...

D: Não, desculpa, eu fui futricar aqui e aí apertei ali, foi rateada, desculpa.

N: Eu acho que é isso, pra gente pensar que tipo de história a nossa vida conta sobre Jesus, sobre Deus. Fiquem na mente com essa perguntinha, pra gente ler o próximo. Quem vai ler “Uma história que se renova”?

B: Eu posso ler.

A história de Cristo não é um patrimônio do passado; é a nossa história, sempre atual. Mostranos que Deus tomou a peito o homem, a nossa carne, a nossa história, a ponto de Se fazer homem, carne e história. E diz-nos também que não existem histórias humanas insignificantes ou pequenas. Depois que Deus Se fez história, toda a história humana é, de certo modo, história divina. Na história de cada homem, o Pai revê a história do seu Filho descido à terra. Cada história humana tem uma dignidade incancelável. Por isso, a humanidade merece narrações que estejam à sua altura, àquela altura vertiginosa e fascinante a que Jesus a elevou.

Vós «sois uma carta de Cristo – escrevia São Paulo aos Coríntios –, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações» (2 Cor 3, 3). O Espírito Santo, o amor de Deus, escreve em nós. E, escrevendo dentro de nós, fixa em nós o bem, recorda-no-lo. De fato, recordar significa levar ao coração, «escrever» no coração. Por obra do Espírito Santo, cada história, mesmo a mais esquecida, mesmo aquela que parece escrita em linhas mais tortas, pode tornar-se inspirada, pode renascer como obra-prima, tornando-se um apêndice de Evangelho. Assim as Confissões de Agostinho, o Relato do Peregrino de Inácio, a História de uma alma de Teresinha do Menino Jesus, os Noivos prometidos (Promessi sposi) de Alexandre Manzoni, os Irmãos Karamazov de Fiódor Dostoevskij... e inumeráveis outras histórias, que têm representado admiravelmente o encontro entre a liberdade de Deus e a do homem. Cada um de nós conhece várias histórias que perfumam de Evangelho: testemunham o Amor que transforma

a vida. Estas histórias pedem para ser partilhadas, contadas, feitas viver em todos os tempos, com todas as linguagens, por todos os meios.

A: Cadê a “N”? Alguém quer comentar enquanto ela volta?

B: Eu acho que essa parte aqui ela fala aqui, eu acho que, coisas bem importantes que mesmo que algumas histórias que a gente julgue que não são importantes, elas são importantes né, e aqui fala também sobre a questão da partilha, que a gente deve partilhar e eu acho que a gente faz isso muito no grupo sobre partilhar, sobre a vida, sobre as nossas histórias de vida. É bem interessante esse texto aqui, que ele cita também alguns livros, eu não sei se a “A” conhece, já tinha lido, já leu algum desses livros que ele cita?

A: Eu li “Confissões”, não lembro se eu li tudo, Confissões de Santo Agostinho, o Relato do Peregrino de Inácio não sei se é o Relato do Peregrino Russo, não sei se alguém conhece o relato do peregrino russo? Mas, tipo, é um autor desconhecido que eu saiba né, esse Relato do Peregrino Russo, é bem interessante, ali ensina uma oração muito comum do dos ortodoxos, da Igreja Russa, essa Igreja mais oriental, que é a Oração de Jesus: “Senhor Jesus, tem piedade de mim pecador” ou coisas parecidas com isso. “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Mas o importante é Jesus, às vezes as pessoas só rezam “Jesus”, ficam repetindo, e eles falam também que é a “Oração do Coração” né, é no pulsar, tu vai repetindo né, faz o silêncio, repete, e aí tu pode fazer o dia inteiro, tu podes fazer outras coisas, mas tu pode estar falando com Deus e aí esses “Relatos” é esse peregrino russo, andarilho né, eu não lembro direito assim como é que ele começa, como ele se torna peregrino, mas aí ele, ao longo do caminho ele vai encontrando pessoas que vão sendo sinais de Deus e que vão ensinando coisas pra ele ou situações que ensinam coisas e aí é um caminho de espiritualidade, é bem interessante, quem quiser tem na Paulus hehehe... “História de uma alma” eu li também, é uma biografia da Santa Terezinha de Lisieux. “Noivos prometidos” eu não li, “Os Irmãos Karamazov” eu já ouvi muito bem, do Dostoevskij, mas eu também não li.

B: Ah legal, eu eu tô te dizendo, eu não li nenhum aqui, tô até com vergonha aqui. Eu acho que a gente pode subir um pouquinho o texto ali pra voltar o que dizia pra gente comentar mais.

S: Eu ia falar isso.

N: Só pra avisar, eu tô de volta.

B: Ali, ali no início fala sobre “a história de Cristo não é um patrimônio do passado, é a nossa história sempre atual”. Eu acho que essa frase, ela faz muito sentido porque várias leituras da bíblia elas são super atuais, elas foram escritas há muito tempo. Então, eu acho que muitas vezes a gente já se pegou lendo passagens ou leituras do novo ou do velho testamento que fez todo sentido naquela hora que a gente leu, então...

A: Ué, eu tô..., eu acho que ela caiu....

D: Mas, ô gurias, só enquanto a “B” não volta, isso que a “B” tava falando é uma baita verdade né, então, até nas nossas reuniões assim, muitas vezes quando a gente traz alguma passagem, a gente comenta issoné, como é atual mesmo não sendo né, mesmo não tendo sido escrito agora e eu não sei, mas isso assim relacionado com “vós sois uma carta de Cristo”, me parece muito que, querendo ou não, nós por acreditarmos em Deus, nós também somos um pedacinho dele assim, sabe, nós somos uma obra dele. E aí com isso, a maneira como a gente tá agindo também tá construindo de certa forma, talvez parece um pouco egoísta isso, mas como ele é, eu não sei, me pareceu muito assim uma questão de via de mão dupla sabe, vai e vem, não sei, eu fiquei, eu tirei muito essa mensagem assim, mais ou menos isso. Ficou meio confuso na minha cabeça, eu não sei se vocês conseguiram entender o que eu tô pensando.

A: Sim, vários salmos dizem que nós somos essa obra inacabada de Deus, e Deus vai nos construindo né ao longo da nossa vida. Por isso que também nós somos imagem de Deus e as semelhanças também vão se construindo no processo de caminhada.

N: E é aquela coisa que a gente já tinha falado na outra reunião, que da relação que é construída né, que eu sou uma parte Deus e eu me conecto com Deus e através dessa relação surge uma terceira persona, que seria o Espírito Santo, que me inspira, que me toca, que me traz a humanidade de Deus, digamos assim. É mais ou menos isso que a gente tinha conversado né “A”?

A: Sim, sim, é bem isso, até a... nessa palavra da “Sois a carta de Cristo... é o Espírito Santo, o amor de Deus, que escreve em nós” e na Trindade, quando a gente tava preparando a “N” falou isso, que ela falou né, que a relação entre duas pessoas gera uma outra persona e tal. Persona, tipo, essa relação se torna personificada né. E aí eu falei: Ah, tu acabou de explicar a Trindade, e é bem isso, também nas nossas relações, a Terceira Pessoa é o Espírito Santo. O amor entre o pai e o filho, no caso da Trindade, é tão grande que ele gera uma persona, uma pessoa, então, o amor, ele é personificado, o Espírito Santo é o amor. E assim também as nossas relações, elas podem gerar esse essa persona, podem gerar outras coisas né, às vezes negativas, como aquelas histórias que nem sempre são boas, que a gente tava falando, mas nós sim podemos ter essa Terceira Pessoa entre nós que é o amor, que é o Espírito Santo.

N: Não sei se a “B” quer continuar o raciocínio dela.

B: Não eu acho que era isso, eu estava falando da questão é da história de Jesus, de como ela faz muito sentido até hoje, na verdade, tanto é que as parábolas né como a gente tava falando, elas se aplicam hoje na nossa vida e elas fazem sentido. E eu acho que também dá pra gente pensar já que se fala tanto em história, de que forma que a gente quer construir a nossa história.



A gente daqui pra frente, o que que a gente vai levar na nossa bagagem, quais são os sentimentos que a gente quer nutrir por essa terceira pessoa que vocês falavam né. Na verdade eu não entendi muito bem, eu vou dizer pra vocês, como que tu tava explicando ali “N” que tu falava, por exemplo, tu te referiu a “C”, daí teria uma terceira pessoa e daí eu peguei uma parte que a “A” tava falando do Espírito Santo, eu me perdi um pouquinho.

N: Assim, é que Deus é formado por uma Trindade pai filho espírito né? Sim, então, o que que eu trouxe aqui nas relações, relações da vida toda, eu sou Bruna com a minha persona, com a minha persona, com a minha forma de ser, agir, pensar e estar. A “B” é uma outra pessoa, certo? Da minha relação contigo, surge uma, como se fosse uma terceira pessoa, que é como a gente é na nossa relação. Tu não é do mesmo jeito comigo como seria pra “C” ou pra mim ou pra “S”, entendeu?

B: Sim. Eu eu já ouvi dizer que o ser humano é feito de 5 pessoas, por exemplo, assim ó.

N: São 5 pessoas que mais te influenciam, mas não é isso, a gente está falando de persona na questão psicológica, tá. Na forma com que a minha relação contigo é única, e a tua relação comigo também é única, porque tu não é do mesmo jeito que é comigo com nenhuma outra pessoa. E desta relação sai uma terceira persona, entidade talvez assim fica mais claro para vocês.

S: Que nem com filho né a gente é assim, também, com meu filho eu sou de um tipo, com minha filha eu sou de outro, é isso né?

N: Isso. O que acontece: pai, filho e espírito. Eu tenho Deus, que é o Pai, meu Pai. E aí eu sou filha e a minha relação com Deus é o Espírito Santo.

A: Resumindo, essa persona é a relação, entendeu, então, aquilo que liga uma pessoa a outra que é única, essa relação, no caso, quando a gente está em comunhão, quando a gente está nesse tipo de relação, é o Espírito Santo, quando é uma relação de amor, quando é uma relação assim dessas, é o Espírito Santo. No caso da Trindade, Tipo trazendo essa essa abordagem de filosófica, psicológica da “N”, a gente pode aplicar também pra Trindade e aí entender que o..., mas aí o.. a Terceira Relação, que seria o Espírito Santo, não é como se, é, né, então, a relação de amor entre o Pai e o Filho, ela realmente gera uma terceira pessoa, que é o amor em si, é o amor personificado, que é o Espírito Santo.

S: E o amor de ódio? Olhar de ódio? Quando tu não bate com a pessoa, é uma terceira persona também?

A: Poderia se dizer...

D: Não deixa de ser uma relação...

A: É uma relação negativa. Essa persona é a relação negativa.

N: A “J” tá dizendo que só pode ficar mais 5 minutinhos, mas tudo bem, tem mais algumas coisinhas pra gente tocar aqui, mas qualquer coisa a gente retoma em outro momento, e eu acho que também seria interessante pra gente olhar com outros olhos algumas histórias mais “atualizadas” da forma da gente enxergar Deus. E eu me lembrei do filme, eu botei atualizadas entre aspas, eu espero que vocês entendam o que eu quero dizer, contada de uma forma mais moderna, talvez faça mais sentido, que é o filme “A Cabana”, quem ainda não assistiu, eu acho que seria legal porque traz uma visão bem... que condiz muito com o que a gente tá falando aqui no texto. Quem ainda não assistiu, quem ainda não leu...

I: É a mesma história o livro e o filme?

N: Sim.

I: Ah tah, eu li então.

N: Então talvez reler essa história, eu acho que faria bastante sentido agora que a gente em uma nova visão. Eu vou ler a última, o último tópico que é uma história que nos renova, eu acho que é isso que falta pra finalizar e depois, a “A” vai lançar algumas perguntas pra debate. Certo “A”?

A: Certo.

N: Uma história que nos renova.

Em cada grande história, entra em jogo a nossa história. Ao mesmo tempo que lemos a Escritura, as histórias dos Santos e outros textos que souberam ler a alma do homem e trazer à luz a sua beleza, o Espírito Santo fica livre para escrever no nosso coração, renovando em nós a memória daquilo que somos aos olhos de Deus. (Exatamente tudo aquilo que estávamos falando). Quando fazemos memória do amor que nos criou e salvou, quando metemos amor nas nossas histórias diárias, quando tecemos de misericórdia as tramas dos nossos dias, nesse momento estamos a mudar de página. Já não ficamos atados a lamentos e tristezas, ligados a uma memória doente que nos aprisiona o coração, mas, abrindo-nos aos outros, abrimo-nos à própria visão do Narrador. Nunca é inútil narrar a Deus a nossa história: ainda que permaneça inalterada a crónica dos factos, mudam o sentido e a perspectiva. Narrarmo-nos ao Senhor é entrar no seu olhar de amor compassivo por nós e pelos outros. A Ele podemos narrar as histórias que vivemos, levar as pessoas, confiar situações. Com Ele, podemos recompor o tecido da vida, cosendo as ruturas e os rasgões. Quanto nós, todos, precisamos disso!

Com o olhar do Narrador – o único que tem o ponto de vista final –, aproximamo-nos depois dos protagonistas, dos nossos irmãos e irmãs, atores juntamente conosco da história de hoje. Sim, porque ninguém é mero figurante no palco do mundo; a história de cada um está aberta a possibilidades de mudança. Mesmo quando narramos o mal, podemos aprender a deixar o

espaço à redenção; podemos reconhecer, no meio do mal, também o dinamismo do bem e dar-lhe espaço.

Por isso, não se trata de seguir as lógicas do storytelling, nem de fazer ou fazer-se publicidade, mas de fazer memória daquilo que somos aos olhos de Deus, testemunhar aquilo que o Espírito escreve nos corações, revelar a cada um que a sua história contém maravilhas estupendas. Para o conseguirmos fazer, confiemo-nos a uma Mulher que teceu a humanidade de Deus no seio e – diz o Evangelho – teceu conjuntamente tudo o que Lhe acontecia. De facto, a Virgem Maria tudo guardou, meditando-o no seu coração (cf. Lc 2, 19). Peçamos-Lhe ajuda a Ela, que soube desatar os nós da vida com a força suave do amor:

Ó Maria, mulher e mãe, Vós teceste no seio a Palavra divina, Vós narrastes com a vossa vida as magníficas obras de Deus. Ouvei as nossas histórias, guardai-as no vosso coração e fazei vossas também as histórias que ninguém quer escutar. Ensinai-nos a reconhecer o fio bom que guia a história. Olhai o cúmulo de nós em que se emaranhou a nossa vida, paralisando a nossa memória. Pelas vossas mãos delicadas, todos os nós podem ser desatados. Mulher do Espírito, Mãe da confiança, inspirai-nos também a nós. Ajudai-nos a construir histórias de paz, histórias de futuro. E indicai-nos o caminho para as percorrermos juntos”.

Então, acho que esse é um texto muito, muito, muito mágico, muito maravilhoso, lindo, como a Grazi falou e nos faz refletir muito. E a “A” tem algumas questões para debater com a gente e agora o tempo é todo dela.

A: Quanto tempo a gente tem? Só pra saber.

N: Acho que a gente tem mais um tempo, eu acho que as meninas não precisam sair, então pelo menos mais uns 15 minutos, tu acha que dá conta? 10 ou 15 minutos?

A: É acho que uns 15 minutos só pra uma partilha, e vocês conseguiram pensar naquelas perguntas de ontem que a gente deu um tempinho pra pensar, então: quem é Jesus pra você? Que tipo de relação... eu não sei da onde tá saindo esse som... que tipo de relação você tem com Jesus? E acho que podia separar em 2 partes né...

N: bota as perguntas aí amor...

A: Ah não tá aparecendo? Então tem que parar de dar ah.. eu achava que só trocar de tela..., mas agora eu vou e aí eu volto.... pronto... vamo lá. Agora eu acho que vai. Então, quem é Jesus? Começar com essas 3 primeiras perguntas e aí cada uma se puder falar um poquinho sobre elas, tentar responder, algum comentário sobre isso, quem é Jesus pra você? E que tipo de relação você tem com ele e se você fosse apresentar Jesus a um jovem em uma frase, só uma frase: Fulano, esse aqui é Jesus... e explicar quem é Jesus, o que você diria? Alguém gostaria de começar?

D: Ham teve acho que foi a “B” que falou ontem alguma coisa relacionada a isso, acho que me veio muito agora assim, se eu tivesse que falar em pouquíssimas palavras, o que é muito difícil se tratando da minha pessoa, Mas tudo bem. Ah, brincadeiras a parte, ah, eu acho que eu falaria como um guia, como um líder, acho que a “B” também falou isso ontem, pra mim é a minha maior verdade. Pensando assim, no próprio caminho de Emaús, como tu explica o Emaús? O Emaús é Deus né? E como é que tu explica, é muito difícil da gente colocar em palavras. Sabe, eu explicaria da mesma maneira que eu explico o Emaús, como um caminho, uma maneira de conexão, sabe, então, um caminho, o que é um caminho para tu viver? É é um guia, então, se tratando de uma pessoa, eu acho que eu diria que é um guia.

A: E que tipo de relação com Jesus tu tem no teu dia a dia?

D: Tô só parafraseando outras pessoas hoje né, hehehe.. quando eu me questiono sobre isso, Quando eu fiz o meu curso, tem uma palestra, todas as palestras do Emaús “A”, elas têm muito testemunho. E aí uma delas, eu tive no meu curso e aí eu nunca vou esquecer assim, que enfim, era uma menina super divertida assim a maneira como ela falava e ela brincava, tipo, Jesus é o nosso Brother, é o nosso amigo. Então, é divertido falar dessa maneira, engraçado, mas eu acho que é a maior verdade, então até quando tu comentou sobre a maneira de rezar, acho que tu comentou sobre repetir: “Jesus, Jesus”. Tu tava comentando um outro tipo de oração, eu questionei, eu acho que não não importa muito assim como tu reza, desde que tu reze, entende? Não importa como tu conversa desde de que tu converse. Eu converso com Deus como eu converso com o meu pai, converso com minha mãe, com meus amigos, sabe é como um amigo, não não tem palavras ditadas, nada, é como se eu tivesse falando com você, sabe, então acho que eu diria isso.

N: “D” desculpa te interromper o raciocínio, só um poquinho. “A”, tu lembra de como a gente falou sobre conversar com Jesus como um Brother?

A: Ah sim, tu falou, aham.

N: Hehehe... Não sou a única.

A: Ah não, pra mim também, pensando né, fazendo a pergunta pra mim mesma. Ah, eu fiquei pensando justamente essa relação de que, eu sinto assim, aonde eu for e aonde eu tiver, e eu tive essa experiência de morar fora do país por um ano e viajar muito nesse período e muitas vezes, muitas vezes sozinha né, saindo pra alguma atividade acadêmica e etc, então, o que eu senti assim né, eu sentia assim no meu coração né: Jesus é o meu lar. Aonde eu estou com ele, sempre eu tô em casa, sempre eu me sinto em casa, então, é, essa, né, partilhando a minha parte, essa é minha relação com Jesus. Mais alguém?

N: “D”, continua... Ou a “AN” que ainda não falou.

S: Eu acho que todas devem falar... Eu, eu me ponho nesse momento fora porque, principalmente o trabalho da “A” é pra vocês gurias. Então, eu gostaria se todas pudessem falar seria interessante.

B: Eu respondi ontem a primeira pergunta...

A: Sim, sim.

D: E eu já relembrei pra todo mundo. [risos].

S: Eu já usei a tua resposta, hehehe...

B: A segunda eu vou usar a da “D”, acho que também eu penso que Cristo é o meu amigo, aquele que... eu eu brinco às vezes, ah o cara lá de cima! Ou: “Amigo aí, dá uma força”. Eu acho que essa relação de intimidade, de amizade mesmo, de companheirismo, de tipo, bah, dá um tapinha nas costas aí amigo, dá uma ajuda, coisas desse tipo. Eu acho que eu diria assim: Ai, vem aqui, eu quero te apresentar um cara legal. A segunda ali fala: Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Eu acho que a gente pode reconhecer Jesus na natureza, a gente pode reconhecer Jesus é... no rosto do do do próximo. É... eu eu vejo Jesus às vezes no rosto das pessoas assim na rua. Eu costumo fazer esses Links assim com.. , quando as pessoas têm gestos de amor, eu acho que é Jesus que tá ali. Palavras de conforto, é Jesus agindo. É: como fazer ouvir a sua voz em meio a tantas vozes, faces, ideias, informações? Eu acho que que a gente tem que também é... rezar pra que isso aconteça também. A gente tem que ter um momento de oração, se conectar com Jesus pra pra que isso... pra que a gente possa perceber que ele caminha conosco né. Por que de nada adianta a gente seguir na jornada sem se espiritualizar e se conectar com ele, por isso que é importante a gente ter esses momentos aqui também né, de partilha, de ouvir como é que a “A”, como a “N”, “S”, a “D”, todo mundo pensa, “AN”, a “C”, todo mundo, eu acho que eu vejo Jesus em vocês, resumindo.

S: Me copiou, heheheh... [risos].

D: Hoje está liberado... [risos].

AN: Eu vou falar então, tão me ouvindo?

Várias: Sim sim.

AN: Tá. A primeira ali, desde ontem, vai parecer que eu tô falando a mesma coisa, já desde ontem eu tava pensando nisso né, e pra mim é como se fosse um amigo, e eu tenho muito costume de conversar com Deus, mesmo sem oração, mas como se eu tivesse falando sozinha sabe, então, às vezes, eu fico contando uma coisa. Por exemplo: bah, hoje eu fui lá no mercado fui... tu acredita? Tipo, como se eu tivesse falando com alguém mesmo, então eu sinto muito isso de Deus estar sempre do meu lado, então meu tipo de relação com Deus, realmente é de amizade e essa pergunta de apresentar pra alguém em uma frase, é muito difícil né, mas eu acho

que justamente eu falaria algo tipo assim: Bah, eu vou te apresentar um cara que eu tenho certeza que tu vai gostar porque né, Jesus, ele tem essa capacidade de se adaptar as pessoas, não tem como tu não gostar, até mesmo se tu não crer, tu admira né, aquele tipo, aquela personalidade que ele foi. Então, justamente, eu acho que Jesus é isso, é... tenho certeza que tu vai gostar. Pra mim ele pode significar uma coisa, pra vocês outra, mas nós todas gostamos dele né. Então, essa relação que eu acho assim. Penso.

D: Arrasou.

A: Show. E se tu já quiser entrar... a “B” entrou na outra parte das perguntas, né, se já quiser aproveitar e responder: Como reconhecer Jesus no mundo de hoje?

AN: Tá, isso eu também tava pensando. Mas eu acho que a “B” falou muito bem, só que eu acho que também assim... pra te reconhecer Jesus, tu tem que se abrir a isso. Então acho que é justamente isso de tu tá aberto pra querer reconhecer Jesus, pra te ver, pra te conseguir ver Jesus em outra pessoa, tu tem que querer né, tem que olhar a pessoa com esse olhar. Me lembra aquela frase que diz que a gente deve pregar o Ev.. que palavras comovem mas os exemplos arrastam né. Então é justamente pregar aquilo que Jesus nos falava, mas vivendo né, e se preciso, usar palavras. Então eu acho que isso é realmente isso, é tu querer se abrir pra enxergar Jesus nas coisas.

Várias: Muito bem. Bem legal.

D: Ô gurias, uma coisa. A “B” falou a questão de tu... a “AN” trouxe agora a questão de tu querer, de estar aberto, e a “B” também tinha trazido um pouco isso, mas eu acho que eu ainda acrescento mais uma palavra assim, sabe, querer estar aberto, mas também parar. Por que eu acho que se tu não para, literalmente parar, seja pra refletir, seja para respirar, seja pra uma reunião de grupo, seja pra missa, porque eu acho que se tu não parar, tu não enxerga. Tu corre e é levado por tudo que acontece, as coisas boas acontecem, elas te atropelam, as coisas ruins também, e tu não enxerga nada, e aí depois, já aconteceu várias vezes comigo, acontece todo o dia, depois tu para e fala: ah, nossa... sabe? Tipo, parece que tudo se conectou, bah, só pode ter sido Deus, só pode, se tu não tem esse momento de pausa tu não enxerga, então acho que eu acrescentaria essa, essa terceira, terceiro checkin, sabe.

A: Sim, é interessante pensar no próprio caminho de Emaús, nessa leitura né do Evangelho, que eles, quando eles pararam, sentaram pra né, fazer a ceia, e aí quando Jesus partiu o pão, eles reconheceram, justamente isso, naquela hora que eles pararam, eles conseguiram reconhecer, bem interessante. (“D” o tempo todo concordando com a cabeça)

S: Boa colocação mesmo “D”.

A: Mais alguém?

Alguém falou: “C”?

C: Me acharam...

D: Achou que ia se escapar.

C: Bem, Jesus pra mim, meu amigo como todas as gurias falaram, mas eu sinto uma coisa assim que ele é muito maior que tudo assim, eu sinto ele como uma força também assim, muito forte e eu falo de forma bem formal também com ele, mas também assim, tipo, ah, é só tu que pode mudar as coisas né, usa o teu poder né, teu amor pra pra mudar. Eu levo assim também como se fosse um mestre, uma coisa assim, não sei como dizer exatamente, mas uma coisa muito maior que todos nós sabe. Eu tenho também esse... além da amizade essa... esse... esse... esse... respeito assim, tudo que ele representa assim, não sei, não sei explicar exatamente. Mas é algo muito bom assim, é algo que me fortalece muito, sabe. Se eu fosse apresentar Jesus a um jovem...

G: oi gurias

Todas: oi

N: A “G” entrou.

Todas: Ah êêê...

B: Oi “G”.

C: Pode falar aí.

G: Não, não, é que eu tava achando legal o que tu tava falando, pode continuar.

C: Ai que amor, obrigada, então, eu vou continuar, só porque tu falou, hehehe... Se eu fosse apresenta pra um jovem, eu penso assim, tipo, se eu fosse apresentar para o meu primo, ele tem 16 anos, eu diria que: Jesus é amor e faz o bem. Então acho que uma pessoa que que faz isso e que é isso pra... pra qualquer pessoa, é uma pessoa boa que merece confiança. Então, é muito... é muito... é muito particular mesmo, as gurias falaram, cada um vê de um jeito né. Então, pra... cada um vai pegar alguma coisa, mas se a pessoa é do bem e ela te demonstra amor, automaticamente tu se sente cativado por ela, então, acho que já é um começo, assim, de um relacionamento forte né com Deus. E reconhecer Jesus no mundo de hoje, eu também acho que é através do amor, das boas ações, às vezes tu vê que a pessoa, ela quer só ajudar, tá ali pelo pelo próximo, que ela não pensa em nada, que ela só quer dar o máximo que ela pode assim né, pelo outro. Eu acho que é muito isso, muito essa verdade que as pessoas carregam com bondade né. É muito raro né, às vezes assim tu vê, né, as gurias, vocês sempre buscam algo em troca, enfim, nos dias de hoje é muito difícil. Então, eu acho que eu vejo isso assim também.

N: “A”, eu acho que tu pode introduzir as perguntas pra “G”, pra ela já chegar respondendo porque aqui é assim, chegou já responde, hehehe...

A: Então “G”...

G: Como assim? [risos].

B: A “N” também vai responder, não vai te escapar, hein.

Risadas.

N: É que eu já respondi tantas vezes pra “A” que eu já não sei mais né, por que né, nossa, nosso papo foi tão filosófico que foi e voltou umas 20 vezes na minha relação com Deus.

A: Hehehe... é verdade.

S: Quando eu passei o telefone pra “A” da “N”, eu pensei: Meu Deus! Kkkk [Risos]

A: Então “G”, quem é Jesus pra ti, que tipo de relação tu tem no teu dia a dia com Jesus, com Deus, e se você fosse apresentar Jesus pra um jovem, em uma frase, sintetizando em uma frase, o que que tu diria? E daí se já quiser também falar como reconhecer Jesus hoje, no teu dia a dia, né, no teu trabalho como perceber que ele está ali do teu lado, como perceber, ouvir a voz de Deus em meio a tantas outras né, e a mensagem dele em meio a tanto, essa enxurrada de mensagens e de informações. Então, pode partilhar aí.

D: Gurias, a “G” mandou aqui que vai falar por mensagem. Maravilha “G”.

S: Quem sabe outra vai respondendo enquanto ela escreve.

B: Isso, a “S”.

S: Não, eu até responderia, mas eu acho que vocês tem que responder primeiro.

B: Quem é que falta responder?

I: É, acho que só falta eu. Ah..

G: Agora tá melhor pra eu falar gurias.

I: Tá, então fala Ju, pode falar.

G: Acho que fica melhor do que digitar. Vim pra outra peça da casa. Tão me ouvindo?

Várias: sim sim sim.

G: Não dá pra ver, a minha imagem não tá aparecendo, mas tudo bem. Tá, então, a primeira pergunta de quem é Jesus para você né? Eu até tinha colocado já ontem, mas ah, botei só um pouquinho assim. Que eu penso Jesus como um pai, eu tinha colocado ontem até, um pai protetor e misericordioso, que tem misericórdia de nós, de todas, de muitas vezes que a gente falha e briga com ele, como a gente tava falando ontem né. Ah, que a “B” comentou também e as gurias tavam falando. Ah.. e é uma pessoa, enfim, um pai divino, e humano né, que também se tornou humano, que a gente pode sempre contar, então, que a gente nunca vai estar sozinho, né, por mais que muitas vezes a gente acha que possa estar, mas a gente não vai estar né. Que nem aquela leitura daquele cara que tava caminhando na praia e aí daqui a pouco ele achou que estava sozinho e na verdade tinha as pegadas na areia né, que ele estava sendo carregado por



Cristo, então, é isso, eu acho, minha visão. Ah... Tá e depois a outra: que tipo de relação você tem com ele, então eu acho que é isso, de alguém que eu possa contar, que eu possa confiar e me abrir né, encontrar uma segurança pro mim, pra minha vida e para todos os momentos. Se você fosse apresentar Jesus a um jovem, em uma frase, o que você diria? Eu acho que eu diria isso né. Alguém em quem a gente pode contar 24 horas por dia em todos os momentos da nossa vida. Que a gente sempre vai poder confiar nele né e por mais que às vezes a gente não entenda os caminhos ele nos leva, ele sempre vai nos levar para o melhor. Era uma frase só e eu fiz um texto, mas tudo bem. Como reconhecer Jesus no mundo de hoje, como perceber que ele caminha conosco, como fazer ouvir a sua voz, a sua mensagem em meio a tantas vozes, faces e informações? Então, acho que como reconhecer Jesus. Ah... eu tenho visto muita nessa ah... eu acho que as gurias já devem ter falado isso também, mas ah... nesse momento de pandemia assim de a gente vê principalmente nos atos de solidariedade. Então de ver Cristo no outro e no pouquinho que a gente pode fazer pra tá ajudando as pessoas. Então nesse sentido assim ah... como ouvir a sua voz e a sua mensagem, ah... para mim, uma das coisas que funcionam muito é usar as redes sociais. Então eu fiquei bem feliz com o surgimento da nossa... do nosso grupo, do nosso, da nossa página lá do Insta né. Porque eu sempre fui de colocar assim, ou passagens da bíblia, ou então algo que o Papa Francisco ou São Pio também que eu boto bastante na minha... colocava nos stories assim né, e aí algumas pessoas davam retorno até a “C” sempre dava algum retorno assim positivo né, então eu acho que a gente pode alcançar as pessoas através da tecnologia, eu penso que eu fui bem feliz assim, com a formação da nossa página, lá no Insta, acho que é mais ou menos isso.

A: Muito bom. Obrigada “G”.

S: Deixa eu te fazer uma pergunta “A”. Porque ontem eu não sei se tu chegou a explicar, porque eu me atrasei né. Como é que funciona, tu vai fazer mais quantas... como vai ficar o teu trabalho no nosso grupo. Tem mais reuniões? Assim, como é que é? Pra mim, parece que tu já faz parte do grupo, sabe. [risos].

A: Hahaha... Obrigada.

S: Pra mim, tu já é, tu já fez Emaús?

A: Não. Hahaha...

D: Óóó...

G: Olha aí ó, pronta pra fazer.

S: Quantos anos tu tem “A”?

A: Eu tenho 32 anos.

S: Nunca é tarde “A”, tem gente de 32 aqui também. Bom, mas enfim, eu não sei se tu chegou a explicar para as gurias?

A: Eu acho até que falei enquanto a “N” tava arrumando alguma coisa lá, daí ela pediu pra eu falar. Aí, mas assim... Eu não estipulei mas eu acho que talvez mais 2 encontros pra gente fazer.

S: pra mim, eu não estou cobrando o número de encontros e só pra eu entender como é que vai funcionar, entendeu.

A: Sim, sim.

S: Por mim tu pode ficar a vontade.

A: Sim, tranquilo.

S: Eu não queria atrapalhar, eu só queria saber, como ontem eu cheguei atrasada, eu acabei não ouvindo, né nada.

A: É eu até não falei quantos encontros porque na verdade eu não tenho certeza absoluta, mas eu acho que provavelmente mais dois encontros que o que eu expliquei é justamente isso. Essa partilha que a gente tá fazendo ah... E eu comecei no grupo passado a fazer algumas perguntinhas também e tal, então, essa partilha é justamente a ideia da teologia comunicativa. Resumindo, ela é comunicativa porque é um processo comunicativo com outras pessoas, não sozinho, não é eu “A” pegando um monte de livro, estudando né, pensando uma cristologia para era digital. Mas é eu “A” em um grupo que tem, que tem a ver porque, porque são jovens né e, ou seja, são nativas digitais né, são pessoas que nasceram no meio dessa cultura e aquilo que vocês falam sobre Jesus, como vocês percebem, como vocês entendem ah... a relação que vocês têm. Isso ah... depois eu vou analisar, digamos assim, por isso que eu tô gravando e pegando algumas palavras chaves como vocês falaram a amizade né, então, fazer uma cristologia de Jesus amigo, por exemplo, então pensar ah... Jesus como esse amigo e, ou, alguma questão que aparece, alguma pergunta importante assim né, eu vou ter esse olhar mais cristológico porque o meu orientador, ele pediu né... hahaha... porque eu tenho que fazer fazer as coisas de acordo com o orientador e aí eu acabei indo para essa...

S: É o “Z”?

A: Não, ele não, ele não tá mais, mas ele foi meu professor no mestrado.

S: Não, eu achei que o teu orientador era ele.

A: Não, não. Mas é um grande amigo.

S: Alguém mais quer responder? Também não é obrigado né “A”.

A: Claro, sim.

I: Ah, é verdade, eu não gosto de falar. Ah... não. Pra mim, ah... quem é Jesus pra você? Quando vocês começaram a falar me veio na cabeça uma frase que eu decorei para fazer o primado de

Pedro. Que quando eu fiz CLJ, eu era da igreja são Pedro né. A frase que eu falava no primado era que pra mim ele não era somente um homem, eu perguntava, perguntaram várias vezes pra Pedro quem era Jesus pra ele, e aí vários disseram ah pra mim é Pedra e foram falando várias coisas e o que eu dizia quando passavam pro povo, pra comunidade falar, eu falava que pra mim ele não era um homem, ele não era somente um homem, era o melhor dos homens, o mais sábio de todos que já existiram, que era mais ou menos isso. E eu acho que é verdade, pra mim não é um cara qualquer assim, ele é o cara. Ele é um cara que em qualquer momento tu dá um grito e ele vai tá ali pra ti socorrer, sabe. Claro, acho que Jesus pra mim é o cara. É a pessoa que eu posso contar em qualquer momento. Ah.... se eu fosse apresentar ele pra um jovem, em uma frase pra quem gosta de falar é meio difícil. Mas, eu diria que ele é aquele cara que tu pode contar, sabe, é uma pessoa que vai estar sempre do teu lado, por mais que não pareça, ele vai estar do teu lado, ele vai te ajudar né, ah... Eu gosto também muito da passagem que a “G” falou né, da passagem não, do texto que a “G” falou, “Pegadas na Areia”. Como uma CLJotista eu ouvi e transmiti muito essa... essa... esse texto. Eu acho bem verdade assim, quando menos tu acha que ele não está, ele está ali e tá te levando no colo, sabe. Eu acho que o que eu diria para um jovem é isso, ele é a pessoa que vai estar sempre do teu lado, por mais que não pareça ele tá ali pra te ajudar. E como reconhecer Jesus no dia de hoje, eu acho que a gente reconhece ele nas pequenas coisas assim né, num sorriso, no CLJ de novo, sei que o foco não é o CLJ né, mas como começou o meu amor por Ele no CLJ, tem uma música que é encontrar o amor em várias coisas né, então, num olhar, no sorriso de uma criança, nos hospitais né, em cada momento, em cada lugarzinho que a gente ah passa, a gente sente a presença dele assim, né.

B: Essa música é linda.

I: É eu amo essa música até hoje. Eu vou contar um segredo pra vocês, eu usei ela na minha redação do Vestibular e eu fui tri bem assim na redação, sabe, então. Essa música me diz muito assim e é bem isso, é bem onde eu vejo o amor de le sabe, como ele se manifesta hoje pra nós. Na flor, ah... no contato, no primeiro contato com uma pessoa, tá conhecendo uma pessoa e aí tu transmiti o que tu sente pra ela, sabe, passar esse... essa emoção que tu tem de ser ah... filha dele e poder passar isso pros outros. Ai, não sei se eu me.. se eu falei certo, mas é mais ou menos isso. E eu acho que é assim, a gente não pode esperar falar... encontrar ele ah.. uma vez eu perguntei para uma guriazinha que eu era professora dela. Ai, onde é que tu encontra o papai do céu? Ela disse: Ah... só na casa dele, aí eu disse: Só na casa dele? E onde é que ele mora? Lá na casinha dele, dentro Igreja, dentro numa caixinha bem pequenininha. Daí eu disse: Mas só ali que tu vê ele? Ela disse: É, só ali que eu vejo ele. Daí eu disse: Não, tu vê ele em qualquer lugar, em qualquer momento, é só tu parar e pensar e pedir. Aí ela disse: Ah, pode ser né prof,

pode ser... Então, nos pequenos detalhes assim eu acho que a gente consegue reconhecer Jesus. Não sei se tu me entendeu.

A: Sim, entendi.

D: Eu fiquei pensando que eu acho que eu concordo com a guriuzinha, sabe. Mas em certa parte, eu acho que ele está na casa dele, mas a casa dele não é o nosso coração? Sabe, eu penso assim, ele tá em casa no coração de cada um de nós, não deixa de ser, ele tá na casa dele, digamos assim, mas ele não tá dentro de cada uma de nós? Então, ele está em qualquer lugar com a gente, né?

I: Sim, e mais uma vez eu me lembrei daquela frase que eu tenho que passa para a “C” e eu sempre me esqueço, da pequena Jerusalém em nossos corações né. Eu tenho que ver qual é a música do curso que fala, mas ele tá ali, ele tem o lugar dele e bem grande no nosso coração assim.

A: Com certeza. Então, eu acho que foi bom o nosso encontro. Todo mundo respondeu? Eu não sei se...

Várias: Sim, acho que sim.

N: Eu já tinha respondido no privado.

A: Mas se tu quiser “N”, elas não te ouviram, tu pode falar.

S: A gente não precisa saber o que tu respondeu...

D: Nem queria mesmo né “S”... [risos].

Várias: Fala “N”. Falta tu falar... que feio “N”, não esperava isso de ti... [risos].

N: É que foi uma conversa tão bacana que qualquer coisa que eu falar agora vai, não vai ser tão honesto quanto o que eu falei naquele momento com a “A”, porque a gente fez uma troca muito bacana, foi uma troca genuína, e não foi só eu que falei, né, ela também foi ouvida, também foi acolhida e foi muito bacana. Então, eu acho que falta a “S” se ela quiser falar também, se ela não quiser, não vamos forçar.

S: Eu posso falar com certeza. As perguntas não estão mais ali, mas eu vou falando. Na verdade assim: quem é Jesus? Eu... Jesus é uma pessoa que que eu conto a todo momento com ele, assim, eu vivo falando com ele, eu brigo com ele, ontem nós falamos né, a gente briga também não adianta dizer só que ah a só coisa que não, a gente briga também ah... eu tenho uma relação bem íntima com ele, assim, eu falo muito com ele, converso demais nos momentos que eu tô chateada, eu vou venho pro meu quarto ou vou pro banheiro, geralmente pro banheiro tá gurias, eu adoro ficar no banheiro chorando e tomando banho e eu sei lá, e chorando e eu converso muito com ele, converso mesmo assim. Ah... eu tenho uma coisa muito forte assim comigo e as vezes eu conto tanto com ele que às vezes eu deixo as coisas rolarem. Vou dar um exemplo,

assim, eu tenho que resolver uma coisa amanhã, eu deixo chegar amanhã pra ter um resultado porque eu tenho tanta certeza que as coisas vão acontecer, não sei se vocês estão entendendo, eu tenho tanta certeza que as coisas vão acontecer do jeito que tem que ser. Não interessa se é bom ou ruim que eu vou deixando pro último dia pra ver o resultado e geralmente eu peço muito e rezo muito e o resultado é aquilo que eu quero. Claro que não é tudo assim, né gurias, nem tudo... Daí é que não era pra ser como eu queria, entendeu. Se não foi como eu quis, não era pra ser, então eu tenho que aceitar assim e tem muitas coisas que acontecem comigo que ele tá ali, que ele tá presente ah... nossa... eu tenho um testemunho pra dar pra vocês. Isso eu consegui passar tanto para os meus filhos, a minha filha não é “A”... eu tenho uma filha de 26 tá, mas ela não frequenta igreja, ela é publicitária, ela é tem uma vida hahaha..., mas é um ser humano maravilhoso. E pro meu filho eu já consegui passar isso e meu filho desde coroinha, hoje ele é secretário de CLJ. Então, teve um dia que a gente tava precisando se mudar porque a gente não tem casa própria. E eu tinha feito um... uma proposta pra um apartamento e tá eu e o Mateus no ônibus e me ligaram para dizer que tinha dado certo. E o Mateus olhou pra mim e disse assim: “Mãe, como é bom acreditar em Deus né”. Porque nós tínhamos rezado antes pra dar certo e tal. Então, eu acho que eu passo essa coisa Pra Ele principalmente Pra Ele assim. Mas a Duda também diz: “mãe, dá uma rezadinha. Mãe, vamo pedi”. Ela também acredita, ela só não frequenta, mas é uma opção dela né, eu não posso forçar ninguém. Se eu fosse apresentar Jesus a um jovem, eu faria o que eu faço com a minha filha, eu apresento, eu mostro pra ela, quando as coisas acontecem ah... e ela reconhece isso, ela reconhece Jesus naquilo eu apresento, do que eu falo, o que eu digo, quando não dá certo eu digo, filha, era por uma boa causa, sabe. Então, eu apresento Jesus do jeito que ele é. Eu digo: é assim. Ontem quando eu falei que via Jesus em vocês, eu vejo assim, eu vejo Jesus em cada uma de uma maneira. Daí entro o que vocês falaram antes eu achei bem interessante da relação com persona né. Que eu tenho uma relação com cada uma de vocês oito que estão aqui dentro, mas todas eu consigo ver Jesus. É interessante isso assim sabe, eu consigo ver de alguma maneira ah... no olhar, no jeito, no... em tudo. Então é uma coisa que ah eu consigo reconhecer Jesus muito bem em vocês ah... em todo mundo. O que eu falei antes é justamente isso. Muitas vezes o mal existe também né e eu tenho pessoas que eu convivo, não não no meio da Igreja, mas também do meio da Igreja, não adianta a gente disfarçar que não existe gente ruim na Igreja, existe sim, a gente acha tudo maravilhoso, mas eu tenho pessoas que eu consigo ver que ela não tem um Jesus vivo dentro dela sabe. E eu reconheço isso e eu sofro com isso porque eu vivo tão bem com ele dentro de mim que eu quero que todo mundo viva assim, entendeu. E aí então é uma coisa assim, peraí um pouquinho que eu me perdi, aqui sim estou respondendo tudo numa coisa só né, pelo jeito hahaha... Desculpa

meninas, é que este tempo de quarentena deixa a gente tão sensível né, então tá todo mundo assim, não é um privilégio só meu né. E que tu começa a falar, e tu começa a perceber, ontem eu falei para as gurias do “Glória Multidão”, “Glória Multidão” “A” é o meu outro grupo que são... que é o grupo das velhas tá, é o meu grupo de origem, hahaha... e a mais nova tem 40 anos né, então a gente tem esse grupo há 28 anos. E eu falei Pra Elas ontem ah... hoje até, que a gente só tá aguentando a pandemia porque a gente tem fé. Porque a gente acredita em Deus, porque se a gente não tivesse Deus dentro da gente hoje, pra mim seria, estaria sendo insuportável, sabe, talvez pra vocês também, mas a gente acredita que Ele tá nos deixando em casa, tá nos... nos protegendo desse bichinho né. Então isso te deixa com o coração mais calmo, mas só porque tem fé, se não... não, é aí que Deus entra né, é aí que Jesus está diante de ti, diante de mim. Então, tá pronto, falei tudo e hahaha... Desculpa gurias, me estendi, mas é... eu... eu queria falar mesmo hahaha. Eu acho que é isso né.

A: Obrigada “S”.

D: Lindo “S”.

S: Ai, querida, viu porque eu vejo Jesus em vocês? Vocês acham tudo lindo em mim hahaha... Garanto que até meus cabelos hahaha... Eu tô inquieta aqui gurias, vocês devem ter visto eu me mexendo, é porque assim ó, eu geralmente fico trabalhando na sala né, mas a sala tá o Humberto e o Mateus com a TV e eu fui pro meu quarto e no meu quarto eu não tenho assim como eu me acomodar, daí então, eu fico me mexendo, me mexendo até kkk... Desculpa.

N: Então, pra focar no teu bem estar “S”, pra que tu não fique mais desconfortável e aí tu possa deitar aí na cama, eu acho que por hoje a gente pode ir encerrando a reunião, porque já estamos há 02 horas e 20 minutos, quase duas horas inteiras em reunião, das 20:30 né...

S: É que tá bom né... [Risos]

N: Ah... Eu só queria que talvez vocês em uma palavra, vocês pudessem dizer o que que representou essa reunião pra vocês hoje, é bem pá pum assim, jogo rápido, uma palavra só, o porquê valeu...

C: Perseverança, pra mim.

D: Partilha.

G: Aí, pensou na mesma palavra “D”.

I: Eu pensei em amor “S”.

S: Jesus.

N: Quem mais que falta? “AN”?

AN: Pra mim, encontro.

A: Pra mim histórias.

B: Ah, eu ia falar isso hahaha...

I: Acho que esperança, me veio na cabeça agora também né, pra gente poder passar ah... apresentar Jesus, a gente tem que ter esperança né de que o outro vai entender o que a gente tá tentando apresentar pra ele.

S: Próxima reunião é de quem?

G: Eu falei que eu posso fazer.

S: O que que falaram da “N”?

C: Que a reunião desse último fim de semana foi dela e a partir disso tava zerado o nosso calendário.

[o resto da gravação foi organização do grupo para as próximas semanas, conversas, piadas].

N: Oração: Deus conversa conosco de diversas maneiras, se aproxima de nós de várias formas... Ah não essa não é a oração?

A: Ah não... isso era a continuação... não tem outra oração, acho... Que oração que tu quer?

N: Eu pensei em fazer um Santo Anjo do Senhor. Eu sugeriria duas orações: uma, Santo Anjo do Senhor, porque eu acho que o anjinho da guarda é nosso primeiro contato, nossa primeira historinha que nos contam sobre o papai do céu, e a outra que eu gosto muito é a oração da serenidade. Então eu vou fazer a oração da serenidade e depois a gente encerra com a oração do Santo Anjo do Senhor, daí a “S” faz, tá bom?

Então, tá. Oração da Serenidade: Senhor, concedei-me a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que eu posso e sabedoria para distinguir umas das outras. Amém.

S: Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me governe, me ilumine. Amém.

N: Eu queria agradecer a presença de todas na reunião, foi muito muito importante, fico feliz da reunião... Vocês estão aí ainda?

Várias: Sim.

N: Eu jurava que eu tava falando sozinha hahaha...

S: “A”, tu pode fechar a apresentação pra gente poder ver todas na tela.

A: Ah sim.

D: Vamo tirar uma foto né.

C: Reunião extraordinária das Maranathas né, vamo lá.

N: Gurias, eu não consegui ver o feedback de vocês porque a minha internet tá caindo, mas se vocês quiserem me mandar no privado ou pelo grupo ali no Whats eu agradeço. “A” muito obrigada pela ...

S: “N” eu queria te agradecer por tu ter dado todo o teu conhecimento para o grupo, a “A” por ter ajudado bastante, e tu por ter ajudado a “A” e vice-versa, eu queria agradecer vocês duas ah... eu não me surpreendi em nenhum momento por essa reunião porque eu sabia que ia ser linda, mas foi muito legal. Parabéns.

N: Dá quase um workshop se for parar pra pensar, foram três horas de reunião, quase quatro. Acho que já dá pra gente pensar num próximo retiro, que tal?

B: Sim, esse aqui é um mini retiro.

S: “C” tira a foto meu amor, eu tô com fome hahaha...

C: Deu.

D: Uhuuu.

A: Obrigada gurias, eu também queria dizer valeu pela participação e ainda um extra né, e pela paciência hahaha...

S: Qual o grupo dos guris que tu tá?

A: é o Transfiguração.

I: É o do meu irmão!

A: Ah legal, qual é o teu irmão?

I: É o mais lindo, o “O”.

A: Ah o “O”, eles dizem que o “O” fala bastante hahaha...

I: Eu não... [risos].

S: Então tá meus amores, uma boa noite.

Todas: Beijos.

N: Me mandem o feedback no Whats, vai ser muito importante pra mim e aí eu combino um bônus com vocês. Beijos.

**5º Encontro: 03.05.2020** – preparação e execução.

#### **Transcrição:**

Encontro preparado pela “A” e “G”. É a primeira vez que a “G” mexe no aplicativo Zoom, então, foi necessário explicar inicialmente algumas coisas, por exemplo, como compartilhar a tela para mostrar os slides do Power Point.

G: Tá então vamos começar com a oração: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra. Oremos: É Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito



e gozemos da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém”. O Salmo da liturgia de hoje é o Salmo 22, daí eu vou pedir pra que uma de vocês possa fazer a leitura do salmo pra gente, pra gente ir meditando ele como oração.

B: Quer que eu leia?

G: Pode ser.

R: "O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em verdes prados ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes, restaura as forças de minha alma. Pelos caminhos retos ele me leva, por amor do seu nome. Ainda que eu atravesse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo. Vosso bordão e vosso báculo são o meu amparo. Preparais para mim a mesa à vista de meus inimigos. Derramais o perfume sobre minha cabeça, e transborda minha taça. A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me por todos os dias de minha vida. E habitarei na casa do Senhor por longos dias."

G: Agora então fica o momento de nós colocarmos nossas intenções e agradecimentos da nossa semana.

N: Eu quero pedir, agradecer, pela vida da minha sobrinha, por tudo ter dado certo, agradecer a empatia e a generosidade de todas as pessoas que ajudaram. E pedir por mim que eu tenha sabedoria, paciência, e tranquilidade para eu fazer os trabalhos que eu preciso realizar para amanhã e durante a semana.

G: Eu também quero agradecer pelos acontecimentos dessa semana, agradecer pelo nascimento da “Vi” que deu tudo certo. Pedir também pelo nascimento da “Mi”, que é a filha de uma amiga minha que vai nascer na semana que vem, pra que tudo corra bem também, e pedir saúde para todas as pessoas que estão com o Coronavírus.

S: Eu quero pedir por todas as nossas famílias, pras pessoas que estão sozinhas nesse momento, pedir pela... amanhã eu vou levar o “Ma”, o “Ma” quebrou o pulso, quebrou um ossinho do braço e talvez tenha que operar, então, pedir que não precise operar nesse momento, que a gente consiga resolver com gesso e pedir pela minha mãe, pelas nossas mães todas e pelas pessoas mais velhas nesse tempo de corona, pela saúde de todo mundo.

D: Eu quero pedir também pelo meu tio, que acho que eu comentei com vocês, um mês atrás eu fui ver ele e ele tava com câncer e ele foi operado, foi tudo bem e agora a gente tá aguardando os resultados pra ver se ele vai precisar fazer quimio ou não. Então rezar pra que enfim ele fique bem e tenha uma boa recuperação, ainda mais em função do Coronavírus né, pra que ele consiga se recuperar só em casa, não precise ficar, enfim, indo muito pro hospital né, porque, querendo ou não, se torna uma pessoa imunodepressiva, que cure ele também, por favor.

R: Bom eu gostaria de agradecer pela semana que passou, pelas oportunidade que eu tive, gostaria de agradecer também, que tudo correu bem com a “Vi” que a gente orou bastante pra ela e pra irmã da “N”. Agradecer pela saúde de todas as pessoas que estão próximas a nós né gurias, que vê a gente tá com um vírus aí horroroso nesse mundo, e eu não tinha o conhecimento de ninguém próximo antes ainda, nem amigas, nem conhecidos de amigas, enfim, que tenha pego. Então, eu agradeço por isso, agradeço a Deus até pela temperatura, o clima da nossa cidade que vê, a gente já aí em maio e não fez frio e o vírus, na verdade ele se propaga mais rápido em temperaturas abaixo de 18 graus né, e a gente tem tido média de 24, 23 graus, então, eu agradeço a Deus todos os dias por esse clima maravilhoso e, pedir assim, que continue dessa forma, pedir pela saúde também do teu tio e pedir pra que as pessoas que estão enfrentando dificuldades, que não tem o que comer, que pessoas vejam isso próximas a elas e que elas recebam doações e que de alguma forma não falte nada, que as pessoas não sintam fome nesse momento.

A: Queria agradecer também por todas as graças dessa semana, pela saúde na minha família também, ao redor, as pessoas ao redor de mim, os meus amigos, e pedir por todos aqueles que estão passando necessidade, em especial, por um amigo que está enfrentando problemas bem sério assim financeiro e enfim, em várias áreas da vida dele, colocar ele nas intenções.

R: Será que não seria válido a gente ah... não sei se ele... enfim, de a gente dar uma cesta básica, fazer alguma coisa pra ajudar?

A: Pois é, a situação dele tá bem difícil porque ele não tá tendo nem onde morar, então, eu tô olhando algumas alternativas mesmo de onde ficar né, então, não adiantaria uma cesta básica nesse momento.

R: Aquela Associação de Cristãos e Moços, não sei se a “S” já ouviu falar e a “A”, é uma Associação Cristã que abriga muitas vezes jovens. Tu já ouviu falar “S”?

S: Eu tô pensando... Quem é essa pessoa “A”?

A: É um rapaz que já não é tão, mas enfim, é bem complicado de falar, é uma longa história, mas ele agora tá nessa situação, brigado, tipo, ninguém quer ajudar ele porque ele se queimou com um monte de gente, e enfim, e ele tá nessa situação agora, não tem onde ficar, perdeu o emprego, perdeu tudo, tá, não sei aonde ele tá agora, mas eu encontrei ele há 2 dias atrás aqui perto no bairro, daí ele me pediu ajuda né, só que eu nem tenho como contatar ele, só se ele aparecer de novo, mas enfim.

R: Tá “A”, só pra te avisar, tem a “Casa Amarela” também tá, a “Casa Amarela” recolhe pessoas, fica lá na Nonoai e então, tu fala pra ele da “Casa Amarela” na Nonoai, tem site na internet também.

S: Essa associação que tu falou é a ACM, né?

R: Isso, é, eu sabia que antigamente eles faziam um trabalho de recolher as pessoas num momento de...

S: Quantos anos ele tem?

A: Ai, eu acho que ele tem em torno de uns 34 ou 35 anos.

S: Bom, se eu souber alguma coisa eu tenho um amigo que cuida, então, em alguns lugares, mas daí é pra drogados né. De repente se ele souber de alguma outra coisa eu te falo.

A: Tá.

R: Tu sabe o nome dele “A” pra gente reforçar então?

A: Sim, sim, “Fc”.

R: E o nome do tio da “D”?

D: É “Fr”.

R: “Fr”, tá.

G: Então por todos esses pedidos né, ah, pedi pra que Nossa Senhora interceda por cada um deles: “Ave Maria cheia de graça.... Amém”. Maria, mãe da Igreja:

Todas: Rogai por nós.

G: São João Batista,

Todas: Rogai por nós.

G: Santo Antonio,

Todas: Rogai por nós.

G: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

G: Então agora esse iniciozinho, na verdade, assim, a reunião ela foi feita por mim, pela “C” e pela “A”, tá. Então, agora, essa parte inicial é com a “A”. Qualquer coisa tu vai me falando tá “A”, se vou, volto, sei lá.

A: Tá.

G: Fica a vontade.

A: Então, a gente pensou juntas né uma dinâmica agora, a gente falou, a gente fez essa pergunta, como reconhecer Jesus, como reconhecer o mestre no mundo de hoje? E aí, também o tema: Jesus, o bom pastor na internet. Então, a ideia dessa dinâmica é vocês escolherem dentre várias imagens que eu peguei na internet, bem diferentes, apresentam Jesus às vezes, bem diferente, um do outro, né, e às vezes, uma pergunta que a gente pode se fazer é: Esse é o Jesus da minha fé? Porque esses retratam, parece totalmente outra pessoa, mas às vezes ressalta algum aspecto interessante, importante, ou da vida de Jesus ou do momento, como a pregação de Jesus como o bom pastor, mas tem outras né, Jesus, Luz do mundo e né, Jesus Crucificado e enfim, e várias

outras que aparecem nos dias atuais, com linguagem atual e na cultura atual que é a cultura digital. Então, como reconhecer Jesus? Outra pergunta que a gente pode fazer, que até eu trabalhei ela no meu mestrado: Deus pode habitar o espaço digital, o ciberespaço? Deus pode estar presente nesse ambiente? Nós podemos nos encontrar com Deus, com Jesus, na internet? Então, pode passar “G”. Isso. E numa das encíclicas do Bento XVI, que é sobre a Palavra de Deus, a *Verbum Domini*, ele colocou um trechinho que eu achei bem interessante que: “No mundo da internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem” (n. 113). Deus veio habitar né, Deus se fez carne e veio habitar entre nós, onde nós estamos em qualquer lugar que nós habitamos, ele quer ter essa relação conosco, essa relação íntima que vocês falaram bastante no outro encontro. Então, ah, Deus precisa se fazer presente também no ambiente digital. E agora a gente vai ver essas imagens né. Não sei se tu quer “G” conduzir? Ou eu continuo, não sei. Mas agora a gente vai olhar as imagens e vocês vão escolher alguma imagem, são várias imagens, essas aqui são as três primeiras, e vocês vão escolher a que mais te chamar atenção, ou que te causa um estranhamento, ou que tu acha divertida, ou que tu se identifica, ou que fala o Jesus da tua fé, qualquer motivação, tu vai escolher uma dessas imagens.

G: Aí, assim, eu vou ir passando e mais pra frente vai ter umas frases também. Daí então, vocês vão olhando as imagens e deem uma lida nas frases, daí a gente pede que vocês uma imagem que tenha te chamado a atenção e uma frase, tá. Depois a gente vai conversar sobre isso.

[Tempo para olhar as imagens e frases]

G: Aí então aqui tem umas perguntinhas que a “A” tinha colocado ah pra gente ir refletindo, assim, qual que seria né, o significado dessas imagens? O que vocês entendem de Jesus através dessas imagens e da fé em Jesus hoje? E o que você sente quando vê essa imagem de Cristo na rede? Te causa um estranhamento, uma coisa natural né, normal, acha divertido, desrespeitoso? Mas acho que antes de a gente responder essas perguntas, vou voltar lá pras imagens e vou começar por mim assim, vou dar o meu, o que eu pensei né.

Primeiro, queria agradecer a “A”, eu adorei ah as imagens e a ideia da do que a gente ia trabalhar hoje, achei muito legal, ah então assim, a imagem que pra mim me chamou mais atenção foi a de Jesus bom pastor ali. Mas eu acho que é até mais porque a leitura de hoje até, do Evangelho é sobre isso, e eu estava pensando em fazer algo do tipo, do tipo isso né, trabalhar com a imagem de Jesus bom pastor. E quando eu vi essa imagem, Jesus com a ovelhinha assim no colo, eu achei muito lindo, e demonstrando o quanto ele é nosso protetor assim né e nos conduz né,

como um pastor que vai lá conduzir as suas ovelhas. Então, pra mim, a imagem que mais chamou a atenção foi essa.

E daí das frases são muitas legais assim, mas uma que me chamou bastante atenção é a que diz, né: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados e eu vos darei descanso”. E principalmente nesse momento da pandemia que a gente tá vivendo que né, que tantas coisa que estão acontecendo ao mesmo tempo né, mas que a gente sabe que com a fé tudo isso vai passar e a gente pode descansar em Cristo né. Assim como a ovelhinha tá lá no colo dele né. Então, mais ou menos isso assim, daí quem puder, enfim, quem quiser falar, ah, daí escolhe uma imagem e uma frase, daí eu posso ir indo e voltando pra gente ir trabalhando isso. Se tu quiser falar alguma coisa também “A”, ir complementando, fica a vontade.

A: É eu posso também já falar a que eu escolho. Lá, eu acho que é uma das primeiras, na primeira página. Essa da menina com um cachorrinho e Jesus e os coraçõezinhos, me lembrei muito dessa cultura de selfie e na selfie, um padre jesuíta conseguiu fazer uma reflexão teológica sobre a selfie. E antes, a gente tirava foto de algo que era importante para nós, e quando a gente tirava foto a gente não aparecia. Então, aquilo que era importante estava longe de mim talvez acima de mim, como um show, o cantor, né tu tira foto. Hoje a gente tira foto junto com a pessoa que é importante pra nós. Então, no caso, Jesus ali né, como alguém importante, mas eu achei engraçado também que o cachorrinho é também é importante. Então, eu achei muito assim, um retrato muito interessante da cultura atual e da fé hoje em dia, da relação entre as pessoas e essa relação de proximidade, passa uma coisa agradável assim, ah, me identifico de alguma forma, apesar de que eu não tenho cachorro nenhum assim, e das frases, aquela que fala: “Onde está o teu tesouro aí está o teu coração”. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. E também ligado a essa imagem né, ou essa de baixo que parece que juntou bem: “Eu estarei com vocês até o fim dos tempos”. Então, naquela imagem, pra aquela jovem, Jesus, ele é alguém importante, alguém próximo, mas também, digamos assim, o cachorrinho também é alguém importante. Então: onde está o nosso tesouro? Onde... e enfim: Em quem a gente coloca a nossa esperança a nossa confiança, o nosso amor, o nosso cuidado. E essa relação com Jesus, que ele vai estar sempre com a gente, nos abraçando, próximo a nós assim.

R: Eu posso falar da imagem que mais me chamou a atenção, que sempre me chamou atenção na internet, até porque eu já vi ela muitas vezes.

G: Pode falar “R”.

R: Essa de Jesus com o sagrado coração ali apontando, sorrindo, piscando, dá a impressão de vai ficar tudo... tudo bem, tá tudo certo, não... não te preocupa, sabe, sempre passou essa essa

essa tranquilidade neste mundo fica tranquilo tudo Vai Ficar bem. E a frase que me chama muito a atenção... quer passar lá pras frases. É Ham... “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Tem tanta gente que faz tanta coisa. E enfim, quando eu vejo algumas injustiças, enfim, até nós mesmos, pra nós mesmos essa frase, ela sempre me chamou bastante a atenção, entre outras, mas essa é a frase que eu que eu escolho assim.

B: Posso falar?

R: Pode, claro.

B: Ah tá, ah... Eu escolhi a frase da...

G: Ah desculpa, espera aí...

B: A frase não, desculpa, a imagem de Jesus na Cruz, é, eu acho que é a próxima... Isso... Sempre quando vejo Jesus na Cruz eu lembro que ele fez um sacrifício que foi proposital, na realidade, ele foi, digamos, um agente de Deus né, pra pra redimir todos os pecados da da humanidade e nos dá a salvação, então eu acho que esse é o maior ato de amor que ele nos deu. E a frase é aquela que fala ali... “eu sou a... não, não... as coisas possíveis... ah tá: “Jesus olhou para o Paraíso”... não, não, pode voltar: “Jesus olhou para eles e respondeu: para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis”. Eu acho que isso é a questão da fé que por mais que a gente, às vezes, não compreenda as coisas ah... na nossa, na nossa linguagem assim, Deus sempre, ele prepara e designa o que for pra nós assim, a gente tem que confiar e Pra Ele nada é impossível, nada que tá acontecendo agora..., se ele botar a mão dele agora, eu acho que melhora, então, mais ou menos isso.

C: Posso falar?

G: Pode falar.

C: Pra mim foi super difícil escolher uma imagem porque eu gostei de várias e várias me trouxeram reflexões de muitas coisas, tu pode voltar ali no começo “G”? Que eu vou comentando alguma quando tu for passando. Vai acabar passando todos os slides mesmo, então... [risadas]. Eu coloquei, eu fiz a arte da reunião, como todas sabem, eu coloquei aquela do do Jesus que a “R” falou né. Eu achei, eu acho demais assim, a primeira vez que eu vi eu fiquei assim encantada, acho que isso aproxima. Eu acho que essa questão da internet, desse compartilhamento assim, dessas novas criações né, eu acho que fazem aproximar um... de Deus e de Jesus de uma forma mais humana, mais próxima assim, de, como se ele fosse amigo de todos, mesmo as pessoas não aceitando assim, ah que demonstra melhor essa questão assim. E desse primeiro slide ainda, eu gostei muito desse dessa forma cheia de cores, como se fosse uma pintura né... me chamou muito a atenção da parte artística assim, muito, e eu acho que esse dele com o cachorrinho tem mais para o final lá, eu curti muito dessa parte mesmo da amizade,

acho que é isso né, ele tá perto da gente e, pra quem acredita, é muito mais especial né, porque a gente sente acolhido mesmo, levado no colo né. Pode passar “G”, pode ir passando. Essa da cruz também, como a “B” falou, essa coisa que eu disse também na outra reunião, que eu vejo assim como uma coisa muito maior do que a gente porque é né, uma obra de Deus né, primeiramente, que enviou esse ser humano incrível que fez tudo isso por nós e tipo, é inexplicável assim, o que ele faz e tudo o que ele fez e continua fazendo na nossa vida, então, é uma imagem de muito respeito. E ali do Note[book] ali eu sinto assim a coisa que a “N” sempre fala dos dons a serviço. Aquele Jesus com o Note[book] sou eu cara, trabalhando todo o dia, sabe, fazendo arte...

G: Mas certo que é tu.

C: Eu me enxerguei ali muito cara, fiquei muito assim... meu Deus do céu! Eu mexendo no Note tri tranqüilha ali ó, sou eu assim. É, na verdade, eu coloco assim sou eu, mas somos todos nós né quando a gente tá trabalhando, quando a gente coloca nossos dons, ele sempre tá ali nos abençoando, nos protegendo, dando condições de oferecer nosso melhor né, então eu acho que esse esse do Note me remeteu assim muito essa questão da profissão mesmo. Deixa eu ver se tem algum outro depois, pode passar “G”. É eu acho que foi mesmo esses daí. Aquele dele abraçando eu já falei né. Eu acho muito legal essa questão da internet, eu acho que aproxima muito mesmo, eu acho que é uma ótima forma também de evangelizar.

R: Gurias, eu só gostaria de colocar tu sabe que eu acho que tem coisas que aproximama,mas tem outras que parecem meio que falta de respeito, sabe, que nem assim, aquela que colocaram o rosto do Mr. Been como o de Jesus. É que na verdade, todos nós temos um pouco dele dentro de nós né, e que, na verdade, eu vejo ele como perfeito assim, e a gente tenta ah, mas a gente não consegue nem chegar aos pés de como ele era, enfim, mas a gente ah, e aí tem algumas coisas na internet que aí, enfim, eu não concordo assim, e quando eu vejo, eu não curto, eu não, que nem ah o rosto de não sei que cara e eu achei até legal que colocaram ali o símbolo do super-homem, mas, enfim...

A: Aquele ali é o ator do Wolverine, que faz o Wolverine...

R: Ah tá... kkk. E eu só gostaria de fazer uma pergunta pra vocês, fugindo um pouco do assunto, fugindo ou não, mas não tem dias que vocês se sentem mais próximas dele assim, dias que até vocês estão mais inspiradas pra orar, que a oração sai de um jeito tão profundo e tão conectada e dias que tu ora e parece que não vem aquela conexão e aí tu tenta te concentrar mais, tenta orar de outra forma e não adianta, parece que tem dias que flui mais e tu te sente mais próxima e a oração sai mais fácil, tudo te conecta mais e dias que tu não consegue mais essa conexão, não sei se isso acontece só comigo ou se acontece com vocês também.

A: Acontece também.

C: Acontece também.

B: Acontece. Ô gurias, aquela ali do Mr. Been ah, por exemplo, ele é um humorista, certo? Ah, eles querem dizer que Jesus é um palhaço ou que Jesus também se aproxima da gente com a sua alegria? Tem duas tendências aí né.

S: Sim, mas daí

D: É eu

S: Ou é tu, ou é a gente faz, assim, como várias pessoas vão ver, daí tem gente que vai achar palhaço, tem gente que vai achar que não, vai achar o outro lado, mas é meio engraçado isso né.

G: Quando eu vi a primeira vez, eu senti mais como algo de desrespeito mesmo, sabe. Até, na verdade, não sei, achei legal essa tua ideia “B”, porque nem me passou pela cabeça, na verdade, pensei mais como algo tipo de zoação, sabe...

B: Tô, tô tentando salvar hahaha... [risadas]. Vendo os dois lados aqui.

R: Eu não sei se vocês fizeram a mesma coisa que eu, mas aqueles, aquelas série, aquele filme que o Netflix fez da Porta dos Fundos, eu fui lá, botei não curti, mandei e-mail pra Netflix, reclamei horrores assim, porque eu achei aquilo lá um desrespeito.

B: Sim. É eu nem vi.

A: Eu também não vi.

G: Também não vi.

A: Mas aí eu preferi o Prime Video, eu tô gostando bastante, daí tipo eu sai, esperei ver o... eu gostava de uma série lá do Netflix da “Anne com ‘E’”, sabe, e aí eu esperei dar a última temporada e saí do Netflix. Mas, não é que precise fazer isso, mas daí essa foi a minha, o meu modo de manifestar que eu não gostei também.

G: “C”, tu quer escolher a frase?

C: Verdade, eu tava até me esquecendo, tinha até cortado o meu áudio. Ah... eu acho que todas as frases são importantes, mas a que me chamou mais atenção é a: “Eu sou a luz do mundo”. Justamente por tudo isso que a gente é e torna e reconhece a partir dele, é basicamente isso.

G: Muito bom. Quem mais quer participar?

L: Eu quero participar.

G: Fale “L”.

L: A imagem que eu gostei bastante, pode passar mais um slide. Mais um. Mais um, Mais um. Essas aí, a imagem do meio ali, com a menina atrás do Jesus, abraçando ele, eu acho que essa imagem representa muito o afeto, o acolhimento, o amparo, ah que eu sinto né, e tô começando



a sentir de novo por Jesus assim. E a frase que mais me chamou atenção foi, que falou muito forte agora também, durante toda a semana é: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”, e também: “Por onde estiver vosso tesouro, também estará a alegria” né. E eu também essa semana eu tava bastante reflexiva em relação a isso. Onde está guardado né esse tesouro, e onde... depois que terminar essa quarentena, eu vou me colocar no mundo assim, em relação ao trabalho, em relação a todos os ambientes que eu for atuar né, que ali também estará, estará tipo a nossa paz e, tudo de bom assim que, a energia né, acho positivo assim. Então, que a gente descubra... pra descobrir onde... essa procura né, de onde encontrar esse tesouro e essa felicidade.

D: Gurias assim, vou falar tá, eu não tenho assim, a imagem que mais me chamou atenção foi logo de cara no primeiro slide, se puder voltar ali, isso. Foi essa que tá colorida, acho que a “C” também comentou da arte, eu achei muito linda e a expressão assim, eu achei muito linda, tipo o olhar dele nessa foto, tipo, diz muitas coisa. Ah eu sofri por vocês, ao mesmo tempo me parece trazer muita confiança, seria tipo: ah eu estou aqui por vocês também e ainda por cima tem um pássaro, então me veio muito o Espírito Santo ali ao lado e achei muito linda e o fato de ser colorida, me pareceu tipo ah, pra ser um pouco mais lúdico assim da forma clássica. Também acho que deu um tom artístico bonito assim sabe ah, mas eu também, eu compartilho um pouco do sentimento que a “R” trouxe assim que algumas fotos me passam assim algo muito ruim. Eu não sei dizer a respeito o que é, mas, não sei, pra mim não é Deus, sabe. Não, não sei, me passa uma energia que quando foram mostrando os slides assim, algumas me passaram uma energia muito negativa assim. Pra mim não parece ser o Deus que eu acredito assim.

A: Quais imagens que tu tem essa impressão negativa, se tu puder falar.

D: Eu acho assim, ah acho que a maioria delas me parece assim, ah, um pouco, tipo, algumas meio boneco demais, mas assim as que me passavam uma energia muito negativa são principalmente assim, aquelas que vocês comentaram em relação aos rostos, sabe, me parece... é... uma coisa tipo essa dos olhos pra cima. Ai, tipo, isso não é Deus né, Deus não pega e se vira de costas para o que eu tô falando, sabe, ele pode não concordar, ele não vai se virar de costas, sabe, não imagino ele também com luzes coloridas em cima da cabeça, sabe. Então, e nem ele como boneco, ele não é um boneco, é mais que isso, sabe. E também é tipo uma visão um pouco, como é que eu vou dizer, talvez meio, tipo, extremista demais, tipo, pode ser assim, ah mas eu não sei, não é eu acho nesse sentido eu sou mais ah... das imagens ah... de símbolo sabe? Tipo aquelas imagens que a gente vê na Igreja e normalmente a gente integra assim.

G: Conservadora.

R: Posso fazer uma pergunta? Aquelas imagens dele retratado assim moreno, com fisionomia diferente da que sempre colocam, isso te... elas te de alguma forma... não te agrediram, sei lá... porque uns dizem que... eu acho... aí eu vou te colocar a minha posição né. As pessoas dessa forma gostariam de se enxergar em Jesus, dizem que a gente tem Jesus dentro de nós, que a gente tem que buscar cada vez mais se identificar com ele e eu acho que isso é uma forma das pessoas com essas características se identificarem com ele.

D: Sim. Não, mas essas imagens tipo não. Essas imagens, tipo, pelo olhar tu enxerga uma coisa boa, sabe, tipo não era nesse sentido. Tipo essa da direita, a do meio, me passam uma coisa boa. Já a da esquerda me parece mais um boneco, eu não sei explicar direito, eu não sei usar essa expressão, sabe, me parece não real. Aquela ali da direita, por exemplo, tipo me passa... acho que eu sou muito do olhar... me passa um olhar muito lindo assim, sabe, um olhar de amor. Então me parece muito bem também.

B: A primeira não é o Bob Marley?

Algumas: Não. Acho que não.

S: Parece hahaha...

R: Seria um Jesus negro. Não, o Bob Marley era diferente. Seria para retratar um Jesus né negro, no caso.

B: Sim.

R: E aquela primeira que eu falei dele piscando com a imagem do sagrado coração, tu acha ela um desrespeito também? Só pra ter uma outra visão...

D: Não, também não. É engraçado isso, mas tanto aquela quanto a do cachorrinho não me passaram isso. Eu senti isso mais... talvez a minha visão seja bem mais em relação no que é feito, sabe? Quando eu sinto que tipo foge um pouco demais. Não, aquela imagem, inclusive, eu achei muito bacana porque me parece muito o Jesus amigo, sabe. Tipo aquele Jesus que vai brincar contigo, vai entender também o que tu tá fazendo, sabe. Falar contigo com palavras que a gente usa e não falar ah: “Vós que tem.... tarara... tarara...”, sabe. Tipo, não me passou isso assim. Acho que o que mais me passou é quando tá muito boneco assim. Não sei explicar, não sei se isso faz sentido pra vocês.

A: Eu acho que as... as que estão mais ilustradas. Por exemplo, essa boneco que tu falou do Jesus negro é uma ilustração né, e as outras elas são mais... tentando uma fisionomia, na verdade, essas, principalmente, essas duas que tu falou, que tu tá aparecendo aqui elas são aqueles retratos de que possivelmente é um retrato mais fiel, histórico, do judeu daquela região, daquela época que Jesus nasceu, então, Jesus na real ele era com certeza moreno, talvez negro, mas principalmente moreno daquele, desse jeito assim deles, podia ter olho castanho ou claro,

mas geralmente era castanho também. Então, pra ver como tem diferença, diferentes representações né, de Jesus. Mas a gente tá acostumado, porque veio da cultura europeia né. A gente recebeu essa evangelização europeia, então, é a maioria das nossas imagens elas são de Jesus ou loiro ou cabelo castanho claro com olhos claros, né. Mas enfim, só pra dar uma...

C: De maneira mais realista né.

A: Sim.

C: Os realistas chamam mais a atenção, os outros parece que são só uma ilustração, como se utilizasse uma base, mas, fizesse algo totalmente próprio e autoral. Aí já acaba descaracterizando realmente o que a gente está acostumada, deve ser por isso.

D: É eu acho que não é tanto pela questão ah da cor ou de outras características, mas mais por questão... de tipo... é isso que a “C” falou, de passar mais por realidade, sabe, ele passa muito mais questão de boneco, sei lá, sabe. EU acho que é mais relacionado a isso.

E da frase gurias, “G” se puder ir pra frente, obrigada. Ah, pode ser a próxima. Ali a última que me veio muito: “O reino de Deus está dentro de você”. Me veio muito aquilo que a gente, que até um senhor comentou, que a gente trouxe ah nas últimas reuniões assim, que existe uma Jerusalém dentro de cada coração da gente assim. Então essa frase me lembrou muito isso. E é muito isso, tipo, o Reino de Deus está em ti, está em cada uma de nós então, é, foi a que mais ah me chamou a atenção.

G: Gurias, “G”, tu pode ir lá pra primeira também? Na verdade nem precisa por que é a mesma que a “D” falou. Impressionante assim quando começou, eu olhei pra essa imagem assim pintada e eu...

G: É muito linda essa imagem.

S: Não, e eu consegui ver Jesus nela assim. Eu não consegui olhar as outras, é impressionante assim, porque só vinha essa imagem na minha cabeça, sabe. Foi muito forte assim, eu tô com ela, sabe quando fica assim, só vendo a imagem, muito interessante assim, ela trouxe uma paz, ela trouxe uma coisa tão bonita assim, tão legal. Eu consigo só, eu consigo ver ele direitinho aí, com uma expressão tranquila, uma expressão, nossa, eu chego a me arrepiar de tanto que eu senti ele nessa foto, sabe. Ah adorei, achei lindo assim. E a pomba também, o Espírito Santo também achei bah amei assim. E essa, eu também tenho essa coisa da falta de respeito assim, sabe, eu, eu fiquei pensando né, às vezes tu recebe. Por exemplo, aquela que ele tá com os olhos todo virados pra cima. Ah é engraçado, é engraçado sabe, mas eu também acho um pouco assim, talvez se eu recebesse ela de brincadeira, até não achasse tão horrível né. Mas ela é engraçada, assim, tipo: “Ai, cansei dessa gente”. Só que ele não cansa de nós né hahaha... Ele não cansa. Essa é a verdade. E a frase, eu até anotei ela, falei essa semana ainda sobre ela. É,

“tudo é possível...”. Na outra folha “G”. “Tudo é possível àquele que crê”. Né, então, eu acho assim ó... Nesse momento ah, mais do que nunca, a gente tem que ter certeza disso. Se a gente crê, a gente tem que ter certeza que tudo é possível. Ah... E é bem difícil né. Ontem foi um dia difícil pra ti... umas crises assim... bah, tô cansada disso tudo né, mas não é um privilégio só meu né, o mundo inteiro tá cansado. Então, se a gente crer, eu acho que fica mais fácil. Eu até falei essa semana com uma amiga minha que é um privilégio ter fé. Se não tem fé, é melhor... Imagina aquelas pessoas que tão sozinhas e não tem fé. Ah, e o que que tão fazendo agora? Agora eu tô me preparando para a missa, olha só que benção, vamos sair da reunião, vamos pra missa, sabe. Então, ah e aquelas pessoas que tão sozinha? Que ficam o dia inteiro sei lá fazendo o que? Então, nós temos esse privilégio de ter fé. Então, pra mim, essa frase é a que mais marcou. Deu.

G: Obrigada “S”. Quem mais quer falar? “AN”.

AN: Pra mim a imagem que mais me chamou a atenção foi aquela que tá Jesus pregando no meio de um monte de gente, sentado, apesar de que aquele rosto, não é o rosto que eu me identifico, eu, mas eu ignorei o fato de o rosto dele ser assim porque me chamou muito a atenção ele ali pregando pra aquelas pessoas né, Jesus se fazendo humilde, se fazendo homem que tá no nosso mundo pra nos mostrar a verdade, verdadeiramente o que Deus quer de cada um de nós né. E a frase é a última frase que diz que o Reino de Deus está dentro de cada um de nós, também remetendo a imagem, porque, a gente é feito a imagem e semelhança de Deus e naquela época ali, eu imagino né. Que naquela época ali em que Jesus pregava, aquele monte de gente é justamente aquela época em que as pessoas era obcecadas pela Lei de Moisés e tudo, os dez mandamentos, só que o que importava, que Jesus veio mostrando que não era assim, que ser como Deus quer é muito diferente disso, viver a vida de Deus é diferente. Então, é justamente a gente olhar pra dentro de nós e ver que Deus vive em nós. Não é buscar seguir mandamentos, só isso, e se obcecar em algo que a Igreja muitas vezes prega e ou outras pessoas dizem que define uma pessoa boa e não, a gente olha pra dentro, pra nossa própria essência e Deus habita dentro de cada um de nós e isso que é viver a vida de Deus, viver conforme Deus. Eu gostei mais dessa frase.

G: “N”, quer falar alguma coisa?

N: A imagem que eu mais gostei foi a mesma que a Brenda, a que são 3 meninas com Jesus, é essa do meio. E uma outra que ele está segurando 2 cabos, eu acho que essa, deve ser essa do meio, porque eu penso que fé tem a ver com reconectar, né, pra gente se reconectar com a gente mesmo e com Deus. Porque Ele é fonte de tudo. E as frases, pode ir pras frases. HUmm... tô aproximando a tela que tava meio longe. A outra. Eu acho que “Pai perdoa-lhes porque não

sabem o que fazem”, assim, eu acho que justamente tem acontecido muita coisa e as pessoas não têm parado pra pensar. E mais uma. Acho que é mais uma frase né. É o que “o que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois”. Essa frase me chamou bastante atenção porque muitas vezes a gente acha que a nossa vida vai seguir um rumo e ela segue outro totalmente diferente. E eu acredito muito que Deus tem um propósito para cada um de nós e esse propósito ele é construído em conjunto, né, não é... Deus não é um roteirista de um filme e que nós somos meros atores, eu acho que não, acho que tem coisas que tem na nossa natureza e que são formas de a gente melhor servir a humanidade, e servindo a humanidade a gente vai estar servindo ele, e nós temos caminhos a seguir e quando a gente se encontra nesse caminho quando a gente bate com a cara na parede, tipo, se a gente pensar que o caminho fosse um corredor, quando a gente bate com a cara na parede muitas vezes é que a gente tá saindo do nosso caminho. Então, a gente fica bravo, às vezes questiona Deus, mas depois a gente entende que aquele não era, não era uma direção. É isso e tenho dito.

G: Todo mundo falou? Aí tem as perguntinhas, não sei se tu quer fazer um fechamento Aline?

A: Eu queria, não sei se ah, se alguém quiser falar complementar alguma coisa dessas ah perguntas? Qual o significado dessas imagens ou da imagem que vocês escolheram nessa dinâmica. O que significou pra vocês? O que que vocês entendem de Jesus através dessas imagens? E da fé em Jesus hoje? Então, se alguém ainda quiser complementar né.

N: Eu acho que eu já falei com a “A” uma vez, tenho certeza que eu já falei mais de uma vez pra “A”, quando a gente tava conversando e montando a reunião que Deus é meu amigo, meu brother, que eu sento pra tomar um café com ele, que às vezes a gente bate altos papos filosóficos, outras vezes acontece o que a “R” falou e eu falei, que são quando o sinal tá fraco e eu não consigo e não importa o que eu faça, simplesmente a conexão não deu. Então, eu também entendo que é o momento de... que eu não tô sozinha, mas que eu devo talvez entrar em conexão mais comigo porque muitas vezes a gente fica somente esperando respostas de Deus, mas também a gente não tem, a gente fica querendo respostas prontas. Entende, e muitas vezes Deus quer que a gente descubra as respostas no caminho. Acho que Jesus seria aquele tipo amigo que falaria: “Vem comigo que no caminho eu te explico”. Afinal, ele é o caminho. Não sei se faz sentido a minha fala, se vocês entenderam o que eu quis dizer, mas é mais ou menos isso.

G: Sim, muito. E eu acho que a questão da justamente, a imagem que eu peguei né, de Jesus o bom pastor é mais ou menos isso, tipo, se joga no colo de Cristo e vai, sabe. E confia nele assim né. Ele vai te guiar o que for pro melhor assim, por mais que às vezes a gente não entenda, depois lá na frente a gente vai: ah, ele sabia né, ele tava sabendo de tudo. Então, eu acho que é

mais ou menos isso assim. Aqui temos mais uma imagem. Aqui até eu acho que a gente pode passar porque daqui a pouco a gente tem a missa, mas só colocou aqui o Evangelho do Domingo né, da Liturgia de hoje.

R: Eu posso só dar uma dica pra vocês, eu posso falar uma coisa que me tocou, que eu até tinha pensado ah, vou comentar no grupo, aí no fim eu acabei não comentando, deixei passar e hoje no fim eu lembrei de novo. Sabe que, uma coisa que me tocou na questão do perdão né. Eu vi acho que semana passada a Patrícia Bravanel entrevistando a mãe dela pro canal dela e elas falaram sobre o sequestro dela. E a mãe dela falou tão bonito sobre o perdão. Ela disse assim: “O que eu mais ah, o mais difícil pra mim naquele momento foi perdoar o que tava acontecendo contigo enquanto tu ainda estava sequestrada, e eu me dei conta de que se eu não perdoasse, se eu não entendesse aquela situação, se eu não me colocasse no lugar da mãe dele, se eu não me colocasse, se eu não tivesse empatia por tudo o que estava acontecendo, tu não ia sair bem daquele sequestro, tu não... E ali eu peguei e perdoei o bandido, e eu tenho certeza que tu voltou pra nós ah, bem, sem nada ter te acontecido porque eu consegui perdoar ele naquele momento. E aí eu achei tão legal e é uma situação tão difícil né. A filha estar sequestrada por um bandido e tu orar pelo bandido, perdando ele por estar com a tua filha, fazendo tua filha de refém. Então isso me tocou bastante que, quantas vezes alguma pessoa já fez alguma coisa que nem foi assim mal pra alguém da tua família e tu não consegue perdoar, uma coisa tão mais difícil tu conseguir, então, quando elas falaram ali sobre o perdão, ele me tocou bastante que é uma coisa que a gente às vezes não, não pensa muito né, sobre o perdão assim, sobre colocar o perdão em prática, só isso que eu gostaria de... de colocar.

G: E eu acho, muito legal “R”. E eu acho que deve ter sido difícil pra ela fazer isso. E disso, eu vou seguir e pensar sobre, dessa leitura que a gente colocou aqui né, que é o Evangelho de hoje que Jesus, ele busca cada um de nós, então, ele vai estar lá com a 99 ovelhas, mas ele deixou elas lá e foi atrás daquela uma que tava faltando né. Então, é mais ou menos isso. Então, ela foi lá e perdoou o cara que sequestrou a filha, isso é uma coisa muito grande, assim, muito acima, muito de .... assim, da ação do Espírito Santo né. Pra ser feito assim porque a gente humanamente não consegue né. Então aqui a gente tem um o evangelho do dia e deixa eu só ver, aqui tem uma imagenzinha do Papa Francisco...

A: Tá, essa eu posso falar.

G: Tá, pode falar.

A: Ah... que o Papa Francisco em algum momento né, dos discursos dele, falou, trazendo pro mundo de hoje né, que a parábola da ovelha perdida ela mudou. Que hoje não são as 99 ovelhas que permanecem no aprisco, que permanecem no rebanho, mas apenas uma, e muitos membros

da igreja ficam penteando o pêlo da única ovelha que ficou, ao invés de saírem ao encontro das 99 que estão perdidas. Isso ele quer dizer essa “igreja em saída”, que é uma expressão do Papa Francisco importante, e ir atrás das ovelhas, não ficar ali né, mas essa saída missionária, essa atitude né de ir ao encontro. Pode passar o outro. E em outra mensagem que a gente viu na semana passada uma mensagem do dia mundial das comunicações deste ano e essa de 2014, ele fala também isso: “as estradas digitais são um campo essencial na nova saída missionária”. “Não basta circular pelas estradas digitais, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. [...] entre uma igreja acidentada que sai pela estrada e uma igreja doente de auto referencialidade, não hesito em preferir a primeira”. E outra frase do Papa Francisco referente ao pastor que nós também devemos ser pastoras digamos assim, de cuidar e ir ao encontro é que “o pastor tem que ter o cheiro das ovelhas”, então tem que cheirar mal mesmo né, porque..., mas essa questão do contato, de estar próximo aí, como algumas imagens mostradas né. É isso. Ah tem mais hehehe... “Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem...” lembra também essa.. Evangelho né, Jesus é a porta também, interessante, nem tinha percebido. “Independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o evangelho possa cruzar o limiar do tempo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma igreja que seja casa de todos”.

G: Agora, só pra finalizar, eu vou pedir para a “C” colocar um videozinho, com uma música que eu achei muito linda que é “Sagrado Coração”. Então, eu peço para que vocês prestem bem atenção, nem tanto nas imagens, mas mais na letra da música assim e pra gente poder fechar assim.

C: Eu vou colocar aqui e se vocês estiverem ouvindo, só me façam um joinha pra eu saber, eu vou colocar em tela cheia, per aí.

G: Eu achei assim essa música assim muito linda, acabei escutando ela hoje o dia inteiro. Tem até outra mulher que canta ela, acho que Eliana Ribeiro, e uns outros caras que cantavam num estilo mais rapidinho assim, ele canta um pouco mais devagar. Mas o que ficou pra mim assim, relacionando com o que a gente falou hoje assim. Que independente de onde a gente tiver e de como ele é representado por nós, que a gente possa estar junto com o Sagrado Coração dele né, junto com ele assim. Independente da imagem que a gente escolheu, de como ele quer, o que ele representa para a gente né, que ele possa estar sempre junto com a gente assim, acho que é mais ou menos isso.

Todas: Ótimo, foi linda a reunião. Muito linda.

A: Obrigada “G” e “C”.

N: Meninas, queria agradecer a reunião e fazer uma proposta pra vocês, todo mundo. De a gente começar a se reunir um pouquinho mais cedo, porque eu tenho visto que as reuniões têm sido tão bacanas, tão positivas, então, acho que eu estou achando pouco tempo. Não sei se vocês concordam?

S: É, agora, por exemplo, já são 19:20 né, hoje tem a missa também. 17:00, 17:30, sei lá, a hora que vocês quiserem.

Várias: Pode ser.

S: Vamos combinar durante a semana agora a próxima reunião eu não sei de que é?

C: Não foi definido ainda.

S: Vamos definir então. Só vamos ter que encerrar pra poder entrar lá na sala, assistir a missa né.

R: Gurias, eu acho que o tempo ficou bem ideal assim. O bom é que agora a gente já assiste a missa direto. É que eu já notei que se a gente faz antes, aí acaba, muito antes, muito antes não, mas acaba uns 20 minutos antes da missa, às vezes alguém me liga e aí, por exemplo, a minha irmã me liga dos EUA por whatsapp, tudo, e eu acabo perdendo a missa porque, enfim, a gente fica conversando e assim não, eu já saio de uma e já entro na outro. Mas aí é uma coisa minha né?

S: É não, mas aí também tem a coisa que a gente pode falar mais né também, na reunião né. Eu acho que a gente pode tentar fazer, agora, por exemplo, eu tava preocupada com o horário, que não ia dar, então, é melhor ficar relaxada e tranquila. Mas agente combina durante a sema, pode ser.

G: Vamos fazer uma oração final, rapidinha. Eu gostaria de agradecer a presença de todas, fiquei bem feliz que eu consegui usar esse negócio aqui que eu nunca tinha feito sozinha, obrigada “C” que me ajudou com as coisas, a “A” também que fez esses slides ótimos, eu só dei uma complementadinha na verdade e é isso então. “Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador... Amém”. Boa semana gurias, boa missa.

A: Tomara que dê certo que a pesquisa do grupo anterior dos rapazes que eu tô acompanhando só uma parte gravou depois eu tive que ficar lembrando, foi um desafio. Mas então, esse seria o último encontro pra pesquisa assim que eu estou fazendo com vocês e tentar fazer algum desfecho, digamos assim, mas é um desfecho bem aberto porque tudo isso são assuntos que são pontos de partida, não conclusões, não pontos de chegada.

**6º Encontro: 17.05.2020** - preparação e execução.

**Transcrição:**



Pelo que a gente conversou nas outras vezes, eu gostaria de focar o encontro hoje sobre fé e amizade, e vocês falaram bastante, mesmo na relação com Jesus sobre amizade. E eu trouxe o Evangelho que estava na liturgia da missa dessa sexta-feira. O Evangelho que fala sobre amizade: “ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”, Jo 15,12-17.

Mas então, como todo Encontro começa com oração: Em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo, amém. Eu vou compartilhar com vocês os slides de hoje. Vocês estão vendo? Não sei se você estão vendo... tá carregando... agora foi, agora começou, aí vai já Eu queria fazer novamente uma meditação desse Evangelho, naquele estilo. Então a gente vai começar invocando o Espírito Santo: “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai, Senhor, o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da Terra. Ó Deus, que instruístes os corações dos Vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo este mesmo Espírito e gozemos da Sua consolação. Por Cristo Nosso Senhor. Amém”.

Então, alguém quer ler Jo 15, 12-17?

B: Eu posso ler. “Naquele tempo...” Jo 15, 12-17

[Áudio ruim. Alguém com o microfone ligado. Decidimos que outra pessoa do grupo ia passar os slides. Resolvido o problema de instabilidade da internet e interferência do áudio. Outra jovem leu o Evangelho novamente]

C: “Naquele tempo...” Jo 15, 12-17. Palavra da Salvação.

D: “Graças a Deus”.

A: Cada uma pensa novamente sobre esse Evangelho, sobre o que ouviu e escolhe um versículo e pensa o que vocês entendem desse Evangelho, qual a mensagem principal deste evangelho. Pode voltar.

B: Eu acho que o que mais me chamou atenção foi a última, a 17, que diz: “Isso é o que eu vos ordeno, amai-vos uns aos outros”. Que, na verdade, ele faz o fechamento, mas lá no início: amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei” que é a maior demonstração de afeto que Jesus nos pede é que a gente ame uns aos outros como ele nos amou. Tendo em vista que o amor dele é muito grande, muito forte, incondicional, eu creio que o mínimo que a gente tem que fazer é amar o próximo, que é um pedido básico, que a gente se ame uns aos outros.

D: Me chama bastante atenção a li quando fala relacionado a amizade então “ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos”. Essa parte acho que me chama muito a atenção relacionada a mensagem assim que é muito amor, mas muito também ter amigos sabe,

foi o que me chamou mais atenção assim. Se tivesse que resumir em uma partezinha acho que seria essa.

S: Tem 2 frases que me chamam mais a atenção assim: “ninguém tem maior amor do que aquele dá a vida pelos amigos” e amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Pra mim é o mais importante assim, sabe, se eu for pensar hoje: existe amor maior que dar a vida pelos amigos? Não, não existe... As duas frases são essas pra mim.

T: Pra mim, seria aquela que é um complemento da frase dessa de que “ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos” e a parte que diz “eu chamo amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu pai” então essa questão da ligação em que ele nos chama de amigo e que ele nos deu a vida por nós. Então, ele nos chamando de amigos e demonstrando o amor maior que ele tem por nós.

A: Eu também me chamou a atenção o versículo 15: “já não puxam certos pois ele não sabe que eu senhor eu chamo os amigos porque você a conhecer tudo o que ouvi de meu pai”. Então essa proximidade de Jesus, e a questão que me vem é: “o que faz nós sermos amigos de Jesus?”. E o que significa essa amizade com Deus?

Quem mais gostaria de partilhar?

L: A frase que mais me chama atenção foi: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzais fruto e que o vosso fruto permaneça”. E qual é nossa missão? É ir ao encontro das pessoas e que não foi nós que escolhemos Jesus, ele que nos escolheu para a missão. [Cortou bastante o áudio da fala].

I: Eu acho que a frase que a “L” falou foi a “já não vos chamo mais de servos” e eu também achei muito, muito boa essa frase, chamou bastante atenção. Outra que eu gostei muito foi o comezinho: “este é o meu mandamento mais uns aos outros assim como eu vos amei”. Eu acho que se a gente seguisse esse mandamento a nossa vida seria bem melhor, bem mais, a gente teria muito mais amor na verdade.

G: Eu também concordo com a frase que a Brenda destacou: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos designei para irdes e que produzais fruto e que o vosso fruto permaneça”. Também como uma questão de troca, de reciprocidade sabe, o que ele nos dá, a gente dá em troca também, como uma amizade mesmo, nesse sentido de amizade. Também achei bem legal essa frase. E a última: “Isso é o que eu vos ordeno: amai-vos uns aos outros” e é bem o que a “I” disse mesmo, se todo mundo seguisse, e a gente tem o privilégio de ser cristão, e eu acho que esse é um dos grandes privilégios de estar aqui, eu acho que a gente sente isso bem melhor, praticando isso, quando a gente faz isso.

D: A Brenda colocou ali no chat, que na hora não deu para ouvir muito bem qual que ela tinha escolhido é: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzais fruto e que o vosso fruto permaneça”. Vai J.

J: Eu gostei dessa mesma frase também, eu pensando na mesma, e principalmente por causa daquela parte que diz: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi”. Então antes né, antes da gente que antes da gente escolher, a gente foi escolhido né e ali a parte de produzir frutos então sendo essa nossa missão né.

I: Essa frase que eu, a Brenda, mais a “J” falamos me lembrou uma outra frase que eu acho muito legal também que é que “Deus não escolhe os capacitados, ele capacita os escolhidos”. E é bem o que é essa partezinha está querendo nos passar sim, eu gosto muito dessa frase, eu acho que que é verdade sim a gente foi escolhido por ele e ele vai nos capacitar para fazer o que a gente, o que precisa ser feito.

A: Acho que todas falaram né. Ah então pode passar. Então a gente vai entrar nessa questão sobre a fé, várias questões na verdade: O que é a fé pra vocês? O que é ter fé? Como você define a amizade? Na verdade, era pra ser uma por uma né, mas aí acabou que agora vocês vêm todas as perguntas ao mesmo tempo. Como você define amizade? O que faz alguém ser amigo de alguém? O que significa ser amigo de Deus? Qual a relação entre fé e amizade? Tem alguma relação? A era digital mudou alguma coisa nas relações de fé e amizade? Porque é uma das coisas que acho que todos falaram quando eu perguntei quem era Jesus pra você, até os guris falando de outra maneira, mas principalmente vocês falaram, Jesus como amigo. Então o que significa essa amizade, o que significa dizer que Jesus é meu amigo? Então, a gente pode começar com a primeira, tentando, em poucas palavras, como você define: o que a fé pra ti, o que é ter fé?

B: Vou falar aqui algumas pequenas coisas que me vieram. Eu acho que a fé ela é uma chama, é um mistério também, mas o cristão ele deve acreditar que existe uma força que move as coisas e que a gente deve se alicerçar, no caso, um embasamento que nos pulsa digamos assim seria a fé, a fé na religião, a fé em Deus. E a fé também pode ser mais ligada na religião, mas pode ser a fé em Deus, a fé na vida, a fé no outro. E eu acho que já respondi o que é te fé ali na primeira, mas a fé, o que é ter fé e, ai, nos vem tantas coisas na cabeça que é difícil definir em poucas palavras, mas a fé o que é ter fé, é uma força espiritual que nos guia pra pra termos coragem acho que é mais ou menos isso.

A: Podem falar a primeira coisa que vem na cabeça quando pensa em fé, assim, não precisa reprimir nenhum pensamento.

D: Eu acho que isso pra mim é muito o que a “B” aqui definiu super bem o que eu penso também sobre fé. Que eu vejo também como uma chama, assim então, é como se fosse um fogo e tem que, não é tão fácil assim manter essa chama acesa sabe, então para manter essa chama acesa, eu tenho que achar maneiras e aí eu vejo como uma dessas maneiras o grupo, o Emaús, e que a minha fé muito isso, assim, e eu relacionando assim até já com a amizade, é uma coisa que eu quero trazer porque foi a primeira coisa que eu pensei, assim quando a “A” trouxe as perguntas, já sabendo que está relacionado com amizade a reunião, foi que fé também pra mim é muito acreditar e quando tem uma amizade, mesmo que não seja com alguém que não partilha da fé religiosa que tu tens né, Ah, então, enfim, uma amiga que não seja do grupo, por exemplo, uma amiga de algum outro ambiente, da faculdade, do colégio, enfim, até da família né, tem que acreditar nessa pessoa. Tem que acreditar e tu tem que nutrir essa amizade né, pra conseguir manter ela. Então eu acho que essa seria um pouco assim a conexão que eu enxergo entre essas palavras assim.

S: Pra mim o que é ter fé é acreditar. Acreditar que as coisas vão acontecer da maneira que tem que acontecer. O que é melhor pra ti assim. E o que é ter fé acaba sendo a mesma coisa, que as 2 falaram, falaram muito bem assim. Ter fé é ser feliz. Eu até falei pra uma amiga minha que nesse momento que a gente está passando, eu não consigo entender como as pessoas que não tem fé estão sobrevivendo, sabe. As pessoas que não acreditam em uma força maior, num Deus, sabe, como é que elas estão sobrevivendo nesse momento. Eu não consigo, eu não consigo entender, eu realmente, é demais pra mim. Então, hoje, ter fé é saber que tudo de bom que vai acontecer pra ti, que tu acha vai acontecer pra você de bom, vai acontecer de alguma maneira. Se não for o bom que tu tá esperando é porque não é o momento de acontecer aquilo, eu acredito assim, ter fé é acreditar muito. O Zilles usa sempre uma expressão assim: “Quando tu vai num restaurante, tu come o que te servirem porque tu acredita que aquilo ali é o melhor pra ti e isso é ter fé e eu acho que tudo o que tu faz, tu acredita que aquela cadeira tem que ficar ali, então ela vai ficar ali. Então, pra mim, ter fé é acreditar. (26:54)

C: Eu não quero copiar a “S”, mas assim ó, a primeira palavra que me vem a cabeça, não sei diferenciar o que é e o que é ter fé, pra mim tudo é acreditar que aquilo que tem que ser vai ser, eu também acho muito isso assim. É uma coisa que a gente não sabe explicar muito bem, mas é uma força que a gente tem. Depois de ter um embasamento cristão, os ensinamentos, a gente acaba ficando isso mais forte. Eu acredito também que tem um pouco da perseverança no meio de tudo isso, sabe. Quanto mais tu acredita, mais perseverança tu tem e mais fé tu tem.

A: Sim, tem outra palavra também que tá conectada, digamos assim, com fé, que a confiança é acreditar, é ter confiança em algo ou alguém e eu acho que isso também tem ligação com uma

amizade. Mais alguém quer falar sobre fé? Então, a gente passa para a outra pergunta: como você define a amizade, o que faz alguém ser amigo de alguém?

B: Eu acho que a amizade é uma camaradagem. Assim, é um sentimento bom que nos dá alegria de ver um outro amigo feliz e eu acho que também tem que ser uma relação recíproca que nem a relação de amor entre casais, por exemplo. Acho que amizade tem que ter reciprocidade, é uma relação de empatia também com o próximo, de se colocar no lugar do outro. E o que faz alguém ser amigo de alguém eu acho que é tá o ombro amigo ali disponível, viver momentos bons e ruins também. Eu acho que saber que tem um outro lá é um sentimento bom assim de conforto digamos assim eu acho que basicamente é isso gurias.

D: É e eu vejo assim a amizade como bem relacionada com o fato de ter alguma afinidade, coisas em comum. Então mesmo que seja no início, as vezes a amizade começa por alguma coisa que é em comum, claro as pessoas são diferentes, elas tem coisas diferentes, né. Mas de certa forma, eu acredito que amigos se completam. Então, ou é por ter coisas em comum, ou é por ter por exemplo uma fraqueza que pra mim é fortaleza, sabe, e aí acontece essa troca e vive-versa. Então, eu vejo muito uma amizade como uma troca e, uma troca positiva, né, óbvio, e acho que o que a “B” falou importa, isso de reciprocidade. Então, eu vejo também como uma estrada de duas vias de ida e de volta, então, uma amizade, ela não depende apenas de uma pessoa, e já a fé, desculpa eu já estou conectando, quando eu penso em fé, depende muito da gente porque Deus tá ali, então basta a gente acreditar, sabe, então esse já é um pontinho de diferenciamento, já é uma coisa que eu enxergo como diferente, assim, conectando.

T: O que eu vejo também que ali: O que faz alguém ser amigo de alguém é o conhecer a pessoa. Às vezes a gente começa com uma questão de afinidade, mas é o conhecer que aproxima e faz a pessoa ser amiga, assim como na questão da fé, da gente com nossa religião, se a gente se afasta, nossa fé enfraquece, enfim, assim como numa relação de amizade. Então acho que a questão do conhecer, do buscar é que faz a gente ter essa relação de amizade e mesmo que sejam pessoas diferentes, é questão de respeito. Assim como na questão da fé, nem sempre as coisas acontecem do jeito que a gente queria, mas a gente continua tendo a fé de que aquilo é algo que vá, acreditando em algo superior, de que aquilo tem um porquê né, e continuando a acreditar mesmo que não seja aquilo que a gente esperava, acho que isso é a questão da fé e já é meio que respondendo fé e amizade ali.

C: O que que se diz depois disso.. [risos] As gurias já falaram muito bem de tudo. Eu valorizo muito a amizade assim, pessoalmente falando. Quando eu comecei minha amizade com Deus, assim, conscientemente vamos dizer assim. Foi muito mais lindo assim. Eu acho que amizade é aquela questão da troca mesmo, tu dá um pouquinho de ti e a pessoa também se doar, e assim,

fazendo um link com Cristo Jesus, parecia que só ele tava sendo meu amigo e quando eu fui ser amiga de verdade e a gente se encontrou, assim, foi demais, e eu adoro as minhas amizades assim pessoais. Quando a gente se doa, quando a gente ajuda de alguma forma, assim, sem esperar nada em troca por gostar muito da pessoa e dali também te dar esse retorno assim. Eu acho que amizade é muito reciprocidade também, muito troca como a D falou. E o que faz alguém ser amigo de alguém eu também acho que é a questão da afinidade, sabe. E não é a toa que as pessoas falam que tu tem um amigo da escola que tu gosta e você acaba perdendo assim porque mudam, a gente está sempre em transformação, se a pessoa fica muito muito diferente a pessoa começa a se desconectar, já começa a, a não ser que a pessoa te explique, converse ou que a gente tente se entender de alguma forma, eu acho que até lá, assim, se a coisa for muito diferente a gente acaba se afastando assim. Acho que tem vários fatores, né, pra ser amigo de alguém. É bem difícil, acho muito complexo até, eu acho que tem que ter alguma afinidade sim, em algum ponto, sabe, tem que ter, ou visão de vida, objetivos, ou a questão aqui das gurias, das Maranathas, acho que todas seguimos uma religião, isso é muito forte pra nós, acho que isso é um elo muito forte, né. Então acho que é isso.

A: Eu tava pensando aqui vocês falando que o amor de amigo ele é um amor muito livre, não existe um dever de amar, dever de ter relação, dever de conhecer, mas é algo totalmente do querer, da vontade né, de essa... têm algo em comum, têm afinidade tem um algum tipo de atração ao outro né, que liga né, algum valor em comum, enfim, que gosta das mesmas coisas, mas é algo que realmente, é um amor livre porque tu não tem o dever porque é teu pai ou tua mãe ou o teu irmão ou alguma coisa assim, mas Ah É simplesmente porque existe aquela relação de carinho, de afeto, de amizade entre que daí se ajudam, se escutam, tava pensando nisso, mas continuem gurias.

S: Depois de tudo isso que falaram assim, eu só tenho uma coisa pra dizer assim. Eu defino a amizade como amor, pra mim amizade é amor. E o que faz alguém ser amigo de alguém é a troca assim. Eu sinto no olhar quando uma pessoa é minha amiga, eu sinto olhando pra ela, eu tenho muitos amigos graças a Deus, mas a gente sabe aquele é amigo de verdade, sabe, então, amizade pra mim é amor.

A: Interessante, interessante isso “S” que tu falou e tem a ver com o Evangelho que a gente leu e também Santo Agostinho falava que Deus é amizade. Isso é outro outro ponto que a gente pode pensar né, que Deus não é uma pessoa mas são 3, E essa relação que Deus é amor, Deus é amizade. Então, tá concordando com Santo Agostinho. Mas então passando pra o que algumas já tocaram né ah: qual a relação entre fé e amizade e também vocês percebem alguma diferença na era digital mesmo no que a gente entende por fé, o que a gente entende por amizade, como

a gente vive a fé, como a gente vive a amizade. Eu tava pensando até na questão é de o Facebook chamar os nossos contatos de amigos. Nem todos os contatos do Facebook são amigos, isso já muda um pouquinho o que a gente entende por amizade né. Pode mudar ou não né. Mas o que que vocês acham dessas 2 questões?

S: Eu acho que fé e amizade até não tem muita relação porque a minha fé não.... Se a “A” tem uma fé diferente da minha, ela pode ser minha amiga. Acho que a fé não interfere em eu ter amigos ou não. No que eu sinto sim, mas na amizade não. E eu acho que a era digital ela mudou muita coisa nas relações de amizade e fé principalmente. Hoje nas coisas que estão acontecendo nos últimos 2 meses muita gente teve muito mais fé. Se tu for ver a missa tem 300 pessoas, é sinal que as pessoas estão procurando, mas na hora que apertou o sino né. Então, eu acho que a era digital mudou completamente as relações, assim, tu não tem mais aquela amizade de ah vou te visitar, eu ainda tenho amigos que eu visito ou me visitam, mas perdeu-se um pouco até eu não sei quem fez aniversário agora e eu liguei e minha irmã sempre diz assim: “Em época de Whatsapp, uma ligação vale ouro”. E é verdade. As pessoas não ligam mais, as pessoas não, falta o toque sabe pra mim, falta aquela coisa mais próxima. Então, eu acho que mudou muito, isso é a minha opinião.

B: Eu acho que a era digital ela veio pra agregar muito, mas ao mesmo tempo tem que ter um certo cuidado assim. Mas falando nas coisas boas que mudou na fé e amizade. Na questão da amizade, eu acho que a amizade é muito do toque, do olhar, de estar junto fisicamente, eu cultivo as minhas amizades assim, eu prefiro. Porém, tem amigos que a gente já não consegue mais fazer isso, como a gente comentou agora, em função que, por exemplo, os amigos do colégio, alguns que se afastam, enfim, tem inúmeras situações. Porém, na questão da fé, ela vem pra ajudar no sentido assim, a gente ler mensagens incentivadoras na internet, por exemplo, o nosso Instagram é um canal muito legal que serve para fortificar a nossa fé, aplicativos diversos que tem na internet que eu acho que agregam, tanto para rezar um terço como por exemplo pra ouvir uma música que toca o nosso coração, isso tudo tá na era digital né. Essa questão da missa que a “S” comentou eu acho que também vem para agregar. Então, são inúmeras situações, o que mudou foi isso, da questão de ter.. a amizade, que nem a “A” comentou, aí o Facebook amigos, nem todo mundo que está ali no Face a gente considera aí meu amigo aquele do peito né. Então, às vezes são conhecidos. Então, ah eu tenho 3 mil amigos no Facebook, tá mas 3 mil amigos no Facebook não são aqueles verdadeiros amigos, aqueles amigos do peito os 3 mil, só não sei qual porcentagem disso, mas acho que dá pra pensar por aí. Mas tem muitas coisas boas, eu acho que cabe a nós medirmos assim o que pode ser bom, o que pode ser ruim. Eu acho que a gente não pode ficar em casa em uma bolha, agora sim no

caso [risos], mas assim, ai eu vou ter a fé aqui na minha casa se eu posso ir na missa. Eu acho que tem que ter o equilíbrio, o equilíbrio é tudo.

C: Gurias, eu queria compartilhar uma coisa com vocês que eu não sei se é 100% relacionada a essa pergunta, mas eu fiquei pensando, até botei ali no chat, mas que eu acho que é super importante compartilhar, um compartilhamento mesmo pessoal, então, eu sou uma pessoa que eu tenho os meus valores assim muito definidos, desde criança eu tenho sempre muito claro pra mim assim que: o que que eu acredito, o que eu acho certo, o que eu acho errado, sabe, e depois que eu entrei na faculdade, tu começa a ver muito assim as diferenças, sabe, tem pessoas que se tornam seus amigos por algum motivo, seja por fazer cadeira junto, seja por trabalhar junto, depois tu sai com essa pessoa e você vê essa pessoa se acabando em bebida, enfim, fumando, fazendo um monte de coisas que não são os seus valores, que tu não acha correto, sabe. Então, eu acho assim, eu não estou generalizando tá, eu tô compartilhando uma coisa que aconteceu comigo e que fez com que eu tivesse uma super dificuldade de continuar com algumas amizades assim, principalmente da faculdade, que haviam se iniciado e eu acho que isso vem muito do que a gente tá conversando assim sobre valores. Eu super concordo com o que a “S” falou de que não é porque uma pessoa tem uma outra religião que ah ela não vai ser minha amiga. Mas eu acho que, por exemplo, ah nós por termos essa fé em comum já é algo que aproxima, sabe, então eu acho que a fé pode facilitar ah determinadas amizades, porque, querendo ou não, tu ter fé, tu ter uma religião, acreditar em algo maior não deixa de ser um valor e é muito, gurias, muito difícil tu manter amizade com pessoas que não tem crenças parecidas com as tuas. Então, não tô falando só de religião, tipo, querer batalhar, querer trabalhar, querer ter aprendizado, sabe. Então várias outras crenças que eu “C” tenho e que as outras pessoas só querem, sei lá, viverem suas vida enlouquecidamente, ainda mais as pessoas que são da minha idade, então isso foi um ponto que eu tive bastante dificuldade e compartilho com vocês que, enfim, algumas coisas aconteceram e que eu revise bastante assim, são pessoas que eu acho legais, são colegas, que eu converso, enfim, eu acho que a gente tem que conversar com todo mundo sabe né, mas o que que são amigos, sabe. Eu acho super importante assim, fazer essa diferenciação, pra mim, a minha vida ficou bem mais leve depois que eu deixei claro pra mim mesma quem são as pessoas que são os meus amigos sabe, que tem alguns valores, alguns, parecidos com os meus ou que respeitam os diferentes. Então, mais trazendo esse ponto assim. Eu tava pensando, mas quem está falando? Pode falar, hehe..

N: Eu estou ouvindo vocês, só que eu estou mais quietinha que eu posso falar muito. Eu me lembrei de uma atividade, a “D” tava falando agora da amizade, que seria um exercício para vocês fazerem durante a semana que é a sinaleira da amizade, é uma dinâmica que eu ensino



muito para os jovens que eu trabalho né, que é assim: Quem são as pessoas que estão no vermelho, que não fazem sentido estar na tua vida porque os valores são muito diferentes dos teus, que assim, existem no mundo, mas não tem interesse em compartilhar alguma coisa. As pessoas que estão no amarelo são pessoas que tu [inaudível, parece: fica convivendo, aprendendo] ... tu tem algum nível de relação, colegas de trabalho, colegas de grupo. E quem são as pessoas que estão no sinal verde? São pessoas que realmente tu confia, tu acredita, tu valoriza, tu sabe que pode contar. Eu acho que quando a gente faz essa sinaleira da amizade muitas coisas ficam claras na nossa cabeça e isso nos ajuda também a desenvolver o autoconhecimento e a autoestima. É uma atividade bem legal pra se fazer, depois se vocês quiserem, se alguém quiser, pode me chamar no privado que eu explico melhor. Acho que é isso, vou finalizar aqui, beijos.

A: Obrigada “N”, bem legal, vou aplicar no grupo de jovens aqui da paróquia essa dinâmica. Eu tava pensando justamente nisso na questão de níveis né, eu acho que a amizade, existem os níveis de amizades. Que quando a gente fala, e aí eu entro na última pergunta né, na amizade de Deus por nós e na nossa amizade com Deus, é aquela amizade profunda que é comunhão, que é essa reciprocidade a tal ponto que nós somos um com esse amigo. E atingir esse nível de amizade é com pouquíssimas pessoas né. É possível, mas é com pouquíssimas pessoas que a gente tem esse grau de confiança, esse grau de “abandono” nessa amizade, de confiança total, acreditar plenamente. E voltando no Evangelho né, a questão de: “Vós sois meus amigos se fazei o que vos mando”. Às vezes, numa amizade, se chega a uma ligação tão grande que um manda no outro. Vocês já tiveram esse tipo de amizade que um quer mandar no outro? Por um lado, a amizade humana é bem complicado, o outro ter esse poder de influência sobre nós, mas na questão de Deus isso é bem importante né. Então, entrando na última pergunta: Por que vocês falaram e definiram Jesus como amigo de vocês, vocês explicaram um pouco, mas eu queria que vocês pensassem mais e aprofundassem mais: o que significa ser amigo de Deus? O que significa, a partir do que a gente falou, do que vocês falaram sobre a fé, sobre a amizade, o que significa ter Jesus como amigo? Por que é importante? Outra coisa que eu tava pensando, é que Santa Teresa, se eu não me engano, falava que Jesus tinha poucos amigos porque não é fácil ser amigo de Jesus, não é fácil seguir o que ele manda, não é fácil acompanhar ele, não abandonar aos pés da cruz, não abandonar na perseguição, não abandonar em tantos outros momentos assim bem difíceis, então, é difícil ser amigo de Jesus, não é fácil e é por isso que ele tem poucos amigos. Mas agora eu queria que vocês pensassem sobre isso e partilhassem.

Z: Oi, estão me ouvindo?

D: Oi sim “Z”.

Z: Obrigada, é eu acho que tem muito a ver com o que a Sória falou né, que a amizade é amor, que Deus é amor. Eu acho que isso não consegue nós dar uma ideia mais completa sim e pensar também que é uma amizade, como tu disse difícil de altos e baixos também né, como em outras amizades, claro que essa mais especial de todas, mas que a gente tem dificuldades, que a gente tem fraquezas, e que em outros momentos a gente tem essa relação mais forte. Mas que tá acima de todo o resto assim né e que a gente tem um grau, posso dizer, de confiança que a gente pode se abrir e na verdade ele sabe o que está acontecendo, é diferente de amigos, pessoas, que a gente precisa fazer isso verbalmente, mas ele sabe tudo o que está acontecendo e enfim é a amizade mais especial de todas. E é isso meninas.

G: Eu acho que dessa última pergunta, assim, fiquei pensando muito, na outra vez você tinha perguntado “A”: quem era Jesus pra gente? E todas nós, de uma certa forma, a gente falou que ele era nosso amigo e, mas como a “Z” falou, é a melhor amizade de todas assim, então, por que a gente não precisa nem falar, então para as outras pessoas a gente precisa falar, enfim, o que a gente tá sentindo, ou coisas boas também, enfim, mas Pra Ele não né, ele já sabe tudo o que aconteceu com a gente e o que vai acontecer também né, mas claro que ao mesmo tempo, a às vezes a gente tem um pouco de receio de se entregar, assim, deixar as pessoas na mão dele é só falar mas agora meu Deus o que vai acontecer, mas ele sabe muito melhor do que a gente o que é o melhor, qual é o caminho que a gente vai seguir que vai ser o, que vai fazer com que a gente cresça espiritualmente e humanamente também, né. Por mais que muitas vezes a gente não entenda assim, ele é aquele amigo que sabe antes da gente o que é melhor para cada um de nós assim. Sem a gente precisar até mesmo falar e pensar, ele já sabe assim.

T: Falando brevemente, eu acho que a importância de Jesus pra nós assim né, como amigo, é saber que independente das situações da nossa vida vai ser aquele tipo de amizade que nunca vai te deixar desamparado, nunca vai te abandonar. E aí, porque, muitas vezes, acontecem N situações na nossa vida que a gente acaba se afastando de amizades, mas a gente sabe que Ele tá ali por nós, independente do que a gente é, do que a gente faz, ele tá ali por nós e não irá te abandonar, acho que essa seria a importância.

C: Eu também concordo, gurias, que é a nossa amizade mais especial, principalmente por ser uma amizade que nunca vai acabar né. É uma amizade que não tem fim. Tem amizades que tem fim, pode acontecer, e com ele não, por mais que a gente abandone ele algum dia, ele sempre vai estar lá por nós e sempre reconectar de alguma forma né. E sobre amizade, eu também fiquei pensando uma coisa, que a gente nem sempre conta tudo pros nossos amigos, até por medo de julgar, por ele não entender, por ele não ter nada... E Jesus nos ouve sem nenhum tipo de julgamento, assim, ele nos ouve, nos compreende, né, e a gente também vai aprendendo que o

que fazer. Eu acho isso muito verdadeiro, assim. É uma coisa que nem nas nossas “amizades reais” isso pode acontecer, é raro, é difícil, por isso que dos 3 mil amigos do Facebook, se a gente tiver no máximo 5 que sejam assim, já é muito de grande valia assim. Geralmente a gente tem poucos amigos pra contar. Eu acho que é por isso que é muito importante.

A: Mais alguém? Faltou alguém falar que ainda queira falar? Então pode passar “C”, isso, deixa eu ver. Outra coisa que a gente falou em outro grupo, naquele encontro, foi a questão da importância das histórias, que a nossa vida é tecida por histórias. A nossa história com Deus é tecida também pela história das pessoas que a gente encontra no caminho que se tornam nossos amigos e eu queria que vocês contassem eu também lembro que vocês comentaram em algum momento e vocês começaram a criar vídeos e testemunhar a importância do Emaús na tua vida e tal e bem nessa ideia assim, como vocês se conheceram, como vocês se tornaram amigas, pela fé e o que é que o grupo Maranathas, o que o movimento Emaús significa na sua vida, por que isso é importante pra ti, por que tu persevera todo o domingo, toda semana, uma vez por semana, você deseja, precisa, quer se encontrar com o grupo Maranathas?

N: Estão me ouvindo?

D: sim

N: Eu penso que o grupo se tornou uma família, uma família onde a gente se aceita, em primeiro lugar, cada um do seu jeitinho, cada uma somando uma com a outra, nós somos família e corpo ao mesmo tempo. Família porque realmente o laço que nos une é muito forte e a gente sempre se mobiliza em prol das outras e isso já aconteceu em muitos momentos, eu posso dizer a questão da minha irmã que foi super importante pra mim ter vocês, porque sem vocês provavelmente a minha sobrinha estaria passando frio e eu não estou exagerando, domingo passado eu fui lá ficar com elas no dia das mães e realmente assim, muito das roupas que ela tinha era porque vocês ajudaram, sabe, quase todas as roupas da Vitória são de doação e eu sou muito grata a vocês. E eu vejo que nós somos um corpo com vários órgãos e que cada órgão tem uma função e dentro do grupo também, cada uma tem sua função, cada uma coloca seus dons a serviço do jeito que faz mais sentido oferecer as outras. E é importante isso porque estes laços estão confiáveis, são laços onde a gente deposita e aumenta nossa fé. Eu sinto que nós temos fé uma na outra, não só em Jesus, que é quem nos une, seria a gravidade que nos une como células e órgãos de um corpo. Mas é, nós temos fé umas nas outras e amor. Acho que a gente se ama cada uma ama a outra de um jeito único é especial, e como grupo nós temos uma força muito grande porque uma das nossas maiores qualidades como grupo é a nossa perseverança. A gente já passou por várias fases, vários momentos e não deixou a peteca cair, não 100% pelo menos, já teve momento que a gente tava precisando de mais energia, um

pouquinho mais. Então, a gente... somos um grupo muito unido, com muito amor, muito acolhedor e muito carinhoso, afetivo, e eu acho que é por todas essas qualidades que a gente se encontra, pra descobrir qual a melhor forma de a gente servir umas as outras. É isso.

A: Eu queria ouvir como começou o grupo, como vocês se conheceram, quais são as mais antigas no grupo?

S: Deixa eu falar então. Assim o grupo Maranathas, ele foi fundado num curso de Emaús, eu fui convidada a coordenar o grupo e daí na época que a gente abriu o grupo tinha 26 pessoas. A gente sabia que essas 26 não ficariam, mas elas queriam ficar no grupo. E de lá para cá foram 8 anos, não tem nenhuma aqui que esteja desde o início, foi renovando, a cada curso que se tinha, foi renovando as Maranathas né. A “B”, a “G”, a “AN”, outras meninas que não conhece também são as mais antigas assim. E daí... O que eu queria dizer assim é que eu passei por vários momentos na minha vida que se não fosse a amizade e a fé, o grupo teria desandado. Meu pai faleceu, eu fiquei doente e se não fosse as gurias, principalmente as mais velhas que estão nesse grupo na época, o grupo teria desandado, principalmente quem segurou muito a bronca foi a “B”, a bronca né e então assim, a “G” ajudou bastante, todas, mas isso como testemunho assim, toda a reunião hoje serviu pra eu dizer pra ti “A” que graças a amizade e a fé o grupo existe ainda. Porque eu fiquei doente, eu tenho síndrome do pânico e eu passei vários meses assim sem poder sair de casa. E foram momentos bem difíceis, bem ruins, e as gurias entenderam isso de uma forma que elas levaram o grupo. Por isso hoje eu tô mais na retaguarda assim, eu gosto mais de ouvi-las do que propriamente falar porque ah o grupo existe por causa delas. Então hoje o grupo pra mim me dá muito prazer, muito amor, estar no grupo, participar do grupo, e então, o que une o nosso grupo hoje é a amizade e o amor. Não tenho outra definição para o grupo. Eu amo cada uma dessas gurias assim com todas as minhas forças. Sabe, eu tenho uma filha da idade de muitas aqui dentro, E eu amo demais assim, então, pra mim isso é coisa de Deus, é coisa de amizade, é uma coisa que talvez a gente não saiba muito uma da vida da outra, mas a gente se conhece bastante. Então, pra mim, define tudo isso. Agora eu tô lendo ali o que define o verdadeiro encontro, tudo isso que eu te falei, sabe, toda essa amizade, toda essa vontade de elas cobram. Não tem uma coordenadora no grupo, tem porque tem que ter uma pessoa mais velha, mas se tu observar, todas elas são coordenadoras, todas elas coordenam de alguma forma. Então, pra mim, é isso que vale, é a fé e a amizade que eu tenho nesse grupo que eu amo demais, todas. Deu, se não eu vou chorar.

G: Que lindo, adorei.

B: Eu ia falar e caiu o meu sinal, eu não peguei umas coisas que a “S” falou, mas é muito isso gurias. Eu acho que o grupo já passou por muitas fases. fases boas, fases ruins, até porque nem

tudo são flores, não ia ser diferente na vida, não ia ser diferente no grupo e na nossa fé. E como você se conheceram? Eu conheci, na verdade o nosso grupo a gente se conhece quando cada uma vai entrando né, a gente não se conhece antes, a gente não tem como... Eu acabei entrando nas Maranathas porque a “S” me pegou num curso lá e me convidou e eu acabei entrando e nunca mais saí. E teve momentos que eu desanimei assim, mas eu acho que o que me manteve foi a perseverança em Deus, em saber que algo de diferente a gente está fazendo no grupo. Mas principalmente o que me manteve mais a perseverar foi as gurias, a amizade de todas né, e assim, sempre quando uma baixa a peteca, que a outra vai lá e levanta. Eu acho que isso é o que nos mantém fortes no sentido de seguir a caminhada, assim, porque a gente teve muitos momentos bons, momentos... e de desanimar que eu acho que isso é normal a gente não precisa se culpar por isso né. E o grupo é importante porque nos ajuda a manter firmes assim, é um grupo de amigas, talvez a gente não se conheça tanto assim na intimidade, mas eu acho que momentos de lazer vão nos fazer a gente se conhecer mais assim. Tem umas que eu conheço mais, outras eu conheço menos, mas o Maranathas sempre foi um grupo muito aberto e acolhedor pra receber pessoas. Então a gente nunca disse não pra ninguém assim, até a “S” vai lembrar um momento que a gente passou com uma menina, uma menina que tinha problemas psicológicos.

G: Eu lembro.

B: Então a gente passou por uns momentos de se culpar: a será que a gente deve pedir pra ela se retirar ou não? Mas eu acho que a gente tem muito mais coisas boas do que ruins e é isso aí, a gente tá aí na luta né, não é o coronavírus que vai nos derrubar. [kkk]

S: Ela está grávida, essa menina, eu encontrei ela na rua outro dia. Está feliz. A gente teve que tirar essa menina do grupo, só pra ti endender, porque ela, ela é especial, ela tem alguma coisa que não batia com muitas e deu muita confusão e a gente teve que tirá-la do grupo né. Mas foi bem difícil, mas passou.

D: E gurias, agora falando um pouquinho aqui, contando a minha história com o Emaús e com o grupo, eu acho que, eu entrei no Emaús muito por causa da minha família. Então, aquela coisa que vai passando, assim, os meus pais fizeram, o meu irmão fez e aí eu sempre soube que eu ia fazer, então eu fiz 18 anos aí eu fiz e eu acabei entrando, eu fui de outro grupo, eu estou no movimento a mais tempo do que eu estou no grupo, eu fui de outro grupo e depois o grupo acabou acabando e eu segui no movimento e eu entrei no grupo porque eu trabalhei num curso com a “B” e daí a “B” me puxou. Ela falou que a “S” puxou ela, eu tava só olhando, não mas ela fez isso com outras pessoas também [risos]. Mas o que eu ia dizer assim que é uma coisa super bacana que as gurias comentaram Mas que eu sinto assim no grupo é o que eu sinto cada

vez que eu trabalho em curso, e aí eu trago de novo que quem nunca trabalhou em curso precisa trabalhar assim porque é muito Legal assim. E basicamente quando tu chega para trabalhar num curso de Emaús, tu..., eu não posso dar spoiler e não vou dar, mas assim tu, tem muita gente ali que fez outros cursos, que é das antigas, que tem idade pra ser tua mãe, tua vó, tua filha, tudo sabe, tudo que é idade, gente que não trabalha a muito tempo e gente que é muito nova que vai trabalhar pela primeira vez e tu te conecta com aquelas pessoas como se tu sempre conhecesse elas. É um elo, é uma coisa assim, tudo por um amor maior e aí E eu acho que eu acho que o que as gurias falaram e o nosso grupo, é como se a gente fosse assim, aquilo que eu sinto no grupo é aquilo que eu sinto que cada vez que eu vou trabalhar no curso. Então é um elo mesmo que a gente às vezes não saiba muito umas sobre as outras, a gente se conecta de uma maneira que eu acho que o movimento de Emaús faz com que a gente se conecte, sabe. Então é muito lindo e é muito difícil de explicar, assim. O Emaús ele é, é clichê essa frase, mas é muito verdade, ele é um caminho e é um caminho que vai ditando os rumos da tua vida assim, mas é muito difícil de ser explicado, é muito interior, é uma coisa assim que tu vive quando tu tá lá, sabe. E ter um grupo de Emaús é relembrar o que tu sentiu quando fez o curso pela primeira vez, quando tu fez as outras mil vezes que tu trabalhou e tu vai refazendo e tu vai tendo novas análises sobre enfim, determinadas leituras, a gente vai amadurecendo. Então, eu acho, pra mim, isso é o grupo, sabe, é relembrar e manter aquela chama super acesa, que tu sente quando sai daquela casa de Emaús no domingo de noite.

T: Eu acho que eu posso falar um pouco como recém chegado ao grupo. Eu fiz o Emaús no ano passado, mas antes disso eu já tinha feito alguns outros encontros e participado de grupo de jovens aqui em Torres que é onde eu tô morando agora e Quando eu fiz uma luz era o que eu tava procurando porque o grupo de jovens aqui é um grupo mais novo então ele. Eu queria amadurecer um pouco a minha fé e por alguns motivos depois do Emaús ano passado eu até cheguei a Começar com o Maranathas, mas eu não consegui manter E aí eu vi nessa época agora a oportunidade de entrar com tudo no grupo no caso né. Eu nunca saí do grupo do Whatsapp porque eu sabia que em algum momento eu ia conseguir ficar fazendo parte do grupo e aí eu até falei com as gurias né, se elas não se importariam, mesmo nunca ter ido num grupo, começar a fazer parte do grupo com as reuniões virtuais. Então, acho que o que me move a participar é o amadurecimento de fé e mesmo não se conhecendo pessoalmente, a gente vê na exposição de cada uma que a gente encontra Jesus um pouco em cada uma. Então, Isso me mantém querendo continuar e me acolheram muito, foram muito legais no acolhimento então isso nos faz perseverar assim. Era isso que eu queria falar.

S: Quando voltar “T”, vamos fazer reuniões virtuais contigo.

C: Isso que eu queria dizer para não morrer as videoconferências on-line depois que voltar tudo, eu acho que é bom que a gente consegue unir muitas assim né, talvez não possam, que não dá, que alguma coisa, e assim, que bom a gente reunir todo mundo né, mesmo a presencial a gente acaba não rolando né. Adorei o que tu falou “T”, sempre muito bem vinda, sempre quando quiser, olha eu anfitriã né, eu tô assim, eu tô praticando toda a minha oratória né gurias, eu tenho que assim, tenho que ir melhorando né, ah, eu tava esperando a “G” falar, mas ela tá meio quietinha, a última Maranathas mais velha... O Emaús, como a gente tava falando né “A”, a gente conhece depois que a gente faz o curso né, e comigo não foi diferente, mas eu senti algo diferente quando eu falei com a “N” e a “B” no final do curso, elas se aproximou bastante de mim né, e conversamos né, fazendo aquela sedução, e a gente conversou bastante e naquela conexão, eu senti que seria muito bom participar assim. O grupo é muito ligado com essa questão de perseverar né, mas a gente quando entra, a gente sente muito esse acolhimento que o grupo dá e isso é muito especial assim. Eu acho que esse acolhimento, a troca que a gente tem assim, e possibilita a gente a ser amigas mais profundamente umas das outras. Eu acho que a gente talvez não tenha conseguido muito aprofundar nas reuniões, mas o inbox tá aí né, o privado tá aí, a gente pode conversar com uma, conversar com outra e ir aprofundando assim, cada uma tem um jeito muito especial assim, um carinho, uma atenção assim, cada uma tem o seu jeito, isso é muito bom assim para o grupo né. E o que mudou na minha vida além de perseverar na fé, eu acho que foi eu conseguir um pouco ser mais humana e mais, ter mais empatia, de aprender, eu já sou boa ouvinte, algumas pessoas já falam isso, mas eu consegui ir além, me calar inteiramente, ouvir tanto as minhas colegas quanto Deus também, Jesus, na minha vida e isso foi muito bom. Eu acho que é uma das melhores coisas assim que o grupo traz, essa possibilidade de trocar com essas pessoas, ouvir ser ouvida, a partilha é muito importante, e eu gosto muito. Eu acho que cada ano o grupo fica cada vez melhor e esse ano eu me senti mais especial assim por criar esse Instagram nosso, do grupo. Eu acho que a gente consegue externalizar um pouco do que rola assim aqui dentro assim, nas nossas reuniões lá fora assim, esse afeto, esse amor, esse carinho, esse cuidado que reflete nas mensagens, no jeito que a gente posta, nas artes também, bastante afeto, assim, é o que eu tento passar. E eu amo muito o grupo e amo muito todas que estão aqui, fiquem bem.

G: Eu acho que Uma das coisas que a “S” falou a questão da amizade assim e a questão da fé. Realmente acho que as coisas estão muito relacionadas assim, principalmente durante vários momentos que a gente teve principalmente assim, eu vejo pra... mais até eu e a “S”, a gente que está há bastante tempo assim, Que a gente teve várias fases assim no grupo que a “B” falou, mas pela nossa amizade uma foi a levantando a outra, então quando uma tava mais pra baixo,

a outra ia lá e levantava, depois aquela que tava lá em cima baixava e a outra ia lá ajudar, então, tudo através da fé assim né. E essa questão de a gente se conhecer também, eu acho que, claro que agora devido à pandemia gente não tá podendo se ver pessoalmente e tudo mais, mas a nossa ideia antes de ter essa questão da pandemia, era de fazer as reuniões nas casas né. Então, Uma das reuniões a gente conseguiu fazer na casa da “L” aí um pouco, em pouco tempo assim que a gente já fica na casa da pessoa, enfim, ou até mesmo, as reuniões que estavam sendo lá na Maronita, a gente consegue aproveitar de uma forma tão grande que é tão intenso que a gente acaba, que a gente consegue se conhecer bastante mesmo em pouco tempo, então eu acho que é isso assim, o quanto a fé e a amizade conseguem se unir pra que juntas a gente consiga ter esse grupo tão lindo que a gente tem até hoje assim né. É isso.

A: Mais alguém quer falar ainda? Então, pra começar a fazer a conclusão, o que eu percebo assim, eu já ah.. digamos assim, eu já entrei com pesquisas formais e informais em vários grupos e já vi bastante coisas assim na Igreja, e o que eu percebo é que realmente que quando se cria uma relação de amizade profunda, uma amizade mesmo, assim, se consegue realmente se perseverar na fé. Então, é extremamente importante nesse caminho, seja o caminho do Emaús, seja o caminho da Igreja, essa amizade, encontrar amigos e perseverar, um suportando o outro, um ajudando o outro. E eu tava pensando assim, né, eu tenho que escrever a minha tese e esse, essas conversas, essas partilhas, elas fazem parte desse processo que eu busquei fazer diferente, busquei fazer um processo, a teologia como uma reflexão, como um processo de diálogo, um processo comunicativo, um processo com os outros. Não apenas o que eu penso, mas ver o que os outros pensam pra poder realmente refletir sobre a fé na vida, a fé na vida das pessoas. E eu tava pensando sobre isso né, como no caso, keu tenho que pensar numa Cristologia, pensar Jesus hoje, pensar como fazer esse encontro com Jesus, como levar os outros a esse encontro, o que que é importante falar sobre Jesus, como apresentar Jesus, especialmente pro jovem, especialmente pra essa pessoa que tá tão permeada, digamos assim, na cultura digital e como falar de Jesus hoje? Como viver a fé hoje? Essas questões assim. E eu vejo como chave a questão da amizade, como chave de apresentar Jesus. Na verdade, não é de agora que as pessoas falam da importância de Jesus como amigo, mas se vÊ poucas reflexões sobre isso, poucas, mesmo no querigma né, como apresentar esse Jesus né, falar de Jesus como amigo e, pode passar para o último “C”, o último slide. Eu queria agradecer vocês né por essa esse digamos assim, além de me oportunizarem fazer essa pesquisa com vocês, mas também o início de uma amizade com vocês, e eu acho que foi pra mim foi muito bom, foi uma experiência muito boa, muito construtiva não só de fazer com vocês, propor coisas coisas para vocês, mas ah fazer junto com vocês, cada vez que eu fui fazer alguma parte da reflexão, eu fiz com a “C”, eu fiz



com a “N”eu fiz com a “G”. E é justamente essa troca que realmente, eu Acredito que o conhecimento se dá, comp o Papa Francisco fala: a verdade é um encontro. Então, se dá nessa relação, e eu vou tentar de alguma forma desenvolver esse pensamento, essa reflexão, essa lógica sobre amizade, sobre a igreja como comunhão, como diálogo, como ah, a importância da comunicação entre as pessoas, da relação entre as pessoas, de cultivar a relação, enfim. Ainda vou ver como vai esse caminho, mas eu queria agradecer muito a vocês essa oportunidade de conhecer o Emaús, se conhecer vocês e eu queria agora nesses últimos minutos né, que não tem tanto tempo, mas quem quisesse falar assim, um pouco, como foi essa experiência, também valeu pra vocês essa experiência que a gente fez? Se ajudou o grupo, ah, por que a ideia também dessa prática não é apenas eu conseguir dados para eu desenvolver uma pesquisa, mas também que o próprio grupo frutifique com essa experiência. Então, eu queria ouvir um pouquinho vocês e muito obrigada.

B: “A”, A gente queria te agradecer muito por ter enriquecido nosso grupo a tua serenidade com a tua inteligência, com a tua técnica, na questão da do estudo né. Eu acho que tu foi um presente para nós nessa nessa época agora, nos ajudou a desenvolver é... essa parte da leitura orante, que é uma coisa que a gente gostaria de fazer, mas não tava fazendo, e tu nos trouxe muitas coisas boas e espero que a gente possa ter conseguido te ajudar um pouquinho nos teus estudos, e seja sempre muito bem-vinda, muito obrigada por tudo.

S: Eu gostei muito do que a “L” escreveu, ela escreveu que as reflexões propostas através das perguntas foram muito profundas em todos os encontros. E eu também quero agradecer “A”, e agradecer a Deus assim que fez com que a “P” falasse comigo, que tu falasse lá com o R., todo esse caminho pra tu chegar no nosso grupo e foi extremamente importante para o grupo, principalmente como disse a “B”, principalmente nesse momento assim que a gente tava ah... não sei como seria né, a gente não tinha ideia de que ia ficar tanto tempo parado, tanto tempo sem se ver fisicamente e tal. E aproveitando, eu queria te fazer um convite, assim o grupo são pessoas que fizeram cursos de Emaús, certo. A gente pode ter no grupo pessoas que não fizeram curso, desde que venham a fazer depois. A gente gostaria de te convidar pra ti participar do grupo porque a gente gostou muito de tudo, de ti, a gente não se conhece ainda pessoalmente né, mas a gente gostou muito e a gente gostaria de te convidar para fazer parte do grupo, mais tarde fazer o curso, daí depois a gente conversa com o Zilles né porque, pra que tu possa fazer o curso mesmo que seja de ouvinte, eu não sei quantos anos tu tem, responde.

A: Eu tenho 32 anos, talvez eu já esteja meio velhinha... [risos]

S: Aí a gente conversa com o Zilles, pra para o próximo curso, se tu puderes fazer e se tu quiser, pra nós seria maravilhoso te ter junto no grupo e ainda mais fazendo o curso, né gurias? Respondam [risos].

G: Sim “A”, é como se tu já tivesse no nosso grupo.

C: A “A” já é Maranatha.

S: É como se tu já tivesse no grupo, assim, hoje eu conversei com as gurias também, foi unânime, eu acho que... joguei a bola pra ti, eu acho que agora tu faz gol.. [risos]

A: Eu gostei muito de participar e até é interessante assim, porque, como é que se diz, todo o caminho que a gente tem né, a caminhada na Igreja assim, às vezes no caminho acaba ficando alguns amigos né, vão.. e a gente vai continuando e fica... vai ficando assim né... e agora nesse momento eu vejo que assim, como é que eu poderia dizer, pessoas assim mais ou menos da minha idade, às vezes, na caminhada, às vezes é difícil, eu vejo, por exemplo, eu ajudo o grupo de jovens que é um monte de piázinho né, eu sou tipo tia do grupo de jovens né, e aí eu vou num outro grupo até eu me identifiquei com o próprio nome do grupo de vocês, Maranathas, porque eu participo do grupo chamado Maranatha, hehehe, só que daí esse grupo, é grupo de adultos, e aí tem de tudo quanto é idade, enfim, é outra proposta, mas, pra mim é bem interessante, um grupo de mulheres, e mais ou menos da minha idade, então , eu espero que eu possa participar, assim, sempre que eu puder, eu gostaria de participar com vocês, acho bem produtivo, hehehe...

S: Nós ficamos muito felizes com isso, hehehe...

G: Muito felizes, seja bem vinda sempre.

D: Seja bem vinda!

A: Obrigada.

## **Apêndice B: Transcrições da prática de teologia comunicativa do Grupo Transfiguração**

**1º Encontro: 07.04.2020** – Observação.

### **Anotações:**

Primeiro contato com o grupo Transfiguração do movimento Emaús.

São João Batista – padroeiro do movimento Emaús. São Paulo de Tarso – padroeiro do grupo Transfiguração.

Lm: Moral, arte de viver – outro livro que já estudaram anteriormente que ajudam a entender o livro que estão lendo agora do CS Lewis.

Uma pessoa virtuosa é uma pessoa que presa pela moral.

As virtudes podem ser um caminho para buscar viver a moral.

Comenta o Livro: A Paz da Alma, Futuchin

A psicanálise pode ajudar a fazer um bom exame de consciência

Mm: Agora o Lewis foi bem direto ao ponto. No primeiro capítulo ele disse se o mundo não for todo católico, ele não vai dar certo. É melhor a pessoa ser correta do que ser cristão. Pessoas nascem diferentes, pensam diferentes, tem histórias diferentes, temos que saber conviver com a diferença. No fundo, temos que estar no mesmo sentido, rumo, ideal de vida. Exemplo, agora ir no supermercado nesse tempo, eu sei que vamos poder comprar por todo esse tempo de pandemia, mas vão chegar pessoas que vão e querer comprar tudo...

A psicanálise é como uma pré-moral.

Tm: As três partes da moral:

Mesmo quando os homens vivem coisas que estejam de acordo com o que entendemos como moral cristã, quem vai definir que o ato é definitivamente bom ou mal é Deus. Treinar o nosso olhar para reconhecer o que é bom e o que é mal.

Lm: O primeiro passo. De todas as morais que existem a cristã é a que faz mais sentido, porque tem como espelho e exemplo o seu próprio criador: Deus na pessoa de Jesus Cristo. A gente sabe qual é o caminho, mas o mundo, as outras pessoas não conhecem. Os próprios judeus não conseguiram enxergar. Cristo é a própria moralidade. No momento em que eu tenho contato com Jesus Cristo eu começo a fazer exame de consciência.

Acho que é não olhar para o todo, mas para nós mesmos.

Duas reações: Olhar para si, é eu tenho que melhorar. Outra, não, eu sou um homem bom, ele  
Escola Missionária do Emaús: Próximo palestrante será o Pe. Fabiano Glaeser. 26 de abril, às 20:30. Estrear o vídeo da Escola Missionária. Tema: Exame de Consciência.

Dm: Pergunta, se alguém sentiu repulsa, não ninguém sentiu repulsa às ideias do livro.

**2º Encontro: 21.04.2020** – Início das interações.

Eles fizeram a reunião inicialmente como de costume com uma oração inicial, leitura de parte do livro que estão estudando, em que cada um lê uma parte, eu também participei da leitura, e depois segue perguntas e comentários sobre os que se leu. Combinamos de fazer uma pequena interação na parte final do encontro. Então vamos transcrever essa parte final de reflexão e partilha sobre as seguintes questões:

Como vocês estão se sentindo tendo que ficar em casa, ou tendo que trabalhar enquanto outros ficam em casa? O que mudou na rotina de vocês?

E o que atinge na vivência da fé de vocês essa experiência de pandemia, fechamento das igrejas e isolamento social? Como foi a experiência da Páscoa em casa, participando através das mídias?

Mm: Acho que está sendo uma experiência muito diferente, eu admito que a minha parte reflexiva da Páscoa em si foi bem pior do que os outros anos, eu acho que as outras vezes eu participei mais do processo da Páscoa, e até a gente aqui em casa foi ver a “missa” da Paixão gravada depois. A missa da Páscoa em si a gente conseguiu ver no domingo. A gente não viu a missa da Vigília Pascal e viu domingo a missa que o Emaús fez. Eu achei uma experiência bem diferente o fato de “ver a missa”, participar de um grande zoom como tava sendo, de tu ver outras interações. Eu via missas muito robotizadas, tipo, entrava uma pessoa, saía uma pessoa, essa mesma pessoa lia duas ou três leituras. Ver um pouco o pessoal participando assim, tu ver um monte de rostinhos, enxergar que tem um monte de gente participando, por exemplo, na missa de Páscoa foi 130 pessoas, 130 computadores conectados. Domingo passado foram 143 se não me falha a memória, 143 computadores conectados, então, tu imagina, na minha casa são 4 pessoas, se tu bota no mínimo 2 pessoas por casa, então, tínhamos umas 300 pessoas tranquilo conectadas vendo a missa. Para mim foi diferente a experiência, mas eu digo que cada experiência nova que a gente vive é um aprendizado novo. É uma coisa: dá pra fazer? Dá pra fazer. É o ideal? Obviamente não é o ideal, mas num esforço, dá para fazer.

E é um negócio interessante, mostra que tem gente que tá com saudade, que tá com ânsia de estar na igreja, está com ânsia de querer participar. Que daqui a pouco estou numa situação que não vou poder estar na missa, mas vou ver a missa, vou poder acompanhar, não vou poder estar comungando lá na hora, mas eu quero ouvir a homilia do padre, eu quero ver o rito, as coisas

acontecendo, quero ver a consagração. Eu acho que isso é muito importante, a gente poder estar testemunhando isso mesmo que seja a diatância, mesmo que seja por uma tela, testemunhar o negócio ao vivo acontecendo, saber que aquele milagre, aquele mistério está acontecendo ali ao vivo. Isso eu achei bem legal na minha experiência de Páscoa.

Em questão da quarentena, o que mais me agonia hoje é não saber quando vai terminar. Porque isso atrapalha planos, não só meu, mas dos outros, de ver que para algumas pessoas, o dinheiro está acabando, já estão tendo que vender coisas, isso eu acho um complicador muito grande assim. Outra coisa que me preocupa é que eu estou seguindo à risca [os cuidados] e só saio para ir no super e voltar, se para buscar comida e voltar. O meu problema é tem pessoas que estão trabalhando na rua e que não estão nem aí pro que tá acontecendo. Isso me preocupa, isso me incomoda porque eu estou me prevenindo e me cuidando, mas essa pessoa que está nem aí na rua não está se preocupando pode contaminar e causar um mal muito grande para pessoas do meu convívio, do meu carinho que tem uma fraqueza maior, e aí faz como? Depois não adianta chorar no leite derramado, não adianta, depois que o problema está feito, não adianta reclamar, tem que é prevenir agora, previne agora, depois a gente vai dar um jeito, as coisas vão se ajustar, a gente vai recuperar, mas agora não é o momento, sabe. Não é o momento de se enlouquecer, de dizer: ai, não estou nem aí, isso é só uma gripezinha, isso me incomoda muito. Mas no mais assim, poder ficar em casa, olhar uma série, poder passar mais tempo com os meus pais e com a minha namorada dentro de casa, isso tá sendo bom assim pra mim, bem gratificante. Próximo. A: Não briguem pra falar, um de cada vez, hehehe...

Lm: Pode ser eu então.

Uma coisa que nessa quarentena tem sido bom, espiritualmente pra mim tem sido interessante assim. Nós, desde o início da quarentena, a minha família e a família da minha namorada tá se combinando de a gente ficar, um período eu fico lá na família da minha namorada e um período ela fica aqui, e a vai se revezando. A gente acordou isso com os pais, os pais estão nos ajudando nessa questão de deslocamento porque a minha namorada mora na Zona Norte, então fica difícil ir toda hora assim e ela particularmente precisa usar muito a internet, a rotina dela mudou muito, então eu fico observando isso. Porque ela é professora, ela está usando os recursos on-line do colégio dela, então a gente tem isso como parte do cotidiano, então a gente tem se visto mais durante a quarentena. Desde que começou a quarentena, nós acordamos de ficar mais tempo juntos, claro, com a convivência dos nossos pais, isso não muda, isso tem sido muito bom pra nós espiritualmente. Desde as primeiras vezes que eu fui pra casa dela que a quarentena começou, a gente sentiu a necessidade de ver a missa on-line todos os dias, a gente tem buscado fazer isso, a gente achou uma missa que a gente gosta de ver muito. Eu acho que no on-line, em

matéria assim de liturgia e espiritualidade, menos é mais. De vez em quando eu acompanho as missas de TV pela Aparecida, eu acho muito bonita, mas acho que todos os dias pela aparecida, eu acho que fica um pouco carregado assim. Eu prefiro uma missa mais sóbria, on-line eu acho melhor uma missa mais sóbria assim. Nós achamos uma missa que a gente gosta muito, todos os dias às 19:30, claro, quando tem alguma reunião de grupo ou uma atividade assim eu não consigo ver, mas 19:30 a gente gosta sempre de ver essa missa. É uma missa muito sóbria, não tem canto, é só o padre, o padre faz todas as leituras, ela exatamente segue assim ah o ordinário da missa e isso me ajuda mais a seguir a espiritualidade, me focar mais à distância na missa. Então, no momento que tem que fazer a comunhão espiritual, eu e minha namorada a gente tem umas fórmulas que a gente gosta de seguir que é de Santo Afonso Maria de Ligório que é bem conhecida e a gente busca fazer o melhor dentro disso né, a gente entende que né. Claro que como o sacramento da eucaristia transcende o lugar onde nós estamos, algo que transcende, algo até metafísico de certa forma, a gente sabe que a missa acontece sacramentalmente de qualquer maneira que ela é. A parte mais difícil é, como que eu consigo, na minha limitação material de ser humano, poder me projetar dentro da santa missa de forma espiritual né. Eu sei que é possível isso pedindo para os nossos anjos da guarda possam participar da missa em relação conosco e comungar por nós, se colocar na santa missa de maneira mais profunda e quando a gente reza a missa juntos aqui digitalmente, nós fazemos tudo como se tivesse na missa, nós sentamos quando tem que sentar. Levantamos quando tem que levantar. Então pra nós isso é muito natural. A gente parece que está na missa.

A gente busca, em casa principalmente eu faço isso e com a minha família, em toda a vigília pascal a gente fez. O Tríduo a gente achou melhor acompanhar pela Aparecida, o pai e a mãe gostam muito do tríduo, então, a gente fez o tríduo todo pela Aparecida e eu tentei seguir à risca essa questão da vivência da igreja doméstica. Como eu gosto muito de liturgia, tentei proporcionar isso pra família, de manter os ritos conforme estava acontecendo. No momento que tinha que tirar as coisas todas da mesa pra dar a sensação de que a gente viveu o silêncio litúrgico né na missa, a gente fez isso, quando tinha que fazer o beijo da Santa Cruz, eu peguei uma cruz, eu fiz exatamente como o padre tava fazendo e a gente fez isso em casa. No momento da Vigília Pascal também, a gente fez todo o rito de acordo. Estar nesse ambiente ajuda. Claro, não tem o mesmo sabor de estar fisicamente presente, mas naquilo que foi possível fazer, eu tentei proporcionar para mim e minha família assim, esse ambiente de liturgia, ambiente de missa. E eu acho que foi muito bom assim, pra todos nós.

Na sexta-feira da Paixão, quando o sacerdote beijava a cruz, eu peguei uma cruz e fizemos aquele momento ao mesmo tempo em casa. Momento em que tinha que tirar todas as imagens

e objetos litúrgicos, a gente fez isso. Quando nós acompanhamos, nós fazemos tudo como estivéssemos na missa. A gente levanta quando tem que levantar, senta, ajoelha de acordo com os momentos. Para nós é muito natural, é como que estivéssemos realmente na missa. Estar nesse ambiente de liturgia ajuda a vivenciar melhor, eu acho que foi muito bom. Claro, não tem o mesmo sabor, mas naquilo que foi possível fazer, eu tentei proporcionar para mim e minha família isso.

E uma das coisas que eu sinto falta também, além da sagrada comunhão, é justamente o sacramento da confissão, pesa bastante porque eu tenho o hábito de me confessar semanalmente e eu percebo que quando eu não confesso com regularidade, a probabilidade de eu me manter em estado de graça diminui, porque a exigência espiritual parece que diminui assim. Isso tem sido bem ruim, tem me incomodado bastante. O fato de eu não ir lá confessar com o sacerdote com regularidade dificulta bastante. Claro que a gente se apoia numa contrição, tenta ter uma contrição mais perfeita, tenta oferecer mais indulgências e coisas do tipo, mas isso é uma coisa que dificulta bastante. Por um lado, viver essa carestia, isto é, essa carência de eucaristia, de certa forma é bem importante. Porque, poxa, eu estou com essa saudade da Eucaristia. Eu estou com saudade da eucaristia, mas eu estou em estado de graça? Eu estou podendo me manter em contrição perfeita mesmo sem a confissão? Quando eu vejo, bom, eu não tenho confissão regular, isso não tá me ajudando né. Eu não estou me esforçando o suficiente pra poder talvez, se tivesse em confissão regular ser merecedor da Eucaristia. Eu tenho feito essa reflexão constante. Então, por um lado está sendo bom se abster de Eucaristia nesse sentido eu vejo que eu preciso melhorar muitas coisas nesse período de quarentena nesse sentido assim, tô impedido de receber os sacramentos, mas será que eu tô fazendo alguma coisa para, quando eu puder ter a oportunidade de novo, ser merecedor disso? Então essa é uma das coisas que mais me impacta assim. Então espiritualmente tem sido muito bom.

O que mais me prejudica, o que mais me dificulta, eu entendo que é a disciplina de trabalho, de ordem das coisas, porque como eu tenho atividades de mestrado em que eu não tenho a exigência de necessariamente cumprir, eu estou na etapa final do mestrado em que eu tenho que basicamente escrever, e eu não tenho que me deslocar de onde eu estou, eu não tenho que ir em nenhum lugar, em um ambiente que me favoreça isso, isso pra mim particularmente tem sido muito ruim. Então, eu não estou conseguindo manter uma rotina tão fixa, extensa e produtiva de trabalho como eu gostaria, isso é uma das coisas que mais me incomoda. Espiritualmente então está sendo bem melhor, profissionalmente nem tanto. No final das contas eu preciso equilibrar as duas coisas né, uma coisa tem que ajudar a outra. Se eu tivesse tendo uma vida

espiritual mais profunda com certeza a vida profissional ia melhorar né. Então, enfim, essa tem sido as minhas batalhas mais comuns assim.

A: Eu te entendo porque eu tô na batalha da tese, então, é bem isso a minha realidade. Obrigada.

Mm: Ô “A”, olha só, vai fechar em seguida a... essa reunião, daqui a pouco pra todo mundo pessoal é o mesmo link tá? Abrindo o mesmo link volta pra reunião, tá não precisa mais mexer.

“A”, tu quer mais alguém pra comentar, como é que tu quer fazer?

A: Pois é, será que vai fechar mesmo a reunião? Porque... vai? Ah tah... Porque ele tinha tirado esse limite pelo menos em algumas reuniões que eu participei. Mas então, se alguém mais... depois a gente continua, seria bom ouvir um pouquinho de cada um né. Então, se mais alguém quiser falar antes que termine agora.

Dm: Eu posso falar rapidinho.

Minha páscoa foi mais aqui em família com minha irmã, meu pai e minha mãe, porque, geralmente a gente faz com mais pessoas da família, mas foi mais reduzida dessa vez. E eu assisti as missas pelo canal do Vaticano, pelo horário de lá, sem estar em reprise, achei interessante essa parte de ficar mais em silêncio e reflexão naquele período. Mas a minha semana desde a quarentena não está sendo muito diferente porque, nas últimas semanas, pelo menos, eu tenho ido terça e quinta ao trabalho, então não é algo muito presente estar só em casa pra mim, aí essa sensação é pouca. Eu também estou indo no supermercado por causa da minha vó e outras coisas aí, estou saio mais de casa, enquanto outros, tipo, o meu pai não sai mais há um mês e pouco. Mas no mais é isso. Alguém mais?

[Houve uma pequena conversa sobre a preocupação se se perderia a gravação se o tempo acabasse, decidimos concluir essa gravação 30 segundos antes da reunião gratuita do Zoom acabar. (Lembrando que o Zoom é gratuito por 40 minutos, depois se pode entrar numa nova reunião por mais 40 minutos e assim por diante).

Sm: É falar em só 5 minutos que é o problema. 15:38.

Então falando um pouquinho sobre a minha quarentena, como eu trabalho em área de saúde, não fiz quarentena total, minha quarentena é intermitente, alguns dias eu não trabalho e outros eu fico de plantão, então no trabalho não mudou tanto. O que mudou é que não estou podendo ir visitar a minha família que mora longe, já há 40 dias que eu não vejo ninguém dos meus familiares, só pelas redes sociais. Mas mesmo os que moram mais perto eu também não estou visitando porque trabalho em lugar que pode ter o risco de contágio. Estou na rua, trabalhando, saindo de casa, claro com todos os cuidados. O trato com os pacientes mudou muito. Os pacientes muitas vezes abraçam, dão a mão, agora isso não é possível; A cadeira dos pacientes



estão quase na porta da sala, porta aberta, tudo bem ventilado. Contato físico só em último caso, bateu quebrou, já se manda para o raio X.

Da parte de participação da Páscoa, foi bem diferente dos outros. Como eu sou coordenador da liturgia da minha paróquia, eu fui em todas as celebrações pascais para ajudar o padre a transmitir a missa aos demais. Então eu não deixei de participar das celebrações. Foi bem diferente ver a igreja vazia, aprofundou um pouco mais todo o sentimento que é tão lindo do tríduo pascal. Mesmo sem ter as pessoas, como seria passado ao vivo, a gente fez tudo como se faz normalmente na liturgia para que as pessoas tivessem a mesma experiência o máximo possível. Tiramos todas as toalhas do altar, tiramos flores, velas.

Nem eu não fiz quarentena total né, a minha quarentena é intermitente, eu trabalho alguns dias ainda de plantão, então, a princípio, segunda, terça, quarta e até quinta-feira, algum turno eu estou trabalhando. Então, eu não tive essa mudança tão grande assim de trabalho, mas teve a mudança de não poder visitar a minha família, não é, que mora longe. Então, já há 40 dias mais que eu não vejo ninguém assim dos meus familiares a não ser por videochamada. Mas também até as pessoas que estão aqui próximas a mim em Porto Alegre, meu pai eu vejo só no trabalho, também devido... evito de ir na casa dele porque lá tem criança, tem mais pessoas, então, também para evitar até porque eu estou em áreas que podem ter risco de ter contato né dentro do hospital. Então, mudança até assim de outras coisas da quarentena eu não tive muito por essa razão, por estar trabalhando. Então, estou na rua estou trabalhando, estou saindo de casa né com todo cuidado, aumentando 10 vezes mais o uso do álcool gel, distanciamento, até no atendimento também o atendimento modificou muito com os pacientes, né o atendimento de antes, a paciente estava próxima a minha mesa conversando muitos pacientes abraçam, dão a mão. Hoje não. É distanciamento. A mesa, a cadeira do paciente está quase fora da sala. A sala sempre porta aberta, ventilada. Exame físico só se muito necessário né, se não, o atendimento da emergência mesmo em minha área, traumatologia. Então caiu, bateu, é raio X, quebrou, não quebrou, então, pouco contato, só o estritamente necessário. Da parte de participação da Semana Santa e missas, eu tive uma experiência bem diferente esse ano, até diferente de todos, pois eu na minha paróquia como coordenador da liturgia, eu fui todas as celebrações pra fazer a missa online né, passar a missa para os outros paroquianos.

Então, eu não deixei de participar em nenhuma missa da... Tanto dos últimos finais de semana da Quaresma, ali já foram missas fechadas, tanto da Semana Santa, tanto do Domingo de Páscoa e até este último domingo também da misericórdia que eu estou indo para filmar, para transmitir as missas ao vivo e também auxiliar um pouco na parte da liturgia. Só que a experiência é bem diferente de ver a igreja vazia e aprofundou um pouco mais todo sentimento que é tão lindo do

tríduo Pascal e mesmo sem ter as pessoas, como iam ser passados ao vivo, a gente fez tudo que deveria ser feito normalmente. Então, como eu ouvi o “Lm” falando, a gente tirou todas as toalhas do altar, tiramos as flores, tiramos velas, a gente fez tudo como manda a liturgia para que as pessoas que estivessem em casa também pudessem ter a mesma experiência assim, como se fosse, como se estivessem na missa. Vamos parar e depois eu continuo.

A: Vamos, isso, obrigada.

Segunda gravação.

Sm: Então, só terminando o que eu havia começado antes, então, da participação, tentando fazer o papel um pouco inverso do que as pessoas que estavam em casa né, para tentar passar também aquela emoção e todo o significado do tríduo Pascal da melhor forma possível através do que a gente tem em mãos, em questão de tecnologia Facebook e outras plataformas. Tivemos uma participação expressiva das pessoas que eu achei interessante né, pessoas participando na sua comunidade de origem né. Eu vi que, claro, tinha todas as redes de televisão católicas passando as missas, as celebrações, mas foi bonito de perceber que as pessoas estavam reunidas também ali na sua paróquia que participam todo o final de semana, que acompanha. Mas, realmente, é uma experiência única e tanto para quem esteve em casa participando das celebrações, como também de quem esteve lá participando presencialmente comungando também, eu comunguei todas as celebrações normalmente. Mas o sentimento bem diferente, então, uma tristeza do sacerdote de não ter o seu povo junto, da própria equipe de liturgia também, da gente estar lá em poucos, olhar a igreja toda vazia enquanto era para estar lotada. Sempre Páscoa normalmente a igreja enche, as pessoas participam, têm as suas devoções particulares de Semana Santa. Então, essa questão que chamou muito a atenção. E ver as pessoas também entrando em contato mesmo e sentindo a falta de estar presentes acho que essa quarentena vai, talvez, nos trazer isso de que a gente sente falta de estar com os outros né, que a gente não consegue viver sozinho no mundo, que a gente não é auto-suficiente, e auto-suficiente em todo em todas as questões. Não só a questão da fé a questão da missa, mas auto suficiente em que tem que ter um mercado aberto para poder me alimentar, tem que ter um sistema de saúde funcionando para eu poder ser tratado se acontecer alguma coisa durante a pandemia, ou mesmo uma infecção do vírus ou outras doenças, de que eu preciso daquele que está limpando, daquele que está tirando o lixo, eu acho que essa consciência já está começando a mudar né, e também outra questão é que a quarentena, percebendo até nos grupos de WhatsApp, falando especificamente da minha paróquia, e que as pessoas estão a flor da pele, mesmo refletindo em casa, até como o Lucas falou, talvez seja um momento de reflexão, mas em questões políticas e ideológicas também está um negócio muito complicado, muito difícil, de hoje à tarde inteira

num grupo que era para falar só sobre liturgia eu tive que apagar uns 10 incêndios. Por cada um ter a sua opinião e achar que é o momento de colocar a sua opinião, e o outro ter que aceitar de qualquer forma. Então, eu não sei, eu ainda não consegui ter um pensamento correto ou estabelecido já de como nós iremos sair de tudo isso né. Talvez de quantas coisas que nós teremos que ajeitar depois quando estivermos juntos presencialmente. Então é bem interessante ver todos esses lados, é bem bem complicado. E ter calma neste momento, é a calma para todos os lados, é a calma de não poder participar da missa e comungar; é a calma de não poder estar junto com as outras pessoas; é a calma de não poder sair de casa; de ter que ficar em casa se puder mesmo; e a calma também de aceitar quem tem que sair de casa para trabalhar, para fazer as suas compras, então, eu acho que está faltando um pouco ainda. E talvez a gente saia disso tudo aí pensando no ovo, eu acho que a todos que neste momento, eu acho que é bem difícil dizer que um só está sempre totalmente certo ou totalmente errado. Então, eu acho que essa foi a minha até agora porque já deu a princípio, já deu uma quarentena propriamente dita, 40 dias mais ou menos, esperava-se que fosse quarentena dos 15 dias de contágio, mas já fizemos uma quarentena de 40 dias mesmo então, e foi bem intenso, mesmo eu morando sozinho, mesmo estando trabalhando, foi bem intenso também, tive que ajudar a tratar tudo isso, até em comunidade também ter calma para não acirrar os ânimos e tentar, além de ficar no foco principal né, que em uma comunidade deveria ser Jesus Cristo e não as diferenças ideológicas ou de pensamento, mas acho que no final das contas, depois que tudo voltar ao normal, que a gente se encontrar a gente vai tirar um bom proveito disso e também ter mais bons resultados do que maus resultados.

A: Obrigada. Quem mais se habilita?

Mm: “Tm” ou “Hm”.

Tm: Eu vou falar então. A minha situação aqui... estão me ouvindo bem aí ? Sim. A minha família meio que está dividida, eu estou aqui na praia com todos meus familiares que são pessoal de risco né, e eu tenho muito parente que é assim irmã, mãe, dindas, tio. Então aqui na praia tem um monte de gente. Só que lá em Porto Alegre ficou o meu pai que é médico, e tinha que ficar lá, e o meu irmão ficou lá com ele para meio que fazer companhia. Então, a minha família, desde que começou a pandemia a quarentena, a gente meio que se dividiu estamos assim, desde aquele dia. Sobre a Páscoa teve umas mudanças bem interessantes aqui porque a minha família não é muito religiosa, e todas as situações que acontecem na Semana Santa e tudo mais, a minha família começou a participar junto comigo assim. Antigamente quando eu participar participava sozinho desse momento eu tentei participar com eles de novena de via Sacra, teve uns momentos bem legal na Páscoa. Então, assim, se teve alguma coisa boa nessa quarentena aqui

os meus familiares agora estão um pouco mais religiosos está sendo uma experiência bem gratificante assim nessa parte. E a parte ruim é que a gente não tá podendo receber a eucaristia, ir nas celebrações, tem que ser tudo pela internet, mas a gente está levando.

Aqui em casa eu tenho 2 sobrinhas que estão aqui com a gente e é complicado. As crianças são as que mais que estão sofrendo com isso porque é pessoal falando do corona, tu liga a TV e só dá corona, é coisa no celular só mensagem de corona. Então assim se nota adultos tendo dificuldades para discernir, para entender bem as coisas que estão acontecendo, imaginem as crianças. Eu fico imaginando quando eu era criança como é que eu ia encarar essa situação e acho que não seria fácil para ninguém. Então eu fico pensando o que que as crianças de hoje elas estão lidando com essa situação né. É tempos de guerra de uma maneira diferente, é tempos de guerra com pandemia. Então, é algo bem complicado, quando eu paro assim para pensar um pouco em tudo o que está passando nessa situação, eu penso muito como é que as crianças vão lidar com isso né. E como eu sou professor, eu recebi agora umas mensagens que praticamente as escolas vão ficar fechadas até agosto, praticamente até agosto não vamos poder dar aula sim fisicamente será por e-mail, WhatsApp. Eu fico pensando como isso vai penalizar as crianças né, que praticamente vão perder o ano de ensino, é muito difícil. Eu que sou professor do estado, já recebi turmas já que já estão prejudicadas por causa das greves, já eram crianças que já não tinham muito, que já estavam tendo algumas dificuldades de ensino, esse ano vai ser perdido para elas. A coisa mais triste é essa parte de que elas vão passar esse ano com toda essa dificuldade de ensino, mas é isso. Não tenho muito o que falar os guris já falaram, é uma experiência nova pra todo mundo né, cada dia uma coisa nova.

A: tá certo “Tm”, obrigada.

Mm: O “Hm”, eu perguntei ali para ele, ele disse que está impossibilitado de falar por problemas de “Live de Sandy Júnior”, não é um problema tão ruim, mas obviamente vai impossibilitar ele de falar. Então eu acho que nesse ponto tem um ótimo material “A”. O que tu precisa mais da gente?

A: Não, por hoje é só, seria isso assim, não sei, se talvez alguma coisa da leitura a gente possa ligar e fazer alguma pergunta, mas aí seria no final a gente vê. E daí nos próximos talvez eu faça mais algum outro tipo de atividade, outras reflexões e tal, daí a gente vai combinando.

Mm: Tranquilo.

**3º Encontro: 05.05.2020** – preparação e execução.

**Transcrição:**

[Leitura da Mensagem do Papa Francisco para o 54º dia mundial das comunicações].

A: O importante é nós fazermos memória, e a própria missa que estavam falando antes, fala que a gente faz em memória de Cristo. E toda vez que nós recontamos a história, recontamos o evangelho, que contamos a história de Jesus e de Deus com a humanidade, isso se faz novamente. Então a memória que nós fazemos, o sacrifício de Cristo, Cristo se entrega novamente, dá sua vida por nós através da santa missa, então, a vida se faz história.

A importância do testemunho se faz história, são muitos testemunhos. Trazer isso para vocês pensarem, a tua história com Deus, a tua história com Deus em um grupo em um movimento, a tua história com Deus no Emaús. Então, eu proponho para a gente fazer uma meditação, uma leitura desse Evangelho do Emaús justamente nesse sentido de se colocar nesse evangelho de reviver e de perceber na sua vida esse evangelho na tua história. Então, vamos fazer uma meditação inspirada na Leitura Orante sempre nós invocamos o Espírito Santo, podemos fazer a oração do Espírito Santo. Se alguém quiser puxar a oração até está no slide de cima, se precisar acompanhar quem gostaria de rezar e nós acompanhamos.

Oração Emaús:

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Oremos: Ó Deus que instruíste os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo Senhor Nosso. Amém.

Proclamação do Evangelho (cada um leu uma parte).

Lm:

Evangelho Lucas 24, 13-35

E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús.

E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.

E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles.

Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.

E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e por que estais tristes?

E, respondendo um, cujo nome era Cléofas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?

E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo;

E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram.

E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram.

É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro;

E, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive.

E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; porém, a ele não o viram.

E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!

Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?

E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe.

E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.

E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu.

Abriram-se-lhes então os olhos, e o reconheceram, e ele desapareceu-lhes.

E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?

E na mesma hora, levantando-se, tornaram para Jerusalém, e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles,

Os quais diziam: Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão.

E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles fora conhecido no partir do pão.

Meditação:

Agora vocês tentem lembrar. Pode voltar no início do Evangelho, tentem lembrar qual frase, qual palavra desse evangelho que mais te chamou atenção, que mais te tocou, que mais te faz lembrar da tua história com Deus, tu se colocar neste caminho também com Jesus e aí quem for terminando pode partilhar, pode ir falando.

Nm: Eu destacaria hoje pelo que a gente está vivendo com essa história de pandemia. Eu me considero uma pessoa que se encontra como os discípulos do Versículo 16, que estavam cegos e não reconheceram, muitas vezes o próprio Cristo passou por nós e a gente não reconhece ele, e conversar com ele, entender tudo que ele está querendo dizer, nos guiar, às vezes parece fácil, mas não é. Então, hoje justamente neste período de pandemia, que estamos mais isolados e distantes, eu colocaria assim, me encontro como os discípulos no Versículo 16 que eles estavam como que cegos e não o reconheceram.

A: Para mim é aquele pedido: “fica conosco Senhor, pois já é tarde, a noite vem chegando”. Então mesmo ainda com os olhos cegos, mas já sente algo diferente, então começa a perceber essa presença de Deus que caminha conosco e, às vezes, mesmo no meio da pandemia, parece que tem mais atividade do que antes e a gente está sempre conectado, mas às vezes a gente não percebe que Deus está conosco.

Lm: Uma passagem que sempre me chamou atenção nessa leitura é aquela que Jesus chama os apóstolos de burros, porque “como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo que os profetas falaram”, porque eu acho que Jesus está toda hora falando isso para nós, e eu penso para mim principalmente, porque nós somos muito burros mesmo, somos muito infelizes na hora de compreender o que Deus quer para nós e é fácil pensar nisso porque imagina se para os apóstolos que conviveram com Jesus pessoalmente que conviveram nas atividades diárias, que viram Jesus, ouviram tudo que ele falou, ainda assim não entenderam.

Nós que não tivemos a graça de conviver com Jesus pessoalmente, deve ser ainda mais difícil para nós compreendermos de fato as coisas que Jesus ensina a compreender, toda a história da salvação de forma mais profunda e a maior prova que a gente tem disso é que às vezes a gente é criado, nascido e criado na igreja, a gente cresce em uma família católica e a gente ainda não compreende de forma profunda o que Jesus quer que nós compreendamos. Nós temos muitas dificuldades, estamos fechados sem os dons do Espírito Santo porque o que acontece aos

discípulos de Emaús, estavam tão abatidos, tão chateados como é aquela palavra que o padre usou na meditação, tem uma palavra muito boa estavam totalmente cabisbaixos, andando pelo caminho totalmente desacreditados de tudo o que tinha acontecido e isso fechou eles para inteligência, isso fechou eles para compreender, e é exatamente isso que acontece conosco no nosso dia a dia, nós acabamos sendo sufocados pelas coisas externas, pelo mundo externo, porque às vezes nos falta uma vida interior maior, estamos muito focados naquilo que é exterior a nós e esse momento de pandemia é uma prova disso para nós, porque a gente fica preocupado com as coisas lá fora e às vezes não conseguimos conviver com nós mesmos no nosso íntimo estamos sendo obrigados a ficar nesse conflito dentro de casa, vivendo dentro de casa com a família porque não podemos sair e todas essas coisas nos tiram a atenção e nos fecham para o dom da inteligência.

Então, eu acho que isso Jesus fala para mim todos os dias: “Lm” como você é burro e lento para entender o que eu quero de ti. Então, essa frase sempre ressoou em mim, é muito atual, muito verdadeira, muito particular.

Mm: Desde que fizemos Emaús, eu sou muito fã dessa passagem, eu gosto muito da passagem do 35 que os dois contaram o que tem acontecido e como reconheceram Jesus ao partir o pão. Claro que o gesto de partir o pão é uma coisa muito simbólica para nós católicos, mas como esse gesto de partir o pão às vezes a gente não reconhece Deus nos dias, nas ocasiões simples do dia a dia que ele pode estar presente. Deus no nosso meio, isso é muito impactante, de como às vezes a gente esquece que Jesus está nas coisas mais simples e nesse momento de pandemia principalmente essa parte de solidariedade é que a gente tá vendo as pessoas se juntando para doar alimentos para fazer quentinhas, para doar agasalhos para essas milhões de pessoas que vão sofrer, com crise de desemprego, da economia praticamente estar entrar em colapso, esse momento de quem tem poder doar um pouco para quem não tem acho isso muito importante muito essencial para nós especialmente nisso, quanto a gente pode estar também mesmo que a distância de forma virtual a gente pode estar passando um pouco de amor e carinho para as pessoas e até um comentário, parte dos dogões que a gente comprou a mais das compras que a gente não tinha como controlar exatamente, algumas pessoas também compraram para doação então isso foi um simples gesto de nós podermos chegar e dar para alguém no frio na noite, olha temos um cachorro-quente você quer? Essa doação é importante, poder contribuir com o grupo como movimento poder dar um gesto simples e dar para aquela pessoa que estava precisando de um ato de carinho, que pode reconhecer Jesus no nosso ato isso é importante como os discípulos reconheceram ele ao partir o pão e reconhecer Ele em nós, no nosso gesto simples no dia a dia. (18:00)



A: Então eu queria que vocês pensassem um pouco respondendo as perguntas: quem é Jesus para você? Que tipo de relação você tem com ele? Se você fosse apresentar Jesus a um jovem em uma frase o que você diria a esse jovem? Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Como perceber que ele caminha conosco? Como fazer ele ouvir a sua voz a sua mensagem em meio a tantas outras vozes, impasses, informações e ideias. Quem é Jesus não é um conceito teológico, mas quem é Jesus para ti. A tua relação com ele.

Lm: Essas perguntas na verdade não são nem um pouco simples porque para eu responder quem é Jesus para mim, eu preciso entender aonde ele tá na minha vida hoje, onde eu coloco ele porque Jesus quer estar onde quer que eu esteja. Agora a questão é onde eu coloco ele na minha vida como, de que maneira e aí eu vou poder dizer de como me relaciono com ele de fato. Eu vejo que Jesus é alguém do mais puro amor no qual eu ainda não consegui amar o suficientemente pode não ser uma resposta muito objetiva, mas é alguém com o qual eu preciso amar, alguém a quem eu preciso amar mais que eu não amo suficiente isso reflete a minha relação com ele, porque a minha relação com Cristo ainda não entendo como satisfatória porque, justamente, tentando compreender como Jesus é teologicamente, eu percebo o quanto ainda minha relação com ele não está totalmente profunda e sobre os motivos pelo qual eu recorro a Nossa Senhora porque é muito difícil descobrir quem de fato Jesus é para mim e qual a relação que eu tenho com ele, sem antes pensar nisso. Com Maria então é mais fácil talvez ver a sua resposta, com relação a Maria, é mais próxima a natureza de nós, a maternidade de Maria nos torna mais próximos de Jesus. Acho que talvez fosse mais fácil responder com relação à Nossa Senhora, isso me fez pensar numa coisa. Eu acho que eu apresentaria Jesus a um jovem dizendo que ele é filho de uma mulher santa e humilde. Agora eu não sei o quanto de impacto essa frase poderia ter no jovem, acho que é mais fácil e mais eficaz tentar mostrar Jesus com uma ação do que com uma frase. Mas tem uma frase que também me vem a cabeça que é apresentar Jesus como o próprio Jesus falou para os apóstolos “senhor onde mora?” Jesus fala, “vem e vede”. Então, eu poderia falar com o jovem, eu posso te apresentar Jesus, mas eu preciso que tu venha comigo para poder mostrar para ele, mostrar para essa pessoa apresentar Jesus dessa maneira a um jovem é mais eficaz. Por que tu apresenta Jesus no convívio com as pessoas, no conviver com elas no estar com elas, foi que Jesus fez com os apóstolos “vim verde”, então foram ficar com eles. Cearam com ele, e viram onde ele morava, então, se eu mostro onde Jesus mora, eu consigo mostrar para pessoa e apresentar Jesus de fato acho que essa frase “vim e vede” é importante.

Nm: Essa questão de quem é Jesus para você parece uma pergunta simples, mas tem muita complexibilidade dentro dela. Para mim ele é o salvador, um grande amigo e meu salvador. O tipo de relação que eu tenho com ele eu vejo que poderia ser melhor sempre, mas eu vejo que uma relação boa não é uma relação distante, e é até engraçado que dê uma semana para cá eu comecei a ver mais missas e a ter mais rotina de oração. Então eu vejo assim que a minha relação com ele tem picos, tem picos de proximidade, às vezes uns dias não tem proximidade nenhuma, por mais que eu sempre busque ter uma relação próxima, íntima dele. Mas não é muito fácil por mais que eu seja um jovem de caminhada fiz Onda, depois fiz outros retiros fui criado dentro da igreja e de uns dois anos para cá comecei a participar do grupo Emaús. Vejo que os grupos dão um certo ânimo para buscar ter uma relação mais íntima com Deus com Cristo. Se eu não tivesse conhecido nenhum grupo de jovens se eu tivesse só aprendido o que me passaram na catequese talvez seria muito superficial acho que os grupos nos quais eu participei me trouxeram uma certa intimidade com Cristo e sempre que tem um retiro parece que aquela relação se entrelaça, fica muito mais íntima. Mas aí com o tempo vai esfriando aí acontece o retiro, acontece uma coisa extraordinária é atada com mais ênfase com mais fervor. Se eu tivesse que apresentar Jesus a um jovem em uma frase eu não diria nada. Eu acho que apresentar o Cristo não precisa falar. Depende das suas ações, eu vivenciei isso muito no emprego que eu tinha uns três anos atrás. Eu trabalhava perto da Paróquia São Pedro toda quinta-feira eu era responsável pela liturgia da missa do meio-dia. Então quinta-feira eu saía correndo na hora do meu almoço, saía 15 minutos antes literalmente correndo para ele na igreja fazer o comentário fazer a missa depois da missa e almoçar correndo também para voltar uma hora e quinze de almoço mais ou menos para não tornar um intervalo muito longo. Eu não falaria nada a esse jovem, eu seria muito mais eu, quando eu tiver oportunidade de mostrar um pouco desse Léo cristão, evangelizador que ouve as pessoas eu acho que Cristo se revela muito nesse fato uma frase de São Francisco de Assis que fala "evangelize sempre, se for preciso fale" mas tu apresenta mais Jesus com os teus atos do que às vezes com as palavras.

Mm: Eu concordo com o Nm, são perguntas amplas para mim descrever Jesus em uma frase, apresentar para alguém é muito complexo eu acho que Jesus é o exemplo máximo da perfeição do que podemos alcançar de perfeição na nossa vida. Ele é o exemplo máximo por ser o próprio Deus. Então se a gente quiser ter um caminho certo na vida, temos que buscar isso, seguí-lo essa é a minha visão. A partir disso que vem a questão da minha frase, eu concordo com os guris que o exemplo fala mais que as palavras, mas muitas vezes a gente tem que falar para as

peessoas escutar, não é tão comum assim quanto se pensa. Os casos das pessoas que por uma atitude se converte, sim, eu já vi acontecer, mas não são só as atitudes mas também a forma como tu toca o coração da pessoa na fala isso é uma coisa que eu já vi muito, diferente a pessoa ter ótimas atitudes mas na hora de falar a pessoa enrola e fala um monte de coisa errada nas redes sociais as pessoas saem digitando um monte de coisa entrando em polêmicas acho que a nossa fala tem muito poder as pessoas ainda acreditam muito na nossa fala. Então para mim a questão do que tu vai falar para um jovem depende do quanto ele quer colocar o caminho dele no lugar. Hoje os jovens, vão para festa, para gandaia, beber, experimentam drogas, é muito fácil, muito acessível é legal dependendo do contexto e socialmente é mais bem aceito. Então mostrar o caminho de retidão seria a mensagem. Cara tu quer botar tua vida no lugar? Tua vida tá fora do lugar, quer botar tua vida nos eixos? Vem e deixa eu te mostrar! Eu não conseguiria colocar isso só em uma frase, eu queria mostrar no contexto. Cara tá sentindo que teu caminho tá errado levanta e sai desse lugar, vamos fazer alguma coisa para colocar o teu caminho no lugar e aí tem o cara que é o exemplo que eu posso te mostrar. E aí se der eu vou apresentar Jesus a essa pessoa. Para mim Jesus está muito mais presente naquele gesto que cativa, ele mostra que ali pode estar um pouco de amor, de simplicidade e esperança, especialmente nesse momento todo de cultivar a esperança e cultivar a nossa fé que as coisas podem ser melhores é muito importante. Então toda vez que eu vejo alguém falando de fé e de esperança e de termos esperança é quando eu mais vejo Deus. Como distinguir a voz de Deus é muito a questão do que você está procurando, quando você vai comprar algo na internet, você vai lá e filtra, eu quero tamanho tal de calçado. Eu quero cor preta, tu tá filtrando. Então se tu quer ouvir uma mensagem boa tu também tem que filtrar. Você não vai ficar indo em qualquer baile funk esperando ouvir uma mensagem boa de Cristo, não é lá, tu tem que buscar no lugar certo, na homilia diária, homilia do Papa, pessoas falando sobre coisas boas, ações boas, é ali que tu vai buscar, ali que tu vai ver o Cristo, não é buscar em qualquer lugar e é isso aí.

Sm: Acho que um dos versículos que foram lidos traz um pouco da resposta de quem é Jesus para mim. Que tipo de relação eu tenho com ele, que é a parte que os discípulos conversam entre eles, e o coração deles ardia enquanto ouviam a palavra. E eles caminhavam juntos muitas vezes e nem percebiam que Jesus estava ali com eles e para mim Jesus é isso é aquele que está sempre do nosso lado em todas as circunstâncias em todos os momentos ele está ali, ele é Deus, é presente, onisciente, ele está sempre comigo, está sempre ao meu lado, ao lado da minha família, da minha comunidade e talvez a minha relação com ele seja como um dos discípulos. O coração arde está feliz, só que talvez pela correria da vida eu não perceba que era ele que está

aqui. Acho que isso assim como no Emaús eu me considero o discípulo de Jesus a minha relação com ele acho tão linda a relação que eu tenho com ele através da Eucaristia. Quando ele parte o pão e se revela realmente para nós, a partir do momento que eu percebi na catequese e logo após dela na beleza da santa missa na Eucaristia é que realmente a minha relação com ele ficou próxima. Claro que perfeito eu não sou, tenho meus erros e meus acertos, mas a minha relação com ele se renova a cada dia fazendo com que através da Eucaristia ele esteja comigo mais próximo dentro do meu coração e que eu possa melhorar no dia a dia e que eu possa ter essa relação mais próxima dele isso vai se renovando através do alimento espiritual que é eucaristia. A própria leitura fala que ele se revelou ao partir o pão, e eles viram Cristo partindo o pão então eles se alimentarão espiritualmente não somente através da palavra mas através da Eucaristia do corpo de Cristo que traz essa força, essa presença física palpável a nós católicos, que é Cristo presente na Eucaristia nós somos a única igreja que tem essa alegria de termos Cristo Vivo visível, palpável através da Santa Eucaristia. Essa mudança em que o pão se torna corpo e o vinho se torna sangue. Se eu fosse apresentar Jesus a um jovem eu acho que hoje em dia está mais complicado ter uma frase só para falar aos jovens, eu acho que depende muito do momento, do local, depende do jovem que você vai falar e qual realidade ele está vivendo, convivendo. Então até a questão do Dia das Comunicações que você falaste no início eu acho que é uma coisa que a gente tem que pensar muito e que a igreja vem pensando nisso há muito tempo de que forma a gente vai atingir o outro. A forma que era atingida há 50 anos atrás talvez não sirva mais para hoje, a mensagem é a mesma, o Cristo é o mesmo, tudo que Cristo ensinou, o mesmo ensinamento de dois mil anos atrás, mas a forma como eu vou atingir esses jovens tem que ser diferente. Não pode ser igual a forma de quando eu fiz CLJ, a forma que foi me passada, a mensagem é totalmente diferente e não ia ter muito êxito se fosse passada da mesma forma hoje em dia. Eu percebo isso quando vou dar palestra aos jovens hoje nos retiros de CLJ, depois de 15 anos que se passaram. São jovens que têm a mesma idade que eu tinha e se eu usar a mesma forma que foi usada no passado com certeza eles vão olhar para o lado e não vão nem prestar atenção e não vão receber essa mensagem que faz com que eles sejam apresentados à Cristo e sejam contagiados com amor de Deus. Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Acho que é reconhecer através das áreas da cultura e caridade, reconhecer vendo que Cristo está no outro e cada um tem uma cultura alguma coisa especial que não seja a mesma que a minha, que eu devo entender ele para que se reconheça Jesus. E como perceber que ele caminha conosco? Acho que é como os discípulos, o coração tem de arder, o coração tem que estar bem, tem que estar feliz e a gente percebe isso quando a gente inspira esse perfume de Cristo. A partir do momento em que você está feliz, você percebe que está com Cristo e vai continuar

com ele, mesmo nos momentos que não estou bem ou que eu fujo dele talvez eu não perceba, mas ele continua conosco mesmo assim me esperando. Para ouvir a voz de Deus tem que filtrar porque percebe-se hoje que as pessoas precisam de respostas urgentes, coisas que atingem geralmente só a mim, não o coletivo. Então acho que a gente tem que filtrar muito isso a partir do momento que eu falo só de mim da minha pessoa que eu quero só para mim e não consigo viver em comunidade e família, não consigo viver com meus amigos, no meu trabalho, na minha escola, então a partir daí começa que algo não está certo. Filtrar o que vem, as informações que vêm, para ouvir verdadeiramente a voz de Cristo, saber que é a voz dele a partir do momento de transparecer aquilo que ele ensinou, temos que ter muito cuidado, filtrar e com certeza a luz do Espírito Santo para ele nos iluminar, para escutarmos a voz certa e seguir aquilo que é certo, Deus.

Dm: Para mim ele é Deus, me fez, se fez homem e me mostrou como os homens podem ser o melhor possível. A minha relação com ele é de amizade. Como apresentar Jesus aos jovens, é difícil apresentar, encontrar alguém hoje que não conheça Jesus, mas não saberia como apresentar ele de forma diferente. Como reconhecer Jesus no mundo de hoje? Eu acho que na própria vivência, a gente tem essa relação do próprio evangelho de hoje que nós lemos, da presença deste sentimento de calor da presença dele na nossa vida.

A: Então o próximo slide, o próximo passo dessa meditação que estamos aproveitando para recontar a história, também é que Deus se apresenta a nós e conversa conosco e tem essa relação próxima de diversas maneiras como vocês estão falando e eu queria saber qual a história que você ouviu falar de Jesus que você lembra. Agora nesse momento pode ser apenas um trecho uma lembrança breve de alguma história que fez você pensar em Deus pela primeira vez e que você também tente em forma de louvor e agradecimento a Deus recontar a sua história com Deus através do Emaús. Então, como vocês chegaram ao Emaús e o que o Emaús representa na vida de vocês o que o Grupo Transfiguração representa na vida de vocês. Tentar resumir isso é meio complicado, mas se vocês pudessem falar um pouquinho sobre isso seria ótimo.

A: Vou continuar compartilhando então, quando eu era criança, eu lembro que minha mãe tinha uma coleção de histórias daqueles livros grossos cheio de histórias da Bíblia e ela contava as histórias da Bíblia, eu lembro vagamente e a outra história que eu lembro que marcou foi na catequese, foi da Santa Maria Goretti. E não sei exatamente porque, mas foi forte para mim uma menina de 12 anos que preferiu morrer do que entregar a sua castidade, a sua virgindade e

não sei porque acho que porque eu tinha a mesma idade quando eu fiz a catequese, até menos uns 11 ou 12 anos, e aí essas lembranças que eu tenho, minhas primeiras lembranças que me fazem de alguma forma me reconectar com Deus. E a história com o Emaús eu estou começando agora, pesquisando e fazendo esta partilha com vocês.

Nm: Eu me lembro muito da minha mãe, quando eu era moleque com seis anos, ela cantava para mim aquela musiquinha “mãezinha do céu eu não sei rezar, eu só sei dizer quero te amar, azul é teu manto, branco é teu véu, mãezinha eu quero te ver lá no céu”. Então essa é a primeira lembrança que eu ouvi falar de Jesus nesse caso de Maria. Com o passar do tempo eu ia na missa, minha mãe me levava na missa todo final de semana e era aquele compromisso sagrado podia tá jogando futebol ou fazendo qualquer coisa, sábado de tarde umas 17h horas tinha que subir para tomar banho e ir para igreja. Até o momento do meu ONDA isso foi muito mecânico vou lá porque meus pais estão indo e eles me obrigam. De uma certa forma então isso era muito mecânico mas depois que eu fiz o ONDA comecei a entender, comecei minha trajetória de grupos eu fui conhecendo mais. Eu pensava, “eu realmente quero isso, não é realmente meus pais me levam, mas porque eu quero”. O Emaús foi muito engraçado, eu conheci o “Hm” e o “Gm” lá na São Pedro quando eu vim morar em Porto Alegre. Eu sou natural de São Leopoldo, então eu não tinha ouvido falar de Emaús e quando eu cheguei em Porto Alegre comecei a dar catequese na São Pedro e o “Hm”, a “Cl” e o “Gm” me falaram “vem participar do nosso grupo de Emaús”, principalmente a “Cl”, aí eu disse ““Cl”, eu vou ser bem sincero, não quero compromisso nenhum com grupo de jovens, eu quero distância, não quero participar de nenhum grupo de jovens e aí se passou um ano se passou dois e aí eu falei para o “Hm” cara tô precisando fazer um retiro, me leva para a luz eu tô precisando fazer um retiro. E aí eu fui me aproximando mais do “Hm” e do “Gm” e acabei me aproximando do pessoal do Transfiguração. Eu escolhi o transfiguração, são minha segunda família aquela, é aquela mesma coisa que eu tinha de parceria do ONDA, lá era muito infantil eu vejo no Transfiguração uma coisa muito madura. Então esse é um pouco da minha história dentro da igreja como um todo e de forma bem resumida.

Mm: Vou dizer o seguinte, acabei de me sentir muito velho porque eu não consigo pensar numa lembrança assim específica. Eu sou de família católica meus avós sempre foram muito católicos, meu bisavô pelo lado paterno, toda a família sempre foi e é muito católica. Já a parte da minha mãe as coisas bagunçaram no meio do caminho. A primeira história que eu me lembro muito forte, foi quando eu fiz parte do grupo de escoteiros com 10 anos, fiz a catequese e

pensava, vou fazer um ano de catequese e depois voltar para o escoteiro, e aí quem disse, entrei para catequese e depois nunca mais saí da igreja. Eu me lembro que a gente estava no acantonamento é quando tu vai acampar na escola, dentro do colégio Anchieta. Mal eu sabia que eu ia estudar ali no futuro, mas eram três grupos que tinham ligação muito forte, o grupo do Lindóia, do Anchieta e um terceiro acho que era do Rosário. Aí nos primeiros grupos que se juntaram tinha um grupo grande então passamos um feriadão dentro do Anchieta, com várias atividades esportivas e eu me lembro que como era do Anchieta foram todos convidados para ir na missa e eu sempre soube, sempre se teve no escoteiro aquela coisa de respeito com uma religião, mas nunca foi uma coisa forçada, tu tem que ser católico, eu era da época do lobinho que ia do 7 aos 11 anos e eu me lembro que naquela época todo o pessoal que cuidavam de nós eram católicos. Em uma missa eu me lembro daquela coisa bem de criança quando a pessoa ia comungar e a gurizada perguntava que gosto tinha a hóstia, o que que você tá sentindo como é que funciona isso e eu era uma dessas crianças. Ficava olhando para ver o que ela ia responder e eu me lembro da resposta eu acabei de comungar, espera, calma um pouquinho, não é o momento. Alguém falou “olha, não tem gosto, mas é o que simboliza Cristo e eu tenho certeza que meu pai e a minha avó já tinha falado isso para mim mas não ficou gravado porque eu não era a única criança perguntando isso tinha umas crianças perguntando isso. Querendo entender eu sei que daquelas crianças eu sei que fui o único que seguiu o caminho do catolicismo foram para diversas áreas. Eu fui o único que seguiu. Eu me lembro que era uma coisa que eu perguntava, queria saber o que era aquilo que tava acontecendo o que era aquele ato de receber a hóstia, porque eu com 8 anos não podia receber aquela hóstia, a primeira vez que eu me questionei sobre as coisas de Deus e tentando entender o que era aquilo que estava acontecendo. Eu me lembro uma moça na época de uns 19 ou 20 anos disse “olha ali tem o corpo de Cristo, a gente comunga para ter o Cristo conosco”, umas coisas bem simplórias respondiam para nós e as crianças perguntando como é que o corpo vai estar em uma hóstia. Acho que minha história de Emaús ela se confunde no momento em que se louva, em como eu sou grato. Eu fiz a catequese com 10 anos, um ano só, em 2001 e no mesmo ano eu tive a oportunidade de entrar no ONDA, na Nossa Senhora de Fátima no IAPI. Eu sempre fui uma pessoa que foi por etapas, não é hora de eu fazer isso. E aí eu fiz o ONDA em 2002 e lá na Fátima funciona diferente fiquei 11 anos no Onda e sai em 2013, foi a última vez que eu participei da reunião. Com 11 anos dentro de um mesmo grupo na mesma Paróquia praticamente com as mesmas pessoas eu precisava de um momento de um sacode. Em 2009 a minha avó que é muito amiga da Nobre Casa dos Plantes dentro do Emaús, para quem conhece essa é uma família que tem mais de 20 membros dentro, que são membros que já foram coordenadores de retiro e de toda essa função

do grupo. E a minha avó sempre foi muito amiga deles, conheço eles desde pequeno, já tinha rolado convite, não era hora, eu disse, tô bem aqui, e as coisas estão começando a acontecer não era hora de isso acontecer. Então eu decidi pular, esperar um pouco, e em 2012 eu senti que a coisa tava ficando atrofiada, e disse “tá na hora de eu pular” de eu ir para uma próxima etapa. Eu me lembro que tanto para fazer ONDA como para fazer o Emaús eu cheguei e disse eu quero fazer! Eu não dependi do convite das pessoas, eu sempre quis ser estraga-prazeres as pessoas nunca tiveram que me convencer, eu disse eu quero ir eu quero fazer o Emaús. E aí eu fiz em 2012 muita coisa me tocou, me marcou na época, mas logo não tive grupo eu entrei para um grupo, mas nunca tive uma reunião de verdade nunca participei de uma reunião só dizia que era do grupo eu troquei de grupo no começo de 2013. Fiz o retiro e publiquei no Facebook e o “Gm” comentou super feliz, e aí nos encontrávamos no grupo e às vezes na faculdade. E numa dessas fazendo um trabalho de faculdade encontrei ele na sala de informática e trocamos uma ideia ele me convidou, vamos! Comecei em fevereiro de 2013, fui para a primeira reunião com o “Gm” da Transfiguração. Eu Louvo e agradeço muito a Deus principalmente por causa do Emaús que ele sempre me deu a clareza e a sabedoria de saber o momento certo para as coisas. Foi assim para entrar agora no secretariado eu já tinha tido convite antes, mas eu disse eu não tô pronto eu já tinha tido convite para fazer, trabalhar em retiro e eu disse não tô pronto, não me sentia pronto não me sentia preparado. Então eu senti que veio o convite e aí me decidi, fui entrei de cabeça e fiz as coisas. Louvo muito e agradeço sempre ter a clareza do momento certo de eu poder fazer o melhor sempre sendo 110% para ele porque se ele deu a vida para nós a gente tem que dar e fazer muito mais acima dos 100% eu me cobro muito, eu trabalhava em cursos, ter feito Emaús, entrado no ONDA, ter escolhido o Transfiguração, é esse o cara eu vou fazer por ele.

A: Legal eu estava ouvindo tu falar e lembrando de várias coisas quando era criança e pedia para minha mãe abrir a boca depois da comunhão eu queria ver o que acontecia, ela abria a boca depois que já tinha engolido.

Dm: Eu lembro de ter ouvido da Bíblia em forma de quadrinhos quando criança. Pelo que eu lembro mais diretamente ouvi falar de Deus pela catequese com 11 ou 12 anos. Eu fiquei 12 anos fora da igreja indo de vez em quando na missa, aí um dia em 2012 eu tava na redenção com um amigo e ele me convidou para ir no Emaús. Então fomos na Maronita em março, chegamos lá e conversamos com os casais que estavam lá nos recepcionando. O curso foi em junho e desde então eu voltei para igreja e frequento mais ativamente. Em 2014 eu tava



participando do curso de Emaús e o Otávio me convidou para entrar no Transfiguração, e estou desde então no grupo.

Lm: Eu ouvindo o “Mm” comecei a lembrar de algumas coisas da minha vida que são parecidas a forma como aconteceu para o “Mm” aconteceu para mim também. Eu nunca tive um momento em que não estivessem falando de Jesus, sempre falaram. Meus pais sempre foram muito presentes na igreja, pegaram uma geração em que os movimentos foram criados. Meu pai fez o oitavo CLJ de Porto Alegre e foi exatamente onde tudo começou, foi na Sagrada Família que a minha família toda se criou. Na Sagrada Família meus pais conviveram, essa paróquia talvez seja uma das igrejas referências em matéria de movimentos. Sempre tinha tudo, tinha todas as etapas e faixas etárias possíveis. Começava com o grupo Colmeia para crianças com 6 anos, depois o grupo Girassol para crianças da pré-catequese, o ONDA, o CLJ, eu fui criado nesse meio. Na década de 70 e 80 meus pais estiveram presentes resgataram meus avós católicos que estavam meio afastados, trouxeram eles de volta para igreja para eles terem um catolicismo mais fervoroso, meus avós todos retornaram para a igreja todos atuaram no ministério extraordinário, foram ministros de batismo, todos participaram. Não teria não como não falar disso em meio a meu convívio. O padre Severino foi muito importante na história da minha família, formou a família, casou meus avós, casou meus pais, esteve presente na vida dos meus padrinhos, dos amigos, dos meus pais. Eu posso dizer que onde tudo começou foi com o Padre Severino na Sagrada Família. Quando entrei para o ONDA logo em seguida, em um ano o padre Severino faleceu. Ele faleceu na Semana Santa de 2005 bem pertinho do falecimento Papa João Paulo II, também isso foi uma coisa que realmente me marcou por mais que eu não tivesse uma intimidade com o padre Severino quando ele morreu eu vi uma comunidade inteira chorar pela morte daquele homem eu vi meus pais, jovens do meu lado, todos, e eu ficava meio atônito, não quis ver o padre Severino no caixão eu tinha receio de me aproximar eu não tive tanto contato com ele. E é interessante ver como isso pode abalar uma comunidade inteira. É incrível ver a força que aquele homem teve, ele passou uma vida inteira na Sagrada Família, nem sei quantos anos, se ele casou meus avós como pároco pelo menos uns 60 anos, meus avós fizeram 60 anos de casados há pouco tempo então deve fazer uns 15 anos que ele faleceu. Isso foi muito importante nunca estive fora da igreja, nunca me vi fora da igreja é muito difícil eu pensar em quando eu comecei a pensar em Deus pela primeira vez. Para mim sempre foi natural, eu tinha minha coleção de santinhos gostava de colecionar santinhos, gostava de ter santinhos de todos os tipos no presépio, junto com os super-heróis foi muito presente na minha vida, minha mãe sempre comprou para mim a Bíblia. Minha primeira Bíblia ganhei quando eu entrei para o

grupo Colméia e ficava olhando aquelas imagens. É bem aquela história, quando tu constrói o imaginário da criança sobre o sobrenatural isso é mais natural, se torna mais natural para a criança isso, fica enraizado dentro do Imaginário a existência de Deus e da igreja que eu não sei se eu consigo pensar a não existência. Na minha vida isso foi tão natural, faz parte de mim, não consigo separar uma coisa da outra, claro que hoje eu tenho mais consciência disso que naquela época, mas é difícil dizer que em algum momento você não teve Deus presente, acho realmente difícil por isso que é difícil dizer quando começou eu tenho esses marcos, todos os movimentos foram muito marcantes depois que eu fiz o Colméia eu fiz o Girassol, eu era o único que comungava porque eu era o mais velho no grupo. Eu lembro que quando eu comungava o pessoal ficava perguntando e eu dizia “não posso falar agora” não eram muito mais novos que eu, era pouca diferença, mas me perguntavam isso, era uma coisa que era diferente daquela realidade. Depois eu entrei naturalmente para o ONDA eu sempre quis e eu sempre disse para o meu pai eu queria participar, nunca fui forçadamente assim como o “Mm”, eu também sempre quis fazer as coisas nas minhas etapas o que começou a mudar é que depois que o Pe. Severino morreu muita coisa mudou meus pais já não viam tanto incentivo para permanecer na comunidade. Infelizmente o padre que foi para lá mudou demais a relação da comunidade. A comunidade começou a mudar aos poucos, infelizmente foi muito triste o padre que foi para lá não ajudou a comunidade no momento que ela mais precisava e as pessoas foram se dispersando e o pai e a mãe disseram que o tempo deles tinha acabado, que o que eles tinham que fazer para a Santa Família tinha acabado, deixaram Deus decidir. Acabei indo para a Lourdes onde eu conheci o “Sm” e aí eu quis fazer o CLJ na Lourdes. Fiquei ali 15 anos e também achei que o “Sm” fosse seminarista pelo sotaque dele do interior foi uma graça muito grande ter conhecido o “Sm” no nosso grupo, foi muito bom, ficou marcado. Eu sabia que ele tava lá no processo por questões internas, eu também fiz todos os cursos do CLJ mas tive dificuldade de me doar para o CLJ porque nesse meio tempo eu passei do ensino médio para a faculdade e aí eu comecei a sentir uma carga muito grande de estar na vida acadêmica. Entrei no CLJ bem na época do ensino médio e fiquei até a faculdade, não soube lidar muito bem com a conciliação de horários, eu não consegui me doar tanto para o CLJ como eu gostaria. Isso começou a enfraquecer um pouco a relação de doação eu pensei bom quem sabe eu tô precisando de algo de adulto, aí eu disse vou lá no Emaús. Meu pai e minha mãe se conheceram lá quando ainda era um grupo de jovens antes de se tornar Emaús. Então eu já conhecia, eu vi o “Hm” lá. Conheço o “Hm” desde criança embora não tenhamos convivido muito, ele está presente na minha vida assim como a mãe dele está presente na vida dos meus pais, as vidas começam a se reunir de novo, caminhos começam a se unir, tava ali o legado da família. “Hm”

e eu continuamos nossa amizade de alguma maneira, Cristo nos colocava em contato, eu disse para o “Hm”: “quero participar me diz quando eu posso ir na tua casa”, acabei de mandar para o “Hm” a mensagem da primeira vez que ele veio falar comigo, ele disse em 16 de julho de 2013 às 14:10 da tarde “Lucas confirmado o que eu te disse sexta, te espero na minha casa a reunião começa às 20 horas. Essa foi minha história com o Transfiguração e todos eles eram dos CLJ’s e queriam algo mais aprofundado. Eu consegui continuar na caminhada dentro da igreja isso é muito bom e eram pessoas que eram de confiança, então aos poucos isso foi se tornando mais profundo então quando eu fiz o Emaús foi muito importante, porque claro eu resgatei todas as coisas que eu tinha feito no CLJ de uma maneira mais imatura mas agora de uma maneira mais adulta. O que tive no Emaús também foi super importante com o passar do tempo eu comecei a perceber que era mais importante para mim a vivência do grupo do que o movimento em si, eu nunca fui muito apegado ao movimento, nunca sofri por sair de um movimento mas nunca me senti apegado ao movimento, eu comecei a me dar conta disso, talvez sofresse mais hoje se tivesse que deixar minha paróquia. Uma coisa que aprendi a partir do testemunho do Samuel foi a importância da vida paroquial e foi depois do ano que eu voltei do exterior 2017 que eu comecei a me envolver mais com a Menino Deus. O padre pediu para que eu assumisse a catequese de adulto, comecei a me envolver mais eu me senti mais à vontade para assumir mais a catequese a ponto de eu ficar mais responsável pela catequese infantil também, se eu não tivesse o grupo naquela Paróquia com padre Jackson e incentivo dos guris eu não estaria hoje lá na Menino Deus espiritualmente. E essa é uma das coisas que mais eu sou grato a Deus, de poder ter consciência disso, de tudo isso, que Deus foi colocando na minha vida e de forma muito natural também muito espontâneo claro, que teve vários momentos em que eu tive que ter muitas mudanças bruscas para entender melhor as coisas e de fato a relação que eu tenho com Emaús é muito mais com o grupo transfiguração e a relação com o grupo transfiguração é muito mais perene do que qualquer outro grupo que eu já tive e nós estamos crescendo temos mais de seis anos de convivência, fui um dos primeiros a entrar no grupo. Hoje o grupo transfiguração faz parte da minha vida, tem grande importância na minha vida, agradeço a Deus por ele existir. Para mim seria doloroso não saber que eu tenho o Transfiguração, ele transcende o próprio movimento porque esse grupo une a todos nós. No CLJ era muito deficiente porque claro nós temos a reunião de comunidade no CLJ, mas nunca tive profundidade, maturidade como talvez eu tenho no grupo hoje, poder conviver e compartilhar as coisas no nosso grupo não tem palavras. Não é perfeito, nenhum grupo é perfeito e sempre vamos ter embates de competição de maturidade, o gratificante é que mesmo com as dificuldades e que mesmo que cada um de nós tenhamos ideias diferentes, cada

particularidade que um tem, o nosso grupo permanece, é porque Cristo quer alguma coisa. Deus quer o Transfiguração para alguma coisa, seja para atuar no movimento do Emaús, para cada um de nós se dar suporte um ao outro. Acredito que Deus quer que o grupo Transfiguração dê suporte uns aos outros para chegarmos ao céu. Isso é primordial é o mais importante enquanto esse for o foco isso faz sentido, enquanto o foco for levar uns aos outros ao céu, levar a Cristo refletindo na amizade uns com os outros isso faz sentido, isso resume toda minha vida, eu consigo colocar boa parte das coisas que eu aprendi na Igreja na prática na formação discipular, e é onde eu preciso me doar e também agir com mais caridade com mais paciência e me fazer vulnerável para que as pessoas possam compartilhar suas vidas com a catequese de adultos, que me proporcionou isso . Eu preciso exercitar mais a minha caridade, onde eu possa me permitir ser vulnerável, isso é uma coisa extremamente difícil para mim porque muitas das discussões que eu tenho com os guris não é porque eu não gosto deles é pelo contrário, é pelo grupo, eu fico preocupado com eu não conseguir me oferecer tanto em questão de doação. Não é questão de Lucas tem coisa para fazer, mas eu não consigo servir tanto quanto eu gostaria, eu não consigo me entregar mais ao grupo Transfiguração como eu gostaria de fazer. Ser submisso ao grupo de uma maneira que eu gostaria, porque isso deixa uma angústia porque eu sei que eu preciso fazer isso, porque se não, eu não vou conseguir mostrar Cristo de verdade para as pessoas, enquanto eu não me consumir inteiramente. O grupo existe para isso para que eu possa aprender a me consumir e sumir e possa existir apenas em Cristo, isso sempre vai ser doloroso e a gente precisa aprender a morrer para si todos os dias, e é só no convívio com os irmãos que a gente aprende isso no dia a dia. Então acho que os guris nem sabiam provavelmente que eu penso tudo isso do grupo, é a questão da oportunidade de poder fazer este desabafo, me sinto muito feliz e muito gratificado de poder conviver com essas pessoas, com meu grupo, no grupo Transfiguração Eu quero que Deus continue fazendo parte de nossas vidas, uns dos outros, casados, com os filhos até chegar a uma idade mais avançada e ver quantas coisas a gente viveu juntos. Olha quantas coisas nós fizemos, que Deus fez em nossas vidas, tudo isso começou com as nossas caminhadas de igreja que é particular para cada um de nós, em algum momento Deus nos tocou e fomos chamados. Com certeza dou muitas graças e louvores a Deus por poder compreender e entender essas coisas e saber valorizar elas tem que valorizar muito mais o que Deus colocou na minha vida é isso. Shalom.

A: Dá para perceber na fala de vocês como a nossa vida é cercada de histórias. Vocês já se conheceram em algum momento, mas agora estão unidos neste grupo.

Sm: Eu sempre tive uma vivência forte na igreja. Meus avós, minha família mesmo alguns sendo de outra religião Cristã Evangélica. Eu sempre tive o cristianismo comigo, meus avós sempre participando da Igreja Católica. O que eu mais lembro quando era criança é que eu acompanhava meus avós, e ficava agarrado na saia da minha avó, eles sempre eram comentaristas na missa e animadores da missa crioula. Algumas coisas que eu lembro é de estar agarrado na saia da minha vó pilchado. Eu tinha muito medo na sexta-feira Santa quando entravam com nosso senhor morto queria me esconder essa vivência de acompanhar a igreja desde pequeno e ter medo mesmo, e na minha cabeça Jesus estava morto mesmo. A apresentação do Cristo morto naquele dia tão triste e ter em casa toda essa vivência, cada festa da igreja era sempre festejada de forma correta, na sexta-feira Santa nós não fazíamos nada, nem ver televisão, nada, conversar baixinho sempre em adoração. Eu fui recebendo de uma forma muito natural a igreja, ao longo da minha vida, foi muito tranquilo porque era natural, minha mãe vivia, meus tios viviam e eu ia normalmente na missa toda semana. A questão do Emaús entrou na minha vida de uma maneira interessante, o Lucas falou de quando eu falei de comunidade, de paróquia, eu sempre gostei muito de viver em comunidade então quando eu fui fazer minha especialização fui morar numa cidade que eu não conhecia, e eu também quase não conhecia ninguém, apenas uma ou duas pessoas. Comecei a procurar uma paróquia para participar. Era uma comunidade nova, não tinha nada para participar, eu ajudava na missa e acabei ficando um ano participando só da missa, no final de semana e não conseguia interagir na paróquia. Uma alegria que a vida me deu, foi alguns amigos na faculdade que eram de igreja e me convidaram para participar do grupo Emaús. Não era bem o grupo, mas alguns a maioria já tinha feito Emaús, era um grupo de convivência de estudo da palavra e do catecismo. Então a partir dali comecei a me engajar participei dessa outra Paróquia, conheci mais o pároco e fui ministro extraordinário da Eucaristia um ano e meio , na época não existia nenhum curso da arquidiocese, então o padre deu uma benção e eu virei Ministro. A partir dali entrei no movimento e através desses meus amigos eu procurava algo para conviver em comunidade, nunca gostei de estar sozinho, achava muito estranho as pessoas irem cada vez numa igreja. Hoje na Santa Terezinha, na outra semana vou no centro, vou na catedral. Aqui tem muita igreja e eu fui acostumado no interior, a ter uma só, no caso a matriz. Me fazia muita falta participar de uma comunidade, e a partir do momento em que eu fui convidado a fazer parte do Emaús me senti feliz. Lá eu fui acolhido de certa forma por uma paróquia, por uma família, pelas pessoas que estavam ali querendo crescer na fé também. E voltando a Porto Alegre depois eu também fui atrás do grupo para participar, continuar em um movimento apesar de já ter a minha paróquia, desde que eu vim morar 15 anos atrás eu fui nessa mesma paróquia, e quando eu

voltei para a mesma paróquia vi que não tinha mais grupo para a minha idade, já não tinha mais o movimento ou alguma coisa em que fosse acolhido. Como o “Lm” e o “Mm” falaram, chega um momento da vida que você tem outras ideias, maturidade, é diferente precisa de alguém que possa conviver com o período de vida que você está. Então a partir desse momento fui na Maronita e não me queriam no grupo. Na verdade o “Gm” não me queria no grupo porque ele disse que o grupo tava fechado, que não podia entrar que tinha muita gente, e depois de um tempo acabou que conversando, entrando em contato eu fui acolhido muito bem acolhido pelo grupo, foi bem no tempo que o “Lm” não estava em Porto Alegre foi quando estava no Estados Unidos, eu nem sabia que ele era do grupo fiquei sabendo depois, as pessoas falavam muito nele. Quando ele voltou reconheci o “Lm” e percebi que já conhecia ele de antes. Acho que através do Emaús na minha história atual principalmente é mais bonita e mais importante para mim. A minha vida hoje, a vida com essas pessoas que estão no grupo Emaús e que agora não estão participando tão ativamente fazem parte da minha vida pessoal também, me dá forças na minha caminhada de fé e na minha caminhada como indivíduo comum no dia a dia. Como é bom poder encontrar com essas pessoas no meu aniversário, são os meus amigos do Emaús que eu convido sempre. Gosto de viver em comunidade mesmo tendo embates alguma dificuldade, mas acho que nós fomos criados por Deus não para vivermos sozinhos, mas para a gente viver com outras pessoas, porque o amor não tem sentido se não dou amor e não recebo amor de nada me adianta, uma coisa que aprendemos com Jesus Cristo. Ele estava sempre rodeado de pessoas, ele estava rodeado de discípulos, das famílias, estava na casa dos primos, estava sempre com alguém para que Ele pudesse passar aquele amor o amor de Deus porque ele tinha pelo homem o amor que ele tinha por todos nós. Este trabalho, essa proclamação da Boa Nova para mim, o grupo Transfiguração traz muito isso, a convivência, o amor que eu posso dar e que muitas e muitas vezes talvez mais vezes esse amor eu recebo em troca recebo de volta recebo a compreensão do amor dado a mensagem às vezes perguntando como você tá? Está muito perto? Não apareceu porque? Você não vem na reunião? Então esse o amor é o maior mandamento de Deus, Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Então se não tiver próximo, de nada adianta para mim, essa história que possamos continuar também através do serviço na igreja passando esse amor aos outros.

Mm: O mais curioso é que às vezes a gente deixa de ser sensível para algumas realidades, e é surpreendente que mesmo a gente tendo um convívio fraterno no grupo, e às vezes a gente esquece de falar de coisas mais sensíveis, gostamos de estudar bastante, de ler, mas esquecemos de falar uns com os outros e uns dos outros. Às vezes Deus precisa mandar uma aluna de

doutorado em Teologia e comunicação para o grupo para permitir que os nossos corações voltem a ser tocados pela sensibilidade emocional uns dos outros. Isso é muito bom, é muito saudável, é importante estou muito grato a Deus por ter essa oportunidade de poder conversar sobre essas coisas, gostaria que mais de nós pudessem estar presentes.

#### **4º Encontro: 12.05.2020 – preparação e execução.**

Estiveram presentes neste encontro cinco rapazes. O encontro se realizou na plataforma Zoom em três partes, por isso, a gravação também foi dividida em três. Em algumas partes o áudio ficou corrompido e não dá para entender.

#### **Transcrição da primeira parte:**

Iniciamos a reunião com uma oração invocando o Espírito Santo, depois foram colocadas algumas intenções, pedidos de oração, por amigos, familiares, antigos companheiros de grupo.

Mm: Oração. Senhor eu gostaria de te agradecer pela nossa vida, pela oportunidade de estarmos reunidos mais uma vez aqui como grupo em teu nome. Quero te agradecer por todas as pessoas que estão se recuperando desta pandemia, que estão conseguindo sair dessa, que vão para uma nova vida a partir disso, e te peço pelos enfermos desse período, em especial, a mãe do LJ, nosso ex-companheiro, que está numa situação muito complicada. Te pedimos força para ela, para lutar pela vida dela e também para a família, que eles possam compreender todo esse momento e passar da melhor maneira possível e que acima de tudo Senhor seja feita a tua vontade. Quero deixar esse momento para alguém que tiver alguma intenção própria...

Lm: Quero pedir que mesmo diante deste período de pandemia, que muitos não possam estar frequentes no sacramento da missa, por nós todos, para não deixarmos nossa vida espiritual morrer, por que às vezes é uma tendência que pode acabar acontecendo e as vezes ficamos desligados das coisas reais e ficamos nas questões online. Esse período mais do que nunca têm que ser para nós uma prova teste do quão profundamente nós estamos alinhados com a vontade de Deus, com a nossa vida espiritual. Então, pedir para que Deus não permita que a chama do Espírito Santo em nós fique fria, permitir que essa chama continue dentro do nosso coração assim como nos discípulos.

Mm: Por estas intenções e as que ficaram no íntimo de cada um te pedimos: “Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, amém!”

Entregamos os nossos pedidos a nossa mãe que está sempre intercedendo por nós: “Ave Maria cheia de graça o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre Jesus, Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte, amém”.

Pedimos também a interseção do Espírito Santo para que ilumine nosso trabalho hoje, que ilumine nossa caminhada: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra. Oremos: Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo, Senhor Nosso. Amém”.

“Maria, mãe de Deus e mãe da igreja rogai por nós, São João Batista rogai por nós, São Paulo de Tarso rogai por nós, em nome do pai, do filho do Espírito Santo, amém”.

Concluindo a oração, seguimos com uma partilha de como foi a semana que acabou focando no Dia das Mães diferente dos anteriores. Muitos quebraram o isolamento, viram os familiares, mas mesmo assim, foi diferente, sem abraço, sem contato físico.

Aline: Como foi a semana de vocês?

Partilha:

Mm: Para mim foi tranquila assim, o que fizemos de diferente foi irmos para a casa da minha avó que mora na praia, mãe da minha mãe, pro dia das mães. Foram os quatro filhos que estão aqui, eu, meu pai, que a minha vó está na praia, não está aqui, minha prima e minha namorada. Antes de ir, como minha prima já estava lá e eu já perguntei pra ela: “você abraçou a vó? O que



você fez? Aí ela disse: “eu cheguei dando o cotovelo para ela e quando eu vi, ela tinha me abraçado”, e eu disse: “caramba, isso vai dar ruim”. Minha avó é aquele tipo de pessoa que chora por tudo: “ai coitada das pessoas sofrendo”. Meio no nível depressivo, desesperado, e eu estava preocupado com isso, aí eu fiz meio brincando, cheguei na casa dela dizendo: “só dou o cotovelo para vocês me encostar, eu não quero ninguém perto de mim”, e foi tranquilo, o pessoal estava todo espaçado assim, e todo tempo lavando as mãos, evitando o contato direto. Eu só tinha contato mesmo com os meus pais ou com a minha namorada, o contato de chegar perto mesmo, da minha avó, dos meus tios, nem perto cheguei, então, foi a única coisa que deu diferente. Na teoria, não deveria fazer. Na prática... Como a gente cobrou muito isso deles, tipo, não pode chegar perto, não pode dar abraço, não pode dar beijo, deu tudo certo, rolou. Estavam todos felizes, mas ela queria estar tocando todos, feliz ela não ficou. Então, foi muito bom poder ver pessoas diferentes das mesmas que está vendo o tempo todo dentro de casa, foi muito bom, mesmo não podendo tocar diretamente, como isso dá uma aliviada no que a gente estava passando nesses últimos tempos, para mim foi o mais diferente senão minha rotina tinha sido tudo igual: ficar em casa vendo TV e mexendo no computador, e eras isso, nada de especial.

A: Aqui em casa a gente também deu uma quebrada porque o meu tio faleceu sexta e não podemos ir no enterro. Então, a gente ao menos resolveu o meu irmão vir no domingo para o dia das mães, minha sobrinha, meu sobrinho pequeno e tal. Mas é difícil criança pequena não encostar, não pegar, meu sobrinho está aprendendo a caminhar, então, é difícil não ajudar ele né, hahaha... Mas, mesmo assim, meu irmão não está tendo tanto contato, então, só tivemos contato entre nós. E como é que foi para os outros esse Dia das Mães diferente?

Nm: Para mim foi um pouco diferente porque eu passei o sábado com a minha mãe, sábado era o aniversário da minha mãe e domingo o dia das mães. Então, eu e minha namorada fomos lá e passamos o sábado com ela normal, como a gente já tinha feito nos outros finais de semana e domingo nós passamos na casa da mãe dela, da minha sogra. Nós já tínhamos tido contato com eles nos outros finais de semana, a gente já tinha ido lá para ver como eles estavam, até fazer compras para eles. Mas foi diferente, foi bom ter esse contato com a mãe. Então, apesar de ter sido bem diferente, foi bom para dar uma oxigenada e ver ela, é isso.

Lm: Nós também fizemos algo diferente, geralmente eu faço, a gente faz um galetto lá no vô e tudo mais. O meu avô fez o galetto, mas a gente só pegou o galetto na casa dele e comemos lá em casa. Os meus avós maternos moram no mesmo condomínio que nós, então é mais fácil de

acessar. Pegamos o galeto com ele, entregamos um presentinho para a vó na porta assim e tiramos uma foto com uma plaquinha, acho que a minha mãe deve até ter publicado no Facebook, mas aí a gente tirou uma foto com “Feliz Dia das Mães” numa plaquinha. E depois fomos na zona sul fazer a mesma coisa com meus avós paternos. Eles têm aquelas grades assim, então parecia que eles estavam num mosteiro Carmelita que eles não podiam sair. Tiramos uma foto nas grades com meus avós paternos, demos um presente na porta da casa deles, mas foi isso. Fizemos uma videoconferência com meus tios junto com a minha priminha que vai fazer 6 anos, e foi o que deu para fazer.

A: Tá certo, mais alguém quer falar?

Tm: O meu não não teve muita diferença porque a mãe está aqui comigo. Então nós nos reunimos, fiz um churrasco e meu irmão que está em Porto Alegre veio ficar conosco e ficou mais isolado. Foi um dia das mães bem atípico, geralmente a gente saía para comprar algo para ela e dessa vez não saímos para comprar nada, até encomendaram para ela presentes e até chegou antes por Sedex, foi diferente. Geralmente no domingo a gente se programava para ela não fazer nada, para levar ela em um restaurante ou café colonial, e dessa vez não tinha como fazer isso, então fizemos um churrasco de domingo.

A: Tá certo. Então, o tema de hoje não tem tanto a ver com o dia das mães, mas dando continuidade com o que fizemos na semana passada, onde chegamos a ter essa pergunta: como reconhecer Jesus no mundo de hoje? E a gente estava pensando como reconhecer Jesus também através daquilo que a gente encontra na rede, na internet, então vamos fazer uma dinâmica. Vocês terão que escolher uma das imagens que vou mostrar para vocês, são imagens de Jesus que recolhi da internet, alguns exemplos, umas muito estranhas, outras tradicionais, outras interessantes e criativas, então vocês vão individualmente escolher a que chamar mais a atenção, depois tem frases também para ler junto do evangelho, vocês vão escolher uma imagem e uma frase e depois cada um vai falar porque escolheu essa imagem, pode ser porque chamou atenção, achou estranho ou se identifica, é o Jesus que tu reconhece ou é o Jesus que tu não reconhece, enfim por “n” motivos te chamou atenção aquela imagem e aí você vai falar porque. E por que tu escolheu a frase do Evangelho que também representa Jesus.

A: Tem uma frase do Bento 16 em uma de suas encíclicas sobre a palavra de Deus, a Verbum Domini, é interessante que tem um trecho em que ele fala sobre a internet, ele disse que: “no

mundo da internet que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores. Deve-se sobressair o rosto de Cristo e ouvir a sua voz porque se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”, então como reconhecer este rosto de Cristo no mundo atual e principalmente na rede?

Apresentei as imagens e dei um tempo para eles pensarem e escolherem:

Imagens: Várias representações de Jesus Cristo.

Eu li cada frase para eles, caso não estivessem visualizando bem:

Frases:

- a. E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.
- b. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
- c. Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.
- d. Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê.
- e. em mim nunca morrerá.
- f. Jesus olhou para eles e respondeu: "Para o homem é impossível, mas para Deus todas
- g. as coisas são possíveis".
- h. Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei
- i. descanso.
- j. Ninguém pode servir a dois senhores. Ele amará um e odiará o outro. Você não
- k. consegue servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo.
- l. Eu sou a luz do mundo.
- m. O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois.
- n. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele
- o. que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.
- p. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.
- q. Eu estarei com vocês até o fim dos tempos.
- r. Tudo é possível àquele que crê.
- s. O reino de Deus está dentro de você.

Perguntas:

- a. Qual o significado dessas imagens?
- b. O que vocês entendem de Jesus através dessas imagens? E da fé em Jesus hoje?
- c. O que você sente quando vê essa imagem de Cristo na rede? (te causa um estranhamento, uma coisa natural, normal, acha divertido, desrespeitoso, ...)

A: Então agora eu vou voltar, e quem quiser falar o que achou, até eu posso começar. A imagem que chamou minha atenção é o desenho nessa selfie com Jesus e o cachorrinho. Eu achei engraçado, mas ao mesmo tempo fala um pouco da fé hoje e da fé em Jesus hoje. Quem é Jesus para nós? É um amigo, alguém próximo, alguém divertido, alguém importante, porque está junto, está na selfie, também o cachorrinho é importante para muitas pessoas hoje em dia, eu acho simpática essa primeira imagem, é um Jesus informal, é um Jesus próximo. A frase que me chama atenção, que relaciono com essa imagem é “onde estiver o vosso tesouro aí estará o vosso coração”, que tem um autor que eu gosto bastante, o Antônio Spadaro, ele é bem ligado ao Papa Francisco, onde o Papa vai, ele vai atrás, nas viagens. Ele deu um conceito teológico sobre a selfie, disse que antes a gente tirava foto em um show, em algum evento, do palco e aquilo era importante para nós, mas era longe, era distante da gente. No momento em que eu faço a selfie com alguém ou de alguma coisa junto, naquele ambiente, aquilo não apenas é importante para nós, mas está próximo. Então, eu ligo essa imagem da menina com cachorrinho e Jesus, essa selfie, no sentido de onde está o vosso tesouro está o vosso coração aquilo que é mais importante, tá naquela “entre aspas” naquela imagem. Eu não estou falando de... eu nem tenho cachorro, mas nesse sentido daquilo que é importante para a gente está próximo de nós.

Mm: Tá, começo eu. Primeira coisa, eu olhei para aquela imagem do Jesus com o rosto do Hugh Jackman, e eu pensei: Cara, que porcaria é essa? Para não dizer um palavrão... eu ri aqui em casa, eu pensei: Cara, quem é que teve a criatividade mal feita de pensar num negócio desses? Pelo amor de Deus que mau gosto, mas tudo bem. Eu fiquei entre duas fotos, mas a foto que eu escolhi foi a de Jesus fazendo ah.. é equivalente a essa foto do Hugh Jackman, mas é a autêntica entre aspas, que está lá na primeira página. Eu já tinha visto essa foto em meme na internet, só que nem sempre o meme é o condizente com a verdade, mas eu achei ela muito bem pensada porque eu vejo a face de um Jesus sorrindo e é muito difícil a gente ver, ou a gente ver com essa cara de amável, esse Jesus sorrindo, essa coisa de alegria, de felicidade, porque eu vejo muito essa questão do servir com alegria, de servir com felicidade, com gosto de estar fazendo

aquilo ali. E isso me diz muito também do Cristo como parceirão, Brother, do cara nosso amigo que está sempre do nosso lado, que não tem tempo ruim para ti, se tá ruim ele tá ali, se tá bom ele tá ali, se você quer ficar longe ele também tá ali, e vai estar sorrindo. Eu tenho muito isso da visão, claro que atualmente se distorceu muito essa visão, porque ela foi usada muito em memes e as pessoas riem às vezes pelos motivos errados. Então, essa para mim é a visão que tenho dessa imagem, para mim ela causa uma coisa boa, mas eu sei que tem gente que distorce. E a frase que escolhi que eu gosto muito é “tudo é possível para aquele que crê”. Eu acho que eu vejo muitas vezes as pessoas que dizem: “Ah porque não vai dar certo”. Te falta fé. O Papa Francisco falou muito nesse período de final da Quaresma no começo da celebração da Páscoa nas vigílias, na sexta-feira Santa, no Lava-pés, ele disse onde está a sua fé? Vocês estão todos com medo? Mas cadê a fé no Cristo de vocês, que o Cristo vai libertar vocês, que o Cristo vai salvar vocês? Cadê a fé na salvação, no mundo melhor? A nossa esperança onde está? Naquela época era o pior do ápice da pandemia na Itália. Então, nesse tempo precisamos enxergar que tudo é possível para aquele que crê.

Só pra avisar “A” que o tempo está acabando, tem mais 10 minutos, mas é só entrar no mesmo link.

A: Certo, mais alguém quer aproveitar os 10 minutos?

Nm: Eu vou e prometo não consumir os 10 minutos.

A: Pode consumir.

Nm: Hahaha... Eu gostei muito também dessa imagem que o Matheus gostou, mas eu vou falar uma outra frase que é: “estarei com vocês até o fim dos tempos”. Eu vejo muito essa imagem do Jesus fazendo sinal de legal e etc, com essa frase também estarei com vocês até o fim dos tempos porque, ainda mais em um período desses que estamos passando isolados, parece que o mundo tá acabando, é notícia atrás de notícia, covid covid covid... Então eu vejo muito a presença deste Cristo parceirão assim sabe, que até o nosso último dia ele vai estar ao nosso lado, muito parceiro, muito alegre, concordo com o Mm falou de servir com alegria, se é para servir com a cara amarrada é melhor nem servir, entendeu, então essa imagem me chamou muita atenção. Eu já tinha visto ela, ela é muito utilizada em ONDA para engajar mais o jovem, para mostrar para ele que o Cristo não é só aquela coisa séria, ele tem também a questão de ser

divertido, ser um parceirão, e eu vejo isso muito também na amizade com os guris, nós falamos coisas sérias, mas às vezes descontraímos. Não é porque estamos sendo descontraídos que não estamos sendo Cristo para as outras pessoas. Então, essa imagem é muito bonita e ao mesmo tempo ela fala, retrata muito do que a fé é para mim hoje, a questão de servir com alegria, seria isso.

A: Legal. Mais alguém?

Lm: Eu vou ter que deixar para a volta, hehehe...

A: Alguém rápido e rasteiro? Hehehe...

Dm: Eu falo rapidinho. A imagem que mais me chamou atenção não foi nenhuma em especial, mas eu vejo elas como várias visões diferentes de Cristo. Mas agora parando nesse slide, a imagem colorida eu acho ela até bonita, ela me lembra o fundo meio galáctico, fotos de outras constelações, fotos do universo misturado com a imagem de Cristo, a foto da direita, a mais colorida. E a frase que me chamou atenção são duas, “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” e “Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único filho para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”, uma completa a outra.

A: E tem alguma imagem que você estranhou, que lhe causou alguma outra reação? Ou que você achou interessante?

Dm: Essas aqui, só que não me levam ao Cristo assim, as reconstituições em 3D, sabe. Se eu visse elas separadas em outro contexto, se eu estivesse andando pela rua ou visse elas na internet não me remeteriam ao Cristo. Essas imagens me levam mais a um homem neandertal que ao próprio Cristo, não conseguem me remeter a imagem dele. Aqui no contexto até vai, mas se eu olhasse na internet, ou andando, em um contexto totalmente diferente e só visse a imagem, não me levaria a pensar que é Jesus.

[Interessante pensar na identidade simbólica de Jesus, na identidade visual como uma marca reconhecível em qualquer ambiente, quais os elementos simbólicos e faces que em qualquer circunstância e lugar seriam compreendidos como representações de Jesus Cristo. Nessa reflexão, talvez o Régis Debray com a sua midiologia poderia nos auxiliar.]

Lm: Inclusive, não é todo mundo que concorda com essa reconstituição, na verdade, ela é muito ateia, não é muito cristã. Não sei qual foi a real intenção de fazer essa “pseudo” reconstituição, eu acho ela muito longe do que realmente era Cristo porque os próprios Apóstolos já relatavam Jesus totalmente diferente desses em pinturas antigas dos primeiros cristãos, não tem nada a ver. Se for pegar as pinturas mais primitivas das catacumbas cristãs, não tem nada a ver com esse que está aqui. Não sei quem está certo, os primeiros cristãos ou os pseudo historiadores ateus que querem tentar fazer essa reconstituição.

A: Interessante, eu não tinha ouvido essa história das pinturas dos primeiros cristãos. Tem que ver se são nas catacumbas, daí já são romanos. Daí tem que ver se é uma real representação, ou se não é simbólico, como acontece hoje né.

Lm: É aquela história né. A igreja está sempre relacionada a tradição, então, todas as iconografias que a gente tem hoje vem de algum lugar né, então, não sei, eles deviam ter alguma ideia do que eles estavam descrevendo na época, as primeiras imagens mais rupestres, as imagens mais antigas de Jesus Cristo vem das primeiras décadas da era cristã, tem várias fontes, sei lá. Eu acho também um pouco estranho, eles fizeram recentemente na revista Super Interessante, eles tentaram fazer a mesma coisa com Maria. E descreveram Maria de uma maneira totalmente apática e sem sal.

Dm: De onde eles tiram dados para descrever dessa forma, para reconstituir? É meio da cabeça deles ou pela época, ou de algum material histórico?

Mm: Esse específico, eles acharam um crânio num sítio arqueológico, lá na região da Galiléia, pegaram este crânio e fizeram meio umas leves mexidas no crânio, questão de padrão estético, aí fizeram esta reconstituição do rosto de como seria na época e disseram: isto é Jesus.

Lm: Isso não é o homem do Sudário. Vocês conseguem ver o homem do Sudário aqui? Esse não é o homem do Sudário.

Mm: Uma das descrições do homem do Sudário é que ele tem a face alongada, né. Se tu olhar todas as imagens, ele tem a face alongada, a face alongada faz parte disso. Nesse caso, completamente diferente do que a gente vê. Então faz todo o sentido de a gente ser avesso a essa imagem. Mas é que, na época, eles tentaram dizer, tipo, Ah o rosto de Cristo não é esse

homem loiro de olho azul. Eu acho que faz sentido também eles pensarem que não seja este homem loiro de olho azul, mas não me façam uma reconstituição dessa né.

Lm: Por isso que eu digo que não sei a intenção deles, mas com certeza, eles não usaram o sudário como base para isso, o Sudário para eles não é uma evidência. E isso é muito grave, acho que já o suficientemente para mim descartar essa hipótese, como católico, pelo menos.

Dm: Descartar a hipótese não, mas não considerá-la como legítima.

Lm: É não considerá-la como legítima, pelo menos. É faz mais sentido, é mais justo.

[É significativo ver como no diálogo e nas interações e provocações de um para o outro, eles vão refletindo, construindo o seu ponto de vista e argumentação, repensando e aprimorando a sua formulação de opinião, o que provoca às vezes uma mudança de atitude e mentalidade, uma reformulação da sentença, uma reafirmação daquilo que se acredita e se expressa. Isso traz um crescimento e amadurecimento da vivência da fé e do pensar a fé, do *Intellectus fidei*, da fé que busca compreender, não isoladamente, mas comunitariamente, na relação com o outro.]

*Transcrição da segunda parte:*

Pela memória da pesquisadora, gravação com áudio corrompido por erro da plataforma Zoom.

A: Então, a gente estava falando da reconstituição. Ok. Quem falta falar?

Lm: Aproveitando o gancho, não sei se alguém quer falar antes de mim, é que eu falo demais. Eu vou falar então. De uns tempos para cá eu comecei a ver imagens sacras de uma maneira muito diferente das que eu via antes, eu não dava tanta importância como hoje eu dou muito. As imagens são muito importantes porque estamos lidando com algo sagrado...

*Problemas de áudio....*

Lm falou o que pensava de cada imagem. Em geral, não gosta muito das representações não sacras de Jesus. “Acho que tem o seu valor, o seu lugar, as imagens da cultura pop, acho válidas



as imagens daquela artista que você manda a sua foto e ela desenha Jesus junto com você, como essas que você mostrou da menina com Jesus e o cachorrinho, é bonitinho de um ponto de vista mais juvenil. Mas na liturgia essas imagens não cabem, a imagem de Jesus tem que ser bem feita, tem que cuidar das cores, de todos os elementos e símbolos, tem que transmitir profundidade, mistério, sobrenatural. A imagem da cruz com traços de luz eu achei bonita, mas não me diz muita coisa, pobre de sentido. A imagem toda colorida de Jesus como um trabalho artístico moderno, eu acho até bonita, mas não poderia usar liturgicamente. Eu prefiro as imagens tradicionais como essa do bom pastor com a ovelha no colo, tem mais a ver com o Cristo da minha fé, com a imagem que eu tenho de Jesus. Essa com Jesus olhando para o alto é bem clássica também, talvez renascentista, eu sei que Ele deve estar olhando para o Pai, mas tem vários memes que interpretam Jesus tipo: Ai, cansei de vocês. Mas eu sei que esse não foi o sentido que o autor deu. Eu gosto dessa imagem do Sermão da montanha, mas Jesus com cabelo curto parece ator americano, dá pra ver que não é uma imagem católica. Os memes nem vou comentar. (risos)". Por que não? (perguntei). "São memes, né. Eu já vi vários desse tipo, como se as palavras de Jesus não tivessem mais sentido ou estivessem erradas. Ou os ensinamentos de Jesus fossem contrários a certas ideias de pessoas como, no caso, o Trump". Eu gosto do Mr. Bean, mas não tem nada a ver colocar o rosto do Mr Bean em Jesus. Mesma coisa colocar o rosto do Hugh Jackman na imagem do sagrado Coração de Jesus, não acho ofensivo, só não faz sentido, não sei qual era a intenção de quem editou. Essas imagens de Jesus e a internet ou Jesus com o computador ou com um iPhone velho ainda, eu nem vou comentar, eu não vejo o menor sentido. E depois as frases né. A frase escolhida foi: "Deus amou de tal maneira o mundo que entregou seu único filho..." Eu acho que essa frase consegue resumir muito bem todo o mistério da salvação em Jesus....

E também eu coloquei essa frase na homenagem dos pais: "Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração". Onde está Jesus? Onde colocamos o nosso coração? Então, eu acho que faz sentido para mim...

A: Sim. Quem vai falar?

Tm:

Já o "Tm" escolheu justamente a imagem que tem uma entrada para cabo de internet em lugar do coração de Jesus. A frase escolhida foi: eu sou a luz do mundo. Jesus é a luz do mundo, Jesus é a coisa mais importante da época, do momento, nesse sentido, a imagem quer mostrar que Jesus é a internet, é o que tem de mais importante e fundamental.

“... uma imagem muito utilizada é a da porta sem a maçaneta né... As pessoas usam muito a internet hoje, é algo muito necessário ... às vezes a gente está sempre na correria. E Jesus é a luz do mundo, fazendo um paralelo entre Jesus e a internet. A necessidade que as pessoas tinham da luz. Essa importância que ele está dando para as pessoas que naquela época... Essa imagem me faz pensar nós um dia sem internet, e como seria nós um dia sem Jesus, que Jesus é essa resposta”.

A: Essa imagem é a do Evangelho acho que de hoje: “Eu sou a videira e vós os ramos”, essa metáfora de Jesus, essa mensagem simbólica da videira a gente pode transferir para a rede. Falando nisso, eu gostaria de saber de vocês, se vocês acham que é possível um encontro verdadeiro com Jesus através da internet? O que seria um encontro verdadeiro? Deus pode habitar o ciberespaço, pode habitar a internet? O que vocês acham?

Ao perguntar sobre o que seria um verdadeiro encontro e se é possível um verdadeiro encontro com Jesus pela internet, eles ficaram mais falando sobre a missa transmitida.

Mm: Depende, a gente nesse momento está tendo muitas missas transmitidas e antes as TVs e rádios já faziam isso, o pessoal mais antigo já acompanhava. Agora a pandemia nos obrigou a ver, a participar mais dessa forma e isso não é a mesma coisa, mas é bom e é o que temos. Especialmente para nós católicos a fisicalidade é importante, tocar, comungar, consagrar, os sacramentos exigem presença física. Para mim, o verdadeiro encontro com Jesus é fisicamente na Eucaristia, na comunhão.

Lm: Eu já tinha comentado já, está ficando cada vez mais comum a missa transmitida pela web. A gente está se dando conta de usar porque a gente é agora obrigado a usar... Eu tenho um gosto maior pelas coisas físicas na igreja.

Nm: Eu estou achando muito bom as missas transmitidas. Claro que sinto falta de ir na missa na igreja fisicamente. Mas vejo como a transmissão on-line veio somar. Sei que não é a mesma coisa. Mas, por exemplo, eu acompanho as missas da Igreja São Pedro. Durante a semana, numa missa de segunda-feira, tem geralmente umas 20 a 30 pessoas no máximo. Na transmissão, tinha mais de 200 visualizações, atinge muito mais pessoas, pessoas que geralmente não iriam numa missa. Também as missas transmitidas na TV você tem que estar ali naquele horário, já no Facebook você pode acessar quando você puder. Por exemplo, eu gosto de ver a missa antes

de dormir deitado na minha cama. Não é a mesma coisa que participar na Igreja, mas poder ouvir o evangelho, o comentário do Padre sobre as leituras, isso também nos faz crescer. Então, acho que temos que aprender com essa experiência para quando voltar “ao normal”, na verdade nada será como antes, agregarmos essas novas formas a vida da Igreja também. Na verdade, não só a Igreja, mas toda a sociedade teve que se reinventar nesse tempo, os trabalho se adaptando no Home Office, os professores tendo que aprender a fazer aulas EAD de um dia para o outro, acho que vai crescer cada vez mais essas reuniões on-line e o ensino à distância. Vamos estar privados do contato e interação social durante as aulas, mas se pode receber o mesmo diploma de uma faculdade com aulas presenciais e outra com EAD. Só acho que medicina não se poderia fazer EAD, por exemplo, nem tudo de pode fazer on-line, mas dá para fazer muita coisa.

Lm: Mas não precisamos de nada para um encontro verdadeiro com Deus, nem de missa, nem de reunião, retiro, etc., precisamos sim entrar em nosso castelo interior, por que Deus já está aqui dentro, o Espírito Santo habita em nós, então como diz Santa Tereza, precisamos adentrar em nossa alma. Podemos estar em estado de graça, em comunhão espiritual com Deus e receber a comunhão eucarística fisicamente, mas naquele momento não sentirmos essa graça, não termos esse encontro verdadeiro, então acho que depende muito de nós.

Eu entendo fazer a missa como uma reunião de videoconferência, eu acho que não precisa, eu acho que pode ser só o padre rezando já está bom.

Ao comentar sobre a Igreja na era digital, disseram:

Mm: Tem que deixar os que tem criatividade fazer. Precisamos nos reinventar, mas tem muito padre que não deixa, tem pessoas que querem e podem criar boas iniciativas, mas muitas vezes o padre tranca, impede, não quer. O Vaticano já faz um ótimo trabalho digital, os grandes santuários como Aparecida e Fátima também fazem, mas o que precisamos cuidar e trabalhar são as paróquias, as paróquias são o grande desafio.

Falaram muito em transmissão em comunicação estilo massa. O Lm disse que não via muito sentido e necessidade de transmitir a missa pelo Zoom, que a transmissão só do padre era suficiente e até melhor só com o padre, achava estranho e desnecessário os leitores fazerem leituras de suas casas e outras participações.

Essa pandemia veio nos ensinar que devemos utilizar os meios disponíveis, que devemos nos atualizar.

Falaram sobre a necessidade de informatização dos sistemas de dados como cadastro dos batizados, casamentos, etc, que existem algumas iniciativas já da arquidiocese como o sistema Servus.

### *Jesus bom pastor*

A: Acho que foi o último domingo, não, domingo retrasado o Evangelho do bom pastor... Francisco faz uma releitura da parábola da ovelha perdida: hoje, não são as 99 ovelhas que permanecem no aprisco, mas apenas uma. Muitos membros da Igreja ficam “penteando o pelo” da única ovelha que ficou ao invés de saírem ao encontro das 99 que estão perdidas...

O papa diz também que: Não basta circular pelas «estradas» digitais, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. [...] entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de auto-referencialidade, não hesito em preferir a primeira. (Francisco, MDMC 2014)....

Então sobre a Igreja na era digital, o Papa Francisco diz: “Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos”. Mas então, o que vocês acham sobre a Igreja na era digital, essa Igreja de portas abertas também no ambiente digital?

### *Problemas no áudio...*

Mm: Podemos ver a missa na TV, ou em uma live, mas nada substitui a missa presencial. O padre Antônio fala muito isso, não adianta estarmos em 110, ou 120 em uma videoconferência do Zoom e chegar na hora de ir na missa na Maronita e ter 30 cabeça. Cara, isso não pode acontecer, porque as pessoas vão estar acomodadas, o que eu vejo muito forte é que, às vezes, as pessoas estão acomodadas naquele modo ali “ah eu vou ver a missa aqui de casa e não preciso sair, vou ficar em casa no quentinho, está ótimo não corro risco de segurança”, mas não adianta, a missa é parte essencial da nossa vida de católico, precisa fazer parte disso. O que podemos atualizar nesse ponto não digo na missa, mas existem coisas que podem ser feitas, como por exemplo, deixar todos os documentos disponíveis do Vaticano para as pessoas no mundo todo, isso seria ótimo, uma coisa que precisava muito fazer é transmitir o Angelus todo domingo

porque não transmitem? Isso podia ser mostrado para as pessoas com uma mensagem dessa, com tradução simultânea em baixo e legenda.

A: Eu acho que fazem.

Mm: Olha, eu nunca ouvi falar.

A: Acompanha a Rádio Vaticano, o Programa Brasileiro.

Lm: É a Rádio Vaticano tem 24 horas por dia e eles transmitem.

Mm: Tá, mas é por vídeo ou só por áudio?

A: Os dois.

Lm: É, tem vídeo e áudio, só que é em horário local.

Mm: Beleza, correção, então que bom que já é feito, só que existem mais coisas que podem ser feitas. Tem sempre a possibilidade para mais, de sermos mais criativos para Deus, de usarmos nossa inteligência para o bem, porque não podemos utilizá-la dentro das igrejas? Já respondendo minha própria pergunta, tem muitos padres dentro das igrejas que não querem, que acham que o jeito antigo tá certo, acham que o jeito que eles aprenderam a fazer tá certo e não pode mudar. Isso é uma consequência da geração deles, óbvio que é. Só que tem gente dentro das paróquias que está querendo mudar, fazer diferente e fazer melhor, e tem muito padre que trava isso, tem gente querendo fazer, tem muita gente criativa por aí, mas tem muita gente travando. Vou dar um exemplo, eu sou contrário a quando tem missas normais na Maronita, as pessoas ficarem olhando através do Facebook, porque eu acho que as pessoas têm que estar lá. O modo como eles estão fazendo missa agora em que não tem outra opção a não ser de ver a missa on-line, eu acho correto. Em momento de pandemia é diferente, acho correto assistir a missa online por que é o que temos no momento. Ou seja, tu faz quando tem que fazer, não podemos fazer desse jeitinho que fica bem em casa só procrastinando, acho que a criatividade está ali. Os padres e bispos têm que entender que daqui a pouco tem que ter mais criatividade para criar mais movimentos e outros exemplos de caminhada e muitas vezes eles estão travando tudo dentro da igreja com as respostas da arquidiocese “ah porque isso não está de acordo com a diretriz que a gente diz”, mas eles estão seguindo o ensinamento de Cristo? Estão. Então qual é o problema? Colocam muito problema em coisas que não precisa e às vezes se tem problemas muito mais graves que não deveria se fugir, que deveria se encarar. Um exemplo, são os casos de pedofilia, muitas vezes se acoberta isso, problemas que tu tem que não precisa ficar enchendo o saco para resolver, eles acham problema e acham empecilho. Hoje a Igreja precisa olhar para essas modernidades como uma possibilidade de melhora, é não é a melhora da mensagem, não é a melhora da Palavra de Deus, ela é atual, ela sempre vai ser atual, a gente tem que atualizar a forma como mostrar para as pessoas, a forma de levar a mensagem, cada vez mais ela se

atualiza: antes era escrita, aí veio o impresso, começou a vir pelas ondas do rádio, pelas telas da TV, se diversificaram as telas, começamos a ir para o celular e computador. Estamos em constante evolução, a Igreja precisa querer entrar nessa evolução. Pegando esse exemplo do Ângelus que eu não sabia. Que bom que se faz, mas pode ser mais. Mas Mm, o que se pode fazer? Não sei, eu acho que teria que parar para pensar, ver o que está se fazendo e ver o que poderia se fazer mais, tem muito cristão mega criativo que pode desenvolver muita coisa, é só usar a criatividade dos caras. E era isso, falei demais.

Nm: Deixa eu só fazer um adendo, algo que eu acabei de lembrar, de uma coisa que eu vi no natal, de uma igreja dos mórmons. Eles fizeram um sitezinho super bonito onde... e isso rodou como uma campanha dentro do Facebook, eu entrei pensando que era alguma coisa católica porque dizia assim: procure a sua Capela. E aí pensei “ué, o que é isso”, e ali tinha todo um passo-a-passo que eles montaram do tipo: escolha sua melhor roupa, você digitava o código da sua cidade e aparecia todas as capelas deles mais próximas de ti com o GPS. São coisas que outras doutrinas, outras religiões já fazem, eu acho que nós católicos estamos muito atrasados com isso. Então, eu vejo que a gente tem que se atualizar, concordo que tem muito cristão criativo, só que às vezes a gente não dá espaço para eles, a gente acaba: não, vamos fazer desse jeito aqui porque já foi feito, há 2.000 anos é assim e assim tá dando certo, a gente teve problemas, mas vamos fazer assim que está legal. Então acho que essa questão da pandemia veio para nós nos reinventarmos. Enfim, era isso que eu queria compartilhar.

Mm: Só um parênteses “Nm”, já existe um projeto desses na Arquidiocese para isso, esse de localizar as capelas mais próxima mais próxima já existe então um projeto. Acho que é um aplicativo. Onde as pessoas, podem ver as igrejas próximas a mim, o padre, horários.

Lm: Existe o Sistema Servos que os padres não gostam muito, porque realmente ele tem problemas e o padre R teve um problemão para me adicionar no Sistema Servus, quando fui fazer o curso de ministro. Mas existe, está começando a ter.

Mm: Todo sistema no Brasil existe um probleminha, nenhum funciona maravilhosamente bem, eu estou dizendo este de localizar a capela mais próxima e horários de missas e afins existe. Já existe o projeto. O cara uma vez foi lá numa escola missionária do Emaús foi falar sobre isso e ele contou do projeto está sendo feito está ainda em elaboração.

Lm: É o Sineiro né.

Mm: Eu acho que é. Mas era um aplicativo onde as pessoas podiam acessar e ver o horário da missa e a capela perto da minha casa, do meu endereço, localização, as igrejas perto, horário de missa, padre, coisas assim.

Nm: Tudo bem, mas tu concorda que para nós tudo é muito burocrático, muito demorado, complicado?

Lm: Eu concordo bastante com isso, porque eu conheci algumas coisa dos mórmons pela internet, até porque a esposa do meu tio é mórmon. Uma coisa verdadeira é: eles são extremamente organizados, são muito modernos em matéria de gerenciamento das coisas. Primeiro, porque a igreja deles é bem mais nova que a nossa. A Igreja Católica é uma senhora de 2.000 anos e isso talvez dificulte um pouco as coisas e é muito maior do que os Mórmons. Os Mórmons começaram no final de 1800 nos Estados Unidos. Então é uma igreja nova que começou nos Estados Unidos com essa mentalidade americana de empresa, então a forma que o americano organiza as suas igrejas, ela tem esse feeling assim de administração, eles sabem fazer isso muito melhor que nós no Brasil. É só ver a nossa própria mentalidade burocrática no Brasil, a gente tem uma dificuldade de informatizar, agora que as coisas estão começando a ficar, a justiça está informatizada, o governo está muito mais informatizado, mas os americanos já são há muito mais tempo que nós, e os Mórmons sempre estiveram muito além disso, nos sistemas deles, tu tem o teu login, é como se fosse uma matrícula de universidade quando tu é um mórmon, e todo o mundo sabe que você é mórmon, porque no sistema deles sabe que você tem uma matrícula e que está registrado lá. E convenhamos, a Igreja Católica por ser muito antiga, imagina recolher todos os batistérios que já existiram, isso é uma coisa bem difícil, saber sobre todos que já foram batizados, e depois colocar no sistema. Os mórmons fizeram isso, nós não. Então, o que eu entendo que aconteça, é justamente isso ,existe uma dificuldade que é natural da igreja, justamente pelo seu tamanho e sua antiguidade, vocês vão ver que esses santuários grandes, por exemplo, o próprio Vaticano é um bom exemplo disso, a Rádio Vaticano trabalha isso há muito tempo, e essa questão de transmissão on-line ao vivo pelo canal do YouTube da Rádio Vaticano, se tu for agora ali, tu vai ver uma imagem da Praça São Pedro em tempo real e sempre que tiver uma atividade eles fazem essa transmissão. Então, o Vaticano é um bom exemplo de como fazer essa comunicação. Tudo o que o Papa faz, eles transmitem em tempo real e está gravado. Os grandes santuários, Aparecida que tem TV própria, Fátima

em Portugal, amanhã, quem quiser ver, amanhã cedo vai ter a missa lá de Fátima né, acho que às 6h da manhã. Pra nós é super cedo, pra eles acho que é 10h da manhã lá. Então, existem esses recursos nos grandes santuários que é onde eles aglomeram muitas multidões, onde se tem um grupo muito grande, onde se tem um aparato de mídia maior. Quem sofre nesse processo de informatização são as nossas paróquias, que são na maioria das vezes velhas, não digo só de antiguidades, mas de pessoas, a maioria das pessoas nas paróquias são velhas ou pobres. Então, só a paróquia que tem um pouquinho mais de dinheiro e estrutura é que consegue um trabalho bem feito de transmissão. Aqui no Santuário Nossa Senhora do Trabalho, que é a Paróquia da minha namorada, eles têm uma equipe muito grande de gente trabalhando, muitos jovens que sabem mexer com mídia. Então, o Facebook deles é muito bonito, eles têm logo, eles têm tudo, eles tem os equipamentos certos para fazer uma boa transmissão de missa. Agora, lá na Menino Deus, por exemplo, coitada, até por um esforço a V está fazendo as transmissões, que é responsável pela PASCOM nossa, pega o celularzinho dela e grava no Facebook, mas às vezes não consegue transmitir ao vivo porque não tem wi-fi na paróquia, tem algum problema assim, as coisas são improvisadas. Então, se isso continuar por mais tempo, talvez tenhamos que investir nesse tipo de tecnologia e capacitar os nossos paroquianos para mexer com isso, porque a maioria não sabe. Então, a gente sofre um pouco com isso. A Igreja Católica é grande demais para conseguir ter um bom manejo de tudo isso né. É bom, mas é também ruim ser grande porque não conseguimos ter uma estrutura sólida em todos os lugares, sempre está faltando alguma coisa em algum lugar e, por experiência, as paróquias americanas onde eu convivi, só tinha duas na cidade onde eu estava, elas era todas com uma estrutura excelente, muito além do que qualquer outra igreja que podemos imaginar aqui, porque o povo americano católico é mais rico que o nosso e é menor, então, os poucos que tem são muito fortes. Tudo isso são variáveis sociais que complicam para a gente investir bem nas coisas. O maior desafio que temos hoje são as nossas paróquias, como as nossas paróquias vão se informatizar? Acho que começa com o sistema servos sim. A questão é: como é que eu dou catequese on-line? Eu estou dando formação discipular para adultos, só que adultos é diferente, e eu já estou com eles desde o ano passado, eu estou estendendo a formação discipular, agora, como é que eu faço isso com crianças? As crianças já estão atoladas com coisas da escola e é difícil dar uma aula EAD para uma criança. E aquela outra coisa que os guris comentaram, depois que tudo isso passar, como eu resgato a sacralidade de estar fisicamente presente nas coisas. Será que eu me acomodo com o digital? Isso é um problema né. Diferente de aulas EAD, eu posso optar por fazer uma faculdade toda EAD, eu posso fazer. Eu vou ganhar o diploma igual, agora a própria PUC está com um monte de curso EAD, claro, não é toda a faculdade EAD que é boa, mas tem certos



cursos que podem ser feitos em EAD, talvez não um curso de medicina. Mas algumas coisas que não exigem tanto o trabalho prático, tu perde um pouco do convívio social, mas tu consegue te formar. Mas agora, como é que tu vai te formar como cristão EAD? Isso é diferente. Tu não pode ter um sistema de catequese EAD para sempre, a não ser que não tenha mais como sair de casa, aí não tem o que fazer. Mas as coisas da igreja são diferentes, isso é um desafio também, porque estamos lidando com coisas sobrenaturais e sagradas e informatizar essas coisas sempre é um desafio. Não porque elas percam o efeito, não é por isso. Elas tem efeito independente disso. Mas para nós que somos humanos e precisamos entender o sobrenatural, como é que eu consigo desvincular uma coisa. Eu posso assistir uma missa deitado na minha cama, no celular, só que eu faria isso se eu estivesse na igreja? Não! Eu não faria isso. Muitas vezes a minha postura na igreja não é a melhor, então, como vou passar a participar da missa? Será que eu estou realmente participando da missa deitado na cama? A missa vai ter seu efeito normal, mas eu espiritualmente vou sair perdendo porque não estou me portando da maneira como eu deveria dentro da missa. Então isso é um desafio muito grande que passa por um desafio de catequese. Tu pode fazer as coisas on-line, digitalmente, mas sem instrução, a gente vai perder o gosto das coisas, porque a tecnologia faz um pouco disso. Por isso que eu disse que eu gosto mais de pegar livro impresso da Igreja, porque eu dou mais valor para isso. Porque da mesma maneira que eu pego o meu celular, eu posso ir para o Facebook. Agora se eu pego um livro, por exemplo, a Liturgia das Horas para fazer orações, é pra aquilo que eu estou fazendo, eu não posso virar a página e fazer modificação do lado. É por isso que as coisas da Igreja são mais lentas também pra gente informatizar. Por que como vamos avaliar as coisas como vamos instruir bem as pessoas para que elas possam entender, para que elas possam estar espiritualmente bem conectadas com Deus mesmo digitalmente sem perder a coisa, como separar a vida espiritual e a vida de Igreja dentro do virtual, são coisas diferentes né. Então sei lá eu acho que é um desafio acho bem desafiador, mas é possível.

A: Sim. Só rapidinho: Como é o sistema Servos, para que que ele serve?

Lm: O Sistema Servos, pelo que eu entendi, eles estão colocando nas comunidades nas paróquias assim: Todos os padres da Arquidiocese de Porto Alegre estão registrados nesse Servos. Então, o Bispo, sempre que tem transferência, atualiza onde os padres estão. Por exemplo, o Padre Roque estava lá em Charqueadas, ele está na Menino Deus agora. E aí dentro do sistema você coloca os padres, os presbíteros e eu acho que a também tem acesso a esse serviço. Por exemplo, eu que fiz o curso de Ministros no ano passado já estou nesse sistema, me registraram neste sistema. Eu não tenho acesso ao Servos, é administrativo da Arquidiocese.

Mas eles sabem que o “Lm” da Menino Deus sob a tutela do padre Roque, fez o curso de Ministro e está lá registrado. É algo mais administrativo, as secretarias que têm acesso e os padres que sabem mexer, muitos não sabem. O problema que eu tive no sistema é que por exemplo ele ainda dizia que o padre R estava em Charqueadas. Então, ele não conseguia me adicionar ao sistema porque eu era da Menino Deus. Como é que eu vou adicionar uma pessoa que está numa paróquia X e eu sou pároco de outra Y. Então estes probleminhas de sistematização tem. O sistema deveria ser ágil o suficiente para poder dar conta dessas informações e funcionar de fato, precisa de treinamento... As paróquias tem que começar a fazer essas coisas, ter um registro digital de todos os paroquianos ter essas informações digitalmente, o batistério digitalizado, isso vai levar tempo.

Mm: Sem contar que também esses mexe mexe de padre, padre vai pra cá, padre vai pra lá. Infelizmente tem uma rotação muito grande, aumentou a rotação de uns tempos para cá. Então, o padre Roque tá aqui agora, mas em quatro meses ele vai sair daqui e vai para a Dom Bosco que vai virar da Arquidiocese. Beleza, aí até ele chegar lá não vai estar atualizado o sistema, porque a informação ainda não foi informada. Quando é que foi a informação? Foi publicado num Diário, se existe tipo um Diário Oficial, se tem me atualiza o nome. Uma interligação de sistema numa empresa grande já é difícil, imagina para uma arquidiocese, para uma igreja católica que tem um bilhão de fiéis no mundo.

Lm: É aí que entra o trabalho das paróquias né. As paróquias têm que aprender essas coisas, seja para transmitir missa, para se organizar, ter um registro digital de todos paroquianos, quem foi batizado, ter isso digitalmente para não se perder essa informação. Agora no Servus o batistério está ficando digitalizado, então leva tempo, essas coisas aos poucos vão...

Mm: A, acho que vai cair.

A: É, vai cair. Então obrigada pela paciência de todos, por perseverarem no encontro e também pelas colocações. Agora eu perguntei algumas coisas também, não só pela minha pesquisa, mas pela prática, também eu estou tendo que pensar várias coisas agora, justamente isso, este desafio de como ajudar a paróquia, como ajudar a igreja a enfrentar isso. Então, agradeço as ideias e também os pensamentos compartilhados. Eu não sei semana que vem como é que vai ser, se tiver semana que vem, eu vou ver se eu preparo, se concordarem né, e aí vai ser o último que eu vou fazer com vocês. Querem falar alguma coisa?

Mm: Oração final. Então está tranquilo, a gente deixa para semana que vem. Vamos só agradecer então. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Senhor, obrigada por estar em tua presença, obrigada pela partilha de hoje, por isso te damos: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio agora e sempre amém.

Todos: Boa noite, até semana que vem.

**5º Encontro: 02.06.2020** – preparação e execução.

**Transcrição:**

O encontro do Grupo Transfiguração do movimento de Emaús iniciou com uma oração invocando o Espírito Santo como de costume, cada um colocou as suas intenções e seguiu-se a Leitura Orante do Evangelho Jo 15, 12-17. A gravação iniciou na leitura deste evangelho.

Nm: “Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vós mando. Já não vós chamo servos, pois o servo não sabe o que faz o seu senhor. Eu chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e para que produzais fruto e o vosso fruto permaneça. O que então pedirdes ao Pai em meu nome ele vo-lo concederá. Isto é o que vos ordeno, amai-vos uns aos outros. Palavra da Salvação. Glória a vós, Senhor.

A: Então nesse momento vocês podem dar uma olhada mais neste trecho e vocês podem escolher alguma parte, alguma palavra, algum versículo ou frase que chama mais a atenção de vocês. Quem já tem já pode ir partilhando.

Mm: Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos.

Nm: Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi.

Sm: A minha é a última: “Isto é o que vos ordeno, amai-vos uns aos outros”.

Lm: Versículo 14: vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos mando.

Dm: Eu chamo-vos amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai.

A: Pra mim, também foi: “não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi. E faltou mais alguém? Eu não estou vendo o pessoal, mas acho que foi isso, né? Agora vocês podem comentar porque este trecho te chama atenção e se ele te fala alguma coisa sobre amizade, sobre o que é amizade.

Mm: Desde a minha época de Onda, esse foi sempre o texto, foi sempre a passagem escolhida para fazer a palestra da amizade. Sempre, é a palestra que está no manual do timoneiro né. Então, pra mim, ela teve sempre muito significado, para mim, a palestra da amizade sempre foi um dos pontos mais importantes do retiro para mim. Sempre foi a palestra que sempre na vida eu quis dar, nunca consegui. Tinha vezes que eu achava que agora vai, não foi. E até coincide com o motivo que eu entrei na época da Fátima, eu tinha 11 anos, eu tinha recém trocado de colégio e estava num momento da vida afastado dos amigos, eu não tinha um grupo de amigos. Era tudo muito distante, eu era entre aspas uma criança/pré-adolescente sozinho. Então, eu senti que talvez fosse a hora de entrar para fazer o Onda, eu podia ter feito um ano antes, eu tinha escolhido não fazer e fiz com 11 anos. Então, para mim, essa passagem é a passagem da amizade, eu posso encontrar outras passagens, mas a passagem que para mim simboliza isso é essa e esse trecho “ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos”. Eu acho que ele fala da questão do servo né, não é só chamar de servo, mas chamar de amigo, quando tu serve o teu amigo, quando tu te doa pelo teu amigo, quando tu te entrega pelo teu amigo, tu está praticando amor de Deus Pra Ele. E é aí que eu acho que a amizade faz diferença, quando tu te preocupa com ele, quando tu olha para ele, quando tu te coloca a serviço dele, mesmo que ele acha que não precisa demonstrar o amor de Deus para ele. Às vezes a gente acha que não precisa, a gente acha que não merece o amor de Deus, mas a gente merece sim e pode se fazer digno sim. O que eu aprendi é que Deus se mostra para nós através das pessoas, através dos gestos que as pessoas fazem para nós e ali tem um trecho que eu acho muito legal, que a maioria falou: “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vós escolhi”. Não é à toa que Deus colocou as pessoas que a gente tem na nossa vida hoje, nunca é à toa porque ele sabe o que faz. Então se ele sabe o que faz, se ele colocou um amigo na minha vida que vai que estar ali para me ajudar, que tá ali para me mostrar, seja como fazer ou como não fazer, a pessoa está na nossa vida para ser exemplo sempre e para nós saber que a gente trabalha nossa humanidade e tenta reconhecer os nossos erros, que a gente aprenda a ouvir, que isso não venha só de dentro de casa, porque não é só dentro de casa que as coisas se constroem, é na rua também... (problemas na gravação, não deu para entender) ... e azar e não ter amigos e não trabalhar a nossa amizade fora. Muito complexa a amizade.

A: É, esse “não fostes vós que me escolhestes” sempre me chama atenção também, mas todo esse evangelho eu gosto muito e... mas essa frase, assim porque realmente parece que eu não procurei Deus, mas Deus é que vem a nós, Deus que vem até mim e Deus que me chamou e ele que me escolheu. É claro, eu tinha que dar esse sim a Deus, eu tinha que dar essa resposta, mas o maior trabalho foi dele, não meu. Então, isso me chama atenção e em relação a amizade é

interessante, acho que tem um ditado popular, eu já ouvi essa frase que os amigos eles não... tu não escolhe, tu não faz amizade, mas os amigos se encontram. Então, em qualquer lugar que tu vá, tu encontra amigos. Então, por isso que as vezes é mais fácil ser amigo de alguns e ser mais difícil ser amigos de outros, não sei por que assim exatamente, mas eu acho que também tem essa coisa como tu falou que Deus une de alguma maneira e a gente se encontra, não é... não sei... só isso que me veio.

Lm: Posso comentar da minha então. “Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando”. Eu acho interessante porque Jesus coloca uma condicional né para viver essa verdadeira amizade: “se fizerdes o que eu vós mando”. E é interessante porque ele disse que nós já não somos mais servos, mas somos amigos, mas ainda nos é necessário prestar obediência ao que ele nos pede como fazem os servos para que possamos ser de fato amigos. Então, da nossa parte, nós ainda precisamos nos fazer servos do nosso amigo para nos tornarmos verdadeiro amigo dele. Jesus nosso senhor quer ter uma amizade conosco, mas para que nós possamos ter uma amizade verdadeira com ele nós precisamos nos submeter a ele de bom grado por amor uma servidão por amor, por escolha. Então, às vezes a gente tem uma relação com Jesus que a gente quer que sempre colocá-lo num papel como nosso melhor amigo e isso é justo, é necessário. Mas eu não sei se a gente fala a maioria das vezes isso da boca para fora do que de fato a gente tem aquela: ai Jesus é meu amigo. O hino do Onda era o do amigão né. É claro que isso para as crianças é bem importante, ter essa relação de Jesus amigo. Mas será que eu posso falar que Jesus é realmente meu amigo hoje? Será que eu tenho uma relação de amor profunda com Cristo ao ponto de chamá-lo de amigo? Eu acho que é muita presunção da minha parte se eu for fazer isso, dizer: Ah eu sou amigo de Jesus. Será que realmente eu sou? Eu sei que ele quer ser meu amigo. Agora, será que eu realmente sou amigo de Jesus? Será que não é muita presunção eu colocar um título “Lm, O amigo de Jesus”? Eu acho que é um título muito audacioso. Não é que ele não deva ser buscado, ao contrário, isso para mim tem que ser a meta da vida, ter essa verdadeira amizade com Cristo. Mas, para poder chegar nessa amizade profunda com Jesus, eu vou ter uma amizade mais profunda com os irmãos que Cristo me dá, uma amizade mais profunda com Maria Santíssima acima de tudo, porque por meio dela é que eu tenho poder de ter a amizade com Cristo. Então, existem muitas coisas que ainda me faltam para que eu possa ser amigo de Cristo, existem muitas coisas que eu preciso fazer que Deus me pede e que eu ainda não faço para eu poder dizer que realmente sou amigo dele. Como nessa frase “vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vós mando” e o que Cristo nos pede é amar-nos uns aos outros e a forma prática de fazer isso é no serviço e na entrega e aí é que está a parte difícil porque o serviço e a entrega não podem ser seletivos. E para ele ser realmente profundo, ele tem que ser

totalmente desprendido e para isso eu preciso antes ter aprendido a morrer para mim mesmo, enquanto eu “Lm”, eu preciso morrer pra mim mesmo, me consumir por inteiro para aprender a servir, porque o servir é um ato de entrega, é um ato de desapego de si, de morrer para si, detestar assim mesmo e amar a Cristo. E os Santos que conseguiram viver isto, nossa, para eles poderem chegar a verdadeira amizade com Deus, com Cristo e poder dizer sim porque os amigos de Deus são os Santos. Os Santos são os amigos de Deus. Todos os Santos são amigos de Deus. Agora que é junho, o Santo Antônio foi amigo de Deus. Santa Teresinha do menino Jesus foi amiga de Deus. São Francisco de Assis foi amigo de Deus. Eu não sou amigo de Deus ainda, eu ainda..., falta bastante para eu ser, para eu poder dizer que sou amigo de Deus. Então, os Santos tiveram um trabalho muito árduo para poderem ser considerados amigos de Deus, mas conseguiram. Eles chegaram a essa verdadeira amizade com Cristo e é isso que tem que nos motivar, não as nossas limitações porque nós por nós mesmos não conseguimos ser amigos de Deus. Nós precisamos aprender a morrer para nós. Nós precisamos da graça do Espírito Santo para podermos tornarmos amigos de Deus de fato. Até nisso a gente precisa da graça, claro que parte da escolha da vontade, mas a gente precisa da graça de Deus para poder viver esta verdadeira amizade com ele. Então eu acho que eu que sempre reflito nisso, eu acho que a gente às vezes acaba tendo uma noção de amizade um pouco superficial, seja com os nossos amigos do dia a dia, seja com o próprio Deus, com o próprio Jesus Cristo. E eu acho que uma verdadeira amizade ela é muito mais profunda, ela requer muito mais desapego de si para se considerar uma amizade verdadeira, uma amizade enraizada em Cristo.

A: É interessante, eu tava aqui lembrando que, eu acho que é a Santa Teresa D'Ávila que fala que Jesus tinha poucos amigos, justamente por causa disso né porque tinha que fazer a vontade de Deus, a vontade de Jesus. E outra coisa que eu lembrei que fala “se fizerdes o que vós mando”, e aí eu lembrei dos mandamentos. Os mandamentos, na verdade, a gente não percebe, mas é o conselho de um bom amigo, são conselhos de um grande amigo. Interessante como às vezes nos ajuda não só para as crianças assim o amigão e tal, mas também para nós hoje perceber como é importante essa amizade com Deus, mas continuem. Quem mais?

Nm: Sobre o que eu falei ali “não fostes vós que me escolhestes” né, então, tem muito do... acredito que Deus coloca sempre as pessoas certas na hora e cabe a nós escolher ou não. Então eu acho que por mais que a gente tem esse livre arbítrio, ele sempre quer o nosso bem e ele sempre coloca a pessoa correta sabe naquele momento que a gente precisa. Às vezes a gente... sempre fui muito de, não seria questionar a palavra certa, mas muito de exigir muito de Deus né, sempre fiz muitas exigências e elas quase nunca sempre demoravam, sabe. E aí hoje eu olho pra trás e dou graças a Deus que todas as pessoas que apareceram na minha vida e do jeito que

apareceram e como apareceram e como ficaram, eu tenho certeza que foi um toque dele, que foi no momento certo que elas aparecessem e que eu tivesse a maturidade para compreender o que aquele momento existia. Então, vai muito por aí né: “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi”. Então, em todos os momentos que uma pessoa aparece é o próprio Cristo né, que toda vez que um amigo meu surge, uma pessoa verdadeiramente que quer ser meu amigo, nada mais é do que ele, a própria face de Cristo que vem para me ajudar. Enfim, em diversas situações. Então e aí depois vem mais uma... tivemos mais uma condicional: “e vos designei para irdes e para que produzais fruto, e o vosso fruto permaneça”. Então nada é por acaso, tudo é... tudo tem a mão de Deus nos acontecimentos da nossa vida.

A: Sim, como é interessante e importante ver nos nossos amigos ver a face de Cristo né, às vezes o nosso amigo está mal e a gente vê a face do Cristo sofredor naquele amigo também, ou também o amigo, o Jesus aquele que nem aquela imagem que a gente viu na outra vez né, aquele... Como É Que É aquele [imagem de Jesus] “topzeira” [risos]. Então tu vê também a face de Cristo no amigo e é interessante. Falta “Dm”.

Dm: É eu escolhi “eu chamo-vos amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai”, mais por causa que estava mais para o meio do texto e me chamou mais atenção por isso e porque ele meio que engloba todo o evangelho e a vida de Cristo, mais por isso que eu escolhi essa parte da passagem.

A: É que a amizade envolve conhecimento do outro né

Dm: Sim.

A: Beleza.

Mm: Eu acho que faltou o Samuel, mas o tempo está estourando...

A: Não tem 6 minutos, não?

Sm: Não problema, eu falo rapidinho.

A: Não tem problema, a gente continua na outra qualquer coisa.

Sm: Eu escolhi a última porque me chama a atenção um pouco que não é o conselho que Cristo dá, no final ele dá uma ordem, ele ordena: que vos ameis uns aos outros né. Isso me faz lembrar que, como uma ordem certamente não é fácil a gente conseguir cumprir isso, com todo afinco necessário, porque nós temos diferenças entre nós, com os nossos amigos, diferenças de pensamento, diferença de cultura, de criação. Então, eu vejo que Cristo dá essa ordem que a gente tem que buscar o máximo essa... contemplar essa frase de amar uns aos outros, como ele diz lá em cima: “assim como eu vós amei”. Cristo foi o exemplo maior de amor que deu a vida pelos amigos, que deu a vida por toda a humanidade. E eu gosto deste texto também pela primeira frase ali que eu brinco, até quando eu vou falar em outros lugares, até quando eu falava

nos CLJ às vezes. Que eu não participei do Onda como muitos aqui participaram, mas eu participei do CLJ, na minha paróquia não tinha onda quando eu era criança. E eu lembro que eu resumia né, como está na leitura mesmo, que o mandamento que resume todos os outros é esse, é o mandamento do amor né, porque, a partir do momento que você ama, você não vai fazer, não vai contra nenhum dos outros 10 mandamentos da lei de Deus. Amar é não matar. Amar é não trair. Amar é não jurar Falso Testemunho. Se for pensar como é bonito este mandamento que resume todos os outros, não sendo simplista, né, que os outros não sejam importantes, mas eu acho que eles entram que todo esse, em todos os mandamentos o amor é o maior. Se você amar, amar a Deus, amar ao irmão, amar ao seu amigo, você não vai estar pecando em nenhum dos..., indo contra nenhum dos mandamentos. Então, eu acredito que muito do que o “Nm” falou eu concordo, também que ver Cristo e ter Cristo como amigo é você ver o outro, ver no outro a face de Cristo. Então, ver no outro o Cristo que sofre, ver no outro que o Cristo que repreende, ver no outro Cristo que está do lado, que auxilia, que cura, então por isso que me chamou muita atenção nessa questão de ordenar. Que não é uma simples, um simples conselheirinho: Ah não, vamos lá, vamos amar a todos”... Mas sim ele ordena que façamos isso né, não mudemos o nosso rumo além do amor, além do maior mandamento que é o amor, amar a Deus amar ao próximo e ver no próximo a face de Deus, o amor de Deus. Eu acho que a nossa sociedade o nosso mundo todo seria muito melhor se nós levássemos essa ordem adiante né. Eu saber lidar com a diferença, eu aprender a respeitar o próximo, superando todas as diferenças, que possa ter talvez fazendo isso e mesmo como Jesus fez, ensinando, curando, ajudando, estando ao lado, a gente se respeitar e amarmos uns aos outros assim como ele mesmo nos amou durante toda a sua vida aqui entre nós, sua vida terrena e continua que nem todos falaram né, nos dando amigos para que esse amor continue também se propagando né. Se não fossem os amigos, se não fosse a nossa família que também são os nossos primeiros amigos em casa, são aqueles que estão sempre ao nosso lado, superando tudo o que possa estar acontecendo na nossa vida. Eu acho que não teria como esse mandamento ser seguido e ser, depois de 2000 anos ainda, o maior mandamento aqui Deus nos deu. Viu, terminei antes.

A: é verdade falta menos de 1 minuto e eu enviei para o “Mm” o link do próximo é interessante que essa esse “vos ordena” liga com o 14 né, “vós sois meus amigos se fizerdes o que vós mando” e o que Jesus manda, aconselha é “amai-vos uns aos outros”, mas então a gente continua.

Parte 1 completa.

Vídeo 2



Lm: [...] São próximos de nós, que são como nós, nós não temos, muito menos teremos com Deus que está além, uma coisa é reflexo da outra. Então acho que uma amizade é definida pela vontade de amar e pela vontade de amar aquela pessoa no céu, contigo, é sempre uma coisa a longo prazo. Acho que uma verdadeira amizade pode se resumir a isso: é a vontade que você tem de que aquela pessoa vá para o céu e de preferência que aquela pessoa consiga viver uma santidade melhor que a tua, muito melhor. Eu acho que isso poderia ser assim, o ideal de amizade. Qual ideal de amizade que eu busco: é querer amar as pessoas ao ponto de querer que elas vão mais pro céu do que a mim mesmo. Esse é o ideal perfeito de amizade, deveria ser assim pelo menos para mim. Ter essa vontade, ter esse amor realmente genuíno e totalmente desinteressado. Para que aquela pessoa possa ir para o céu, para que ela possa buscar o caminho da santidade, tu vai precisar se aniquilar muito, por isso eu sempre falo na questão de morrer para si, isso vem sempre na minha cabeça, porque eu li isso nos últimos anos e comecei a entender um pouco mais, o aniquilar-se para si mesmo, o morrer para si mesmo, consumir-se por inteiro como vela que se consome no altar. Isso é necessário para que a outra pessoa possa viver, então tu precisa fazer isso contigo mesmo, precisa se aniquilar como Jesus se aniquilou na cruz, para que a pessoa tenha vida eterna. Não que você vai dar a vida eterna para a outra pessoa. Não, mas porque tu te doou tanto que, tu te doou tanto pelas pessoas que tu ama que elas conseguiram encontrar o caminho de Cristo. Mesmo que como consequência tu tivesse que sofrer com isso. E é isso que um pai e uma mãe fazem, ou deveriam fazer pelo menos, pelos seus filhos porque uma criança é totalmente dependente dos seus pais. Então, se os pais não morrem para si, o filho não vive. É assim que deveria ser no matrimônio também, deveria esse total desapego de si mesmo para que o outro possa buscar a santidade. Então, eu imagino que a amizade é tudo isso que estávamos lendo, amizade é o servir, é o amar, amizade é querer a santidade para o próximo, é ser caminho de santidade para o próximo, é querer que o outro chegue no céu a todo custo, custe o que custar, seja ele cristão ou não cristão. Essa é a verdadeira amizade e eu acho que para a gente conseguir chegar a isso, precisa ter uma intimidade com a pessoa, precisa ter uma intimidade com a alma da pessoa, conhecer a alma do outro, conhecer o coração do outro. Muito mais do que conhecer hábitos e costumes, porque às vezes se a gente conhece uma pessoa por hábitos e costumes, a gente pode ter simpatia por aquela pessoa, mas isso ainda não é amizade profunda. Eu posso ter afinidades com a pessoa, mas isso ainda não é amizade profunda. Uma amizade profunda requer uma afinidade de almas, de querer buscar o céu juntos. Por isso que eu me frustro muito com amizades fora da igreja, muito por minha culpa também, porque eu não sei lidar com pessoas de fora da igreja, eu cheguei a conclusão de que eu só tenho amigos dentro da igreja. Fora da igreja eu não tenho mais amigos, não são

peessoas que eu convivo mais, porque a gente se frustra, porque essa pessoa às vezes merece mais do que eu, mas eu sei que ela não está buscando isso. Então, eu que sei que é necessário buscar o céu que me ensinaram, que Jesus me ensinou, que eu aprendi o caminho, eu preciso ensinar para a outra pessoa, entre outras ensinar né, eu sou só um instrumento nas mãos de Deus, mas eu preciso mostrar para essa pessoa que existe um caminho, só que aí eu começo a me esbarrar: bah, mas essa pessoa não quer buscar este caminho. Então é muito esforço, eu tenho que fazer um esforço muito grande, o esforço é maior, se a gente já tem que fazer um esforço com pessoas da igreja, com as pessoas de fora da igreja é ainda maior. Aí eu vejo o quanto eu ainda não tenho uma amizade verdadeira e profunda com essas pessoas porque eu não estou disposto a me desgastar para que aquela pessoa possa encontrar Cristo. Isso é um ponto importante: para eu ter uma verdadeira amizade com as pessoas, eu preciso estar disposto a me desgastar por elas, eu preciso estar disposto a servi-las, que é o que nosso senhor nos mostra no lava-pés, nessa passagem de João.

A: Me lembra também a questão de que a amizade é uma relação entre, pelo menos, duas pessoas. A amizade é uma relação de amor, um amor de amigo. Só tentando definir, no início estava com um pouco de dificuldade, eu estava lembrando também de uma coisa meio teológica que Santo Agostinho falava que a Trindade é amizade, Deus é amor ele também tentava traduzir que Deus é amizade, essa relação, mas nesse sentido mais profundo da palavra amizade. Eu vou... tem mais um... trancou. Mas podem ir falando, tem ainda 8 minutos. Eu vou fazer mais uma de 40 minutos e aí a gente fecha. O que mais vocês pensam sobre amizade?

Mm: Eu coloco a amizade como uma via de mão dupla, porque a amizade depende de tu... não que tu dependa do teu amigo, mas que seja uma questão de troca, que tu respeite o teu amigo como ele te respeita, que tu entenda ele assim como ele te entenda, e se for para dizer para ele você está fazendo isso errado e tu possa ouvir também isso, se tu puder falar, ele também vai poder te dizer. É uma questão de via de mão dupla, é uma questão, e vamos lá entendam bem, de conexão. Não adianta ter pessoas que eu sou muito mais amigo que outras, isso é normal do ser humano. Todo mundo vai ter um amigo mais ou um amigo menos, ou aquela pessoa que é sua parceira, ou aquele amigo de fé que tu conta para literalmente tudo, todo mundo tem amigos assim, é normal. Agora a grande diferença nesse ponto é tu saber reconhecer quais são os certos e quais são os errados, mas principalmente entender o tamanho da conexão que num momento tu pode te entregar, entregar a vida por ele, que isso seja recíproco, e aí vem a questão da reciprocidade, dessa via de mão dupla que estou falando, acho que a amizade conecta exatamente por aí. A amizade pode ser de vários outros lugares, tu pode ser amigo da sua mãe, da sua namorada, da esposa, do marido, você pode ser muito amigo do seu irmão, dos seus pais,

a amizade pode ter níveis, pode ter pessoas, isso não é o problema. Mas tu saber reconhecer onde está o teu amigo e entender o que ele precisa e o quanto ele vai precisar de ti, isso é um ponto bem difícil de nós entendermos. Então a minha questão é como eu defino a amizade, eu defino com duas palavras: reciprocidade e conexão. E aí é que está, o “Lm” estava falando da questão de cada vez ser mais difícil ter amigos fora da igreja, e estou convivendo tanto com a Igreja que eu vou te dizer que eu tenho meus amigos ainda fora da Igreja, mas eles são conectados, ou já foram da Igreja e agora não são mais, tem várias situações assim, mas a grande maioria são os amigos da Igreja e eu nunca tive problemas de fazer amigos fora da igreja, isso pra mim nunca foi um impedimento. Mas hoje tenho certeza que meus principais amigos, ou eu conheci dentro da igreja ou continuaram depois, hoje eu digo que o meu melhor amigo era lá da Fátima, eu não sou mais da Fátima hoje, eu sou do Emaús, tenho meus amigos do Transfiguração e de outros grupos, mas é a questão da conexão, de entender o quanto é recíproco esta situação. “Ah meu, tô precisando disso, bora? Bora”. Ou: “Ah cara tô precisando conversar, vamos tomar uma cerveja? Vamos, beleza!” Agora não vamos por causa da pandemia, todo mundo sabe disso, mas entender esse momento quando precisa ou quando um amigo chega e diz: “Cara, não tô legal, tô precisando de ajuda”, e o cara dizer: “O que tu precisa? Beleza, vamos fazer, vamos comprar”, é tu saber que o cara vai passar por um momento difícil em breve e tu já está lá antes. Isso só vamos entender quando tivermos uma conexão real com a pessoa, quando entendermos realmente. Cristo está no meio? Tenho certeza, mas às vezes a outra pessoa pode não enxergar isso, ser muito meu amigo eu orar e dizer tudo bem, mas eu rezo por ti, eu vou pedir por ti e sempre querer teu bem, independente se... Eu vou dar um exemplo político, agora que a gente está neste tempo louco, caótico. Eu tenho amigo que é comunista, amigo que sabe que eu sou católico e o cara respeita, às vezes faz piada e eu digo “Ah não é muito bem por aí”. Deu sabe, a gente mantém a linha do respeito e a gente é muito amigo, debatemos e conversamos vários assuntos, várias coisas diferentes e mantem a amizade, não muda nada, sabe, não ter a mesma visão política, porque temos conexão, temos reciprocidade, porque a gente se entende. Isso para mim é amizade, conexão e reciprocidade. Era isso, temos dois minutos e pouquinho.

A: Eu tava lembrando que a amizade, uma relação verdadeira de amizade exige um respeito, um respeito à alteridade, ao outro, àquilo que é diferente de mim, que escapa do meu plano de conhecimento e de relações também. Alguém quer falar rapidinho? Tem dois minutos. Eu já criei o outro link e já mandei para o “Mm”.

A: O que faz alguém ser amigo de alguém?

Vídeo 3:

Conversas iniciais.

A: Então vou compartilhar a tela aqui de novo. Podem complementar então: O que faz alguém ser amigo de alguém?

Nm: Deixa eu só terminar então, vou complementar o que o “Mm” falou em relação da via de mão dupla. Então, a amizade é isso né. Eu sempre fui uma pessoa que tem amigos fáceis, mas nunca tive muitos. Então eu sempre penso que a amizade é uma questão de mão dupla, mas também de tu servir a outra pessoa, pegar um parênteses também do “Lm”, também de querer que ela vá para o céu, fazer de tudo, se esforçar para que ela alcance a santidade, mas também ter o livre arbítrio de que se ela não quiser isso, pelo menos é assim que eu vejo, se uma pessoa, sei lá, é ateu, por exemplo, uma amizade fora da igreja, eu não posso obrigar a pessoa a seguir a mesma fé que eu tenho. Então essa questão do respeito e do livre arbítrio, tem temas que com amigos fora da igreja eu não toco porque não vale a pena eu me desgastar então, eu não quero me desgastar quanto a isso. Mas ao mesmo tempo eles também não falam mal assim sabe, sempre quando tem algum assunto de igreja que envolve: não pera aí vamos... não é questão de colocar panos quentes, mas também não invadir um campo religioso assim em conversas. Acho que amizade é muito isso, além de respeito, respeito a outras pessoas, a questão de servir ela e acho que nos tempos de hoje, a principal coisa que faz alguém ser amigo de alguém é a questão do respeito e a questão da confiabilidade, a questão de eu poder confiar naquela pessoa nas mais diversas horas da minha vida do tipo: Ah preciso de ajuda para levar o meu pai no hospital ou qualquer coisa do tipo. Essa coisa de poder contar com alguém hoje conta muito, eu acho que essa é a principal virtude de um amigo estar a serviço e também servir o próximo. Eu acho que isso é uma das principais coisas que faz com que alguém seja amigo de alguém: a questão do respeito que hoje em dia é básico, mas também a questão de servir estar a serviço.

A: Mais alguém que não falou quer falar?

Mm: Pessoal, eu praticamente repito as minhas palavras de antes. Na minha fala eu já falei que a questão de “o que faz alguém ser amigo” é a questão de que a gente se reconhece no outro, a gente enxerga possibilidades para ser amigo, enxerga que tem respeito pelo amigo, seguindo também o que o “Nm” falou, que tem reciprocidade na convivência, enxerga que ali está acontecendo alguma coisa diferente, uma coisa boa. Pelas minhas andanças por aí, eu tenho muitos amigos fora do Rio Grande do Sul, e seguido eu converso com eles, mando áudio, comento coisas no Instagram, seguido a gente se fala. Até ontem, eu estava falando com uma amiga minha que eu conheci no Piauí que já está no Canadá. Então, a gente tem uma baita de uma amizade, uma história muito legal de amizade juntos e a gente não perde o contato sabe, é

aquela coisa, tu pode te afastar, tu pode ter momentos de altos e baixos que a gente não vai estar no mesmo tempo conectado, mas a gente se enxergou numa época para ser amigo um do outro que manteve a gente ligado e se mantém até hoje. Então eu acho que, respondendo propriamente a pergunta, o que o que faz alguém ser amigo de alguém é enxergar a reciprocidade, enxergar uma conexão com o outro.

A: Mais alguém que não falou? Então para complementar, se alguém já falou não precisa repetir, Fé e amizade tem alguma relação? Qual relação que tem? E também se a era digital, vocês percebem uma mudança nessas relações de fé e amizade. O que muda na fé, o que muda na amizade? Ou algum aspecto que vocês queiram salientar.

Mm: Bom, deixa eu aproveitar e continuar. Eu acho que a tecnologia nos permitiu não aumentar as distâncias físicas, físicas até pode ser, mas nos permitiu estar mais conectados com os amigos. Se eu quero fazer, eu até, toda a quinta-feira, eu tenho um grupo de amigos que todos eram lá da Fátima, da minha antiga paróquia, a gente aproveita e se junta para um bate-papo a gente fala sobre futebol, sobre política, sobre um monte de coisa, mas a gente está achando uma forma de poder se juntar nessa quarentena e não ficar sempre tão distante sabe. A gente poder estar mais próximo. A tecnologia permitiu estarmos próximos de amigos, perto, longe, num outro estado, numa outra cidade, em outro país, em outro continente, mas nos permite essa conexão, então a tecnologia só vem para ajudar. A questão de o que mudou na relação de fé, eu acredito que não, porque se a fé fosse que nem a internet, ela caía todo dia aqui em casa. A era digital permitiu que a gente pudesse ter outras formas de acessar, de aumentar nossa fé, de poder trabalhar a nossa fé, poder trabalhar as nossas amizades, enriquecer as nossas amizades. Isso não mudou, essa questão não mudou, até ajudou, na minha opinião melhorou. Claro que nada na vida substitui o contato humano, o contato direto, poder abraçar a pessoa, poder ver a pessoa ao vivo, poder dar um tapa no ombro da pessoa sabe, nada substitui isso. Mas, na ausência disso, é aquela coisa, tem um limão faça uma limonada. O melhor que a gente pode fazer agora nesse momento à distância é poder se conectar desse jeito e é isso que temos para fazer. Vamos trabalhar desse jeito até que as coisas melhorem.

A: Gostei dessa a fé não mudou se dependesse de internet ela caía todos os dias aqui em casa. Hahaha... muito boa. Alguém que é complementar o Mateus?

Sm: A questão da fé e amizade, da relação, vou puxar um pouco antes das outras perguntas junto porque eu não tinha falado nada. Normalmente a amizade a gente tem que ter alguma afinidade, é difícil ter amizade ou uma amizade duradoura com quem você não tem afinidade nenhuma, que não acredita na mesma coisa ou que não tenha algo em comum que nem eu, as minhas relações. Eu tenho amigos que são do meu trabalho também, não colegas de trabalho,

mas amigos que o tempo veio me trazendo, e foi conseguindo essa amizade através da minha profissão, como também da fé, a maioria dos meus amigos que eu tenho mais contato e são duradouras em contato próximo, de eu falar mais vezes, foram de dentro da Igreja, até por ter a mesma crença, a mesma fé. Acho que as duas coisas têm uma relação muito grande. Então, ter fé e amizade é você ter algo em comum com alguém para também ter essa troca, essa amizade com a outra pessoa. Como os guris falaram antes, é uma relação de duas vias, tu dificilmente vai ser amigo de alguém que tu não conversa, que não te procura, que não te dá bola, que não te dá atenção, querendo ou não, ter uma relação com uma pessoa tem que ser dos dois lados. Isso não só na amizade, mas no casamento e em qualquer relação que temos. No mundo de hoje ter uma relação entre duas pessoas têm que ter uma via de mão dupla, tem que estar participando, a amizade vem a partir dessa relação de amor. A segunda pergunta me chamou muito a atenção da questão dessa mudança, dessa era digital. Eu ainda tenho principalmente muito mais perguntas hoje em dia na minha cabeça do que respostas propriamente ditas, essa pandemia nesses últimos dias me faz pensar muito no que vai ser daqui para frente na relação entre fé e relação de amizade entre as pessoas, e isso mais me preocupa do que me alegra. Eu sinto muito porque continuo muito indo na paróquia, sou uma das poucas pessoas que continuam indo auxiliar na igreja nesse período de pandemia, um dos únicos que ia filmar a missa, conversar com o pároco para organizar as coisas para que as pessoas tivessem o acesso também às missas, a uma palavra de apoio e também a questão da arrecadação de alimentos, a Pastoral Social. Durante a pandemia toda aconteceram várias coisas que fizeram a minha cabeça se encher dessas perguntas e talvez não ter tanta alegria no que a era digital pudesse ter trazido neste momento. Primeiro houve um excesso de tudo nas mídias sociais, missas, terços, o meu Facebook, se eu abrir ele durante o dia tem mais de 30 missas passando ao mesmo tempo e mais de 15 pessoas rezando o terço. Então aquela coisa, se você consegue acompanhar uma live, percebe que ela começa com 30 pessoas e vai diminuindo ao longo dos minutos, as pessoas não terminam o terço, as pessoas não acompanham toda a celebração da missa por causa dessa questão que na era digital você tem o computador, ou celular, ou alguém gritando do lado a máquina de lavar funcionando. Tudo tira um pouco da nossa atenção para se fixar propriamente naquilo que você está fazendo diferente de quando é algo presencial. E segundo, são as relações com as pessoas que a gente tem. Hoje está muito fácil mandar mensagem no WhatsApp e conversar com uma pessoa, mas aquela conversa não é no olho a olho, você não consegue se expressar totalmente ou ver o que o outro está sentindo. Você tem que estar próximo, você tem que ouvir a outra pessoa, a gente está passando por um momento na própria comunidade que eu participo de muita gente desacreditada de tudo, muita gente triste, pessoas entrando em

depressão por não estar participando de mais nada, desanimadas com tudo, com os rumos que a igreja está tomando, com os rumos que o mundo está tomando, é uma coisa que a pandemia está trazendo: uma insegurança com tudo que vem, com a cura, a doença, a questão financeira. Eu nos últimos dias tenho tido muitas perguntas e poucas respostas, tento achar e procurar as respostas e conversar com os padres pela questão da fé, e vejo que é bem difícil, eles também estão bem perdidos, até por serem humanos também, não são super-heróis e nunca passaram por um momento como esse, mas me preocupa muito essa questão da era digital, tem muitos que dizem “Bah que bom que vai ter sempre a missa por Live, aí eu não preciso ir na paróquia, eu fico em casa assisto lá, que bom”. Eu me preocupo muito ainda com a questão da era digital nas relações de fé e de amizade também, que a partir do momento que a gente não se vê mais pessoalmente, muitos acabam esfriando suas relações, você acaba tendo outras coisas, outros compromissos, e às vezes a gente, eu me coloco na minha posição, de tantas coisas que tu tem para fazer diferentes e você está mais sozinho, mais restrito nas nossas casas. Você acaba até te esquecendo de perguntar como o nosso amigo está semanalmente, tu não lembra mais de mandar uma mensagem e de conversar com ele, porque você não tem mais aquele contato físico, presença mesmo ao vivo. Então, eu penso nas nossas reuniões de grupo, na nossa reunião de grupo todo mundo estaria falando junto, ao mesmo tempo, dando risada e ao mesmo tempo brigando um com o outro, ficando bravo, falando alguma coisa contra, outra a favor. Aqui não, mesmo a tecnologia nos ajudando, cada um tem que esperar para falar na sua vez senão não se entende nada. Ao vivo a gente não se entendia muito, mas era bom, não se entendia, mas se entendia ao mesmo tempo. Me preocupa muito essa questão, eu tenho 100 questões na minha cabeça que eu não consigo achar nenhuma linha ou uma luz, uma resposta e me traz um pouco de medo do que está por vir.

A: Bem interessante “Sm” que existem mais perguntas do que respostas. Eu também ajudei bastante na minha paróquia, na verdade ainda estou ajudando porque as lives estão continuando, todos os dias continuam, e agora o padre colocou mais uma missa no sábado daí eu: “Ah, mas só numa missa que vai ter transmissão, não vai ser nas duas, né”. Aí ele: “Ah pois é, pensando no que tu falou agora podia ser”.... Aí, eu falei: “nossa, pelo amor de Deus, padre não, só uma né, por favor, não faz o menor sentido duas lives”. Mas enfim, bem legal. Mais alguém? “Dm”, o que você está pensando? Você está com uma cara bem pensativa. Hahaha...

Dm: Nada não, não tenho nada a colocar.

A: Tá bom. Por que é importante para você definir Jesus como seu amigo? O que significa ser amigo de Jesus? Na verdade a gente já falou bastante disso, mas se alguém quiser complementar, eu vou passar para outra. Repetindo: porque é importante pra você definir Jesus

como seu amigo? Isso aí é interessante porque quando eu perguntei quem é Jesus naquela outra dinâmica, a maioria fala sempre em Jesus como amigo. Então, assim, aprofundando isso, por que é importante colocar Jesus como amigo? E o que significa ser amigo de Deus? Então, juntando as 2 para a gente fechar e a gente ainda tem 12 minutos, então, cada um vai falar um pouquinho, tentar resumir: como você explicaria a tua fé em Jesus na perspectiva da amizade? Então complementa tudo, é como se fosse uma síntese, um resumo daquilo que a gente está refletindo hoje.

Sm: Eu posso começar? Eu acho que para mim, sintetizando tudo, é o que mais gente falou, “Nm”, “Mm”, que seria uma troca. A amizade com Jesus é uma troca, fazer aquilo que ele manda, como na leitura que nós lemos hoje, e amar o próximo, fazer o bem ao próximo, você também vai perceber na troca com Cristo uma felicidade, uma alegria terrena tanto como na vida eterna. É uma troca, você tem que se abrir e deixar que Cristo entre na sua vida, tenha ações, aja na sua vida também. Acredito que a perspectiva minha da amizade com Cristo é ter essa troca, é eu conversar com ele, eu pedir, e também eu escutar o que ele tem a me dizer, então acho que seria um resumo de tudo isso. Estar na presença dele, pois ele sempre está na minha presença, ele sempre está pronto para me ouvir, me acolher, para me ajudar e eu também fazer a via, essa segunda via, e também ajudar ao próximo, ver a face naquele que precisa, naquele que está ao meu lado eu também estou ajudando a Jesus. Acredito que essa via de mão dupla sintetiza um pouco o que é essa amizade, através da participação dos sacramentos e da ajuda ao próximo, do meu amigo, da minha família, daquele que tem fome, que tem sede, daquele que está nu, ajudar e ser ajudado, amar e em troca eu vou ser amado também. Acredito que seja isso.

A: Próximo.

Lm: Muita gente está falando sobre a questão da troca e eu estava refletindo sobre isso. Eu consigo explicar isso através da minha fé com Jesus na perspectiva da amizade. Consigo ir por essa linha no sentido de assim... O que Jesus ganhou em troca dos discípulos momentos depois de ele ter feito o lava-pés, me refresca a memória “A”, essa conversa de chamar de amigos é dentro da cena do lava-pés né? É isso mesmo?

A: Eu acredito que sim porque este trecho está dentro do discurso de despedida.

Lm: É interessante assim, o que Jesus ganhou em troca disso? Pelo menos num futuro próximo ali, foi que todos eles foram embora, todos fugiram, um traiu e todos os outros foram embora, só João ficou aos pés da cruz com Maria Santíssima, foi isso que Jesus ganhou em troca de amar, ele ganhou a indiferença, ganhou a cruz, ganhou a coroa de espinhos, ganhou flagelos, foi isso que Jesus ganhou em troca de amar o mundo com tanta vontade, ao ponto de dar a sua



própria vida, porque é isso que nós somos, somos o povo que aclamou Jesus quando entrou em Jerusalém e também o povo que o crucifica. E essa troca que a gente falou, eu acho que faz muito sentido. É natural que a gente aceite afeição por pessoas que são recíprocas em amor pra nós. Só que eu acho que é justamente aí onde eu tenho mais dificuldade, talvez eu espere demais a reciprocidade das pessoas e nisso sou mesquinho em me doar pra elas. Eu acho que aí é onde eu tenho maior dificuldade, eu espero reciprocidade demais e às vezes eu nem deveria esperar reciprocidade demais, eu não tenho esse direito de esperar nada de ninguém, mas eu espero algo em troca, e nessa minha mesquinhez, eu não me doo o quanto eu deveria. Por isso eu acho que talvez Cristo queira que a nossa amizade, ela vá um pouco além disso, ela vá um pouco além dessa simples troca. Essa troca e reciprocidade são importantes, elas facilitam bastante as coisas, eu jamais aconselharia que uma pessoa entrasse em um casamento com uma pessoa que queira casar, se a pessoa não tem os mesmos objetivos e ideais do outro, porque esse casamento vai ter muitas dificuldades, o casamento é para a vida toda. Então, isso é prudência, é importante, mas mesmo que essa pessoa tenha os mesmos objetivos e ideais, vão haver muitas cruzes, vão haver momentos em que tu se vê abandonado com uma cruz. Então, eu imagino que Jesus disse que aqueles apóstolos eram amigos deles, não pelo que eles iam fazer logo em seguida, que era abandonar ele, ele os chamou de amigos apesar disso, porque ele sabia que no momento certo, no momento em que cada um dos apóstolos fosse realmente, tivesse uma conversão mais profunda, eles dariam sua vida por Cristo, não foi ali na cruz, não foi no momento da Cruz, mas depois, mais para frente, depois de ter negado três vezes, depois de ter fugido, Pedro sofreu seu martírio. A amizade também tem um pouco disso, existe a troca, é natural quando tu ama realmente alguém, você quer se doar por essa pessoa, e nesse se doar a essa pessoa, também ela começa a amar e querer se doar para ti. Essa é a verdadeira amizade do esposo e da esposa, do amigo e da amiga. O amor que aquela pessoa tem por ti é tão grande que te constrange no bom sentido, e te faz querer se doar em troca por ela, te constrange do ponto assim: “poxa eu não mereço essa reciprocidade, eu não mereço o amor que essa pessoa me dá, eu preciso fazer algo para retribuir”. Então, se ficarmos esperando um amor maior do que aquele que a gente dá, nós vamos nos frustrar porque nosso amor é pequeno também, nosso amor é mesquinho, eu não estou dizendo que eu consigo viver isso plenamente, isso é o que eu quero, o que eu gostaria, eu gostaria de poder viver assim nesse amor. É essa perspectiva que a minha fé em Jesus deveria dar para a minha. É esse amor que Jesus dá para mim, é um amor que eu não tenho nada em troca para oferecer para Cristo, absolutamente nada, e mesmo assim ele escolheu morrer por mim. Eu não tenho nada para dar a ele em troca, mas com o pouco, com o nada que eu tenho, eu ofereço nas mãos de Maria Santíssima, então daí sim a minha

oferta talvez valha alguma coisa, não por mim mesmo. Então, talvez nessa perspectiva, ser uma amizade realmente desinteressada. Talvez tenha pessoas que a gente se considera super amigos, e aquela pessoa não te considera amigo dela, ou como uma amizade não correspondida. Mas isso não me dá o direito de deixar de rezar por essa pessoa e deixar de amá-la, porque aí que está o verdadeiro amor. Talvez eu não tenha uma afinidade, mas eu continuo rezando por aquela pessoa e quero a santidade daquela pessoa apesar de ela não me corresponder na minha amizade, porque é isso que Cristo faz todos os dias comigo. Porque toda vez que eu faço um pecado, que eu cometo um erro, ele continua me amando e quer que eu volte para ele de novo. Ou seja, não estou correspondendo a esse amor, eu estou fazendo o contrário, mas ele continua me amando e é justamente esse amor que nos constrange, esse amor insistente de Cristo é que vai modificando o meu coração e querendo retribuir de alguma maneira mesmo que insuficiente. Então Imagino que nessa perspectiva de doação completa, se eu quiser ficar esperando algo em troca eu só vou me frustrar, embora seja muito bom. Uma amizade quando ela vai crescendo, a reciprocidade se torna mais natural, mas nem sempre vai ser assim, até mesmo no casamento, não vai ser sempre assim, no relacionamento com os amigos, não vai ser sempre assim. Houve uma época na minha vida em que o que me atraía nas pessoas é se fossem nerds ou gostassem de Star Wars, ou coisas do tipo. Com o tempo, vamos repensando as coisas, e eu pensei: “nossa me atrai muito mais quando a pessoa fala com amor de Cristo e da igreja, me atrai mais, eu acho que faz mais sentido porque eu consigo ver: “puxa essa pessoa busca a santidade até mais do que eu”, e isso é reconfortante, é bom estar perto de pessoas que buscam amar a Deus mais do que tu mesmo porque daí sim tu vai poder crescer no amor com Deus com essas pessoas. Isso é a maior recompensa. Então o que me atrai numa verdadeira amizade é esse amor a Deus, essa busca por Deus de alguma maneira, mesmo que a pessoa seja ateia, sei lá, se ela busca ser uma pessoa decente, uma pessoa que quer cultivar valores, existe Deus ali habitando essa pessoa e mesmo se ela não buscasse isso, eu tenho o dever de rezar por essa pessoa, senão por mim, mas por Cristo, eu não vou ganhar nada com isso, não daquela pessoa pelo menos, a pessoa nem sabe que eu tô rezando por ela. Não sei se eu respondi a pergunta ou se eu devaguei de novo, mas... hahaha...

A: Foi bom o devagar... Mas a gente tem 2 minutos vocês querem continuar para finalizar ou a gente termina por aqui o que vocês preferem

Mm: Olha estamos no tempo da reunião, mas falta muito “A”?

A: Não, a gente está terminando.

Mm: Eu estou por vocês, eu posso mais uma ainda.

A: Esta é a última gente! Nunca acaba essa pesquisa da A... hahaha...

Lm: Eu prometo que eu não falo, nessa última eu não falo, eu vou ficar quieto certo.

A: Eu vou, se alguém ainda quiser complementar agora, eu vou ir criando a reunião para um fechamento. Alguém quer aproveitar o um minuto que temos?

Mm: Bem rapidinho, então. Eu vou dizer que eu vejo não só essa reciprocidade que estamos falando, mas complementando o que o “Lm” disse, se Deus nos pede que sejamos recíprocos, ele não pede sejamos recíprocos diretamente para ele, mas ele pede que a gente ame o outro como a gente se ama ou como amamos a Deus sobre todas as coisas, ele deixou esse mandamento para que a gente possa continuar esse elo da amizade. E era isso.

A: Tô criando aqui já vou mandar.

Video 4:

Conversas técnicas de vídeo.

Dm: A minha fé em Cristo me traz mais uma segurança e essa amizade me traz uma tranquilidade de saber que existe um bem, existe algo no futuro, algo mais, algo no futuro mesmo, que não é algo que acaba, que não é em vão. Não enxergo uma necessidade de Deus nos pedindo algo diretamente, algo que eu deva fazer para Deus como objeto, mas algo como uma forma de querer estar com ele, eu vejo que o grande problema da maioria dos pecados é que nos levam ao egoísmo, que está muito mais ligado a introversão, que se volta para si mesmo e não se volta para Deus e para os outros, para amar uns aos outros, para ter essa conexão com os outros.

A: Quem falta?

Lm: Eu falei que eu ia ficar quieto agora...

A: Então agora é o fechamento. Eu queria agradecer a disponibilidade de vocês de participarem da pesquisa e dos encontros, de fazer essa experiência conjunta. Queria refletir com vocês e ouvir como isso foi para vocês: valeu a pena? Como foi para o grupo, ajudou?

Lm: Pra mim foi como um retiro.

Mm: É, pra nós, a gente decidiu fazer os encontros on-line do grupo uma semana depois que começou a pandemia, e a pesquisa veio bem nesse período, esses encontros on-line também são novos para nós e não sabíamos como íamos fazer. Então, esses encontros da pesquisa nos ajudaram muito nesse momento de mudança. Se a gente continuasse só na nossa leitura, a gente ia terminar a leitura rápido, foi bom para a gente discutir temas mesclados, diferenciados e pensar a questão digital em meio a essa realidade que estamos vivendo, eu acho que foi muito importante.

Dm: Achei que foi muito bom.

Sm: Eu achei diferente assim que... achei interessante que às vezes, como no nosso grupo a gente fala bastante, todo mundo fala muito, talvez assim alguém mediando, deu para refletir com um pouco mais de calma, pensar antes de falar. Então, acho que uma mediação ajuda, foi uma experiência bem boa para o grupo também e pra mim principalmente achei bem interessante, alguém que venha que não conheça o grupo, que conduza a discussão e traga a leitura orante vai contribuir.

A: Gente, muito obrigada, desculpe a demora, a hora.

Lm: Não te preocupa, tá todo mundo em casa.

Mm: Eu moro na Zona Norte, imagina ter que ir pro Menino Deus toda a terça de noite, é longe.

A: Então, gente muito obrigada, uma boa noite, nos vemos!

Todos: Tchau.

*Áudio corrompido em várias partes...*

## ANEXO

### Imagens de jesus encontradas no google imagens

Imagem 01:



Imagem 03:



Imagem 02:



Imagem 04:



Imagem 05:

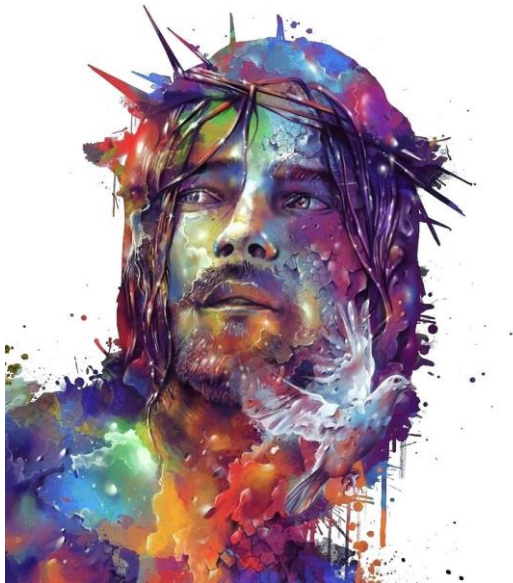


Imagem 07:



Imagem 08:



Imagem 06:



Imagem 09:

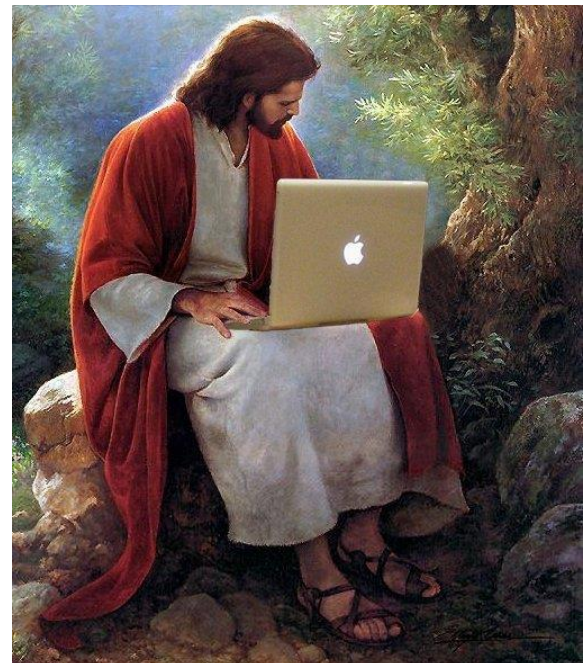


Imagem 10:

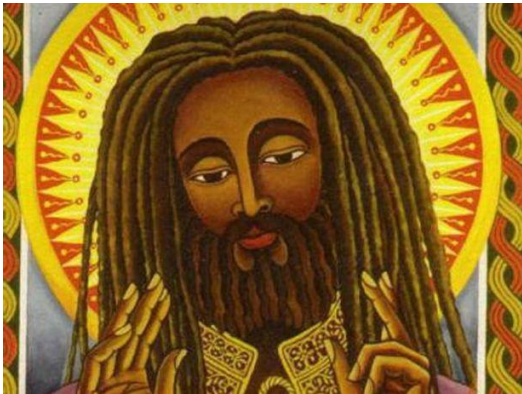


Imagem 11:

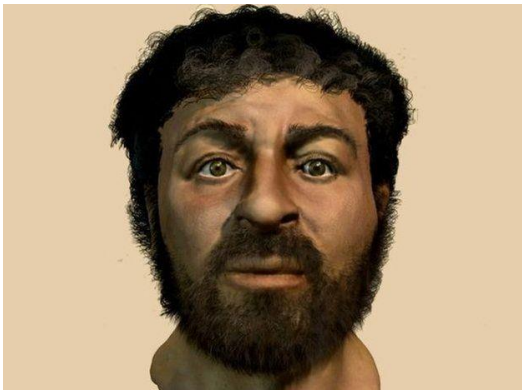


Imagem 12:

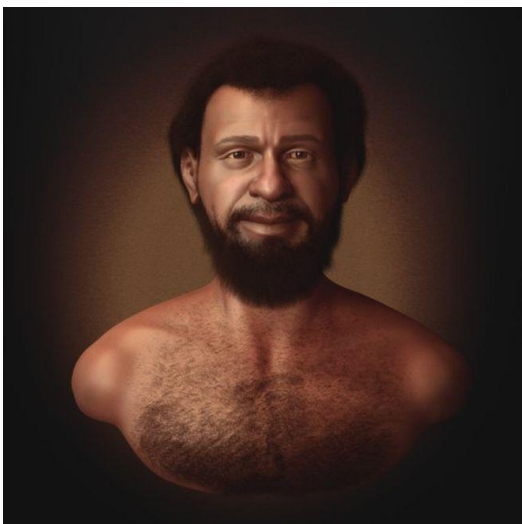


Imagem 13:



Imagem 14:



Imagem 15:



Imagem 16:

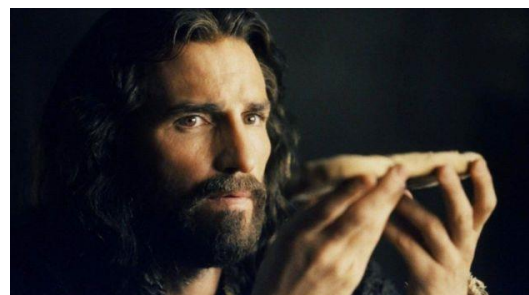


Imagem 17:

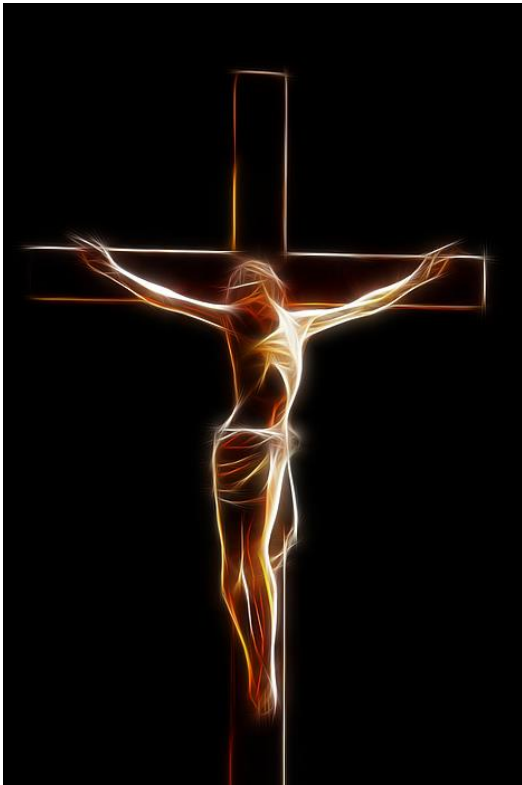


Imagem 19:



Imagem 20:



Imagem 18:



Imagem 21:



Imagem 22:

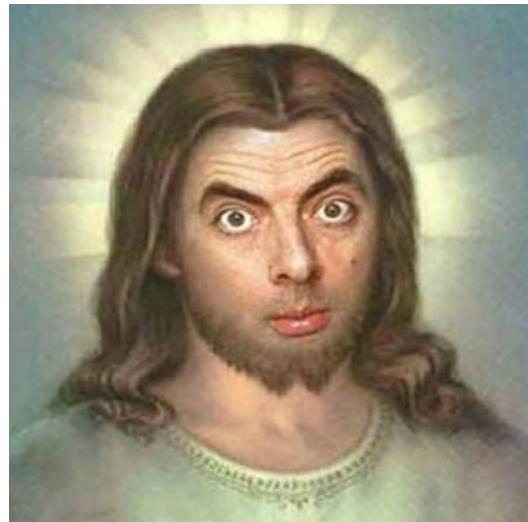




Imagem 23:

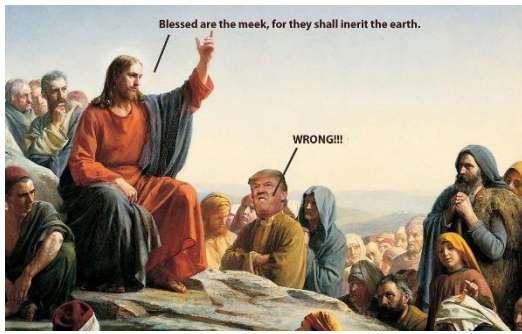


Imagem 24:



Trump debates Jesus...



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)